UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

RAQUEL MUNDIM TÔRRES

Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagem de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)

São Paulo
2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagem de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)

Raquel Mundim Tôrres

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em História.

Orientador: Prof. Dr. Angelo de Oliveira Segrillo

São Paulo
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

T693t

Tôrres, Raquel Mundim
Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagem de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963) / Raquel Mundim Tôrres ; orientador Angelo de Oliveira Segrillo. - São Paulo, 2018.
408 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Relatos de viagem - século XX. 2. Viagens - URSS. 3. Guerra Fria. 4. História Comparada. 5. Literatura de viagens. I. Segrillo, Angelo de Oliveira, orient. II. Título.

TÔRRES, Raquel Mundim. **Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagem de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963).** Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos mais novos viajantes do pedaço,

Beatriz, Fernando e Martim.

Ao Diego,

pela companhia por inteiro.

Agradecimentos

Esta tese é resultado de um projeto de pesquisa que se iniciou ainda nos anos finais da minha graduação, quando, em 2007, ingenuamente, questionei o professor de História Contemporânea II da UNICAMP, Michael D. Hall, sobre o porquê de comunistas brasileiros, sendo contrários ao Estado Novo de Vargas, apoiarem, ao mesmo tempo, a ditadura stalinista na URSS. Em vez de apresentar uma resposta pronta, e, instigador do jeito que é, Michael Hall apenas mencionou: "Por que você não olha os relatos de viagem de comunistas brasileiros que foram para lá? ", já anotando em seus papeizinhos amarelos os nomes dos primeiros autores e livros (e a sua classificação decimal) para que eu mesma fosse atrás do problema que acabara de criar.

De lá para cá, ampliaram-se e diversificaram-se os questionamentos, os períodos estudados, o número de relatos, e a quantidade de pessoas envolvidas, fundamentais para que essa pesquisa chegasse a uma tese. Vamos nos concentrar em seu final. Ao meu orientador, professor Angelo Segrillo, sou imensamente grata pelo interesse e confiança que depositou desde o início do projeto, pela paciência com meu tempo de escrita, pela maneira colaborativa que se propôs a trabalhar, sempre respeitando a autonomia de minhas ideias, pelas cobranças e correções, leitura atenta e indicações preciosas para o aprofundamento do meu conhecimento na tese. Em um momento em que a pesquisa no Brasil ainda não é vista como um trabalho em si, e passa por sérios desestímulos e depreciações, torna-se cada vez mais necessário o estreitamento de vínculos e responsabilidades entre orientador-orientando. Por isso, não abro mão de expor aqui essa informação: em quatro anos e meio de pesquisa, realizamos mais de quarenta reuniões sobre o andamento da tese.

Agradeço também ao programa de pós-graduação em História da USP pela acolhida do projeto, e à agência financiadora CNPq, responsável pelo financiamento dessa pesquisa a partir de 2016.

Ao professor Dainis Karepovs, que me acompanha desde a monografia, sou imensamente grata pela possibilidade do diálogo constante, pelas muitas indicações e livros fornecidos (e que continuam muito bem cuidados!), e pela confiança no trabalho. À professora Stella Franco, agradeço pela inspiração e diálogo na jornada de estudos sobre viagens, viajantes e relatos.

Aos professores com quem tive a oportunidade de encontrar no momento em que realizava uma breve pesquisa de campo por países europeus, Sophie Coeuré, Martyn Cornick e Tobias Rupprecht, agradeço pela disponibilidade em me atenderem e pelas sugestões e críticas realizadas à pesquisa.

À minha querida Simoní Costa e ao cicerone Luís Sánchez, agradeço pela acolhida em Madrid e pelos passeios tão bem guiados. Ao Guilherme Tôrres e à Camila Tôrres, pelas dicas e incentivos à viagem.

À Martha Pannunzio, por ter aberto as portas de sua fazenda, pelas tão ricas histórias que tanto incrementaram essa pesquisa, e pelo bom café mineiro.

Às minha queridas irmã-amiga Natália Tôrres e amiga-irmã Joana Schossler, pelos conselhos, trocas e desabafos sobre o tão apaixonante/desconcertante trabalho com a pesquisa, seja ela no mato, no litoral, na sala de aula ou nos livros.

Aos meus companheiros das batalhas do dia a dia, Wilson Queiroz, Marina Grandolpho e Angelica Furlan, pela parceria e pela arte de tornar o cotidiano das salas de aula mais leve.

Aos meus queridos Diego Cavalcante e Adriano Lopes, pelo belo trabalho com as imagens que colorem essa tese.

Tive o privilégio de atuar como professora de Educação Básica nos Ensinos Fundamental e Médio em escolas estaduais e municipais de Campinas. Agradeço por, em todas elas, ter sido bem recebida e acolhida pelos colegas e alunos. Faço, porém, um agradecimento mais do que especial aos meus colegas (funcionários, professores, coordenação e direção) e alunos da Emef Oziel Alves Pereira, escola de um dos maiores bairros de ocupação urbana do Brasil, onde temos cotidianamente construído vínculos e conhecimentos que vão além de qualquer currículo padronizado de vestibular. São tempos sombrios e, ao lado de vocês, ainda consigo sentir que há espaço pela luta de valores democráticos.

Com o incentivo da escola, tive a possibilidade de levar os relatos originais de viagem para as salas de aula, para fazer os alunos serem pesquisadores por um dia, vestindo luvas, máscaras e preenchendo fichas de pesquisas. Por isso, às minhas turmas queridas: 9ºA, 9ºB e 9ºC, agradeço pela seriedade no trabalho, por manterem a curiosidade por conhecimento viva, mesmo em condições adversas, e por serem minha fonte de inspiração nos dias mais difíceis. Obrigada.

Às minhas amigas e amigos de Goiânia, Campinas e São Paulo, agradeço pelos bons momentos, abraços e forças. Que os encontros agora possam ser mais constantes. À minha família de Minas Gerais, agradeço pela torcida de sempre, mesmo à distância.

Ao Diego, pela cumplicidade e afetuosidade presentes em todos os dias, mesmo nos ruins. Por me deixar muito bem alimentada, de cheiros e de afeto. À Silvia, Carlão, Pedrinho e dona Elza, por serem minha família de Campinas.

Aos meus irmãos e cunhados, Natália, Luiz Ricardo, Guilherme e Camila, por me possibilitarem a maravilhosa aventura de ser tia (maluca). À Bê, Nonô e Martim: obrigada por todo o amor. Ao meu pai, Luiz Fernando, pelo apoio incondicional, pelas discussões e por ter me passado sua bela chatice. À minha mãe, Wayne Eliane, pela sua infinita inteligência emocional e suporte. A vocês, todo o meu amor e o meu muito obrigada.

A ideia de que o universo do kitsch soviético podia se tornar realidade e que ela podia ser obrigada a viver nessa realidade lhe dava calafrios. Preferia, sem hesitar, a vida no regime comunista real, com todas as suas perseguições e suas filas na porta dos açougues. No mundo comunista real, é possível viver. No mundo ideal comunista realizado, naquele mundo de cretinos sorridentes com quem ela não poderia ter o menor diálogo, teria morrido de horror depois de uma semana.

[...]

Esta é uma palavra alemã que apareceu em meados do sentimental século XIX e que em seguida se espalhou por todas as línguas. Mas o uso frequente do termo apagou seu valor metafísico original: o kitsch, em essência, é a negação absoluta da merda; tanto no sentido literal como no sentido figurado, o kitsch exclui de seu campo visual tudo o que a existência humana tem de essencialmente inaceitável.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.248 e p.244.

RESUMO

Este trabalho analisa os relatos de viagem (publicados em forma de livro) de brasileiros que visitaram a União Soviética no momento da Guerra Fria. Enquanto que o pico de publicação de relatos de viagem de europeus e norte-americanos para a URSS é percebido no período entreguerras (1920-1930), o Brasil diferencia-se por apresentar um pico de publicações no período pós-2ª Guerra Mundial: entre os anos de 1951 a 1963, foram publicados 33 relatos de viagem escritos por 54 viajantes, sendo eles homens e mulheres dos mais diversos meios: políticos, operários, escritores, jornalistas, sindicalistas, médicos, juízes, professores, jovens militantes e até mesmo esposas descritas apenas como acompanhantes de seus maridos. Esse movimento de viagens é bastante peculiar, considerando que o Brasil esteve com as relações diplomáticas rompidas com a URSS entre 1947 e 1961. Para se trabalhar com um montante de relatos tão distinto e amplo, foi proposta uma tipologia que se sustenta no caráter político e ideológico das narrativas. Os autores foram divididos em quatro grupos: comunistas, simpatizantes, anticomunistas e de ideologia não definida. Os principais objetivos dessa pesquisa configuram-se em perceber os relatos de viagem como fontes/objetos de estudo complexos, que contribuem para a investigação de elementos materiais da viagem, mas devem ser também analisados como possibilidades de representações das sociedades soviética e brasileira, de acordo com o contexto ideológico e visão de mundo dos autores. Este trabalho contribui para um melhor entendimento dos movimentos internacionais de viagens à URSS, e visa inserir o fenômeno das viagens brasileiras no período da Guerra Fria em estudos que abordam os relatos de viagem políticos do século XX.

Palavras – Chave: relatos de viagem políticos; brasileiros na União Soviética; Guerra Fria.

ABSTRACT

This paper analyzes Brazilian's travel writings who visited the Soviet Union during the Cold War. While the peak of North-Americans and European's travel writings to the USSR was published in the late 1920's and 1930's, the peak of Brazilian's travel writings was in the 1950's: between the years of 1951 and 1963, it was published 33 travel writings written by 54 travelers. Among them, there were men and women from diverse backgrounds: politicians, factory workers, journalists, writers, physicians, judges, educators, young people and even wives described only as companions of their husbands. This travel movement is quite peculiar, considering that there had been no diplomatic relations between Brazil and USSR since 1947. In order to work with a distinct amount of narratives, a typology based on the political and ideological character of the narratives is proposed. The authors and their narratives were divided in four groups: communists, sympathizers to the USSR, anticommunists and the non-defined ones. The main objectives of this work are to perceive travel writings as complex sources/objects of research, which can contribute to the investigation of the material elements of the travel, and also can be analyzed as possibilities of representations of Soviet and Brazilian societies, that can change according to the social and ideological context of their authors. This work is part of an international study movement about the travels to USSR, and aims to insert the phenomenon of Brazilian's travels to the USSR in studies about political travel writings of the twentieth century.

Keywords: political travel writings; Brazilians in the Soviet Union; Cold War.

Lista de Ilustrações

(Imagens dos relatos de viagem)

Figura 1: Jantar de despedida da delegação de Branca Fialho (Fialho, 1952) 116
Figura 2: Croqui do Kremlin, Praça Vermelha e indicações, de Raul Silva (Silva, [1953?]) 126
Figura 3: Fila para o mausoléu de Lênin (Morel, 1952) 135
Figura 4: Transportes para visitar o mausoléu de Lênin e Stalin (Nobre, 1957) 199
Figura 5: Delegação brasileira de operários paulistas no metrô de Moscou (Stoiano et alii, 1952) 254
Figura 6: Sala de aula do Kolkhoz Lênin, em Gorki (Lemme, 1955) 262
Figura 7: Projeções cinematográficas em uma sala de aula soviética (Lemme, 1955) 262
Figura 8: Mulheres soviéticas na construção civil (Nobre, 1957) 275
Figura 9: Mulheres soviéticas transportando materiais (Nobre, 1957) 275
Figura 10: Mulher soviética fazendo a barba, com comentários de Freitas Nobre (Nobre, 1957) 279
Figura 11: Jovens partidárias nos desfiles do 1º de Maio, em Moscou (Campelo, 1953) 299
Figura 12: Tecelões da delegação sindical de Olympio Mello com operárias soviéticas (Mello, 1954) 306

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **21**

CAPÍTULO I: RELATOS DE VIAGEM DO SÉCULO XX: POSSIBILIDADES COMO FONTE E OBJETO DE PESQUISA **31**

RETROSPECTIVAS DO SÉCULO XV AO XX: DE VIAGENS DE SOBREVIVÊNCIA E EXPLORAÇÃO A VIAGENS TURÍSTICAS E DE OBSERVAÇÃO 32
CARACTERÍSTICAS COMUNS DOS RELATOS DE VIAGEM E SUAS PECULIARIDADES NO SÉCULO XX 40
RELATOS NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: PRINCIPAIS FORMAS DE ABORDAGEM E DESAFIOS DO NOSSO PRESENTE 54

CAPÍTULO II: AS VIAGENS E OS VIAJANTES **61**

PARTE 1: TIPOLOGIA DOS VIAJANTES **62**
Os viajantes comunistas *66*
Os viajantes simpatizantes à URSS *74*
Os viajantes anticomunistas *83*
Os viajantes não definidos *88*
PARTE 2: COMO ACONTECIAM AS VIAGENS: O TURISMO POLÍTICO, SOVIÉTICO E BURGUÊS 95
A passagem pela Cortina de Ferro *103*
Turismo soviético e os organismos de recepção: VOKS e Intourist *113*
A relação cicerone-viajante: observadores, observados e vice-versa *129*
As "técnicas de hospitalidade" e o turismo socialista e burguês *143*

CAPITULO III: O OLHAR BRASILEIRO SOBRE A URSS **159**

A REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NOS RELATOS DE VIAGEM **161**
Conceitos em disputa: socialismo e comunismo *168*
A observação(ou não) das classes sociais como percepção do socialismo *183*
O culto à personalidade de Stalin: antes e depois de 1956 ..... *191*
LIBERDADES, AUTORITARISMOS E CENSURAS: PERCEPÇÕES E OMISSÕES **202**
Autoritarismos e censuras aos viajantes *203*
O Problema da liberdade: um assunto caro aos brasileiros *224*
A URSS DOS BRASILEIROS: REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO SOVIÉTICO E COMPARAÇÕES COM O BRASIL **252**
As conquistas da educação soviética sob o olhar brasileiro *255*
As representações da mulher e da família soviética nos relatos de brasileiros e brasileiras *273*
Impressões sobre o nível de vida soviético: trabalho, moradia e poder aquisitivo *298*

CONSIDERAÇÕES FINAIS **325**

FONTES E BIBLIOGRAFIA **333**

ANEXOS **349**

ANEXO 1: LISTA DE RELATOS DE VIAGEM DE BRASILEIROS À URSS 350
ANEXO 2: TABELA 1 – DADOS DAS VIAGENS 353
ANEXO 3: SINOPSES DOS RELATOS DE VIAGEM 360
ANEXO 4: FOTOGRAFIAS DAS DELEGAÇÕES 399

INTRODUÇÃO

O ato de se deslocar, de viajar, é algo que fascina os seres humanos desde os primeiros movimentos migratórios. Sair do ambiente a que se está acostumado e se dispor a estar em novos territórios é sempre algo que evoca sentimentos ligados a angústia, medo, curiosidade, reflexões e surpresas. Os sentimentos provavelmente são semelhantes, mas os significados de uma viagem se reinventam com o passar do tempo, lugar ou momento vividos. Isso não significa que significados antigos desaparecem. Uma viagem realizada por questões de sobrevivência, tão recorrente entre as antigas populações nômades, ainda subsiste agora para povos migratórios de zonas de conflitos e guerras. Viagens de exploração, de conquista de territórios, de comércio ou de zonas de influência, tornaram e ainda tornam o mundo mais conectado, e, por consequência, mais padronizado e menor. Por outro lado, viagens de exploração científica, que trazem desde o desenho de uma folha de uma árvore de Galápagos, até o mapeamento e observação dos astros, ampliam e dimensionam a capacidade do conhecimento humano.

Hoje em dia, há infinitas possibilidades de deslocamento e de tecnologias que permitem a auto-orientação de um viajante, a ponto de ser possível se movimentar e se localizar em diversas cidades, sem sequer precisar se comunicar com seus habitantes — basta um bom aplicativo e um gps no celular. As possibilidades de diferentes formas de viajar também aumentaram: a viagem pode ser completamente planejada e assistida por uma agência de turismo, ou o viajante pode optar pelos procedimentos mais rústicos, isto é, ser sujeito dos traçados de roteiros. Nesse caso, a angústia de não conseguir se comunicar em um ambiente inóspito deu origem ao medo de entrar em uma região “sem sinal”, ou assistir à bateria do celular chegar ao fim.

Há apenas 100 anos, as primeiras viagens de avião estavam sendo testadas. Em 1918, era muito comum abrir os jornais e encontrar notícias de aviões destroçados, ou de pilotos aventureiros desaparecidos. Mais comum ainda, e não coincidentemente, eram as viagens de navios a vapor, que se tornavam cada vez mais eficientes para a travessia de um continente ao outro. Foram esses navios que levaram os primeiros brasileiros para, em meados da década de 1920 e início de 1930, pisarem no “velho mundo”, como passagem para a chegada em um “novo mundo”, a União Soviética, também instaurada há quase 100 anos.

Os significados mais comuns de uma viagem nos dias atuais, ao menos para boa parte da sociedade ocidental ao preencher uma passagem, ou ao responder a um agente da imigração, consistem em viagens de trabalho, estudos, visitas familiares ou de lazer. A não ser no caso de grupos de trabalho ou pesquisa, dificilmente encontramos relatos atuais de viajantes preocupados em conhecer sistemas educacionais de outro país, ou animados a entrar em fábricas e em cartórios com o objetivo de compreender como a sociedade estrangeira funciona. Por isso os relatos de viagem à URSS são tão instigantes: mais do que o prazer de viajar, a vontade de lazer ou de descanso, viajar à URSS carregava uma missão política: compreender os trâmites de uma sociedade, observar seu cotidiano, anotar informações, dados e estatísticas passados pelos guias, e, finalmente, se posicionar sobre o que era observado.

É preciso manter em mente os sentimentos de euforia, medo e curiosidade que a URSS provocou no mundo ocidental. Após três anos de guerra civil, em 1922 foi oficialmente fundado um novo país cujo governo, teoricamente, batalharia pela ascensão do proletariado e dos camponeses, o inverso da estrutura social conhecida até então, isto é, da nobreza e dos burgueses como detentores do poder. O novo regime era definido como uma ditadura do proletariado, mas uma ditadura temporária — de uma maioria sobre a antiga classe exploradora e dominante — com o intuito de se alcançar, no futuro uma sociedade sem classes e sem Estado: o comunismo. Temida pelos governos ocidentais e aclamada pelos movimentos comunistas de todo o mundo, iniciava-se uma batalha midiática em torno da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Em meados da década de 1920, instaurou-se uma forte corrente de peregrinação, a maioria de comunistas e de simpatizantes ao regime.

Assim, a possibilidade de entrar e conhecer a Rússia após a implementação de um regime com regras e ideais alternativos tornou-se a mais nova e incrível aventura do século XX. Com o aumento de viagens e pacotes turísticos desde o final do século XIX, especialmente pelos países europeus, ir para a URSS permitia ao viajante que ele não fosse rotulado como mero “turista” do já tão moderno século XX, pois teria o desafio de adentrar um território social até então não conhecido, e muitas vezes, não desejado pela sua própria sociedade ou governo. Após mais de 420 anos da conquista das Américas pelos povos europeus, surgia novamente a possibilidade de poder viajar para um “novo mundo” em um pleno e descoberto globo.

As viagens à URSS trouxeram novos grupos de viajantes ilustres, agora não apenas de origens nobre ou burguesa: viajavam também delegações de operários e camponeses de várias partes do mundo. O próprio governo soviético e os partidos comunistas financiavam a ida e o retorno de líderes sindicais e representantes partidários. Intituições, organizações turísticas e de recepção e acompanhamento ao estrangeiro foram montadas em poucos anos para possibilitar o acesso do contingente de viajantes que não parava de crescer. O livro de 1919 de John Reed a respeito de sua vivência na Revolução Russa, *10 dias que abalaram o mundo*, abriu caminho para uma enorme quantidade de relatos de viagem a respeito do que se passava na Rússia, publicados em jornais, revistas e livros. A partir daí, dirigentes responsáveis pelas relações culturais estrangeiras da URSS puderam ampliar a transmissão a outras populações do que se passava no regime soviético, a fim de torná-lo conhecido e legítimo , especialmente perante o mundo ocidental.

Em minha dissertação de mestrado,[1] tive a oportunidade de analisar os primeiros cinco relatos de viagem de brasileiros que foram à URSS, publicados como livros na década de 1930.[2] Tais obras coincidiram com o momento de maior publicação de relatos de viagem à URSS em alguns países europeus e nos Estados Unidos. Na França, os estudos de Fred Kupferman, Rachel Mazuy e François Hourmant analisaram relatos de viagem publicados em um mesmo período, do final da década de 1910 até 1939. Rachel Mazuy e Sophie Coeuré, publicaram uma compilação de 150 documentos inéditos dos Arquivos do Estado da Federação da Rússia (GARF), a respeito de viagens de intelectuais franceses na União Soviética, entre os anos de 1918 e 1953.[3] No Reino Unido, Angela Kershaw investigou relatos de intelectuais francesas e britânicas que foram à URSS durante os anos de 1929 e 1932, e, juntamente com Martyn Cornick e Martin Hurcombe, publicou estudos a respeito de relatos de viagem políticos de franceses do período entreguerras, que visitaram regimes autoritários na Europa e na União Soviética.[4]

[1] Tôrres, 2013.

[2] Na década de 1930, foram encontrados apenas estes cinco relatos de viagem de brasileiros*: Rússia: notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regime soviético* (1931), de Maurício de Medeiros; *Onde o Proletariado Dirige: visão panorâmica da URSS* (1932), de Osório Taumaturgo César; *Um engenheiro brasileiro na Rússia* (1933), de Cláudio Edmundo; *O que vi em Roma, Berlim e Moscou* (1934), de Juvenal Guanabarino e *U.R.S.S: um novo mundo* (1934), de Caio Prado Junior.

[3] Coeuré & Mazuy, 2012.

[4] Kershaw, Hurcombe e Cornick, 2017.

Em relação aos norte-americanos, Sílvia Margulies desponta como pioneira em analisar a URSS e o tratamento aos peregrinadores políticos entre os anos de 1924 a 1937. Já Paul Hollander, apesar de realizar uma pesquisa mais abrangente, entre 1928 e 1978, abordou as peregrinações de intelectuais ocidentais de uma forma mais geral, incluindo as viagens feitas a Cuba, China, Vietnã e Coréia, porém, fez a ressalva de que nos anos de 1930 nenhum país no mundo ocupava o lugar de honra que era reservado à URSS.[5] Mais recentemente, Michael David-Fox realizou um estudo a respeito da cultura diplomática e os visitantes ocidentais que foram à União Soviética, entre os anos de 1921 e 1941.[6]

Na América do Sul temos a publicação de compilações de narrativas de viagem de jornalistas e escritores argentinos que viajaram para a URSS, China e Cuba durante o século XX, organizada por Silvia Saítta,[7] e a compilação dos primeiros viajantes argentinos que foram para a URSS durante as décadas de 1920 e 1930, organizada por Horacio Tarcus.[8] No México, William Richardson investigou os mexicanos presentes na URSS entre as décadas de 1920 e 1940.[9] Percebe-se, assim, que o estudo de tais narrativas na época da Guerra Fria é um assunto ainda pouco explorado mesmo na historiografia mundial.

Brigitte Studer indica que, após o "Grande Terror" de Stalin de 1937-1938, seguido do desencadeamento da Segunda Guerra Mundial, fechou-se o primeiro ciclo de viagens à União Soviética.[10] Contudo, há um segundo ciclo de viagens, no período posterior à Segunda Guerra, ainda não explorado pela historiografia internacional. Há uma lacuna de pesquisas a respeito de viagens à URSS durante o período da Guerra Fria, mas isso não significa que não haja relatos a serem estudados. Durante o doutorado, tive a oportunidade de passar um mês visitando as bibliotecas nacionais de alguns países europeus: *Biblioteca Nacional de España*, *Bibliothèque Nationale de France* e a *British Library*. Minha maior curiosidade era descobrir se havia relatos de viagem à URSS publicados também nas décadas de 1950 e 1960. Nessa pesquisa inicial, foram encontrados dez relatos de viagem de franceses, quatro relatos britânicos e um relato de um espanhol. Claro que uma pesquisa inicial não condiz com o real montante de

[5] Hollander & Paul, 1997, p. xcv.
[6] David-Fox, 2012.
[7] Saítta, 2007.
[8] Tarcus, 2017.
[9] Richardson, 1993.
[10] Studer, 2003, p.4.

publicações, mas é perceptível notar uma diminuição na quantidade de relatos publicados entre os períodos anterior e posterior à 2ª Guerra Mundial.

O número de relatos publicados é também uma consequência das singularidades históricas de cada país: no caso da Espanha, por exemplo, na década de 1950 perpetuava-se a ditadura de Franco (1936-1975) e a perseguição aos comunistas. Após o final da Guerra Civil Espanhola em 1939, muitos foram presos e outros tiveram que se exilar. O único relato de viagem encontrado na Biblioteca Nacional da Espanha a respeito da URSS foi o *Mi fe se perdió em Moscú*, escrito por um ex-comunista e ex líder sindical, Enrique Castro Delgado. Após a vitória de Franco, Delgado foi enviado para a URSS, na qualidade de representante comunista espanhol do Comintern.[11] Lá, foi incubido de se informar sobre a chegada dos comunistas espanhóis em Moscou, para que os recebesse como representante comunista da Espanha. Para tal, precisava fazer as relações dos espanhóis com suas características mais importantes e investigar detalhes de suas biografias. Delgado não se mostra feliz com o trabalho, e, por conta de suas divergências com a direção do Partido, é afastado em 1944, tendo que se exilar no México, onde o livro, que relata suas decepções em Moscou, foi publicado.[12]

Já na França, o governo republicano foi mais favorável ao crescimento do Partido Comunista Francês, que investiu em instituições de amizade entre franceses e soviéticos e na publicação de revistas e jornais russos em francês, incluindo uma revista da VOKS ("Sociedade para Relações Culturais com o Estrangeiro") soviética, *Culture et La Vie* (1939-1960), e um jornal que trazia notícias de Moscou, *Les Nouvelles de Moscou*, com diversas informações sobre viagens estrangeiras realizadas para a URSS, especialmente sobre as delegações francesas, mas possuindo informações também de viajantes de outros países, inclusive sobre a ida de brasileiros, como Ivette Vargas, em 1957. Na pesquisa, livros mais favoráveis à URSS foram encontrados, destacando-se os *L'U.R.S.S. A Coeur Ouvert*, de Louise Mamiac e André Wurmser, que indicaram que todos os viajantes que estavam retornando da URSS estavam convencidos da "tolice do anti-sovietismo."[13] Impressionou também a quantidade de detalhes no relato de viagem do jornalista Michel Gordey, que teve a possibilidade de passar 63 dias na URSS em 1950. Nascido de pais russos (naturalizados na França), Gordey deixou a Rússia

[11] III Internacional Comunista (1919-1943), organização internacional que reunicia os partidos comunistas de diferentes países.
[12] Delgado, 1957. Foi encontrado também um exemplar traduzido para o francês.
[13] Mamiac & Wurmser, 1960, p.11.

quando tinha 7 anos, o que lhe permitia ter facilidade com a língua. Nas primeiras páginas de seu relato, ele descreve a surpresa de ter conseguido o visto para Moscou, que solicitava desde 1945. Gordey ressalta na nota inicial que havia decidido publicar suas impressões por reparar que as viagens se faziam cada vez menos frequentes nos tempos em que viviam, e que a mútua ignorância em que coexistiam o mundo ocidental e o mundo soviético pareciam mais graves do que os perigos para a paz e para o futuro da humanidade.[14]

No caso da Grã-Bretanha, segundo entrevista realizada com o historiador Martyn Cornick,[15] a influência norte-americana e o Plano Marshall, programa de recuperação econômica dos Estados Unidos implantado nos países europeus aliados em 1947, possivelmente impediram um maior crescimento de relações e interesses com a União Soviética. O Plano vinha no bojo da "Doutrina Truman", um conjunto de políticas instauradas pelo presidente Harry Truman no início da Guerra Fria, como forma de conter o avanço do comunismo e da influência soviética, que agora dominava os países da Europa Oriental desde o final da 2ª Guerra Mundial. Em 1960, Inving Levine, jornalista norte-americano, afirmou em um guia sobre viagens para a URSS que 2000 britânicos foram à Rússia em 1958, o que corresponderia a apenas um décimo de um por cento de todo o turismo britânico. Já em relação ao turismo norte-americano, em 1959, mais de 10 mil estadunidenses visitaram a Rússia, possivelmente por conta de uma exibição nacional americana realizada lá nesse mesmo ano.[16]

Desta maneira, é interessante observar que a diminuição de publicação de relatos de viagem de europeus para a URSS não acompanha necessariamente o número de viagens realizadas para lá. Em entrevista com Sophie Coueré, foi indicado que o número de viagens de franceses realizadas na década de 1960 para a URSS é maior do que as viagens de 1930. Possivelmente, o que fez diminuir o número de relatos em relação ao aumento de viagens realizadas foi a saturação de obras já publicadas sobre a URSS e ainda o aparecimento de novos países socialistas, como a China na década de 1950 e Cuba na década de 1960, que também fizeram despontar uma peregrinação turística para tais regiões.

[14] Gordey, 1952. Ao que tudo indica, o livro de Michel Gordey chegou ao Brasil, embora não tenha sido encontrada a sua tradução. Rubens do Amaral, um dos viajantes aqui analisados, cita-o diversas vezes em sua narrativa.
[15] Entrevista da autora com Martyn Cornick, 25/01/2018.
[16] Levine & Inving, 1960, p.13.

Além disso, no ano de 1956, houve um grande desapontamento de diversos partidos e intelectuais comunistas com a URSS, por conta dos crimes de Stalin denunciados pelo Relatório de Khruschev no XX Congresso da PCUS, e pelos acontecimentos que se sucederam após a Revolução Húngara, uma revolta popular contra as políticas impostas pelo governo da República Popular da Hungria e pela União Soviética. Iniciada em 23 de outubro de 1956, o movimento se originou de uma manifestação estudantil em Budapeste, e, ao tomar força, conseguiu fazer com que o regime comunista húngaro caísse. Contudo, em 4 de novembro do mesmo ano, o exército soviético invadiu Budapeste e outras regiões do país. Em janeiro de 1957, o governo soviético húngaro instalado já havia suprimido toda a oposição pública. Tais ações da URSS provocaram questionamentos e decepção em muitos intelectuais e socialistas por todo o mundo.

Curiosamente, é em meio a esses embates, isto é, na década de 1950 e início da década de 1960, que o Brasil tem seu pico de relatos de viagem à URSS publicados em livro. Para essa pesquisa, foram levantadas 33 obras contendo relatos de viagem de 54 brasileiros publicadas entre 1951 e 1963. Dentre eles, há uma diversidade de viajantes: sindicalistas, operários, médicos, juízes, jornalistas, escritores, políticos, jovens, etc. Além disso, o número de mulheres também surpreende: de 54 autores, 20 são mulheres. Isso nos possibilitou ter uma amplitude de diferenciadas impressões sobre a URSS, das mais diversas ideologias. Algumas destas fontes foram utilizadas, geralmente de maneira auxiliar, na historiografia brasileira, mas ainda há necessidade de trazê-las à luz da centralidade, de torná-las objeto principal de pesquisas especializadas no tema dos relatos de viagem.[17]

O pico da publicação de relatos na década de 1950 é algo incomum, se considerarmos o perfil anticomunista de diversas instituições brasileiras, como o Itamaraty e a grande imprensa brasileira em geral. Além disso, as relações diplomáticas com a URSS, estabelecidas em 1945, tinham sido rompidas pelo Brasil em 1947 e somente reatadas em 1961 (igualmente, o partido comunista, PCB, que estivera na legalidade a partir de 1945, foi colocado novamente na ilegalidade em 1947, condição da qual só sairia em 1985).[18]

[17] Dentre pesquisas que utilizaram relatos de viagem de brasileiros à URSS das décadas de 1950 e 1960 como fontes auxiliares, podemos citar: Ferreira, 2002; Silva, Carla Luciana, 2001; Motta, 2002.; Palamartchuck, 2003. In: Sotana, 2006.

[18] Abreu, CPDOC, [s/ano]. O Supremo Tribunal Eleitoral cancelou o registro do PCB, argumentando que o partido era um instrumento da intervenção soviética no país.

O pico dos relatos publicados no Brasil está ligado, inicialmente, a investimentos do início da década de 1950 que a própria União Soviética realizou para atrair viajantes comunistas e possíveis simpatizantes a conhecer o regime. Os diversos Congressos pela Paz promovidos no final da década de 1940 e início de 1950, e normalmente estabelecidos em países do Leste Europeu, foram a porta de entrada para que, de lá, diversos brasileiros fossem estimulados a estender a viagem para a União Soviética, sendo convidados de instituições soviéticas e tendo todas as suas despesas pagas. Além disso, a imprensa brasileira da década de 1950 vivia sob uma "guerra" ideológica, cultural e psicológica, onde o imaginário da União Soviética encontrava-se em disputa, gerando notícias polêmicas tanto em jornais de cunho anticomunista, como também nos jornais ligados ao PCB.

A viagem à URSS, portanto, permitiria ao viajante cumprir o ideal, tão presente nas narrativas das viagem políticas, de "ver com os próprios olhos" o que se passava no mundo soviético. Desta maneira, quando voltavam ao Brasil, suas narrativas tornavam-se elementos de curiosidade e de desejo pelos meios editoriais. Só a Editora Vitória, ligada ao PCB, foi responsável pela publicação de nove relatos de viagem analisados nesta pesquisa.[19]

Em meados da década de 1950, torna-se mais comum nas narrativas as diversas queixas de viajantes a respeito dos prejuízos comerciais que o Brasil perdia ao negar laços diplomáticos com o país socialista, sendo que nem mesmo os Estados Unidos, em nenhum momento, os havia rompido. Não chega a causar espanto que, em 23/11/1961, os laços diplomáticos entre Brasil e URSS tenham sido restabelecidos (e mantidos durante a ditadura militar de 1964) no Brasil.

Assim, partindo da possibilidade de se poder comparar uma enorme quantidade de narrativas das mais diferentes pessoas e ideologias, um dos objetivos desta pesquisa é explorar a diversidade das representações a respeito da União Soviética que foram publicadas no Brasil. Como forma de compreender o fenômeno dos relatos de viagem de cunho político do século XX, o capítulo 1 apresenta considerações teóricas de alguns autores abalizados sobre características dos relatos de viagem publicados no mundo ocidental entre os séculos XVI e XXI, como também uma análise sobre o seu uso na historiografia ocidental. As peculiaridades das narrativas de viagem do século XX são esmiuçadas, especialmente as

[19] Por conta da diversidade de editoras responsáveis pela publicação dos relatos (18 editoras), não nos foi possível realizar um estudo aprofundado a respeito das correntes ideológicas também presentes nos meios editoriais. Um estudo mais aprofundado sobre o tema, no entanto, ainda se faz necessário.

narrativas ligadas à URSS. Os principais suportes teóricos para esta pesquisa são também encontrados no capítulo um.

Para tornar possível a análise dessa gama de relatos de viagem, na primeira parte do segundo capítulo encontra-se a formação de uma tipologia que dividiu os viajantes/autores em quatro grupos: comunistas, simpatizantes, anti-comunistas e o grupo dos não-definidos. Importante ressaltar que a tipologia foi delineada de acordo com as análises comparativas das narrativas. Considerando que os relatos de viagem também se formam a partir de detalhes autobiográficos, foi possível detectar identidades ideológicas transpostas pelos autores a suas próprias narrativas. Informações biográficas em fontes auxiliares, como os arquivos consultados no DOPES/SP, também contribuíram para a formação da tipologia, que deve ser vista como flexível e permeável: não limita a possibilidade de viajantes terem mais de uma característica ou de demonstrarem dubiedades em suas ideologias. Ao mesmo tempo, foi uma tipologia essencial para que diversas comparações, similaridades e diferenças entre os grupos pudessem ser observadas. A partir dela, descobrimos 13 viajantes comunistas, 27 simpatizantes à União Soviética, 5 anti-comunistas e 9 viajantes não definidos.

A segunda parte do capítulo dois trata dos elementos da viagem em si, e é o momento em que as narrativas de viagem são observadas principalmente como possibilidades de fontes históricas. Aborda-se aqui as expectativas, dificuldades e peculiaridades para a chegada na URSS, os significados da passagem pela chamada Cortina de Ferro, a maneira como os viajantes foram recepcionados na União Soviética, tendo sempre como companhia guias e intérpretes. Para isso, os organismos responsáveis pelo "turismo político" soviético, VOKS e Intourist, e seus bastidores, foram investigados. Pesquisas como as de Michael David Fox e Ludmila Stern, mesmo que focadas na década de 1930, foram imprescindíveis para esse trabalho. Ludmila Stern aponta que a VOKS não recebeu ainda um exame minucioso, apesar de seus arquivos já estarem disponíveis no Arquivo do Estado da Federação Russa (GARF) em Moscou, incluindo correspondências internas e externas, inspeções na imprensa internacional e arquivos de intelectuais específicos. A importância da relação "guias – viajantes" e reflexões a respeito da maneira como o turismo soviético procurava atender às expectativas e desejos de um turismo burguês e ocidental, também foram realizadas ao final desse capítulo.

O capítulo três, por sua vez, apresenta os relatos de viagem como possibilidades de objetos de estudo, isto é, a análise em si de suas representações. Tivemos como enfoque

temas que aparecem de maneira recorrente nas narrativas e que ao mesmo tempo possibilitavam notar as correntes ideológicas dos autores, como forma de percebermos as divergências ou mesmo as similaridades entre os grupos ideológicos. Seguindo esses critérios, são investigados no capítulo 3: a representação de temas políticos nos relatos, como a questão dos conceitos comunismo/socialismo, a percepção das classes sociais soviéticas pelos viajantes e as transformações na imagem de Stalin entre os anos de 1951 e 1963; a maneira como os viajantes representaram temas ligados à questão da liberdade, considerando, para isso, o contexto também autoritário e repressivo que se impunha aos brasileiros já na década de 1950, especialmente aos grupos de comunistas e simpatizantes; e, por último, analisa-se alguns elementos do cotidiano soviético que são mais notados e comparados com o próprio cotidiano brasileiro, entre eles: a situação da educação na URSS, a representação das conquistas da mulher soviética (sob o olhar de brasileiros e brasileiras) e as impressões sobre as condições de vida básicas da população soviética.

Em suma, este trabalho busca contribuir para o enriquecimento da historiografia brasileira a respeito dos viajantes à URSS na época da Guerra Fria. Compreender a amplitude de representações a respeito do desenvolvimento e permanência de um regime que suscitou questionamentos, temores e inspirações durante o século XX permite desmitificar a ideia de que existiam apenas dois caminhos a serem escritos e seguidos durante a Guerra Fria. As representações são complexas, e são consequência de diversos fatores envolvidos, como o momento político da Guerra Fria, a classe social e profissional do viajante em questão, as influências das técnicas de hospitalidade soviéticas, assim como também as ideologias prévias do autor. Considerar todos esses aspectos nos permite historicizar os relatos, tornando-os parte de um movimento que extrapola as fronteiras brasileiras e que também contribui para a compreensão da história de peregrinação internacional à União Soviética durante o século XX.

Capítulo I: Relatos de viagem do século XX: Possibilidades como fonte e objeto de pesquisa

> *Na época moderna um livro de viagem é quase um anacronismo pedante. Pois o progresso da aviação comercial espantou para longe a auréola romântica dos antigos e dispendiosos passeios ao continente europeu, hoje coisas banais e corriqueiras até para burocratas em gôzo de licença-prêmio. A moda das narrativas de viagem é um luxo do passado, quando uma excursão ao Velho Mundo era um acontecimento extraordinário na vida duma criatura.*
> Loureiro, "Bilhete", 1954.

Ao considerar os livros de viagem como um luxo do passado, Orlando Loureiro, felizmente, não deixou que sua opinião o detivesse de escrever sua narrativa de viagem para a URSS, em 1952. No entanto, suas palavras remetem-se a um senso comum, que ressoou inclusive entre pesquisadores do século XX de narrativas de viagem: o gênero literatura de viagens deve se remeter ao passado, às narrativas de exploradores e descobridores de novas terras, novos costumes e novos mundos. Não haveria mais possibilidades de narrativas de viagem autênticas em um mundo espacialmente descoberto e virtualmente conectado.

Sorte a nossa que os viajantes do século XX (e mesmo os que continuam a narrar suas viagens no século XXI) não deram muita importância a essa ideia, pois continuaram escrevendo suas descobertas sobre os novos mundos encontrados. No entanto, ao contrário das conquistas territoriais e descobertas científicias dos séculos passados, as descobertas principais do século XX se voltaram para o surgimento de novos regimes políticos e econômicos, para as observações novas estruturas sociais e novos cotidianos, que colocavam em xeque ou confirmavam aos viajantes suas certezas sobre seus próprios mundos.

Nesse capítulo temos como intuito chamar a atenção para a importância da inserção dos relatos de viagem do século XX na historiografia; investigar o percurso dos relatos de viagem no decorrer dos séculos; elencar suas características essenciais presentes em qualquer época; diferenciar e refletir sobre as características peculiares dos relatos de viagem do século XX, especialmente a partir dos aqui analisados; e discorrer sobre como tem caminhado a historiografia brasileira acerca do estudo de narrativas de viagem.

Retrospectivas do século XV ao XX: de viagens de sobrevivência e exploração a viagens turísticas e de observação

"Não espero ver muitos livros de viagem no futuro próximo [...]. Nunca mais iremos desembarcar em solo estrangeiro com cartão de crédito e passaporte... E sentir o mundo se abrir para nós."[20] São as palavras de Evelyn Waugh, escritor britânico, ao final da Segunda Guerra Mundial. A citação está presente no início da obra *Tourists with Typewriters: Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*,[21] de maneira a mostrar que Waugh estava equivocado, por subestimar a resiliência dos viajantes e da rede mundial que continuou a suportar e a incentivar os empreendimentos turísticos.

A escrita de relatos de viagem no século XX, como bem sabemos, não desapareceu. Na verdade se ampliou consideravelmente, conforme o aumento do número de viajantes e de viagens realizadas. Contudo, são fontes que ainda aparecem timidamente em estudos históricos, antropológicos e literários, ao contrário de relatos escritos em outros séculos, como veremos a seguir.

Apesar de na cultura ocidental a escrita estar conectada à viagem desde o mundo antigo, fazendo-se presente em tradições clássicas como a *Odisseia* de Homero e as peregrinações de Abraão e Moisés na Bíblia, há um consenso entre pesquisadores de que foi nos séculos XV e XVI que o relato se tornou parte essencial das viagens ocidentais. Segundo Peter Hulmes e Tim Youngs, organizadores da obra *The Cambridge Companion to Travel Writing*,[22] enquanto patrocinadores políticos ou comerciais esperavam relatórios e mapas, o público passou a ansiar por histórias de lugares distantes. Os relatos se transformaram em uma forma importante de atrair investimentos e colonizadores. Foi também nesse momento que os livros começaram a ser editados e adaptados com ilustrações, diferentemente das obras até então manuscritas de viajantes medievais.[23]

As narrativas da era moderna chegam a ser tão ou mais antigas que as próprias viagens, já que, nos séculos XV e XVI, os relatos fantasiosos e imaginários muitas vezes precediam as

[20] Waugh *apud* Holland & Huggan, 2000. p.1. Aqui e doravante as traduções em português das citações de livros e periódicos em língua estrangeira são da autora da tese. Nas citações extraídas dos livros (relatos) dos viajantes brasileiros será mantida a grafia (acentos, etc.) original, que seguia as regras de português válidas no Brasil na época de sua publicação.

[21] *Ibidem*.

[22] Hulmes & Youngs, 2002, p.2.

[23] Romano, 2013, p.38.

próprias viagens.[24] O impacto da descoberta do Novo Mundo por meio das Grandes Navegações trouxe consigo o surgimento das utopias clássicas europeias, as quais se inspiraram na literatura de viagens marítimas da época, como *Utopia*, de Thomas Morus, que teve como principal influência o relato de viagem de Américo Vespúcio, *Quatro Viagens ao longo do Mundo*. Não havia uma distinção nítida como encontramos hoje entre a literatura fantástica e os relatos de viagens. Assim como a literatura de viagem dos séculos XVI e XVII possui um cunho fantasioso e imaginário, expostos, por exemplo, em descrições de animais fantasiosos, o caráter descritivo e informativo presente nas utopias do Renascimento foi atribuído à influência de livros e diários de bordo de viajantes.[25]

A importância do estudo dos relatos de viagem como maneiras criadoras da imagem do Novo Mundo tem sido cada vez mais reconhecida por pesquisadores americanos.[26] Rachel Moffat afirma que as narrativas de viagem foram importante contribuição para uma auto-definição nacional e cultural norte-americana.[27] Os organizadores da coleção de ensaios em *The Cambridge Companion to American Travel Writing*, embora apresentem estudos apenas com relatos escritos por estadunidenses, reafirmam essa ideia ao sugerir que tais narrativas sempre foram conectadas à construção da identidade norte-americana, contribuindo ainda para a formação da identidade nacional do país.[28]

O aumento das expedições marítimas europeias e a conquista de novas terras para a colonização fez crescer também as possíveis formas adquiridas por um relato de viagem nos séculos seguintes. Ao estudar as narrativas de uma das primeiras expedições científicas do século XVIII, realizada pelo cientista francês La Condamine, Mary Louise Pratt chamou atenção para uma variedade de documentos, dentre eles: depoimentos orais, textos escritos e traduzidos, cartas, relatórios, histórias de sobrevivência, descrições cívicas, narrativas de navegação, etc., demonstrando já existir um múltiplo perfil de relatos de viagem nas fronteiras de expansão da Europa.[29] Dentre eles, existiam descrições cívicas, escritas por capitães

[24] Todorov, 1999, p.13. Cristóvão Colombo, por exemplo, ao descrever as ilhas caribenhas em sua viagem para a América em 1492, foi influenciado por narrativas de viagens, muitas vezes fantasiosas, atribuídas a Jean de Mandeville, publicadas em uma compilação no século XIV e pelo relato de viagem de Marco Polo para a China no século XIII, escrito por Rustichello, em Veneza. Hulmes & Youngs, 2002, p.3.
[25] Szacki, 1972, p.32.
[26] Mergen, 2003, p.128.
[27] Moffat, 2010, p.1.
[28] Bendixen & Hamera, 2009, p.01.
[29] Pratt, 1999, p.47.

espanhóis, compêndios de informações sobre a geografia colonial espanhola e a vida nas colônias, isentos de qualquer entretenimento. Havia também literatura de sobrevivência, narrativas cujos principais temas eram sofrimentos e perigos ou maravilhas exóticas e curiosidades.

A partir da segunda metade do século XVIII, os relatos abriram espaço para o surgimento de narrativas mais descritivas e científicas, influenciadas pelo surgimento da história natural. Fosse o viajante um cientista ou não, a narração de coleta de espécies, a construção de coleções, ou a identificação de plantas e animais tornaram-se temas típicos nos livros de viagem. Assim, no século XVIII, os relatos passaram a dar maior importância à catalogação da natureza e à descrição da fauna e da flora, embora tais descrições também sejam componentes de algumas narrativas do século XVI.[30]

A amplitude das possibilidades de formas e conteúdos das narrativas de viagem é extensa em qualquer época analisada. Contudo, o estudo comparativo de relatos de uma mesma época permite o conhecimento de temas prioritários para o período e suas características em comum, possibilitando sua historicização. É desta maneira que conseguimos distinguir a transformação de temas no século XIX, considerado como a "era de ouro" dos escritos de viagem ocidentais, pela maior quantidade de textos produzidos, agora também por viajantes mulheres, e pela sua relação com a expansão e promoção dos impérios europeus. Por tais motivos, Moffat, pesquisadora de relatos de viagem de europeus do século XX para países africanos, afirma que os relatos europeus do século XIX têm, até então, recebido uma atenção mais criteriosa do que outros, o que faz com que as narrativas de outros países e de outros períodos ainda precisem ser estudadas em igual profundidade. [31]

As transformações originárias da revolução industrial europeia, como a invenção dos navios a vapor, o surgimento das estradas de ferro por volta de 1830, e a ampliação de uma rede de hotéis voltada para o turismo, passaram a modificar a intenção das viagens. Se antes elas eram o meio para se descobrir e explorar novos territórios e povos, passaram então a ser o próprio fim dos viajantes. Por conta disso, os relatos tornam-se mais pessoais e o ato de viajar passa a ser mais reconhecido e almejado.

[30] *Ibidem*, p.59.
[31] Moffat, 2010, p.02.

A ideia de viagem como turismo, contudo, teve seu surgimento em séculos anteriores. Em fins do século XVII, jovens aristocratas britânicos já empreendiam longas excursões pelo continente europeu, de seis meses a dois anos, apenas com o intuito de conhecerem o território e, primordialmente, sua cultura. A tradição recebia o nome de *The Grand Tour* — de onde advém a palavra turismo — e servia como um rito de passagem educacional e cultural para a nobreza britânica.[32] A partir do século XVIII, foram criadas estações balneárias para tratamentos de saúde que aos poucos deram espaço para viagens de relaxamento e entretenimento. Hospedarias foram substituídas por hotéis, que inclusive passaram a contar com cassinos.

Em 1841, inciaram-se as primeiras organizações de turismo popular. Preocupado com o aumento do uso de alcool por muitos trabalhadores de sua cidade, Leicester, na Inglaterra, Thomas Cook, pastor de uma Igreja Batista, procurou fornecer atividades de lazer, criando as primeiras excursões de trem pelo interior da Grã-Bretanha a preços baixos e com alimentação inclusa. Cook investiu também em viagens mais longas, não só pelo interior da Europa, como para os Estados Unidos, Egito e Palestina, esta última com o intuito de conhecer a "Terra Santa".[33] A proposta de Cook foi uma das primeiras a atingir classes médias que até então não tinham acesso às possibilidades de viagem com o intuito de descoberta e entretenimento.

A intenção do ato de viajar distingue o turismo das viagens tradicionais. Enquanto os primeiros viajantes se deslocavam principalmente por necessidade, em função de atividades de Estado, comerciais ou científicas, o turista coloca, em primeiro lugar, suas motivações pessoais. A viagem passa a ser vista como uma possibilidade de lazer e aventura, muitas vezes com o intuito de reencontrar a suposta experiência do imprevisível valorizado pelo espírito romântico dos viajantes do passado, porém, agora sem os grandes riscos de se desbravar o desconhecido.[34] O fenômeno do turismo no século XIX serviu para modificar radicalmente a relação do indivíduo com a viagem também pela possibilidade de se percorrer vastos espaços com grande economia de tempo. Já no século XX, a relação entre exploração e viagem perdeu

[32] Romano, 2013, p.34.
[33] Para conhecer mais sobre a história de Thomas Cook e a popularização das viagens turísticas inglesas, ver Brando, 1991 e Williamson, 1998. A agência de turismo Thomas Cook, existente até hoje, dispõe de uma página sobre sua história em: Thomas Cook History, [s/ano].
[34] Romano, 2013, p.34.

a obviedade de outros tempos, e a função do viajante como explorador deu espaço ao viajante como mero observador.[35]

É possível estabelecer distinções entre o turista romântico e o turista contemporâneo. De acordo com Romano, enquanto o primeiro se inspira na idealização do viajante de épocas anteriores, buscando viagens com mais adversidades e o contato e conhecimento de sociedades mais distantes de si, o segundo "preserva sua distância na cápsula do hotel, no ônibus de turismo e na segurança de ambientes estandardizados."[36]

De maneira semelhante, Todorov, ao analisar dois relatos de viagem de François-René de Chateaubriand, "primeiro viajante escritor especificamente moderno; [...] o inventor da viagem tal como será praticada nos séculos XIX e XX",[37] nota essa transformação nas próprias impressões do autor, de uma viagem para a outra. O primeiro relato, *Mémoires d'outre-tombe*, publicado em 1827, narra suas impressões da viagem realizada aos Estados Unidos em 1791, onde a ênfase é colocada no contato com a natureza e com os "selvagens", com o intuito de conhecer seus costumes. Já a segunda viagem, para a Grécia, Palestina e Egito, realizada entre 1806 e 1807, que deu origem ao relato *Itinéraire de Paris à Jérusalem*, publicado em 1811, pauta-se mais na descrição de monumentos, paisagens e ruínas, sendo assim, como ele próprio diz, uma viagem mais cultural, voltada para o conhecimento do passado. A partir disso, Todorov conclui no subcapítulo "De Viajante ao Turista" que Chateaubriand passa a "preferir os mortos aos vivos e os objetos aos sujeitos," sendo esta a sua herança para os turistas modernos.[38]

Todas as transformações ocorridas no século XIX, incluindo ainda a invenção da máquina fotográfica portátil em 1888 e a ampliação dos meios de divulgação em massa, contribuíram para o que Romano chama de "banalização da viagem", respaldada também pela popularização de pacotes turísticos que permitiram o acesso não só à média e pequena burguesia como também às classes operárias, no decorrer do século XX. As próprias viagens, em si, teriam passado por transformações correspondentes às novas regras do cotidiano impostas pelo capitalismo industrial crescente:

[35] Cunha, 2012, p.168.
[36] Romano, 2013, p.35.
[37] Todorov, 2013, p. 324.
[38] *Ibidem*, p.349.

> Mas nos pacotes turísticos, destinados ao entretenimento das massas, estas levam consigo a sociedade da qual pretendem fugir, pois no vizinho cada um encontra semelhantes expectativas de evasão, entretenimento e desejos de consumo; todos também carregam a memória de semelhantes conflitos e condições de trabalho. O próprio itinerário segue o modelo da linha de montagem e das regras da produtividade por escala do sistema capitalista: uma atração atrás da outra, com pausas cronometradas, e quanto maior for o grupo, mais os custos se diluem,barateando os preços para o consumidor final do pacote.[39]

Tal banalização influiu também na concepção de alguns pesquisadores, particularmente literários, sobre o que pode ser classificado como *literatura de viagens*. Paula Cunha argumenta que num mundo globalizado, com cada vez menos espaço para a viagem de exploração e com diferenças culturais mais diluídas, é legitimo perguntar qual seria o sentido da viagem contemporânea.[40] Para Fernando Cristóvão, o turismo de massa deixou incerto o relacionamento entre a literatura e a viagem turística. Considerando a *literatura de viagens* como um subgênero narrativo, ele a limitou entre os séculos XV e final do século XIX, caracterizando-a como:

> [...] textos, de carácter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas. E não só à viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registro: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã.[41]

Paul Fussell, escritor e historiador estadunidense, autor de *Abroad: Literary Travelling between the Wars*, sugere que nos dias de hoje a viagem se tornou impossível e que o turismo é "tudo o que nós temos". Fussell elabora ainda distinções entre os exploradores (pertencentes à Renascença), viajantes (pertencentes à era burguesa) e turistas, um produto que ele chama de "nosso momento proletário".[42] Em resposta a tais discursos um tanto quanto elitistas e em defesa dos relatos de viagem do final do século XX, Gary Krist, crítico literário estadunidense, argumenta dizendo que o ódio de Fussell — membro de uma classe

[39] Romano, 2013, p.37.
[40] Cunha, 2012, p.168.
[41] Cristóvão, 2002, p.35.
[42] Fussel *apud* Krist, 1993, p.594.

esnobe, segundo Krist — pela era do turismo provém do fato de que até seu carteiro poderia então viajar ao seu lado em um avião para o arquipélago de Zanzibar.[43]

Para Krist, a escrita de viagem no século XX não está morta, embora as oportunidades de uma viagem considerada autêntica tenham se tornado mais raras. A grande influência da cultura popular euro-americana teria seriamente minado as particularidades de muitos lugares no globo, respaldada pelos órgãos de comunicação homogeneizadores como televisão, rádio e jornais, impedindo assim que as regiões mantenham puras suas essências. Apesar disso, ele considera que a escrita de viagem continua a ser um gênero teimosamente resistente da nossa época.[44] Ela seria possível por ainda existirem lugares — embora frequentemente não muito seguros e desagradáveis ao turismo — que oferecem oportunidades de aventuras e exploração.

Nesse mesmo sentido, Patrick Holland e Graham Huggan, também estudiosos de relatos do século XX, defendem que a indústria das narrativas de viagem do século XX se esforça para evidenciar que o mundo continua heterogêneo, insondável e desconcertante. Em tais relatos, segundo eles, é possível encontrar uma defesa da distinção convencional entre viajante/turista: os viajantes, diferentemente dos turistas, levam consigo uma curiosidade insaciável sobre outros países e povos, não sendo motivados pelo desejo preguiçoso de entretenimentos instantâneos.[45]

Essa tese está de acordo com tais autores, estudiosos e defensores da importância dos relatos de viagem produzidos no século XX, contudo, acreditamos que uma escrita de viagem desconcertante, heterogênea e imprevisível é possível em qualquer lugar, em qualquer época, mesmo com a hegemonia da cultura ocidental e com a padronização de viagens por meio de pacotes turísticos. Se considerarmos que as sociedades e culturas estão em constante processo de transformação, é nítido perceber que relatos de viagem para um mesmo destino, em épocas diferentes, retratarão impressões também diferentes.

Da mesma maneira, se um trabalhador de base, como um operário ou um camponês, passa a ter acesso a diversos tipos de viagens, deslocando-se para novos ambientes que distinguem-se do seu cotidiano, ele poderá escrever relatos cheios de descobertas e explorações, chamando a atenção para detalhes que apenas o ponto de vista dele poderia

[43] *Ibidem*.
[44] *Ibidem*, p.593.
[45] Holland & Huggan, 2000, p.2.

enxergar. Ainda se considerarmos que exista uma possível homogeneização na escrita dos relatos de viajantes de classes semelhantes, ou na escrita de viagens para um mesmo destino, com roteiros semelhantes, isso não os torna menos irrelevantes como objetos de estudo literários ou historiográficos, uma vez que é possível investigar os elementos que provocam essa padronização. Uma das maiores riquezas para o nosso trabalho é poder contar com relatos escritos por metalúrgicos, tecelãos, trabalhadores marítimos, sindicalistas, jovens e, dentre estes, mulheres. São pessoas, representantes de classes, de gêneros, que estavam conquistando condições para exporem suas observações e opiniões.

Nossos objetos de estudo, os relatos de viagem de brasileiros à URSS no auge da Guerra Fria, devem ser considerados como uma mistura entre viagem de turismo e de exploração/observação. Os viajantes eram recepcionados, na União Soviética, pelas organizações estatais de cunho turístico, VOKS e Intourist, que forneciam todo o aparato do mundo moderno ocidental: hotéis e carros, embarcações, guias/ intérpretes, roteiros de viagem já previamente planejados, etc. Ao mesmo tempo, apesar de as viagens também possuírem momentos de lazer, como visitas ao Teatro Bolshoi, ao circo ou a campeonatos de futebol, e momentos para se apreciar monumentos do passado, a exemplo de visitas ao Museu Hermitage em Leningrado ou ao Kremlin em Moscou, o objetivo fundamental e comum levantado pelos autores era conhecer e observar a sociedade soviética, elaborando descrições dos sistemas econômico e educacional, da saúde, do trabalho em fábricas e kolkhozes, do sistema judiciário, da política, entre outros. Muitos autores procuram escrever verdadeiros manuais sobre os elementos da sociedade soviética, alguns inclusive trazem também descrições geográficas e climáticas do território russo.

De certa maneira, as narrativas de viagem à União Soviética têm características em comum com viagens exploratórias do desconhecido: apesar de não ser mais um território a ser desbravado e colonizado, chegar ao país soviético era descobrir um novo sistema social, político e econômico a ser compreendido e, para os viajantes comunistas e simpatizantes ao socialismo, transmitido e reproduzido em suas próprias sociedades. Expressões como “novo mundo”, “paraíso terrestre” ou “inferno terrestre”, “fronteira entre dois mundos”, são muito comuns nas descrições de chegada ao país, como vemos nas palavras de Jorge Amado e de Branca Fialho, respectivamente:

> As palavras “um novo mundo” adquiriram, subitamente, para mim, uma significação concreta, ali estava ele diante de mim tão real e palpável, tão mais realizado já do que eu imaginara, que me sentia humilde e tímido ante sua visão.[46]

> Tendo viajado muito e conhecendo diversos países, sabendo observar e comparar, desejávamos ver para poder julgar esse mundo novo que nos diziam impossível de se conhecer e que era apresentado por uns como um inferno e por outros como um paraíso.[47]

Outro exemplo é o relato de Orlando Loureiro, que em diversas partes da narrativa utiliza termos como “viagem para o desconhecido”, “fronteira de dois mundos”, “transpor os umbrais do Paraíso” ou mesmo “felizes como Alice no País das Maravilhas,” [48] relembrando-nos também os elementos fantasiosos e as viagens utópicas dos séculos XV e XVI. Territorialmente e geograficamente, o mundo no século XX já se encontrava descoberto, mas as transformações ocorridas na Rússia em 1917 e as sucessivas modificações na sociedade soviética possibilitaram que diversos viajantes ocidentais, a partir da década de 1920, carregassem consigo o sentimento de estar desbravando um mundo novo ao transpor a “Cortina de Ferro”.

Transformações políticas e sociais, novas possibilidades de locomoção e os diferentes interesses de cada época fazem com que o ato de viajar esteja sempre em transformação, e, consequentemente, em constante alteração dos significados e das funções da narrativa. Mas quais seriam as características comuns que tornam uma obra um relato de viagem? E quais seriam as características incomuns que fazem com que os relatos do século XX se distinguam de narrativas de outras épocas? É o que investigaremos a seguir.

Características comuns dos relatos de viagem e suas peculiaridades no século XX

A amplitude das possibilidades de formas e conteúdos que uma narrativa de viagem pode assumir é extensa em qualquer época analisada. Há um consenso entre pesquisadores de diversas áreas a respeito da heterogeneidade dos relatos de viagem. Jam Borm cita uma metáfora de Jonathan Raban que compara o relato a uma casa mal afamada de portas abertas onde diferentes gêneros como o diário privado, o ensaio, o poema em prosa ou a nota

[46] Amado, 1951, p.70.
[47] Fialho, 1952, p.11.
[48] Loureiro, 1954. Importante ressaltar que as duas últimas expressões são utilizadas de maneira irônica pelo viajante.

inacabada, entre outros, terminam em uma mesma cama ou conversam, com indiscriminada hospitalidade à mesa polida.[49] O relato de viagem seria um gênero peculiar: ao mesmo tempo em que é composto por outros gêneros, contribuiu também para a gênese do romance moderno e para a renascença da autobiografia.[50]

Esta seria, aliás, outra característica em comum dos relatos de diferentes épocas: todos são autobiográficos em determinado grau, embora não haja necessidade dos viajantes providenciarem um resumo retrospectivo de suas vidas de maneira biográfica.[51] Contudo, uma vez que apontam suas observações e pontos de vista a respeito de um lugar visitado, utilizando-se, na maior parte das vezes, de comparações com suas próprias sociedades, ideologias e valores, necessariamente terminam por falar de si mesmos. A descoberta desse aspecto gerou uma modificação na forma de se trabalhar com as narrativas, algo que veremos adiante. De qualquer forma, em estudos com relatos de viagem, é necessário um mínimo de conhecimento sobre a biografia e o contexto de seus autores.

Mary Anne Junqueira, no artigo "Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador", elenca cinco características comuns do "*corpus* heterogêneo de textos", ainda que diversificados.[52]

A primeira e mais importante é a mais óbvia: um relato de viagem sempre está articulado a algum tipo de deslocamento, real ou imaginário, operando com noções variadas de mudanças e transições.

A segunda característica diz respeito à quem o relato se destina: todo relato pressupõe um leitor, mesmo que este seja unicamente o seu autor. Eles podem ser dirigidos a um público específico, como aqueles que adotam o discurso científico, ou para um público mais amplo, como romances e contos baseados em viagens, muitas vezes veiculados em jornais. É necessário contar como certo, portanto, que o autor se esmera para capturar a atenção do seu público-alvo. Esse ponto é de especial atenção para os relatos de viagem produzidos na época da Guerra Fria, uma vez que eles se encontravam em um campo de batalha propagandístico entre dois polos: a sociedade liberal capitalista ocidental, e a sociedade socialista representada por países como União Soviética e China. Desta maneira, muitas vezes,

[49] Raban, *apud* Borm, 2004, p.16.
[50] Campbell *apud* Borm, 2004, p. 14.
[51] *Ibidem*.
[52] Junqueira, 2011, p.46.

mesmo quando o próprio autor procura afirmar não ter esta intenção — o que também pode ser visto como uma estratégia de propaganda —, o relato poderia ser utilizado como uma arma propagandística.

Na terceira característica, Junqueira considera que relatos escritos mesmo muito depois da época da viagem também devem ser considerados como relatos de viagem ou "memória de viagem". Isso significa que é absolutamente necessário que o historiador saiba quando o texto foi escrito: durante a viagem, logo após o término do percurso ou muitos anos depois. A partir disso, a fim de trabalharmos com o estudo de representações escritas em um mesmo período, esta pesquisa tem como principal enfoque os relatos de viagem produzidos quase que imediatamente após a viagem – no máximo, quatro anos após – isto é, a escrita foi realizada em um período bem próximo ao da viagem, algo bem diferente, por exemplo, de uma memória de viagem escrita muitos anos depois.[53] É importante ressaltar que o ano da escrita do relato não necessariamente corresponde ao seu ano de publicação. Um exemplo é o relato de Josué Guimarães, que, apesar de ter sido publicado em 2001, foi escrito em junho de 1952 logo após sua viagem à União Soviética e à China. Guimarães preferiu não publicá-lo por conta de implicações políticas, uma vez que era integrante do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), o mesmo do então presidente Getúlio Vargas, que o aconselhou a não publicar o livro para não perturbar a ordem estabelecida no país.[54]

Junqueira chama a atenção, na quarta característica, para o fato de que relatos de viagem são fontes de inspiração para outras jornadas, desde os tempos remotos. Desta forma, muitos deles são influentes na escrita de outras narrativas: as narrativas encontram-se conectadas, o que possibilita, inclusive, a descoberta de características em comum.

Esse ponto também é crucial para os relatos desta pesquisa: as viagens à União Soviética são um movimento internacional, que abrange viajantes de diversos países. Frequentemente, os viajantes brasileiros fazem referências à relatos anteriores aos seus, tanto de brasileiros quanto de estrangeiros. Como as viagens já aconteciam de maneira mais constante desde meados da década de 1920, ler relatos de viajantes à URSS constituía uma forma de preparação para o percurso. Isso contribuiu para que o formato de construção e

[53] Os dados sobre os anos da viagem e os anos de publicação dos relatos, além de demais aspectos, podem ser consultados e comparados no Anexo 2 – Tabela 1: Dados das viagens.

[54] Informações presentes no texto de Maria Luíza Ritzel Pimental, "Um livro de Memórias – O Romancistas Josué Guimarães se apresenta", in Guimarães, 2001.

exposição dos acontecimentos no texto tivesse muitas semelhanças, característica marcante dos relatos de viagem à URSS, como veremos em outro momento.

Como quinta e última característica, Junqueira apresenta o problema comum da "veracidade" dos conteúdos elaborados, mesmo que de relatos teoricamente não ficcionais. Como exemplo, ela cita o relato de Jean de Mandeville, escrito em 1357, que narra uma viagem à Terra Santa, tendo sido um dos livros mais populares na Europa entre fins do século XIV e XVI. Tempos depois, descobriu-se que Mandeville nunca existira, e que o autor havia feito o relato a partir de uma compilação de textos diversos.[55] Isso, no entanto, não empobreceu o valor da obra, como se acreditou no século XIX, período em que o relato foi classificado como impreciso, incerto e não verdadeiro. Hoje, a narrativa de Jean de Mandeville é compreendida como uma compilação bem-sucedida, e sua importância pauta-se na "verdade que o autor quis construir", e não na "veracidade" do relato.

O problema da veracidade está envolvido com os significados e formas de abordagem do relato atribuídos de acordo com o período em que ele é analisado. Distinguir fatos de ficção era importante para pelo menos alguns leitores e autores do século XVI. Editores como Richard Hakluyt[56] preocupavam-se com a veracidade do relato, dando preferência a testemunhos de viagens.[57] Outro exemplo é Hans Staden, cronista alemão do século XVI que, diferenciando-se da atmosfera de fantasia de outros cronistas, narrou duas viagens realizadas à América com a preocupação de garantir aos leitores a veracidade dos acontecimentos, citando, ao final da obra, nomes de companheiros de viagem europeus que também haviam testemunhado partes de sua viagem. O prefácio de seu livro, escrito por um amigo de seu pai, Datum Wolffhagen, fundamenta o intuito e a importância do testemunho para a época: "[...] não posso duvidar que este Hans Staden conte e escreva com exatidão e verdade a sua narrativa e viagem não por tê-las colhido de outrem, mas de experiência própria, sem falsidade, e que ele daí não quer tirar glória nem fama para si [...]."[58]

Apesar da percepção de que a preocupação com a enunciação da verdade já existia em séculos anteriores, é notório observar que relatos antigos também já se utilizavam de técnicas

[55] *Ibidem*, p.53.
[56] Editor e diplomata inglês. publicou *The Principal Navigations, Voyages and Discoveries of the English Nation* (1598-1600). Era defensor da expansão da Grã-Bretanha no exterior. Mais informações em: The Hakluyt Society, 1998.
[57] Hulmes & Youngs, 2002, p.3.
[58] Staden, 1955, p.19.

ficcionais, algo que pode ser considerado como outra característica comum aos relatos de viagem de qualquer época. Segundo Borm, é comum, por exemplo, existir diálogos estendidos em relatos de viagem para descrever contatos do viajante com os habitantes da sociedade observada. Tais diálogos são também bastante utilizados nos relatos do século XX, e, embora sejam considerados uma técnica ficcional, pois dificilmente seriam transcritos da exata maneira como ocorreram, é interessante observar que contribuem para a sua veracidade, uma vez que um diálogo deixa explícitas as trocas e informações adquiridas pelo contato com o outro. Além disso, narrativas de viagem podem também incluir histórias ficcionais ou mitos, o que apenas confirma a possibilidade do relato de viagem ser formado por diversos gêneros.

Dentre os relatos estudados neste trabalho, há um que se destaca pelo seu cunho ficcional. Como forma de fundamentar sua sátira, em *Cortina de Ferro*, Marques Rebêlo, jornalista e escritor, respalda-se em elementos fictícios que, contextualizados, ajudam a compreender as impressões, ironias e sarcasmos do autor. Um exemplo disso são os nomes dos guias de Rebêlo em Moscou: Demon Satanov, Belzebuv Capetovich e Lucifer Ilitch Diabonov, este último diretor geral dos serviços da SIGVI (Serviço de Intérpretes e Guias de Visitantes Ilustres), uma possível alusão à VOKS.[59]

Questiona-se, então: é necessário fazer a distinção entre os escritos de viagem reais dos ficcionais? Para alguns pesquisadores, essa separação se faz necessária, uma vez que as expectativas dos leitores de um livro de ficção não são as mesmas que as dos leitores de um relato de viagem. Embora ambos os exemplos possam ser estudados dentro da estrutura da literatura de viagem, uma maneira de distingui-los seria identificar os aspectos dominantes de um trabalho ou gênero que compõe a narrativa. A ideia é de Hans Jobert Jauss, que defende que a identidade dos gêneros mistos pode ser definida pelos seus aspectos dominantes. Qualquer narrativa caracterizada por uma 'dominância não ficcional' que relata (quase sempre) na primeira pessoa uma jornada que o leitor supõe que aconteceu na realidade, e que se pressupõe que o autor, narrador e personagem principal do relato são a mesma pessoa, estaria apta a ser considerada um relato de viagem verídico e não ficcional.[60]

Contudo, o fato de um relato ser ficcional não significa que ele não possa contribuir para o estudo da representação da sociedade observada e a maneira como essa

[59] Rebêlo, 1956.
[60] Borm, 2004, p.18.

representação é digerida pela sociedade que observa. Na década de 1930, a editora Calvino publicou dois relatos de viagem à URSS cujos autores não deixaram rastro algum de suas existências. São eles: *O que vi em Roma, Berlim e Moscou*, de Juvenal Guanabarino, e *Um Engenheiro Brasileiro na Rússia*, de Claudio Edmundo.[61] Ambos os relatos distinguem-se por quase não apresentarem descrições das viagens, ao mesmo tempo em que são bastante informativos em relação às teorias socialistas e a dados da sociedade soviética, possivelmente montados a partir de uma junção de informações de periódicos e de outros relatos. Apesar de serem narrativas que podem ser consideradas ficcionais, elas contruibuíram para a formação do imaginário soviético da época, partindo de informações de outros relatos e notícias possivelmente verídicas. O fato de os autores terem sido inventados contribui para tornar ainda mais interessante o estudo do uso do relato de viagem como propaganda para a época.

O relato de viagem reflete também as mudanças estéticas e estilos culturais de sua época.[62] Em relação às narrativas dos séculos XIX e XX, incentivadas pela era do turismo e pelas facilidades de deslocamento, o ato da viagem passou a justificar o ato da escrita por si só. A narração, que em séculos anteriores era conectada a um didatismo ou a um propósito missionário ou moral, abriu espaço para um estilo mais impressionista, com o interesse focado não apenas no que era percebido nas viagens, como também nas reações e consciência dos próprios viajantes.[63] Os relatos de viagem de europeus eram, assim, não só divulgadores das consequências do imperialismo europeu e das atrocidades cometidas nos países africanos, mas também uma forma de questionar os valores e fundamentos do próprio viajante europeu e de sua civilização europeia.

Durante o período entre guerras é notável nos relatos certo aborrecimento com o mundo (*world weariness*), denunciando desilusão e desânimo com os pilares da civilização ocidental e seus impactos perante o resto do globo.[64] Paul Fussell sugere que as viagens de

[61] Edmundo, 1933, e Guanabarino, 1934. Juvenal Guanabarino se diz correspondente de um jornal parisiense, mas não identifica o nome do jornal. Seu relato é abarrotado de citações de artigos europeus e norte-americanos sobre a URSS. Já Claudio Edmundo seria um engenheiro convidado a trabalhar seis anos na URSS que passa a escrever cartas a um amigo do Brasil, principalmente sobre teorias do socialismo. No prefácio do livro, há uma menção ao seu possível pai, o jornalista Luís Edmundo, que teve sua entrada à URSS negada em 1933.Contudo, no livro de memórias (Edmundo, 1958) de Luís Edmundo não há nenhuma menção a um filho engenheiro que teria trabalhado seis anos na URSS. Para mais informações, ver Tôrres, 2013, pp.104 a 107.
[62] Junqueira, 2011, p.54.
[63] Carr, 2002, p.70.
[64] *Ibidem*, p.81.

ingleses desse período são mais sobre a fuga da sociedade inglesa do que sobre a viagem em si. Os relatos, portanto, tornaram-se formas de escapismo de uma sociedade não desejada.[65]

É no período entre guerras que surgem as consequências da Revolução Russa de 1917. A União das Repúblicas Soviéticas foi percebida por muitos como um símbolo de oposição a muitas estruturas ocidentais, como a exploração imperialista, a incessante busca por lucro e o enaltecimento do individualismo em detrimento do senso de comunidade. Hobsbawm frisa que é difícil imaginar o que esse movimento significou para os homens de seu tempo, pois foi a primeira revolução proletária a empreender a construção da ordem socialista, provocando a certeza, dentre muitos, de que o socialismo triunfaria sobre o capitalismo.[66] Sylvia Saítta ressalta ainda que a noção de revolução, palavra que expressa uma transformação violenta e profunda, se "*espacializou*", convertendo-se a um lugar determinado no mapa e possível de ser visitado.[67]

Há um consenso entre pesquisadores de relatos de viagem à URSS sobre defini-los como relatos primordialmente políticos. Ângela Kershaw, ao estudar relatos femininos de francesas e inglesas à URSS, afirma que as narrativas são um modelo específico de escrita política.[68] Já Paul Hollander, autor de um trabalho que analisa intelectuais ocidentais que viajaram as sociedades socialistas como URSS, China e Cuba entre 1928 e 1978, indica que as viagens fazem parte de uma peregrinação política, onde é feito um "tour reverencial" a países atrativos politicamente e que se tornaram moldes no século XX.[69] Segundo ele, as narrativas de viagem fornecem mais do que um esboço de valores políticos: elas contêm a noção de boa e má sociedade e de justiça e injustiça do grupo analisado.[70]

Saítta, ao realizar uma compilação de relatos de viajantes argentinos de esquerda a países socialistas, comenta que a viagem à URSS inaugurou não só uma nova forma de viajar, mas também um novo modo de narrar a experiência da viagem. O chamado "relato de viagem de esquerda" se internacionalizou, pois sua estrutura narrativa passou a se reiterar de viajante em viajante, independentemente do país de origem e da língua enunciada. Os relatos de viajantes de diversos países, segundo ela, compartem tópicos, experiências e representações

[65] Fussel *apud* Carr, 2002, p.83.
[66] Hobsbawm, 1985, p.15.
[67] Saítta, 2007, p.11.
[68] Kershaw, 2006, p.64.
[69] Hollander, 1998, p.xciii.
[70] *Ibidem*, p.4.

assemelhadas.[71] Brigitte Studer salienta também que os relatos de viagem à URSS constituíram uma tradição nova, específica do século XX. São relatos de viagem políticos que elaboram progressivamente o seu próprio sistema de referências, as suas regras narrativas e os seus próprios códigos.[72]

De certa maneira, os relatos aqui analisados podem ser inseridos na internacionalização das narrativas de viagem de esquerda proposta por Saítta, mas seus autores nem sempre estão vinculados às ideias de esquerda ou ao Partido Comunista. O termo "relatos de viagem de esquerda" surge por conta da enorme quantidade de viajantes comunistas ou simpatizantes ao socialismo que vão à URSS nas décadas de 1920 e 1930. Contudo, a década de 1950 já possui um variedade maior de viajantes e ideologias a visitar a URSS. Por conta disso, preferimos denominá-los como relatos de viagem aos países socialistas.

Como os viajantes eram recepcionados por organizações turísticas soviéticas, muitos deles participantes das mesmas delegações, de fato denota-se mais semelhanças do que diferenças entre os itinerários apresentados. Por exemplo: é muito difícil encontrar um relato de viagem em que os viajantes não descrevam a recepção que os esperava, ou que os mesmos não relatem suas impressões em relação à visita ao Mausoleu de Lênin ou ao Kremlin, sejam elas boas ou ruins.

Contudo, as viagens também possuíam diferenças significativas, pois poderiam ser direcionadas de acordo com interesses particulares dos viajantes. Se o viajante fosse médico, ele faria todo um circuito incluindo instalações hospitalares, de saúde e de pesquisas medicinais. Ao contrário do que Kershaw diz ao afirmar que as viajantes de sua pesquisa seguiam o mesmo itinerário, definidos pela Intourist ou VOKS — Leningrado, Moscou e áreas circundantes, e, algumas vezes, Kiev, na Ucrânia —,[73] muitas vezes o roteiro dos viajantes brasileiros incluía visita a cidades de outras repúblicas constituintes da URSS, tais como a República Socialista da Armênia, visitada por Olympio Fernandes Mello,[74] ou a visita a obras distantes, como a usina de Irkutsk, cidade da Sibéria, realizada pelo engenheiro John Cotrim.[75]

[71] Saítta, 2007, p.21.
[72] Studer, 2003, p.8.
[73] Kershaw, 2006, p.65.
[74] Mello, 1954.
[75] Cotrim, 1962.

Um dos momentos mais comuns nessas narrativas de viagem é a passagem simbólica da fronteira. A narração de cruzamento da fronteira normalmente é um dos capítulos fundacionais das narrativas de viagem à URSS, e adquirem uma nova importância com a simbologia pela passagem da "Cortina de Ferro". Os viajantes expressam as dificuldades e a quantidade de papéis que tiveram que conseguir para estarem em regra, seus temores antes de enfrentar a alfândega e comentam sobre a sensação de, finalmente, cruzar a "Cortina de Ferro". Segundo Pratt, as cenas de chegada são uma convenção em toda literatura de viagem, pois marcam o início das relações de contato e fixam os limites de sua representação. A transposição da fronteira feita pelos viajantes é literalmente um ritual de passagem entre dois mundos e dois tempos. Atravessá-la significaria estar de frente com o radicalmente diferente, não só pela questão geográfica, mas também pela questão político-ideológica:

> Chegamos à fronteira com a URSS. Levanto-me, vou à janela, procuro a "Cortina de Ferro" e vejo, no barranco ajardinado, a pomba da Paz e uma saudação aos participantes do Festival. Entra um oficial soviético e dá as boas vindas aos estrangeiros que acabam de chegar a União Soviética.[76]

Outro aspecto comum entre os relatos são as comparações e analogias com as sociedades dos próprios autores, com o intuito de descrever ou analisar cenários e costumes soviéticos, diferenciando-os dos seus próprios hábitos culturais e sociais. Muitos também comparavam o que viam ao que já sabiam sobre o regime por terem lido em outros relatos, notícias, ou livros sobre a URSS. Dificilmente um viajante chegava ao país sem estar munido de uma expectativa do que iria encontrar — e aqui está o que mais distingue essas narrativas dos relatos originários de exploração dos séculos XV e XVI. Os viajantes revelam uma determinação em observar se "o que todos estão dizendo sobre a Rússia" é verdadeiro, demonstrando consciência de que muita coisa já vinha sendo dita sobre o país.[77] Muitas vezes, inclusive, constroem discursos de resposta ao que estava sendo divulgado sobre a URSS em jornais da época.

[76] Azevedo, 1959, p.40. O livro *Cartas de dois Mundos* não traz o ano de publicação, mas de acordo com sua última parte, "Explicação necessária", as cartas foram publicadas dois anos após a viagem, isto é, em 1959. Em entrevista realizada com um de seus autores, Martha de Azevedo Pannunzio, houve a confirmação de que o livro foi publicado em 1959.

[77] Kershaw, 2006, p.65.

Há também uma preocupação dos viajantes em justificar o ato da viagem. Kershaw argumenta que normalmente há uma explicação sobre os motivos de o autor ter decidido realizar a viagem e quais são seus comprometimentos políticos ou a afirmativa da inexistência deles. Essa característica é bastante recorrente nos autores brasileiros, principalmente por conta do clima anticomunista que imperava nos órgãos oficiais, como o Itamaraty. Muitos deles inclusive relatam uma pressão da própria sociedade brasileira em julgar se o relato seria favorável ou não à URSS, como observa-se nas palavras do juiz José Campos:

> [...] si acontecesse vir a ser essa [a opinião do viajante] favorável à U.R.S.S., seríamos, de pronto, classificados como adeptos da ideologia marxista e, se contrária, nos taxariam de reacionários ou diriam, até, que estávamos a soldo do capitalismo para, visitando aquêle País, mais tarde, criticar-lhe o regime. [...] Asseveramos-lhe, ainda, que a nossa imprensa estava dividida em dois extremos inconciliáveis e o nosso pensamento, por isso mesmo, não seria interpretado fielmente. Daí porque preferíamos ficar calados.[78]

As viagens à URSS trazem uma peculiaridade em relação àquelas realizadas em períodos anteriores, no que diz respeito à forma de recepção dos viajantes. Havia uma preocupação de autoridades e órgãos soviéticos em recepcioná-los, característica que foi denominada por alguns historiadores de "técnicas de hospitalidade", algo que chegava a ultrapassar os manejos da já então formada indústria turística da época. Tais técnicas configuravam-se em medidas designadas pela União Soviética para influenciar a percepção e o julgamento de seus convidados, como o conforto do hotel em que se hospedavam, a constante presença de guias em seus passeios e o controle de locais permitidos para visitas, tentando obter o máximo de controle possível sobre as experiências dos viajantes.

As "técnicas de hospitalidade" tinham se transformado em verdadeiros "clichês" para os europeus já em meados dos anos de 1930, mas Kershaw observa que uma consciência dos viajantes a respeito de sua existência não significava que elas não surtiam efeito em suas percepções. Contudo, as escritoras de sua pesquisa problematizaram a própria veracidade de suas narrativas. Embora as viajantes analisadas por Kershaw afirmem que o valor de sua curiosidade se apresenta como um caminho em busca da verdade, também se mostravam cientes de possíveis conclusões superficiais:

[78] Campos, 1953. p.14.

> Lauret diz que é cedo para dar conclusões definitivas (12), Haldane faz observações iniciais dizendo que "não vai ver e aprender o suficiente, em apenas dois meses, para trazer qualquer coisa que não seja um relatório superficial", Curie estava consciente de que uma viajante sozinha poderia ver apenas um vislumbre da situação geral do conflito e Bosserdet concluí que "não é nem um mês, nem dois que poderá se formar uma opinião".[79]

São raros os brasileiros que apresentam uma autoavaliação de suas impressões. Ao contrário, muitos viajantes, tanto do final da década de 1928 — analisados em meu mestrado — como das décadas de 1950 e 1960, demonstram uma preocupação em exacerbar a veracidade de seus relatos, se colocando como fidedignos da "verdade" soviética, defendendo relatar impressões honestas e sinceras, que corresponderiam à realidade soviética. Segundo Studer, os prefácios dos relatos aos países de esquerda comportam quase sempre a afirmação da "veracidade do que se segue, a facticidade do que é descrito".[80]

É possível notar, porém, uma importante diferenciação entre alguns viajantes da Guerra Fria e os viajantes da época do Primeiro Plano Quinquenal Russo (1928-1932): nas décadas de 1950 e 1960, há uma menor preocupação em demonstrar uma possível imparcialidade perante o que é observado e descrito. Em praticamente todos os relatos da década de 1930, os autores procuraram passar a ideia de imparciais perante o que havia sido observado, independentemente de suas convicções políticas. Em relato publicado em 1934, Caio Prado Junior afirma que seu livro é um depoimento imparcial de tudo o que viu, e que procurou apenas ser sincero.[81] Já em seu relato publicado em 1962, *O Mundo do Socialismo*, o mesmo Caio Prado Junior assevera:

> Não me tenho por imparcial, e pelo contrário sou plenamente consciente da minha parcialidade. Mas é por isso mesmo que me sinto capaz de evitar julgamentos de valor. Não foi para "julgar" que visitei os países socialistas, e sim para analisar as soluções dadas nesses países aos problemas da revolução socialista, isto é, da transformação socialista no mundo.[82]

A inserção no mundo bipolar da Guerra Fria serviu para que muitos autores não mais se iludissem – ou tentassem iludir - com a possibilidade de construir impressões imparciais

[79] Kershaw, 2006, p.66. Relatos citados: Lauret, 1933; Haldane, 1942; Curie, 1943 e Boserdet, 1937.
[80] Studer, 2003, p. 6.
[81] Prado Junior, 1935, p.7
[82] *Idem*, 1962, p.2.

sobre a URSS. Os autores das décadas anteriores, ainda mais próximas do ano da Revolução, tinham a preocupação de assegurar sua imparcialidade como forma de distinguir e destacar as primeiras impressões sobre a URSS que chegavam ao mercado editorial brasileiro, este já imerso em uma recente luta política e propagandística entre ideias comunistas e anticomunistas. Após mais de vinte anos de tais publicações e com a divulgação de diversas obras de viagem de estrangeiros para a URSS, assumir uma imparcialidade perante o que ocorria na União Soviética seria tornar o relato incongruente com as disputas ideológicas e políticas que já haviam se firmado como plano de fundo do período, embora haja casos de viajantes que procuram buscar a "neutralidade" diante de tal disputa ideológica. Este exemplo, nos mostra, claramente, que também é possível observar distinções mesmo na escrita de relatos a um mesmo país, em um mesmo século.

A função exercida por um relato, contudo, não é definida somente por quem o escreve, mas também por quem o lê em primeira instância, pela própria sociedade do viajante. Se considerarmos o momento constante de luta política e propagandística em que se encontravam as narrativas de viagem do século XX, fica mais clara a valorização do relato testemunho para a época, uma vez que seus autores argumentavam que, diferentemente de informações de outros meios de comunicação que poderiam estar sendo deturpadas por influências partidárias, eles viram com seus próprios olhos o que ocorria na URSS. Tanto a sociedade brasileira quanto as sociedades de viajantes de outras partes do mundo eram constantemente bombardeadas por notícias a favor e contrárias ao novo sistema soviético. Isto quer dizer que, mesmo que viajantes narrassem suas observações sem grandes motivações políticas, ou procurassem construir uma imagem que não fosse totalmente favorável ou contrária à URSS, os relatos de viagem a países socialistas já nasciam com a função de ser uma arma política perante os olhos da sociedade. Por conta disso, a preocupação com o cunho ideológico dos autores e das sociedades que os cercam, seja durante a viagem, seja no Brasil, será constante nesse trabalho.

Como forma de compreender tais correntes ideológicas, seguimos os conceitos presentes na obra de Paul Ricoeur, especialmente quando discorre sobre as funções da ideologia. Ricoeur afirma que o fenômeno ideológico está ligado à necessidade, para um grupo social, de conferir uma imagem a si mesmo, de representar-se.[83] A ideologia, teria,

[83] Ricoeur, 2013, pp. 77, 78.

dentro de suas funções, a função geral de integração social, pois motiva e justifica a *práxis* social. Ela também tem um papel mediador e gerativo, pois é mais que um reflexo do grupo, é sua causa e projeto, contribuindo para justificar a necessidade da formação de empreendimentos e instituições, isto é, de ações instituídas.

Ricoeur também chama a atenção para o fato de que toda ideologia é simplificadora e esquemática, pois se sustenta como um código que precisa dar uma visão de conjunto, não somente do grupo, como também da história e do mundo. Assim, é por meio de uma imagem idealizada que o grupo representa sua própria existência.[84] Para ele, a ideologia opera atrás de nós, e não diante de nossos olhos, isto é, o código interpretativo de uma ideologia é algo mais em que os homens habitam e pensam do que uma concepção que possam expressar.[85] Nesse sentido, é a partir de suas convicções ideológicas que os viajantes pensam e refletem sobre o que observam, construindo as representações do cotidiano soviético sobre o pano de fundo das crenças e convicções políticas que lhes sustentam.

O que nos atém aos preceitos de Ricoeur é que ele trabalha a ideia de ideologia de uma maneira ampla e não necessariamente com um sentido negativo de distorção da realidade, um sentido ainda atual e que esteve presente nos primeiros conceitos elaborados por Karl Marx.[86] Ricoeur considera que a ideologia é um fenômeno insuperável da existência social, uma vez que a realidade social sempre possuiu uma constituição simbólica, comportando interpretações, em imagens e representações, dos próprios vínculos sociais. Assim, ao refletir sobre as funções dos pensamentos ideológicos na sociedade, e sobre a maneira que a própria realidade também se constitui a partir de representações, Ricoeur se aproxima das ideias de Pratt, quando esta afirma:

---

[84] *Ibidem*, p.79.

[85] *Ibidem*, p.80.

[86] Em *A Ideologia Alemã*, Marx apresenta um dos primeiros conceitos de ideologia. Para ele, a ideologia estaria presente na moral, na religião, na metafísica ou em qualquer forma de consciência correspondente que não se ativesse a uma atividade material ou à vida real. Desta forma, ele afirma que tais ideologias não teriam história nem desenvolvimento, não sendo a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. (Marx, 1999, pp. 36,37) Bottomore observa que o conceito de ideologia em Marx é negativo e restrito, negativo porque compreende uma distorção da realidade, restrito porque a relação entre ideias ideológicas e não ideológicas não pode ser interpretada como a relação geral entre erro e verdade. No século XX, contudo, o conceito de ideologia passou a adquirir novos significados para os marxistas, mais amplos, relacionados às formas de consciência social e às ideias políticas representantes dos interesses de uma classe. Ver a discussão em Bottomore, 1983, pp.183 a 186.

> Nenhum processo de explicação poderia ser mais excitante (e desconcertante) do que nossa crescente constatação de que a história é direcionada tanto pela maneira como as pessoas imaginam que as coisas são, quanto pela maneira como as coisas realmente podem ser.[87]

Contudo, se nós, como historiadores, também somos constituídos por correntes ideológicas, seria possível supor que somos capazes de realizar interpretações isentas de qualquer inclinamento ideológico? Possivelmente, não. No entanto, segundo Todorov, a existência de uma distância temporal e, por conseguinte, ideológica, entre os autores da narrativa e seu leitor/pesquisador permite que se constitua uma relação de alteridade entre ambos.[88] Para ele, a obra em questão, inclusive, só deve ser designada como pertencente ao gênero relato de viagem caso exista essa distância. Assim, a partir do nosso distanciamento temporal (e consequentemente, ideológico), constituímos as análises das narrativas aqui presentes.

Por último, não só como forma de reconhecer a principal característica em comum dos relatos de viagem desta pesquisa, mas também para identificar um elemento norteador de como abordá-los, respeitando suas possibilidades, adotamos o referencial de Todorov a respeito da principal característica de um relato de viagem para nossa expectativa contemporânea: é necessário haver um equilíbrio entre o sujeito observador e o objeto observado:

> É o que designa, a seu modo, a denominação: "relatos de viagem": relato, isto é, narração pessoal e não descrição objetiva, mas também viagem, um marco, portanto, e circunstâncias exteriores ao sujeito. Se só um dos dois ingredientes figurar, deixamos o gênero em questão para passarmos a um outro.[89]

Uma narrativa de viagem, desta maneira, deve trazer informações, observações e impressões tanto do local visitado, quanto do próprio escritor e, consequentemente, de sua sociedade, mesmo que de maneira implícita. Os relatos selecionados para esta pesquisa cumprem tais designações, mesmo que por vezes tendam mais para a narração descritiva do que para a pessoal, ou vice-versa. Sempre é possível achar elementos do sujeito observador e do objeto observado, e serão também estes elementos os investigados neste trabalho.

---

[87] Pratt, 1999. p.17.
[88] Todorov, 1999, p.21.
[89] *Ibidem*, pp. 20,21.

Relatos na historiografia brasileira: principais formas de abordagem e desafios do nosso presente

O estudo de relatos de viagem realizado por pesquisadores brasileiros encontra-se em constante ampliação, sem, contudo, estar saturado. Ainda não temos, por exemplo, uma compilação de estudos de narrativas de viagem de brasileiros que atravesse séculos, como as *The Cambridge Companion to Travel Writing* e *The Cambridge Companion to American Travel Writing*. Na verdade, a maioria dos nossos estudos concentra-se na análise de relatos de viagem de europeus que vieram ao Brasil, nos séculos XVIII e, primordialmente, no XIX, não por engano, o século da era do ouro dos relatos de viagem.

Porém, as maneiras de abordar e analisar os relatos de viagem se modificaram muito com o passar das décadas. Nos trabalhos de quatro historiadoras que analisaram relatos de viagem do século XIX, Miriam Moreira Leite, Eneida Maria Sela, Stella Maris Franco e Claudia Santos, há a chamada de atenção para o fato de que, sobretudo entre as décadas de 1930 e 1970, as narrativas de viajantes estrangeiros foram utilizadas como fontes verídicas da realidade brasileira, sem análises críticas e fora de qualquer perspectiva histórica.[90]

O não questionamento das informações e dados dos relatos permitiu que diversos preconceitos e visões do homem europeu fossem transpostos para as obras historiográficas, contribuindo para a construção de vários "mitos" da historiografia brasileira.[91] Sela comenta que as narrativas de viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil ao longo do século XIX tornaram-se critério de legitimidade para a construção de leituras sobre a escravidão empreendidas por importantes historiadores e cientistas sociais:

> Nesses casos, a apropriação dos relatos de viagem acabou evidenciando, muitas vezes, uma instrumentalização de fragmentos narrativos daquelas fontes como transparência do real. Tal procedimento ignorou a opacidade cultural, os códigos, os juízos incorporados acriticamente, no afã de demonstrar certas teses. Isso permitiu que interpretações por vezes conflitantes partilhassem da mesma convicção de serem as obras de viagem um dos mais autorizados documentos sobre

[90] Leite, 1997, p.9. Além disso, Franco observa que historiadores como João Capistrano de Abreu, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre percebiam os relatos como fontes de informações e até mesmo espaços de busca de registros mais específicos, como dados demográficos ou aspectos fisionômicos da população. Ela cita um exemplo de Capistrano de Abreu, que a partir de relatos de cientistas europeus, apresenta dados estatísticos sobre a população de Goiás e ainda formula características físicas dos paulistas. Os dados encontrados não chegavam a ser desautorizados ou questionados. Franco, 2011, p. 65.

[91] Santos, 2013, p. 19.

> a sociedade brasileira do século XIX, especialmente quanto aos significados da escravidão.[92]

Foi principalmente a partir da década de 1980 no Brasil que começaram a surgir pesquisas preocupadas em desvendar os significados das obras dos viajantes por meio de análises críticas que consideram o lugar dos autores em relação à realidade observada.[93] A mudança de abordagem coincidiu com a chegada das ideias do movimento da Nova História no Brasil, que foram tardias em relação à historiografia europeia, existindo mesmo uma confusão entre História das Mentalidades, História Cultural e Micro-história.[94] De qualquer forma, a década de 1980 foi considerada como um marco na renovação da historiografia brasileira, por motivos como a abertura política e a ampliação dos cursos de pós graduação, que permitiram a multiplicação tanto de influências teóricas e metodológicas como de pesquisas com novos temas e novos objetos.[95]

Surgiram novas preocupações, como a discussão sobre as intenções e o lugar de enunciação nacional, social ou ideológico dos viajantes. Como uma maneira de questionar a fidedignidade das fontes e o discurso até então construído pela historiografia anterior, voltou-se o foco sobre os autores das narrativas e suas visões.[96] Verifica-se ainda que houve o surgimento de uma diversidade de temas recortados no interior dos relatos, bem como uma variação dos tipos de viajantes, no que se refere à questão de gênero e de origens nacionais.[97]

As preocupações foram deslocadas para o universo cultural do próprio viajante, uma vez que suas opiniões e julgamentos apontavam mais para seu próprio âmbito cultural do que para o lugar visitado.[98] No entanto, Leite lançou apontamentos contrários a essa perspectiva e extremamente válidos para nossa pesquisa: ela defende que o viajante, por sua qualidade de estrangeiro, tem condições de perceber aspectos, contradições e incoerências da sociedade observada que o nativo, por estar inserido na sociedade e habituado ao ambiente, não consegue perceber. O viajante seria, portanto, um observador "alerta e privilegiado do grupo visitado".[99]

---

[92] Sela, 2008, p.29. Para uma pesquisa mais detalhada sobre o assunto a autora indica: GALVÃO, 2001.
[93] *Ibidem*.
[94] Montez, 2014, p.294.
[95] Santos, 2013, p.20.
[96] Franco, 2008, p.27.
[97] Exemplos de obras que seguiram essa linha: Leite, 1996; Sussekind, 2000; Lisboa, 1997 e Torrão Filho, 2010.
[98] Junqueira, 2011, p.45.
[99] Leite, 1997, p.10.

Nesse sentido, ela afirma que seu trabalho a respeito dos relatos de viagem produzidos por mulheres no século XIX, é, na verdade, um testemunho duplo, tanto da condição da mulher europeia denunciado pelo discurso das autoras, quanto da mulher brasileira que é observada. Leite, porém, ressalva que os obstáculos linguísticos, culturais e econômicos das viajantes, além de suas posturas de civilizadas perante um povo atrasado, fazem com que as observadoras tenham amostras fragmentárias da sociedade, concluindo que a literatura de viagem está longe de poder ser utilizada como fonte exclusiva para o estudo da sociedade observada.[100]

A capacidade dos relatos de viagem de alcançarem diversas dimensões do passado é inquestionável. Segundo Franco, a fonte trafega entre a materialidade da experiência e a subjetividade do olhar do viajante. Ela levanta, então, a questão crucial sobre a análise dos relatos de viagem para o historiador: eles prestam-se a mostrar mais eficazmente o cotidiano e suas práticas ou proporcionam maiores vantagens ao estudo de visões de mundo dos viajantes?[101]

A resposta estaria na percepção de que representações e práticas são âmbitos imbricados que constituem parte de um mesmo todo. A fim de exemplificar qual seria o caminho equilibrado entre a análise das convenções narrativas e das práticas sociais, Franco utiliza-se do trabalho do historiador Jaime Rodrigues, escritor do livro *De costa a costa. Escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. Embora não tenha o relato como foco principal, o autor distingue-se por confrontar diversos tipos de fontes, como correspondências, processos de apreensão dos navios, dicionários de marinharia, etc.[102]

Rodrigues afirma que os relatos de viagem permitem entrever certas práticas de bordo que, na ausência de outras fontes, seriam insondáveis. Embora o discurso possa estar permeado de preconceitos e estereótipos, ele também esconde práticas sociais, que podem ser percebidas pelo estranhamento do que está oculto no relato, isto é, através da sua "opacidade".[103] Em vez de serem encarados como verdades absolutas, os relatos devem ser vistos como possíveis pontos de partida para possíveis versões da sociedade analisada. Franco

[100] *Ibidem*, p.63.
[101] Franco, 2011, p.76.
[102] *Ibidem*, p.82.
[103] Rodrigues, 2005. p.36.

completa observando que ele não necessariamente mostraria a realidade em si, mas sim, tendências do real que disputam entre si:

> Cabe ao historiador matizar visões hegemônicas, desconstruindo os relatos, na medida em que a realidade não se resume àquilo que mostram. Para tanto, é preciso compreender por que o autor ou os autores dos relatos procederam de tal ou qual maneira e a que interesses particulares respondiam. No lugar de separar práticas, dados, informações, cotidiano, materialidade, de discurso, convenção, representação, entende que **esta última instância também é parte da realidade**, e que esta é ao mesmo tempo plural e diversa.[104]

Essa seria, portanto, a atual forma de abordagem dos relatos de viagem em nossa historiografia. Em vez de pautar-se no questionamento da fidedignidade dos relatos, os historiadores abriram terreno para uma análise de discurso que possibilita reflexões a respeito das "zonas de contatos" das viagens, hierarquias e relações de poder, sem, no entanto, deixar de lado a perspectiva de trabalho preocupada com as circunstâncias materiais das viagens, suas condições estruturais e os aspectos do cotidiano.[105] É esta a perspectiva que este trabalho com relatos de brasileiros do século XX também procura adotar, analisando-os como versões plurais da sociedade soviética, construídas a partir de impressões particulares dos viajantes, tendo como pano de fundo as correntes ideológicas em disputa.

Embora as formas de abordagem dos relatos de viagem tenham se modificado com o passar do tempo, há ainda muito o que se pesquisar. De acordo com Michael Hall, o corpo substancial da literatura de viagem sobre o Brasil foi investigado parcialmente, em parte devido à dificuldade de localização e também devido ao fato de alguns se encontrarem em línguas mais "exóticas". Afora isso, diversos relatos que aparecem em periódicos continuam sendo ignorados.[106]

Existe ainda a necessidade de que haja mais estudos sobre relatos de viagem de brasileiros, tanto para outros países quanto para outras partes do Brasil. É perceptível observar que até então o foco das pesquisas tem sido relatos de viajantes *europeus*, principalmente dos séculos XVIII e XIX. São poucos e recentes os estudos que abordam relatos

[104] Franco, 2011, p.85. Grifos meus.
[105] *Ibidem*, p.86.
[106] Hall, 2003, p.3. Para uma ideia do volume da variedade da literatura periódica, Hall sugere: Hones, 1955. Hall cita ainda diversas compilações bibliográficas de relatos de viagem ao Brasil: Chambolle, 1969. Verri, 1994; Berger, 1980; Naylor, 1969; Welch & Figueras, 1982. Tjaks, 1977; Goodman, 1983.

de viajantes oriundos de outras regiões além da Europa,[107] não existindo ainda uma catalogação de relatos de viagem produzidos por latino-americanos.[108]

Ainda há o costume de associarmos os "viajantes" aos "europeus", não nos ocorrendo englobar os latino-americanos nesta categoria, uma vez que expedições científicas e viagens europeias tiveram maior vulto do que às dos latino-americanos à Europa ou a outras partes do mundo.[109] Esta associação está em modificação, pois, ao considerarmos que as transformações nas formas de abordagem do relato indicam que a análise de discurso está ligada às próprias intenções do viajante e de seus meios sociais, pode-se aferir que o trabalho com relatos de viagem de brasileiros ganha certo privilégio em relação aos estrangeiros, uma vez que há uma maior facilidade de entrarmos em contato com a cultura e sociedade do viajante a partir de fontes mais acessíveis como documentos biográficos, livros e periódicos.

Em seu trabalho *Peregrinas de outrora: Viajantes Latino-Americanas no século XIX*, Franco analisa relatos de viagem escritos por três autoras latino-americanas, uma cubana, uma argentina e uma brasileira, que viajaram à Europa e aos Estados Unidos no século XIX. Ela faz uma importante observação: enquanto os viajantes europeus encaravam a América como um local a ser visitado, estudado, compreendido e transformado, determinando uma direção verticalizada por meio de relações desiguais de poder entre o "eu" europeu e o "outro" latino-americano, nos relatos de latino-americanos a perspectiva muda: o local observado, isto é, a Europa ou os Estados Unidos, é que são esperados como lugares de civilização. Intelectuais argentinos, como Sarmiento, por exemplo, tinham como pretensão conhecer as práticas e costumes dos povos ditos "civilizados", a fim de encontrar soluções para os problemas identificados em seus países de origem.[110] Isto é, embora a visão e expectativas de viajantes latino-americanos do século XIX sejam contrárias, elas ainda estão fundamentadas na direção verticalizada imposta pelo olhar europeu.

A nova estruturação política, econômica e social do século XX, fundamentada por eventos como a consolidação das nações e do nacionalismo dos países americanos, as consequências decorridas pelo euroimperialismo e pelas duas guerras mundiais, os avanços tecnológicos nas comunicações e transportes e o surgimento e avanço de um novo sistema

[107] Alguns estudos que trabalham com viajantes *não* europeus: Junqueira, 2008; Baggio, 2008. Franco, 2008.
[108] Nuñes *apud* Franco, 2008, p.22.
[109] *Ibidem*.
[110] *Ibidem*, p.23.

político e econômico que ameaçava a ordem econômica ocidental vigente tiveram impacto nas narrativas subsequentes.

Os relatos de brasileiros à URSS aqui estudados não se encaixam em uma direção verticalizada de relações desiguais de poder, pois dialogam com relatos de argentinos, mexicanos, estadunidenses, franceses, ingleses, espanhóis que também construíram suas versões a respeito da URSS. A partir do momento em que o Brasil se viu inserido na cultura ocidental, de forte influência norte-americana, a dicotomia colono/colonizado cedeu espaço à dicotomia capitalismo/socialismo, à dicotomia do mundo bipolar, alterando as funções dos relatos (muitas vezes consideradas apenas como propagandísticas) e as intenções de seus autores: a viagem à URSS significaria um posicionamento, um confronto ou um enaltecimento não só ao mundo soviético, como também à civilização ocidental.

Até então, as pesquisas mais conhecidas que estudam tais narrativas não adentraram muito a questão da multiplicidade das versões da União Soviética construídas pelos viajantes. O que se percebe como questões centrais são: quem eram os viajantes dentro de suas próprias sociedades, como ocorreram as viagens e em que medida elas afetaram (ou não) os discursos políticos dos viajantes. Um exemplo é Paul Hollander, cuja afirmação de que os escritos revelam muito mais sobre os autores e suas sociedades do que sobre os países ostensivamente representados, no caso, URSS, China e Cuba,[111] o leva a encarar os relatos como um alicerce para examinar conexões entre alienação e afirmação e entre convicção e descrença de intelectuais norte-americanos. As "técnicas de hospitalidade" e a própria alienação dos intelectuais, segundo ele, impossibilitariam que as representações construídas pelos viajantes a respeito da sociedade soviética tivessem qualquer sentido absoluto.

Rachel Mazuy, pesquisadora de relatos de viagem franceses de 1919 a 1939, teve como principal intenção descobrir quem partiu e por quais objetivos, tentando isolar grupos específicos em suas atitudes, a fim de compreender como se efetuou a viagem (preparação, trajeto e experiências) e em qual medida isso influenciou o itinerário político e social dos viajantes. "São por conseguinte, os próprios viajantes que interessam-nos, mais que a imagem trazida pelos viajantes. (...) Escolhemos centrar a análise nos militantes, e todas as viagens diretamente políticas."[112]

[111] Hollander, 1998, p.04.
[112] Mazuy, 2002, p.9.

No Brasil, há outro trabalho na historiografia que utiliza os relatos de viagem de brasileiros à URSS como objetos centrais de estudo. Em *Relatos de viagens à URSS em tempos de Guerra Fria: uma prática de militantes comunistas brasileiros*, Edvaldo Sotana apresenta como um dos objetivos compreender as paixões e as ações políticas de comunistas brasileiros relacionadas à prática da viagem.[113] Os relatos de viagem de não comunistas são utilizados de maneira auxiliar a análise, não sendo objetos de estudo em si. Sotana centra-se nas estratégias narrativas utilizadas pelos comunistas para representar a Revolução Russa, Lênin e Stálin. Ele justifica a escolha afirmando que tais temas poderiam demonstrar as particularidades da visão de mundo dos comunisas brasileiros, além do fato de não ser possível aos viajantes observarem essas questões durante o período da viagem, o que demonstra que são temas que foram incorporados durante a militância anterior às viagens. A delimitação possibilitaria uma distinção das narrativas de comunistas de outros relatos produzidos por simpatizantes ou anticomunistas.[114]

A presente pesquisa caminha em um sentido mais amplo e plural. Procuramos valorizar a viagem em si, na medida em que analisamos os relatos como fontes de investigação da materialidade das viagens, como os roteiros vividos e a maneira como os viajantes foram recepcionados e guiados pelas cidades soviéticas. A partir de considerações a respeito de possíveis linhas ideológicas identificadas nos viajantes e em seus discursos, também buscamos investigar as narrativas como objetos de estudo de suas representações construídas, de maneira sempre comparativa, como forma de apresentar as diversas versões da realidade sobre os cotidianos soviético e brasileiro na década de 1950 e início dos anos 60.

Em suma, a pesquisa envolvendo relatos de viagem do século XX encontra-se em um momento de aprofundamento. É necessário não só buscar os significados atribuídos à viagem pelos viajantes e por sua sociedade, considerando suas condições e limitadores materiais, como também os significados intrínsecos na forma como constroem as versões da sociedade que observam.

[113] Sotana, 2006, p.23.
[114] *Ibidem*, pp.19,20.

Capítulo II: As viagens e os viajantes

Um dia, abriu-se uma porta na Cortina de Ferro e eu, como oitocentas ou mil pessoas de todo o mundo, fui convidado a transpô-la. Havia de recusar o convite? Havia sequer de hesitar? Nem por um minuto! Aceitei-o imediatamente, como deveriam aceitá-lo todos os que não se emparedam no seu pequeno cosmos, todos os que desejam contemplar o panorama universal, todos os que entendem que é preciso conhecer para formar opinião e fundamentar julgamento.
Rubens do Amaral*, União Soviética – Inferno ou Paraíso?, 1952, p.09.*

O capítulo 2 aborda os relatos de viagem à URSS, especialmente, como fontes de pesquisa. Considerando o seu caráter autobiográfico, e, quando possível, em comparação com demais fontes, foi possível traçar as diferentes correntes ideológicas entre os grupos de viajantes. Assim, a primeira parte do capítulo preocupa-se em traçar algumas características em comum denunciadas pelas próprias narrativas que possibilitaram sua classificação. A tipologia criada para o trabalho foi o que possibilitou o seguimento da análise das narrativas, especialmente presente no capítulo 3.

Já a segunda parte do capítulo, trata essencialmente da materialidade e especificidades das viagens, haja vista que a maioria dos relatos esmiúçam detalhes sobre as expectativas anteriores às viagens, as preparações, as singularidades dos percusos, as recepções e as técnicas de hospitalidade. Para tal, utilizamos também pesquisas, fundamentadas na historiografia internacional, a respeito dos órgãos de recepção soviéticos e das chamadas técnicas de hospitalide. O estudo procura mostrar em que medida as narrativas podem contribuir para o entendimento dos mecanismos de recepção presentes na União Soviética na época da Guerra Fria, e para denunciar as continuidades e descontinuidades das técnicas de hospitalidade, já conhecidas nas narrativas da década de 1930, e ainda fortemente utilizadas no início da década de 1950.

Parte 1: Tipologia dos viajantes

Conforme observamos, a característica essencial das narrativas aqui analisadas se configura por seu caráter político, isto é, sua construção a partir de impressões a respeito de uma sociedade e de um cotidiano que passaram por enormes transformações por conta de conflitos essencialmente políticos. O próprio ato de viajar para a URSS em plena Guerra Fria também deve ser considerado como um ato político, haja vista que o Brasil não possuía relações diplomáticas com a União Soviética desde 1947.

O objetivo de se visitar a União Soviética na época da Guerra Fria era claro: conhecer o regime político socialista e suas consequências para a população soviética. Esse ponto em particular das viagens faz com que as narrativas tenham diversas similaridades em seus temas, experiências e representações. Os autores de relatos à URSS buscam escrever verdadeiros guias abordando diversos aspectos da sociedade soviética, como política, economia, saúde, educação, trabalho, cultura, lazer, etc. Ao contrário dos guias de viagem contemporâneos do século XXI, que trazem descrições de hotéis e restaurantes, os melhores pontos turísticos, históricos ou de lazer de uma cidade ou país, os viajantes da década de 1950 estavam interessados na visita a hospitais, escolas, fábricas, tribunais e até mesmo cartórios e tribunais soviéticos.

Os relatos apresentam diferenças em relação ao formato: podem ser escritos de maneira cronológica, temática, por localidades visitadas ou são formados por uma compilação de cartas escritas durante a viagem. No caso das obras aqui analisadas, o formato mais frequente é o cronológico, escrito de acordo com o andamento da viagem. Normalmente, tais narrativas se pautam em anotações de viagem datadas, como no caso de *Viagens*, de Graciliano Ramos. Os relatos temáticos, isto é, livros que dividem as descobertas da viagem por assuntos como: “A Educação”, “A Saúde Soviética”, “A Cultura”, embora em menor quantidade, são também bastante comuns. Já os relatos formados por compilação de cartas são apenas dois: *25 dias na URSS* de Olympio Mello e *Cartas de dois mundos*, uma compilação de cartas escritas por quatro irmãos, os Irmãos Freitas Azevedo (José Olympio, Mário Augusto, Martha e Afrânio Marciliano).

Também faz parte do nosso conjunto de relatos o livro *Atravessando as fronteiras da URSS: entrevistas,* que se apresenta como uma compilação de depoimentos colhidos pelo Departamento de Propaganda da Federação de Mulheres do Brasil, com dezesseis mulheres

que viajaram à URSS entre os anos de 1949 e 1953. Parte das entrevistadas são familiares de viajantes de outros relatos aqui estudados, como Edi Duarte Pereira e Heloísa Helena Duarte Pereira, esposa e filha de Osny Duarte Pereira; Heloísa Ramos, esposa de Graciliano Ramos e Zélia Amado, esposa de Jorge Amado. A partir disso, essa pesquisa abrange um montante de 33 relatos para 54 autores, uma vez que há alguns livros com mais de um autor, como por exemplo, no caso de *Operários paulistas na União Soviética,* escrito por cinco trabalhadores de grupos operários diversos: os metalúrgicos Constantino Stoiano, José Pedro Pinto e João Sanches; o tecelão Antônio Chamorro e o portuário Lázaro Moreira; e *Médicos brasileiros na U.R.S.S*, escrito pelos médicos Milton Lobato e Reinaldo Machado.

Para possibilitar o estudo e análise desta diversificada compilação, foi necessário traçarmos uma tipologia dos viajantes e de seus relatos, isto é, dividi-los em grupos como forma de aproximar narrativas com discursos mais semelhantes e distinguir as principais diferenças com os demais. Em um estudo com 27 relatos de viagem de franceses que vieram ao Brasil na época do processo abolicionista brasileiro (1850-1899), Claudia Santos construiu uma classificação para compor sua tipologia considerando os seguintes eixos: objetivos da viagem, tempo de permanência no país e em cada lugar visitado e vínculos pessoais e profissionais no país. A partir de tais critérios, ela identificou e definiu cinco tipos de viagem: a viagem turística, a viagem artística, a viagem de negócios, a viagem jornalística e a viagem de investigação.[115] Santos classificou as narrativas dos viajantes conforme suas intenções de viagem, e ressaltou que tais agrupamentos permitiram-na explorar melhor os vínculos entre as viagens e as apreciações dos viajantes, além das comparações e sínteses que se tornaram possíveis de ser realizadas.

Não seria, porém, conveniente ao nosso trabalho utilizar esses mesmos critérios para a classificação de uma tipologia. Afinal, cada época e cada destino apresentam suas especificidades e particularidades. No caso das viagens à URSS na época da Guerra Fria, o objetivo final é praticamente o mesmo: conhecer e explorar o mundo e o cotidiano socialista. Além disso, a quantidade e variedade de autores dificulta que esta tipologia seja classificada a partir de características pessoais dos viajantes, como vínculos pessoais ou profissionais.

Dessa forma, considerando que a principal característica dos relatos aqui estudados é o seu caráter político-ideológico, acreditamos que a metodologia mais adequada para

[115] Santos, 2013, p.23.

classificá-los seja a partir das diferenças político-ideológicas de seus autores em relação à URSS. Elas estão, na maioria das vezes, explícitas nos relatos mais propagandísticos e favoráveis ao socialismo soviético (relatos de comunistas e de simpatizantes à URSS) e nos relatos críticos e antipropagandísticos ao socialismo e favoráveis às sociedades liberais (relatos de anticomunistas). Uma parte, contudo, e ao contrário do que a imagem da época da Guerra Fria pode nos fazer prejulgar, são narrativas de viajantes que não procuram assumir explicitamente um lado, elencando tanto críticas como elogios à sociedade soviética.

Sendo assim, optamos por traçar uma tipologia que parte, a princípio, da ideologia política dos autores. Essa tipologia, contudo, não tem o intuito de restringir e delimitar as possibilidades de análise de cada um dos grupos. Os limites dela são tênues e flexíveis, uma vez que ela é pautada pela ideologia transposta pelo autor, isto é, um conceito subjetivo que muitas vezes pode mudar de acordo com o ponto de vista adotado. Por exemplo: dentro do grupo de simpatizantes à URSS temos viajantes que, embora não filiados ao partido comunista, eram militantes pela causa socialista. Da mesma maneira, podemos ter nesse mesmo grupo um simpatizante que fica surpreendido positivamente pelo o que observa no país da União Soviética, mas não apresenta qualquer aprofundamento ou interesse no conceito político de socialismo.

Para essa classificação, procuramos investigar a ideologia política do autor anterior ao ato da viagem, com o intuito de observar como sua ideologia pode ter afetado (ou não) a construção das representações que elaborou sobre a União Soviética. No entanto, não é sempre que os autores se posicionavam explicitamente sobre um partido político ou sobre sua ideologia. Nos casos em que não encontramos informações suficientes para essa delimitação, a própria análise dos discursos que formam os relatos permitiu a classificação. É importante ressaltar que essa tipologia foi questionada e construída no decorrer da construção das análises da tese, o que denota o seu caráter fluido e subjetivo, sem impedir que outras formas de agrupamentos ou análises sejam elaboradas.

Para se ter um exemplo de como é possível identificar correntes ideológicas por meio da análise do discurso das narrativas , observemos o relato de um viajante a respeito de sua saída dos territórios da União Soviética, após enfrentar problemas com a alfândega e cruzar as fronteiras com a Finlândia:

> [...] quando saímos de uma e entramos em outra e baixou a cancela da Finlândia, sinal de que já nos encontrávamos em território dêste país, houve uma explosão geral de gritos, clamores, vivas e morras ao mesmo tempo, porque éramos vinte e duas bôcas a gritar como se estivéssemos sufocados e recobrássemos, naquele instante, o ar, a respiração, a vida! **Vivas à Finlândia, morras à Rússia!!!** No auge da alegria, como bom brasileiro, **mandei um cacho de bananas aos soviéticos,** naquele nosso gesto que o leitor tão bem conhece e tantas vêzes também praticou [...] Estávamos em terras livres, estávamos restituídos à liberdade em um dos países mais altivos do mundo, **a Finlândia, que não teve medo do colosso moscovita, declarando-lhe guerra há anos atrás**. Que diferença! Restaurante, bar, café, doces e até coca-cola, a bebeida mais "detestada" em Moscou, e, justamente por isto, adquirida de três a quatro garrafas, que bebíamos, olhando acintosamente para os russos que ainda nos miravam do outro lado da fronteira.[116]

O autor é o professor Silveira Bueno. Percebe-se sua enorme felicidade em sair das terras soviéticas. A alegria, porém, poderia ser por conta do enorme tempo dispendido na alfândega, oito horas entre fiscalizações e mau tratamento. No entanto, seu discurso apresenta detalhes importantes: o autor se posiciona a respeito da guerra soviético-finlandesa de novembro de 1939, quando a URSS invadiu a Finlândia. Os finlandeses resistiram e ao final cederam apenas parte de seu território e de sua capacidade industrial aos soviéticos, mas Bueno declara sua admiração à Finlândia, o que já nos remete à possibilidade de uma ideologia anterior à sua viagem. As exaltações abertamente contra a URSS, e alegria em ostentar a bebida tradicional estadunidense aos olhos soviéticos são também detalhes essenciais para sua classificação. Agora, junta-se a isso diversos trechos com o mesmo cunho de horror à União Soviética presentes em sua narrativa, e temos a possibilidade da certeza de classificá-lo como de ideologia anticomunista.

Assim, apresentamos quatro grupos de viajantes, cujas limitações, é bom lembrar, podem ser perenes: viajantes comunistas (todos os viajantes que possuíam algum vínculo orgânico ou ideológico com o PCB) viajantes anticomunistas (aqueles que apresentam de maneira ostensiva ideias contrárias e de repúdio tanto à União Soviética quanto aos ideais socialistas), viajantes simpatizantes à URSS (viajantes que não possuíam qualquer vínculo com o PCB, mas que, mesmo assim, se mostraram bastante favoráveis à URSS) e viajantes "não definidos", isto é, aqueles que se esforçaram por não assumir lados na luta propagandística

[116] Silveira Bueno, 1961, p.175. Grifos meus.

entre socialismo e capitalismo — o que não significa que não carregassem ideologias que também os influenciaram em suas observações.

A seguir, são expostas as características mais presentes de cada grupo e os encontros e distanciamentos entre eles. Como trabalhamos com cinquenta e quatro autores, ao final da pesquisa, no **anexo 2**, há uma tabela com os dados essenciais das obras e das viagens (ano da viagem, meio de chegada à URSS, duração da viagem, delegação e/ou instituição responsável pela viagem, etc), que permite visualizar de maneira rápida (por cores) como cada relato/viajante foi classificado. Como forma de apresentar, de maneira sucinta, detalhes mais particulares dos relatos e de seus autores, no **anexo 3** apresentamos as sinopses dos relatos de viagem.

Os viajantes comunistas

Ao estudar relatos de autores franceses que foram à URSS entre os anos de 1919 e 1939, Rachel Mazuy chegou à conclusão de que viajantes comunistas e aqueles adeptos da ideologia socialista buscavam o que os soviéticos estavam dispostos a oferecer: a afirmação de sua ideologia e o reforço de sua fidelidade partidária.[117] Os relatos de viajantes comunistas são os mais favoráveis ao socialismo e às suas consequências na sociedade soviética. Dentre os viajantes escritores e jornalistas filiados ao PCB – Partido Comunista do Brasil – temos: Afonso Schmidt (teve como companheiro de viagem Marques Rebêlo, viajante considerado de ideologia não definida), Caio Prado Junior, Eneida Costa de Moraes, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Victorio Martorelli e Zuleika Alambert.

Embora não fizessem parte diretamente do PCB, adicionamos também como comunistas os jovens irmãos Freitas Azevedo (José Olympio, Afrânio Marciliano, Mário Augusto e Martha – todos na faixa etária entre 18 a 21 anos), responsáveis pelo livro *Cartas de dois Mundos* (1959). Tivemos a possibilidade de entrevistar Martha de Azevedo Pannunzio (sobrenome Pannunzio foi adquirido em seu casamento), que informou que seus irmãos fizeram parte da União da Juventude Comunista (UJC), e o pai deles, o fazendeiro Afrânio Francisco de Azevedo e deputado estadual em Goiânia pelo PCB no período da Constituinte,

[117] Mazuy, 2002, p.285.

foi responsável por custear a viagem de um camponês ligado ao PCB de Goiás e um operário de Belo Horizonte da construção civil para o Festival da Juventude em Moscou em 1957. Em troca do custeio, o pai insistiu e conseguiu que seus filhos quatro filhos mais velhos fossem aceitos também na viagem. Os três filhos homens se formaram em Medicina, e Martha se formou em Letras, atuando como professora por 32 anos. Martha também é escritora e palestrante, e mora em uma das fazendas de seu pai nos arredores de Uberlândia, onde a entrevista foi realizada. O livro é formado por cartas escritas pelos quatro filhos durante a viagem, que foram recolhidas para a publicação. Martha ressaltou ainda que se identificava muito com o ideário de seu pai, e que se proclamava comunista na época da viagem. Seu pai, autor do prefácio do livro, foi importante para a "marcha para o Oeste" em Goiás, sendo muito reconhecido no meio agropecuário, além de possuir de berço uma formação kardecista, conciliando as ideias marxistas com o espiritismo, algo que pode ser sentido nas ideias iniciais do prefácio.[118]

Nesse grupo, também se encontram os profissionais sindicalizados: o bancário Olympio Fernandes Mello, autor de *25 dias na URSS*, o marinheiro Humberto Campelo, autor de *Um marítimo brasileiro na União Soviética* que viajou na mesma delegação dos operários Constantino Stoiano (metalúrgico), Antônio Chamorro (tecelão), José Pedro Pinto (metalúrgico), João Sanches[119] (metalúrgico) e Lázaro Moreira (portuário de Santos), autores de *Operários paulistas na União Soviética*, também comunistas. O instituto que os recepcionou era diferente dos demais: todos eles foram convidados diretamente pelo Conselho Central dos Sindicatos da URSS com o principal intuito de assistir às comemorações do 1º de maio.

O convite para se visitar a URSS é a primeira característica comum do grupo: assim como o grupo de operários exposto acima e Victorio Martorelli, que após ser um dos delegados brasileiros no IV Congresso Sindical Mundial no segundo semestre de 1957, realizado em Leipzig, na Alemanha, foi também convidado pela Central Sindical da URSS a

[118] Entrevista com Martha Pannunzio, realizada em 5/09/2017.

[119] É possível que haja uma confusão entre o autor João Sanches (metalúrgico) com João Sanches Segura, tecelão e deputado estadual pelo PCB no Estado de São Paulo, cassado em janeiro de 1948. Contudo, foi encontrado um prontuário de João Sanches no DOPES/SP, de poucas páginas, com dados que destoam de João Sanches Segura, como por exemplo, seu local e data de nascimento (João Sanches nasceu em São Paulo em 18 de novembro de 1924, enquanto que João Sanches Segura nasceu em Sorocaba em 20 de dezembro de 1916). Para mais informações sobre os viajantes, consultar o Anexo 3 – Sinopses.

visitar o país, com a exceção de Caio Prado Junior, que não expõe muitos detalhes da viagem,[120] todos os outros autores informam que também viajaram a convite de algum órgão político da União Soviética: Zuleika Alambert, convidada pelo Comitê Antifascista da Juventude Soviética entre os anos de 1952 ou 1953; Jorge Amado, convidado pela União dos Escritores Soviéticos; Graciliano Ramos, assim como os operários, também convidado pelo governo soviético para assistir às comemorações do 1º de maio de 1952; Afonso Schmidt, convidado a participar da União dos Escritores Soviéticos em 1954; Eneida de Moraes, convidada para o III Congresso dos Escritores da URSS, realizado em maio de 1959 e, como vimos, os irmãos Freitas Azevedo, enviados para participar do Festival da Juventude Soviética de 1957.

Ao contrário dos outros viajantes que normalmente saíam do Brasil para participar de eventos ou congressos em algum país próximo da URSS, para de lá receberem o convite para a visita ao país (com a exceção de Schmidt, que recebeu o convite em Estocolmo, quando assistia ao Conselho Mundial da Paz), os comunistas já saíam do Brasil com a certeza e o intuito de visitar a União Soviética. As facilidades para o desenrolar da viagem por parte do governo soviético eram maiores, uma vez que outro detalhe que os distingue é a maior duração da viagem em território soviético. A maior parte deles permanece na URSS por volta de um mês ou mais,[121] ao contrário de outros grupos que têm o tempo de duração da viagem menor do que um mês ou sequer chegam a informar o tempo de permanência no país.

Por serem comunistas, é interessante observar em tais relatos uma preocupação inicial em informar o leitor sobre a maneira como irão descrever a União Soviética. Graciliano Ramos sente uma necessidade em deixar claro que ninguém lhe "encomendou a tarefa" de escrever o relato: "Os homens com quem me entendi apenas revelaram o desejo de que as minhas observações ali fossem narradas honestamente, em conversas. Infelizmente não sei conversar, e na verdade observei pouco, em tempo escasso."[122] Martorelli, que viaja na

[120] Apesar disso, é possível investigar a viagem de Caio Prado Junior por meio de suas cartas e de sua esposa, Helena Nioac, trocadas entre amigos e ao filho, Caio Graco. Um ano antes de sua viagem, em setembro de 1959, Caio Prado recebeu uma carta de Jacob Bazarian, que se encontrava em Moscou, afirmando que os turistas que almejavam visitar a URSS precisavam comprar um "tour" de pelo menos uma semana, mas que, uma vez na União Soviética, poderia ser arranjada a prolongação de sua estadia por uns 10 dias, com as despesas todas corridas por conta de uma organização oficial soviética, como o Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS, a VOKS, etc. Pericás, 2016, p.171.

[121] Caio Prado não informa o tempo de duração de sua viagem pela União Soviética, e para a China, mas ela possivelmente ocorreu entre julho e agosto de 1960, com permanência de um mês na URSS. Pericás, 2016, p.169.

[122] Ramos, 1954, p.9.

qualidade de jornalista, busca ser mais enfático em sua imparcialidade, apresentando, já no início de seu livro, uma parte chamada "Aviso Indispensável":

> Queremos, todavia, ressaltar que quando pisamos o solo soviético, nos revestimos de uma grande dose de imparcialidade, de verdadeiro rigor para nós mesmos, a fim de evitar que o entusiasmo, a alegria, nos obumbrassem a vista e assim não pudéssemos ver a realidade. O que se vai ler em seguida é o trabalho de um profissional de imprensa que é também comunista. Mas, o comunista jamais se serviria da sua profissão de jornalista para impingir inverdades. Êste, o aviso indispensável que desejamos fazer."[123]

Ao contrário de Ramos e Martorelli, Jorge Amado e Zuleika Alambert deixam transparecer que seus relatos são elementos combativos à propaganda anticomunista e antissoviética, apresentando discursos bastante semelhantes. Amado, embora afirme que seu relato são "simples notas de viagem, despretensiosas", afirma logo em seguida:

> Escrevi estas páginas pensando no meu povo brasileiro, sôbre o qual uma imprensa reacionária e vendida ao imperialismo ianque vomita, quotidianamente, infâmias e calúnias sobre a URSS e as democracias populares. [...] Escrevendo este livro [...] pretendi colaborar para o restabelecimento da verdade e para mostrar como o trabalho construtivo da URSS e das democracias populares interessa ao mundo inteiro, é fator essencial na defesa da paz.[124]

Com a mesma determinação, Alambert informa o objetivo de seu relato:

> Mas o importante é contar o que vimos, falar da URSS, esmagar com os fatos as calúnias grosseiras do imperialismo ianque e seus porta-vozes, que mobilizam tôda a odiosa máquina de propaganda para tentar inutilmente ocultar a verdade sôbre a maravilhosa realidade do País Soviético, e assim enganar as massas para envolvê-las, em suas criminosas aventuras. Penso que esse é o dever de todos os que têm a ventura de visitar o grande país de Lênin e Stálin, o baluarte invencível de paz e da felicidade dos povos.[125]

Jorge Amado e Zuleika Alambert são autores dos relatos mais propagandísticos e favoráveis à União Soviética. Ambos permanecem, ao longo da narrativa, encantados com as conquistas e glórias soviéticas. Jorge Amado era um escritor extremamente reconhecido na União Soviética, tendo diversas de suas obras já traduzidas para o russo no início da década

[123] Martorelli, 1958, p.3.
[124] Amado, 1951, p.9.
[125] Alambert, 1953, p.6.

de 1950. Vários viajantes observam encontrar as obras de Amado em livrarias e bibliotecas soviéticas. O comunista Afonso Schmidt relata que, ao assistir a um espetáculo de circo em Moscou, um dos números mais aplaudidos havia sido o de uma jovem que, no meio da arena, pedia aos expectadores um nome de escritor, para ela recitar uma página. De maneira surpreendente, diversas pessoas passaram a gritar o nome de Jorge Amado. Assim, fêz-se silêncio para a artista declar o "Hino à Paz", de Jorge Amado. Possivelmente Amado se encontrava na plateia, já que também fazia parte da delegação de Schmidt.[126] Também o escritor Marques Rebêlo, embora não concordasse com as ideias de Amado a respeito da defesa do movimento do realismo socialista, relata um diálogo que travou com sua intérprete Ítica, em Praga, que lhe afirmou que, quando se falava em Brasil no estrangeiro, falava-se sempre em Jorge Amado, cujas obras teriam edições em diversas línguas:

> — Gosta do Jorge? – me pergunta.
>
> — Somos velhos amigos e quase tão velhos inimigos literários. Uma questão não invalida a outra. Agora mesmo estivemos juntos como nunca num Conselho de Paz. Breve nos reveremos na Rússia, separados como nunca, num Congresso de Escritores**.** E devo à sua amizade e prestígio o magnífico passeio que hoje faço. E tenho a confessar-lhe uma coisa, dona Itika: que no Brasil difícilmente se compreende, ou se admite, que as cinco grandes potências do momento sejam os Estados Unidos, a Rússia, a China, a Inglaterra e o Jorge Amado – o que para alguns colegas nacionais é um desgraçado desespero.[127]

Assim, como veremos em outras passagens, Jorge Amado era uma referência para a ida dos demais viajantes à URSS. Também tem caráter algo propagandístico o relato de Caio Prado Junior, mas de uma maneira ensaística: seu discurso é mais teórico e reflexivo. Contudo, isso não chega a desclassificá-lo como relato de viagem, uma vez que o próprio autor afirma que seu livro "não tem mais pretensões que refletir impressões e conclusões de um viajante."[128]

O Mundo do Socialismo segue, na verdade, a mesma linha do primeiro relato de viagem de Caio Prado publicado em 1934, *U.R.S.S., Um Novo Mundo*, no qual há uma ênfase na explicação teórica da organização política, econômica, social e das realizações da URSS em detrimento de uma suposta descrição das experiências do autor. Seus relatos ausentam-se de

[126] Schmidt, 1956, p.157.
[127] Rebêlo, 1956, p. 77.
[128] Prado Junior, 1967, p.1.

narrar atrativos importantes da viagem, como a visita ao Mausoleu de Lênin, descrita praticamente em todos os relatos pesquisados.

Caio Prado explicita que já viaja com a concepção formada de que o socialismo é a evolução natural do capitalismo, esclarecendo que é plenamente consciente de sua parcialidade, o que, segundo ele, lhe dá a capacidade de evitar julgamentos de valor.[129] Isto é, Caio Prado tenta convencer seus leitores de que esta capacidade existe justamente porque, ao contrário de outros viajantes, ele não estava lá para julgar, e sim apenas para verificar as soluções dadas pela URSS aos problemas surgidos da revolução socialista.

De maneira interessante, Caio Prado procura jogar a questão da imparcialidade para a responsabilidade do leitor, ao defender que o condicionamento do leitor *a priori* da leitura é prejudicial à compreensão do que o autor pretende dizer, chegando mesmo a solicitar: "eu pediria a esse leitor um crédito de confiança, no sentido de suspender, provisòriamente, pelo menos, qualquer juízo, e aguardar a análise que pretendo efetuar antes de tirar suas conclusões".[130]

Os viajantes deste grupo, portanto, parecem carregar um certo receio de que sua posição político-ideológica comunista pudesse desacreditar suas observações, e por isso se esforçam para demonstrar que suas impressões são válidas de se ler. Assim, indicar uma capacidade de elaborar descrições "sem julgamentos de valor" seria uma forma de compensar o fato de terem vínculo com o Partido Comunista.

Apesar disso, esse grupo é o que mais se deixa influenciar pelas estatísticas que os guias soviéticos fornecem, muitas vezes expondo em seus relatos os dados recebidos, como valor de salários diversos, número de estudantes matriculados nas escolas, quantidades de produção de alimentos nos kolkhozes, sem apresentar desconfianças às informações recebidas. A maioria dos relatos traz informações detalhadas sobre os benefícios dos trabalhadores. João Sanches, operário, descreve com detalhes a situação dos metalúrgicos soviéticos:

> Os metalúrgicos soviéticos se dividem em 12 categorias. O salário se compõe de uma parte fixa, outra relativa a prêmios. A parte fixa aumenta progressivamente, segundo o tempo de serviço. Ao completar-se o primeiro ano, o salário tem um acréscimo de 10%; três anos, 15%; cinco anos 20%; [...]. Os salários

[129] Prado Junior, 1962, p.2.
[130] *Ibidem*.

> das 12 categorias, inclusive os prêmios, variam de 1800 a 3500 rublos. Os engenheiros tem 3000 rublos fixos [...] Trabalhadores sem ofício, como os de limpeza e outros misteres semelhantes, têm o salário fixo de 800 rublos ou sejam cêrca de 3600 cruzeiros. [...] Aos 50 anos, seja qual for o tempo de serviço, o operário tem direito à aposentadorias com 50% do salário. Os homens com 25 anos de serviço na metalurgia e as mulheres com 20 anos de serviço se aposentam com salário integral. A idade mínima para trabalhar nessa empresa é a de 18 anos.[131]

Humberto Campelo também indica de maneira detalhada em seu relato as diferenciações de salários entre trabalhadores marítimos, tais como marinheiros (450 rublos), foguistas (600 rublos), maquinistas (1300 rublos) e comandantes (1350 rublos).[132] Afirma ainda que o estado soviético dispensa a esses trabalhadores os maiores cuidados, informando que em caso de acidentes de trabalho que acarretem invalidez, tais trabalhadores recebem 100% do salário e que as famílias têm benefícios como seguro-doença, além de meios para tratamento de saúde, estudo, diversão e repouso.

Outro dado muito divulgado pelos viajantes é a possibilidade do direito à educação pública e obrigatória na URSS, principalmente pela evidência de que o analfabetismo havia sido extinto e pelo grande número de escolas e de estabelecimentos de educação superior a que os soviéticos têm acesso:

> A percentagem de analfabetos na Rússia, antes da Revolução, era de mais de 60%. *Hoje, segundo as estatísticas afirmam, e pelo que podemos constatar, não existe na União Soviética um único analfabeto*. Mas não é apenas isso. Na União Soviética é obrigatório, gratuito e assegurado a todos o curso de 7 anos de estudo, que corresponde a 5 anos do curso primário e 5 do secundário (ginasial) propriamente dito.[133]

Novamente, o que podemos verificar nesse trecho destacado acima é a segurança que o viajante Olympio Mello - tendo permanecido vinte e cinco dias na URSS - apresenta ao confiar no dado de que não há mais analfabetos na URSS. Além disso, o que normalmente se percebe nos relatos de viajantes comunistas e simpatizantes é que o intuito da descrição de tantos dados, talvez fictícios, mas sempre positivos, é realizar o contraste com a realidade da sociedade brasileira da época.

[131] Stoiano *et alii*, 1952, p.47.
[132] Campelo, 1952, p.27.
[133] Mello, 1954, p.75. Grifos meus.

Viajantes comunistas (e também os simpatizantes) admiram e confiam no trabalho de seus guias soviéticos, dos quais extraem as informações apresentadas em suas narrativas, sem maiores questionamentos ou desconfianças às informações recebidas. É visível a dificuldade de utilizarmos os relatos de viagem como fontes verídicas de dados e estatísticas específicas a respeito da URSS. É válido observar que tais viajantes encontravam-se nas décadas de 1950 e 1960, mesma época em que historiadores – como o próprio comunista Caio Prado Junior – utilizavam-se de informações de relatos de viagem dos séculos XVII ao XIX -, como fontes verídicas para construir a história do Brasil. Não havia, portanto, uma preocupação nítida em investigar quem apontava tais dados e com quais intenções, mas sim, ao menos nesses grupos, a satisfação em observar que as informações obtidas casavam-se com as expectativas construídas sobre o mundo soviético.

Embora tenham diversas características em comum, há distinções entre os comunistas. O relato de Graciliano Ramos distingue-se dos demais por ser uma narrativa mais crítica à URSS, com diversas desconfianças em relação à hospitalidade exacerbada oferecida pelos soviéticos. Com tom de diário pessoal, sua narrativa nos passa a impressão de um autor desconfiado, mas ao mesmo tempo esperançoso com os rumos futuros da sociedade soviética.

Diferentemente de Jorge Amado, militante fiel ao PCB e à URSS, Ramos adota uma posição de aversão ao realismo socialista.[134] Nas diversas reuniões entre escritores e líderes do PCB feitas a respeito das teses de Zhdanov, responsável pelos fundamentos do realismo socialista, Graciliano chegou a questionar "as enormidades que se queriam transformar em dogmas para escritores".[135] Não obstante, procurou preservar a sua independência intelectual afirmando a Sinval Palmeira, membro do PCB, que se tivesse que submeter seus livros à censura, preferiria deixar de escrever.[136] A vontade de Graciliano Ramos foi mantida, pois, após sua morte, em 1953, sua família assumiu a iniciativa de publicar seu relato, *Viagem*, mesmo tendo o PCB decidido por vetar a publicação.[137]

[134] Realismo socialista foi o estilo artístico favorecido oficialmente pelo Partido Comunista na URSS, especialmente entre as décadas de 1930 e 1960, com o intuito de utilizar a literatura e a arte como instrumento político didático favorável ao socialismo.
[135] Moraes, 1993, p. 273.
[136] *Ibidem*, p.276.
[137] *Ibidem*, p.311.

Desta maneira, as impressões de Graciliano Ramos servem para mostrar que não necessariamente um relato de um comunista à URSS era encarado com bons olhos pelo partido, e que um relato comunista pode sim, em alguns momentos, trazer críticas à URSS, mesmo que de maneira implícita.

Os viajantes simpatizantes à URSS

Formado pela maioria dos viajantes — ao todo 23 autores para 8 relatos — esse grupo reúne os chamados simpatizantes à URSS, especialmente por conta de seus relatos serem bastante favoráveis ao que observam no cotidiano soviético. Diferentemente de comunistas como Caio Prado e Jorge Amado, os simpatizantes não estão muito preocupados em apontar o que seria a teoria socialista aplicada na prática, mas sim, descrever os pontos positivos observados no cotidiano, especialmente aqueles que mais se destoam da realidade brasileira.

Por ser o grupo mais amplo, é o mais diversificado, onde encontramos médicos como Raul Ribeiro da Silva, Milton Lobato e Reinaldo Machado; educadores como Branca Fialho e Paschoal Lemme, jornalistas e escritores, como José Edmar Morel, Jurema Finamour e Josué Guimarães, este último também político, tendo sido chefe de gabinete de João Goulart na Secretaria da Justiça do Rio Grande do Sul.

Dentro do grupo de simpatizantes à URSS, adicionamos também um subgrupo, formado pelas dezesseis mulheres entrevistadas pelo departamento de Propaganda da Federação de Mulheres do Brasil, cujo trabalho pode ser encontrado no livro *Atravessando as Fronteiras da U.R.S.S. (Entrevistas).* Embora o livro fuja do padrão e de algumas características dos relatos de viagem (é formado por entrevistas mais sucintas do que a narrativa de um relato, além de não ser diretamente escrito pelas viajantes, mas sim pela pessoa que as entrevista),[138] ele foi mantido como objeto de estudo por dialogar diretamente com os temas explorados nas narrativas dos viajantes e por permitir um espaço maior para as opiniões e impressões do gênero feminino, que ainda aparecem como minoria no período estudado. Ademais, todas as entrevistadas estiveram na URSS e relataram um pouco de suas viagens, o que basta para que o livro possa ser classificado também como um relato de viagem.

[138] A exceção é da entrevista de Nair Baptista que é montada a partir de uma seleção de trechos de capítulos de seu relato de viagem, na época ainda a ser publicado. O relato original não foi encontrado. Federação das Mulheres do Brasil, 1954, p.130.

A classificação de tais autoras como simpatizantes se deve à opinião favorável e elogiosa em relação à sociedade soviética e ao seu contínuo desenvolvimento em todos os depoimentos, deixando, contudo, de abordar linhas políticas vinculadas ao socialismo e ao comunismo. Há, no entanto, duas autoras que foram diretamente ligadas ao Partido Comunista: Elisa Branco Batista e Zélia Amado. Para esta classificação, optamos por não separá-las das demais mulheres entrevistadas, pelo fato de suas entrevistas não serem distintas das demais. Mesmo o relato tendo sido publicado pela Editora Vitória, editora representante do PCB, nota-se em toda sua leitura o ideal de um discurso mais brando sobre a União Soviética, pautado especialmente na possibilidade de coexistência entre os povos, e não no embate entre os mundos socialista e capitalista. Tais exceções servem para demonstrar a linha perene de uma classificação que serve mais para possibilitar a reflexão das análises dos discursos do que para limitar as permeabilidades possíveis entre os grupos existentes.

O conjunto de entrevistas foi montado com a intenção de combater os exageros da propaganda anti-soviética e belicista, que cada vez se tornavam mais recorrentes após o início da Guerra Fria, em 1948, e a guerra da Coreia (1950-1953). No prefácio, Branca Fialho deixa claro que um dos pontos mais importantes da Federação das Mulheres do Brasil é a luta pela paz. Assim, ao final de cada entrevista, sem exceção, há a afirmação de que o povo soviético desejava apenas a paz, e que não havia nenhum fator percebido pelas visitantes que levavam a acreditar que a URSS estivesse se armando para mais uma guerra.

A maneira como as entrevistadas são apresentadas nessa compilação é interessante. Não sabemos se as entrevistas foram realizadas e escritas por apenas uma pessoa, mas a partir da descrição de cada uma das viajantes, percebemos que, dependendo de seus objetivos na viagem, elas são descritas de formas diferentes. Por exemplo: para aquelas que são apresentadas como acompanhantes de seus maridos nas viagens, não há muitos detalhes sobre sua vida profissional ou política, enquanto que para as outras, há.

Como uma forma de observarmos tais diferenciações, apresentamos três tipos de descrições encontradas, especificamente sobre as viajantes, sendo que elas se limitam, propositalmente, às informações dispostas no livro:

1. As apresentadas como acompanhantes/esposas de outros viajantes:

- **Virgínia Modesto de Souza:** esposa do sr. João Modesto de Souza, prefeito de Alegrete (Rio Grande do Sil), era católica praticante.
- **Olga Rechulski:** esposa de um dos integrantes da Conferência Econômica de Moscou de 1952 (o nome do marido não é exposto). Paulista, filha de judeus, tinha 27 anos quando viajou. Se diz não comunista.
- **Heloísa Helena Duarte Pereira:** filha do juiz Osny Duarte Pereira (também é um dos autores analisados e considerado de ideologia não definida) e de Edi Duarte Pereira. Possuía apenas 13 anos quando viajou para a URSS. Foi entrevistada dois anos após a viagem.
- **Edi Duarte Pereira:** esposa do Juiz Osny Duarte Pereira e mãe de Heloísa Helena. Era ex-professora, dona de casa, mãe de 3 filhos e tinha 38 anos ao viajar para a URSS. Nasceu na cidade de Irati, no Estado do Paraná.
- **Cristine Rose Marie**: nasceu em Paris, veio para o o Brasil e aqui naturalizou-se. Esposa do Juiz de Direito Geraldo Irineu Joffily, de religião católica. Tinha apenas 21 anos quando viajou para a URSS. Estudou no Conservatório Brasileiro de Música, onde tocava piano.
- **Santina Peloia Serrano**: viajou para a União Soviética com seu marido, o cirurgião dentista Marcelino Serrano. Tinha 33 anos e uma filha de 12 anos. Foi operária têxtil antes do casamento e seus pais eram católicos. A viagem foi por meios privados, tendo que vender as organizações dentárias do marido para adquirir as passagens.
- **Heloísa Ramos**: Heloísa era viúva de Graciliano Ramos, possuía três filhos, e era alagoana de Maceió, com 43 anos de idade. Era de família católica.
- **Jovina Pessoa**: viajou junto com seu marido, o cientista Samuel Pessoa, que foi convidado para ser membro da Comissão Internacional de cientistas para investigar a guerra bacteriológica desencadeada na Coreia do Norte. Tinha 54 anos, era jovem e entusiasta, nasceu em São Paulo onde cursou a Escola Normal e a Escola de Farmácia. Passou a ser secretária do seu marido, e possuía três filhos universitários.
- **Zélia Amado**: esposa de Jorge Amado. Tinha apenas 36 anos quando foi entrevistada, era natural de São Paulo e filha de operários. Zélia informou que havia visitado a URSS quatro vezes: em 1947, 1950 e duas vezes em 1952. Sua entrevista foi feita após as quatro viagens.

2. As apresentadas como profissionais:

- **Maria Della Costa:** jovem artista brasileira, pertencente ao grupo *Os Comediantes*. Casada com Sandro (não é dito seu sobrenome), ergueu seu próprio teatro, tendo que lutar muito para isso. Completou 25 anos de idade na URSS;
- **Ofélia do Amaral:** natural de São Paulo, tinha 37 anos e um filho de 12 anos quando viajou à URSS. Apesar de ser professora, pediu para ser incorporada à delegação operária porque, sendo de São Paulo, centro industrial, a interessava observar como viviam os trabalhadores e as mulheres na URSS;
- **Nair Baptista:** era uma jornalista, "nada mais do que isso."[139] Sem idade e sem biografia. Sua entrevista é feita a partir de trechos de capítulos de seu livro sobre a URSS, na época ainda não lançado. Viajou para a URSS em 1º de maio de 1952.

3. As apresentadas especialmente como convidadas por instituições ou pela União Soviética:

- **Elisa Branco Batista:** Elisa Batista era modista, natural de São Paulo, tendo duas filhas e um marido operário eletricista. Esteve em Viena como delegada do Congresso dos Povos pela Paz e foi a Moscou receber o "Prêmio Internacional Stálin da Paz". Recebeu o prêmio por estender diante de soldados e oficiais brasileiros uma faixa com os seguintes dizeres: "Os soldados – nossos filhos – não irão para a Coreia".[140] Completou 40 anos na União Soviética e viajou na mesma delegação que Virgínia Modesto de Souza.
- **Fanni Tabak:** é considerada uma das pioneiras entre as mulheres brasileiras que visitaram a URSS. Professora primária, casada, mãe de dois filhos, bacharel em ciências sociais pela Faculdade Nacional de Filosofia. Foi convidada para representar a Federação das Mulheres do Brasil em uma reunião do Conselho de Representantes da Federação Democrática internacional de Mulheres em Moscou, em novembro de 1949.
- **Branca Fialho:** Presidente da Federação de Mulheres do Brasil, é quem assina o prefácio do livro. É reconhecida também como Membro fundador da Associação Brasileira de Educação, e Membro Fundador do Instituto Brasileiro Brasil-Estados Unidos. Esposa do desembargador Henrique Fialho, participou do Congresso Internacional de Juristas

[139] *Ibidem*, p.130.
[140] *Ibidem*, p.84.

Democratas, na República Democrática da Alemanha, em 1951, e, como membro do Conselho Mundial da Paz, foi convidada a visitar a União Soviética. A entrevistadora também comenta que Branca Fialho é, "acima de tudo, boa mãe e ostenta com orgulho o título de esposa do simpático desembargador Dr. Henrique Fialho."[141]

- **Helena Boaventura Netto:** também membro da Federação de Mulheres do Brasil, eleita pela primeira Assembleia Nacional de mulheres realizada no Rio de Janeiro em novembro de 1952 para representar a Federação no Congresso dos Povos pela Paz, realizado em Viena. Após participar do Conselho da Federação Democrática Internacional de Mulheres, também em Viena, foi convidada a conhecer a URSS. Nasceu em 1917, no Rio de Janeiro, era casada, e tinha um filho.

Percebe-se que a maioria das mulheres entrevistadas são descritas como acompanhantes de outros viajantes, ou melhor, são muitas vezes identificadas principalmente pelo nome de seus maridos, o que já denota a distinção de gênero da época. Mesmo Zélia Amado, comunista que já possuía uma história de luta ideológica nesse momento, é descrita especialmente como a esposa de Jorge Amado. Aquelas que escapam desse padrão são por conta de serem reconhecidas pela sua profissão, luta e reconhecimento, ou ligação com a Federação de Mulheres, como no caso de Branca Fialho e Helena Boaventura Netto. Mas, percebe-se que mesmo no caso de Fialho, há a necessidade de se afirmar que, "acima de tudo", ela era uma "boa mãe e esposa."

Apesar das descrições um pouco vagas sobre as entrevistadas, ao analisar as narrativas, formadas por uma mescla de discurso direto e indireto entre entrevistada e entrevistadora, percebe-se que as impressões expostas são extremamente diversas: há comentários sobre a estrutura soviética de transporte, sobre a saúde, educação, direitos trabalhistas, hospitalidade soviética, intérpretes, etc. Nota-se que alguns temas se sobressaem, possivelmente por conta de um roteiro de questões semelhantes. Na entrevista realizada com Cristine Rose Marie, algumas perguntas são descritas de forma explícita, como quais eram as impressões dela sobre o terreno artístico, e se ela achava que o povo soviético desejava a guerra. Esta última questão é unânime para todas elas, pois todas as entrevistas,

[141] *Ibidem*, p. 113. Branca Fialho, simpatizante da URSS, também é autora do relato *Viagem à União Soviética.* Portanto, para a contagem de autores, contabilizamos quinze entrevistadas, para não haver duplicata.

sem exceção, terminam com algum comentário sobre o compromisso da URSS com a paz, como podemos observar nas entrevistas de Olga Rechulski e Fanny Tabak, respectivamente:

> Concluindo, nossa entrevistada diz: "— Os soviéticos nem sequer desejam falar em guerra. Não há o menor indício de que desejem fazer guerra a quem quer que seja. Vê-se por todos os lados cartazes pregando a Paz. Os professôres ensinam as crianças a lutar pela Paz, e elas os fazem de maneira comovente."[142]

> E vimos todo um povo que ama profundamente a Paz, que luta para alcança-la.
>
> Vimos um povo que luta com todas as suas forças para aumentar a produção de seu país e melhorar o bem-estar de todos!
>
> Assim concluiu Fanny suas recordações do país do socialismo — a pacífica União Soviética![143]

É ainda possível notar temas sobressalentes como a questão das mulheres, sempre presente, em especial a respeito da valorização e do maior espaço adquirido no âmbito profissional, e a questão da formação e educação de crianças e jovens, a partir da descrição de visitas a creches, bibliotecas, escolas e universidades. Esse tema, contudo, não é específico das viajantes mulheres, sendo muito comentado pelos homens viajantes também, algo que analisaremos em outro momento.

Apresentado "os" e "as" simpatizantes à URSS, vamos às suas características principais. Boa parte deles viajava inicialmente com o intuito de participar de alguma conferência ou congresso em países como Tchecoslováquia, Alemanha ou Áustria. Após estarem nesses eventos é que eram convidados por representantes soviéticos a conhecer a URSS. Por exemplo: Branca Fialho foi convidada para participar do Congresso Internacional do Direito ao Serviço da Paz em Berlim (1951), onde também estavam Jurema Finamour, Edi Duarte Pereira e a jovem Heloisa Helena; Raul Ribeiro da Silva, Milton Lobato e Reinaldo Machado participaram do Congresso Internacional de Medicina em Viena (1953); Paschoal Lemme participou da Conferência Mundial dos Educadores, também em Viena, em julho de 1953, antes de se dirigir à URSS. Mesmo Elisa Branco, que foi convidada a receber o "Prêmio Stálin da Paz", esteve antes em Viena como delegada do Congresso dos Povos pela Paz, onde também se encontrava Helena Boaventura Netto.

[142] Federação das Mulheres, 1954, p.28.
[143] *Ibidem*, p.54.

Outros simpatizantes, assim como a maioria dos comunistas, foram diretamente convidados a participar de festejos ou conferências dentro da URSS, tais como: Fanni Tabak, convidada a representar a Federação de Mulheres do Brasil em uma reunião do Conselho de Representantes da Federação Democrática internacional de Mulheres em Moscou, em novembro de 1949; José Edmar Morel e Josué Guimarães, que participaram da Conferência Econômica Internacional de Moscou em abril de 1952.

Os simpatizantes caracterizam-se também por realizar viagens mais curtas em relação à maioria dos comunistas: a maioria dos viajantes permaneceu na União Soviética de dez dias a um mês.

Bem semelhante aos comunistas, os simpatizantes normalmente confiam plenamente nos dados e estatísticas apresentados por seus guias e visitas às diversas instituições (uma exceção é o relato do jornalista José Edmar Morel, que é mais crítico, porém, finaliza com muitos elogios à União Soviética). São relatos bastante favoráveis à URSS, contudo, trazem um diferencial: por não serem comunistas (com as exceções de Elisa Branco e Zélia Amado), ou seja, não viajam com o intuito de confirmar algo em que já acreditam ou no que esperam observar, os simpatizantes à URSS são os viajantes que mais demonstram ansiedade e surpresas em suas impressões, pois não só carregam como também procuram explicitamente demonstrar a dúvida deixada pelas representações negativas da URSS presentes nas propagandas anticomunistas, expostas, por exemplo, por Josué Guimarães:

> Apenas alguns minutos nos separam da "Cortina de Ferro." Uma nova sensação me domina. Sou um homem superlotado de preconceitos contra aquilo tudo que fica do outro lado, contra aquela gente acusada de tanta coisa, de espancar e prender os padres — que afinal, mesmo sendo padres, são de carne e osso como todos nós — e ainda descuidar das crianças, desprezar a velhice, sacrificar a mocidade.[144]

Muitas vezes, os simpatizantes observam que não esperavam encontrar tamanho desenvolvimento na sociedade soviética, haja vista que não era o que liam nos maiores jornais de seu país. Jurema Finamour relata que ficou profundamente abalada ao conhecer uma "Casa de Cultura" em Leningrado, pois "Jamais poderia imaginar que a vida do operário na União Soviética estivesse de tal forma organizada e amparada pelo regímen."[145] As

[144] Guimarães, 2001, p.48.
[145] Finamour, 1954, pp.12,13.

simpatizantes entrevistadas, Virgínia Modesto Souza e Edi Duarte Pereira, também esboçam suas surpresas:

> — Não tinha o menor desejo de conhecer a União Soviética, confessa francamente Virgínia. Ao contrário, tinha mêdo porque acreditava em tudo o que ouvia dizer daqueles país. Quando meu marido recebeu o convite disse-lhe: "- Não vamos, isto talvez nos prejudique." Ao chegar, no entanto, ao país dos soviéticos fiquei encantada com a maneira que nos trataram.[146]

> [...] ao visitar o solo soviético, senti uma certa angústia, uma emoção de expectativa e – por que não confessar – um mêdo que se insinuava, contra a minha vontade, pelo que poderia vir a nos acontecer. À medida que entrávamos em contacto com os soviéticos, ia-me certificando de que eram homens e mulheres iguais a nós: possuem filhos, são sêres humanos e não fantasmas ou monstros.[147]

Os simpatizantes à URSS foram também os viajantes que mais se deixaram afetar pela hospitalidade e roteiros soviéticos. Muitos deles escrevem de forma a tentar convencer o leitor de que se tornaram simpatizantes e deslumbrados com a URSS por conta do que vivenciaram em suas viagens. Os autores fazem referências aos absurdos presentes nas propagandas anticomunistas, que apresentavam uma realidade escura e pessimista do regime soviético, o que contribuía para que os autores denunciassem ainda mais o choque tomado ao perceberem que o regime soviético estava longe de ser o pior dos mundos.

Por conta disso, é comum encontrar em tais relatos, após tantas informações técnicas e positivas sobre a URSS, críticas e ironias à sociedade brasileira, e à maneira como a imprensa do Brasil retratava a sociedade soviética. Guimarães comenta que havia lido em um jornal brasileiro o caso de uma mãe soviética que, por recusar deixar seu filho na creche, fora arrastada pela polícia pelas ruas e castigada aos olhares da multidão. Ele então questiona como os jornalistas brasileiros podem descrever "monstruosidades" sobre a sociedade soviética, sem informarem de onde retiram suas fontes ou qual agência teria "telegrafado" tais informações. Continua seu questionamento contando um dos casos que testemunhou em uma escola primária de Moscou:

> É um menino de nove anos de idade, atacado por uma terrível doença de sangue — talvez anemia perniciosa — e que não pode mais frequentar a escola de

[146] Federação de Mulheres do Brasil, 1954, p.15.
[147] *Ibidem*, p. 40.

> seu bairro, nem jogar futebol com os amiguinhos. Diariamente, porém, ele recebe os seus mestres da escola em que sempre estudara e, espalhando os livros e cadernos sobre a colcha da cama, aprende suas lições, redige seus temas, liberta-se um pouco mais da ignorância. Um professor explica que o Estado tem a obrigação de zelar por todos os seus filhos, sejam quais forem as condições, e que o pequeno aluno doente custa apenas seiscentos rublos mensais para a coletividade. Qual seria a opinião da mãe e do pai desse menino de Moscou, ante as estórias contadas aqui fora sobre as atrocidades soviéticas?[148]

Os simpatizantes à URSS são também otimistas em relação ao futuro soviético. Procuram, na maioria das vezes, asseverar e construir um discurso de que a União Soviética é a favor da paz, e não da guerra. Além disso, é também comum que os problemas sociais encontrados sejam remetidos pelos simpatizantes às consequências do passado soviético. José Edmar Morel, um dos simpatizantes que apontam mais críticas à URSS, procura justificar as falhas que encontra se remetendo ao período czarista, anterior à revolução:

> Não avistei nenhum bicho de sete-cabeças. A União Soviética é um país como outro qualquer, cheio de altos e baixos, com a diferença de que, na Rússia, todos trabalham e há uma preocupação geral pelo desenvolvimento da cultura. O povo, que sofreu até 1917, quando vivia desgraçadamente, sem saber lêr e escrever, com fôme, embora o Kremlin vivesse inundado de ouro e com dez igrejas superlotadas de santos e padres, está bem nutrido, tranquilo e mais feliz do que na era czarista. O russo, em 35 anos, fez o seu país prosperar mais do que em cinco séculos. Deixou de ser uma nação pastoril para transformar-se numa potência industrial. [...] Os latifundiários foram liquidados e a terra é propriedade do Estado. Na União Soviética um homem não explora o outro homem. A máquina funciona com rublos, sem necessidade de dólares e libras esterlinas.[149]

Finalmente, outra diferenciação possível de ser notada entre os viajantes comunistas e simpatizantes, é que estes últimos normalmente não se preocupam em afirmar uma imparcialidade perante o que observam. Apesar disso, é notório observar um objetivo comum a ambos os grupos, comunistas e simpatizantes: inspirar a sociedade brasileira com os bons exemplos observados na URSS, como também restabelecer a paz e os laços diplomáticos com o país, como deixa claro o educador Paschoal Lemme:

> O Brasil, com problemas imensos ainda por resolver, em matéria de educação e ensino, não pode mais ignorar as experiências e realizações dos educadores e pesquisadores soviéticos. É necessário, pois, que sejam

[148] Guimarães, 2001, p. 112.
[149] Morel, 1952, p. 189.

> restabelecidas, com a maior brevidade possível, as relações entre os dois países, pois o povo brasileiro não deve por mais tempo ser privado dos benefícios que essas relações lhe podem proporcionar, quer do ponto de vista econômico, quer do ponto de vista cultural.[150]

Os viajantes anticomunistas

Sendo o grupo de anticomunistas formado por apenas cinco autores, é o que traz mais semelhanças entre seus participantes, a começar pela profissão e função de quatro viajantes: todos eram jornalistas, e divulgaram posteriormente suas impressões sobre a URSS em periódicos brasileiros. A exceção é John Cotrim. Embora tenha nascido em Manchester, na Inglaterra, Cotrim se autodenomina brasileiro. Engenheiro, e um dos primeiros presidentes da central elétrica de Furnas, viajou em uma delegação de engenheiros brasileiros pela URSS para participar do encontro anual da Comissão Internacional de Grandes Barragens em Moscou e para conhecer as obras do país, em 1962.

O restante das narrativas se formou por meio de compilações de reportagens já publicadas por seus autores. São eles:

- **Orlando Loureiro**, jornalista do Rio Grande do Sul. Trabalhava na *Folha da Tarde* de Porto Alegre, viajou para a URSS em 1952 e escreveu A *Sombra do Kremlin*, publicado pela editora Globo;[151]
- **Rubens do Amaral**, escritor e jornalista. Foi um dos fundadores da *Folha da Manhã* e diretor da mesma até 1947, quando foi eleito deputado estadual em São Paulo, posteriormente vereador da cidade de São Paulo pela UDN. Também viajou em 1952 e publicou no mesmo ano o relato *União Soviética — Inferno ou Paraíso?*, pela Martins Editora;
- **Francisco da Silveira Bueno**, cronista, jornalista e filólogo, redator de vários jornais e colaborador em órgãos da imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo, viajou para a URSS

[150] Lemme, 1955, p.13.

[151] A livraria e editora Globo de Porto Alegre foi fundada em 1883, por Laudelino Pinheiro de Barcellos e Saturnino Alves Pinto. Desenvolveu atividades editoriais de revistas e livros desde o início do século XX, e, a partir de 1928, sob o comando de Henrique Bertaso e Erico Verissimo, regularizou a seção editora da livraria, tornando-se uma referência na cultura sulista. Em 1956, dividiu-se formalmente em duas empresas, a Livraria do Globo e a Editora Globo. Em 1986, ela foi comprada pelas Organizações Globo de Roberto Marinho, do Rio de Janeiro. Mais informações em: Bragança, Abreu, 2010 e História, Editora Globo, 2010.

possivelmente em 1960 ou 1961, publicando o relato *Visões da Rússia e do mundo comunista* pela Editora Saraiva em 1961;

- **Manuel Francisco do Nascimento Brito**, diretor do *Jornal do Brasil* de 1956 a 2000, publicou seu relato em duas editoras no ano de 1963, sendo eles: *Um Jornalista Brasileiro na Rússia*, pela Record, e *Depoimênto Sôbre a União Soviética*, pela editora Ipanema.

Os motivos de suas viagens são diversificados: Rubens do Amaral foi convidado para participar da Conferência Econômica Internacional de Moscou, de 3 a 12 de abril de 1952, permanecendo na URSS por apenas oito dias. Já Orlando Loureiro recebeu, de maneira inusitada, o convite para participar da delegação brasileira para Moscou enquanto fazia parte do Congresso de Paz em Viena, em dezembro de 1952. Ele foi o que permaneceu na URSS por mais tempo, durante dois meses, e fez parte da mesma delegação de Elisa Branco, quando esta foi premiada com o "Prêmio Stalin da Paz", estando também acompanhado por Jorge Amado. Silveira Bueno é o único do grupo que viaja apenas como "turista político", participante de uma excursão da Generalcar de Bruxelas, permanecendo na URSS por 18 dias, provavelmente no ano de 1960, e, segundo ele, sem ser a convite da Rússia, para já não estar "prevacinado com sôro vermelho."[152] Por último, Nascimento Brito não esboça muitos detalhes sobre o motivo de ir à URSS, mas informa que permaneceu por lá apenas por sete dias, provavelmente no ano de 1963, visitando as cidades de Moscou e Leningrado e procurando tentar escapar do roteiro fixado pela Intourist. Com exceção de Orlando Loureiro, portanto, esse grupo caracteriza-se por viagens curtas. Outro detalhe interessante é que, dos cinco viajantes, três deles viajaram após o ano de 1960 (como pode ser observado no anexo 2, tabela 1), o que possivelmente denuncia uma maior abertura do mundo soviético para viajantes que não apresentavam qualquer vínculo com instituições ou ideais socialistas. Os demais viajantes anticomunistas, Rubens do Amaral e Orlando Loureiro, viajaram no ano de 1952, dentro de delegações que contavam com um bom número de simpatizantes ou comunistas.

Apenas Rubens do Amaral declara-se abertamente anticomunista, afirmando ser o comunismo a religião da miséria e do desespero.[153] Todos os outros não chegam a se afirmar

[152] Silveira Bueno, 1961, p.17.
[153] Amaral, 1952, p.130.

categoricamente como anticomunistas, mas deixam em suas impressões explícitos comentários contra o comunismo, socialismo e o regime soviético. A partir dessas observações, foi perceptível inferir que tais viajantes já carregavam imagens negativas da URSS, mesmo antes de conhecê-la.

É interessante observar que, assim como os comunistas, esse grupo destaca-se por uma tentativa inicial de convencer os leitores da sua visão sincera e honesta sobre o regime, isto é, como se não estivessem sendo influenciados pelo fundo ideológico. Mesmo Amaral, único anticomunista declarado, procura defender sua imparcialidade, quando ressalta que irá desagradar os dois lados:

> **Este livro vai desagradar a duas castas de gente: os reacionários emperdenecidos e os comunistas fanáticos**. Não tive, porém, a intenção de agradar nem a um nem a outros. Tive apenas a de dizer a verdade, — não, está claro, a verdade absoluta, que não possuo, que ninguém possui, mas a verdade relativa, a minha verdade, restringida por limitações pessoais, angústias de tempo e humanas contingências. Nisso, procurei ser sempre sincero ao expor fatos ou formular opiniões. Se os fatos depõem a favor ou depõem contra a União Soviética, eu os registro do mesmo modo, sem preconceitos, deturpações ou falsidades. Se as opiniões louvam ou condenam, em qualquer caso inspira-as o espírito de justiça, que pode falhar, mas falha de boa fé.[154]

Com o mesmo intuito, na Introdução de seu livro, Silveira Bueno afirma que duas atitudes opostas devem ser evitadas quando se visita a Rússia: a depreciativa, quando descobre-se defeitos até na própria natureza, e a exaltadora, que busca somente as perfeições, afirmando que nenhum país pode escapar de críticas:

> [A Rússia] Deve ser visitada com espírito crítico, não no sentido pejorativo da palavra, mas técnico: espírito indagador, observador até das minúcias para depois tirar conclusões baseadas em fatos e princípios. Não entrar na Rússia com óculos côr-de-rosa nem com óculos pretos, isto é, não visitar êste país com o espírito preconcebido, predisposto a tudo elogiar nem a tudo denegrir.[155]

Na parte anterior a esse trecho, contudo, em um prefácio intitulado "A Amigos e a Inimigos", Bueno observa que "os próprios adversários de ideias, os comunistas, se forem leais, sinceros e buscarem, realmente, a verdade, ao encerrarem a leitura dêste livro, estarão

[154] *Ibidem*, p.05. Grifos meus.
[155] Silveira Bueno, 1961, p.13.

comigo."[156] Após explicitar a sua formação católica "dos pés à cabeça", Bueno deixa mais do que claro a sua convicção ideológica contra o comunismo:

> [...] Não me é possível, pois, dentro da temeridade de ser sincero, esquecer essa minha formação, êsse cristianismo, êsse catolicismo contra o qual se volta o comunismo. Não poderia ser de outra forma, porque a outra forma seria das arenas pagãs, do Coliseu que ainda vive em Roma, que essa palavra foi riscada do vocabulário cristão. Não hão de ser as masmorras do comunismo, as torturas de seus campos de concentração que nos farão, a nós, os que formos sinceramente católicos, queimar com ela os nossos lábios tantas vêzes santificados pela presença de Cristo. Há de o leitor indiferente perdoar estas afirmações. A amigos e a inimigos entrego estas que se encontram neste livro: bem possam elas confirmar os vacilantes, encorajar os tímidos e, talvez, esclarecer os iludidos."[157]

O jornalista Nascimento Brito informa que, por oito meses que precederam a viagem, empenhou-se em sistematizar o conhecimento sobre a URSS em diversos livros e estudos econômicos, para que conseguisse "ver com os olhos críticos quase meio século de regime comunista."[158] Já Orlando Loureiro, embora afirme na introdução que poderia aborrecer os partidários de Moscou, advertindo que o livro não é recomendado como leitura apropriada para os "arlequins do comunismo autóctone",[159] no capítulo intitulado "Na porta do 'paraíso'", ao descrever a entrada na URSS, procura se redimir:

> Fiz um ato de consciência para deixar do lado de cá da fronteira todas as impressões favoráveis ou contrárias ao regime soviético, que me tivessem sido transferidas por leituras. Precisava me colocar diante da U.R.S.S. como um observador imparcial e desapaixonado dos fatos e problemas do nosso tempo, sem prevenções de espécie alguma.[160]

Outra forte semelhança entre os relatos anticomunistas e algo que os diferencia dos grupos até aqui então expostos, contribuindo para a impressão de que, na verdade, são dois mundos diferentes visitados, é que todos eles expressam uma indignação com a falta de liberdade de expressão do povo soviético. Especialmente os jornalistas criticam o fato de as

[156] *Ibidem*, p.6.
[157] *Ibidem*, p.9. É a partir de observações como esta, que conseguimos inferir a ideologia anticomunista dos autores.
[158] Brito, *Depoimento sôbre a União Soviética*, 1963, p.3.
[159] Loureiro, 1954, p.X.
[160] *Ibidem*, pp.54,55.

notícias serem apenas aquelas oficiais do governo. Loureiro explicita que há só uma imprensa na URSS: a imprensa oficial:

> Todos os jornais, direta ou indiretamente, estão nas mãos do próprio govêrno. Oficialmente, o Pravda é o jornal do Partido Comunista e o Izvestia é o órgão do govêrno russo, porém, todos os demais jornais soviéticos estão rigorosamente subordinados a êsses dois diários-líderes da imprensa comunista e refletem invariàvelmente a mesma opinião oficial, com tão impressionante uniformidade que os próprios noticiários dão a ideia de "comunicados oficiais".[161]

Nascimento Brito completa afirmando que "na URSS só se faz oposição aos mortos". A falta de liberdade também é sentida pelos anticomunistas no turismo, em meio ao controle de guias, intérpretes e policiamento. Silveira Bueno acusa não possuir liberdade de locomoção, de investigação direta e objetiva e de simples informação por medo das pessoas interrogadas de responderem. No entanto, também encontramos variações no grupo. O jornalista Rubens do Amaral, por exemplo informa que a delegação da qual participava teve livre circulação em Moscou, atentando para o fato de que todos os viajantes do grupo andaram por onde quiseram, tirando fotografias e fazendo filmes sem obstáculos.[162] No entanto, Amaral admite não existir liberdades políticas na URSS, não havendo discussões sobre a estrutura e a execução do bolchevismo.[163]

O relato de Amaral aparece como um forte diferencial. Embora seja o único a se apresentar como anticomunista, ele é o viajante que mais esbraveja críticas às políticas e ao cotidiano brasileiro, e chega, inclusive, a elogiar certos direitos civis apresentados no cotidiano soviético que observa, como seu acesso à educação e à saúde pública. Também procura relacionar as informações que obtêm dos guias e intérpretes com seu conhecimento anterior em relação à história da URSS, apresentando familiaridade com algumas das transformações pelas quais o regime passou entre as décadas de 1920 e 1950.

Ao contrário do que se poderia imaginar, os relatos anticomunistas também apontam alguns aspectos positivos na União Soviética. Foi interessante observar que todas as narrativas aqui trabalhadas elogiam o sistema educacional soviético, embora os anticomunistas realizem suas observações sempre com ressalvas ou com algum detalhe negativo. Silveira Bueno, por

[161] *Ibidem*, p.94.
[162] Amaral, 1952, p.10.
[163] *Ibidem*, p.63.

exemplo, apesar de apreciar e descrever positivamente diversos aspectos da Universidade de Moscou, ressalta que as pesquisas científicas não tinham liberdade e deveriam seguir os planos do partido.[164] De qualquer maneira, afirma que a alfabetização, o ensino primário e secundário soviético, todos gratuitos e obrigatórios, "constituem um dos pontos altos e dignos de louvores da União Soviética."[165]

A questão da qualidade da educação soviética, como veremos em outro momento, é comentada por todos os grupos de viajantes. Contudo, ao contrário dos comunistas, simpatizantes, e mesmo dos não definidos que veremos a seguir, o grupo anticomunista praticamente não faz comparações com a educação brasileira, uma vez que ela exaltaria a superioridade soviética perante o Brasil. Nos relatos anticomunistas, são menores as vezes em que procuram denunciar algum problema social brasileiro a partir do que observam na União Soviética. Afinal, apontar problemas da própria sociedade significaria vangloriar a sociedade observada.

Os viajantes não definidos

Os nove viajantes considerados "não definidos" não são aqueles que conseguem atingir a imparcialidade, despidos de qualquer tipo de ideologia. Os autores pertencentes a esse grupo apresentam, de uma forma mais equilibrada do que os outros grupos, tanto elogios como também críticas à sociedade soviética, de tal maneira que, em análise, seria arriscado classificá-los como mais pendentes para um lado ou para o outro.

Em suas narrativas, alguns autores procuram fugir de tais classificações, deixando claro que seus relatos não foram feitos para agradar ou propagandear nenhuma das concepções existentes sobre a URSS, o que coincide também com a demonstração de imparcialidade apresentada por comunistas e anticomunistas. Osny Duarte Pereira, Juiz do Rio de Janeiro, explicita a ideia:

> [...] sem omitir nada do que observei, estou certo de que **irei desagradar aos capitalistas estrangeiros e aos comunistas brasileiros.** Para aqueles, elogiar obras da União Soviética é confissão de fé comunista. Para estes, apontar as falhas passíveis de censura é ato inconcebível; nunca partiu de suas vozes palavra de recriminação e sempre foram intransigentemente endeusadores do que, para êles,

[164] Silveira Bueno, 1961, p.95.
[165] *Ibidem*, p.96.

> está invariàvelmente certo e perfeito. Ora, não me ative a idéias preconcebidas. **Tudo foi descrito, como foi apresentado. O belo e o feio. O completo e o deficiente.** Desculpem se ferí sucetibilidades e se despertei descontentamentos. Sejam aos que desejavam vêr as nações socialistas apresentadas, como um inferno, o centro da miséria e da desgraça, seja aos que as pretendiam encontrar desenhadas como paraíso, o cofre da felicidade e a terra de todos os problemas resolvidos. O livro não foi feito com o objetivo de agradar. Nunca tive em mira fazer alguma coisa, com o intúito de apenas ampliar a rêde de amigos, transigindo com a Verdade ou a Justiça. Norteou-me, puramente, a intenção de descrever o que se passou diante de nossos olhos e realizar um trabalho útil aos enganados, em boa-fé."[166]

Por conta dessa preocupação, é possível observar uma maior irritação em tais viajantes a respeito da maneira como foram recepcionados pela imprensa brasileira. Dentro do contexto da Guerra Fria, suas palestras e entrevistas foram, muitas vezes, utilizadas para defender ou hostilizar a União Soviética. Alguns viajantes demonstram ter essa consciência quando chegam ao Brasil. José Campos, também juiz, do Estado de Goiás, optou por silenciar perante a impressa: "Asseveramos-lhe, ainda, que a nossa imprensa estava dividida em dois extremos inconciliáveis e o nosso pensamento, por isso mesmo, não seria interpretado fielmente. Daí porque preferíamos ficar calados."[167]

O fato de ser mal interpretado em seus depoimentos foi inclusive o que levou Osny Duarte Pereira a escrever seu relato. Ao perceber que seus "amigos da esquerda" retiam apenas as "maravilhas da terra do comunismo", enquanto que os "amigos da direita" relatavam apenas as deficiências dos países de cunho socialista visitados, ele chega a conclusão de que suas "impressões de viagem pareciam variar, segundo o ambiente, onde falava. Suspendi, pois, os planos de informações verbais. Deliberei escrever o que vi, valendo-me do que ficou dos tempos de reporter."[168]

Por não serem ligados a movimentos comunistas, a maioria das viagens tem como motivo a participação em eventos fora da URSS, com a exceção de Francisco Peixoto e João Pinheiro Neto, que não explicitam o motivo de suas viagens, e José Campos, convidado a participar da Conferência Econômica Internacional de Moscou (1952), juntamente com Rubens do Amaral (anticomunista), José Edmar Morel e Josué Guimarães (simpatizantes).

[166] Pereira, 1952, pp.27,28. Grifos meus.
[167] Campos, 1953, p.14.
[168] Pereira, 1952, p.27.

Os demais estiveram em eventos anteriores às suas entradas na URSS: Osny Pereira foi componente da delegação brasileira de juristas no Congresso de Berlim (1951); Marques Rebêlo, escritor e cronista, assim como Afonso Schmidt (comunista), esteve na reunião do Conselho Mundial da Paz, em Estocolmo (1954), para então se dirigir à URSS como convidado do Segundo Congresso de Escritores Soviéticos, em Moscou. Os demais jornalistas que foram convidados a estender a viagem para a URSS se encontravam anteriormente nos seguintes eventos: José Guilherme Mendes, para participar da Feira Internacional de Poznan, na Polônia; Freitas Nobre, para o Encontro Internacional de Jornalistas em Hélsinque, na Finlândia; Flávio Costa participou do Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, em Varsóvia (1957) e, por último, Nestor de Holanda, participou do Congresso da Cultura Socialista em Praga, em 1959.

O tempo das viagens na URSS caracteriza-se por não ser muito curto, mas é diverso, entre dez dias a dois meses. O grupo apresenta uma maior cautela em suas impressões e observações a respeito da sociedade soviética. Mesmo tendo permanecido 25 dias na URSS na qualidade de secretário de uma revista de arquitetura brasileira, José Guilherme Mendes afirma que não foi tempo bastante longo para se tirarem conclusões a respeito da URSS, já que não conseguiu fazer observações mais aprofundadas da situação:

> Se alguma conclusão deve ser tirada, tire-a o leitor. Ao jornalista não foi pouco poder experimentar as sensações que experimentou no simples e contudo surpreendente mundo comunista. Êle se considerará feliz se conseguir transmitir essas sensações ao leitor.[169]

Ele ainda reconhece que talvez alguma informação tenha ficado de fora, embora não tivesse sido esta a sua intenção:

> Seja como fôr, aqui está o que vi, senti e ouvi – de bom e de ruim. Nada disso é propaganda – a favor ou contra. Nada escondi, nada inventei. Alguma coisa, importante talvez, talvez tenha sido esquecida: não o foi, jamais, por intento. Fiz a viagem como a faria um homem qualquer, de olhos, ouvidos e peito aberto.[170]

Osny Pereira, tendo permanecido dois meses na URSS, também demonstra certo zelo em seus apontamentos. Ele é um dos poucos viajantes que, quando convidado por parte da

[169] Mendes, 1956, p.4.
[170] *Ibidem*, p.9.

agência soviética *Tass*, não aceitou fazer declarações nos meios de comunicação soviéticos, tendo como justificativa sua condição de magistrado, sendo recomendável abstenção de comentários emitidos por órgãos oficiais de publicidade de uma nação comunista. Ele ressalta, porém, que nem por isso deixou de ser bem tratado por seus anfitriões.[171] Da mesma maneira, também desconfia de informações colhidas em tão pouco tempo de viagem, inclusive daquelas fornecidas pelos informes oficiais soviéticos.

Percebe-se ainda nos relatos dos viajantes não definidos, uma maior liberdade para críticas e comparações, mas sem exageros. As críticas, contudo, não são voltadas a apenas um país. Critica-se e compara-se a URSS com o Brasil e com outros países de cunho capitalista. Muitas vezes, nota-se que as críticas ao mundo ocidental servem para pautar o equilíbrio almejado pelos autores em suas observações. Por exemplo, embora critiquem a falta de liberdade de imprensa na URSS, não se eximem de criticar os exageros da propaganda anticomunista nos países ocidentais e seus verdadeiros motivos:

> De tudo isto, apenas restava uma convicção: a campanha alarmista que se desencadeia pela imprensa ocidental é puro expediente para que as nações europeias empreguem, como efetivamente estão fazendo, os recursos do "Plano Marshall" e outros, na compra do excedente das fábricas americanas de armamentos. Não há nenhum propósito sincero de defender a França e a Itália contra o comunismo, pois, com dez milhões de comunistas no interior dêsses países, a remessa de metralhadoras e tanques, para serem manejados por soldados e motoristas pertencentes, em grande parte, a essa corrente política, põe a descoberto o simples interêsse comercial dos vendedores. [...] Lutar contra o comunismo sinceramente deveria ser acabar com a mendicância que encontramos nas ruas da França e da Itália. Esta, entretanto, aumenta, em vez de diminuir.[172]

Ou, como podemos observar, nas palavras de Nestor de Holanda:

> Muito pior, ainda, é a mentira. 95% do que dizem, de bem ou de mal, sôbre a URSS, são mentiras as mais escabrosas. A propaganda anticomunista não é feita à base de argumentações lógicas, claras, doutrinatárias; é feita, ùnicamente, de balelas. Qualquer um que se queira arrumar na vida cria estórias contra o povo ou contra o regime soviético, publica reportagens, ganha o que quer. Os países do lado de cá estão abarrotados de profissionais do anticomunismo. Êsses homens são pagos, para inventar, para mentir.[173]

[171] Pereira, 1952, p.275.
[172] Pereira, 1952, p.479.
[173] Holanda, 1962, p.38.

A narrativa de José Mendes exemplifica bem como um relato pode ser pautado em elogios e críticas à URSS. Faz elogios à educação soviética, ao desejo de paz soviético, e até mesmo a ausência de notícias sensacionalistas nos jornais *Pravda* e *Iszvestia*. Ao mesmo tempo, ressalta críticas às enormes filas em frente aos armazéns e açougues — o que para ele denota uma falta de distribuição equilibrada de artigos de consumo — desmente a opinião de que a televisão e o cinema soviético estariam vinte anos mais avançados tecnicamente do que o resto do mundo, criticando o conforto e a modernidade das salas de espetáculos. Ao final de sua viagem, Mendes conclui dizendo:

> A União Soviética é a terra das contradições. Tudo e todos contribuem para que assim seja. Um comunista sectário diz que na União Soviética não há pobreza, não há tristeza, não há nada feio — tudo é bom e bonito. Um anticomunista feroz jura que na União Soviética tudo é miséria, tristeza, horror e ruindade. É muito difícil, assim, fazer-se um juízo definitivo do que seja realmente aquêle imenso país, sem o visitar.[174]

A falta de compromisso propagandístico permitiu que Marques Rebêlo se sentisse livre para satirizar ambos os lados comunista e anticomunista, criando o relato que mais se utiliza de elementos ficcionais desta compilação. Como forma de criticar os absurdos da propaganda anticomunista no Brasil, Rebêlo narra um diálogo com seu guia, Lucifer Ilitch Diabonov, em que este afirma que o Brasil já estaria minado para ser conquistado pelo mundo comunista:

> Que pensa que seja a Cruzada Anti-Comunista que existe lá, senão uma fábrica de comunistas com a sua imbecilíssima propaganda? Paga por Moscou, amigo. Sustentada por nós. Que pensa que sejam os campos e os camponeses abandonados? Ação nossa, através de falsos latifundiários. E o Ministério da Educação, que mantém seu povo no mais negro analfabetismo? Um agente moscovita. E...
>
> − Pare, Lucifer! Pare! Compreendo tudo![175]

Rebêlo sugere, por meio da confissão de Lúcifer, que a cruzada anticomunista no Brasil, os campos e os camponeses abandonados, a precária educação, eram, na verdade, exemplos de produção de uma fábrica de comunistas com a "sua imbecilíssima propaganda", paga por Moscou. Isto é, a situação no Brasil seria tão ruim e as propagandas anticomunistas seriam

[174] Mendes, 1956, p.12.
[175] *Ibidem*, p.307.

tão abusivas que só poderiam ter sido realizadas pelos próprios comunistas, com o intuito de levar a burguesia brasileira – representante do capitalismo - ao descrédito da população.

Mendes traz uma conclusão em seu relato que possivelmente agradaria a todos desse grupo. Ao lembrar de Graciliano Ramos dizendo-lhe, ao voltar da União Soviética, que gostaria de escrever um livro mostrando que lá não era nem paraíso, nem inferno, Mendes conclui afirmando que as próprias contradições da sociedade soviética mostraram-na o que ela realmente era: humana: "Uma gente que luta, sonha, sofre e sorri — sem a menor dúvida, um grande e bravo povo".[176]

Por fim, é importante ressaltar que os relatos de Freitas Nobre e João Pinheiro Neto, embora também classificados como não definidos, não trazem tantas semelhanças com as narrativas apresentadas até aqui. Ambos distinguem-se por apresentarem a URSS por outro viés: eles enaltecem a sociedade soviética pós-stalinista. Por serem relatos pós-1956, seus autores enfatizam as possíveis transformações na URSS e suas consequências para as relações com o Brasil.

Tais narrativas levantam diversas críticas à URSS da época de Stalin, ao mesmo tempo em que percebem com bons olhos as transformações na sociedade soviética ao final da década de 1950. O relato de Nobre distingue-se também por apresentar diversos pronunciamentos dos líderes soviéticos vigentes na época, como Nikita Khrushchev e Georgiy Malenkov. É o primeiro relato a comentar as denúncias de Khrushchev a Stalin divulgadas no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em fevereiro de 1956.

Já João Pinheiro Neto, ex-oficial do gabinete civil do Governo de Juscelino Kubticheck (o prefácio do livro é assinado pelo ex- presidente), viaja em 1960, um ano antes de o Brasil restabelecer laços com a URSS. Não por acaso, ele procura defender uma nova tendência de "humanização do comunismo":

> As medidas ainda tênues de "liberalização" do regime representam, para o povo soviético, acostumado a outros valores e a um clima de vida muito duro, grandes transformações. O direito de crítica nunca se exercera anteriormente. A fiscalização era violenta e não se admitia nenhuma exceção.[177]

[176] Mendes, p.82.
[177] Pinheiro Neto, 1961, p.35.

Pinheiro Neto informa sobre a descentralização política e administrativa que ocorreu na época pós-Stalin, defendendo que Khrushchev não exercia o poder sozinho, por dar espaço à liderança coletiva. Em relação a isso, Nobre afirma existir um novo movimento de líderes soviéticos contra o culto da personalidade, tanto usado com Stalin. No seu entender, o movimento contra Stalin não tinha caráter pessoal ou de vingança às perseguições do passado, representavam uma preocupação dos ministros atuais de que as dificuldades pelas quais a URSS passava contribuíssem para formar outro líder como Stálin, voltando a concentrar todos os poderes nas mãos de um único ministro, em detrimento dos demais.[178]

Desta maneira, percebe-se nesses relatos a influência de um contexto diferente, um contexto brasileiro que buscava contatos comerciais e acordos com a URSS, algo que foi consolidado em 1961, quando o governo de João Goulart reatou os laços diplomáticos com a URSS.

[178] Nobre, 1956, p.62.

Parte 2: Como aconteciam as viagens: o turismo político, soviético e burguês

No início da década de 1950, a União Soviética já estava consolidada como uma forte potência econômica socialista mundial, símbolo da luta de partidos comunistas e movimentos operários. Na maior parte dos círculos comunistas, havia uma forte admiração pela URSS, que dificilmente se abalaria por reportagens anticomunistas. Afinal, o país havia sido o berço da revolução proletária e do primeiro regime de ordem socialista, representando o início da revolução mundial, o começo de um "mundo novo".[179] Para comunistas e simpatizantes, a União Soviética era o símbolo contra a exploração do capitalismo e contra o individualismo ocidental. Já para anticomunistas, ela passou a ser encarada como um lugar a ser evitado, pois suscitava críticas à ordem e à organização do sistema que defendiam. A União Soviética, tornara-se, assim, um lugar de "peregrinação" ou de "contra-peregrinação".[180]

Já havia, portanto, desde o final da década de 1920, com o estabelecimento do regime socialista, um forte movimento de viagens com o intuito de conhecer um lugar tão polêmico. Iniciou-se um turismo em grande escala, formado por oficiais, voluntários, militantes, intelectuais ou apenas curiosos em conhecer o novo regime. Os convites do regime socialista para que delegações operárias e camponesas fossem conhecer a URSS abriram a possibilidade de viagens para categorias sociais que raramente viajavam para o exterior. Assim, além da preocupação em propagandear o regime socialista por meio do turismo, os órgãos soviéticos também passaram a convidar e a recepcionar visitantes que não eram ligados ao movimento comunista, com o objetivo de estabelecer contatos comerciais e investir na propaganda do socialismo soviético para além das fronteiras.

Tal preocupação havia se originado no início da década de 1920, quando o Comitê de Ajuda Internacional — criado em 1923 para auxiliar nas consequências e na repercussão da fome maçica do final da guerra civil soviética (1918-1921) — formou um gabinete conjunto de informação para coordenar os informes que seriam fornecidos aos estrangeiros que chegavam na União Soviética, também com o intuito de familiarizá-los com a vida cultural e científica do país.[181] Esse gabinete seria o embrião da **VOKS** (*Vsesoiuznoe Obshchestvo Kul'turnoi Sviazi s*

[179] Hobsbawm, 2003, p.15.
[180] Mazuy, 2002, p.8.
[181] David-Fox, 2012, p.34.

Zagranitsei, "Sociedade para Relações Culturais com o Estrangeiro"), órgão governamental criado em 1925, com o intuito inicial de organizar e controlar as relações entre a *intelligentsia* soviética e os intelectuais de outros países.

Com o passar do tempo, a função central da VOKS passou a ser a recepção e o controle de intelectuais estrangeiros no país. Em 1925, apenas 483 viajantes foram para a URSS, havendo um aumento para 1200 em 1926. Nos anos de 1929 e 1930, esse número aumentou para aproximadamente 1500 viajantes recepcionados pela VOKS por ano. A maioria dos visitantes era dos Estados Unidos: em um período de seis meses no ano de 1929, por exemplo, 51% dos visitantes pela VOKS eram dos Estados Unidos, e 21% da Alemanha.[182] Assim como em outros países, o governo soviético percebeu a importância do turismo como uma ferramenta de divulgação de ideias e de estabelecimento de vínculos econômicos. A fim de restabelecer contatos diplomáticos e comerciais, além de divulgar sua ideologia, o governo investiu no desenvolvimento do aparelho turístico comercial, fundamentado na criação da **Intourist**, agência oficial de turismo para estrangeiros, em 1929.

Sendo assim, o turismo à URSS já não era uma novidade para os ocidentais na década de 1950, principalmente para europeus e norte-americanos. Como a década de 1940 foi marcada pelo isolamento e pelas destruições que a 2ª Guerra Mundial acarretou, as décadas anteriores concentraram os picos de quantidade das viagens francesas (1932-1939) e alemãs (1927-1932) na primeira metade do século XX.[183] Após o final da Segunda Guerra Mundial, e com a reconstrução da URSS nos anos posteriores, o turismo ao país soviético voltou a crescer na década de 1950. Segundo dados da Intourist, em 1956 a URSS recebeu cerca de meio milhão de cidadãos estrangeiros de 84 países – cinco vezes mais do que antes da 2ª Guerra, e mais de um milhão de soviéticos foram para o exterior no mesmo ano.[184] É justamente nessa década que temos o auge da publicação de relatos de viagem escrito por brasileiros. Enquanto que na década de 1930 tivemos apenas cinco relatos publicados, na década de 1950, houve a publicação de 25 relatos, e no início da década de 1960, até 1963, a publicação de sete relatos.[185]

[182] Idem, 2003, p. 312.
[183] Studer, 2003, p. 4.
[184] Dados retirados da página oficial da Intourist, Intourist, [s/ano].
[185] O único relato não contado é o de Josué Guimarães, publicado em 2001.

O pico dos relatos brasileiros publicados ocorre em um dos períodos em que o Brasil não tinha relações diplomáticas oficiais com a URSS. Tais relações, cortadas pelo Brasil imediatamente após a eclosão da Revolução Russa de 1917, existiram por apenas 31 meses entre os anos de 1945 e 1947,[186] quando as relações entre Brasil e URSS foram afetadas pelo contexto da 2ª Guerra Mundial, em que lutaram no mesmo lado. Porém, ao final de 1947, o governo de Eurico Gaspar Dutra decidiu romper as relações com a URSS, sendo estas restabelecidas apenas no governo de João Goulart, em novembro de 1961.[187]

Desta maneira, viajantes brasileiros, tanto homens quanto mulheres, das mais variadas ocupações — advogados, médicos, jornalistas, escritores, operários, se arriscaram a adentrar a Cortina de Ferro, mesmo sabendo que esse único ato poderia potencialmente acarretar perseguições políticas, problemas burocrático/legais e desconfianças por parte da sociedade brasileira. Martha Pannunzio afirmou em sua entrevista que a viagem para a URSS era considerada de muito risco, e que a sensação é que ela e seus irmãos teriam desaparecido da legalidade, como clandestinos. No início de suas narrativas, Humberto Campelo e Edmar Morel também relatam as dificuldades que uma viagem à URSS poderiam acarretar:

> Para o govêrno brasileiro, nossa viagem era como a fuga de um criminoso. Saí escondido, utilizando métodos de contrabandista, com mil cuidados para que ninguém soubesse onde ia, dando voltas e usando pretextos para não cair nas mãos da polícia. Tudo porque desejava visitar a União Soviética.[188]

> Na verdade, naquele instante, nascia um conflito íntimo. Uma viagem a Moscou, numa época em que os generais brigavam e a polícia efetuava prisões, em massa, por causa das eleições no "Clube Militar", era uma loucura para uns e uma oportunidade única para outros. Em mim, entretanto, gritava o repórter.[189]

---

[186] Um dos vários motivos para o restabelecimento das relações diplomáticas com a URSS feito por Getúlio Vargas no início de 1945 foi devido às aspirações brasileiras de conseguir um assento no Conselho de Segurança da ONU, uma vez que a URSS já fazia parte do Conselho de Segurança. A única reivindicação do governo soviético referia-se especificamente à libertação de Luís Carlos Prestes, e foi atendida. Baptista, 2005, p. 53.

[187] Segrillo (2011, p. 146) chama a atenção para o fato de que " [...] a ditadura militar de 1964, apesar de seu forte anticomunismo, não rompeu as relações diplomáticas com a União Soviética, ao contrário do que tinham feito governos democráticos brasileiros anteriormente. Durante a ditadura as relações com os soviéticos se mantiveram em um nível absolutamente pragmático (comercial) e politicamente controlado (foi feito um acordo para impor limitações ao pessoal diplomático soviético em nosso país)".

[188] Campelo, 1953, p.5.

[189] Morel, 1952, p.21. Sobre as eleições do Clube Militar, durante o segundo governo de Getúlio Vargas, entre 1951 e 1954, o exército militar foi marcado por disputas políticas e divergências ideológicas entre uma tendência "nacionalista" – acusada de ser esquerdista por adversários – e outra "democrática" – acusada de ser entreguista. A ala "nacionalista" defendia a neutralidade brasileira na Guerra da Coreia (1950-1953), a campanha pela criação da Petrobras e o monopólio estatal do petróleo. A tendência "democrática" defendia o alinhamento com os Estados Unidos na guerra da Coreia e a participação de grupos privados na exploração do petróleo, criticando a

A atuação bem vista da URSS no combate às tropas alemãs na Segunda Guerra, o fim do Estado Novo de Getúlio Vargas em 1945 e o posterior, embora breve, estabelecimento de laços diplomáticos entre os países, são algumas das possíveis explicações para o redespertar de um interesse pela União Soviética na década de 1950. Mas essas não podem ser as únicas explicações para que tantas viagens tenham sido realizadas e, mais do que isso, tantos relatos tenham sido publicados na década de 1950.

É válido lembrar que o mercado editorial brasileiro já estava abarrotado de relatos de viagem – especialmente de franceses e espanhois, traduzidos para o português, a maioria deles publicados na década de 1930. A Editora Calvino Filho foi a principal responsável por publicar os relatos de viajantes brasileiros, todos eles positivos à URSS: *Russia* (1931), de Maurício de Medeiros, *Um engenheiro brasileiro na Rússia* (1933) de Claudio Edmundo, *O que vi em Roma, Berlim e Moscou* (1934), de Juvenal Guanabarino. Já a Companhia Editora Nacional publicou: *O Paraíso Moscovita (deux russies)* (1931), de Paul Marion e *U.R.S.S.: Um Mundo Novo* (1934), de Caio Prado Junior. Em 1931, A Editorial Pax divulgou uma trilogia de relatos também favoráveis à URSS: *A Nova Rússia*, de Júlio Alvarez del Vayo, *Impressões de Moscou*, de Diego Hidalgo e *Com os olhos abertos: Reportagem sobre a Rússia em 1930*, de Pierre Dominique. Outras editoras publicaram ainda: *Os deuses vermelhos* (1931 – Empresa Editora Nacional Lux), de Adolpho Agorio; *No Misterioso paíz de Tarmelão: O Socialismo na Ásia Central* (1934 – Edições Nosso Livro), de Vaillant Couturier; *A Nova Rússia* (1932 - Civilização Brasileira – RJ), de Henri Barbusse; *Onde o proletariado dirige... Visão panorâmica da U.R.S.S.* (1932 – Edição brasileira), de Osorio Cesar; *Uma visita a nova Russia* (1931 – Editora Americana), de Fernand Corcos e *Russía: uma nova humanidade* (Editora Atlântida), de José Dubois.[190]

infiltração comunista nas Forças Armadas. Durante seu governo, Vargas alternou o apoio a uma e outra tendência, levando-o à perda de apoio do governo na área militar. Em março de 1952, foi firmado o acordo militar Brasil – Estados Unidos. Após isso, houve um enfrentamento direto entre essas duas tendências no Clube Militar, onde o grupo autointitulado de tendência "democrática" foi vitorioso. Mais informações em: Castro, CPDOC, 2017.

[190] O fato de tais relatos serem de predominância favorável à imagem da URSS não significa que todos eles sejam isentos de críticas ao regime soviético. Em relação aos mais críticos, destacam-se os autores Fernand Corcos, Paul Marion e José Dubois, soldado francês da Primeira Guerra e colaborador de informes sobre economia política e crítica financeira em jornais franceses.

Como contraponto a tais obras, com o intuito de mostrar impressões ruins da URSS, já havia também uma coleção especial intitulada *Inquéritos sobre a Rússia,* da Livraria do Globo, de Porto Alegre, contendo os relatos: *O Comunismo Russo e a Civilização Cristã,* de d. João Becker, *No País dos Soviets* (1931), de Jorge Le Fevre,[191] *A Tschéka (Inquisição Vermelha)* (1931), de Jorge Popoff,[192] *Moscovo sem Máscara*, (1931), de Joseph Douillet, *Como matei Rasputine*, de Principe Yussupoff, *A Noite que vem do Oriente* (1932), de Sérgio de Chessin, *As forças secretas da Revolução*, de Léon de Poncins, *O que vi em Moscovo*, de Henri Béraud, *A Outra Europa*, de Luc Durtain e *A Russia Nua*, de Panait Istrati.[193]

Embora não tenha sido encontrado nenhum relato de viagem de brasileiro publicado na década de 1940, possivelmente por conta das consequências da 2ª Guerra, o mercado editorial brasileiro continuou publicando traduções de relatos estrangeiros, boa parte deles de norte-americanos, tais como: *Missão em Moscou* (1942), de Joseph Davies (embaixador norte-americano na URSS entre 1936 e 1938); *URSS: Uma Nova Civilização* (1944), de Sidney Webb e Beatrice Webb (uma compilação de 5 volumes); *Entre Dois Mundos* (1945), de Anna Louise Strong e *Na Rússia não há mistérios* (1945), de Edmund Stevens.[194]

Por que, então, o número de publicações de relatos de viagem à URSS cresceu na década de 1950? Possivelmente, a guerra cultural entre correntes ideológicas opostas instigada pelo contexto da Guerra Fria, e a disparidade de informações entre impressões favoráveis e contrárias ao socialismo e à URSS perpetuava a vontade dos brasileiros de conhecer a União Soviética com os próprios olhos. Seria a URSS o paraíso dos trabalhadores e o mundo da equidade social, como sustentavam os comunistas, ou o inferno da ditadura autoritária e sem liberdades para o povo, como acusavam os anticomunistas? A dicotomia

[191] Original: Le Fevre, 1939. Le Fevre era jornalista francês, autor de vários relatos de viagem, e começou sua carreira em *L'Auto* e em *L'Equipe*. Mazuy, 2002, p. 312.

[192] Jorge Popoff se diz correspondente de vários jornais europeus e americanos (*International News*, de Nova York, entre outros), e comenta que foi preso, em novembro de 1922, pela Tscheka (GPU), em Moscou. Seu relato denuncia os abusos cometidos pela polícia política secreta de Moscou.

[193] Embora sejam citados na orelha do livro de Joseph Douillet, os relatos de Luc Durtain e Panait Istrati parecem não terem sido publicados, pois no mesmo livro, na contra-capa, há novamente uma relação das coleções da edições Globo, e esses livros não são citados. O livro de Panait Istrati foi publicado em 1946, pela editora Alerta, com o nome: *16 meses na U.R.S.S.: Rumo a outra flama*. Em uma nota preliminar, Idelfonso Abramo comenta que há quase 16 anos o Brasil aguardava a publicação desse livro. Além disso, é informado que, a fim de "permitir a leitura deste livro a maior número de leitores, foram, com a autorização dos editores, abrandadas certas passagens que poderiam ser consideradas chocantes." Istrati, 1946.

[194] Todos os relatos citados foram publicados pela Editora Calvino.

inferno/paraíso é algo que aparece constantemente nas narrativas. Afinal, em qual impressão confiar? Branca Fialho é uma das viajantes que expõe a dúvida central:

> Tendo viajado muito e conhecendo diversos países, sabendo observar e comparar, desejávamos ver para poder julgar esse mundo novo que nos diziam impossível de se conhecer e que era apresentado por uns como um **inferno** e por outros como um **paraíso**.[195]

Ao contrário das viagens da década de 1930, que estabeleceram os primeiros contatos com o mundo soviético, as viagens na década de 1950 já permitiam aos viajantes concluir se o regime socialista teria tido êxito no que havia se proposto alcançar, como aponta Rubens do Amaral:

> Do lado de lá, um mundo misterioso, que para uns será um paraíso e para outros será um inferno. Do lado de cá, imensa curiosidade. Como funciona realmente o regime bolchevista? Quais são os seus problemas e as suas soluções políticas, sociais e econômicas? É feliz e está contente o povo soviético? É desgraçado e anseia, oprimido, pela hora da libertação? [196]

Também é nítido observar o interesse da URSS em aumentar o fluxo turístico e o investimento em propaganda do país na década de 1950, uma vez que a maioria dos viajantes brasileiros foi convidada pelo regime soviético a participar de alguma celebração ou evento no país, sendo, a partir da entrada no país, hóspedes do regime soviético, tendo todas as suas despesas de hospedagem, alimentação e transporte pagas por algum órgão do governo. Toda a delegação brasileira da Conferência Internacional Econômica de Moscou, formada por pelo menos quatorze pessoas, teve suas despesas mantidas pela URSS. A maioria dos viajantes só precisava se preocupar com os gastos para chegar até a fronteira soviética. Certamente, tal disposição do governo para arcar com os custos das despesas no país influenciou e favoreceu na ida de diversos brasileiros para lá. Nas narrativas analisadas, encontramos apenas um viajante que afirma optar viajar pela URSS sem ter seus custos pagos, o jornalista Silveira Bueno, afirmando que seria uma forma de impedir influências em suas impressões:

> A subida de Kruchev veio ao encontro dos meus anseios. O turismo foi intensificado. Numerosos grupos, especialmente de políticos, não só foram

[195] Fialho, 1952, p.11.
[196] Amaral, 1952, p.09.

> convidados, mas tiveram até suas despesas pagas. Escrevinhadores, poetastros, pseudo-intelectuais afluíram à Kaaba Moscovita. Iam pobres, desconhecidos, e regressavam ricos, cheios de talento, com suas obras traduzidas em tôdas as línguas às expensas do partido. Quem resistiria a tamanho encanto? Eu, entretanto, não queria ir assim, a convite da Rússia, já pré-vacinado com sôro vermelho. As festas, os presentes, tudo amolece o caráter [...] Devia entrar como simples turista, em grupo sem enderêço certo. E assim foi.[197]

Outro detalhe que chama a atenção dos relatos da década de 1950 é que a ansiedade e a expectativa em conhecer a sociedade soviética permanecem, e parecem se intensificar em alguns momentos, como na passagem pela fronteira, se comparados aos relatos da década de 1930. Os viajantes constroem suas descrições como se de fato estivessem transpondo uma fronteira de ferro, considerando que aquilo que encontrariam do lado de lá seria muito diferente do que estavam acostumados a observar. Os relatos estão abarrotados de palavras como "novo mundo", "mistério", "desconhecido", dentre outras.

Muitos deles, principalmente os comunistas e simpatizantes, esboçaram suas emoções, como relata Jorge Amado: "... devo confessar que a emoção da viagem me embargava, sentia-me nervoso e impaciente: o destino da minha viagem era a URSS, sonho acalentado durante anos e anos, desejo sempre renovado no andar dos tempos".[198] As descrições demonstram que, embora muitos viajantes já visitassem o país carregando informações e ideologias preconcebidas, o significado de uma visita de um viajante ocidental a um país socialista continuava sendo imenso, possibilitando, certamente, um dos mais intensos encontros político-ideológicos do século XX.

A maioria dos comunistas procuraram descrever a expectativa da viagem sem perder a confiança no regime soviético. Diziam-se ansiosos e emocionados, mas narram de uma maneira a mostrar que já acreditavam nas conquistas do mundo soviético, desacreditados das notícias contrárias à URSS: "Íamos ver um mundo onde o proletariado manda e constrói uma vida pacífica e nobre, colocando sua pátria na liderança da luta pelo progresso, pela liberdade e pela concórdia universal".[199] Também Eneida de Moraes demonstra, ao mesmo tempo, sua curiosidade e certeza:

[197] Silveira Bueno, 1961, p.17.
[198] Amado, 1951, p.14.
[199] Stoiano *et alii*, 1952, p.5.

> [...] conhecer a URSS era um velho sonho. Seria ela aquêle monstro de mil cabeças que o anti-comunismo apregoa? Eu bem sabia que não; mas como seria ela? Isso era o que me interessava ver e sentir, êsse um velho desejo.[200]

Seja para confirmar as conquistas ou as atrocidades cometidas pela União Soviética, as viagens realizadas nas décadas de 1950 e 1960 carregam consigo um tom de verificação, isto é, uma necessidade de comprovar aquilo que eles já sabiam por meio de seus estudos:

> Todos entravam ansiosos para descobrir aquêle mundo novo, todos estavam decididos a formar um juízo honesto de acôrdo com o que observassem diretamente, sem se deixar impressionar pela violenta campanha de calúnias que a maioria da imprensa faz constantemente contra o regime e os homens da União Soviética.
>
> Meu objetivo era verificar no próprio local e comprovar o que as leituras e um pouco de estudo me haviam ensinado e poder assim dar um testemunho vivo e direto aos meus companheiros, trabalhadores brasileiros e especialmente aos companheiros marítimos aos quais devo os meios para a realização dessa viagem.[201]

Já os viajantes anticomunistas, possuindo péssimas expectativas a respeito da URSS, precisavam encontrar meios para justificar o motivo de suas viagens aos seus conhecidos, uma vez que poderiam desconfiar de que voltariam comunistas:

> Houve objeções de cuja boa fé não quero duvidar. Receou-se, por exemplo, que eu, indo à União Soviética, de lá regressa-se comunista. Os que assim pensavam estavam fazendo, sem o perceber, a melhor, a mais decisiva e concludente propaganda do comunismo. Pois então o comunismo é maravilha tal que, visto de perto, obtém adesões fulminantes? [202]

Percebe-se, a partir dos trechos citados, que o significado político da viagem à URSS se acentuou na década de 1950, por conta do contexto propagandístico da Guerra Fria. Não poderia ser, nem de longe, uma viagem meramente turística. Os viajantes que se arriscavam a ir para a URSS, corriam riscos, não tinham a completa certeza de que iriam conseguir entrar no país, e, caso entrassem, corriam o risco de sofrer represálias quando voltassem para o Brasil. Além disso, não só tinham que lidar com suas próprias expectativas como também com as expectativas alheias, daqueles que ficavam em solo brasileiro. Quando retornassem, seriam

[200] Moraes, 1959, p.1.
[201] Campelo, 1953, p.4.
[202] Amaral, 1952, p.10.

questionados e pressionados a estabelecer conclusões coerentes com suas impressões, a tomar partido e se posicionarem como favoráveis ou contrários ao regime soviético. A partir disso, muitos tinham receio de serem tomados como comunistas ou anticomunistas. A escrita do relato, dessa forma, poderia servir para expor de maneira íntegra as observações e impressões sobre o país, com o intuito de legitimar a totalidade de seus discursos.

A passagem pela Cortina de Ferro

Como já observamos no primeiro capítulo, a passagem pela fronteira é uma convenção em toda literatura de viagem, uma vez que marca o início das relações de contato e fixa os limites territoriais da representação do outro. No caso da fronteira para a URSS na década de 1950 e 1960, existe uma simbologia ligada à expressão "Cortina de Ferro". Para boa parte dos líderes dos governos ocidentais, transpô-la teria como significado sair dos limites do mundo conhecido, ou passar por camadas de propagandas ideologicamente dirigidas, cercadas por censura oficial, o que dava a entender a passagem de um espectador para dentro do palco, ou melhor, para um espetáculo idealizado e isolado, com acesso para poucos, uma vez que a expressão era anteriormente e originalmente utilizada para cortinas anti-incêndio que separavam o palco da plateia. [203]

Para os brasileiros, ultrapassar a Cortina de Ferro era também encarado como um desafio com riscos, já que que estavam impossibilitados de conseguir o visto para a URSS no Brasil. Assim, a maior parte dos viajantes fazia escala em Praga — outros em Paris ou Viena — onde conseguiam o visto para a URSS. Boa parte deles descreve os trâmites para tal, chamando a atenção para o fato de que recebiam um salvo conduto para a URSS, uma vez que

[203] O uso da expressão *Iron Curtain* (Cortina de Ferro) deriva de um discurso realizado por Winston Churchill na Faculdade de Westminster, em Fulton, Missouri, em 1946, como forma de se referir à divisão entre o mundo ocidental e o mundo oriental. A frase dita por Churchill foi: "De Stettin, no Báltico, até Triste, no Adriático, uma Cortina de Ferro desceu pelo continente". O termo foi recuperado dos anos finais do século XIX, quando em seu sentido original se referia a um dispositivo anti-incêndio em salas de teatro, que se configurava em uma cortina de ferro ou de aço que poderia ser abaixada rapidamente para separar o auditório do palco. Glenow-Hecht, 2008, pp.904-905.

o passaporte não poderia denunciar a estadia na URSS, por motivos de segurança, conforme aponta Osny Pereira:

> Observo que, ao contrário dos outros consulados, que lançam no próprio passaporte um carimbo para o "visto", êle [funcionário do consulado da URSS em Paris] prepara um papel separado e, percebendo minha curiosidade, esclarece, em seguida: "Procedemos assim, porque, infelizmente, alguns países, depois de alguém receber um 'visto' da União Soviética, no seu passaporte, não permitem mais ao cidadão penetrar neles, dando-lhe a categoria de elemento perigoso. Isto causa prejuízo e humilhações enormes que desta maneira procuramos evitar".[204]

Da mesma maneira, em Praga, Rebêlo descreve a falta de um visto para a URSS em seu passaporte:

> É que nele, como tão dourado distintivo republicano, não tinha eu, como acreditava merecer, um visto para a Russia. Trazia-o à parte, tão suspeitamente escondido quanto o breve, num papelzinho branco que a embaixada soviética em Praga fornecera, não sem me consultar prèviamente se ainda estava eu interessado em aceitar o convite que me fôra endereçado.[205]

O procedimento era realizado independentemente do local de partida do viajante. Estando em Viena como participante do Congresso Mundial da Paz em dezembro de 1952, sendo um dos poucos convidados a visitar a URSS após o congresso, o jornalista Orlando Loureiro compara o salvo-conduto preso ao seu passaporte como uma varinha mágica para a abertura da Cortina de Ferro:

> Um simples pedacinho de papel retangular, apenso aos passaportes, com algumas palavras intraduzíveis, mimeografadas umas e garatujadas outras, é a nossa "varinha mágica" para abrir a "Cortina de Ferro". Disseram-nos — e nós acreditamos sèriamente nisso — que o humilde papelucho é um "salvo-conduto" do Alto Comando Soviético de Ocupação.[206]

A ausência do carimbo no passaporte é um elemento de cautela: significava que os viajantes poderiam omitir em qualquer outro país, inclusive no retorno ao Brasil, que estiveram União Soviética. De certa maneira, denota-se uma preocupação do consulado soviético de que seus visitantes pudessem continuar transitando pelos demais países. Para os

[204] Pereira, 1952, p. 51.
[205] Rebêlo, 1956, p.197.
[206] Loureiro, 1954, p.50.

viajantes simpatizantes e comunistas, poderia servir como uma prova de que não era a porta de entrada da Cortina de Ferro que estava fechada, mas sim, as portas de saída.

O roteiro de viagem mais comum até a fronteira com a URSS consistia em sair de avião do Brasil para algum país europeu — Tchecoslováquia, Áustria, Alemanha, Polônia e França são os mais recorrentes —, onde muitas vezes os viajantes participavam de eventos ou congressos, para de lá partirem para a União Soviética, por avião ou por trem. Muitos países visitados e meios de viagem são coincidentes pelo fato de diversos viajantes fazerem parte dos mesmos eventos ou das mesmas delegações, tais como: Branca Fialho, Jurema Finamour e Osny Duarte Pereira (acompanhado de sua filha Heloísa Helena e de sua esposa Edi Duarte Pereira) participaram do V Congresso da Associação Internacional dos Juristas Democratas em Viena, antes de receberem o convite para a visita à URSS em outubro de 1951; Milton Lobato e Reinaldo Machado participaram juntamente com o médico Raul Ribeiro da Silva de um Congresso Internacional de Medicina, também em Viena, em maio de 1953.

Os eventos aconteciam em países diversos: ainda em Viena (Áustria), Orlando Loureiro esteve presente no Congresso da Paz em dezembro de 1952 e Paschoal Lemme participou da Conferência Mundial de Educadores em julho de 1953; na Suécia, Afonso Schmidt e Marques Rebêlo estiveram na Reunião do Conselho Mundial da Paz, em Estocolmo no ano de 1954; na Polônia, em 1955, José Guilherme Mendes participou de uma feira internacional em Poznan e Flávio Costa foi membro da delegação brasileira presente no Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes em Varsóvia; na Finlândia, Freitas Nobre participou em 1956 do Encontro Internacional de Jornalistas em Helsinque; e finalmente, na Tchecoslováquia, Nestor de Holanda participou do Congresso da Cultura Socialista, em Praga, em 1959.

Estando em tais congressos ou encontros, os viajantes recebiam o convite para continuar a viagem para a União Soviética. A partir daí, o ápice da viagem tornava-se o desbravar da URSS, o que normalmente deixa eventos anteriores em segundo plano nas narrativas. Em alguns casos, é possível perceber que um congresso poderia ser apenas uma passagem para a então sonhada viagem à União Soviética, como se verifica no relato de Raul Ribeiro da Silva, ao ver a chance de conhecer a URSS a partir de um convite para participar de um congresso de medicina em Viena em 1952:

> Essa viagem à Rússia foi o acontecimento mais imprevisível da minha vida. Prosseguia no meu trabalho rotineiro, prêso apenas às preocupações profissionais, quando, casualmente, tive notícia da muito próxima realização de um congresso

> médico internacional em Viena, após o qual seria de esperar-se um convite aos congressistas para visitarem a URSS, como sucedera pouco antes a juristas que figuraram numa reunião mundial efetuada em Berlim.[207]

Os viajantes que foram convidados diretamente para participar de eventos dentro da União Soviética também faziam escalas em algum país europeu que fornecesse o visto de entrada. A maioria deles adquiriu o visto em Praga, ocasião em que muitos aproveitavam para conhecer cidades da Tchecoslováquia, sob regime socialista desde 1948. Alguns eventos na URSS também congregaram a presença de viajantes nas mesmas delegações: em abril de 1952, para a realização da Conferência Econômica Internacional de Moscou, estavam presentes Rubens do Amaral, José Campos, José Edmar Morel e Josué Guimarães. Ainda em 1952, outra delegação foi convidada para participar das comemorações do 1º de maio, estando nela presentes Graciliano Ramos, os operários paulistas Constantino Stoiano, Antônio Chamorro, José Pedro Pinto, João Sanches e Lázaro Moreira e o marítimo Humberto Alves Campelo.

A maior parte dos brasileiros realizou a viagem de ida a Moscou completamente por via aérea. Um detalhe interessante em relação aos viajantes que voaram em aviões soviéticos é que muitos deles fizeram comentários positivos sobre a falta de cinto de segurança, como indica José Campos: "Procuramos amarrar-nos e não encontramos os cintos. Não existem, por desnecessários, segundo mais tarde nos informaram, dada a estabilidade que os aviões soviéticos oferecem, tanto no curso da viagem, como em subidas e aterragens".[208] A partir da quantidade de observações semelhantes, fica perceptível que a propaganda favorável à tecnologia soviética já se inicia antes da chegada ao solo, conforme também indicam os trechos de outros viajantes, como no caso de Constantino Stoiano e Graciliano Ramos:

> Saímos de Praga para Moscou em avião. Nossa primeira e agradável surpresa foi a de não encontrar nos assentos do avião os cintos que usamos aqui. A aviação soviética não amarra os passageiros nem pra levantar vôo nem para aterrissar. Tem confiança em seus pilotos e seus aparelhos.[209]

> Depois de exame rigoroso nas bagagens, deixamos Praga de oito para nove horas, num avião militar. E logo aí notei particularidades. Não havia letreiro

[207] Silva, [1953?]. p. 9. O autor se refere ao V Congresso da Associação Internacional dos Juristas Democratas, em que uma delegação de brasileiros foi convidada a conhecer a União Soviética.
[208] Campos, 1953, p.23.
[209] Stoiano *et alii*, 1952, p.9.

> luminoso a exigir que amarrássemos os cintos e esquecêssemos algum tempo o cigarro. Buscando a correia para prender-me, obediente à exigência cristã, não achei prisão: pelo menos nesse ponto via-me livre de amarras.[210]

Apenas oito viajantes descrevem a possibilidade de transpor a fronteira por trem.[211] Os locais de saída mais citados eram as cidades de Viena (Áustria) e Varsóvia (Polônia), havendo também viajantes que saíram de Helsinque (Finlândia), Zurique (Suíça) e Berlim (Alemanha). A duração das viagens de trem variava de dois a três dias, sem, contudo, serem tediosas, uma vez que as diferentes paisagens, as paradas em diversas estações e a própria interação entre os passageiros surpreendiam e divertiam os viajantes. Nas palavras de Victorio Martorelli:

> Como em tôdas as viagens, procura-se "matar" o tempo com algum entretenimento. Grupos conversavam enquanto o trem devorava quilômetros. Outros, jogavam baralho. Estudiosos, liam sem cessar. Mas, na delegação brasileira havia artistas. E que artistas! Dentro em pouco, estava formado o "Quarteto Brasileiro", integrado pelo nosso colega Tito Fleury, por Nelson Rustiei, Geraldo Ribeiro, advogado em Barra Mansa e João Firmino Luzia, presidente do Sindicato dos Marceneiros de Belo Horizonte. Êste conjunto improvisado na viagem tornou-se conhecido por onde passava.[212]

A viagem de trem era vista como um privilégio: "Entrar assim, Rússia adentro, por estrada de ferro, não deixa de ser uma oportunidade que as autoridades soviéticas só raramente concedem aos visitantes estrangeiros, os quais, via de regra, viajam a Moscou por avião, tocando em Praga ou Varsóvia".[213]Além disso, apresentava a vantagem de transpor, fisicamente, a tão esperada Cortina de Ferro, como podemos sentir nas palavras de Flávio Costa e de Raul Ribeiro da Silva:

> Nas pequenas estações que encontrávamos pelo caminho, informavam-nos que nos aproximávamos rapidamente da Tchecoslováquia [estava saindo da Alemanha]. O povo nos olhava com curiosidade, os guardas faziam uma cara indefinível. E' que não viam com bons olhos a direção em que ia o nosso trem.

[210] Ramos, 1954, p.29. A observação sobre a falta de cintos de segurança foi encontrada em sete relatos. Contudo, nem todos os viajantes percebiam esse fato como algo positivo. Branca Fialho considera errado a falta de cintos no avião, provocada pelo orgulho soviético por terem aviões estáveis e seguros. Fialho, 1952, p.23.
[211] São eles: Orlando Loureiro, Zuleika Alambert, Milton Lobato e Reinaldo Machado, Raul Ribeiro da Silva, Flávio Costa, Freitas Nobre e Victorio Martorelli.
[212] Martorelli, 1958.
[213] Loureiro, 1954, p.54.

> Aquela região estava ocupada pelos americanos; adiante ficava a Tchecoslováquia, um país socialista. Daí que, à medida que nos acercávamos da fronteira, não só passávamos de uma nação para outra, mas também, gradativamente, de um mundo para outro. Logo mais encontraríamos pela frente a famosa Cortina de Ferro.[214]

> Ao fim de duas horas passadas depressa, atingimos a margem direita do Danúbio e logo paramos numa pequena e modesta estação, marco significativos da jornada: ei-nos na fronteira austro-húngara, transpondo a linha há tantos anos fechada ao mundo ocidental, a "Cortina de Ferro", na expressão de Churchill, tornada tão famosa (1). Desta baliza para além, no rumo do oriente, um reino hoje mal conhecido, onde a condição humana tende para melhor, segundo uns, ou para pior, segundo outros, nessa alternativa de ideias em que paixões opostas se desavêm sem quartel. Assim, por muitos motivos, a entrada nessa região onde se processa a maior experiência política da História é deveras sensacional.[215]

Mais do que uma fronteira física a ser ultrapassada, a "Cortina de Ferro" representava a fronteira de duas ideologias opostas, podendo estar situada em lugares diferentes, de acordo com a sensação e com a trajetória pessoal de cada viajante. Sua descrição é muitas vezes acompanhada por imagens simbólicas. Para alguns, a passagem acontecia apenas quando se alcançava a União Soviética, como relata José Olympio Azevedo:

> Chegamos à fronteira com a URSS. Levanto-me, vou à janela, procuro a "Cortina de Ferro" e vejo, no barranco ajardinado, a pomba da Paz e uma saudação aos participantes do Festival. Entra um oficial soviético e dá as boas vindas aos estrangeiros que acabam de chegar a União Soviética.[216]

Já para outros viajantes, a Cortina de Ferro era transposta em qualquer um dos países cujo regime fosse socialista: Tchecoslováquia, Alemanha Oriental ou Hungria — independentemente do transporte que utilizassem para transpô-la. Ao voar de Londres para Praga, Josué Guimarães comenta que apenas alguns minutos o separavam da Cortina de Ferro. A cada metro que o avião descia, Guimarães sentia que se aproximava da sua "grande aventura." Ao observar os primeiros aparelhos soviéticos, pintados de verde oliva e com grandes estrelas vermelhas na cauda, deixou transparecer sua ansiedade ao descrever ter a sensação de estar vendo coisas proibidas e de que alguém lhe bateria de leve nas costas,

[214] Costa, 1958, p.64.
[215] Silva, [1953?], p. 42.
[216] Azevedo, 1959, p.40. [José Olympio Azevedo]

pedindo para fechar as cortinas do avião, manisfestando assim a simbologia de sua passagem pela fronteira ao aterrissar.[217]

Independentemente do lugar, o momento da passagem pela fronteira é percebido como uma transposição de dois mundos. O mundo ocidental, tão igual e previsível, é substituído por um mundo desconhecido e surpreendente, além de também ser proibido e isolado aos olhares dos ocidentais. Por mais que os viajantes já tivessem lido sobre a União Soviética em periódicos ou em outros relatos de viagem e tivessem uma opinião formada, a bipolaridade de opiniões sobre a sociedade soviética alimentava a dúvida: estariam entrando no paraíso ou no inferno? O regime socialista trazia liberdade aos trabalhadores ou submissão ao autoritarismo de um grupo partidário?

A partir da fronteira que separava o mundo socialista da cultura ocidental, diversas possibilidades de sensações atingiam os visitantes: ansiedade, angústia, medo, felicidade ou até mesmo decepção e desapontamento, para aqueles que observavam que nada de novo a travessia oferecia, como no caso do viajante de ideologia não definida, Flávio Costa:

> Estávamos entrando na URSS, penetrando o território da nação mais discutida do globo, para onde se voltam hoje em dia todos os olhares, confiantes uns, temerosos outros. Talvez por isto esperasse algo de espetacular e notável ao cruzarmos a sua fronteira, naquela madrugada friorenta e enevoada. Pelo menos um aparato policial que justificasse a expressão de atravessar a "cortina de ferro". Mas nada disto havia. Realmente, a travessia da fronteira da URSS foi a mais simples e a mais rápida de todas.[218]

A simbologia da "Cortina de Ferro" era tão presente no cotidiano dos viajantes que muitos aproveitavam para brincar com a situação. Osny Pereira descreve um caso de Branca Fialho, a quem ele chama de "Dona Branca", que, ao regressar do Congresso Mundial da Paz realizado em Varsóvia e ser questionada sobre a impressão que sentiu à passagem da Cortina de Ferro, teria respondido que não se sentia muito, e que o avião, quando atravessava a cortina, balançava um pouco, para cá e para lá, mas que os passageiros não sentiam quase nada.[219] Já Graciliano Ramos, ao visitar uma fábrica têxtil de Tíblissi e ter, por engano, empurrado a porta de um banheiro feminino, sendo logo em seguida impedido de abri-la,

[217] Guimarães, 2001, p.52.
[218] Costa, 1958, p.170.
[219] Pereira, 1952, p.59.

ironizou dizendo que finalmente havia encontrado a cortina de ferro, uma sala onde não se podia entrar.[220]

Era na passagem pela fronteira — que poderia ocorrer também no atravessar para algum país socialista — que os brasileiros enfrentavam a alfândega. Para a maioria dos viajantes, munidos de seus salvos-condutos que, segundo Loureiro, funcionavam como "Abre-te Sésamos",[221] a passagem ocorreu de forma tranquila, surpreendendo-os por entrarem de maneira tão fácil para o mundo do socialismo: em Moscou, José Campos e José Edmar Morel reportam que suas malas não foram abertas e que não tiveram que preencher nenhum formulário, apenas tendo que fazer a declaração de quanto dinheiro levavam.[222] Estando em Praga, já na partida para a URSS, Osny Pereira comenta que o funcionário da alfândega nem abriu suas malas e, gentilmente, em bom francês, encaminhou-os para aguardar no restaurante até a hora do embarque.[223] O mesmo acontece com Francisco Peixoto, que reforça a ideia de tranquilidade em seu retorno, ao dizer que não foi exigida declaração alguma, nem revista de bagagem, afirmando ainda que poderia ser um tratamento de exceção.[224]

Raul Ribeiro da Silva também observa que a revisão de bagagem no departamento alfandegário se deu de forma "sumaríssima," e que apenas requisitavam os materiais impressos (livros, revistas, jornais), com o aviso de que fariam a devolução no reembarque.[225] Já João Pinheiro Neto sinalizou que não havia muitas diferenças alfandegárias entre URSS e os países do ocidente capitalista, afirmando que "as formalidades burocráticas são normais, talvez até mais simples do que as do Brasil."[226]

O fato de muitos viajantes terem feito questão de descrever a passagem pela a alfândega demonstra que existiam dúvidas sobre esse momento. Contudo, a passagem pela fronteira poderia se demonstrar tão tranquila que alguns viajantes a descreviam de forma irônica, como o fez Nestor de Holanda:

[220] Ramos, 1954, p.109.
[221] Loureiro, 1954, p.51.
[222] Campos, 1953, p.33 e Morel, 1952, p.114.
[223] Pereira, 1952, p.200.
[224] Peixoto, 1960, p.140.
[225] Silva, [1953?], p.45.
[226] Pinheiro Neto, 1961, p.11.

> O checo louro e sorridente me perguntou o nome, o enderêço e a profissão. Quis saber, também, qual o dinheiro que eu levava. Foi anotando as informações, sem me revistar para ver se estavam certas. [...] Ninguém se interessou em saber se eu transportava alguma bomba para soltar no Kremlin. Também não houve quem avançasse, para abrir minhas malas ou embrulhos, desconfiando de "muambas". Quando pensei que fôssem iniciar essa operação, o checo louro me disse, sempre sorrindo: — Estimarei que goste de Praga.[227]

Apenas dois viajantes descreveram problemas enfrentados nesse momento. Orlando Loureiro relatou que antes de poder "transpor os umbrais do 'Paraíso'"; na passagem para a Ucrânia por trem, os oficiais soviéticos recolheram seus passaportes e os deixaram esperando por três horas no trem até que pudessem seguir viagem.[228] Já Silveira Bueno, único viajante a cruzar as fronteiras em ônibus de turismo de uma excursão da Generalcar em 1960, apresentou desagrados ao descrever a travessia de Berlim Ocidental para Berlim Oriental, denunciando inclusive as péssimas impressões que lhe causava os símbolos do regime:

> A bandeira rubra da foice e do martelo dá-me a impressão de um pano ensanguentado que o vento agita e o sol ilumina, elementos indiferentes que agitam e aquecem tanto os cabelos dourados de uma criança loura que aí brinca, alheia ao drama de sua pátria, quanto as cãs de uma senhora, cabelos que se embranqueceram, quem sabe, pelos sofrimentos que essa porção de Berlim tem causado. Repetindo o espetáculo que se há de multiplicar em tôda esta longa excursão à Rússia, defrontamo-nos com as já por nós bem experimentadas dificuldades burocráticas e policiais dos soviéticos. A tão poucos metros de distância tudo muda, tudo toma outro aspecto: guardas fazem parar o nosso autocarro de turismo; entram oficiais que revisam nossos passaportes já visados ao entrarmos em Berlim; um guia russo toma o lugar do nosso guia e como não fala francês, chama em seu auxílio outro que gagueja mais do que se expressa [...][229]

Já na passagem da Polônia para a URSS, Bueno compara a verificação rápida de documentos feita por educadas moças polonesas, com a entrada na URSS: uma fila extensa de ônibus e carros de turismo sob sol ardente, onde dois soldados de fuzil e metralhadora lhes davam a primeira "saudação" russa. Descreve ainda que tiveram que sair do ônibus sem levar coisa alguma para que as autoridades o revistassem completamente, inclusive verificando as malas. Por fim, por conta de uma brasileira que estava com passaporte inutilizado por ter

[227] Holanda, 1962, p.13.
[228] Loureiro, 1954, p.54.
[229] Silveira Bueno, 1961, p.37.

alterado à tinta sua data de nascimento, diminuindo-a 10 anos, a excursão de Bueno permaneceu na fronteira por horas, momento em que ele aproveita para ironizar:

> Como não esperávamos tal contratempo, não tínhamos conosco alimento algum, nem mesmo caramelos para enganar o estômago em plena revolta, cheio de exigências. **Pela primeira vez, em minha vida, senti a tortura da sêde e da fome. Era nossa entrada no Paraíso Vermelho.** Segundo a doutrina católica, ninguém entra no Céu sem passar e estacionar no purgatório, a fim de purificar-se das culpas cometidas. O fogo purificador deve queimar êsses restos de pecado para que São Pedro, em sua função de porteiro celeste, abra a porta e admita as almas à presença de Deus. Aquelas horas na fronteira russa eram bem o nosso purgatório e o oficial carrancudo, sem o saber nos estava purificando sob o sol a trinta e sete graus à sombra, com mais êsse suplício da sêde e da fome que o catolicismo não prevê em sua doutrina. Assim, purificados, experimentados em todo o nosso sistema nervoso e digestivo, chegamos, enfim, a Brest-Litivsk, a primeira cidade russa que nos devia receber famintos e sedentos, mas... puros![230]

É válido lembrar que Bueno busca entrar na URSS sem ser convidado pelo regime, procurando adentrá-la como um simples turista, participante de uma excursão. Bueno e Loureiro fazem parte do grupo de viajantes anticomunistas, o que explica, em partes, esse olhar mais crítico para descrever a entrada no mundo soviético.

A passagem pela fronteira significava a entrada em um novo mundo, que deveria ser mais justo e mais acolhedor, ao menos segundo seus anfitriões. Por conta disso, boa parte dos viajantes brasileiros eram surpreendidos em aeroportos ou estações por recepções calorosas onde eram aplaudidos, saudados, abraçados e presenteados com ramalhetes de flores. As recepções poderiam ser ainda mais acolhedoras dependendo do evento em questão. Após participar do Festival Mundial da Juventude em Varsóvia, Flávio Costa seguiu com os demais estudantes para URSS, onde foram surpreendidos na estação de trem da primeira cidade que chegaram, Brest-Litowski:

> [...] deparamos com uma pequena multidão de jovens estudantes, alguns intérpretes e grande quantidade de curiosos que nos olhavam com um misto de admiração e incredulidade. Realmente, deveria parecer bem estranho aquele grupo de estrangeiros dos mais diversos países, desde brasileiros e norte-americanos até indianos e japoneses. Mas durou pouco a surprêsa dos russos. Quase miraculosamente surgiu uma espécie de orquestra, pares se formaram e começou uma dança que haveria de prolongar-se durante bastante tempo. Os estudantes nos cercavam, puxavam para dançar, tirar fotografias ou apenas

[230] Silveira Bueno, 1961, p.62.

> conversar. – uma conversa que na verdade não era possível, não podia ser possível: quem entendia aquela estranha, todavia sonora língua eslava? [231]

Eram também nas recepções que os viajantes tinham contato com seus primeiros guias e/ou intérpretes, responsáveis por acompanhá-los por todo o percurso enquanto estivessem na URSS:

> Nossa curiosidade é impossível de descrever. Começamos a descer as escadas e um grupo de homens bem encapotados, com roupas talhadas sob figurinos bem similares aos nossos e uma senhora encaminham-se para nos, trazendo flores que entregam ao elemento feminino da Delegação. [...] Aquela saudação, no nosso idioma que jamais esperaríamos encontrar, em território da U.R.S.S., foi a melhor surprêsa, de quantas nos pudessem estar reservadas. Deixou-nos inteiramente à vontade e, face a solicitude dêsse cavalheiro que, de agora por diante, irá nos acompanhar, em todos os passeios e viagens pela Asia, o contacto, com as pessoas que nos ministravam informações, será facílimo e eficiente.[232]

Por diversos lugares, não só nos aeroportos e nas estações de fronteira, mas também nas chegadas em cidades soviéticas, as cenas de recepções calorosas e acolhedoras se repetem nas narrativas, principalmente nas viagens ocorridas na década de 1950. Eram organizadas pelos órgãos de recepção e turismo, VOKS e Intourist, os quais abordaremos a seguir. Assim, após a transposição da cortina de ferro, iniciava-se ou o seu desmoronamento, conforme defendiam os comunistas, simpatizantes e anfitriões soviéticos, ao possuírem a função de mostrar uma sociedade real e aberta, que nada teria de ficcional; ou o seu fechamento, para aqueles que acreditavam estar isolados em um lugar fantasioso e idealizado, como em uma peça teatral.

Turismo soviético e os organismos de recepção: VOKS e Intourist

Ao contrário do que se possa imaginar, é interessante observar que a preocupação com o turismo pelo governo soviético não se restringia apenas aos roteiros de visitantes externos, mas também aos roteiros dos próprios cidadãos russos. Entre 1947 e 1953, nos anos pós-guerra, os cidadãos soviéticos foram encorajados a se voltar para dentro, para evitar o

[231] Costa, 1958, p. 172.
[232] Pereira, 1952, p.214.

"perigo das zonas de borda", ou seja, o contato com o mundo capitalista exterior.[233] O turismo interno passou a ser encarado como uma forma de ampliação do patriotismo dos cidadãos. O Comitê Central do Komsomol[234] descreveu-o como uma das mais importantes formas de trabalho educacional entre a juventude, especialmente devido à educação patriótica.

A partir de uma extensa pesquisa nos jornais centrais soviéticos *Izvetia* e *Pravda,* revistas ilustrativas como *Ogonek* e *Vokrug Sveta* (esta última, embora signifique 'Ao Redor do Mundo', passa a publicar, a partir de 1947, reportagens sobre viagens dentro da União Soviética), relatos de viagem de jornalistas e diplomatas ocidentais, livros de turismo e guias sobre locais específicos e, principalmente, arquivos oficiais da Central Soviética para Turismos e Excursões (GARF), Anne Gorsuch concluiu que o turismo soviético contribuiu para a construção de uma identidade coletiva soviética, além de tranquilizar uma população cansada e devastada pela guerra.

Da mesma forma que relatado nos registros de viagem aqui estudados, as viagens domésticas também contavam com agentes de viagem e guias turísticos responsáveis em direcionar viajantes para locais de interesses históricos, políticos e culturais, com o objetivo de "... ensiná-los a como pensar corretamente sobre tais espaços e sobre seu próprio lugar dentro da larga esfera soviética".[235]

O bureau de excursões turísticas providenciava roteiros a museus e a outros lugares de interesse histórico-cultural no interior e nas cidades para mais de dois milhões de soviéticos. Além disso, houve uma considerável melhora no turismo a partir da década de 50: em 1952, existiam 76 bases de turismo, em comparação a apenas 22 de 1947. Em 1961, já havia 297 bases turísticas e 10 milhões de pessoas já haviam participado de viagens e excursões.[236] É justamente no relato de viagem de Nestor de Holanda, um dos viajantes que conhece a URSS em 1960, que encontramos comentários a respeito do turismo doméstico:

> Os soviéticos usam muito o turismo interno. A URSS tem demais o que mostrar a seus próprios filhos. [...] Todos querem sempre, antes de tudo, conhecer bem a Rússia. Resultado: êsse turismo doméstico é imenso e representa grandes rendas para a União e para as repúblicas de per si.[237]

[233] Gorsuch, 2003, p.760.
[234] Konsomol, ou "Juventude Comunista", era a organização juvenil do Partido Comunista da União Soviética.
[235] Gorsuch, 2003, p.762.
[236] *Ibidem*, p.769.
[237] Holanda, 1961, p.117.

Os múltiplos artigos e publicidades nos jornais e revistas sobre turismo e *resorts* pareciam mais contos de fadas do que relatos de viagem. As informações eram distantes de serem precisas e o número de relatos de boas experiências contrastava com o número de reportagens de problemas relativos ao transporte e às condições miseráveis. Para Gorsuch, o turismo doméstico pós-Guerra não foi para formar "novas impressões", e sim para internalizar as "impressões oficiais", devendo ser visto na verdade como um "ritual de reafirmação", ou seja, uma legitimação da identidade soviética, pois era um dos mecanismos para produzir cidadãos com mente socialistas focadas nas vantagens internas do regime soviético e no que ele ainda poderia se tornar. [238]

Possivelmente, os objetivos de melhorar o turismo doméstico contribuíram também para o aprimoramento das instituições de recepção aos viajantes estrangeiros. Na década de 1950, nota-se uma rede extensa de hospedagem, transporte e de roteiros turísticos disponíveis aos visitantes, se comparados às dificuldades encontradas pelos viajantes da década de 1930.[239] Tais aprimoramentos não seriam possíveis sem a existência de dois organismos de recepção, que agiam em conjunto: VOKS e Intourist.

Para a maioria dos viajantes do início da década de 1950, o centro de operações da VOKS era o primeiro local a ser visitado, uma vez que era lá para onde os guias e intérpretes os levavam para se informar sobre seus roteiros de viagem:

> No dia seguinte ao de nossa chegada, fomos recebidos no V.O.K.S. – Departamento de Relações Culturais. Como em geral, na União Soviética, o diretor recebeu-nos em seu gabinete, fazendo-nos sentar em volta de uma mesa com doces, bombons e frutas e, enquanto conversávamos, serviam-nos também chá ou vinho.[240]

Pela preservação da imagem da União Soviética e pela propaganda do regime, a VOKS surgiu por meio de um decreto do Comitê Central Executivo e do Conselho dos Comissariados do Povo da URSS.[241] Diferentemente de outros órgãos do Estado Soviético, a VOKS destacava-

[238] Gorsuch, 2003, p.782.
[239] Mais informações sobre a recepção de viajantes brasileiros na URSS na década de 1930 podem ser encontradas no terceiro capítulo da minha dissertação de mestrado, em Torres, 2013.
[240] Fialho, 1952, p.10.
[241] Stern, 1999, p.100. Sendo uma das poucas pesquisadoras ocidentais a explorar a instituição, Ludmila Stern aponta que a VOKS não recebeu ainda um exame minucioso de pesquisadores ocidentais. Parte disso se deve ao

se por se apresentar como uma organização não governamental, sendo uma sociedade e não um organismo formal do Estado Soviético. Para David-Fox, esta peculiaridade seria, na verdade, uma invenção para ajudar na sua consumação externa e interna, uma vez que ela era orientada em torno do Comissariado dos Negócios Estrangeiros (NKID), além de ter desenvolvido fortes laços com a polícia secreta (OGPU) e, especialmente, a partir de 1930, com os aparatos do Comitê Central.[242]

Almá-Atá (Kazakstan) — Jantar de despedida. — As brasileiras com as roupas tradicionais, com que foram presenteadas, em companhia do Ministro da Justiça e do representante do Departamento das Relações Culturais.

Figura 1: Jantar de despedida da delegação de Branca Fialho (Fialho, 1952, p.69)

A origem da VOKS e suas características iniciais estão diretamente relacionadas com o trabalho de Olga Kameneva, participante do partido bolchevique desde 1902 e irmã de Leon Trotsky. Kameneva assumiu um posto cultural após a revolução, liderando a administração do teatro de Narkompros entre os anos de 1918 e 1919,e era também esposa de Lev Kamenev.[243] Na década de 1920, ela passou a auxiliar o marido no comando das ações para o alívio da

fato de seus arquivos terem se tornado disponíveis apenas na década de 1990, no Arquivo do Estado da Federação Russa (GARF) em Moscou, incluindo correspondências internas e externas, inspeções na imprensa internacional e arquivos de intelectuais específicos.

[242] David-Fox, 2002, p.11.

[243] Idem, 2012, p. 35.

fome, uma vez que ele era o principal líder para esta questão. A partir das péssimas repercussões internacionais a respeito do problema da fome na URSS, o regime começou a se dedicar em melhorar a imagem da União Soviética internacionalmente, com a institucionalização de novos órgãos diplomáticos culturais.

Com a criação do Comitê para Ajuda Internacional em 1923, liderado por Lev Kamenev, Kameneva começou uma campanha para atrair ajuda e doações de amigos internacionais da Rússia soviética. Entrou em contato com comunistas franceses e norte-americanos, além de grupos de trabalho que prestavam ajuda em organizações de socorro, facilitando vistos para equipes de salvamento e grupos filantrópicos, com a ajuda do comitê de relações exteriores e da polícia secreta soviética. A partir daí, o comitê passou a cultivar uma imagem mais favorável do país para os visitantes, monitorando a imprensa estrangeira, facilitando a possibilidade de trocas de livros internacionais, além de iniciar exibições e apresentações artísticas soviéticas em turnês internacionais.[244]

Em 1924, com o aumento do interesse de viajantes de conhecerem o país socialista, houve um consenso de que era necessário um maior comprometimento com a diplomacia cultural. Uma comissão especial chefiada por N.N. Narimanov foi criada para fundar a nova sociedade, a VOKS, que passou a funcionar em abril de 1925. Apesar de ter financiamento estatal e ser controlada pelo partido, a VOKS possuía um caráter de ser uma "organização social" como forma de atrair tanto os intelectuais soviéticos como os estrangeiros, característica que se inspirava nos contatos internacionais com as sociedades dos amigos da Rússia.

O *status* não governamental da VOKS permitiu em seu início uma grande participação da *intelligentsia* soviética não partidária, interessada em manter as relações internacionais. Os laços entre os intelectuais e a VOKS foram bastante estimulados por Kameneva. Foram criadas diversas seções para cuidar dos assuntos culturais, por membros da *intelligentsia* não partidários, havendo assim uma tentativa de confiança na contribuição de um grupo de intelectuais não partidários para aumentar o papel e a capacidade da VOKS.

O Partido, porém, mantinha uma relação problemática com a ideia de que o engajamento da VOKS estaria ligado a esse grupo, também chamado de *obshchestvennost'*.[245]

[244] David-Fox, 2012, p.34.

[245] Termo intraduzível, segundo David-Fox, que denota o setor da sociedade mais propício a manifestar qualidades de engajamento social. Angelo Segrillo chama a atenção que o termo russo *obshchestvennost'* se

Apesar do termo carregar consigo uma imagem positiva vinda de décadas de oposição da *intelligentsia* ao tzarismo, ele também possuía uma bagagem liberal, corporativista e anti-estado, bem como a conotação de uma força independente. No entanto, a noção de *obshchestvennost'* era preservada por ser uma fachada, pois servia como interventora nas relações com as sociedades externas. Assim como o contato com os intelectuais de fora, a *intelligentsia* soviética, sendo parte de um estrato intermediário entre a classe do proletariado e a burocracia partidária, servia como uma fachada de neutralidade para a VOKS, que não deixava de ser manuseada pelo Partido.[246]

Embora tenha procurado manter ligações com o Partido, Kameneva tentou preservar o não-partidarismo a partir da restauração de laços culturais antigos. Ela defendia o caráter não governamental da instituição, argumentando que a representação da cultura soviética deveria ser feita fora da estrutura e da organização de agências estatais. Essa seria a forma de continuar mantendo contato com as novas sociedades européias, muitas formadas por intelectuais esquerdistas, porém não comunistas, o que justificava o *status* da VOKS como sociedade autônoma.

Assim, desde sua fundação, a VOKS cuidou do contato com a *intelligentsia* tanto interna quanto externa da URSS. Participou do surgimento de várias sociedades amigas da União Soviética e publicou boletins sobre a vida cultural soviética para o mundo, fornecendo artigos e fotografias para a imprensa internacional. Na época de Kameneva, foi também encarregada de propagar o estudo de línguas estrangeiras e de divulgar a cultura ocidental e os desenvolvimentos científicos para as massas soviéticas.[247]

A VOKS funcionava ainda como um correio legítimo para contatar o mundo exterior, transferindo e recebendo materiais de fora do país para a *Intelligentsia.* Ela foi, por exemplo, a responsável por tocar a correspondência entre a Biblioteca Bodleian de Oxford e a Biblioteca Pública Estatal de Leningrado. Pelo fato dela cultivar laços extensivos com diversos jornais e revistas estrangeiros, era também a via para se conseguir publicação exterior, estabelecendo uma relação de troca com os intelectuais soviéticos.

---

aproxima do conceito do filósofo alemão Jürgen Harbermas de *Öffentlichkeit* (traduzido em inglês como *public sphere* e, em português, como "esfera pública"), significando a palavra *obshchestvo* em russo "sociedade". (Segrillo, em comunicação pessoal à autora em 29/08/2018)

[246] David-Fox, 2002, p.26.

[247] *Ibidem*, p.10

Contudo, o papel essencial da VOKS se configurou como sendo a porta de entrada para os estrangeiros, especialmente para os intelectuais.[248] Dificilmente um intelectual estrangeiro planejava uma viagem sem entrar em contato com a VOKS, tornando-a melhor conhecida fora do que dentro do país. Para os visitantes, organizava recepções, palestras, visitas e eventos culturais em diversos campos das artes e das ciências. Graciliano Ramos notou a presença desta instituição ainda em Praga, afirmando que o convite de um passeio pela cidade acompanhado de um guia possivelmente havia sido feito pela "... VOKS, entidade forte, polimorfa, visível ao mesmo tempo em diversos lugares".[249]

Apesar de toda a sua função como interventora nas relações exteriores, a VOKS, em seu início, negava qualquer motivação política em seus contatos com a *intelligentsia* ocidental, afirmando que sua tarefa era apenas favorecer as relações culturais e promover a cultura soviética no exterior.[250] Para Stern, as motivações políticas surgiram gradualmente na instituição. Ela afirma que não há evidências de interesses políticos nas relações iniciais com os intelectuais franceses que visitaram a URSS em 1926-27. Apesar de haver um interesse na seleção de seus visitantes, como Henri Barbusse, famoso escritor francês que viajou à URSS em 1927, as cartas de representantes soviéticos em Paris possuem referências apenas à qualidade dos visitantes como escritores, não fazendo nenhuma menção à sua orientação política.[251]

Além de Kameneva defender o *status* de uma organização não governamental, ela se preocupava também em deixar as massas soviéticas informadas a respeito das diferenças dos países capitalistas, acreditando que o conhecimento a respeito do mundo ocidental poderia ajudá-las a adquirirem consciência. Para ela, as dimensões políticas, ideológicas e propagandísticas de seu trabalho com os estrangeiros estavam entrelaçadas com a noção de que os contatos culturais com o ocidente e o conhecimento geral com o mundo exterior eram de importância intrínseca para a nova sociedade soviética. Ao mesmo tempo, a construção de uma boa impressão da União Soviética internacionalmente dependia da *intelligentsia*

[248] Segundo Mazuy, a VOKS se ocupava apenas de convidados selecionados, participantes de delegações de intelectuais. Mazuy, 2002, p.105.
[249] Ramos, 1954.p.17.
[250] Stern, 1999, p.100.
[251] *Ibidem*, p.103.

burguesa, tendo esta um papel fundamental, uma vez que seria ela que criaria uma opinião pública favorável à URSS, por meio da imprensa dos países de onde vinham.[252]

Esta visão de Kameneva não seria bem aceita ao final da década de 1920, com a a ascensão de Stalin ao poder. Em julho de 1929, após o ínício do primeiro plano quinquenal e em um momento de expulsão generalizada do partido — os próprios Trotsky e Kamenev foram condenados como dissidentes em 1924 e 1927, respectivamente —, Kameneva foi removida do cargo e substituída por Fedor N. Petrov, que se mostrou de acordo com a nova linha adotada pelo partido: ele admitiu em uma Assembléia Geral que a VOKS precisava "... aprender a manobrar", dando a entender que um ataque à cultura burguesa era necessário.[253] Apesar disso, o trabalho de Kameneva perpetuou-se, pois serviu para dar forma a uma grande parte da abordagem soviética que continuou sendo usada para recepcionar os visitantes internacionais.

A partir de 1929, a VOKS passou a instruir suas filiações regionais a lutar contra as atitudes apolíticas e neutras dentro da *intelligentsia* russa. A prioridade voltou-se para a união de informações de tendências culturais em países externos, acarretando na perda de empatia com a *intelligentsia* soviética menos ligada ao Estado. As decisões sobre participação soviética em eventos ou iniciativas externas tornaram-se dependentes de sancionamento pelas autoridades centrais.

Em 1934, Petrov passou o cargo para Aleksandr Arosev, que havia sido embaixador soviético na Tchecoslováquia de 1929 a 1932. Arosev se tornou um dos mais importantes diretores da VOKS, após Kameneva. Como embaixador, ele forneceu mais atenção aos intelectuais thecoslovacos e às relações culturais com esse país, o que fez com que a VOKS se estabelecesse de maneira mais profunda em Praga , algo que explica o porquê de muitos viajantes terem o primeiro contato com essa instituição já quando chegavam a essa cidade. Arosev, orgulhoso do sucesso da diplomacia cultural soviética na Europa, embora subserviente às ordens do Comitê Central, estreitou os contatos da VOKS com os intelectuais europeus. Por conta das contribuições de Arosev, a VOKS passou a dispor de numerosos contatos de alto escalão na Tchecoslováquia.[254]

[252] David-Fox, 2012, p.37.
[253] Kameneva ainda procurou sobreviver após as condenações de Trotsky e Kamenev: ela evitou atividades de oposição, e estava separada de Kamenev. Seu trabalho com estrangeiros burgueses passou a ser considerado considerado desagradável e mal visto. *Ibidem*, p.37.
[254] David-Fox, 2012, p.81.

Ao final da década de 1930, as relações culturais internacionais soviéticas estavam desorganizadas e em menor número, o que condiz com o final do primeiro ciclo de viagens à União Soviética, que diminui drasticamente nos anos de 1937-1938, época do período do "Grande Terror"de Stalin, seguido pelo pacto nazi-soviético e início da 2ª Guerra Mundial. Nos anos imediatamente pós-segunda guerra, como era de se esperar, o movimento turístico para a URSS manteve-se muito baixo. Para se ter uma ideia, entre 1947 e 1951, a VOKS recepcionou apenas cinquenta e sete visitantes dos Estados Unidos.[255] A morte de Stalin em 1953 e a subida de Khruschev no ano seguinte, trouxe consigo uma reabertura para o ocidente.

Em meados da década de 1950, a VOKS chegou ao fim. Em setembro de 1957, foi substituída por uma nova "União de Sociedades Soviéticas de Amizade e Relações Culturais com países estrangeiros" (*Soyuz sovetskikh obshchestv druzhby i kul'turnykh svyazey s zarubezhnymi stranami*), sob a supervisão do Comitê Central. [256]

A VOKS aparece presente nos relatos de brasileiros que viajaram até 1956, sendo Francisco Inácio Peixoto o último viajante a comentar sobre ela, realçando o interesse de sua representante no reatamento das relações entre Brasil e URSS:

> Frutas na ampla mesa de madeira escura, refrigerantes e cigarros, recebeu-nos naquela manhã a diretora da Voks. Íamos para uma visita de cortesia e para organizar o programa de que queríamos ver e conhecer na União Soviética. A senhora, em palavras medidas, mas traduzindo hospitalidade perfeita, deu-nos as boas-vindas protocolares, endereçou-nos os votos que costumam formular em tais ocasiões e outros, mais objetivos, para que voltassem a ser reatadas, em temos de proveitoso intercâmbio, as relações entre a URSS e o Brasil.[257]

Os viajantes parecem não notar o desmantelamento da instituição, pelo contrário, apresentam-na como uma instituição bastante ativa e necessária para o decorrer da viagem:

> O Professor Denisov, enquanto fazia servir doces e chá, em complemento às frutas, explicou as finalidades da VOKS, uma organização destinada a divulgar no estrangeiro os progressos da União Soviética, em qualquer setor, para o que dispunha de secções correspondentes a todos os ramos do conhecimento humano

[255] *Ibidem*, p.319.
[256] David-Fox, 2012, p.323.
[257] Peixoto, 1960, p.65.

> e a trazer para o interior do país a vulgarização de tôdas as conquistas científicas nas outras nações.[258]

Muitos viajantes apresentam a consciência de que a VOKS não funcionava apenas como um organismo de recepção, mas também de persuasão e controle. Além da recepção, formação de roteiros e de disponibilizar guias e intérpretes para acompanhar os grupos financiamento de entradas a museus e teatros, a VOKS oferecia também banquetes, hospedava-os em hoteis extremamente confortáveis e montava roteiros de acordo com os interesses de cada delegação. Graciliano Ramos, embora comunista, demonstra ser um dos viajantes mais incomodado com a situação:

> Estamos na presença de um organismo singular. Antes de entrar neste país, fomos estudados, virados pelo avêsso. Examinaram-se os nossos actos com vidro de aumento – e por isso a criatura delicada, a fumar e a beber connosco, tem recurso para sensibilizar-nos com um elogio discreto lançado inadvertidamente, na aparência. [...] A gentileza excessiva arrasta-nos a essa conclusão; enche-nos de assombro. Queremos resguardar-nos.[259]

Percebe-se, pelas palavras de Ramos, que o excesso de cuidados poderia ter efeito contrário. Os viajantes poderiam se sentir oprimidos por tamanha gentileza e até desenvolverem um sentimento de desconfiança em relação à instituição, embora a maioria demonstrasse gratidão pelos serviços prestados.

Outra instituição que é bastante citada pelos viajantes, especialmente nos relatos do final da década de 1950 e início de 1960, é a Intourist, agência de viagens criada em 1929, por um decreto do Conselho para o Trabalho e Defesa da URSS. Seu nome é uma abreviação da expressão *Inostrannyi Turist* ("Turista Estrangeiro"). Ela foi criada para facilitar a viagem de turismo em uma terra "em transição", uma vez que entre 1917 a 1926, as condições na União Soviética não estavam maduras para o turismo devido às consequências da Revolução e da guerra civil, deixando o país economicamente e socialmente devastado.[260]

A Intourist responsabilizou-se por criar uma infraestrutura moderna com facilidades para os turistas, reformando estradas e acomodações, com o objetivo de fazer a jornada pela URSS mais semelhante às viagens modernas da Europa, proporcionando aos turistas aquilo

[258] Pereira, 1952, p.261.
[259] Ramos, 1954, p.77.
[260] Kravitz, 2006, p.3.

que eles desejassem, de forma barata, fácil e mais confortável do que nos dias czaristas. Para tal, ela estabeleceu contatos com outras agências de viagem de outros países, muitas de grande porte, como a Thomas Cook e a American Express Company.[261]

Tais empresas solidificaram a União Soviética como um destino turista viável e legítimo. Ademais, a Intourist fomentou a associação com empresas de navios a vapor e transatlânticos, como a linha "The Canadian Pacific Steamship Line" a linha "Holanda-América", responsável, justamente, pela rota Hamburgo-América do Sul. O estabelecimento do contato com as grandes companhias foram as principais causas do crescimento da indústria de turismo na URSS, pois nenhuma outra organização, naquela época, poderia oferecer a quantidade de turistas que esses navios levavam aos soviéticos.[262]

Novos e rápidos meios de transportar pessoas, incluindo a construção do sistema de metrô de Moscou, inaugurado em 1935, estavam alinhados com o pensamento soviético de modernização. Por meio da Amtorg,[263] a Intourist adquiriu parte de sua frota de carros e vagões de trens. Kravitz salienta que os soviéticos compraram mais de 130 automóveis Lincoln, automóveis de luxo da empresa Ford.[264] Inclusive, muitas brochuras de guias e propagandas da Intourist mostram gravuras ou pinturas de tais carros. Em uma publicação da Amtorg, *Economic Review of the Soviet Union*, a Intourist disseminava informações sobre seus roteiros e viagens para os norte-americanos. Em uma de suas publicações de 1931, informou que o influxo de turistas para União Soviética, especialmente turistas norte-americanos, estava aumentando tão rápido que a Intourist iria gastar mais de 20 milhões de rublos para promover as acomodações adequadas para os visitantes estrangeiros.[265]

Em outro periódico, *Review of Reviews*, foi informado que, no ano de 1931, em adição às despesas gerais como salários e propagandas, os soviéticos iriam gastar mais de 10 milhões de dólares para remodelar antigos hotéis e construir novos.[266] O detalhe do luxo dos hotéis e

[261] Thomas Cook, primeira agência moderna de turismo, fez acordo com os soviéticos em 1928, dando legitimidade e validade para a indústria de turismo soviética. Segundo Kravitz, tal acordo teve também muitas vantagens para Thomas Cook, pois na primeira metade de 1930 a "Rússia foi o único país com o qual o negócio de Cook se expandiu." *Ibidem*, p. 37.
[262] *Ibidem*, p.40.
[263] "Amtorg Trading Corporation" foi a primeira representação soviética a se estabelecer nos Estados Unidos, em 1924, em Nova York. Ela servia às firmas soviéticas de importação e exportação.
[264] Kravitz, 2006, p. 48.
[265] "Many Hotels Built and Reconstructed for Tourist Travel". *Economic Review of the Soviet Union*, 1, n. 7 (Abril 1931): 158. *Apud* Kravitz, 2006, p. 46.
[266] "Russia Bids for Tourist Trade" *Review of Reviews*, 1931. *Apud* Kravitz, 2006, p. 47.

de suas acomodações, é algo muito comentado nos relatos em geral. É nítido que a URSS tinha a preocupação de corresponder e surpreender os anseios dos viajantes, acostumados com as regalias europeias.

Intourist e VOKS trabalhavam em conjunto no controle da hospedagem e direcionamento dos viajantes ocidentais a diversos locais. Era função da Intourist, por exemplo, deixar à disposição da VOKS motoristas e veículos da mais alta qualidade, o que deixava os viajantes impressionados, como informam José Campos e Afonso Schmidt:

> Examinamos o carro e verificámos, admirados, que era moderno, muito confortável, com calefação, do tipo 'Packard', de 1950. Entre o chofer e o assento dos passageiros, há uma separação de vidro, que se levanta e abaixa, automaticamente. Partimos, então, do aeroporto, que dista 30 quilómetros da cidade de Moscou, na direção desta.[267]

> Ao sentarmos no nosso cantinho [no automóvel], não nos passou desapercebida a elegância dêsse carro, de construção soviética, para oito pessoas, contando a que vai na direção. O chofer, de sobretudo, chapéu de peles e grosso cachecol, era um moço loquaz e sorridente. Adivinhou logo que estávamos elogiando o veículo.[268]

Os acordos entre as duas estruturas eram objetos de convenções que estipulavam que a Intourist deveria comunicar à VOKS a lista dos visitantes suscetíveis ao interesse de melhorar as relações culturais com o estrangeiro, assim como uma lista de seus serviços oferecidos (roteiros, transportes, etc.) e de seus preços. Já a VOKS deveria informar à Intourist sobre os objetivos da visita, além de organizar, a pedido da Intourist, encontros ou entrevistas com os visitantes estrangeiros. A VOKS possuía a preocupação de personalizar o turismo coletivo, proposto pela Intourist, tentando responder às solicitações específicas dos visitantes que vinham encontrá-la de acordo com suas especialidades (médicos, arquitetos, estudantes, engenheiros, escritores, etc.).

Entretanto, essas não eram as únicas funções da Intourist. Um estudo a partir de seus arquivos realizado por Shawn Salmon denuncia também seu caráter comercial, uma vez que desde a sua criação era uma instituição atrelada também às necessidades financeiras do estado soviético e ao mercado. Ao contrário da VOKS, Intourist possuía metas econômicas a

[267] Campos, 1953, p.8.
[268] Schmidt, 1956, p.131.

serem cumpridas, o que parecia ser um paradoxo do socialismo soviético, uma vez que era, de certa maneira, "dependente" do capital internacional.[269]

Esse lado comercial da Intourist passou a ser mais explorado e cobrado pelas autoridades soviéticas após a Segunda Guerra Mundial. Em 1945, a ideia de que o turismo contribuiria para resolver problemas da balança comercial passou a aparecer em pronunciamentos sobre o trabalho da indústria turística. O aumento considerável dos visitantes anuais a partir da subida ao poder de Khruschev em meados de 1950 foi também um incentivo para que mudanças fossem realizadas no comércio soviético – tais como a possibilidade de alguns ambientes aceitarem o dolar como moeda de troca – com o intuito de melhorar o comércio.

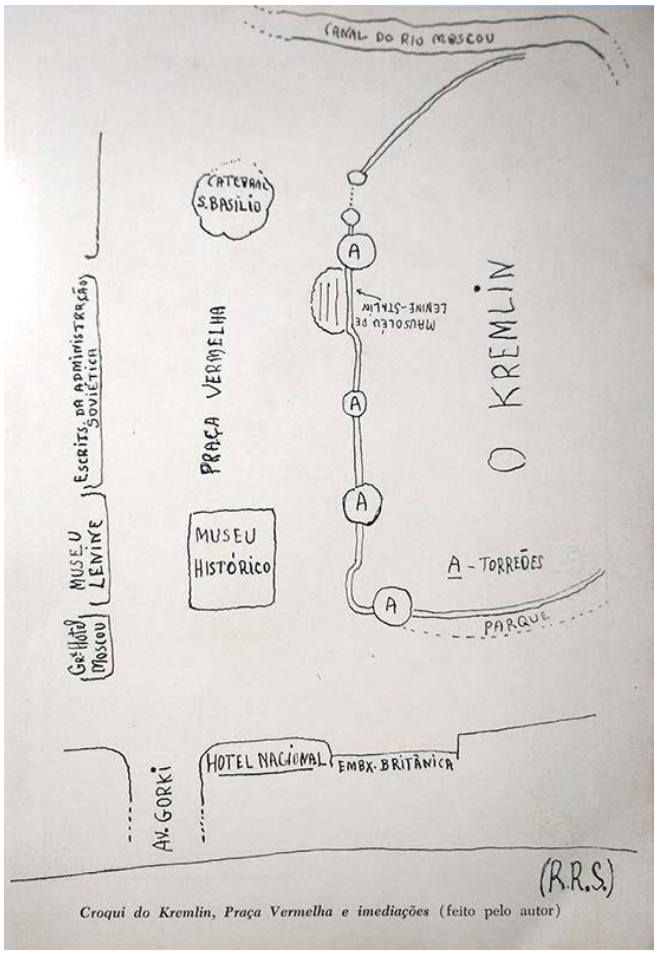
Ambas as instituições, VOKS e Intourist, eram responsáves pela programação e roteiros de viagens. Os relatos de viagem de intelectuais brasileiros demonstram a satisfação destes com os roteiros da viagem, os quais continham um cronograma básico a ser seguido: quase todos visitavam o Teatro Bolshoi, o Kremlin, o Mausoléu de Lênin, além de museus, fábricas, kolkhozes e escolas. Escritores e jornalistas, como Orlando Loureiro e Jorge Amado, eram também levados à sede central da União dos Escritores Soviéticos ou à sede da União dos Escritores Georgianos como no caso de Graciliano Ramos, cuja satisfação com o roteiro já é demonstrada logo no início de seu relato:

> Mostraram-me o que me interessava: museus, institutos, igrejas, escolas, fábricas, armazéns, a cultura da terra e a cultura dos espíritos. Fui impertinente com freqüência, exigi motivos com minúcia, e não percebi um sinal de enfado, nenhuma das minhas perguntas ficou sem resposta.[270]

O itinerário número um de todos os viajantes e de qualquer guia turístico era Moscou. Afinal, a cidade era o coração da terra socialista, capital de todos os trabalhadores do mundo. Todos os relatos de viagem vistos para este trabalho começam em Moscou e a grande maioria registra uma boa impressão da cidade: "Ruas animadas e cheias de gente, uma gente forte e calma, segura de si. Ruas alegres e largas, amplas avenidas onde sucedem edifícios monumentais, casas e esquinas cheias de recordações históricas e de afirmações de uma vida nova." [271]

[269] Salmon, 2006, p.188.
[270] Ramos,1954, pp. 9, 10.
[271] Amado, 1951,p.66.

Manter Moscou como o local central para estadia dos viajantes não era algo fortuito desde a década de 1920. Ao fazer referência ao guia turístico *Guide à travers L'Union soviétique*, de A. Rado, publicado pela VOKS em 1929 e direcionado principalmente aos viajantes individuais, pois não era fornecido às delegações de militantes,[272] Mazuy observa que, curiosamente, o guia estipulava os locais que os visitantes poderiam ou não ir. Por exemplo, trazia a informação de que os vistos não eram válidos para a entrada nas Repúblicas do Uzbequistão e do Turcomenistão, nas quais não poderia entrar sem uma autorização especial. Desta maneira, os soviéticos procuravam canalizar também as viagens individuais aos circuitos oficiais ao redor de Moscou, impedindo o acesso às zonas mais sensíveis. [273]



Croqui do Kremlin, Praça Vermelha e imediações (feito pelo autor)

Figura 2: Croqui do Kremlin, Praça Vermelha e indicações, de Raul Silva (Silva, [1953?], p.52)

[272] Mazuy, 2002, p.85.

[273] I*bidem*, p.86. Ainda segundo Mazuy, o guia produzido por Rado era um exemplo perfeito de propaganda soviética para a viagem. Assemelhava-se muito mais a um manual sobre a URSS do que um guia propriamente dito, pois ao invés de referir-se a procura de lugares turísticos, trazia informações principalmente sobre a geografia industrial do país.

Manter a fachada de sucesso sociocultural estando em Moscou era mais fácil para tais instituições, por já contar com todo o aparato estrutural da cidade. Citando o exemplo de Ronskaya, guia de Viollis, Stern mostra que ela perde os mecanismos de controle ao sair de Moscou, e, consequentemente, a sua habilidade de impor sua interpretação para a visitante. Nesses casos, os intérpretes apelavam para a comparação com o passado, como a própria Ronskaya relata à VOKS:

> Eu fiz o possível para fazer com que ela observasse que isto [*os problemas encontrados*], é uma doença de crescimento relacionado, que você não pode exigir de Bukhara, onde um ano atrás não havia água para beber e as pessoas viviam em cabanas enlameadas, para fornecer confortos como o do nível do Hotel de Londres, e que a construção febril de plantas e fábricas atraíram mais pessoas à Ásia Central do que a estrutura de trem e os hotéis poderiam suportar, e que trens e hotéis estão sendo construídos, os quais, de qualquer modo, ela viu por ela mesma.[274]

Já os guias e intérpretes que acompanharam as viagens brasileiras na década de 1950 contavam com a justificativa dos estragos produzidos pela Segunda Guerra Mundial, conforme podemos denotar do relato de Edi Pereira:

> [...] vi um bairro pobre no caminho do pôrto do canal Volga-Don e que me pareceu extenso. Explicaram-me que realmente havia casas pobres mas o interior não era miserável: não poderiam destruí-las enquanto não construíssem novas: a guerra atrasara de muito a construção de moradias. [275]

Gorsuch, no entanto, indica que a atenção dada ao turismo nos anos pós – Segunda Guerra serviu para incorporar áreas exóticas ao sistema circulatório central da União Soviética, sendo um meio de desbravar espaços ainda não "sovietizados" e que poderiam tornar-se locais de consumação turística, o que, consequentemente, promoveu um maior deslocamento dos viajantes estrangeiros. [276]

Hollander observa que muitos viajantes norte-americanos insistem em seus relatos que não foram levados a locais turísticos excepcionais e pré-selecionados, uma vez que era fornecida a eles a possibilidade de escolhas de itinerários e locais para serem selecionados aleatoriamente.[277] De fato, era fornecido aos viajantes um leque de opões: a viajante Branca

[274] Stern, 2003, p.107.
[275] Federação das Mulheres do Brasil, 1954, pp. 44, 45. Entrevista de Edi Duarte Pereira esposa do juiz Osny Duarte Pereira.
[276] Gorsuch, 2003, p.775.
[277] Hollander, 1998, p.353.

Fialho descreve que, ao visitar a VOKS no primeiro dia após sua chegada, sua delegação foi questionada a respeito dos locais que gostaria de visitar, porém, dentro das sugestões estabelecidas pelo diretor: "O diretor das relações culturais propôs-nos organizar alguns programas **com sugestões diversas**, entre as quais **nós escolheríamos** as que nos permitissem conhecer tudo o que desejávamos e mais algumas coisas". [278]

Da mesma forma, Graciliano Ramos, ao informar que gostaria de conhecer Leningrado e Geórgia no escritório da VOKS, descreve uma resposta em forma de brincadeira do professor (possivelmente, o mesmo diretor o qual Branca Fialho se refere) responsável por recepcioná-los na VOKS: "— Os senhores desejam muito pouco. **Vou proceder ditatorialmente**, **forçando-os** a visitas de que não se lembraram." [279] Isto é, havia um determinado leque de escolhas, sendo estas selecionadas antecipadamento pelos guias e diretores da VOKS.

A sensação de escolha dos roteiros soviéticos era uma ilusão, pois acontecia em um leque de possibilidades que já haviam sido traçadas pela VOKS e Intourist. Elas estavam focadas em partes do país já designadas, uma vez que os programas dos visitantes estavam concentrados em rotas padrões. Em 1931, a Intourist possuía apenas doze itinerários padronizados para os turistas escolherem. Já em 1933, havia trinta e seis itinerários.[280] Cada um tinha um papel a desepenhar para apresentar traços específicos do país.

O fato de haver um aumento de itinerários significava também um maior trabalho para a VOKS e Intourist. Há relatos de descaso das instituições soviéticas econômicas em querer receber os visitantes. Muitas vezes a agência necessitava ligar diversas vezes até ser atendida pela instituição e precisava implorar para agendar um horário de visita. Em meados de 1930, a Intourist reportou oposições às visitas regulares de visitantes nos espaços industriais e agrários. Algumas das razões seriam que a presença dos estrangeiros demandava preparações, interrompiam escalas de trabalho, e transformavam as condições locais em uma questão de grande importância política.[281]

Em meados de 1950, é possível perceber um aumento real da variedade de cidades e regiões visitadas nos relatos a partir da década de 1950. Em 1959, Nestor de Holanda afirma que o viajante poderia escolher o tipo de viagem que estivesse mais a seu gosto: as viagens

[278] Fialho, 1951, p.11. Grifos meus.
[279] Ramos, 1954, p.35. Grifos meus.
[280] David-Fox, 2012, p.108.
[281] *Ibidem*.

"... poderiam incluir mais de quarenta circuitos de distinta duração pelas cidades, travessia do mar negro, pelo litoral da Criméia e pelo Cáucaso, excursões de barco pelo grande Rio Volga e pelo canal Volga-Dom."[282]

A relação cicerone-viajante: observadores, observados e vice-versa

Aqueles que possibilitavam o alcance dos objetivos das organizações de recepção soviéticas eram os que estavam mais próximos dos viajantes: os guias ou também intérpretes soviéticos, muitas vezes chamados de cicerones. Dificilmente um viajante visitava a URSS sem estar sob seus cuidados, o que faz com que eles sejam figuras constatemente presentes nos relatos de viagem. Inicialmente, os guias e intérpretes eram treinados pela VOKS. Em um capítulo intitulado "Anjos da Guarda", Orlando Loureiro descreve a impressão que tais "anjos" passavam aos viajantes:

> Eram funcionários do govêrno russo, pertencentes aos departamentos especializados do Intourist e do Voks, e sua função precípua consistia em velar, dia e noite, por aquêles visitantes estrangeiros, de forma que êles se pudessem sentir felizes na pátria do socialismo, fossem tratados com a mais hospitaleira cordialidade e nada lhes viesse a faltar, desde a assistência cultural e artística até a pasta dentifrícia no apartamento. E souberam ser criaturas inexcedíveis em carinho e desvelo, com sacrifício conforto pessoal da vida familiar, na tarefa delicada de tornar agradável nossa permanência na U.R.S.S.[283]

Os guias/ intérpretes eram quase onipresentes em toda a viagem, tendo como uma das justificativas a dificuldade de compreensão da língua russa. Caso estivessem sozinhos, os viajantes não teriam tão facilmente reservas, refeições e acesso aos meios de transporte, como trens e aviões. Eles eram assim indispensáveis também devido às dificuldades para se locomover no país, sendo uma parte chave na organização e execução dos roteiros de viagem, e funcionando como um absorvente de choques caso houvesse algum tipo de desconforto.

A partir das narrativas aqui analisadas, percebe-se que eram normalmente pessoas muito bem instruídas, compatíveis com o nível de instrução do viajante, como vemos pelo caso de Jorge Amado: "Em minha companhia se encontra o poeta georgiano Gregor

[282] Holanda, 1960, p.116.
[283] Loureiro, 1954, pp.63, 64.

Cetsgladse, meu companheiro em toda a minha viagem pela República Soviética da Geórgia e êle serve de intérprete."[284]

Até o final da década de 1920, ao contrário do que se pode imaginar, muitos guias da VOKS não eram comunistas. Precisavam ter uma boa educação, frequentemente empregados devido ao seu forte conhecimento de línguas estrangeiras, e muitos deles eram judeus.[285] A demanda por guias e sua seleção por meio de treinamentos foram moldadas conforme o número de visitantes se expandia. Em 1927, Kameneva presidiu, na abertura da VOKS, um novo curso de treinamento para guias, em que "conhecimentos políticos" eram verificados. Os guias, os quais já se supunha que tinham conhecimento de pelo menos um campo cultural, deveriam estudar aspectos da construção socialista, como as leis soviéticas, a questão nacional ou a política da família. De um lado, Kameneva instruía-os a falar com os viajantes sem superficialidade, sabendo expor as fraquezas da URSS, "não para evitá-las... Mas para explicá-las de maneira compreensível." Do outro, a chave para isso era saber culpar o legado czarista, nossa "herança horrível... Do passado, das guerras... Nossa horrível exploração."[286]

Em 1929, houve o início de uma insatisfação com os guias devido ao seu baixo nível político e desconhecimento da "realidade soviética". Como parte da política de "classe contra classe" adotada na época, o curso da VOKS foi proletarizado em 1930, assim como diversas instâncias do regime soviético. O curso foi renomeado para "Curso Comunista para Guias", onde todos os cinquenta estudantes eram da Liga da Juventude Comunista ou membros do Partido. Trinta e três guias foram classificados como proletários. Assim, passaram a tentar agir mais ativamente na consciência dos visitantes.[287] Ao analisar os arquivos da VOKS desta época, Mazuy divulga um relatório a respeito do que se esperava como atitudes dos guias:

> 1. não conheçam apenas os monumentos e os acontecimentos importantes, mas todos os aspectos culturais, econômicos e políticos da vida do nosso país e da vida do estrangeiro [...]
> 2. não dêem ao testemunho de estrangeiros desenvolvimentos ulteriores e supérfluos;
> 3. saibam se comportar com tato [...]
> 4. Devem mostrar todos os fenômenos da vida soviética restituindo-os dentro do seu contexto e à sua escala [...] [288]

[284] Amado, 1951, p.160.
[285] David-Fox, 2003, p.311.
[286] Stern, 2009, p. 312.
[287] David-Fox, 2003. pp.312, 313.
[288] Mazuy, 2005, pp.107-108. Dados: Relatório de 1930. GARF, 5283-8-60.

O modo de guiar os visitantes estrangeiros procedia por três direções: a primeira era responder efetivamente as questões dos visitantes. A segunda era fazê-los se interessar por questões que eles não perguntavam, mas que tinham significância para o progresso da construção socialista. Segundo David-Fox, isso deveria ser feito com cuidado, para que os visitantes não sentissem que estavam diante de uma "Vila Potemkin".[289] Em terceiro, algo que se tornou a marca comercial da VOKS, era realizar roteiros flexíveis e sob medida para os viajantes, tendo a participação de figuras soviéticas chaves e instituições centrais para seus interesses. Essa metodologia exigia classificar o estrangeiro desde o início: era crucial saber se o visitante era inculto, "buscando apenas impressões", ou um "especialista" qualificado e experiente, que precisava ser dirigido para contatos de alto nível soviético.[290]

Embora a VOKS tenha acabado em meados da década de 1950, percebe-se pelos relatos que a função e a necessidade dos guias perpetuou-se pelos anos seguintes. Mesmo nos anos de 1960, encontramos ainda depoimentos dos viajantes sobre seu papel persuasivo, de forma mais enfática nos relatos de anticomunistas, como podemos observar em John Cotrim:

> Mas os guias da Intourist são animais de outra fauna. Não são realmente guias: são missionários, ou melhor, missionárias, pois na sua maioria são mulheres. Sua função principal é de propaganda. Sua missão é pegar o pobre turista pelo cabresto, levá-lo aonde lhes convém e doutriná-los sôbre as "realizações e excelência do regime", e fiscalizar os seus movimentos para que não veja o que não deve, nem ouça coisas fora do catecismo. Desprovidas do mais elementar traquejo de "public relations", muito mais ainda de senso de humor, são frias e distantes, embora corteses e solícitas, sendo impossível interessá-las em qualquer conversa social, cultural ou humana. Preocupadas a todo o instante em mostrar ao visitante as realizações do país e as conquistas do regime, e controlá-lo e catequizá-lo, não lhes sobra tempo para mais nada.[291]

Nos relatos estudados, nota-se que nas viagens realizadas nos anos de 1951 e 1952 há diversas referências a "Jorge" Kaluguin, "uma espécie de 'introdutor diplomático' para todos

[289] As "Vilas de Potemkin" referem-se à uma lenda – não há certeza sobre sua veracidade - de que, para impressionar Catarina II, a Grande, Imperatriz da Rússia de 1762 a 1796, falsas vilas foram construídas por Gregório Alexandrovich Potemkin, estadista, príncipe e amante de Catarina. Consta que, preocupado com o que Catarina veria a bordo de seu barco real ao longo das margens do rio Dniepre, em uma excursão feita na Ucrânia e na Crimeia, o príncipe teria resolvido maquiar casas e praças, a fim de passar uma falsa impressão de paz e prosperidade nas regiões. O termo "Vila de Potemkim" passou a ser utilizado para descrever tentativas do governo soviético de enganar os viajantes. Stern, 1999, p.109.
[290] David-Fox, 2012, pp.47, 48.
[291] Cotrim, 1962, p.45.

os brasileiros que aportam a Moscou".[292] Kaluguin (cujo primeiro nome, no idioma original, provavelmente era *Georgii*) falava fluentemente o português e era ex-representante da Agência Tass quando o Brasil ainda mantinha relações diplomáticas com a URSS e redator-chefe da seção latino-americana da Revista *Tempos Novos*.[293] Marques Rebêlo, que viaja à URSS em 1954, conta que chegou a presentear Kaluguin com o relato de Graciliano Ramos, *Viagem (Checoslováquia-U.R.S.S.),* outro viajante com quem Kaluguin tivera contato.[294]

Jorge Kaluguin é um dos símbolos que representam a uniformidade de tratamentos promovida pela VOKS, à qual os viajantes eram submetidos desde sua chegada: após recepções calorosas, muitas vezes com fotógrafos e repórteres, eram conduzidos em carros luxuosos para um hotel tradicional, confortável e de boa aparência. Muitos também comentam, como Fialho e Ramos, sobre uma visita à VOKS logo no dia seguinte, onde eram muito bem tratados.

As conexões entre URSS e os brasileiros, contudo, não necessariamente eram realizadas apenas por soviéticos. Um dos símbolos mais fortes de intersecção entre as narrativas, configura-se na presença e influência da pessoa de Jorge Amado. Especialmente entre os relatos iniciais da década de 1950, Jorge Amado aparece, diversas vezes, sendo citado como a pessoa com quem os viajantes tiveram contato em Praga, ou a pessoa que fez recomendações aos autores sobre como observarem a URSS, ou quem encontrarem, escrevendo inclusive cartas de recomendação, como nos relata a jornalista Eneida de Moraes, que levava cartas do autor para ser apresentada ao escritor soviético Ilya Ehremburg e ao poeta turco Nâzım Hikmet Ran, que havia se exilado na URSS após fugir da Turquia, em 1950.[295]

Em Praga, Jorge Amado encontrou-se com Branca Fialho, Jurema Finamour e Osny Pereira (outubro de 1951), e com Graciliano Ramos, José Campos e Edmar Morel (abril de 1952). Esteve também presente na delegação de Orlando Loureiro, Elisa Batista e Maria Della Costa, quando viajaram juntos para a URSS em dezembro de 1952, e na União dos Escritores

[292] Loureiro, 1954, p.63.
[293] Agência Tass, isto é, Agência Telegráfica da União Soviética, foi a agência de notícias soviética oficial de 1922 a 1991. De 1992 a agosto de 2014, a agência operou sob o nome ITAR-TASS. Em setembro de 2014, passou a ser chamada novamente de TASS. As informações são transmitidas em vários idiomas por uma rede de escritórios no país e no exterior. Informações retiradas da página: Tass, [s/ano].
[294] Rebêlo, 1956, p.294.
[295] Moraes, 1959, pp. 46 a 46.

Soviéticos em dezembro de 1954, juntamente com os escritores Afonso Schmidt e Marques Rebêlo. Orlando Loureiro relata que, em Viena, quando foi informado de que havia sido um dos convidados escolhidos para visitar a URSS, Amado teria lhe avisado:

> "Quero te felicitar pela tua inclusão entre os convidados do Congresso para visitar a U.R.S.S. Peço 'moita' no assunto porque há muita gente que deseja ir também. Te recomendo muito cuidado na tua conduta com os soviéticos – não que eu queira influenciar naquilo que irás escrever – mas porque já sou veterano em tratar com êles e sei o que lhes agrada ou desagrada... "[296]

Amado aparece como um facilitador das viagens. Marques Rebêlo, por exemplo, mesmo expondo suas rivalidades com o autor no campo da literatura (Rebêlo é um dos grandes críticos do realismo socialista), relata que devia a sua viagem à Praga e à URSS devido à sua amizade com Jorge Amado e ao seu prestígio.[297] Ao ter um problema com o seu passaporte e visto das autoridades soviéticas, que não foi realizado a tempo do embarque, o jornalista Edmar Morel apelou para as influências de Jorge Amado em Praga, que se encontrava hospedado no Castelo de Dobris:

> Telefonei três vêzes para Jorge Amado no Castelo de Dobris, casa de repouso dos intelectuais nacionais e estrangeiros, que pagam módicas mensalidades. É o palácio que apontam como uma das vivendas do autor de "Jubiabá", com vida de nababo [pessoa rica e ostentadora], à custa do suor do povo tcheco. Nada mais ignóbil. Jorge Amado ali morou um tempo, com a desvantagem de precisar de automóvel quando tinha necessidade de vir à Praga, num percurso de 50 quilômetros.[298]

Assim, as regalias que Amado recebia no mundo socialista, tanto na URSS quando na Tchecoslováquia, nem sempre eram vistas com bons olhos por alguns viajantes. Tendo sido recepcionado por Amado em sua chegada a Praga, Osny Pereira declara que o autor era o único escritor que dispunha a regalia de ser hóspede permanente no Castelo de Dobris.[299] Ao que tudo indica, Amado também tinha intenções de preparar os viajantes sobre o que veriam no mundo socialista. Ao relatar a Amado que havia encontrado uma vendedora de livros em Praga bastante crítica ao socialismo, José Campos ressalta que o autor teria lhe explicado que

[296] Loureiro, 1954, p.46.
[297] Rebêlo, 1956, p.77.
[298] Morel, 1952, p.85.
[299] Pereira, 1952, p.178.

o regime na Tchecoslováquia ainda não era muito consolidado, havendo "resquícios da burguesia."[300] Por ter sua obra reconhecida na União Soviética, e ser um dos autores que defendiam o movimento do realismo socialista na literatura, ao que tudo indica, Amado era o vínculo mais forte entre órgãos responsáveis pelas relações culturais soviéticas e os intelectuais brasileiros convidados a entrar no país no início da década de 1950.[301]

Conforme prossegue o andamento da viagem, é notável perceber a autoridade que os guias e intérpretes possuíam perante os cidadãos soviéticos. Acompanhando a comitiva de Ramos nas comemorações do Primeiro de Maio em uma lotada Praça Vermelha, Kaluguin foi agarrado com violência pelo braço por um policial soviético. Segundo Ramos, foi só ele "cochichar" algumas palavras para o policial recuar, fazer continência e levá-los a um ponto de livre acesso.[302]

Acompanhados dos guias, os viajantes possuíam certas regalias, como furar filas, algo muito comum na procissão ao mausoleu de Lênin, esta que, segundo os registros de viagem, ocorria três vezes por semana. Jorge Amado relata o acontecimento, sem perceber maiores problemas: "Como convidado estrangeiro, sou colocado à frente da imensa fila"[303], enquanto Graciliano Ramos estranha:

> Chocou-me essa ofensa ao direito alheio: melhor seria colocar-me na extremidade e aguardar a minha vez. Encolhi-me, vexado. Que teriam dito em segredo àquela gente? Qualquer coisa semelhante a ordem me afligiria. Sosseguei. Uma senhora, perto, sorriu; outros indivíduos sorriram, cumprimentaram. A amabilidade imprevista e a voz do intérprete desfizeram-me as últimas nuvens. Não houvera no caso intervenção da polícia.[304]

Similarmente, Rebêlo, ao visitar a abarrotada loja Gum na época de Natal, também muito citado pelos viajantes, a fim de comprar um gorro, relata:

> [...] havia duas palavras mágicas que percebi Satanov [seu guia] usar para furarmos um pouco menos dificilmente a massa humana – 'Delegado estrangeiro'. [...] ao passar roçando tantos corpos encapotados, via uma ciosa bela, bela em qualquer parte – sorrisos, sorrisos carinhosos, fraternos, interessados e a liberdade, uma que outra vez, de palmadinha nos ombros – delegado estrangeiro!

[300] Campos, 1953, p.26.
[301] Em um documento confidencial da CIA, agência de inteligência dos Estados Unidos, Jorge Amado foi classificado como "garoto dos recados" dos comunistas, acusado de fazer propaganda comunista e estando impedido, inclusive, de entrar em território norte-americano. Mais informações em: Sperb, 2017.
[302] Ramos, 1954, p.48.
[303] Amado, 1951, p.114.
[304] Ramos, 1954, p.66.

– [...] e, com tal 'abre-te Sésamo', chegamos ao balcão das luvas, que sofria da mesma balbúrdia compradora.[305]

Milhões de russos, há 28 anos, em filas quilométricas, desfilam diante do corpo de Lenine, cujo túmulo, em frente ao Kremlin, na Praça Vermelha, serve de culto à Pátria.

Figura 3: Fila para o mausoléu de Lênin (Morel, 1952, p.113)

Referindo-se aos cidadãos dos "regimes totalitários" apontados em seu estudo, como URSS, China e Vietnã, Hollander defende que os habitantes de tais sociedades cooperavam passivamente com o tratamento oficial dado aos estrangeiros, não procurando provocar ou intimidar as versões oficiais da realidade, justamente devido à presença dos guias e intérpretes, que eram encarados como oficiais do governo.[306] Ainda segundo ele, a maioria dos cidadãos sabia que os viajantes já eram amigos do regime ou estavam sendo cultivados para tal. Assim, as críticas ao regime que eram consideradas subversivas, seriam um problema ainda maior na presença dos convidados estrangeiros.[307]

Assim como Hollander, Marguiles acredita que cidadãos russos eram instruídos a permanecerem quietos ou eram informados sobre o que dizer durante as entrevistas de viajantes ou delegações estrangeiras, e guias soviéticos. Ademais, os próprios guias mostravam incômodo perante esforços dos visitantes de tentarem falar com os russos ou

[305] Rebêlo, 1956, p.220.
[306] Hollander, 1998, p.348.
[307] *Ibidem*, p.384.

mesmo com os trabalhadores de fora e especialistas trabalhando nas fábricas soviéticas. É por isso que, segundo ela, "a presença do GPU [308] em reuniões sociais freqüentadas por estrangeiros e cidadãos soviéticos inibia os contatos".[309]

A presença da polícia secreta é sentida em poucas narrativas de brasileiros na década de 1950. O juiz José Campos, por exemplo, relata a dificuldade dos cidadãos soviéticos de se exporem sobre o regime:

> Um dos nossos ilustres companheiros de Delegação, que nunca foi adepto da ideologia marxista, perguntou, no subviano, a um dos viajantes russos:
> — O senhor está satisfeito com o regime? Que acha de Stálin?
> — O nosso regime é o melhor do mundo, e amanheço e adormeço pensando em Stálin, respondeu ele, compenetrado, olhando para cima.[310]

Para Campos, a resposta poderia ser sincera ou hipócrita, além de ter sido formulada por meio do intérprete. Campos entende que o estrangeiro não poderia dar outra resposta à vista de cicerones ou intérpretes, que geralmente pertenciam ao MVD, Ministério do Interior. Ele ainda afirma que, segundo informações que lhe foram fornecidas em Praga, a Intourist seria composta por alguns funcionários da Polícia Secreta Soviética, que poderiam ser até mesmo os choferes.

A informação de Campos talvez não esteja completamente equivocada, ao considerarmos que a VOKS de fato tinha conexões com a polícia secreta soviética. Kameneva assegurou em 1928 que todo trabalho de significância da VOKS — vale lembrar que José Campos participava da Conferência Econômica Internacional de Moscou em 1952 — era coordenado previamente com o Partido e com a GPU. Um conjunto de documentos de 1932 analisados por David-Fox mostra ainda como a VOKS facilitou o acompanhamento da polícia secreta de movimentos dos visitantes estrangeiros, fornecendo o horário das chegadas e excursões de estrangeiros individuais. Alguns representantes da VOKS no exterior, assim como outras figuras em instituições culturais internacionais soviéticas, foram residentes da NKVD, já a partir de 1934.[311] Os visitantes mais simpáticos à URSS, contudo, dificilmente notavam ou

[308] Abreviação do Diretório Político Estatal da União Soviética, a polícia política da URSS, que funcionou de 1922 a 1934.
[309] Marguiles, 1968, p. 124.
[310] Campos, 1953, p.296.
[311] NKVD foi o Comissariado do povo para assuntos internos criado em 1934, quando incorporou o GPU (Diretório Político Unificado do Estado). Este passou a se chamar GUGB (Administração Central da Segurança do Estado). Em 1946, os comisserariados do povo foram renomeados como Ministérios. Assim o NKVD passou a se chamar MVD, isto é Ministério do Interior.

comentavam sobre a extensão do esforço da polícia secreta para monitorar suas atividades. Um dos poucos a relatar uma impressão mais direta sobre o tema, o jornalista José Edmar Morel, comenta que não era tão ingênuo a ponto de acreditar que não teve seus passos seguidos pela MVD: "Confesso que foi uma vigilância velada, perfeita. Não notei ninguém nos meus calcanhares, o que aliás não era necessário, pois saía acompanhado por tradutores..."[312]

A relação observador-observado entre guias, viajantes e instituições soviéticas era, contudo, complexa, e poderia se inverter. O trabalho dos guias consistia também em escrever avaliações a respeito dos viajantes que seriam armazenadas em um sistema de registro mantido pelo Departamento de Recepção da VOKS, desde 1924. Seus relatórios eram numerados e localizados pelo nome do guia e do viajante envolvido, e um catálogo de cartões de viajantes foi arranjado alfabeticamente.[313] Ludmila Stern, que teve acesso aos documentos, afirma que os relatórios fornecem uma leitura a respeito do papel da VOKS em planejar, conduzir e monitorar as visitas dos estrangeiros. No entanto, eles devem ser lidos com postura crítica, uma vez que havia uma tendência dos intérpretes em encobrir ou exagerar para se adaptarem às expectativas da gerência da VOKS, que tinha como intuito criar e idealizar a imagem da URSS através da exposição seletiva de empreendimentos sócio-culturais aos visitantes, presentes como resultado da reforma política e os encorajando a produzirem relatos positivos de suas experiências.[314]

Ao escrever sobre as relações entre Brasil e URSS na Guerra Fria, o historiador Tobias Rupprecht teve contato com o relatório do guia soviético que acompanhou um dos viajantes brasileiros, Nestor de Holanda. Segundo ele, o guia de Holanda, futuro embaixador de Cuba, Alexsandr Alekseev, reportou ceticamente aos seus superiores: "Holanda tem extraordinariamente vagas ideias sobre a União Soviética... E me perguntou questões provocativas que eu me recusei a responder."[315]

Nos relatórios analisados por Stern, há um a respeito de Andrée Viollis, escritora francesa preocupada com as condições femininas, que viaja para a URSS em 1927, e é descrita da seguinte maneira por sua guia/intérprete, Ludmila Rastiger-Ronskaya:

[312] Morel, 1952, p.185.
[313] David-Fox, 2003, p.313.
[314] Stern, 2009, p.122.
[315] Rupprecht, 2011, p.514.

> Não há dúvidas de que Andrée Viollis deve ser classificada como esses jornalistas burgueses que são organicamente alienados a qualquer coisa soviética como um resultado de sua natureza individualista. Sua simpatia em relação a tudo o que acontece de novo na URSS é puramente platônica, se não puramente hostil.[316]

Ronskaya demonstra frustração quando revela que Viollis está consciente dos problemas soviéticos, como estações de trem e hotéis abarrotados e instituições demasiadamente burocráticas: "Viollis certamente reportará sobre os defeitos que ela teve a oportunidade de observar." Stern aponta o relatório de Ronskaya como algo incomum e único para a época em que foi feito, mas que antecipa o comportamento dos guias dos anos futuros: "O que parecia ser uma histérica descrição iria evoluir alguns anos depois para um padrão de relatórios de guias e intérpretes que iriam adotar metodicamente os pontos que Ronskaya adotou 'espontaneamente' em seu relato".[317]

Muitos guias mostravam angústia para documentar suas próprias respostas. Quando o filósofo americano e educador John Dewey chegou, em 1928, com três parentes, seu guia foi questionado se o "capitalismo era horrível como parecia ser nos jornais soviéticos". Ele respondeu, de acordo com seu relatório, que o capitalismo não era horrível para os soviéticos, e sim para os trabalhadores explorados que viviam sob ele, justificando a cobertura da imprensa soviética. Para David-Fox, o relatório do guia, dessa maneira, teria mais material sobre suas próprias ideias, do que sobre o que o viajante pensava sobre a URSS. [318]

David-Fox ainda relata um caso de um pai e um filho norte-americanos de Ohio que, ao serem guiados pelo guia M. Geiman numa visita ao museu Lênin e a uma fábrica em setembro de 1927, foram surpreendidos não apenas pelo grande número de pedintes e de crianças abandonadas em Moscou, como também por uma descrição do guia sobre as grandes medidas que o estado estava tomando para lutar contra a falta de moradia para crianças.[319] O guia saíra vitorioso ao transformar uma impressão ruim em uma possibilidade de se comentar sobre as políticas soviéticas adotadas. Bem similar a esse exemplo, temos o relato do médico Raul Ribeiro da Silva, ao se deparar com crianças pedintes na primeira estação ao cruzarem a fronteira soviética:

---

316 *Ibidem*, p.106.
317 *Ibidem*, p.107.
318 David-Fox, 2003, p.314.
319 Idem, 2012, p.50.

> No largo da estação somos assediados por meninos maltrapilhos e descalços, que imploram dinheiro e chocolate ("níquel" e "cacau"), cenas que a todos causa surprêsa e pasmo. Crianças desprotegidas, esfarrapadas, mendigando! Ante o nosso espanto**,** o intérprete **depressa explica** que aquelas crianças não são russas, mas ciganas, nômades como outras que erram habitualmente em certas fronteiras centro-europeias.[320]

Os guias, portanto, tinham a função de suavizar algumas imagens da viagem nem sempre agradáveis aos estrangeiros. Não só isso, mas também realizar relatórios em que suas próprias ideias sobre o país soviético deveriam esta expostas e bem fundamentadas, pois assim como eles avaliavam os visitantes, seus superiores também poderiam avaliá-los. Assim como David-Fox, Stern chega à conclusão de que tais relatórios podem informar mais sobre os próprios intérpretes e os mecanismos da VOKS do que necessariamente sobre os viajantes.[321]

Apesar da pressão, na maior parte das vezes, os guias eram vitoriosos em conquistar a simpatia dos convidados. Ramos refere-se ao seu intérprete como um "excelente camarada", e também confirma sua onipresença: "Viajávamos bastante. E todas as vezes que necessitei fazer-me compreender Tchimakadze apareceu, **não sei como**, falando um francês razoável, o maço de cigarros abertos. Era indispensável e ubíquo."[322] A impressão que a maioria dos viajantes (comunistas, simpatizantes e não definidos) nos passa é que as intenções de seus cicerones em sempre servir da melhor maneira não era feita de maneira artificial ou sob pressão, mas sim de maneira natural, como expõe José Mendes:

> Com relação aos visitantes estrangeiros, os intérpretes e acompanhantes russos se emulam em prodigalizar gentilezas e amabilidades, quase esmagadoramente; e – o que é mais surpreendente – fazem-no com a mais absoluta naturalidade, demonstrando serem sinceros em seu esbanjamento de cortesia e hospitalidade. [323]

É interessante notar que o fato de os guias normalmente passarem dias com os viajantes fazia com que a relação entre eles se aprofundasse. Não são raros os autores que

[320] Silva, [1953?], p.46.Grifos meus.
[321] Stern, 2009, p.122.
[322] Ramos, 1954, p.100. Grifos meus.
[323] Mendes, 1956, p.13.

buscaram descrever detalhadamente o físico e até mesmo a personalidade de seus guias, que poderiam receber apelidos, conforme indica o jovem Afrânio Azevedo:

> O "Espanador da Lua", era um intérprete ruivo e alto, com uma feiura de dois metros, sorridente, cabeleira longa e despenteada como um espanador, é herói na resistência em Leningrado. Êsse Alberto simpático e desengonçado, convidado a ingressar no Partido Comunista, coisa muito difícil na União Soviética, recusou por se julgar dono de um espírito muito ligeiro. E é mesmo.[324]

As relações entre cicerones-viajantes poderiam chegar a tal nível a ponto de os autores relatarem as conversas pessoais ocorridas entre eles. Nesse excerto de Eneida de Moraes, percebe-se que sua guia, Elena Colchina, também contava detalhes de sua vida pessoal para ela, o que possibilitou que criassem fortes laços de amizade, depois das primeiras impressões:

> Depois, em Moscou, recebeu-me Elena Colchina. De comêço não nos entendemos. É uma mulher baixinha, gordinha, muito nervosa, especialista em literatura da América Latina. Proclama a todo momento quarenta e um anos, tem uma filha que adora, mas só depois de algum tempo consegui compreendê-la. Não é fácil fazê-lo e posso vangloriar-me de ter realizado essa tarefa. Minha última semana em Moscou foi deliciosa. Havíamos tido uma séria conversa, Elena e eu; tive pena dela. Andávamos tanto, eu remexia tantas coisas, ocupava tanto tôdas as minhas horas e isso a fatigava. De qualquer modo Elena e eu acabamos amigas. E creio que ela trabalhou demais servindo-me de intérprete, numa língua que, confesso, não gosto de falar: o espanhol.[325]

A relação e a presença dos guias poderiam ser tão intensas que alguns viajantes, como Graciliano Ramos, procuravam momentos a sós nas ruas das cidades russas:

> Não me seria difícil orientar-me, e **agradava-me ficar livre de guias e intérpretes,** caminhar nas ruas só, errando, acertando, fora do carreiro de formigas, habitual desde a nossa chegada. Barbantes invisíveis nos amarravam pernas e braços, e as amabilidades excessivas começavam a pesar-me; aceitá-las parecia-me às vezes obrigação penosa. **É estranho confessarmos tal coisa: não nos habituamos a gentilezas: duvidamos delas e com freqüência nem as percebemos, julgamos que são endereçadas a outros indivíduos**.[326]

Vemos que, apesar de notar tratamentos excessivos, Ramos parece lutar contra seus pensamentos para justificar a sua incompreensão em relação a eles, chegando a

[324] Azevedo, 1959, p.114. [Afrânio Marciliano]
[325] Moraes, 1959, p.87.
[326] Ramos, 1954, p.70. Grifos meus.

responsabilizar seu incômodo pela sua falta de costume para com as gentilezas. Criava-se, assim, uma pressão invisível devido à imensa cordialidade, uma sensação ruim de serem rudemente críticos com quem lhes tratava extremamente bem, o que pode ser observado também nas palavras de José Campos, ao comentar sobre sua inicial negação ao convite de opinar sobre a URSS logo em sua chegada ao Rio de Janeiro:

> Demais, acrescentamos, tínhamos sido magnìficamente tratados lá, e não nos ficaria bem, distantes da terra hospitaleira, tecer quaisquer comentários desfavoráveis ao regime soviético, justamente logo à nossa chegada. Asseveramos-lhe, ainda, que a nossa imprensa estava dividida em dois extremos inconciliáveis e o nosso pensamento, por isso mesmo, não seria interpretado fielmente. Daí porque preferíamos ficar calados.[327]

Em *Cortina de Ferro*, Rebêlo consegue captar a controvérsia do assunto. Em muitos momentos, ele transforma seu relato em uma narrativa ficcional , descrevendo ser acompanhado por seu guia, "Demon Satanov", o qual surpreendentemente desaparece no ar ao ouvi-lo pronunciar uma expressão típica religiosa brasileira: "Cruz credo!". Ele é então substituído por outro guia, Belzebuv Capetovich, que explica que Satanov sumira por não estar "... invulnerável a determinadas invocações de magia negra tão freqüentes na fala brasileira,"[328] informando ainda que os guias eram seres que serviam como homens, mas homens não o eram, sendo as suas origens um segredo de Estado, indicando apenas que não eram produtos de geração espontânea.

Tais funcionários, segundo ele, eram manobrados pelo SIGVI, Serviço de Intérpretes e Guias de Visitantes Ilustres — possivelmente uma alusão à VOKS —, onde eram lentamente preparados e qualificados para o contato específico de uma nacionalidade, tomando conhecimento não só de sua língua, mas também de sua cultura. Capetovich ainda explica que, das salas de controle da SIGVI, suas palavras, seus passos, suas respostas e seu proceder eram completamente dirigidos diante das personalidades que ele tinha a honra de acompanhar.

Capetovich, no entanto, também sucumbe e desaparece à mistificação brasileira ao segurar um patuá que Rebêlo levava consigo, o que faz com que o autor tenha o "privilégio"

[327] Campos, 1953, p.14.
[328] Rebêlo, 1956, p.230.

de receber a visita do diretor geral da SGVI: Lucifer Ilitch Diabonov.[329] Lucifer o visita para avisar que seus guias seriam, a partir de então, pessoas de carne e osso, porque, afinal, "... o camarada está fazendo uma devastação na minha repartição."[330]

Na despedida de Rebêlo, Lucifer volta a lhe encontrar, pedindo para que ele não "maltratasse" muito a União Soviética em seu relato. No entanto, ao se deparar com os elogios de Rebêlo, que "não poderia maltratar uma sociedade que lhe mostrou tudo sempre com honestidade e desejo de crítica", Lucifer tem um súbito peso na consciência e decide, como uma forma de agradecimento pela ajuda do visitante para as melhorias do serviço do SIGVI, colocá-lo a par de tudo o que viu na União Soviética:

> [...] muita coisa que viu foi mero cenário, cenário para visitantes. [...] As crianças. Então o senhor pensa que as nossas crianças são gordas, sadias e alegres como as que viu por aí enchendo as escolas e os jardins? Não! Essas que viu não são as russas. Foram alugadas no estrangeiro para impressionar. Só a Dinamarca nos mandou mais de um milhão.
>
> — Mas a Dinamarca pode alugar um milhão de crianças? Ela tem capacidade para alugar um milhão de crianças?
>
> — Trabalharam muito. Creio que até por inseminação artificial.
>
> — E as escolas?
>
> — Tôdas de papelão. Como de papelão são os hospitais, as creches, as bibliotecas.[331]

Ao que nos parece, a intenção de Rebêlo é a de levantar críticas a ambos os lados propagandistícos, a começar pela estranha onipresença e onisciência de seus guias, o que permite compará-los a criaturas demoníacas. No entanto, ao descrever as absurdas encenações contadas por Lucifer, sua crítica também se dirige à imprensa ocidental anticomunista, que se fechava para qualquer informação positiva em relação à URSS, ao ponto de afirmar que tudo o que os viajantes viam e ouviam deveria ser considerado como falácias criadas por russos maquiavélicos.

---

[329] No relato de Francisco Peixoto, que viaja um ano após Marques Rebêlo, ele conta que levou alguns "presentes" de Marques Rebêlo, algo que denota uma possível conversa sobre religiões afro-brasileiras entre Rebêlo e os soviéticos com quem teve contato: "Trazíamos, presente de Marques Rebêlo para o museu de Antropologia e Etnografia de Leningrado, alguns objetos de arte popular, um terrível Exu e não sabemos mais quantas peças do folclore afro-brasileiro. A doutora Sivert maravilhou-se. Eram as primeiras contribuições que ali chegavam do Brasil, e, para ela, que andava interessada no conhecimento dos Mauês, mandara livros, também, aquêle amigo." Peixoto, 1960, p.111.

[330] *Ibidem*, p.276.

[331] *Ibidem*, p.306.

Possivelmente, mais do que qualquer roteiro de viagem, luxo de hospitalidade ou transporte, o que de fato poderia contribuir para melhorar as impressões da viagem seria o contato estabelecido com os guias. As relações interpessoais construídas determinavam o envolvimento do viajante, que compreendia o guia como uma representação da cultura e dos costumes soviéticos. Ademais, os guias recebiam treinamento para isso, e, possivelmente, também se tornavam amigos dos viajantes. A relação entre guias e viajantes era complexa. Todos estavam ali para observar e avaliar algo e todos iriam prestar contas a alguém por isso — o guia, aos seus superiores, o viajante à sua própria sociedade ou à sua consciência ideológica. Ironicamente, essa seria uma semelhança que poderia contribuir para que eles se compreendessem e se tornassem bons companheiros de viagem.

As "técnicas de hospitalidade" e o turismo socialista e burguês

> Conforme verificamos depois, os convites para visitar a União Soviética, que vão se tornando cada vez mais frequentes, são feitos com a garantia de que os hóspedes tenham recepção condígna, disponham de **acomodações confortáveis** e possam ver e estudar **tudo o que seja de seu interêsse**, **sem perda de tempo** ou quaisquer restrições ou constrangimentos. Como o número de delegações estrangeiras é cada vez maior em Moscou, os problemas de reservas dos hotéis, de mobilização de intérpretes nas várias línguas, e outras providências são considerados com o **espírito de precisão** e responsabilidade que os soviéticos põem em tudo que realizam.[332]

Garantia de recepção condigna, acomodações confortáveis, atendimentos individualizados, sem perda de tempo e com espírito de precisão. Caso não soubéssemos o destino, tais expressões, utilizadas pelo educador Paschoal Lemme, fazem com que nosso imaginário suponha que sejam de alguma propaganda de empresa turística para qualquer país capitalista e ocidental. Ao analisarmos as impressões dos viajantes sobre suas recepções e a hospitalidade de seus anfitriões, disponibilizando luxo em acomodações e transportes e dispondo-se a criar roteiros de acordo com os interesses individuais de seus hóspedes, podemos nos questionar: quais eram os efeitos de tamanha hospitalidade nas impressões dos viajantes? Ou ainda: seria possível afirmar que os órgãos de recepção soviéticos deixaram de

[332] Lemme, 1955, p.32.

lado alguns ideais da ideologia socialista para se moldarem à hospitalidade que a cultura burguesa ocidental estava acostumada?

As medidas de recepção e extremo cuidado com os viajantes foram designadas primeiramente por Sylvia Margulies, historiadora norte-americana que escreve ainda na época da Guerra Fria, como "técnicas de hospitalidade" ou "técnicas de controle", isto é, técnicas que tinham como intuito manipular a percepção e o julgamento dos convidados sobre o país soviético, que englobavam desde o conforto do hotel em que se hospedavam, ou dos transportes que utilizavam, o manejo dos visitantes a locais selecionados, até a constante presença ativa dos guias e intérpretes, a fim de limitar ou delinear suas impressões, tentando obter o máximo de controle possível sobre suas experiências. Tais mecanismos seriam copiados, anos mais tarde, também pela Alemanha e Itália.[333] Na concepção de Hollander, fazer o visitante se sentir bem, importante e satisfeito, seria até mais importante do que a apresentação seletiva dos aspectos sociais do sistema soviético,[334] pois seria o ingrediente principal para garantir um pacto de respeito, gratidão e confiança entre os anfitriões e seus hóspedes, o que acionaria uma possível capacidade de percepção seletiva dos viajantes.

Abundância de conforto e boa hospitalidade não faltaram aos viajantes brasileiros, a começar pelos hotéis, muitas vezes comparados aos padrões europeus: "... o apartamento que me destinaram no Savoy, de três peças amplas, era luxuoso demais. O banheiro me tranqüilizou, pois na Europa é comum arrumarem a gente em quartos sem banho".[335] No início da década de 1950, alguns viajantes brasileiros foram conduzidos ao Hotel Savoy (como Graciliano Ramos, Jurema Finamour e Branca Fialho), Hotel Moscou (como Eneida Moraes, Olympio Mello e Freitas Nobre) e boa parte deles ao Hotel Nacional (como Rubens do Amaral, José Edmar Morel, José Campos, Josué Guimarães, Marques Rebêlo, Paschoal Lemme, Flávio Costa e Raul da Silva). Embora o Hotel Nacional fosse caracterizado como um hotel mais simples do que outros, reservado para hospedagem de grandes delegações, alguns viajantes descrevem o conforto de suas dependências, como podemos ver nas palavras de José Campos e do médico Milton Lobato:

[333] Mazuy, 2005, p.8.
[334] Hollander, 1998, p.356.
[335] Ramos, 1954, p.30.

> [...] deram-nos um apartamento com vestíbulo, sala ampla, de escritório e estar, quarto de dormir e de banho, todo atapetado e cortinas pelas janelas. Jarras com flores pelos cantos. O hotel em que ficamos [Hotel Nacional], apesar de seu renome, não é o melhor de Moscou. É destinado mais aos turistas. Existem dois novos bem superiores a êle: o "Soviestkaya", luxuoso, como o nosso Copacabana Pálace, reservado para hóspedes ilustres, e o "Moskva", bem ao lado do nosso, grandioso, monumental, onde só se podem hospedar comunistas preeminentes de todas as repúblicas soviéticas, oficiais do exército, da marinha e da aviação, outras altas patentes, artistas de renome e funcionários de elevada categoria.[336]

> E que apartamentos! Amplos, luxuosos, atapetados, encortinados, com amplos quartos de banho, camas de colchão de molas, móveis finos, quadros, enfim, o confôrto que a classe operária soviética pode oferecer a seus hóspedes. [...] O apartamento do professor Marques, presidente da delegação brasileira, tem piano de cauda e possui espaço suficiente para recepções. Acomodações dignas de embaixador. Na verdade, êle é um embaixador dos médicos brasileiros junto ao povo soviético."[337]

Curiosamente, Orlando Loureiro, anticomunista que viajou de trem para Moscou em 1952 após ter participado do Congresso Mundial da Paz em Viena, hospedou-se no Hotel Sovietskaya, ao qual se refere José Campos como o mais luxuoso:[338]

> Fomos recebidos por uma grande comissão oficial de russos, todos falando correntemente o espanhol e o português. [...] Após as manifestações de "boas vindas", fomos colocados em excelentes automóveis e conduzidos para o hotel *Sovietskaya* (Casa Soviética), onde recebemos magníficos apartamentos individuais. O *Sovietskaya* supera em luxo e confôrto a um hotel do nível do Serrador, no Rio de Janeiro. **De maneira que parecíamos milionários** em viagem de recreio e tratamos logo de experimentar a utilidade prática dos luxuosos quartos de banho do hotel, para afugentar o cansaço da viagem.[339]

Não por acaso, na mesma delegação de Loureiro estavam presentes duas figuras ilustres para os soviéticos: Jorge Amado e Elisa Branco,[340] o primeiro já agraciado pelo Prêmio

---

[336] Campos, 1953, pp.37,38.

[337] Lobato e Machado,1955, p.15.

[338] Tanto o Hotel Sovietskaya quanto o Hotel Savoy ainda continuam na ativa como parte dos hotéis mais luxuosos e históricos de Moscou. O Hotel Sovietskaya foi criado em 1952, a mando do próprio Stálin, para complementar o restaurante "Yar", adotando um design ao estilo do Império Russo. Disponível em: Legendary Hotel "Sovietsky', 2017. Já o Hotel Savoy, criado em 1913 e adotando o estilo neoclássico, foi incorporado ao sistema turístico da Intourist na década de 1950. Disponível em: Hotel Savoy, 2016-2017.

[339] Loureiro, 1954, p.59.

[340] Elisa Branco foi membro da Federação das Mulheres de São Paulo e ficou conhecida por seus protestos contra o envio de tropas brasileiras à Guerra da Coreia, em 1950. Chegou a erguer, sozinha, diante do palanque oficial dos festejos do 7 de setembro no Vale do Anhangabaú, uma faixa com a inscrição: "Os soldados — nossos filhos — não irão para a Coréia" Em seguida foi presa, porém conseguiu a absolvição em 1952. Em sua entrevista sobre

Internacional Stalin da Paz, e a segunda em vias de ser agraciada, o que era também um dos motivos da viagem. Amado já havia publicado *O Mundo da Paz* em 1951, a respeito de sua primeira viagem à URSS, já sendo na época um renomado e conhecido escritor entre os soviéticos, e um vínculo forte entre os organismos de recepção soviéticos e os viajantes brasileiros. Durante a viagem de trem, Loureiro relata que ambos foram homenageados em algumas cidades pelo caminho, como na capital da Ucrânia: "... recebendo uma estrepitosa recepção na gare ferroviária, literalmente tomada de gente, fotógrafos, jornalistas, cinegrafistas, microfones, refletores. Jorge Amado e Elisa Branco receberam lindos ramalhetes de flores, com as homenagens do Comitê de Paz de Kiev."[341]

Nota-se, portanto, uma sutil diferenciação de hoteis entre os viajantes não muito conhecidos e os mais renomados, considerados intelectuais ou mais simpatizantes ao regime socialista, o que não impedia, contudo, a busca em agradar a todos eles. Ao final da década de 1950 e início da década de 1960, alguns viajantes como João Pinheiro Neto e Victorio Martorelli, passaram a ser hospedados no Hotel Ucrânia, inaugurado em 1957, e projetado por Arkady Mordvinov e Vyacheslav Oltarzhevsky, sendo o hotel mais alto do mundo até 1976. O Hotel Ucrânia era mais afastado do centro, às margens do Rio Moscou, ligado à rede da Intourist.[342]

Hollander julga que a hospitalidade era mais sedutora quando aplicada a indivíduos suscetíveis à adulação, uma vez que, muitas vezes, não eram verdadeiramente reconhecidos em suas próprias sociedades.[343] Um possível exemplo dos efeitos desta sedução é encontrada nas palavras de Nestor de Holanda que, em sua viagem a Sótche, cidade turística às margens do Mar Negro, foi surpreendido por Gregório Liálin, deputado municipal, o qual organizara uma comissão de recepção, convidando-o para ser hóspede da prefeitura da cidade:

> Naquele momento, **senti-me o homem mais importante de tôda a zona do Cáucaso.** Entrei no carro, junto com a minha comissão de recepção, e dali a cinco

a URSS para a Federação das Mulheres do Brasil, também comentou sobre o conforto do Hotel Sovietskaya. Federação das Mulheres do Brasil, 1954, p.84.

[341] Loureiro, 1954, p.57.

[342] O Hotel Ucrânia foi inaugurado em 25 de maio de 1957. Cinquenta anos mais tarde, em 2007, foi fechado para uma restauração e modernização completa, e em 2009, os proprietários assinaram um contrato com o grupo americano Rezidor, para que ele administrasse o hotel como Radisson Royal Hotel de Moscou. No entanto, por motivação histórica, o hotel também mantém seu nome original. Mais informações em Radisson Royal Hotel Moscou, 2017.

[343] Hollander, 1998, p.355.

> minutos, [...] estava eu no apartamento do Hotel Primóriscaia, com todo o Mar Negro pela frente, como se estivesse à minha disposição. E Liálin, como o automóvel, o chofer, a Prefeitura e tudo mais, também ficou à minha disposição.[344]

E, logo em seguida ao se encontrar com o prefeito da cidade, Alberto Chúrquim:

> Ganhei medalha de Amigo de Sótche, livros autografados, presentes e outras atenções. Fui grandemente cumprimentado. Tudo porque era jornalista do Brasil. Do Brasil de Jorge Amado, Pelé, Kubitschek, Garrincha, Brasília e Didi. Portanto, eu era "avis rara".[345]

O encontro de viajantes com líderes da URSS ou pessoas ilustres poderia servir também como uma forma de impressioná-los.[346] Assim como Holanda teve o privilégio de conhecer o prefeito da cidade, Branca Fialho teve a oportunidade de se encontrar o Ministro da Justiça da U.R.S.S em seu gabinete, em volta de uma mesa com doces, frutas, bombons e vinhos.[347] Victorio Martorelli, jornalista comunista, teve inclusive a oportunidade de entrevistar Nikita Khrushchev, na época primeiro-ministro da URSS.[348]

Outra possível rota de conquista dos viajantes era por meio da apreciação de seus trabalhos: muitos deles se admiravam ao notar que suas obras eram conhecidas na URSS.[349] Em sua primeira viagem à URSS em dezembro de 1948, Jorge Amado conta que, ao visitar a Biblioteca Lênin, foi acompanhado pessoalmente de seu diretor, que fez questão de mostrar-lhe que seus "... livros traduzidos não dormem nas prateleiras e criam um interêsse pelo Brasil".[350] Além disso, guias ou oficiais literários expressavam o desejo de que as obras dos escritores visitantes fossem publicadas.[351] Tal interesse é percebido nas palavras de Kaluguin ao questionar Graciliano Ramos (este estranha a pergunta, uma vez que estavam no meio da agitação das comemorações do dia do trabalhador na Praça Vermelha) sobre quais de seus livros poderiam ser traduzidos para o russo.[352] Seria o mesmo Kaluguin que, dois anos depois, receberia o relato de viagem de Graciliano Ramos pelas mãos de Marques Rebêlo, em 1954.

---

[344] Holanda,1962, p.123.
[345] *Ibidem*.
[346] Hollander, 1998, p..360.
[347] Fialho, 1951, p.28.
[348] Martorelli, 1958. A entrevista é incluída na íntegra no Capítulo XX do livro, juntamente com uma fotografia do encontro, que se encontra reproduzida no anexo 4.
[349] Hollander, 1998, p.361.
[350] Amado, 1951, p.148.
[351] Hollander, p.362.
[352] Ramos, 1954, p.47.

O trabalho e as ideias dos viajantes também eram valorizados: eram incentivados a expressassem suas observações sobre a sociedade soviética em entrevistas às rádios de Moscou ou chamados para publicar textos em jornais soviéticos. Era comum, inclusive, que os viajantes recebessem para isso, como informa Eneida de Moraes:

> Ganhei muitos rublos escrevendo para jornais e revistas sôbre literatura brasileira. Nos países socialistas, tudo o que se faz é pago; retrato em jornais, artigos, crônicas, entrevistas, palavrinhas ditas no rádio, tudo é remunerado. Com a riqueza por mim ganha comprei uma máquina fotográfica, esculturas populares russas, pequenas lembranças para os amigos. [...]
>
> Ganhei muito dinheiro. Quando a hora de partir ia chegando, só pensava em gastar. Os rublos não valem nada fora da URSS. Até na última hora, comprei.[353]

Contudo, muitas vezes, tamanha adulação e preocupação com os viajantes poderiam deixá-los incomodados. Mesmo nos relatos de viagem favoráveis à URSS é possível perceber detalhes sutis, denunciando o desconforto com o tratamento exagerado, como relata Branca Fialho:

> O serviço [referindo-se ao Hotel Savoy] muito bom; empregados eficientes, amáveis **às vêzes até demais**. Serviam-nos excesso de coisas gostosas e quando reclamávamos, pedindo só um pouquinho, não insistiam, mas esperavam que nos distraíssemos com a conversa para servir-nos novamente quantidade igual [...] [354]

Fialho procura justificar a notável amabilidade e hospitalidade do povo soviético como uma vontade deles de se aproximarem de outros povos. Jorge Amado, ao passar por situações possivelmente semelhantes à de Fialho, culpa o excesso de cuidados e até mesmo de submissão dos empregados aos resquícios da época da Rússia Czarista:

> Na própria URSS pude observar o contraste da nova e da velha mentalidade, da maneira de encarar as relações entre os homens existentes antes e depois da revolução. Em um dos hotéis onde estive hospedado, a maioria dos garçons era formada por homens já de certa idade, garçons desde antes de 17, educados na humildade hipócrita perante os hóspedes, em serviçais curvaturas de espinha. Os anos de socialismo já os haviam modificado em muito, **mas ainda restava em alguns aquela afetada maneira de servir ao hóspede como a um seu superior**.[355]

[353] Moraes, 1959, p. 34 e p.51, respectivamente.
[354] Fialho, 1951, p.8.
[355] Amado, 1951, p.90. Contudo, Jorge Amado elogia o serviço dos demais hotéis: "Em contraste, como eram francos, risonhos, os jovens garçons dos demais hotéis. Não se sentia neles nenhum sentimento de inferioridade em relação ao hóspede, o que não lhes impedia de realizar seu trabalho de garçons de maneira a mais elogiável, garçons ainda melhores que os velhos, e seres humanos certamente mais cultos e conscientes."

Embora Amado faça a observação com o intuito de preservar a imagem de seus anfitriões, é Importante considerar que as características hospitaleiras da população soviética, especialmente em relação à maneira subserviente de servir, possivelmente têm resquícios nos tempos anteriores.

Utilizadas desde o início do turismo soviético, raramente as técnicas de hospitalidade resultaram em impressões negativas quando aplicadas aos viajantes favoráveis à URSS.[356] Houve, no entanto, relatos de viagem que se sobressaíram devido às críticas à hospitalidade dispendiosa. Um caso famoso é do autor francês André Gide, *Retour de L'U.R.S.S.*[357] e *Retouches à mon Retour de l'U.R.S.S*, sendo o segundo uma resposta às demasiadas críticas devido à repercussão do primeiro livro. Em uma parte do segundo relato, André Gide mostra-se espantado com a tamanha abundância presente em banquetes quase diários, demasiado dispendiosos (segundo um de seus companheiros, cada banquete deveria sair a trezentos rublos por cabeça) quando comparados ao salário de, no máximo, quatro ou cinco rublos por dia dos trabalhadores.[358]

Assim como Gide, Graciliano Ramos, embora comunista, apresenta diversas desconfianças em relação às técnicas de hospitalidade:

> À tarde fomos à Voks agradecer-lhe **a hospedagem complexa, dispendiosa em excesso, provavelmente infecunda**: **nada realmente poderíamos oferecer em troca daqueles favores**. Essa ideia me atazanava. Desde a chegada a Praga, achava-me entregue à poderosa instituição, vivia à custa dela, e era doloroso achar-me a causar dano a estrangeiros solícitos. Não me consentiam pagar um cálice de vodca, um maço de cigarros. A fumar e a beber, julgava-me parasita: na lavoura e na fábrica pessoas mourejavam para sustentar-me o ócio inútil.[359]

É interessante notar nessa passagem que Ramos procura deixar explícita a sua falta de vontade ou incapacidade em uma possível retribuição aos favores da VOKS. Apesar disso, acabou escrevendo o relato de viagem, como Kaluguin lhe sugerira, mas não sem críticas veladas à "complexa" hospedagem. Embora tenha denunciado tais tratamentos, ele mesmo

[356] Hollander, p.351.
[357] André Gide, apesar de denunciar diversos problemas relativos à sociedade soviética, e tendo consciência da utopia que se formou sobre ela, defende em seu primeiro relato sua convicção de que a URSS triunfaria sobre seus graves erros: Gide, 1936, pp.16-17.
[358] Gide, 1937.p.58.
[359] Ramos, 1954, p.34. Grifos meus.

parece lutar contra seus pensamentos para justificar a sua incompreensão perante a eles, chegando a responsabilizar, como já vimos, a sua própria falta de costume para com as gentilezas.

Embora haja outros casos em que os viajantes procuram escapar das técnicas de hospitalidade, na maioria das narrativas aqui estudadas, os autores não se preocupam em refletir sobre o excelente tratamento que receberam, não explicitando inquietações sentidas quando o conforto exacerbado contrastava com as condições gerais de vida no país. Mesmo em relatos de não comunistas, às vezes é possível perceber que o tratamento generoso e atencioso aos viajantes poderia criar um senso de obrigação. Desta forma, percebemos que é possível que as técnicas de hospitalidade tenham contribuído para o silenciamento e amenização de críticas em algumas narrativas.

Em relação à percepção das técnicas de hospitalidade pelos comunistas, é importante lembrar que havia uma congruência entre as atitudes dos comunistas visitantes e de seus anfitriões: enquanto os primeiros desejavam a confirmação empírica de suas crenças favoráveis a um sistema social já idealizado, os últimos estavam prontos a oferecer essa idealização.[360] Não só a oferecer, como também lembrá-los de sua tarefa como comunistas e defensores da URSS. Muitas vezes, conseguiam até mesmo inverter o sentido das técnicas de hospitalidade, pois se esforçavam para mostrar que tamanha disposição em atendê-los era na verdade uma forma de gratidão ao trabalho árduo dos intelectuais como comunistas e como futuros disseminadores de boas impressões da pátria socialista, como demonstra Graciliano Ramos:

> Diante da mesa larga coberta de frutos e garrafas [visita à VOKS], os meus escrúpulos se desvaneceram. Abafaram-nos logo os agradecimentos convencionais, e um professor, loquaz, pequeno, de idade ambígua [...], incutiu-me, em longo discurso, **a impressão de que realizávamos todos uma tarefa**. Era sem dúvida um disparate, mas os russos têm a habilidade espantosa de obsequiar-nos, **sugerir que lhes fazemos obséquio**.[361]

Hollander chega a afirmar que seria difícil para os viajantes entender a possibilidade de serem reduzidos ao *status* de um turista que se deixa levar em uma viagem conduzida, onde não haveria maneira de saber o que é verdadeiro ou falso na narrativa de seus guias e intérpretes. Seria algo ainda mais incômodo para eles admitirem que foram manipulados ou

[360] Hollander, 1998, p.350.
[361] Ramos, 1954, p.35. Grifos meus.

enganados em diversas situações da viagem. Assim, mesmo os intelectuais deveriam se autopersuadir para crerem que o que observaram não era nada significantemente diferente daquilo que não tiveram a chance de observar.[362]

Tais afirmações são coerentes, porém, Hollander exime sua pesquisa de um detalhe fundamental: a manipulação e deturpação de informações a respeito da URSS existiam de ambos os lados, isto é, não só pelo lado soviético, como também pelo lado ocidental, direcionada pela mídia anticomunista e pró- Estados Unidos. Desta forma, o possível silêncio e omissão dos viajantes comunistas ao notarem as técnicas manipuladoras de hospitalidade poderia ser interpretado também como uma forma de não alimentar uma imprensa anticomunista que também julgavam como manipuladora.

Como pôde ser observado, as pesquisas ocidentais mais aprofundadas em relação às técnicas de hospitalidade ou aos mecanismos de recepção da URSS são escassas e recentes. Além disso, são pesquisas que envolvem conflitos ideológicos ainda vivos. A pesquisa de Margulies foi escrita ainda em plena Guerra Fria, em 1968. Já Ludmila Stern, uma das poucas pesquisadoras que teve acesso aos arquivos da VOKS, possuía avós comunistas que entraram em uma organização ilegal de espionagem industrial para a URSS na França. Quando seguiram para o regime soviético, em 1936, foram presos, por serem considerados erroneamente como espiões franceses. Mesmo após terem sido soltos, tiveram uma vida difícil na URSS – seu avô, graduado na Sorbonne em Medicina, foi demitido de sua posição –, até se mudarem para a Austrália em 1982.

Stern questiona, na introdução de seu livro, como indivíduos inteligentes se agarravam ao fervor religioso devotado à URSS, recusando qualquer evidência que sugerisse que a imagem desse país não fosse tão acurada. “Não sabem eles o que o Stalin estava fazendo? Não ouviram eles a respeito da fome nos anos de 1930, suas prisões e julgamentos, as deportações e execuções?”[363] Sua busca e pesquisas de mecanismos pelos quais os intelectuais ocidentais foram “conduzidos” a aceitar o mito soviético permitiu a ela concluir que a URSS de fato os influenciou e os manipulou em seu próprio benefício. De certa forma, sua pesquisa em relação aos organismos de recepção e de controle dos intelectuais parece ter

[362] Hollander, 1998, p.354.
[363] Stern, 2009, p.2.

o objetivo de eximir os intelectuais de sua responsabilidade em terem apoiado o regime soviético.

Por outro lado, Paul Hollander, historiador norte-americano, vai além. Ao estudar intelectuais que, no período de 1928 a 1978, mostraram-se encantados e defensores de sociedades socialistas, como a União URSS, China e Cuba, ele os acusa de se tornarem indiferentes a qualquer tomada de atitude de suas próprias sociedades, frisando que a direção da indignação moral destes intelectuais era guiada apenas por suas ideologias e comprometimentos partidários. Hollander julga-os como alienados em relação ao contexto que os cercava, sem a preocupação de historicizá-los. Em relação a essas ideias, concordamos com a argumentação de David Fox que observa que a manipulação pelos soviéticos de intelectuais ocidentais crédulos deve ser reconsiderada e historicizada. Ele chama a atenção para a incrível facilidade com que os soviéticos aparecem como "manipuladores de intelectuais ingênuos." Segundo ele, a história dos viajantes à URSS é muito mais do que "um dia de bajulação política". Ela, na verdade, foi um dos momentos históricos raros de interação do Ocidente moderno com o mundo não ocidental, no qual assuntos fundamentais, como a superioridade ocidental, foram colocados em dúvida.[364]

Ao analisar, juntamente com os relatos de norte-americanos, fontes geradas a partir de dentro das instituições soviéticas, como os relatórios escritos por guias da VOKS, David-Fox chegou à conclusão de que as reações dos viajantes eram mais críticas e negativas do que se supunha. Os relatórios revelaram dúvidas, reservas e condenações até mesmo daqueles que hoje em dia são considerados notórios socialistas apologistas, como Beatrice Webb e Lion Feuchtwanger. A partir disso, Fox analisou a autocensura dos viajantes e seus mecanismos, assim como também as razões por trás disso.[365] Por procurar expressar em sua escrita suas reflexões mais profundas (ao menos, assim nos parece), Graciliano Ramos nos dá um bom exemplo da complexidade dessa questão:

> **O meu desejo era omitir os discursos, as frases convenientes, as cortesias empregadas com exuberância pelos nossos hospedeiros**. Envolviam-nos desde a chegada, afirmações de paz, **e algumas pessoas vacilavam, perguntavam se elas eram realmente sinceras**. **Poderiam ser doses de morfina aplicáveis ao estrangeiro.** Ficaríamos entorpecidos, regressaríamos docemente embalados [...]. As palavras repetidas lá fora divergiriam talvez das pronunciadas aqui. Nenhuma

[364] David-Fox, 2003. p.301.
[365] Idem, 2012, p.3.

> discordância percebiam, mas ainda estavam indecisas: os indivíduos que nos cercavam, nos automóveis e no hotel Savoy, escamoteavam possivelmente a verdade, representariam de alguma forma a cortina de ferro tantas vezes mencionada nos jornais da burguesia. Não me importunavam tais reflexões. Achava-me efetivamente certo de que a guerra abreviaria a ruína do proprietário.[366]

Hollander não se atenta para o fato de que as narrativas mais fervorosas à URSS, escritas por comunistas ou pelos *fellow-travelers*, fazem parte de um gênero de narrativas políticas, com estratégias literárias que também serviam para combater as imagens negativas e por vezes absurdas publicadas pela imprensa ocidental. Afinal, muitos viajantes favoráveis ao socialismo nutriam o sonho de influenciar o curso da revolução, e acreditavam que suas ações poderiam afetar os resultados.

Ao analisarmos as impressões dos relatos, é necessário lembrar que por trás delas há escritores que respondem a seus meios sociais, a ideologias próprias e até mesmo a organismos de imprensa pelos quais são contratados, o que definitivamente afetou a maneira como descreveram o que observaram. No entanto, é importante salientar que as próprias descrições dos confortos e luxos que recebiam serviam como uma maneira de denunciar as técnicas de hospitalidade, mesmo que de forma inconsciente.

Assim como não podemos afirmar que as técnicas de hospitalidade determinaram as impressões construídas pelos viajantes sobre a sociedade soviética, o turismo soviético, pautado na criação da VOKS, também não era fundamentado pela questão teórico-política de servir para a construção do socialismo e combater o capitalismo. Ao final da década de 1920, Kameneva admitiu que a criação da VOKS havia sido condicionada pelo capital europeu: sob ameaças políticas por conta de suas associações com oposicionistas condenados (Trotsky e Kamenev), ela escreveu como pessoalmente conquistou o fundo para sua fundação a partir de ações do Comitê da Ajuda Internacional, uma vez que inicialmente não contou com suporte financeiro do partido: "Em essência, o lado material da causa foi fundado com dinheiro burguês: das sobras da ajuda que as organizações burguesas enviavam para os famintos".[367] Ou seja, o trabalho inicial e informacional com estrangeiros — que daria origem à VOKS —

[366] Ramos, 1954, pp.58,59. Grifos meus.

[367] David-Fox, 2012, p.34. Essa informação se encontra em uma carta que Kameneva enviou para Chicherin em Dezembro de 1924.

havia sido garantido, em parte, com fundos vindos da ajuda estrangeira para suprimentos de comida. Durante 15 meses, segundo ela, o Estado soviético não teria contribuído com nada.

Assim, considerando seu início, a VOKS foi criada e pensada para manter vínculos e atender aos interesses dos viajantes burgueses de países ocidentais capitalistas. Os principais dirigentes da VOKS, Kameneva e Arosev, eram profundos admiradores da cultura europeia ocidental. Desta maneira, o turismo soviético se moldou de acordou com os ideais de sua fundação, procurando investir na modernidade e nos tratamentos necessários para que tais viajantes se sentissem "em casa", com os investimentos posteriores na estrutura da Intourist. Percebe-se que, ao contrário de outras instâncias da sociedade soviética que mudaram drasticamente, como o trabalho coletivo nas fábricas e nos campos, a educação para todos, a condenação à livre concorrência e ao consumismo fútil, as instituições ligadas ao turismo internacional tiveram a permissão de manter diversos valores e características de uma cultura capitalista e ocidental.

Mesmo com o deslanchamento da Guerra Fria e a forte bipolarização do mundo, em vez de o turismo soviético voltar-se mais para características socialistas, ele, mais do que até então, passou a buscar o lucro e a satisfação de seus viajantes burgueses. Nesse contexto, com a maior quantidade de visitantes, é válido lembrar que aumentou também o número daqueles menos simpáticos ao regime. A Intourist passou a se preocupar com o que ela poderia oferecer para além do pacote tradicional turístico de acomodação em hotéis, guias, excursões culturais, refeições e transporte. Seus líderes passaram a pensar em um fornecimento maior de bens de consumo e serviços, embora não houvesse certeza da melhor maneira de capturar a audiência ocidental.[368] Freitas Nobre, ao realizar sua viagem em 1956, se espanta ao ter contato com ingressos de um navio que subdividia seus passageiros em quatro classes de conforto:

> [...] a ligação dos dois rios russos (Volga-Don) tornou possível a navegação do Rio Moscou, cujo nível se elevou, consideràvelmente. E há viagens de até 30 dias em navios, nos quais, para espanto meu, verifiquei existir 4 classes, o que, aliás, também ocorre com os trens. Solicitei uma explicação sôbre êsse fato a um dos intérpretes que nos acompanhavam (algumas vêzes também andei sem intérprete) e êle esclareceu que os que podiam e desejavam viajar com maior comodidade, pagariam mais.[369]

[368] Salmon, 2006, p.189.
[369] Nobre, 1957, pp. 32, 33.

Tais mudanças também acompanharam as próprias transformações na economia soviética. Em 1956, Evsei Liberman, economista soviético que já argumentava a favor de revisões para um planejamento empresarial, provocou um debate sugerindo que o principal indicador de planejamento e operações eficientes deveria ser o lucro. Enquanto especialistas ocidentais da política soviética estavam convencidos de que tal movimento indicava um enfraquecimento dos princípios socialistas a favor de um modelo de mercado, Liberman defendia a proposta de que o lucro em si não deveria ser visto como uma antítese do sistema, mas sim como um indicador de sua eficiência. Sob o capitalismo, entretanto, o lucro era o objetivo e a satisfação das necessidades da população era o meio; já no socialismo, segundo ele, o oposto era a verdade – isto é, o lucro seria o meio para se atingir as necessidades da população.[370]

Liberman foi apoiado por Vladimir Ankudinov, líder da Intourist de 1947 a 1968, que argumentava que o turismo era uma indústria com possibilidades colossais para estimular o crescimento econômico soviético. O turismo, ele afirmava, deveria ser considerado um ramo importante da economia socialista, um ramo que traria anualmente milhões de dólares para o país. Nesse sentido, o contexto do pós-guerra e, em particular, as novas linhas de pensamento sobre comércio e economia ajudaram a moldar o jeito que os líderes da Intourist posicionaram seus trabalhos. Funcionários passaram a ser encorajados com a ordem de "vender" o socialismo. Alguns viajantes da segunda metade da década de 1950 esboçaram algumas impressões sobre o tema, como vemos nas palavras de Nestor de Holanda, que realizou sua viagem no ano de 1959:

> **Está grandemente interessada, a União Soviética, em fazer do turismo boa fonte de renda**. Em várias cidades da Europa, e, mesmo, das Américas, nos países que têm relações diplomáticas com a URSS, vêem-se cartazes de propaganda da URSS, indicando aspectos pitorescos do país e aconselhando que o visitem.[371]

Em relação às narrativas brasileiras do início da década de 1950, são poucos os exemplos que temos da percepção de um turismo mais voltado para o lucro. Ao contrário, a maioria das viagens que ocorreram até 1957 foram financiadas pelo governo soviético (as

[370] Salmon, 2006, p.191.
[371] Holanda, 1962, p.15. Grifos meus.

únicas viagens daqui analisadas que podemos afirmar que continuaram sendo pagas pelo governo soviético após 1957 foram as de comunistas, como podemos observar na Tabela 1 — Anexo 2). Já as viagens pós-1956 dão indícios do aumento do turismo soviético, das diferenças e dos valores cobrados por cada pacote:

> Muitos são os norte-americanos que, aproveitando-se das correntes de turismo para a União Soviética, especialmente com partida de Paris, têm chegado à URSS. Em Moscou e em várias outras cidades russas, a "Intourist" tem suas agências. [...]. Para uma excursão turística de 16 dias, com partida de Paris e regresso à mesma cidade, o preço é de 50.000 cruzeiros, com passagens pela Hungria e pela Tchecoslováquia, ou de 60.000 cruzeiros, para 18 dias.[372]

Há uma ênfase em tentar enquadrar a literatura sobre o turismo estrangeiro da URSS como um esforço exclusivamente político, deixando os negócios da Intourist como algo secundário ou até mesmo irrelevante, sem considerar que o turismo estava enraizado também a um mercado lucrativo de viagens internacionais. Estudos recentes a partir de arquivos da Intourist mostram, contudo, que desde o seu início ela foi considerada também como uma instituição comercial, com o direito de funcionar como uma instituição baseada no mercado internacional, e com tarefas amarradas às necessidades financeiras do Estado.[373]

Em 1957, a Intourist começou a receber cinco vezes o número de visitantes anuais do que o período anterior à Segunda Guerra. Apesar de pequeno se comparado ao trânsito para os centros turísticos europeus majoritários, esse número dobrou novamente para um milhão entre 1957 e 1965.[374] Em 1959, a publicidade soviética declarou que a URSS estava aberta para visitantes de todos os países. Novas relações com firmas turísticas estrangeiras foram negociadas, houve a reorganização de estruturas bancárias no início da década de 1960, e pronunciamentos públicos de Nikita Khruschev apontavam cada vez mais essa mudança. Além disso, o comércio com os países capitalistas, apesar de serem apenas 20% a 30% do total do comércio exterior soviético nos anos pós-guerra, aumentou constantemente a partir do ano de 1954, quando pela primeira vez passou a marca de um bilhão de rublos. Funcionários da Intourist foram também encorajados a diminuir seus custos. Foi sugerido, por exemplo, que os guias que não levassem os grupos turísticos a tempo de seus vôos, deveriam ser

[372] Nobre, 1956, p.183.
[373] Salmon, 2006, p.188.
[374] *Ibidem*, p.190.

penalizados. Caso cumprissem com sucesso suas receitas financeiras, os funcionários também receberiam prêmios.[375]

Com o fim da VOKS e o aumento expressivo do comércio na década de 1960, a Intourist passou cada vez mais a fornecer um turismo voltado a lucrar com o consumismo burguês: a partir de 1964, 50% da sua receita passou a ser da venda de souvenirs e mantimentos para os viajantes. Mercadorias passaram a ser vendidas em todas as áreas visitadas pelos estrangeiros.[376] De certa maneira, podemos dizer que, de tanto se moldar às expectativas de seus hóspedes, que em suas próprias sociedades estavam imersos em uma cultura de consumo desenfreado, a evolução do turismo soviético acabou tornando a experiência socialista em mais um objeto de consumo.

Com o término da União Soviética em 1991, a Intourist se tornou uma companhia turística internacional (VAO Intourist), com uma nova política comercial, alcançando o posto de maior companhia turística comercial do território russo. Ironicamente, em 2011, ela se fundiu ao grupo inglês Thomas Cook — a primeira organização turística popular europeia, como observamos no capítulo 1 — , que passou a ser dono majoritário, uma vez que deteve 50,1% do total da fusão.[377]

[375] *Ibidem*, p.197.
[376] *Ibidem*, p.192.
[377] Informações colhidas na página da Intourist. Ver em: Intourist, [s/ano] .

CAPITULO III: O olhar brasileiro sobre a URSS

Em São Paulo, um padre Soares, de Curitiba, que se esconde sob a arma ignóbil do anonimato, a respeito das minhas impressões sôbre a Rússia escreveu:
"— *Êste mau brasileiro, que chegou de Moscou, com os bolsos recheiados de rublos, depois de afirmar, cinicamente, de que há liberdade religiosa na U.R.S.S., conta que tomou bastante "borsch". Sabe o plumitivo que a sôpa é feita com carne de criancinhas mortas nas maternidades?*
Se é verdade, confesso que o tempero é bom...
Edmar Morel, *Moscou, ida e volta*, 1952, p.188.

Os relatos de viagem aqui analisados como objetos de estudo trazem representações e imaginários não só acerca de diversos aspectos da sociedade soviética, como também do que os viajantes vivenciavam em seu próprio país. Como observamos, as narrativas se constroem como guias, dispondo de uma enorme quantidade de assuntos das mais variadas esferas, como política, educação, saúde, economia, cultura, história, etc.

Selecionar os temas a serem analisados não foi uma tarefa fácil, e está longe de dar conta das diversidades de análises que tais fontes permitem. Sotana, ao trabalhar com relatos de viagem de militantes comunistas brasileiros à URSS, julgou ser impossível analisar tudo o que eles escreveram sobre a organização política, social e econômica da URSS, por conta da variedade de temáticas tratadas ser extremamente ampla.[378]

Em vista disso, os temas de análise aqui escolhidos seguiram dois critérios: o primeiro leva em consideração a recorrência em que eles aparecem nos relatos. São todos temas essenciais para a época em que foram escritos, e estão presentes nos relatos independente do grupo ideológico dos viajantes. O segundo critério é seguir a linha que conduz esta pesquisa: são temas que permitem notar as influências e bases ideológicas de cada grupo de viajantes, portanto, muitas vezes as representações construídas sobre os temas apresentam divergências entre si.

Seguindo ambos os critérios, os temas são:

1. **A representação da política nos relatos:** após uma explanação teórica a respeito de conceitos centrais como socialismo, comunismo, totalitarismo e stalinismo, como forma de compreender melhor as diferenças entre a teoria e a prática no regime

[378] Sotana, 2006, p.19.

soviético, especialmente no período pós 2ª Guerra, buscamos analisar a forma como os viajantes representavam em sua escrita os conceitos de socialismo e comunismo, e como se utilizavam de observações da sociedade soviética para compreendê-los e descrevê-los. No mesmo tom, observamos a diferença com que os viajantes percebem a existência (ou não) de classes sociais na sociedade soviética, de acordo com seus grupos ideológicos. Também investigamos a transformação na figura de Stalin no decorrer dos anos da década de 1950 e 1960 e a maneira como os viajantes correspondiam ao culto à personalidade de Stalin, além da mudança de assuntos políticos internacionais com o passar dos anos e o impacto da era-pós stalinista nas narrativas dos brasileiros que viajaram no período pós-1956, indicando discursos de tentativa de aproximação diplomática e comercial entre Brasil e URSS.

2. **Liberdades, autoritarismos e censuras**: Ditadura democrática? Censura ou liberdade de expressão? Aqui, procuramos investigar a percepção sobre a questão da liberdade diante da ditadura do proletariado, quais mecanismos de controle eram mais observados e quais eram omitidos ou ocultos diante do olhar dos viajantes brasileiros – a percepção ou não dos viajantes sobre o controle dentro dos próprios roteiros de viagem e a censura sobre a população soviética. Para tal, é necessário considerar que os próprios viajantes poderiam estar sob controle do que a sociedade/mídia/grupo ideológico brasileiro esperava ler em suas narrativas, portanto, fêz-se necessário uma investigação também sobre os autoritarismos e censuras presentes na sociedade brasileira, não só em seu significado mais amplo, como também em relação às pressões políticas, sociais e ideológicas que atuavam sobre os autores.
3. **Cotidiano soviético e possíveis comparações com o Brasil**: nessa última parte, explora-se alguns temas do cotidiano soviético mais notados pelos brasileiros e que mais levaram a comparações com o contexto brasileiro, sendo eles: a situação da educação na URSS, a representação da mulher soviética nos relatos de brasileiros e brasileiras (o que nos possibilitou fazer algumas análises em torno da questão de gênero) e impressões sobre as condições de vida da população soviética, presentes nos discursos em relação à situação do trabalho, moradia e poder aquisitivo. É importante destacar que mesmo que o viajante não se remeta a problemas ou

características da sociedade brasileira, a ênfase em determinado assunto durante a viagem poderia significar que também era um tema recorrente no contexto brasileiro.

Começamos, portanto, com o imaginário político presente nas narrativas, investigando as representações e diferenciações dos conceitos de socialismo e comunismo e suas transformações no período stalinista, as diferenças da concepção sobre a existência de classes sociais na URSS e as representações da imagem de Stalin nos relatos ao longo das décadas de 1950 e 1960.

A representação política nos relatos de viagem

As narrações e observações dos viajantes estão sempre conectadas ao seu próprio contexto, à sua própria época e a intenções específicas. No decorrer de poucos anos, notamos diferenciações na escolha e na forma de abordagem de determinados temas, dentre eles, temas políticos. Diferentemente dos relatos da década de 1930, as narrativas da década de 1950 trazem uma enorme preocupação com a questão da guerra e da paz. Muitos viajantes tinham como intuito descobrir as reais intenções da União Soviética nos anos pós Segunda Guerra, afinal, poucos anos os separavam da finalização do maior conflito mundial já vivido. Já os relatos mais próximos ao ano de 1960 são mais silenciosos sobre as questões da paz, substituindo-a pela possibilidade ou pelas consequências do estreitamento dos laços diplomáticos entre Brasil e URSS.

As primeiras viagens aqui analisadas aconteceram tendo como plano de fundo a consolidação da Guerra Fria cultural, que se pautou, pelo lado da União Soviética, em campanhas de "Ofensiva pela Paz", organizadas pelo Cominform,[379] órgão que elaborou e ficou responsável pela coordenação da ofensiva pela paz pelo mundo, essencialmente por meio do Conselho da Paz Mundial e suas várias organizações afiliadas, como a própria Federação Democrática Internacional das Mulheres.[380] A partir de 1948, encontros de caráter nacional e internacional com o tema da paz mundial tornaram-se frequentes, sendo o

[379] Cominform era o Escritório de Informação dos Partidos Comunistas. Foi criado em outubro de 1947, e tinha como objetivo promover e coordenar o intercâmbio de informações e ações de vários partidos comunistas pelo mundo. O Cominform serviu como instrumento de política externa da URSS, e seus integrantes questionavam a Doutrina Truman e o Plano Marshall, consideradas como manobras agressivas para satisfazer as aspirações de supremacia mundial dos Estados Unidos.
[380] Cancelli, 2017, p.16.

primeiro realizado em Wroclaw, na Polônia, em agosto de 1948. O evento reuniu por volta de 390 pessoas, e dentre eles, encontravam-se Pablo Picasso, Pablo Neruda, Ilya Ehrenburg e Jorge Amado.[381] A escritora mineira Zora Selkjn Braga, também participante do congresso, apontou em seu relato de viagem voltado para a descrição das "democracias populares" que Jorge Amado foi escolhido, em homenagem ao Brasil, para ocupar uma das cadeiras da vice-presidência do Congresso Internacional de Intelectuais pela Paz, como representante de toda a América Latina.[382]

O congresso que fundamentou o movimento, no entanto, ocorreu no mês de abril de 1949, de maneira concomitante nas cidades de Paris e Praga. Ele foi chamado de Primeiro Congresso Mundial pela Paz, e nele foi fundado o Conselho Mundial da Paz, que tinha, dentre os seus membros, os brasileiros Jorge Amado, Branca Fialho e Mário Fialho.[383] O casal Fialho também participou, dois anos depois, em 1951, do Congresso Internacional do Direito ao Serviço da Paz, juntamente com Osny Pereira, Edi Pereira, Heloísa Helena Pereira e Jurema Finamour.[384] Em 1952, juntamente com Zélia Amado, Elisa Batista, Maria Della Costa, Jovina Pessoa, Virgínia Modesto de Souza, e Helena Boaventura Netto, integrantes de uma delegação brasileira composta por 42 pessoas, Branca Fialho e as demais participariam também do Congresso dos Povos pela Paz, em Viena.[385]

Ao que tudo indica, Branca Fialho, como membro de Conselho Mundial da Paz de 1949, e como escritora do prefácio do livro *Atravessando as fronteiras da URSS*, foi a responsável pela coleta da maior parte das entrevistas que compõem a obra publicada pela Federação das Mulheres do Brasil. Não é por acaso, portanto, que o livro tem como tema central a defesa enfática de que o povo soviético desejava e lutava pela paz, pois todas as entrevistas finalizam abordando o tema:

---

[381] Arbex, 2012, p.36.

[382] Braga, p.226.

[383] Arbex, 2012, p.38. Segundo Arbex, foi também nessa ocasião que os prêmios intelectuais da Paz foram criados, com o intuito de premiar melhores filmes, produções literárias e artísticas, e para aqueles que ajudassem a consolidar a paz entre os povos.

[384] É interessante notar que membros da delegação de Branca Fialho, Jurema Finamour e o Juiz Osny Pereira, participaram desse mesmo congresso em 1951, mas o intitulam como Congresso Internacional dos Juristas Democratas. Finamour, 1954; Pereira, 1952.

[385] Os nomes coincidem com a pesquisa apontada por Luciana Bueno Arbex, que retira as informações da Revista *Fundamentos* (nº 31, São Paulo, 1953). Na lista, também encontram-se os nomes de Jorge Amado e Orlando Loureiro. No caso de Virgínia Modesto de Sousa, aparece apenas o nome de seu marido, João Modesto de Souza, prefeito de Alegrete. Arbex, 2012, p.40. Nota de rodapé nº 78.

> Para encerrar a nossa entrevista, perguntamos o que pensava sôbre a política da União Soviética:
>
> _ Acho que a U.R.S.S. não tem intenção de agredir ou dominar outros povos. Ao contrário, creio que ela quer fazer ver ao mundo que a Paz é uma necessidade para os povos. Ela sentiu os horrores da guerra. [...] A União Soviética deseja a Paz![386]

A mensagem recebida nos congressos não era interpretada pelos participantes como uma propaganda estritamente soviética devido à diversidade de pessoas e de ideais que o compunham, como aponta Marques Rebêlo, ao participar da Reunião do Conselho Mundial da Paz, em Estocolmo (1954): "Há todos os trajes, tôdas as línguas, tôdas as religiões, todos os credos políticos, tôdas as raças, tôdas as profissões. Uma outra Babel, mas extraordinária Babel em que todos se entendem, porque há uma ambição comum, plena e generosa — paz"![387] O único autor a denotar alguma desconfiança é Orlando Loureiro, que esteve presente no Congresso dos Povos pela Paz, em Viena (1952), e ressaltou seu conhecimento sobre as ligações do movimento mundial da paz com a política de Moscou. Mesmo assim, Loureiro se mostra animado com o congresso, ao discorrer sobre seus encontros com diversas pessoas de nome, como o cientista Joliot-Curie e professor Kuo Mo Ko, presidente da academia de Ciências de Pequim e próximo a Mao Tse Tung.[388]

A campanha organizada pelos órgãos soviéticos é assimilada pela maioria dos simpatizantes, comunistas e não definidos, trazendo consigo uma forte consequência: a fusão da defesa da sociedade soviética com a proteção do ideário pela paz. Afinal, como ser contrário à URSS, se ela abertamente se colocava como mantenedora da paz? De acordo com os relatos, o discurso pela paz não era algo que estava presente apenas em congressos exteriores à URSS. Toda a população soviética parecia ter como objetivo promover a campanha. Virgínia Modesto aponta que, onde quer que ela fosse, os soviéticos pediam à sua delegação que lutassem pela paz, pelo progresso do mundo e pelo bem estar da humanidade.[389] Também Lázaro Moreira, no momento da despedida, expõe a mensagem passada pelos operários soviéticos com quem teve contato:

[386] Federação de Mulheres do Brasil,1954, p.22.
[387] Rebêlo, 1956, p.35.
[388] Loureiro, 1954, p. 42.
[389] Federação das Mulheres do Brasil, p.17.

> "Confiamos que vocês, delegados dos trabalhadores desses países, darão aos seus companheiros o testemunho do que viram. Pedimos apenas que contem a verdade, o que viram. Pedimos também que digam aos trabalhadores brasileiros que nós, operários da U.R.S.S., queremos viver em paz e em amizade com todos os povos."[390]

Assim, até meados da década de 1950, praticamente todos os relatos publicados no Brasil de viajantes à URSS, abordaram o tema da paz mundial. Os títulos de algumas narrativas comunistas apontavam a URSS como a protetora da paz, como *O Mundo da Paz,* de Jorge Amado, e *Zamir (Viagem ao mundo da paz),* de Afonso Schmidt. Por meio de discursos favoráveis à URSS e à paz, os viajantes respondiam às suspeitas e desconfianças presentes no mundo ocidental:

> [...] o povo da União Soviética deseja a Paz e fará tudo o que estiver ao seu alcance para preservá-la! O povo soviético, através do grande Stálin, nos diz que pode ser mantida e consolidada se os povos de todos os países se opuserem aos incendiários de guerra, não se deixarem enganar pela minoria de bilionários que querem sacrificar a Humanidade para obterem novos lucros.[391]

Mesmo nos relatos de anticomunistas, como Rubens do Amaral, o motivo da campanha pela paz está presente, embora se diferencie daqueles apresentados pelos comunistas e simpatizantes:

> Se o Cremlin efetivamente acredita na agressão e teme a guerra, por que tão insistentemente prega a paz, amortecendo o ânimo guerreiro do povo soviético e criando a atmosfera pacífica que desarma os espíritos? Há esta resposta: o que se pretende é patentear propósitos pacíficos para deixar a cargo dos adversários, integralmente, a responsabilidade da guerra, se vier.[392]

O tema da paz não deve ser visto, contudo, apenas como uma consequência dos discursos e encontros promovidos pelos congressos pela paz mundial. O assunto era bastante recorrente também na imprensa brasileira. Ao investigar as representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial no Brasil entre os anos de 1945 a 1953, Sotana observa que os periódicos, além de apresentarem notícias sobre os congressos pela paz no exterior e no Brasil, também trataram da paz mundial em função da criação da ONU, das reuniões dos

[390] Stoiano *et alii*, 1952, p. 68. [Lázaro Moreira]
[391] Alambert, 1953, p.67.
[392] Amaral, 1952, p.76.

chanceleres dos EUA, Inglaterra, URSS e França, da Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e da Segurança no Continente (1947), além de apontarem ameaças à paz mundial por conta de notícias ligadas ao Bloqueio de Berlim, à divisão da Alemanha, e à Guerra da Coreia.[393] Entre o final da 2ª Guerra Mundial e a Guerra da Coreia, em 1952, jornais como *O Estado de S. Paulo, Folha da Manhã, Diário de S. Paulo, Correio da Manhã e Jornal do Brasil* e a revista *O Cruzeiro* construíram representações da URSS como uma nação propulsora de conflitos:

> O posicionamento da grande imprensa formulando representações dos Estados Unidos como agente responsável por pacificar o mundo e da União Soviética como ameaça à manutenção da paz mundial pode ser entendido em razão do nível de organização das empresas jornalísticas e a forma de se fazer jornalismo internacional no Brasil, bem como em decorrência das relações dos veículos de comunicação com o poder político e o mercado.[394]

Assim, os discursos construídos a favor da URSS e à sua defesa pela paz serviam também como uma resposta ao que os brasileiros observavam na imprensa de maior circulação. No final da década de 1950 e início da década de 1960, a questão da manutenção da paz mundial aparece com menos intensidade nos relatos. Ela dá espaço às interpretações diferentes de um novo governo socialista, com a subida de Khrushchev ao poder em 1956, à ideia de coexistência entre regimes capitalistas e socialistas, e a uma maior discussão sobre a possibilidade de reatamento dos laços diplomáticos entre Brasil e URSS.

Aumenta-se o número de reclamações em relação à dependência do Brasil aos Estados Unidos, especialmente na questão de exportações. Victorio Martorelli, ao desconfiar que o cacau de uma fábrica de doces e chocolates de Kiev (chamada "Karl Marx") era do Brasil, e descobrir que na verdade os soviéticos compravam dos Estados Unidos, conclui que os soviéticos adquiriam os produtos brasileiros por meio de intermediários: "E quem leva a parte do 'leão', são os nossos 'bons vizinhos' da América do Norte".[395]

---

[393] Sotana, 2010, pp.14, 15.

[394] *Ibidem*, p.16.Sotana ainda indica que o tema era explorado de maneira constante, tanto pela imprensa anticomunista quando pela imprensa comunista. Entre os anos de 1945 a 1953, nos jornais ligados a movimento de esquerda, como *Tribuna Popular*, *Voz Operária* e na revista *Problemas*, foram publicadas 65 matérias jornalísticas sobre a paz mundial.

[395] Martorelli, 1958, p.75.

Tobias Rupprecht, pesquisador britânico, desenvolve uma interessante análise a respeito das relações entre Brasil e URSS nos anos próximos à década de 1960. Segundo ele, havia diversas semelhanças entre os países que poderiam contribuir para sua aproximação: ambos abrangiam grandes territórios e vivenciaram processos semelhantes; tinham superarado ditaduras há pouco tempo (o Estado Novo de Vargas e o stalinismo, obviamente, não na mesma escala e na mesma medida); investiram em barragens, usinas e indústria pesada (o estudo da engenharia soviética é o motivo da viagem do engenheiro John Cotrim); e propuseram planejamentos econômicos e sociais, inclusive na área da educação. O próprio slogan de Juscelino Kubitschek, "50 anos em 5", soava como um plano quinquenal de inspiração soviética para os anticomunistas contemporâneos. Na verdade, para o autor, eles seriam vistos muito mais como uma expressão da modernidade socialista do que como uma tentativa de introduzir o bolchevismo no Brasil.[396]

Em junho de 1956, Ivette Vargas, política e sobrinha de Getúlio Vargas, liderou um grupo de parlamentares em uma visita à URSS. Segundo uma reportagem *Les Nouvelles de Moscou*, Ivete foi entrevistada pela Televisão de Moscou, a respeito de suas impressões sobre o país, que aparecem bastante positivas. Vargas teria declarado, ao final de uma recepção realizada à sua delegação (que também contava com Newton Carneiro, deputado do Estado da Bahia), as seguintes palavras:

> — Somos muito gratos pela atenção que nos foi dada, pelas respostas precisas e concretas fornecidas às nossas perguntas. Consideramos que tais entrevistas promovem muito a compreensão mútua entre os povos. Esperamos que a nossa viagem à União Soviética possa marcar o início de um grande intercâmbio de delegações entre os nossos dois países.[397]

Um ano depois, em 1957, outro grupo de 50 membros do Parlamento, incluindo o futuro primeiro-ministro brasileiro Tancredo Neves, seguiu também para a URSS. Visitaram usinas, indústrias e alguns deles participaram do Festival Internacional da Juventude em Moscou, o mesmo que os Irmãos Freitas Azevedo estavam. Apesar disso, o Ministério das

[396] Rupprecht, 2011, pp.509, 510. Rupprecht também repara que, assim como Lênin e Stalin, Kubitschek também foi enterrado em um mausoléu, após sua morte em 1976. A escultura no topo do mausoleu inclusive lembraria o símbolo soviético, o machado e a foice.

[397] "Nous avon vu beaucoup de choses Nouvelles". *Les Nouvelles de Moscou*, Paris, 13 de junho de 1956, nº 9, p.5. Consultado na Biblioteca Nacional da França, Rez- du-Jardin. Tradução minha.

Relações Exteriores sentiu a necessidade de declarar tais visitas como estritamente privadas, como forma de evitar problemas com os Estados Unidos.[398]

Dentre os viajantes aqui abordados, Victorio Martorelli e João Pinheiro Neto são os autores que mais exploram a possibilidade de reaproximação dos laços entre URSS e o Brasil. Não por acaso, o livro de Pinheiro Neto possui o prefácio escrito por ninguém menos que o próprio Juscelino Kubitschek, que, de maneira sutil, enaltece o trabalho de Neto e a posição superior da URSS no âmbito internacional:

> A observação pessoal [de Pinheiro Neto] lhe revelou um povo consciente da sua posição de liderança do mundo, conformado com o sacrifício, porém confiante na gradativa supressão das restrições a que está submetido, um povo, além disso, convicto de ser portador de uma autêntica mensagem de esperança para todos os homens. Do nosso lado, contudo, sustenta o autor, ou não temos uma liderança igualmente consciente e preparada, ou falta a compreensão de que nenhuma outra mensagem, senão a do desenvolvimento, fará o milagre de unir e levantar milhões de sêres humanos escravizados pela pobreza, pelo atraso, pela carência material, para fazê-los combater pelos valores essenciais da nossa civilização.[399]

O livro de Pinheiro Neto, como também veremos mais a frente, é claramente uma propaganda política pelo restabelecimento das relações diplomáticas e comerciais entre URSS e Brasil. Nesse mesmo sentido, Martorelli produz em sua viagem, juntamente com o jornalista Tito Fleury, uma entrevista com Nikita Khrushchev, sendo, segundo ele, a primeira vez que o alto dirigente se dirigia a jornalistas brasileiros e sul-americanos. O assunto principal também foi a possibilidade do reatamento das relações:

> Contentes e alegres pela realização de um furo jornalístico — satisfação que muitos colegas já experimentaram — e também, porque procuramos realizar nosso trabalho visando aproximar dois povos que permanecem sem relações, embora nenhum motivo exista que justifique tal situação. Como brasileiros, portanto, também demos nossa modesta contribuição para a solução de um problema que todo o nosso povo reclama a plenos pulmões: reatamento de relações diplomáticas e comerciais com a URSS e com os demais países com os quais não as mantemos.[400]

[398] Rupprecht, p.512.
[399] Kubitschek, *Apud* Pinheiro Neto, 1961, p.8.
[400] Martorelli, 1958, p.152.

Em 1960, um ano antes do restabelecimento das relações diplomáticas serem formalizadas, Nestor de Holanda levou em sua viagem 80 pacotes de 250 gramas de café em grão, torrado pelo Instituto Brasileiro de Café, para que fosse distribuído às autoridades e jornalistas na União Soviética. O Conselho Nacional de Estatística ainda lhe forneceu uma boa quantidade de livros e revistas sobre o Brasil, o Itamarati cedeu fotografias e a Novacap, publicações e fotos de Brasília.[401] Assim, fica claro que as viagens próximas de 1961 também serviram para estreitar os vínculos comerciais entre os países, que, mesmo após 1964, não romperam mais os laços diplomáticos.

As representações analisadas a seguir, refletem os principais temas políticos que aparecem de maneira mais profunda nos relatos, estando mais conectadas com a propaganda do regime socialista aos quais os viajantes estavam inseridos.

Conceitos em disputa: socialismo e comunismo

Por conta do perfil político presente nas narrativas de viagem à União Soviética, diversos relatos apresentam comentários ou interpretações dos conceitos de socialismo e comunismo, muitas vezes fundamentados ou aplicados no que observam do cotidiano soviético. Em alguns deles, os termos socialismo e comunismo são utilizados como sinônimos, estando a diferenciação com o capitalismo e/ou sociedade liberal mais bem delimitadas. Em outros, há uma preocupação do viajante em distinguir os termos, a partir de preceitos da teoria marxista-leninista. Há também um terceiro grupo de relatos, que procura descrever a viagem se abstendo de fazer qualquer comentário a respeito de socialismo ou comunismo.

É importante que se estabeleça com clareza as origens, aproximações e diferenciações dos termos socialismo e comunismo e suas principais transformações no processo da Revolução Russa e estabelecimento da União Soviética. Entender também o contexto stalinista, e a maneira como ele foi destrinchado por algumas correntes historiográficas, contribui também para uma análise mais crítica do momento e da maneira como os viajantes apresentaram a sociedade soviética.

[401] Holanda, 1962, p.10.

O modelo de socialismo adotado na Revolução remonta-se ao movimento socialista moderno ligado às ideias de Karl Marx e Friedrich Engels, autores do *Manifesto Comunista* de 1848. Tal movimento é interpretado por Marx e Engels como um processo consequente da exploração capitalista, fazendo parte do processo histórico das lutas de classes, onde o proletariado se revoltaria contra a classe burguesa e mantenedora do capitalismo. O objetivo final da classe proletária seria terminar com a contradição entre o caráter privado da apropriação da riqueza (acumulada por uma minoria de capitalistas e pela classe fundiária) e o caráter coletivo da produção, cujas riquezas seriam distribuídas para todos trabalhadores.

Por grande parte do século XIX, os termos "socialismo" e "comunismo" eram utilizados de forma semelhante, sendo difícil estabelecer uma delimitação conceitual consensual entre elas, embora o primeiro fosse usado mais comumente para designar movimentos da classe trabalhadora. Seria possível observar duas dimensões para a palavra comunismo na teoria marxista: a primeira como os movimentos políticos da classe operária contra a sociedade capitalista, e o segundo como uma forma de sociedade que a classe trabalhadora criaria por meio de sua luta.[402]

Em *Crítica ao Programa de Gotha*,[403] Marx diferencia duas etapas da sociedade comunista: a primeira que surge logo após a sociedade capitalista, possuindo ainda distorções e heranças da sociedade anterior, onde os trabalhadores ainda recebem de acordo com o seu trabalho; e a segunda como a fase superior da sociedade comunista, isto é:

> [...] quando tiver sido eliminada a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, a oposição entre trabalho intelectual e manual; quando o trabalho tiver deixado de ser mero meio de vida e tiver se tornado a primeira necessidade vital; quando, juntamente com o desenvolvimento multifacetado dos indivíduos, suas forças produtivas também tiverem crescido e todas as fontes da riqueza coletiva jorrarem em abundância, apenas então o estreito horizonte jurídico burguês poderá ser plenamente superado e a sociedade poderá escrever em sua bandeira: "De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades!".[404]

[402] Bottomore, 2001, pp. 71, 72.

[403] Estes escritos, enviados por Marx na forma de uma carta para Bracke, foram publicados por Engels apenas em 1891, depois da morte de Marx. Marx destrincha e critica diversas passagens do programa do futuro Partido Social-Democrata da Alemanha, resultado da unificação dos dois partidos operários alemães: A Associação Geral dos Trabalhadores Alemães (1863), sob influência de Ferdinand Lassalle — à qual as principais críticas são dirigidas — e o Partido Social-Democrata dos Trabalhadores (1869), dirigido por Wilhelm Liebknecht e August Bebel, socialistas próximos de Marx. Segundo Michael Lowy, *Crítica ao Programa de Gotha* seria um texto canônico do "marxismo-leninismo". Marx, 2012, p.14.

[404] Marx, 2012, p. 33.

Em 1917, Vladimir Lenin foi o responsável por definir essas duas etapas como "socialismo" (primeira etapa processual) e "comunismo" (etapa final), em *O Estado e a Revolução* (1917), obra que teve como intuito resgatar as ideias originais de Marx e Engels que estavam, segundo ele, sendo "desvirtuadas pelo oportunismo" de partidos socialistas e sociais-democratas no início do século XX, por estes ainda serem subservientes às ideias burguesas.

Fundamentando-se em diversas passagens de Marx e Engels, Lenin afirmava ser o Estado um produto do antagonismo inconciliável das classes, não podendo surgir nem subsistir se a conciliação das classes fosse possível. Para o marxismo-leninismo, a libertação da classe do proletariado só seria possível por meio de uma revolução violenta que abolisse o Estado burguês para a implantação de um Estado proletário, este que seria, inicialmente, a ditadura do proletariado. A implantação do Estado proletário seria necessária para reprimir os privilégios da classe burguesa e centralizar os instrumentos de produção nas mãos do Estado, com o intuito de abolir a propriedade privada e dar poder à classe do proletariado, outrora dominada.

Para Lênin, a ditadura do proletariado não seria, contudo, o oposto de uma democracia. Ao contrário, Lênin considera que a democracia na sociedade capitalista é que está mutilada e falsificada, servindo apenas para os ricos, isto é, para a minoria. Desta forma, a implantação da ditadura do proletariado alargaria a ideia de democracia, pois atenderia a população oprimida que, em um primeiro momento, se tornaria a classe dominante:

> A ditadura do proletariado, período de transição para o comunismo, instituirá pela primeira vez a democracia para o povo, para a maioria, suprimindo, ao mesmo tempo, a atividade da minoria, dos exploradores. Só o comunismo está em condições de realizar uma democracia realmente perfeita, e, quanto mais perfeita for, mais depressa se tornará supérflua e por si mesma desaparecerá. [405]

Nessa primeira fase, Lênin indicava que não haveria ainda uma completa justiça e igualdade, pois cada um receberia de acordo com o quanto trabalhou – resquícios do "direito burguês", que são as normas da sociedade capitalista.[406] A exploração do homem sob o

[405] Lenin, 2007, p.17.
[406] *Ibidem*, 2007, p.18.

homem, contudo, já não existiria mais, pois a socialização dos meios de produção já se faria presente. Somente a partir da supressão dos capitalistas, do desaparecimento da divisão do trabalho - incluindo a oposição entre trabalho manual e intelectual -, e da abolição das classes socais, é que haveria o definhamento inevitável do Estado e de seus objetos de coerção, dando origem, assim, à segunda etapa, ao comunismo, uma sociedade de cooperação de trabalhadores, não havendo mais divisão do trabalho, divisão entre classes sociais ou necessidade do poder político.

Para Marx, as sociedades cooperativas não deveriam ser subvencionadas pelo Estado (como aceitava Lassalle), e sim, criações de trabalhadores e independentes, não sendo protegidas nem pelos governos, nem pelos burgueses. Para tal, o Estado deveria ser convertido de órgão que subordina a sociedade para órgão totalmente subordinado a ela, isto é, à sociedade proletária.[407] Outro detalhe interessante que Marx condenava era a "educação popular sob incumbência do Estado". Uma coisa seria estabelecer, por uma lei geral, os recursos das escolas públicas, a qualificação do pessoal docente, os currículos, etc.; outra muito diferente seria conferir ao Estado o papel de educador da população. Marx defendia que o Estado e a Igreja deveriam ser excluídos de influência sobre a escola, afirmando ainda que, no Império prussiano-alemão, era o Estado que deveria receber do povo uma educação rigorosa.[408]

A partir de tais observações, percebe-se o abismo existente entre a teoria e a prática realizada na URSS para se alcançar uma sociedade comunista. Ao contrário do prenunciado por Marx e Engels, a ditadura do proletariado na União Soviética não foi temporária, e não levou ao definhamento do Estado soviético. Na verdade, deu-se o oposto: após a tomada do poder em outubro de 1917, os bolcheviques — grupo político socialista mais radical, que liderou a Revolução Russa a partir dos comandos de Lênin —, monopolizaram o poder em um único partido. A respeito da classe operária, Lênin afirmava que ela, por si só, não poderia chegar senão à mentalidade sindical.[409] Por conta disso, a organização revolucionária deveria se constituir de membros progressistas da intelligentsia russa – da qual ele fazia parte – e da classe operária, como forma de unir teoria e prática.[410]

[407] Marx, 2012, p.41.
[408] *Ibidem*, pp.45, 46.
[409] Lenin, 1978, pp.24,25.
[410] Segrillo, 2012, p.166.

Tendo inicialmente como justificativa a guerra civil pós-revolução (1918 a 1921), a máquina do Estado soviético tornou-se cada vez mais autoritária e coercitiva. Os sovietes foram submetidos ao partido e os sindicatos se tornaram uma correia de transmissão do poder do Estado.[411] A CHEKA (Comissão Extraordinária para o Combate à Contrarrevolução e Sabotagem) passou a funcionar como uma espécie de polícia secreta para combater não só os "brancos" (membros das antigas classes dominantes que queriam derrubar o governo soviético), como também os mencheviques e os SR (Socialistas Revolucionários, herdeiros dos antigos populistas). No campo, os bolcheviques impuseram a requisição forçada dos grãos aos camponeses durante a Guerra Civil, como forma de combater a fome nas cidades.[412]

Após o fim da Guerra Civil, houve uma abertura da economia com a implantação da Nova Política Econômica (NEP), implantada por Lenin em 1921 como um recuo temporário a elementos da economia de mercado em pequena escala como forma de reconstruir o país, e o fechamento do campo político a partir da "proibição de frações" dentro do partido comunista, isto é, proibição de correntes e outros agrupamentos internos organizados divergentes dentro partido. Muitos críticos consideram esse o momento-chave da instauração da ditadura centralizada do partido, em oposição ao poder aos tempos iniciais em que os sovietes (ou "conselhos", eleitos livremente pelas classes exploradas) tinham ainda grande influência.

Após a morte de Lênin em 1924 e as análises de que a economia de pequena escala da NEP, apesar de ter recuperado a agricultura e a indústria leve, não estava tendo os mesmo bons resultados no vital setor das indústrias pesadas (além do fato de que a NEP poderia estar contribuindo para o surgimento de pequenas explorações capitalistas), houve diversas lutas políticas internas ao partido bolchevique, especialmente entre os grupos de Stalin e Trotsky, que divergiam principalmente em relação ao debate da "teoria da revolução permanente" (Trotsky) e a "teoria da revolução em um só país (Stalin).[413] Por diversos motivos, entre outros,

[411] Reis Filho, 1997, p.79. Os sovietes — em russo a palavra *soviet* significa "conselho" — surgiram durante a situação caótica da Revolução de 1905, quando alguns comitês de greve estabeleceram "conselhos" de trabalhadores para regular ou executar funções locais administrativas (segurança, coleta de lixo, organização social) em localidades em que o governo (local ou central) não estava conseguindo exercer suas funções. Com o tempo, passou-se a notar que esses "sovietes" representavam um novo poder paralelo legislativo-executivo e constituíam uma formidável novo instrumento de atuação da classe trabalhadora.

[412] Segrillo, 2012, p.182.

[413] Sobre essa divergência, enquanto Trotsky defendia que a revolução socialista deveria ser mundial para que a URSS sobrevivesse e servisse de base para a disseminação do socialismo no mundo, Stalin argumentava que a

ser o secretário-geral do partido desde 1922, que tratava de assuntos burocráticos e administrativos, controlando quem subia e descia no partido e possivelmente apresentar proposições para a URSS que pareciam mais realistas a muitos membros do partido, Stalin venceu seus adversários políticos e assumiu claramente o papel de principal líder da União Soviética.[414]

A partir da vitória de Stalin e do encerramento da NEP, houve, ao final da década de 1920, a implantação dos planos quinquenais. O primeiro plano foi marcado principalmente pela coletivização forçada no campo, no ataque aos *kulaks* (camponeses considerados abastados) e industrialização acelerada, com ênfase na indústria pesada. Ao mesmo tempo, na década de 1930 inicou-se uma revolução cultural, pautada na elevação do nível educacional e cultural da população soviética, com o intuito de se formar uma mão de obra qualificada e criar "um novo homem soviético", teoricamente socialista e mais solidário.[415]

Contudo, os anos 30 trouxeram também os grandes expurgos de Stalin (1935-1938), onde diversos bolcheviques adversários a ele, acusados de conspiração, passaram a ser reprimidos, penalizados, ou mesmo executados. O stalinismo mostrava sua feição de coação e terror. Segundo Yakovlev, político e historiador russo, entre 1921 e 1953, quase 6 milhões de pessoas foram presas por critérios políticos.[416] Politicamente, Stalin foi construindo um domínio absoluto, circundado por uma política de propaganda e política ideológica que investiam no culto à sua personalidade. Esse traço da política soviética ganhou nova dimensão

URSS deveria se concentrar na sobrevivência de seu regime socialista para, posteriormente, investir na revolução mundial, quando o regime estivesse mais fortalecido.

[414] A relação entre os líderes soviéticos é complexa, mas eis uma tentativa de esboço de alguns dos detalhes principais: após a morte de Lênin, em 1923, Kamenev, Zinoviev e Stalin uniram-se em um triunvirato contra Trotski para assumirem o controle do Partido Comunista. Com a saída de Trotski para o Cáucaso por problemas de saúde, Stalin, já ocupando o cargo de Secretário Geral do Partido, voltou sua atenção para derrotar Zinoviev e Kamenev, que também se tornaram contra ele formando a "Nova Oposição". Em 1926, Trotski, Zinoviev e Kamenev se uniram em uma oposição (a chamada "Oposição Unida") contra Stalin, Bukharin e Rykov, porém não obtiveram sucesso. Em 1927, Trotski, Kamenev e Zinoviev foram expulsos do Partido. Trotski foi deportado para Alma-Ata, cidade da Ásia central soviética, onde permaneceu até sua deportação da URSS, um ano depois. Em 1940, ele seria assassinado por um agente de Stalin na Cidade do México. Em 1928, a política de industrialização forçada iniciada por Stalin, que havia sido anteriormente sugerida por Kamenev e Zinoviev, fez com que estes voltassem a ser readmitidos no Partido. Porém, anos mais tarde, em 1936, Kamenev e Zinoviev seriam executados, acusados de traição e de atividade antirrevolucionária. A família de Kamenev também foi executada, inclusive Olga Kameneva, ex-líder da VOKS, em 1941. Apenas o filho mais novo, Vladimir Glebov, sobreviveu nos campos de trabalho forçado. Mais informações em: Carr,1981.

[415] Segrillo, 2012, p.200.

[416] Yakolev *Apud* Litvin e Keep, 2005, p.58. Yakovlev estima que, durante a era soviética, o número de pessoas que perderam suas vidas na URSS por razões políticas foram entre 20 e 25 milhões de pessoas. Esse número inclui as vítimas das fomes sucessivas: mais de 5.5. milhões após a guerra civil, mais 5 milhões nos anos de 1930. Tais cifras são alvo de intenso debate entre historiadores, prós e contra.

no pós- Segunda Guerra, com a vitória do exército soviético sobre o exército nazista alemão, o que contribuiu para que sua imagem como grande líder da pátria socialista soviética, derrotador do nazismo, se espalhasse pelo o mundo, especialmente dentro dos partidos comunistas.

Entre 1952 e 1953, anos que englobam uma enorme quantidade de viajantes brasileiros que vão à URSS, o stalinismo chegou ao apogeu dentro e fora da URSS. Contudo, sua estrutura política autoritária e centralista dificultou as expectativas de melhoria necessárias após a guerra. As carências de boa parte do povo soviético em bens de consumo industriais e em alimentos eram subestimaadas, e as próprias elites sentiam-se inseguras com a possibilidade de continuação dos expurgos. [417]

Nesse contexto da década de 1950, para entender a URSS, cientistas políticos e historiadores foram atraídos pela teoria do totalitarismo, que deve muito aos trabalhos de Hannah Arendt, juntamente com a dupla Carl Friedrich e Zbigniew Brzezinski. Para eles, tanto fascismo, como nazismo e o stalinismo poderiam ser classificados como regimes totalitários, por apresentarem características em comum, como por exemplo: se sustentavam em um único partido hierarquicamente organizado, liderado por um homem só, que era superior ou interligado ao aparelho governamental; possuíam um forte controle policial; monopolizavam a comunicação e as armas; pregavam uma ideologia que todos deverim aderir.[418] Segundo Arendt, os regimes totalitários teriam como intenção quebrar as lealdades de classe e a sociedade civil, para criar indivíduos solitários, sem espaço privado, que só poderiam servir aos interesses do Estado.

No entanto, o uso generalizado do termo "totalitarismo" foi desaparecendo com o contexto da Guerra Fria, e, aos olhos de estudiosos revisionistas posteriores, perdeu força. Em 1956, passou a ser questionável, uma vez que Stalin havia morrido em 1953, e o regime soviético continuava a existir sob o comando de Khrushchev.[419] Nas décadas posteriores, historiadores clamaram que o termo havia sido designado para realçar as diferenças entre a URSS e o Ocidente, além de passar uma ideia muito generalizada, sem atentar para as singularidades de cada regime. Robert Tucker, historiador norte-americano, argumentou que o stalinismo deveria ser tratado como um fenômeno em seu próprio direito, e não apenas

[417] Aarão Reis, 1983, p.66.
[418] Boobbyer, 2000, p.2
[419] Litvin e Keep, 2005, p.97.

uma variante do totalitarismo. Tucker apresentou uma análise defendendo que alguns métodos empregados de Stalin eram remanescentes de certas características da cultura política russa, pré-revolucionária, da época czarista, chegando a comparar Stalin com Ivan, O Terrível, ou Pedro, O Grande.[420]

Apesar disso, ainda hoje o regime stalinista é classificado como totalitário por muitos. Para Nikita Lomagin, a teoria do totalitarismo continua a ajudar a entender a essência do regime político que foi estabelecido na URSS.[421] Já o termo "pós-totalitarismo", pode ser utilizado para os anos que se seguiram após a morte de Stalin. É possível utilizá-lo desde que saibamos suas limitações. Muitos historiadores revisionistas defendem que a sociedade soviética não foi totalmente submetida e "atomizada" no regime stalinista. Houve, por exemplo, resistências que forçaram certas concessões do governo, trabalhadores que mudaram de trabalho com frequência e às vezes ignoravam recursos para aumentar a produtividade; o sentimento regional de grupos minoritários permaneceu prevalecendo sobre o nacionalismo soviético, etc.[422]

Ao invés de analisarem o impacto do stalinismo na sociedade, historiadores sociais mais recentes têm focado no processo reverso, onde é interessante observar que a política também pode ser moldada por forças sociais. Em 1979, Sheila Fitzpatrick observou que algumas políticas de Stalin foram em parte resultado de pressões vindas de baixo.[423] Assim, apesar do trabalho de historiadores sociais não reverterem a figura de um estado altamente centralizado e coercitivo, levaram a uma melhor compreensão das nuances da relação entre sociedade e Estado. Boobbyer afirma que, apesar das novas pesquisas, muito do que a escola totalitária originalmente declarou sobre a extensão do poder de Stalin foi confirmada. Ao mesmo tempo, a complexidade do regime de Stalin, que não é realmente favorável a "modelos" de análise, foi trazida à tona.[424]

---

[420]Boobbyer,2000, p.4. O argumento de que houve continuidades entre o stalinismo e o período czarista foi popular entre os pesquisadores como Tucker, 1977 e Rees, 1998.
[421] Litvin e Keep, 2005, p.97.
[422] *Ibidem*, p.99.
[423] Fitzpatrick, 1979, *Apud* Boobbyer,2000, p.10. Segundo Boobbyer, o estudo da história Social da era de Stalin teve muita influência sob os anos de 1980 e 1990. Há estudos detalhados sobre o terror stalinista (*e.g.*,Getty e Manning, 1993), a cultura popular na era da guerra (Stites, 1995), os movimentos de oposição camponeses no inicio dos anos de 1930 (Viola, 1996), os padrões de denúncias (Fitzpatrick, 1996; Kozlov, 1996), a opinião popular nos anos de 1930 (S.Davies, 1997a), a história cultural, urbana e social (Fitzpatrick, 1999).
[424] *Ibidem*, p.12.

Houve resistência, mas a sociedade foi severamente constrangida. O regime de Stalin tentou impor controle total, especialmente após 1945, alcançando um grau notável de sucesso ao fazê-lo. Para Litvin, Stalin exerceu maior poder sobre a cidadania do que qualquer outra ditadura europeia do século XX, mesmo que houvesse lacunas na rede de controle.[425] O stalinismo foi um processo de construção de um Estado poderoso, altamente burocrático, militar e industrial. Embora fosse proclamado "socialista", diferia de várias maneiras vitais ao que pensadores socialistas — entre eles, Marx, Engels e Lenin — entendiam como socialismo.

Tal dimensão do período stalinista e das contrariedades de seu regime com as ideias do socialismo de origem de Marx não são percebidas pelos viajantes brasileiros. Pelo contrário: muitos viajantes se esforçaram para descrever as características de um socialismo genuíno observadas na sociedade soviética. Além disso, o conceito de comunismo passou a ser vinculado a um movimento liderado por partidos autoritários, onde a discussão aberta da teoria/estratégia política marxista foi suprimida, o que contribuiu para, segundo Bottomore, uma "subordinação mais ou menos total dos partidos comunistas de todos os outros países ao partido soviético."[426]

Mesmo aqueles viajantes brasileiros mais conhecedores da teoria marxista-leninista, como Caio Prado Júnior, procuravam enxergar na sociedade soviética da década de 1950 e no início de 1960 os traços que tornavam o socialismo soviético herdeiro de tal teoria. Para os comunistas, a viagem deveria servir para comprovar o que haviam lido na teoria, isto é: uma sociedade sem classes sociais antagônicas e sem propriedade privada, a ditadura do proletariado em função da maioria da população, a formação de um sentimento de solidariedade e comunidade entre os povos, etc. Em relação aos conceitos de "socialismo" e "comunismo", ou "socialista" e "comunista", boa parte dos viajantes os utilizaram como sinônimos, embora apareça em diversos relatos a necessidade de se demonstrar a diferenciação entre eles:

> Nós não acreditávamos na existência do **mundo comunista**. Pura ignorância, êle existe, é enorme e muito melhor do que pensávamos. A máquina funciona como se movida a moto-contínuo. Tem-se a impressão de que todos vivem e trabalham por um ideal, para atingir determinada meta. Seu objetivo se chama comunismo. A União Soviética está agora na **fase socialista**, caminhando para a **fase comunista**; **são os próprios soviéticos que o dizem.** Há ainda uma

[425] Litvin e Keep, 2005, p.99.
[426] Bottomore, 2001, p. 72.

> minoria rebelde, mas o povo trabalha consciente, com sacrifício de várias comodidades de que nós não nos privamos, para chegar o mais depressa possível à **perfeição comunista.**[427]
>
> O sistema **socialista** (os soviéticos fazem questão de salientar que 'ainda não chegamos ao **comunismo**') na União Soviética deve – e tem de ser aceito, como o é o da Suécia, como o é o parlamentarismo inglês, e o presidencialismo norte-americano. É um regime provado e consolidado por quase 40 anos de existência, várias revoltas e lutas internas e, particularmente, duas guerras contra poderosas fôrças estrangeiras.[428]

Pode-se inferir, pela escrita dos relatos, especialmente por conta de observações nos grupos de comunistas e de não definidos, de que em algum momento durante a viagem havia a explanação, possivelmente realizada por guias soviéticos, da diferenciação entre socialismo e comunismo. Isso nos leva a crer que boa parte dos viajantes, por conta de se preocuparem em expor esta diferenciação, ou não a conheciam, ou procuravam elucidar o senso comum brasileiro. O juiz Osny Pereira, após ser esclarecido de que na URSS não era proibido a reunião de homens em sociedade para explorar qualquer indústria ou comércio, contanto que todos participassem dos lucros proporcionalmente à qualidade e à quantidade de seus trabalhos, procurou ser enfático: "A conclusão de que se tira desses fatos é que NÃO HÁ COMUNISMO NA UNIÃO SOVIÉTICA! Realiza-se um regime socialista em evolução para o comunismo, porém, ainda muito distante do fim."[429] Semelhante a ele, José Campos, que, embora não cite Marx, se refere à sua premissa fundamental para explicar o comunismo:

> A diferença essencial entre o comunismo e o socialismo com relação aos seus objetivos econômicos, encontra-se nas seguintes fórmulas bastante conhecidas**: "De todos segundo a sua capacidade; a cada um, segundo as suas necessidades", é uma fórmula comunista. Os socialistas substituem, nessa fórmula, a palavra "necessidade" por "trabalho." "De todos, segundo sua capacidade; a cada um, segundo o seu trabalho." – princípio socialista de remuneração, segundo a quantidade e qualidade do trabalho.**[430]

[427] Azevedo, 1959, p.87. Grifos meus. [Martha Azevedo]
[428] Mendes, 1956, p.10. Grifos meus.
[429] Pereira, 1952, p.246. Grifos do autor.
[430] Campos, 1953, p.39.

Da mesma maneira, Nestor de Holanda, ao conversar com seu amigo fictício de viagem, Iolando, também faz uma provocação à propaganda anticomunista a respeito da inexistência do comunismo na sociedade soviética:

> — Que achou você do **comunismo**, Sargento? [Iolando]
> — Não vi.
> — Era isso que eu queria que você respondesse. Porque, para mim, o primeiro erro é chamar de **comunismo** ao regime dos soviéticos. E' a prova a prova de que nada se sabe sôbre eles.
> — Nada se sabe mesmo, velho. Não há doutrinação anticomunista, no Ocidente. Há propaganda.
> — Ninguém pensa em provar, com fatos, pontos negativos do **socialismo** soviético. O trabalho dos divulgadores é imaginar coisas, para publicar a altos preços. [431]

Nos relatos de viajantes anticomunistas, essa preocupação em distinguir o socialismo de comunismo não é frequente. Nestes, é notável observar que a palavra "comunismo" aparece com maior frequência do que "socialismo", e é muitas vezes utilizada para demonstrar o abuso de poder cometido pelos comunistas, como podemos observar nas palavras de Silveira Bueno: "O Kremlin, que foi a residência dos Czares, é hoje o coração do **comunismo**, o 'santuário' donde partem os dogmas do partido vermelho para o mundo todo".[432] Nascimento Brito, ao descrever Leningrado, evoca o termo "marxismo-leninismo" como o causador do movimento comunista:

> Leningrado, uma das mais lindas e deslumbrantes cidades da Europa, mostra a pobreza e assim também, me disseram, o resto dêsse conjunto de Repúblicas unidas politicamente sob a tutela comunista, mas sem dúvida separadas por características nacionais que o marxismo-leninismo não conseguiu destruir. É preciso que se diga que essas Repúblicas hoje formam a União Soviética foram antes de mais nada esmagadas, para depois se permitir que nelas ressurgissem características nacionais, mas com uma cultura integrada no comunismo.[433]

A preferência pela palavra "comunismo" nos discursos anticomunistas parece não ser em vão, uma vez que os anticomunistas também eram alertados de que estavam conhecendo uma sociedade ainda socialista. É bem provável que, nesse grupo, o termo "comunismo" seja utilizado com maior frequência por possuir um sentido pejorativo no senso comum e na

[431] Holanda, 1962, p.254. Grifos meus.
[432] Silveira Bueno, 1961, p.85. Grifo meu.
[433] Brito, *Depoimento sôbre a União Soviética*, 1963, p.6.

imprensa brasileira. Essa ideia é ressaltada no trabalho de Bethania Marianini, que identifica formações ideológicas e discursivas que constituíam a memória política do país a partir da análise de jornais oficiais, como *O Paiz, Correio da Manhã, Diário Carioca* e *O Globo* — décadas de 1920 a 1980. Em uma de suas conclusões, ela ressalta que o comunismo e os comunistas eram vistos pela maior parte da imprensa brasileira como "o outro", sempre descritos como sectários, ferozes, inimigos, tiranos vermelhos, etc:[434]

> Contra o comunismo engatilha-se o dispositivo ideológico da ética do outro ou ética da diferença (Badiou, 1993). O reconhecimento do comunista como 'outro', ao invés de propiciar sua assimilação ao discurso do direito às diferenças possíveis, produz sua remissão para o campo do mal. Para o sujeito ocidental (branco, macho, urbano, etc.), o comunista é um 'mau outro': "ele não é o mesmo que nós" (Badiou, idem).[435]

Em determinado momento, até mesmo a propaganda soviética procurou se desvincular do termo comunismo para conseguir um maior alcance diplomático. O foco da propaganda deveria ser no cotidiano soviético e em sua cultura, e não nas questões políticas, de maneira que pudesse alcançar também os ciclos progressistas e desenvolvimentistas. Em 1958, delegações soviéticas visitaram o Brasil com o intuito de conhecerem Brasília, recém-construída. Encontraram o presidente Juscelino Kubitschek, como também seus futuros sucessores, assinando um tratado cultural entre os países. Essas delegações tinham um propósito: foram enviadas como representantes do Estado soviético, e por isso, renunciavam à retórica comunista. A ideia seria passar uma imagem de normalidade para as elites políticas no Brasil.[436]

É visível a utilização da palavra comunismo para denunciar um regime distante, contrário ao que se realizava no mundo ocidental, ligado à ideia de uma sociedade autoritária, extremamente militarista e patriótica. É o que encontramos nas palavras de Rubens do Amaral:

> [...] o princípio soviético 'a cada um segundo as suas necessidades' transformou-se neste outro, com que Stalin deu uma de suas violentas reviravoltas: 'a cada um segundo os seus méritos.' [...] **O comunismo da fase heroica, de luta e vitória, era cosmopolita e universal; tornou-se nacional e exclusivista. Era anti-patriota; cultiva feroz patriotismo**. Era anti-militarista; endeusa o militarismo,

[434] Mariani, 1998, p.19.
[435] *Ibidem*, p.229.
[436] Rupprecht, 2011, p.516.

> cultuando o marechal Stálin e os seus marechais, erguendo monumentos às batalhas ganhas ao inimigo, exaltando a guerra, que para os soviéticos foi a "guerra pátria.[437]

Neste trecho, o autor se remete às ideias de um comunismo marxista — "a cada um segundo as suas necessidades" —, mas em nenhum momento cita Marx ou explica sua fase intermediária, dando a entender que sua expectativa era encontrar um país já no estágio comunista. A fim de fazer uma contraposição ao comunismo, Amaral se diz seguidor do georgismo.[438] Ao defender que elementos como terra, jazidas minerais e quedas d'agua devem caber ao Estado e à comunidade, ao passo em que bens produzidos pelo trabalho não devem ter interferência estatal, Amaral reafirma sua "frontal oposição ao 'regime comunista', em que não só a terra, mas também a lavoura, a indústria e o comércio são atividades exclusivas do Estado."[439] De acordo com o conceito de Lênin, o autor estaria se referindo ao socialismo (o Estado socializa os meios de produção), e não ao comunismo (sociedade sem interferência do Estado), mas não há preocupação de sua parte em realizar essa distinção. Nota-se que a ideologia do autor interfere no conceito de comunismo/socialismo exposto em seu relato, ou mesmo na escolha de não fazer observações sobre esses termos**.**

A omissão de tais conceitos chamou-nos a atenção especialmente em relatos de simpatizantes à URSS. Um exemplo são as entrevistas realizadas pela Federação das Mulheres do Brasil: nenhuma entrevista discorre sobre os conceitos de socialismo e comunismo, mesmo quando são entrevistadas as comunistas Elisa Branco e Zélia Amado, o que corroborou para que elas fossem mantidas nesse grupo. O que se percebe nos relatos de simpatizantes é a construção de uma imagem da União Soviética como uma nação e como um povo favoráveis à paz, prerrogativas que devem ser consideradas antes do seu sistema político-econômico. No relato de Branca Fialho, há uma observação sobre a mudança da revolução mundial socialista para a revolução em um país só:

> Mas hoje a situação mudou: o mundo socialista é um mundo grande e poderoso, que não precisa dos outros. Que cada um viva como quiser, viva, mas

[437] Amaral, 1952, pp. 49, 50.
[438] Georgismo é uma teoria ocidental inspirada nas ideias do americano estadunidense Henry George (1839-1897), que tem como princípio fundamental a ideia de que tudo o que se encontra na natureza pertence igualmente a toda a humanidade.
[439] Amaral, 1952, p.130.

> deixe os outros viver. Nada impede a coexistência pacífica de sistemas diferentes. Não procuram impor seus sistemas econômicos e políticos. Respeitam os outros mesmo sem partilharem de suas opiniões. Todos podem discordar dos soviéticos e pensar que a sua concepção de vida é péssima; mas é a opinião deles, e são livres de escolher o seu regime e de viver como desejarem.[440]

O objetivo de Branca Fialho, tanto em seu relato quanto em sua entrevista para a Federação das Mulheres do Brasil, é defender a coexistência de países com sistemas políticos diferenciados, e por isso não está preocupada em se aprofundar em conceitos como capitalismo ou socialismo. Da mesma maneira, ao relatar uma entrevista de Stalin realizada em Istambul, Edmar Morel pontua que o líder soviético estaria a favor de uma coexistência pacífica entre capitalismo e comunismo, a partir de um desejo mútuo de cooperação entre os Estados.[441] É interessante notar que esta linha de pensamento transposta por possíveis falas de Stalin é a que anos mais tarde seria definida para o partidos comunistas pelo XX Congresso do PCUS, realizado em Moscou em fevereiro de 1956, onde Khrushchev denunciou os crimes de Stalin, seu dogmatismo sobre o marxismo-leninismo e o culto de sua personalidade, sugerindo uma linha de atuação que promovesse a coexistência pacífica entre diferentes sistemas sociais.

Relatos de simpatizantes como Josué Guimarães, Paschoal Lemme, e dos médicos Milton Lobato, Reinaldo Machado e Raul Ribeiro da Silva são também omissos em relação aos conceitos de socialismo e comunismo. Este último chama a atenção por preferir nomear o país de "Rússia" e não de "União Soviética" em seu título: "A Rússia vista por um médico brasileiro." Silva justifica em mais de uma vez a escassez de dados do livro a respeito das questões de natureza político-social. Primeiro, considera que é um terreno de sondagem difícil e delicada, necessitando de um maior tempo no país e contato com o povo para poder formular suas opiniões. Por conta de seus interesses pessoais, ele detém a maior parte de suas observações em aspectos da medicina soviética. Silva pontua que sua visita à URSS não tinha qualquer sentido político, e que essa "circunstância punha todos à vontade para a observação real dos fatos, o que dava maior interesse ainda à desejada visita."[442]

[440] Fialho, 1952, p.72.
[441] Morel, 1952, p.155.
[442] Silva, [1953?], p.158.

Parece haver um certo receio dos simpatizantes em demonstrar conhecimentos mais apronfundados a respeito dos conceitos de socialismo e comunismo — algo que já não acontece no grupo dos viajantes não definidos, por exemplo. Os simpatizantes à URSS não eram vinculados ao PCB, mas ao mesmo tempo haviam se encantado com a sociedade soviética. Omitir os conceitos de socialismo/comunismo, que certamente ouviam falar durante a viagem, seria uma forma de deixar claro que suas opiniões favoráveis ao povo soviético e às suas instituições nada tinham a ver com questões ideológicas — como muitos poderiam pensar —, mas sim por simplesmente terem se surpreendido com o que observaram.

Para os viajantes comunistas, o que definitivamente estava sendo aplicado na União Soviética, inclusive no período stalinista, era a teoria do marxismo-leninismo. Mesmo tendo viajado no início da década de 1960, Caio Prado Júnior é o que mais discorre sobre o assunto, procurando mesclar a teoria com o que observava na URSS. O livro inicia-se com uma comparação teórica entre os sistemas socialista e capitalista, elencando diversas críticas a esse último. A partir daí, Caio Prado percebe a necessidade em desfazer as ideias falsas acerca do socialismo. Ele apresenta o socialismo como um processo evolutivo, cujas raízes encontrariam-se no capitalismo, seguindo assim, os princípios da teoria marxista-leninista.[443]

Caio Prado também explicita as diferenciações entre socialismo e comunismo, ressaltando que a marcha para o comunismo poderia ser vista na assistência social soviética, onde parte do produto social já estava sendo distribuído gratuitamente ou "semigratuitamente", sem relação direta e proporcional à quantidade e qualidade do trabalho fornecido pelo beneficiado. Em seguida, comenta que serviços como educação e instrução, saúde, assistência médica, farmacêutica e hospitalar, proteção sanitária, etc, também já caminhavam para o comunismo.[444]

Caio Prado faz referência aos XXI e ao XXII Congressos do PCUS — este último em 1961, ocorrido após a sua viagem (1960), afirmando que neles as previsões e planos do partido estavam sendo cumpridas à risca, e que a "utopia" marxista de simples especulação teórica começava a tomar corpo".[445] Anos atrás, contudo, em abril de 1956, por conta das denúncias a Stalin no XX Congresso do PCUS, ele havia admitido que "as falhas do dirigente soviético

[443] Prado Junior, 1962, p.9.
[444] *Ibidem*, p.143.
[445] *Ibidem*, p.124.

haviam retardado o avanço do socialismo na URSS, e 'que sem a ditadura de Stalin, o socialismo teria feito progressos mais rápidos'".[446] Seu relato, porém, não faz qualquer menção a esse congresso ou a críticas ao período stalinista, o que denuncia intenções propagandísticas em sua narrativa, a fim de promulgar os ideais socialistas no Brasil.

Ao contrário da omissão de Caio Prado, Freitas Nobre, que viajou no mesmo ano do XX Congresso (1956), ressaltou que o relatório de Khrushchev sublinhava, "com justa razão, que o culto da personalidade é uma deformação da doutrina marxista-leninista".[447] Nobre explica que os novos dirigentes soviéticos já consideravam um "democratismo soviético", e que haviam encontrado uma maneira de divergir de Lênin, por esse dizer que as guerras eram inevitáveis no mundo capitalista. Segundo Nobre, a nova ordem dos dirigentes soviéticos seria buscar uma coexistência pacífica entre os regimes capitalista e socialista.[448]

À exceção de Freitas Nobre, nenhum outro viajante faz qualquer comentário sobre o distanciamento das ideias iniciais de Marx e Engels para o que observavam na prática do socialismo da era stalinista. Nos relatos do início da década de 1950 não há, por exemplo, um questionamento efetivo da ainda permanência do Estado soviético como um Estado centralizador de poder na figura de uma pessoa só, pelo contrário, muitos descrevem a esperança de que a sociedade socialista soviética estivesse se encaminhando para a sociedade comunista. Para comunistas, a União Soviética da década de 1950 ainda preservava uma imagem da "pátria do proletariado", e da não só esperança como a constatação de uma sociedade sem classes sociais antagônicas, coerentes às teorias socialistas.

A observação(ou não) das classes sociais como percepção do socialismo

Ao contrário do que era afirmado pelo senso comum brasileiro, a União Soviética não havia nivelado os salários de seus trabalhadores. Como já havia informado Caio Prado em seu primeiro relato de 1934, "O padrão de vida de um técnico ou de um empregado graduado é muito superior ao dos simples operarios. E nada indica, tão cedo, uma transformação neste terreno. Pelo contrario, póde-se dizer que é o oposto que se está dando." [449]

[446] Pericás, 2016, p.153.
[447] Nobre, 1957,p.64.
[448] *Ibidem*, pp.64, 65.
[449] Prado Junior, 1934, p.61.

Caio Prado procura explicar tal questão de uma forma mais aprofundada em seu relato de 1962. Segundo ele, o socialismo, ao contrário do que era difundido, não é e estava longe de ser igualitarista. O socialismo apresentado por ele reconhece a desigualdade, uma vez que a remuneração ao trabalhador ainda é na proporção da contribuição que seu trabalho traz para a coletividade.[450] Ele cita o exemplo da atividade dos acadêmicos, o mais elevado escalão na carreira de cientista, que tinha um salário de 15.000 rublos mensais, enquanto que o salário mínimo "não vai além de 400,"[451] uma realidade já muito diferente da encontrada em 1934, onde ele chegara a afirmar que o salário mensal de um operário oscilava entre 90 e 200 rublos.[452]

Caio Prado salienta que se uma categoria de cidadãos se sentisse desfavorecida com a diferença salarial e pretendesse discuti-la, poderia fazê-lo a qualquer momento, através de "amplos meios que o regime põe à disposição da opinião pública,"[453] e que quem regulava tais diferenças não era um empregador, como no sistema capitalista, e sim um sistema geral estabelecido em todo o país, livre de opiniões e decisões individuais. Segundo ele, nesta fase do socialismo soviético, a remuneração ainda seria proporcional à contribuição do trabalho do empregador para a coletividade.

Apesar disso, ele considera que já poderia ser afirmado que a progressiva eliminação das diferenças de classe já seria um fato nas sociedades socialistas, pois:

> Ninguém mais, como no capitalismo, nasce capitalista ou trabalhador, patrão ou empregado. Já não existe essa diferença irremovível no regime capitalista, e que representa a principal fonte da desigual distribuição de oportunidade entre os indivíduos, a saber, a separação deles em proprietários e não proprietários dos meios de produção, ou antes do capital com que se comanda esses meios.[454]

Nesse sentido, embora houvesse diferenças salariais visíveis, praticamente todos os comunistas declaram observar o processo de obliteração das classes sociais na URSS. A questão de classes, contudo, não teria conexão com o valor salarial recebido, mas sim com a posição e o valor de cada trabalhador para a sociedade soviética. Para os comunistas, a

[450] *Ibidem*,1962, p.50.
[451] *Ibidem*, p.52.
[452] Prado Junior, 1934, p.60.
[453] Prado Junior, 1962, p.52.
[454] *Ibidem*, p.69.

estratificação social estaria ligada à opressão exercida por proprietários e patrões sobre os trabalhadores. Como não havia mais proprietários, essa opressão havia sido suprimida. O governo soviético oficialmente admitia a existência no país de duas classes sociais (não antagônicas), os "trabalhadores" (urbanos) e os "camponeses", havendo também o estrato social da intelligentsia. Olympio Mello, sindicalista, apresenta sua versão dessa situação:

> [...] Na URSS existe uma única classe, a dos trabalhadores; o Estado soviético é uma decorrência da própria vontade dêsses trabalhadores, porquanto os planos determinados por um Estado dirigido pelos trabalhadores só poderão encontrar por parte dêsses o máximo apoio, e para a consecução dêsses planos empregam todo o seu esfôrço, pois sabem que o resultado de seu trabalho reverterá em benefício de todos os que trabalham, e consequentemente, de cada um.[455]

A questão das classes sociais abordada pelos comunistas está fortemente acompanhada pelo que desejam e imaginam para o Brasil, por um sentimento utópico que também os faz transbordar críticas à realidade brasileira. Ao ser informado de que os estivadores recebiam, dentre outras coisas, um salário básico de 1500 rublos por mês, com aumento conforme os anos de serviço e 150% do valor normal para trabalharem nas horas extras, Humberto Campelo, trabalhador marítimo, denuncia que o sonho que lhe é apresentado pelos guias soviéticos é uma completa contraposição ao que ele vive e observa em sua terra natal:

> Como marítimo brasileiro, conhecendo bem a miséria em que vivemos, a falta de segurança no trabalho, as dificuldades negras de nossas famílias, as injustiças das emprêsas e do govêrno, de todos os burgueses que acumulam milhões às custa de nossa vida de sacrifícios, o padrão de vida dos marítimos e portuários soviéticos não podia deixar de me entusiasmar com os resultados do sistema socialista.
>
> Lá a classe operária conseguiu liquidar para sempre os capitalistas, os Mário de Almeida, os Brando, os Pereira Carneiro, os Wilson Sons, os Lages, etc. e os administradores ladrões que gozam da confiança de um govêrno inimigo da classe trabalhadora como é o nosso; também se livraram dos pelegos sindicais e dos donos das marmitas dos Institutos. A "limpeza" foi grande e muito bem feita pela classe operária que em seguida tomou conta de tudo e tudo dirige para seu próprio benefício e para o progresso e bem-estar do povo.[456]

No trecho de Campelo, nota-se sua percepção de uma luta de classes entre operários e empresários/administradores/governo que já passou, tendo sido os capitalistas "liquidados" para dar lugar a um governo que representa toda a classe operária.

[455]Melo, 1954, p.74.
[456] Campelo, 1953, p.28.

A concepção de que classes mais altas foram subjugadas para dar epaço à classe trabalhadora é muito presente nos relatos de trabalhadores operários. Ao assistir a um espetáculo no Teatro Kirov, em Leningrado, Chamorro enfatiza a maneira como são diferencialmente tratados, justamente por serem uma delegação de operários:

> Reservaram para a delegação operária brasileira o camarote de honra do teatro, que no passado era de uso exclusivo do Tzar e de sua família. Nesses tempos idos, era de praxe que, antes de começar o espetáculo, os figaldos e altas patentes militares, que se encontravam na plateia e nos demais camarotes e frisas, aplaudissem a chegada do Tzar. Essa praxe tem outra significação atualmente e se dirige a representantes de outra classe Antes de começar a representação da "Papoula Vermelha", os delegados dos trabalhadores brasileiros foram introduzidos no camarote de honra. A plateia, toda a assistência do teatro se pôs de pé, uma assistência composta de trabalhadores e de militares de todas as patentes e graduações, e aplaudiu-nos, voltada para nós.[457]

Curiosamente, a questão das classes sociais é muito lembrada quando os viajantes assistem a espetáculos teatrais ou de balé. Possivelmente os comentários ocorriam por conta desses espaços serem normalmente frequentados apenas por pessoas elitizadas no Brasil e por, na URSS, possibilitarem uma junção de diferentes grupos sociais, além da influência de observações dos próprios guias/intérpretes sobre a ausência de diferenciações de classe. Zuleika Alambert considera, por exemplo, que todos na URSS frequentavam os teatros, porque "lá a arte, a cultura e o saber não são como entre nós, privilégio de meia dúzia de endinheirados, mas patrimônio de todo um povo que desconhece a exploração dos antagonismos de classe."[458]

Graciliano nota o contraste entre a imponência e o luxo do Teatro Bolshoi com os indivíduos que "agora" o ocupavam, afirmando: "A arte e o luxo separaram as classes, humilharam com dureza uma delas, mas isto é história velha – e não existem ressentimentos, é claro. A arte agora tem finalidade bem diferente da que lhe conferiram", e ainda "A multidão invadiu a casa ilustre e aí se acha à vontade, como no trabalho ou na rua: ninguém teve a lembrança de modificar um pouco a indumentária".[459]

Apesar de descrever diferenciações entre os trajes observados em um teatro de Moscou, Jorge Amado direciona sua reflexão para o fato de que eles deixaram de ser, "como

[457]Stoiano *et alii*, 1952, pp. 31, 32.
[458] Alambert, 1853, p.25.
[459] Ramos, 1954 p.40.

o é na sociedade capitalista", índice que permite distinguir a classe a que pertence um homem pelo seu traje. Como ele salienta:

> Fiz a experiência no "hall" de um teatro de Moscou, com o meu intérprete. Mostrei-lhe um homem modestamente vestido com um boné sôbre a cabeça quase branca: — Um velho operário... – disse.
>
> O intérprete riu:
>
> — E' um membro da Academia de Ciências...
>
> Apontei um rapaz elegante, bôas roupas, bem trabalhadas, chapéu, gravata sóbria:
>
> — Um diplomata...
>
> — Não sei, vamos perguntar a êle mesmo.
>
> Fomos perguntar, tratava-se de um maquinista de trem.[460]

Ao visitar o Teatro Bolshoi, Marques Rebêlo também faz comentários, um pouco mais críticos, em relação às vestimentas dos que lá estavam, considerando-as sem nenhuma elegância. Seu guia, Capetovich, explica que com a Revolução houve a abolição das classes e ascensão da massa popular, mas que esta não havia sido acompanhada da elegância, do requinte e do bom gosto, que não são qualidades inerentes e nem se adquirem facilmente.[461]

Contrariando a maioria das observações encontradas, ao ouvir o questionamento de sua delegação sobre se os teatros russos eram acessíveis aos operários, José Campos garante que não, pois não poderiam frequentar com uma entrada no valor de 30 rublos, equivalente a 150 cruzeiros. Por conta disso, Campos afirma que só se via nos teatros representantes das classes superiores ou privilegiadas do regime, como intelectuais, cientistas, técnicos, diretores de fábricas, dirigentes do Partido, oficiais do exército, etc.[462]

No capítulo "Uma Sociedade de Classes", de Orlando Loureiro, há uma indicação do que possivelmente os guias comentavam nos espetáculos de teatro, a partir da descrição de um comentário de sua intérprete: "Veja aí o ideal de uma sociedade sem classes: todos vestem de maneira igual e é muito difícil distinguir o operário do professor universitário [...]"[463] Em sua primeira noite no Teatro Bolshoi, Loureiro percebe que todos se vestiam de uma forma quase homogênea. Insatisfeito, procura saber "se os preços dos ingressos também

[460] Amado, 1951, pp.118,119.
[461] Rebêlo, 1956, pp.238, 239.
[462] Campos, 1953, pp.102,103.
[463] Loureiro, 1954, p.70.

guardavam essa mesma uniformidade". Ao descobrir que havia três categorias de preços diferentes no teatro, conclui que os operários estariam nas últimas fileiras, e afirma:

> [...] a intérprete não expressara a verdade quando falou do ideal utópico de uma sociedade sem classes. No mundo capitalista, a baliza da distinção de classes está no poder do dinheiro, que o indivíduo consegue ganhar ou roubar na voragem das especulações nem sempre lícitas. Na União Soviética, o dinheiro tem o mesmo poder de diferenciação das criaturas, e no caso das classes privilegiadas, sua origem não é menos lesiva aos intêresses das coletividades. A questão talvez seja de extensão e amplitude apenas.[464]

Embora sua intérprete tenha chamado a atenção para o fato de que todos poderiam ir igualmente ao teatro, Loureiro enxerga a divisão das classes sociais por conta dos privilégios de se sentar em lugares melhores, a partir da diferença de valores nos ingressos. Para os anticomunistas, as classes na URSS não deixaram de existir. Da mesma maneira, Manuel Brito, também anticomunista, repara a desigualdade e contraste entre apartamentos mal-acabados com as residências luxuosas, as quais os visitantes só podiam ver de fora e de longe, sendo elas usufruídas pelos dirigentes do comunismo, a "classe dominante."[465]

Loureiro chama ainda a atenção para o fato de que parte da plateia ali presente parecia assistir ao espetáculo "... com o mesmo estado de espírito com que teria ido assistir a uma competição desportiva", eram desajeitados com o binóculo, demonstravam desinteresse com o que ocorria no palco e durante a peça se alimentavam de maçãs, sanduíches de caviar e sorvete, além de, ao final do espetáculo, baterem palmas ruidosamente, "[...] como se estivessem num campo de futebol aplaudindo ou apupando os jogadores ..."[466], e ainda explica que a grande afluência de operários ao teatro era instigada pelos sindicatos e casas de cultura, cujos dirigentes indicavam os melhores espetáculos.

Graciliano também nota a balbúrdia dentro do teatro: "Isentas de cerimônia, essas criaturas mexiam-se, falavam alto, comiam laranjas e maçãs, jogavam cascas e resíduos nos cinzeiros amarelos situados nos cantos da sala.", porém, ao invés salientar o desinteresse da platéia pelo espetáculo, afirma que:

---

[464] *Ibidem*, p.72.
[465] Brito, *Depoimento sôbre a União Soviética*,1963, p.6.
[466] Loureiro, 1954, pp.72, 73.

> [...] pessoas rudes, vazias na aparência, tinham recurso para ir ali mastigar frutos, pisar com botas grosseiras os tapêtes destinados ao burguês e ao nobre; como ninguém as obrigava a passar algumas horas entregue à dança e ao canto, era necessário admitir que sentiam prazer nisto.[467]

É notável observar as diferentes representações que tais autores elaboram a uma mesma situação observada, de acordo com suas ideologias: Loureiro, jornalista tradicional que teve seu relato publicado pela editora Globo de Porto Alegre, famosa por uma literatura antissocialista,[468] chama a atenção para a diferença de classes notada pelo preço dos ingressos e por uma suposta incapacidade cultural dos operários de assistirem a uma peça de teatro, o que denuncia um certo preconceito de classe. Enquanto isso, Graciliano Ramos, mesmo mostrando-se espantado com a confusão, procura entender o prazer com que os operários sentiam por estarem naquele ambiente. A maneira de se portarem e de não ligarem para as formalidades estaria plenamente de acordo com a educação que receberam, e por conta disso eles se sentiam à vontade, como se estivessem ocupando um tipo de cultura que antes os excluía.

A opinião de Graciliano sobre os operários é complexa. Ela torna-se mais explícita quando ele reflete a respeito de um jogo de xadrez entre operários visto em uma casa de repouso de trabalhadores de uma fábrica de chá, onde passavam as férias do ano:

> Admirava-me não distinguir nêles nenhum dos sinais entre nós perceptíveis na **classe obreira: gestos esquivos, olhares suspeitosos, maneiras bovinas, indício de pensamento lerdo**. Parecem desconfiar das criaturas bem vestidas e educadas. Certo crítico, anos atrás, me insinuara utilizar num romance os camponeses do Nordeste. Apesar de sertanejo, achava-me incapaz de fazer isso, e antes de viver com esses homens na cadeia, dormindo nas esteiras podres e dividindo fraternalmente os percevejos, não me arriscara a aceitar o conselho. Aqui se atenuaram as diferenças, afinal desapareceram; **os indivíduos que jogam xadrez são aparentemente iguais a nós**, não têm motivo para julgar-nos inimigos.[469]

Graciliano faz indicações de seu pensamento distintivo como intelectual em relação às classes obreiras, da diferença cultural e intelectual existentes entre escritores e trabalhadores camponeses e operários brasileiros — e por isso o espanto com os operários soviéticos

[467] Ramos, 1954, pp.40,41.
[468] Segundo Edgard Carone, a Edição da Livraria do Globo dedicou-se à literatura anticomunista, publicando a coleção Inquéritos sobre a Rússia. Carone, 1986, p.68.
[469] Ramos, 1954, pp. 128, 129.

jogando xadrez —, deixando claro que um sistema sem divergências entre classes e ofícios poderia ser alcançado com o acesso à cultura e à educação. Ele ainda aproveita a reflexão para denunciar as mazelas do pensamento individualista burguês, deixando claro que, apesar das diferenças notadas, considerava-se mais próximo das classes obreiras do que dos proprietários:

> E admiramos haverem-se apagado aqui as divergências. Ocorrera-me, passeando em Moscou, fazer uma pergunta: "Mme. Nikolskaya, essa moça aí perto é empregada em oficina ou em repartição pública?" A sra. Nikolskaya se revelara incapas de satisfazer-me a curiosidade. Um ofício não é superior a outro – e os homens tendem a uniformizar-se. Essa ideia choca o nosso individualismo pequeno burguês: achamos vantagem nas discrepâncias, receamos tornar-mos rebanho. E nem vemos que somos um rebanho heterogêneo, medíocre, dócil ao proprietário. Queremos guardar o privilégio imbecil de não nos assemelharmos ao vizinho. Enfraquecendo-nos, julgamo-nos fortes. Realmente, somos bêstas.[470]

Ao utilizar a primeira pessoa do plural, Graciliano se inclui no individualismo pequeno burguês e dentro do que chama de rebanho medíocre e dócil aos proprietários, algo que dificilmente os comunistas ou simpatizantes admitiam. Interessante notar que Caio Prado Junior, embora de família burguesa, escreve sobre ela na terceira pessoa do singular. O contato com a sociedade soviética serviu para Graciliano não só refletir sobre o sistema capitalista brasileiro, como também para refletir sobre si, sobre sua própria classe.

Dentre os grupos de viajantes, apenas os comunistas admitem o processo de desaparecimento das classes sociais na URSS. Entre os simpatizantes não há comentários sobre classes sociais — muito provavelmente pelo mesmo motivo de não realizarem observações mais profundas sobre comunismo e socialismo —, e, entre os não definidos, como no caso dos viajantes Marques Rebêlo, José Mendes e José de Freitas Nobre, há uma maior disposição na afirmativa de que não há uma igualdade absoluta entre os soviéticos, algo que procuram comprovar pela diferenciação dos salários, ou pela diferenciação de valores em bilheterias, em viagens de trem ou de barco que possuíam classes diferenciadas de valores.

João Pinheiro Neto, ao viajar em 1960, afirma a ideia de que a revolução dos "pequenos burgueses de 1917" criara uma elite intelectual poderosa, o que fez com que os

[470] *Ibidem*, p.129.

ideais da revolução proletária se desfigurassem. Embora, segundo ele, havia sido assegurado ao filho do operário o ensino primário, dificilmente eles tinham acesso às universidades. Continuou assim, uma perpetuação da educação de filhos dos próprios intelectuais, que formaram uma classe privilegiada:

> Cristalizava-se aos poucos, de modo perigoso para a autenticidade do sistema, uma "nova classe": a dos intelectuais bem remunerados, com prestígio social e facilidades de toda espécie. A revolução que nascera com os ideais de igualdade, trazia, nas suas origens, os traços das diferenças incontornáveis que marcam os homens. Não era possível estimular, incentivar ou brindar essas diferenças com as vantagens de uma nova ordem, que pretendia não distribuí-las com ninguém de modo injusto ou desigual.[471]

Neto chama essa nova classe social, iniciada em hábitos burgueses da "vida mansa", de "aristocracia das letras". Contudo, Neto acreditava que o governo de Khrushchev iria dissolver os privilégios com investimentos maiores na popularização do ensino, com o intuito de conquistar a sociedade sem classes. Desta forma, ele esboça sua opinião contrária ao período de Stalin mais uma vez, e sua esperança de dias melhores para a URSS, sob o comando de Khrushchev.

O culto à personalidade de Stalin: antes e depois de 1956

Nos anos iniciais da década de 1950, o culto à personalidade de Stalin e Lênin imperaram nos relatos de comunistas e de simpatizantes. Essa ode a Stalin, contudo, poderia assumir características próprias de acordo com quem a realizava, de acordo com os objetivos de cada um. É o que aponta Sarah Davies, ao estudar a heterogeneidade do culto a Stalin. Ela observa que cada grupo social escolhe enfatizar uma faceta de Stalin, de acordo com suas próprias situações, necessidades e ideias sobre liderança. Por exemplo: a imagem de Stalin como um benfeitor era utilizada mais por grupos sociais que haviam se elevado no período, como soldados, a nova *intelligentsia* e aqueles que ocupavam posições mais responsáveis na hierarquia. Um número enorme de intelectuais, segundo ela, inclusive artistas e escritores, admiravam Stalin, por conta de políticas que os louvavam e premiavam com *datcha* ("casa de

[471] Pinheiro Neto, 1961, p.60.

campo") e outros prêmios.[472] Ao contrário da *intelligentsia*, os trabalhadores e camponeses comuns enfatizavam outros aspectos do culto oficial, como suas características populistas e paternalistas, solicitando proteção e defesa. Em contraste, os aspectos super-humanos e carismáticos de Stalin não tinham muita ressonância entre eles.

Essas diferenças também são possíveis de ser observadas nas narrativas de viajantes brasileiros. Para Campelo, marítimo que fazia parte da delegação de operários a visitar a URSS em 1952, todos os estrangeiros que visitavam a URSS tinham o desejo de verificar o que significava Stalin para os "homens simples desse país", e todos voltavam convencidos de que Stalin não era nada do que jornais burgueses encomendados por "reacionários inimigos da URSS" descreviam. Percebe-se que Campelo adota um olhar paternalista para Stalin:

> Por que não haveria o povo soviético de respeitá-lo como um **mestre e um guia**? Por que não há de desejar-lhe sempre longa vida como a um **pai muito amado**? Stálin é realmente **querido** por todo o povo soviético e pelos milhões de trabalhadores e homens simples de todo o mundo que veêm em seus conselhos e em suas ações a esperança da Paz e da libertação. Stálin só é odiado — e como! — por uma minoria de grandes milionários, de donos dos trustes, fabricantes e vendedores de armas, esfomeadores do povo que sabem que Stálin é o caminho que leva os povos oprimidos de todo o mundo a se livrarem das guerras e de seus exploradores, que conduz à liquidação do temor, da miséria e da opressão.[473]

Embora o culto público a Stalin tenha tido um início modesto em 1929, em seu 50º aniversário — algo que Davies analisa como uma exceção, pois nesse período a mídia enfatizava as lideranças coletivas de maneira geral — a cultura do culto a Stalin deslanchou de vez em meados de 1933, quando um senso de papel histórico e missionário de Stalin iniciou-se entre os membros do Partido, não só a ele, como também a seus colegas imediatos e indivíduos que se sobressaíam na mídia.[474] Em 1949, por ocasião do seu 70º aniversário, abriram-se museus dedicados aos seus feitos e estátuas multiplicaram-se. Stalin passou a ser conhecido como generalíssimo, guia, chefe, dirigente genial, pai.[475] Nesse mesmo aniversário, o número de cartas que chegou ao *Pravda* para Stalin foi tão grande, que, anos mais tarde, o jornal ainda as publicava em uma coluna exclusivamente dedicada ao evento.[476]

[472] Davies, 1998, p.124.
[473] *Ibidem*, pp.51,52.Grifos meus.
[474] Davies, 1998, pp.116, 117.
[475] Aarão Reis, 1983, p.62.
[476] Ferreira, 2002, p.221.

No Brasil, o culto a Stalin inicou-se mais tarde, somente após a 2ª Guerra Mundial. Segundo Jorge Ferreira, as exaltações a Stalin na imprensa comunista brasileira repetiam a propaganda extravagante e pouco elaborada dos soviéticos. Em uma das passagens do jornal *Voz Operária*, há o caso de uma família de São Paulo que realizou uma pequena reunião para comemorar os 70 anos do líder.[477] Enquanto Luiz Carlos Prestes seria o líder no continente americano, Stalin era visto como o líder planetário, liderança máxima do movimento comunista, do proletariado e das forças transformadoras e progressistas.

Davies observa que a propaganda do culto ao líder nunca foi estática. Após estabelecer suas características essenciais de culto no período de 1934-1938, ela ganhará gigantescas proporções ao final da década de 1940. A mídia passou a adotar termos de veneração, enfatizando sua genialidade, sabedoria e poderes proféticos. Contudo, uma imagem de um Stalin mais populista foi mais cultivada, com o intuito de aproximá-lo mais da população.[478] O ano de 1935 inaugurou a prática de disponibilizar imagens visuais de Stalin próximo das pessoas. Assim, passava-se a cultivar a imagem de um Stalin mais paternalista e preocupado com sua população.

A imagem de Stalin como uma figura paternal é recorrente nos relatos de comunistas e simpatizantes. Em alguns relatos de viajantes mulheres, ele assume características humanas e afetivas. Ao assistir as comemorações de maio em 1952, Cristine Rose Marie observa que "seu rosto grave e sereno lembrava o de um pai que observasse a família, num dia incomum de felicidade doméstica.[479] Branca Fialho confirma:

> Stalin é também alvo da mesma veneração. É um sentimento muito curioso, esse. Não é um culto longíquo, e por vezes receoso, como alguns povos manifestam por seus deuses; tem também, o fanatismo frio e submisso inspirado por Hitler e Mussolini; em nada se parece com o temor que causa um tirano. Nada disso: o povo soviético manifesta por Stálin uma **admiração afetuosa e humana e tem nele uma confiança ilimitada**. Ele representa um apoio e uma esperança."[480]

Já entre intelectuais comunistas, como no caso de Jorge Amado, os elogios a Stalin estavam mais ligados ao desenvolvimento da cultura, da ciência e da perpetuação da paz e fraternidade entre os homens:

[477] *Ibidem*, p.222, 223.
[478] Davies, 1998, p.119.
[479] Federação das Mulheres do Brasil, 1954, p.68.
[480] Fialho, 1953, p.18.

> Nós amamos em Stalin a memória de Lênin, nós, os povos do mundo. **Amamos em Stálin a ciência nova**, condutora da nova vida.. **Amamos em Stálin a paz**, a fraternidade entre os homens, o internacionalismo proletário. Amamos em Stálin a União Soviética marchando para o comunismo. **Amamos em Stálin a cultura**, a juventude, a beleza das coisas, a harmonia e a música. Êle simboliza tudo isso e muito mais. **Êle é a Revolução**![481]

Não se satisfazendo em descrevê-lo como líder do povo soviético e declarar sua admiração, Stalin era para Jorge Amado o símbolo mais fiel da revolução comunista. Para inculcar fanatismo, a também imprensa soviética foi saturada com expressões como "o grande líder", "pai dos povos", "o titã da Revolução Russa". Seu papel como criador também passou a ser enfatizado: "o criador da Constituição", o "criador da nossa felicidade." Muitas vezes, Stalin era retratado como onisciente e onipresente, "aquele que tudo vê", "aquele que te conhece."[482]

Graciliano Ramos também não escapou do culto à personalidade de Stalin. Embora afirme que é difícil para homens do ocidente compreenderem o apoio incondicional ao dirigente político, uma vez que seria ridículo pensar em tributar essa veneração a um presidente da República da América do Sul, por não haver respeito a esses indivíduos, Graciliano descreve Stalin como um:

> [...] estadista que passou a vida a trabalhar para o povo, nunca o enganou. Não poderia enganá-lo. Esforçou-se por vencer o explorador, viu-o morto – e seria idiota supor que, alcançada a vitória, desejasse a ressurreição dele. É, desde a juventude, um **defensor da classe trabalhadora**. [...]como pôr em dúvida o homem que, em mais de cinqüenta anos de prodigiosa labuta, se transformou num símbolo nacional? [483]

Graciliano defende a ideia de que não se tratava de nenhum culto, em seu pensamento, os agradecimentos e louvores a Stalin eram espontâneos e não provocados: "Agradecimentos e louvores palpitam na alma da multidão, e recusá-los seria uma ofensa, um erro que nenhum político bisonho cometeria."[484] Coincidentemente, ambos faleceram no mesmo mês e ano – Stalin, no dia 5 de março de 1953, e Graciliano Ramos no dia 20 de março.

[481] Amado, 1951, p.234. Grifos meus.
[482] Davies, 1998, p.121.
[483] Ramos, 1954, pp. 52, 53.
[484] *Ibidem*,p. 53.

Graciliano foi poupado das más surpresas que seriam relatadas em 1956. Nesse meio tempo, a figura de Stalin continuou permanecendo positiva nos relatos de comunistas e simpatizantes, e mesmo um pouco nostálgica. No ano da morte de Stalin, Zuleika Alambert afirmou em seu relato que Stalin era o imortal chefe do proletariado mundial, cuja vida os povos acabavam de perder.[485]

Segundo Ferreira, seria muito difícil admitir que uma campanha publicitária avassaladora, mas vazia de substância e conteúdo, tanto na URSS quanto no Ocidente, tenha tido capacidade de, por si mesma, elevar o nome de Stalin à categoria de homem providencial. Para ele, "não há propaganda política que transforme um personagem em líder salvacionista, em figura legendária, sem realizações que afetem a vida material e simbólica dos homens que o reverenciam."[486] Assim, afirma que para compreender o que Stalin significava é necessário considerar também as mudanças positivas vivenciadas por "amplos" setores da sociedade soviética a partir dos anos de 1930. O país se industrializou e, embora houvesse escassez em partes do setor de consumo, ocorreu um aumento no número de cargos de trabalho,[487] nos índices de crescimento da educação e da saúde, expansão da economia, e oportunidades de ascensão social.

Desta forma, no início da década de 1950, Stalin, para os comunistas, havia se transformado em um mito, reconhecido pelas mudanças que proporcionou para a sociedade soviética, além do reconhecimento pela vitória sobre os nazistas na 2ª Guerra Mundial, significando, assim, um líder exemplar a ser seguido e adorado. Após sua morte, em 1953, seu corpo passou a ser exposto ao lado de Lênin, em seu mausoléu. A mudança também é sentida nas narrativas dos viajantes. Entre os anos de 1951 a 1955, sua imagem permanece intacta entre os relatos de comunistas e de muitos simpatizantes.

Em fevereiro de 1956, contudo, o XX Congresso do PCUS divulgou um relatório dos crimes cometidos por Stalin praticados especialmente nos expurgos do final da década de 1930 e os desvios dos ideais socialistas ocasionados por conta do "culto à personalidade" de Stalin. De início, muitos militantes brasileiros recusaram-se a dar credibilidade ao relatório, considerando-o uma invenção, contribuindo para eclodir uma luta interna no PCB, o que

[485] Alambert, 1953, p.10.
[486] Ferreira, 2002, p.223.
[487] Ferreira chega a afirmar que o Estado assegurou a "todos o acesso ao trabalho, alimentação, vestuário, assistência médica, habitação subsidiada e uma certa igualdade." *Ibidem*, p.225.

resultou na saída de grande parte de militantes e simpatizantes intelectuais do PCB.[488] Oito meses depois, abalado, Jorge Amado realizaria uma espécie de auto-crítica coletiva em uma carta dirigida a J. B. de Lima e Silva, publicada pela *Imprensa Popular*, em outubro de 1956:

> Creio que devemos discutir, profunda e livremente, tudo o que comove e agita o movimento democrático e comunista internacional, mas que devemos, sobretudo, **discutir os tremendos reflexos do culto a personalidade entre nós, nossos erros enormes, os absurdos de todos os tamanhos, a desumanização que, como a mais daninha e venosa das ervas, floresceu no estrume do culto aqui levado às formas mais baixas e grosseiras, e está asfixiando nosso pensamento e ação.** Nisso todos temos responsabilidade, uns mais outros menos, e é com a consciência dessa responsabilidade, humildemente, que devemos vir, como homens honrados que somos, perante o povo brasileiro com êle e discutir com êle , - finalmente – algo aprender.
>
> Sou dos que têm confiança, meu caro Batista. **Sinto a lama e o sangue em tôrno de mim**, **mas por cima deles enxergo a luz do humanismo que desejamos acêsa** e que foi quase submergida pela onda dos crimes e dos erros. Confio em que não exista homem honrado entre nós que deseje ou tente impedir essa discussão indispensável e que tanto tarda; nem que deseje, sob qualquer pretexto, limitá-la, bitolá-la, dirigi-la a seu bel prazer**. Isso pertence a outro tempo, ao da mentira, do mandonismo, do espírito de seita, da inação do sêr humano, da negação do homem**. Porque, se assim sucedesse, as consequências seriam terríveis para todos nós e para aquilo que é a nossa própria razão de sêr**. Creio que muito se errou, mas ainda creio na forma honrada como se errou.** Eis por que espero que essa discussão continue aberta, sem limitações de qualquer espécie. Porque qualquer razão que fôsse apresentada visando a impedi-la ou a limitá-la significaria apenas o desejo de esconder a verdade e de entravar o irresistível avanço da democracia em nossa pátria, a marcha do nosso povo para o futuro.[489]

Na carta, nota-se que, ao mesmo tempo que Jorge Amado assume seus erros, dizendo sentir a lama e o sangue em torno dele, ele também justifica o erro: “creio na forma honrada com que se honrou.” Para Amado, os motivos ideológicos por conta do seu culto à personalidade de Stalin eram ainda válidos: eles representavam a busca por uma sociedade mais justa. Na carta, percebe-se também já um distanciamento de Amado em relação ao realismo socialista, quando considera que as discussões sobre o erro ao culto não devem ser impedidas, nem limitadas, coisas que já pertenciam a outro tempo.

Não coincidentemente, entre os anos de 1955 e 1956, não há qualquer publicação de relatos de viagem de comunistas ou simpatizantes no Brasil, como podemos observar na

[488] Rodrigues. 1983, p.422.

[489] Amado, Jorge.”Carta de Jorge Amado a J.B. de Lima E Silza”. A Imprensa Operária, 11/10/1956, nº 1936, p. 3. Consultado no acervo da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

tabela 1 do anexo 2. É válido lembrar que especulações a respeito sobre os crimes de Stalin já corriam entre os meios comunistas antes mesmo da divulgação do relatório.

A partir do ano de 1957, a representação de Stalin nos relatos de comunistas e simpatizantes muda de tom. Embora apresentem a ideia de que o povo soviético ainda rendia homenagem à obra realizada por Stalin, a mesma homenagem já não deveria ser feita em relação à sua personalidade. Victorio Martorelli e Martha Azevedo, ambos comunistas, exemplificaram a nova imagem de Stalin que se formava:

> Ali estava presente [em uma estátua de Stalin em Breste], no primeiro contacto com a terra soviética, um formal desmentido ao que se propalou na crista do movimento contra o culto à personalidade, de que nem se podia falar de Stálin na U.R.S.S. **Não se cultua Stálin como um ser superior**, mas rende, o povo soviético, homenagem ao grande revolucionário que foi um digno continuador da obra encetada por Lénin. As cousas, neste sentido, estão muito bem colocadas na União Soviética.[490]

> E' mentira o que se diz no ocidente sôbre a desmoralização de Stálin. **Êle não é um deus**, como se acreditava antes. **mas tem bastante prestígio e o povo fala nêle com respeito, criticando seu absolutismo e ressaltando seu desempenho no difícil papel de líder de uma nação desorganizada. Teve pulso forte** e não se deixou intimidar nem substituir por possíveis adversários; **sacrificou muita gente mas não era mal-intencionado.** Graças a êle, a União Soviética é o que é, uma das primeiras potências do mundo, e a mais disciplinada entre tôdas, a mais culta. Não estou fazendo propaganda, isso é o que nos tem demonstrado o Zé Povinho, e se os nativos dizem isso, é porque assim é, "vox populi, vox dei". [491]

Na entrevista realizada com Martha Azevedo Pannunzio, em setembro de 2017, ela nos deu a entender que, ao contrário do que indicou em sua narrativa, ouviu, durante sua viagem, muitas reclamações sobre Stalin. Notou, por exemplo, que ao visitar o mausoléu dos dois líderes, as pessoas procuravam passar apenas por Lênin, como se estivessem desprezando Stalin. Martha indica que na época ficou sem compreender, dando a entender que realizou a viagem sem saber da já divulgação dos crimes de Stalin. Na zona rural, ela ouviu reclamações de camponesas a respeito da coletivização das fazendas, de suas consequências, e das atrocidades que Stalin havia cometido no campo. Martha nos diz: "Quando eu ouvi falar que o Stalin era pessoa atroz, eu queria brigar com a pessoa, eu vim de tão longe por causa do Stalin e agora a senhora tá aqui falando mal dele?" Martha comenta que era "muito sonsa"

[490] Martorelli, 1957, pp.10,11. Grifos meus.
[491] Azevedo, 1959, pp.70,71. Grifos meus. [Martha Azevedo]

na época. Ao relatar o que ouvia das camponesas, ela nos expressa como era seu pensamento durante a viagem: “Velhinha boba, né? Eu tô aqui achando tão bom e ela está me contando o que eu não quero ouvir!”[492]

Percebe-se, assim, que a ideologia presente na imagem de alguns comunistas em relação ao culto a Stalin se fazia presente e permanecia, mesmo com as críticas denunciadas pelos caminhos percorridos. Stalin havia descido do pedestal, mas não havia perdido sua importância na história da construção do socialismo soviético. Martorelli é o comunista mais enfático sobre a questão de Stalin pós-1956, pois traz um capítulo chamado “Stálin Ocupará na História o Lugar que lhe corresponde”, onde expõe as ideias de Khrushchev expostas em uma sessão solene do Soviete Supemo realizada no dia 6 de novembro de 1957, no Palácio dos Esportes, em Moscou, em comemoração ao 40º aniversário da Revolução de Outubro. Segundo Martorelli, Khrushchev teria reclamado daqueles que se aproveitavam da crítica ao culto à personalidade para atacar o sistema socialista e o partido comunista:

> Ao criticar os aspectos negativos da atividade de Stalin, o partido lutou e lutará contra todos os que caluniam Stalin, contra todos os que, fazendo como que se censurassem o culto à personalidade, apresentam falsamente, tergiversando, todo o período histórico da atividade de nosso partido quando Stálin encabeçava o Comitê Central. Como fiel marxista-leninista e firme revolucionário, Stálin ocupará na história o lugar que lhe corresponde. Nosso partido e o povo soviético recordarão Stálin e saberão apreciar seu trabalho.[493]

Martorelli busca explicar a importância de Stalin a partir das palavras do próprio líder soviético responsável pelas denúncias a ele, possivelmente como uma forma de demonstrar que não havia conflitos entre Khrushchev e a memória de Stalin, assimo como deixar claro que o real inimigo seria a propaganda imperialista que se utilizava da crítica ao stalinismo para atacar o socialismo.

A ausência de comentários sobre a importância de Stalin também diz muito: ao visitar o mausoléu de Lênin e Stalin, Eneida Moraes pouco comenta sobre eles, apenas lembrando-os como os grandes mortos da Revolução de Outubro e reparando na mudança da guarda ao túmulo, um “impressionante espetáculo que se dá de quatro em quatro horas.”[494] Ao descrever a cerimônia de troca de guardas, relata que dava a impressão de que Lênin acabara

[492] Entrevista com Martha Pannunzio, 05/09/2017.
[493] Martorelli, 1958, p.102.
[494] Moraes, 1959, p.23.

de morrer, naquele minuto. Nada diz sobre Stalin. Assim como ela, conforme já observado, Caio Prado também não faz qualquer comentário sobre Stalin em seu relato de 1962.

Freitas Nobre é um dos poucos viajantes não definidos a expressar opinião sobre o polêmico líder soviético. Ao contrário do que aponta Martorelli, Nobre repara que há uma disparidade na maneira como a imagem de Stalin é tratada pelos novos líderes e pelo povo soviético, uma vez que este último ainda o admirava, e os primeiros, nem tanto. Ao relatar a recepção que Khrushchev faz ao Marechal Tito, da Iugoslávia, no Estado Dínamo de Moscou, Nobre observa que Khrushchev ressaltou que os dirigentes soviéticos eram apenas "marxistas-leninistas", isto é, não stalinistas. Ao mesmo tempo, após Tito fazer uma crítica pública a Stalin, o povo, segundo ele, permaneceu em um silêncio respeitoso.[495]

São insuficientes os transportes para a grande massa humana que vai visitar o Mausoléu de Lênine e Stalin. A solução são êstes caminhões que aparecem estacionados na Praça Vermelha.

Figura 4: Transportes para visitar o mausoléu de Lênin e Stalin (Nobre, 1957, p.68)

Desta forma, ele mostra acreditar que o povo soviético ainda era stalinista em 1956/57, assim como a "grande massa trabalhadora ainda seria getulista no Brasil." Contudo, Nobre assegura que existia na URSS um movimento de novos líderes soviéticos contra o culto

[495] Nobre, 1957, p.60.

à personalidade, mas com certa cautela, como forma de não dar armas à exploração internacional do assunto. Por conta disso, ele informa que as estátuas e os retratos de Stalin não tinham sido retirados. Além disso, conversando com universitários, Nobre descobre que já havia conversas de que o corpo de Stalin seria retirado do Mausoleu de Lenin da Praça Vermelha, e colocado em um grande mausoléu para os homens ilustres da URSS.[496] Para ele, no seu entender, o movimento contra Stalin não teria caráter pessoal ou de vingança às perseguições do passado, mas sim preocupação pelo fato de os ministros daquela época temerem que as condições da URSS formassem outro líder como Stalin, voltando a concentrar todos os poderes nas mãos de um único líder, em detrimento dos demais.[497]

Nos relatos dos viajantes anticomunistas, independentemente do ano da viagem, as imagens de Stalin cultuadas pelo povo soviético recebem um tom mais crítico. Silveira Bueno, após entrar no Mausoléu de Lênin e Stalin em 1960 (Stalin permanecia no mausoléu), indaga sua guia sobre o culto aos líderes comunistas:

> Não me pude, porém, conter e depois discuti com a nova guia a nosso serviço: os senhores acabaram com a religião, proibiram o culto a Deus, mas estão criando outra, êste culto a Lênine, a Stálin, transformados em apóstolos, em santos, não faltando sequer o ritual de visitas, das reverências, das estátuas e imagens, das fotografias e estampas que se multiplicam pelas estradas, pelos campos da Rússia em substituição à cruz, aos ícones de Nossa Senhora. Não é isto um culto, não é isto uma nova religião? [498]

Bem semelhante, Nascimento Brito, ao relatar sua visita ao mausoléu de Lênin, recorda a cena de Jesus morto na sexta-feira da paixão, embora dizendo que, apesar da comparação com Jesus, não fosse uma devoção religiosa, seria um exercício de misticismo impressionante.[499] No mesmo tom crítico, Orlando Loureiro descreve as comemorações do "Ano Novo" com um caráter de "apoteose ao camarada Stalin e incluíram um impressionante "auto-de-fé" das crianças diante dum imenso retrado do chefe vermelho."[500] Percebe-se assim que todos eles fazem apologia a uma conotação religiosa/mística, justamente porque

[496] *Ibidem*, pp.67, 69. Na verdade, o corpo de Stalin permaneceu no Mausoleu de Lenin de 1953 a 1961, quando o governo soviético ordenou que os restos de Stalin fossem removidos do túmulo, e fossem colocados na Necrópole da Muralha do Kremlin onde se encontram outros soviéticos prestigiados.
[497] *Ibidem*, p.62.
[498] Silveira Bueno, 1961, p.89.
[499] Brito, *Depoimento sôbre a União Soviética*, 1963, p.8.
[500] Loureiro, 1954, p.84.

não consideravam a existência de liberdade religiosa na URSS, procurando, assim, explicitar a contradição do culto aos líderes soviéticos: em vez de de adorarem a Deus, adoravam os líderes comunistas, Lênin e Stalin.

João Pinheiro Neto, viajante não definido de 1960, também não se omite perante as mudanças políticas na URSS provocadas pela morte de Stalin, enaltecendo a descentralização política e administrativa de Khrushchev, chegando a afirmar que o comunismo passava a adotar certas características mais burguesas:

> O regime de coação e do medo está sendo substituído pelo sistema do incentivo, da honra ao mérito e até da remuneração melhor, no velho e bom sentido burguês. É o sistema que começa a se adaptar ao homem, moldando-se inapelàvelmente aos seus característicos básicos, imutáveis, profundos e eternos. Sabedoria do comunismo, que também começa a se modificar para sobreviver, transigindo com o secundário para salvar o essencial.[501]

Pinheiro Neto constrói em seu relato a imagem de uma sociedade soviética mais aberta ao novo, ansiosa por bens de consumo e com ideais libertários e humanitários. Contrariando Caio Prado, que relata observar na URSS o definhamento do capitalismo e a evolução do socialismo para práticas comunistas fundamentadas no marxismo-leninismo, Neto narra a imagem de um comunismo flexível e adaptável às transformações mundiais capitalistas, um comunismo que está cada vez mais sendo 'humanizado', certamente uma imagem que tornaria mais palatável o reatamento dos laços diplomáticos e econômicos entre Brasil e União Soviética na década de 1960. Para ele, a morte de Stalin teria sido responsável pelo início de toda essa transformação. A partir dela, cessaram as prisões políticas, os exilados retornaram às suas atividades normais, a volta de direitos ao indíviduo, o fim da censura, etc. Sua imagem da sociedade soviética sob o comando de Stalin é sombria:

> Como já vimos, o indivíduo, na Rússia de Stalin, não tinha nenhuma espécie de direito. Ao trabalhador não era permitido mudar de emprêgo, sob nenhum pretexto. O suspeito de atividade contra o Estado, ou de prática de qualquer ato delituoso, era sumàriamente prêso, e condenado sem nenhum processo.[502]

[501] Pinheiro Neto, 1961, p.39.
[502] *Ibidem*, p.36.

Pinheiro Neto demonstra acreditar em uma grande mudança pós-Stalin na URSS. Enquanto o regime stalinista seria extremamente centralizado, autoritário e brutal, ele narra a URSS de Khrushchev com bons olhos, mais humanizada e inclusive descentralizada politicamente, ao garantir que Khrushchev não mandava sozinho, uma vez que as decisões também passavam pelo Comitê Central. Todas essas observações sobre a nova URSS pós-Stalin incentivavam o restabelecimento de relações com o Brasil.

Não coincidentemente, o Brasil retomou as relações diplomáticas e comerciais com a URSS em novembro de 1961, dois meses após a subida de João Goulart ao poder. Em 1962, João Pinheiro Neto foi convidado a ser subsecretário do Trabalho e Previdência Social do governo. Em 1963, assumiu a presidência da Superintendência da Política Agrária (Supra), responsável pela implantação da reforma agrária. Durante sua gestão, a Supra passou a ter uma atuação agressiva, desapropriando terras e participando da organização de trabalhadores ruais. Contudo, com o golpe em março de 1964, Pinheiro Neto foi afastado da direção da Supra e teve seus direitos políticos suspensos com o Ato Institucional nº1. Foi preso em Petrópolis, e, mesmo depois de liberado, respondeu ainda a três inquéritos policiais militares.[503]

Percebe-se, assim, que as representações que os viajantes constroem do socialismo/comunismo, da figura de Stalin e da existência ou não de classes sociais correspondem a uma série de aspectos que se confluem: suas ideologias políticas, suas classes sociais, seu contexto político e social a que correspondiam, o que denuncia a distância da pretensa imparcialidade que alguns autores afirmavam ter.

Liberdades, autoritarismos e censuras: percepções e omissões

Liberdade é uma das palavras mais presentes nos relatos de viagem à URSS. Seja sobre sua presença ou ausência, os autores descrevem impressões sobre a liberdade de ir e vir, a liberdade de observação, liberdade de expressão, liberdade de imprensa, liberdade à religião, liberdade às mulheres, etc. É, certamente, um dos temas que carregam as maiores contrariedades entre os grupos de viajantes, pois a partir das visões e experiências de cada

[503] Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930, 2001.

um, a ideia de liberdade toma formas diferentes. Em um primeiro momento, poderíamos pensar: como seria possível se falar em liberdade em um sistema construído a partir da ideia de uma ditadura do proletariado, em um governo totalitário, isolado por uma "Cortina de ferro"? Ao mesmo tempo, é necessário nos questionarmos: como a liberdade de expressão no Brasil se caracterizava para cada grupo de viajantes? Como era a liberdade de expressão e de ação para os políticos comunistas ou simpatizantes, se o PCB estava novamente posto na ilegalidade desde 1947? Como os mecanismos de controle e repressão eram percebidos pelos viajantes, tanto na URSS, como em suas próprias terras? Quais seriam as intenções e as possíveis contrariedades em se falar sobre liberdade no cotidiano soviético?

Pensando nessas questões, este capítulo traz algumas análises sobre a maneira como a liberdade – ou a falta dela – era percebida pelos viajantes, não só na URSS, como também no Brasil, uma vez que as comparações entre os países são constantes. É importante lembrar que muitos viajantes, especialmente comunistas e simpatizantes, tiveram suas trajetórias marcadas por prisões e censuras no Brasil, inclusive por conta da publicação de seus relatos de viagem. Além disso, livros e editoras também foram censurados ou mesmo reprimidos, como é o caso da editora Vitória, editora comunista responsável pela maioria das publicações dos relatos expostos nesse trabalho. Investigar como a experiência que conheciam da censura e perseguição no Brasil pode ter influenciado na maneira como descreveram a União Soviética, é o nosso primeiro passo.

Autoritarismos e censuras aos viajantes

Já vimos no capítulo 2 algumas das formas de controle e persuasão utilizadas pelos organismos de turismo soviéticos – especialmente pela VOKS - tais como a escolha de roteiros e lugares a se visitar ou a frequente companhia de guias treinados. A análise se volta para a forma como os viajantes notavam tais controles, e como a maneira pela qual a União Soviética já havia sendo apresentada no Brasil poderia afetar a construção da representação do que lá observaram.

No Brasil da década de 1950, já corria a ideia de que as viagens à URSS eram controladas e possivelmente censuradas pelos guias, e que de nada adiantaria tentar conhecer o país, pois a verdadeira realidade não seria exposta. Basta lembrar que desde 1930 diversos relatos de viagem à URSS — inclusive traduções de narrativas francesas e espanholas

— já circulavam por periódicos e por meios editoriais brasileiros, sendo muitos deles sob a perspectiva anticomunista. Os maiores jornais do país também seguiam a vertente anticomunista. O *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, associou-se a um correspondente, Gondin da Fonseca, e criou o quadro "Cartas da Rússia", modificado alguns anos depois para "Aspectos da Rússia Soviética", que trazia notícias bastante negativas do cotidiano soviético.[504] Os jornais publicavam relatos de jornalistas, políticos ou correspondentes diversos que haviam visitado a URSS; muitas vezes, eram ex-comunistas que, arrependidos, contavam o que haviam visto no "inferno russo."

Mesmo assim, considerando o número de relatos publicados, o pico de viagens de brasileiros à URSS não deixou de acontecer na década de 1950. Isso significa que o perfil negativo e pessimista apresentado pelos maiores jornais do país sobre a Rússia e as desconfianças sobre o controle e censura na URSS em relação ao que o turista poderia observar não impediram a curiosidade de muitos brasileiros de ir conhecê-la. Pelo contrário, possivelmente os instigaram, pois não são poucos os que constroem discursos de resposta ao que liam na imprensa anticomunista brasileira.

Para os comunistas, a possível censura em relação ao que observavam na URSS formaria notícias falsas, de cunho anticomunista. Não demonstraram se sentir acuados ou incomodados de observar qualquer aspecto da URSS. Olympio Mello, sindicalista, ironizou dizendo que teve a oportunidade de sentir a censura quando um motorista de um dos carros em que sua delegação viajava não permitiu que ele jogasse o cigarro para fora do carro, indicando-lhe o cinzeiro.[505]

Embora, como já vimos, Graciliano Ramos notasse o controle de guias e VOKS, ele também é bastante satírico ao relatar os comentários jocosos em relação ao controle soviético e à sua viagem por pessoas que, no Brasil, não acreditariam em suas impressões:

> Meses depois, no meu país, homens sagazes e verbosos censurar-me-iam a ignorância a respeito da União Soviética. Tinham-me os guias exibido coisas necessárias à propaganda, e eu, ingênuo, acreditara nelas. Indispensável aceitar verdades muito abaixo das aparências brilhantes. E sem nunca ter ido à URSS, explicar-me-iam, generosos, horrores medonhos: trabalho forçado, enxovias horríveis, fuzilamentos diários. [...] Esforçar-se-iam por convencer-nos de que não nos movemos à vontade na terra de escravos. Atam-nos algemas invisíveis. Não as

[504] Silva, 2001,p. 132.
[505] Mello, 1954, p.36.

> percebemos porque estamos hipnotizados, mas da América são vistas perfeitamente.[506]

Por conta das possíveis desconfianças a respeito do que escreviam em seus relatos, e como forma de exaltar a importância de suas narrativas, muitos viajantes procuravam demonstrar que havia a possibilidade de observações livres durante a viagem. As próprias características negativas que apresentavam poderiam servir como justificativa para fazer crer que eles tinham acesso a um cotidiano mais amplo e geral dos soviéticos. Ao descrever uma fábrica de tecidos, Francisco Peixoto, viajante de ideologia não definida, exemplifica essa habilidade discursiva:

> Se nada de excepcional vimos; se nenhum detalhe técnico nos impressionou; se nem sequer verificamos que o trabalho se realiza em ambiente razoavelmente adequado, em condições de iluminação e aeração suficientes, vale concluir pela inexatidão da afirmativa generalizada de que, na URSS, só mostram ao visitante o que é bom. E nem só aqui observamos isso. Num tempo relativamente curto, diante dos variados aspectos da vida, do organismo e das realizações na nação soviética, tivemos a oportunidade, ora de louvar, ora de criticar ou censurar, ora de detestar. Tudo como ocorre em qualquer outro país: nem tudo é bom, que se exalte, e nem tudo é mau, que se execre.[507]

Como normalmente eram sempre acompanhados por guias durante os roteiros, uma tentativa de diminuir o controle era a procura por saírem sozinhos, sem o aparato do turismo soviético. As dificuldades com a língua não permitiam que as saídas se estendessem muito, mas possibilitavam a impressão de que eram livres para caminhar e obter suas próprias observações. Raul Ribeiro da Silva admite que o que lhe mostraram foram apenas aspectos positivos, mas faz questão de explicitar seu esforço para desgarrar-se da delegação:

> É de admitir-se que o visitante estrangeiro, quando recebido oficialmente num país, tenha seus passos controlados e, de permeio a mil atenções, só se lhe mostre e conte o que é bom, resultando daí, para o forasteiro, uma série de impressões agradáveis que podem ser acoimadas de parciais ou, pelo menos, de benevolentes. Dir-se-á que foi o que sucedeu com o autor, diante das vantagens enumeradas em sua narrativa. Isto é verdade, mas em parte, porque, em Moscou e Stalingrado, sempre que logrei desgarrar-me da Delegação, movi-me livremente, tudo observando a meu bel-prazer, melhor não o fazendo pela incrível dificuldade com referência à língua; além de que à custa de tanto perguntar, fêz-se verdadeiro inquérito sôbre muitos dos aspectos do mundo soviético. Por outro lado, vários

[506] Ramos, 1954, pp.174, 175.
[507] Peixoto, 1960, p.100.

> fatos mereceram meu reparo nada lisonjeiro, nem por isso menos razoável, a meu ver.[508]

Os comentários a respeito da liberdade de fotografar o que observavam são também bastante comuns. Em sua maioria, os viajantes parecem concordar de que havia liberdade para fotografias. Mesmo Rubens do Amaral, jornalista anticomunista que afirma não existir liberdade de expressão na URSS, ressalta que as delegações estrangeiras tiveram livre circulação em Moscou. Segundo ele, dois brasileiros em sua delegação possuíam máquinas de filmar, e "todos andaram por onde quiseram, trazendo as fotografias e os filmes sem nenhum obstáculo ou a menor formalidade."[509]

Há, contudo, exceções, anunciadas de maneira sutil por alguns viajantes não definidos: o escritor Marques Rebêlo parece denunciar a falta de liberdade para andar sem guia ao relatar uma explicação de seu guia, Diabonov. Embora Diabonov garantisse a ele total liberdade de locomoção igual à de qualquer cidadão soviético, não seria delicado da parte dos guias deixá-lo sozinho, por ele ser considerado um viajante ilustre, diferentemente dos outros que eram servidos pelo SIGVSI, Serviço de Intérpretes e Guias de Visitantes sem Importância.[510] Já o juiz Osny Pereira comenta que, "polidamente, e com muita sagacidade", sugeriram-lhe [os guias] que tivesse um fotógrafo junto a eles para tirar fotos e filmar: "Daí por diante, a não ser na Casa de Lenin e um passeio nas montanhas em Alma Ata, nada mais filmei. Ficaram, entretanto, com o filme para revelar e devolver."[511] Ele conclui que as restrições ao uso de aparelhos fotográficos por um estrangeiro eram severíssimas, porém, justificada por conta da precaução dos soviéticos, alegando ser a URSS uma nação ameaçada pelas outras: "Pode-se pois, censurar que mantenha descida a sua Cortina de Ferro"?[512]

Os anticomunistas são mais severos em suas impressões. Embora demonstrassem que também procuravam obter uma visão além do que permitiam os guias, a escrita do relato era justificada para denunciar a enorme repressão sobre a liberdade do povo soviético, conforme apresenta Nascimento Brito:

[508] Silva, [1953?], p.12.
[509] Amaral, 1952, p.10.
[510] Rebêlo, pp.276,277.
[511] Pereira, 1952, p.276.
[512] *Ibidem*, p.277.

> Vimos o quadro tenebroso, depois de nos descartarmos do guia encarregado do programa oficial**.** Pessoas que vivem na Rússia há mais tempo nos levaram a ver outra Moscou, que não figura no roteiro de propaganda política. É indispensável conhecê-la para não capitular diante da pregação sistemática com que nos tentam convencer de que a liberdade não faz falta à felicidade humana, e portanto o que êles construíram em quase meio século está justificado. Não está. E a prova é a angústia que se percebe na alma dos russos.[513]

Ao contrário de outros grupos de viajantes, os anticomunistas não parecem se incomodar com o julgamento de não possuírem liberdade para observarem livremente o país — algo que inclusive poderia desmerecer o motivo de seus relatos — , uma vez que era justamente isso que lhes dava combustível para aprofundarem suas críticas sobre a repressão soviética. John Cotrim afirma em seu relato que não havia turismo na URSS, não no sentido que o mundo livre compreendia:

> Se hoje liberalizaram o tratamento ao estrangeiro e resolveram franquear-lhe acesso ao país, é para que aquilo que lhes interessa politicamente seja visto e mais nada. Seu programa de estada é previamente traçado, e desde o momento em que o estrangeiro pisa no solo russo, é constantemente vigiado, seguido, olhado e controlado. Só lhe é permitido ir a determinados lugares e sempre acompanhado dos indefectíveis intérpretes-vigias, e todas as precauções são tomadas para reduzir ao mínimo seus contatos pessoais isolados com gente do país.[514]

De forma semelhante, Silveira Bueno considera que sua visão a respeito do comunismo russo e dos demais Estados dominados pela Rússia não seria completa, justamente por não possuir liberdade de locomoção, de investigação direta e objetiva e de informação, pois as pessoas com quem tinha contato nada respondiam por medo da repressão:

> Fui a Rússia segundo queria Taine: verificar o que já conhecia do assunto. E que verifiquei? Absoluta e completa ausência de liberdade, condição suprema de qualquer regime desejoso de estabilidade. Como decorrência disso, aparente tranquilidade, mas obtida pelo mêdo, pela intimidação, valendo-se da delação como método produtivo de tal conformidade. Ninguém reclama, todos obedecem porque ninguém é livre em sua própria consciência. Ninguém ousa externar o seu interior, de mêdo.[515]

[513] Brito, *Depoimento sôbre a União Soviética*, 1963, p.5.
[514] Cotrim, 1962, p.41.
[515] Silveira Bueno, 1961, p.166.

Para os anticomunistas, o contraste entre a falta de liberdade no mundo soviético e o mundo ocidental, incluindo o Brasil, era bem delimitado. Ao sair da URSS e pousar em Amsterdã, Cotrim relata sua euforia em "ter voltado à Civilização", a sensação de estar saindo de um túnel escuro onde estava se asfixiando; o alívio de respirar o ar puro da liberdade e ver novamente a luz da razão era indescritível.[516] Também Silveira Bueno observa que, embora tivesse entrado na Rússia de óculos brancos, não pôde sair com lentes cor de rosa, e sim, de óculos de sol, enfumaçados e só clareados quando retornou à Finlândia. Contudo, ressaltou que os óculos só foram realmente limpos, restituindo-lhes a cor natural, quando chegou ao Brasil, "o país mais livre do mundo, um quase paraíso terrestre. Deus o conserve assim e o preserve dos rolos de fumaça que de Moscou ameaçam toldar a limpidez das nossas instituições, fumaça que já se vai adensando, aumentada pelos charutos que se fumam em Havana".[517]

A questão da liberdade no Brasil, especialmente em relação à liberdade de expressão e de imprensa, não era sentida da mesma forma pelos grupos de viajantes. Comunistas e simpatizantes à URSS sofriam censuras, inclusive em relação ao que tentavam publicar sobre suas viagens. Figura presente no meio jornalístico de grandes publicações, Edmar Morel comenta que muitos brasileiros que tentavam publicar suas opiniões sobre a Rússia não haviam conseguido. Embora ele afirme que suas impressões tenham sido publicadas pela maior parte dos maiores jornais e revistas do país, detalha que algumas delas foram censuradas ou sofreram mutilações no texto. Morel relata que suas publicações foram subordinadas a uma série de imposições, inclusive supressão de capítulos inteiros, desconfiando que pelo menos 80% das restrições tenham sido impostas pelo clero. Por conta de tais censuras, ele então decidiu publicar o livro, para que os fatos apresentados não fossem omitidos ou alterados.[518]

O anticomunismo no Brasil era forte nos órgãos oficiais desde o momento em que representantes do Ministério das Relações Exteriores, no governo de Wenceslau Gomes, optaram por não reconhecer o novo governo após a Revolução Russa de novembro de 1917, quando o Governo Provisório foi derrubado pelos bolcheviques.[519] O Itamaraty ainda tinha

[516] Cotrim, 1962, p.71.
[517] Silveira Bueno, 1961, p.169. Silveira Bueno faz uma alusão à Cuba, recém-saída de sua revolução de 1959, quando Fidel Castro tomou o poder.
[518] Morel, 1952, p.17.
[519] Bandeira, Moniz; Melo, Clovis e Andrade, A.T, 1980, p.299.

esperanças de que a revolução seria temporária, tanto é que o consulado russo no Rio de Janeiro se manteve no país até dezembro de 1920, por ser contrário ao governo bolchevique.

Nos arquivos do Itamaraty, a partir da segunda metade da década de 1920, é possível encontrar correspondências com o intuito de reportar informações sobre a propaganda comunista, os avanços da III Internacional e as relações da URSS com outros países, muitas delas seguidas de recortes de jornais ou revistas, não apenas exteriores, mas também de periódicos brasileiros. A presença soviética na América Latina era vista como ameaçadora, pois muitos países haviam restabelecido relações diplomáticas com a URSS, como México (1924) e Uruguai (1926).

Há também recortes de jornais a respeito de relatos de viagem da época de livros ou periódicos que denunciavam o terror soviético, mas notícias ou relatos positivos em relação ao país ou mesmo aos avanços econômicos da URSS são mais difíceis de ser encontrados. Os diplomatas enviavam as notícias que estivessem de acordo com os interesses e com a ideologia anticomunista do Itamaraty.[520] A Embaixada brasileira de Washington, por exemplo, enviou em 20 de julho de 1931 um artigo publicado no *New York Times* do jornalista Henry Wales, sobre a Rússia Soviética. Wales seria, segundo o representante da embaixada, uma testemunha do que se passava no país sob a ditadura do proletariado:

> Tendo-o percorrido durante quatro meses do báltico ao mar negro, da fronteira da Polônia até os confins da Sibéria, faz ele a descrição exata do que observou na sua excursão. Por toda a parte a ruína, a miséria, a desolação. Camponeses e operários famintos, esfarrapados e descalços, fábricas fechadas por falta de trabalhadores e de matéria prima, em todos os lugares o desconforto, a pobreza o desânimo.[521]

A representação da revolução divulgada pelos grandes jornais brasileiros chamava a atenção para o horror bolchevique, o que se conciliou com o temor da elite brasileira ao se deparar com a onda de greves do proletariado brasileiro no período de 1917 e 1918. Só em São Paulo, no ano de 1917, houve 14 greves. No movimento de maior proporção, durante a greve geral de julho de 1917, a cidade de São Paulo chegou a ficar totalmente paralisada, com comércio fechado e transportes parados. A partir daí, a repressão policial sobre os

[520] Em minha dissertação de mestrado, discorri sobre o anticomunismo presente no Itamaraty nas décadas seguintes à Revolução Russa. Consultar: TORRES, 2013.pp.54 a 68.

[521] 20/07/1931. Artigo sobre a Rússia soviética enviado pela Embaixada dos Estados Unidos do Brasil ao Ministério das Relações Exteriores, na correspondência de 20/07/1931. N:183. AHI-RJ.

movimentos político-sociais também foi incrementada: houve a criação, em 1924, de duas inspetorias, a "seção de ordem social" e a "seção de segurança pública", contribuindo para exercer "constante vigilância sobre agitadores, sociedades operárias, estabelecimentos industriais, agremiações e toda e qualquer reunião a que concorressem pessoas exaltadas".[522]

Em dezembro de 1924, foi criada em São Paulo a Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), com o objetivo de reorganizar a polícia do Estado. O DOPS passou a ter a tarefa de identificar os "indesejáveis", os "agitadores estrangeiros" ou aqueles que militassem em sindicatos ou partidos políticos, sendo sua implementação bem recebida pelos empresários paulistas. Em 1928, a Secretaria de Justiça e Segurança Pública em São Paulo afirmava que já haviam sido identificados 102654 dos 300 mil operários do Estado.[523]

O DOPS também foi o responsável pelo fichamento, investigação e prisão de diversos viajantes comunistas e simpatizantes nas décadas de 1930 e 1950. Maurício de Medeiros, primeiro viajante a publicar um relato de viagem à URSS em 1931, mesmo não sendo filiado ao PCB e procurando não ser emissário de qualquer corrente ideológica em sua escrita, afirmando inclusive que o regime comunista havia lhe passado uma impressão de asfixia mental,[524] foi também "asfixiado" pelas medidas repressivas do Estado Novo de Vargas. Exemplares de seu relato foram apreendidos pela polícia do Distrito Federal, e, em novembro de 1935, logo após o movimento da Insurreição comunista, Medeiros foi preso.[525] Sua afirmação de não comunista não foi válida para impedir a repressão da polícia política varguista.

Da mesma maneira, a segunda edição do primeiro relato de viagem de Caio Prado Junior, *URSS: Um Novo Mundo* (1934), foi também apreendida.[526] Após o momento inicial da Revolução de 1930, a repressão policial a qualquer propaganda comunista ou da URSS passou a ser cada vez mais rígida, podendo afetar qualquer escritor que ousasse escrever sobre o país do proletariado. Em abril de 1933, Osorio Thaumaturgo Cesar, médico, simpatizante ao comunismo, e também autor de um um dos primeiros relatos de viagem publicados no Brasil na década de 1930, *Onde o Proletariado dirige: Visão panorâmica da URSS* (1932*)*, após já ter

[522] Pinheiro, 1992, p.110.
[523] *Ibidem*, p. 111.
[524] Medeiros, 1931, p.305.
[525] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 1270 (Maurício de Medeiros), "Relação de presos implicados nos últimos acontecimentos de novembro de 1935". DEOPS/SP.
[526] Forte, Graziela, 2008, p.119.

sido detido de 15 de agosto a 4 de outubro de 1932, por "motivos preventivos de ordem social", foi indiciado por propaganda comunista pela Polícia do Estado de São Paulo.

Também o relato de Osório Cesar (1932) recebeu a acusação por não se referir, "nem de leve, sobre o reverso da medalha. Só viu fulgores, só garante existir maravilhas. É a maior e mais propaganda comunista que um intelectual, funcionário público, poderia fazer". No mesmo documento, o delegado afirmou que seria impossível existir na terra um "... Éden mais completo, uniforme, surpreendente e fascinador. É a apologia fanática do bolchevismo, através das organizações descritas. Nem o céu, com todos os anjos e santos, poderá ser abrigo tão perfeito, adiantado e maravilhoso — Como a Rússia atual".[527]

Em resposta, Osório Cesar publicou, no apêndice de seu livro *O que é o estado proletário?*, um resumo do processo "inquisitorial" instaurado pela polícia, contendo diversos documentos transcritos do DOPS, além de um requerimento escrito por ele próprio para o Sr. Juiz de Direito da Terceira Vara Criminal de São Paulo, em que apresentou sua defesa. Nele, Osório Cesar ressaltou o absurdo de estar sendo acusado por não divulgar em seu livro o ponto de vista anticomunista da polícia política e das autoridades governamentais. O processo foi encaminhado para a Justiça Federal, visto que o "possível crime" seria de competência deste órgão. Em sua conclusão, o procurador da República, Fernando Maximiliano dos Santos, decidiu por arquivá-lo, por não ter o acusado incidido nenhum artigo da legislação penal. Salientou ainda que se o livro não descreve o reverso da medalha russa, o "remédio contra o mal não está no emprego de processos inquisitoriais, mas no depoimento imparcial de outros livros em que se exponha toda a realidade."[528]

Osório Cesar não teve a mesma sorte nos anos posteriores. Em outubro de 1934, foi realizado um auto de apreensão em seu escritório no Laboratório de Anatomia Patológica do Hospital de Juqueri, onde, dentre outros documentos, foram encontrados três envelopes procedentes de Moscou com o timbre da VOKS.[529] Em novembro de 1935, após a aprovação do estado de sítio declarado por Vargas por conta da insurreição comunista em Natal, Recife e Rio de Janeiro, Osório Cesar foi preso. Em dezembro foi realizado um auto de busca e apreensão em seu apartamento, onde foram apreendidas diversas obras relacionadas à URSS

[527] CESAR, Osório. 1933, pp.181,182.
[528] *Ibidem*, p.184.
[529] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 1936 (Osorio Cesar), "Auto de Apreensão", 10/10/1934. DEOPS/SP.

e ao comunismo.[530] Toda sua biblioteca, contendo livros, revistas, fotografias, postais e documentos diversos, foi confiscada. Apenas em junho de 1937, ele foi posto em liberdade.

A chamada Intentona Comunista de 1935 contribuiu para solidificar o anticomunismo na elite brasileira. Iniciou-se uma onda de repressão e censura, e a criação de mecanismos de propaganda e antipropaganda para erradicar o comunismo do Brasil. A URSS passou a ser vista como um país agressor, Estado inimigo e responsável por treinar, financiar e infiltrar agentes subversivos no Brasil.[531] Nos anos 30, agências oficiais do governo passaram a distribuir à imprensa nacional matérias jornalísticas de caráter anticomunista. A polícia chegou a fornecer à imprensa matérias do tipo: "A criança, a maior vitima do comunismo", "Verdades positivas sobre o 'paraizo sovietico'", "Como a Russia combate a religião" e "Salarios e preços na Russia." O Departamento Nacional de Propaganda (DNP) publicou, em 1938, em forma de livro, uma coletânea de artigos que distribuiu à imprensa, na maioria dedicados a desacreditar a URSS: "Instintos sanguinários", "Paraíso desaparecido", "Fracasso do ensino", "Decadência da música nos 'soviets'", "Técnica anti-cristã", etc.[532]

Na década de 1940, a entrada da URSS na Segunda Guerra ao lado das potências ocidentais abriu espaço para um alívio sobre a repressão aos comunistas. Como o PCB apoiou o governo Vargas ao lado dos aliados na guerra, diminuiu-se a vigilância repressiva habitual. Assim, a reorientação da política externa brasileira, pressionada pelos norte-americanos a romper os laços diplomáticos com os países do Eixo no início de 1942, e a entrada do Brasil na guerra em agosto do mesmo ano, permitiu uma retomada da atuação comunista no Brasil, que se ampliou com o prestígio das vitórias da URSS nos campos de batalha.

O resultado acompanharia o final da guerra em 1945, com o reconhecimento e restabelecimento de laços diplomáticos entre Brasil e União Soviética, e a volta do PCB à legalidade em novembro do mesmo ano, após 18 anos de atuação clandestina. Houve então, a entrada de um grande número de escritores, jornalistas e professores universitários no PCB.

[530] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 1936 (Osorio Cesar), "Auto de busca e apreensão", 12/12/1935. DEOPS/SP.
[531] Motta, Rodrigo Patto Sá, 2007, p.234. Ao mesmo tempo, Sá Motta indica que no período entre 1935 e 1939 o governo brasileiro realizou diversos acordos com a Alemanha nazista, tanto políticos quanto econômicos. Policiais brasileiros foram enviados para treinamento na Alemanha com o objetivo de aprender como a Gestapo lidava com a ameaça comunista, e diplomatas foram convidados a tomar parte em congressos anticomunistas.
[532] *Ibidem*, 2002, pp.99,100.

Muitos concorreram nas eleições de 1945 e 1947, como os escritores Jorge Amado, Graciliano Ramos e o historiador Caio Prado Júnior.[533]

A partir daí, foi aberto no Brasil um novo ciclo de publicações de editoras de esquerda. Desde 1943, o editor Calvino Filho havia iniciado a publicação de livros sobre a URSS e as conquistas do Exército Vermelho. Um dos primeiros livros foi *O Poder Soviético*, livro traduzido do reverendo inglês Hewlett Johnson, com sete edições em dois anos. Três editoras comunistas foram criadas entre 1944 e 1945: Leitura, Horizonte e Vitória. Entre os anos de 1950 e 1960, além dos relatos de viagem publicados, as edições comunistas concentraram-se na divulgação dos avanços e descobertas da ciência soviética. [534]

Dentre as editoras citadas, apenas a Editora Vitória sobreviveria à nova onda repressiva ao comunismo instaurada pelo governo Dutra em 1946-1947. Apesar do breve momento de respiro e alívio dado aos comunistas e simpatizantes brasileiros à URSS, o início da Guerra Fria no Brasil foi precoce. Antes mesmo da declaração da doutrina Truman em 1947, a perseguição aos comunistas brasileiros já se reiniciara em 1946, resultando novamente na proclamação da ilegalidade do PCB em maio de 1947 e na cassação dos mandatos dos eleitos pela legenda em janeiro de 1948.[535] A Editora Vitória, responsável pela publicação de nove relatos de viagem analisados nesta pesquisa, teve suas instalações invadidas pela polícia política cinco vezes (1949, 1950, 1956 e 1964), até o seu definitivo fechamento em 1964. Seu acervo permanece no DOPS carioca até hoje, mesmo havendo esforços de advogados para que ele fosse devolvido a seus responsáveis.[536]

Diversos dos viajantes aqui estudados foram, em algum momento, presos pela polícia política ou tiveram suas obras censuradas por apresentarem ligação com o movimento comunista. Nos arquivos DEOPS/SP, foi possível encontrar várias fichas sobre eles. Muitos já haviam sido presos mesmo antes de suas viagens, ainda na década de 1930. Graciliano Ramos, mesmo não fazendo parte do PCB e não tendo participado da ANL, foi preso em março de 1936 em um arrastão comandado por Newton Cavalcanti, acusado de ter participado da insurreição comunista irrompida no nordeste em 1935.

[533] Abreu, Alzira Alves, CPDOC, [s/ano].
[534] Motta, 2005, p.14.
[535] Idem, 2007, 236.
[536] Idem, 2005,p.6.

Graciliano ainda seria transferido para a Colônia Correcional Dois Rios, experiência exposta, anos depois, em uma de suas obras mais famosas, *Memórias do Cárcere* (1953). Com a ajuda de sua esposa e de contatos com amigos de Maceió, conseguiu ser retirado da Colônia, indo para a Casa de Correção, mas só receberia a liberdade definitiva por meio de pressão de vários intelectuais brasileiros, em janeiro de 1937. A opressão sentida levou Graciliano Ramos ao contato direto com o comunismo, ao qual se filiaria em 1945, após um encontro informal com Luís Carlos Prestes. Seus passos foram seguidos pela polícia política também nas décadas de 1940 e 1950, até o ano da sua morte, em 1953. Heloísa Ramos, sua esposa, também possui um prontuário no DOPS de São Paulo, com dados sobre participações em reuniões comunistas e o cargo que ocupava de 2º tesoureiro na Liga de Defesa das Liberdades democráticas, descrita pelo DOPS como uma possível entidade comunista.[537]

Semelhante a ele, em dezembro de 1935, Caio Prado Junior, vice-presidente da ANL, foi preso no Rio Grande do Sul, também sem culpa formada, permanecendo recluso em São Paulo até junho de 1937, quando o estado de sítio de Getúlio Vargas foi suspenso. Exilou-se na França, como militante do Partido Comunista Francês, atuando em tarefas de apoio e solidariedade aos combatentes republicanos na Guerra Civil Espanhola.[538] Só retornou ao Brasil em 1939, absolvido das acusações. Em 1947, Caio Prado foi eleito deputado estadual em São Paulo, mas seu mandato foi interrompido pela cassação de registro do PCB, e ele novamente foi preso por três meses, em razão da publicação de um manifesto contra uma possível intervenção federal em São Paulo. Após solto, passou a dedicar-se aos afazeres intelectuais e às atividades de sua editora, Editora Brasiliense, mas continuou membro do Partido Comunista.[539]

No início de 1936, Jorge Amado, na época já membro do PCB, também foi preso, acusado de participação nos levantes comunistas de novembro de 1935. No final de 1937, sua obra literária foi taxada de comunista pelas autoridades. Em 1941, Amado viajou para a Argentina e Uruguai, com o intuito de escapar da prisão, uma vez que um processo contra ele fora iniciado. Escreveu então, *ABC de Castro Alves* (1941) e *Vida de Luís Carlos Prestes – O Cavaleiro da Esperança* (1942), fundamentando seu compromisso com o PCB e confirmando

[537] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 113832 (Heloísa Ramos), "Questionário sobre a Situação do comunismo em cada Unidade da Federação". DEOPS/SP.
[538] Karepovs, Dainis, 2003, p.13.
[539] *Ibidem*, p. 22

a associação da literatura com a organização política partidária.[540] Quando voltou, em 1942, foi preso novamente. Em seu relato de viagem, Amado relata algumas de suas impressões sobre a prisão brasileira:

> Por menor tempo que se passe numa prisão brasileira, de qualquer parte do Brasil (conheço prisões em Manaus e em Pôrto Alegre, no Rio de Janeiro e em São Paulo), pode-se constatar a condução de rebotalho humano a que são reduzidos os condenados. Não me refiro aqui sequer às torturas, físicas e morais, inflingidas aos presos políticos. Falo do sistema penitenciário reservado aos condenados por crime comum. Relato apenas um detalhe: quando me encontrava preso, em 1942, na Casa de Correção do Rio de Janeiro, contaram-me presos comuns que uma das fontes de renda dos guardas (verdadeiros bandidos) era a venda, aos velhos criminosos, de condenados jovens. Êstes eram colocados pelos guardas, contra um pagamento em dinheiro, nas celas de certos criminosos que satisfaziam neles seus instintos sexuais deformados pela prisão. Creio que esse detalhe basta para dar uma ideia do quadro de horror das prisões do Brasil.[541]

Em 1945, Amado foi eleito deputado federal pelo PCB em São Paulo, e participou da Assembleia Constituinte de 1946 e da primeira Câmara Federal. Com a declaração do PCB como partido ilegal, ele se exilou inicialmente na França, para depois viver em Praga com sua esposa Zelia Gattai entre os anos de 1950 e 1952. Durante esse período, Jorge Amado continuou sendo investigado pelo DOPS por causa das transmissões da Rádio Moscou, acompanhadas pelo Delegado Especializado da Ordem Política, Manuel Ribeiro da Cruz. Segundo este, Amado afirmara em entrevistas sucessivas a diversos jornais russos que a vida no Brasil para os comunistas estava sendo impossível por conta das perseguições levadas a efeito pelo Presidente General Dutra, lembrando ainda nomes de comunistas proeminentes que estavam presos como Caio Prado Junior, o físico Mário Schenberg e o líder operário Milton Cayres de Brito. Nesse comunicado há uma nota avisando que estava sendo providenciada uma escuta permanente de Moscou, e que relatórios seriam feitos diariamente.[542]

Jorge Amado estava nos países do leste europeu, entre os anos de 1948 e 1949, quando escreveu *O Mundo da Paz*. Em um comunicado do Serviço Secreto do DOPS de 2/12/1948, o mesmo delegado, Manuel da Cruz, informa que o escritor comunista Jorge

[540] Almeida, Alfredo Wagner Berno, 1979, p. 151.
[541] Amado, 1951, p.213.
[542] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 5777 (Jorge Amado): "Irradiação de Moscow ouvida ontem, dia 28 de maio de 1949, para o Brasil, das 22 às 22,30hs". DEOPS/SP.

Amado se encontrava na URSS escrevendo um livro sobre o país, utilizando-se de uma transmissão da Rádio Moscou para atacar o governo do Brasil:

> No dia 25/11/1948, a Radio de Moscou, transmitindo um programa para a América Latina (das 19 às 19,30hs.), apresentou o escritor Jorge Amado, ex-parlamentar comunista, o qual disse que lá se achava escrevendo um livro dedicado à U.R.S.S. O mesmo criticou acerbamente o Governo Brasileiro, taxando-o de "agente do imperialismo norte-americano" e terminou enviando suas "saudações aos camaradas do Brasil." Em seu ataque ao Governo do Brasil, usou nas frasealogias os vocábulos já muito conhecidos e citados, constantemente, pelos comunistas, como sejam: "reacionários", "imperialistas", "capital colonizador", etc, etc.[543]

Um relatório de seis páginas com descrições detalhadas das transmissões de rádio de Moscou a respeito da atividade comunista de Jorge Amado em seu exílio, além de um resumo de notícias dos jornais *Folha da Noite, Diário da Noite, A Gazeta, A Folha da Tarde, Jornal de São Paulo, O Estado de São Paulo*, etc, também encontra-se em seu prontuário. Seus passos continuaram a ser também seguidos após a sua volta definitiva para o Brasil, em 1953. Importante lembrar que, em 1951, Amado foi o primeiro brasileiro a ser condecorado com o Prêmio Internacional Stalin da Paz em 1951, e também acompanhou a condecoração de Elisa Branco Batista em 1952.

Elisa Batista, uma das entrevistadas para o livro *Atravessando as Fronteiras da URSS*, foi também uma das viajantes mais fichadas pela polícia política de São Paulo. Ela já era vigiada pelo Deops em 1945, quando ainda residia em Barretos, no interior de São Paulo. Atuava como secretária do Comitê Municipal e estava envolvida em campanha eleitoral, sendo responsável pela distribuição de propaganda do partido. Em 1948, mudou-se para São Paulo e começou a trabalhar em prol da Campanha pela Paz Mundial. No mesmo ano, foi detida com outros comunistas que organizavam a instalação do I Congresso dos Trabalhadores Têxteis do Estado de São Paulo. Contudo, foi no dia 7 de setembro de 1950 que Batista pronunciou-se contra a guerra, tornando-se a "heroína da paz". No dia da comemoração oficial da Independência do Brasil, no Vale do Anhangabaú, estendeu uma faixa com a frase "Os soldados – nossos filhos – não irão para a Coreia" diante do palanque oficial. Ela protestava por conta da possibilidade de o Brasil enviar tropas brasileiras de apoio aos Estados Unidos na Guerra das Coreias.

[543] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 5777 (Jorge Amado): "Secretaria da Segurança Pública – DOPS, São Paulo – Serviço Secreto. Comunicado preparado por Setor "O.E", 2/12/1948". DEOPS/SP.

Consta que Batista conseguiu fugir antes de ser presa na passeata, sendo encontrada no interior de um ônibus. Por se recusar a descer do ônibus após o investigador Marcos Figueiredo lhe dar voz de prisão, Elisa Batista reagiu dando-lhe uma "forte dentada" no ante-braço direito. Os investigadores decidiram então que o ônibus fosse evacuado para que pudessem levá-la a delegacia. Segundo uma das testemunhas do auto, ela se recusava a sair por saber, através de notícias de jornais, como procedia a Polícia de São Paulo com os presos. Apenas quando um outro investigador prometeu e garantiu que ela não seria agredida é que Batista aceitou passar para um dos carros dos investigadores, sendo então conduzida até o departamento policial.[544]

Durante o período que ficou presa no presídio Tiradentes, muitas manifestações ocorreram e prol da libertação de Batista. O Partido Comunista e o jornal *Hoje* lançaram forte campanha, e até a Rádio de Moscou, em sua transmissão para o Brasil, dedicou alguns minutos em propaganda pela sua liberdade. Em janeiro de 1951, Batista foi signatária de uma carta da Casa de Detenção, com o título: *"Não criamos nossos filhos para a Guerra"*. Em maio do mesmo ano, o Presidente da Associação Beneficente dos Operários de Indianópolis, enviou ao governador do Estado, um ofício que pedia a sua libertação. Embora tivesse sido condenada a quatro anos e meio de reclusão, em outubro de 1951, ela foi posta em liberdade.

Por conta desse ocorrido, Elisa Batista esteve em Viena, como delegada do Congresso dos Povos pela Paz e em seguida foi agraciada com o Prêmio Stalin da Paz em Moscou, em janeiro de 1952. Assim como no caso de Amado, as investigações sobre ela permaneceram pautadas nas escutas da rádio Moscou e no acompanhamento de notícias sobre ela em periódicos comunistas. Em 1964, Batista seria novamente detida pelo DOPS, mas logo libertada, por falta de provas contra ela.

Orlando Loureiro, classificado aqui como anticomunista e que esteve presente na delegação de Elisa Batista, possui também um prontuário no DOPS, mas com um cunho bastante diferente. Em uma carta enviada ao DOPS de São Paulo, Henrique Hankin, diretor da Divisão da Ordem Social de Porto Alegre, se remete a uma entrevista de Loureiro ao jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, com a seguinte justificativa:

[544] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 90796 (Elisa Branco Batista): "Autos de Prisão em Flagrante, de Elisa Branco Batista, 07/09/1950". DEOPS/SP.

> De retorno, com surpresa para os comunistas, [Loureiro] concedeu sensacional entrevista aos principais jornais daqui, e do que, estou remetendo ao amigo, os recortes, pois considero um acontecimento importante, dada a independência do jornalista e mais pelo fato de pertencer ao "Conselho Estadual dos Partidários da Paz." Seria, pois, de grande interesse no combate ao comunismo, a transcrição dessa entrevista nos jornais de São Paulo.[545]

O prontuário segue com a reportagem de Loureiro anexada, de 26 de fevereiro de 1953, cujo título é: "Nunca vi uma sociedade tão dividida em classes como no país do Socialismo." Assim, torna-se explícita a tentativa do DOPS de influenciar no cunho das reportagens anticomunistas presentes nos jornais de maior alcance.

Não somente os comunistas e simpatizantes mais reconhecidos pela mídia brasileira, como escritores e intelectuais, eram alvos da polícia do DOPS. Diversos operários também foram fichados, incluindo todos os autores do relato de viagem *Operários Paulistas na União Soviética*. Dois prontuários, contudo, destacam-se pela quantidade de informações e prisões: os de Antônio Chamorro e Constantino Stoiano.

Stoiano, metalúrgico, iniciou sua saga de prisões aos 18 anos de idade quando, em 17/08/1948 foi preso em São Paulo, juntamente com Ernesto Turoni, por irem regularmente às portas da Fábrica Fundição Brasil "fazerem agitação, no sentido de 'politizarem' seus operários, organizarem comissões de reinvidicações e greve".[546] No dia seguinte, foi realizada uma busca e apreensão de material de propaganda comunista em sua casa. Em seu depoimento no termo de declarações, Stoiano confessou seu contato no PCB e sua tarefa de fazer contatos com operários da tecelagem Egle, com o intuito de saber das condições de vida, salário e outros pormenores dos operários. Ele foi posto em liberdade em 8/11/48, mas voltaria a ser preso por conta da mesma lei, por agitação de greves (Lei 431 de 18/05/1938) em setembro de 1950.

Em 13 de fevereiro de 1970, Stoiano, classificado como "velho militante do Partido Comunista Brasileiro",[547] foi indiciado por atos de terrorismo em prol da subversão da estrutura político social vigente do país, encaixando-se em um crime contra a Segurança

[545] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 119917 (Orlando Loureiro), Carta enviada ao Sr. Dr. Manuel Ribeiro da Cruz, Diretor do DOPS de São Paulo, por Henrique Henkin, Diretor da Divisão de Ordem Social de Porto Alegre, 02/03/1953. DEOPS, São Paulo.

[546] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 95003 (Constantino Stoiano), "Copia do Flagrante contra Constantino Stoiano ou Constantino Stoianov e Ernesto Turoni". DEOPS, São Paulo.

[547] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 95003 (Constantino Stoiano), Copia de autos de Inquerito Policial, 13/02/1970. DEOPS/SP.

Nacional.[548] Em seu auto de qualificação e interrogatório, ele respondeu às perguntas formuladas pela autoridade policial. Por meio de suas respostas, é possível ver o quão detalhista a polícia política procurava ser: Stoiano precisou descrever suas viagens internacionais, inclusive à de Moscou, detalhando a quais cidades foi, quem financiava as viagens e quantos dias ficava em cada lugar:

> [...] o interrogando permaneceu na Alemanha Oriental por dezoito dias, de lá rumando para Moscou, onde ficou por trinta e dois dias, que, as despesas dessa segunda viagem, ou seja da parte referente a viagem à União Soviética, foram custeadas pelo próprio Govêrno daquele Paíz, através do Departamento de Cultura; que, o convite partiu da Delegação Russa que participava do festival aos elementos filiados do Partido Comunista de vários paizes; que, assim – chegou a Moscou no dia 27/04/1952, para assistir as comemorações do dia 1º de maio – que durante a sua visita à União Soviética o interrogando visitou as cidades de Leningrado, Tblise, Riga e Denioprope tesk, que foi recebido por elementos que não se identificaram, mas pode o interrogando deduzir que faziam parte da União Cultural, órgão que se encarregava da recepção de visitantes [...].[549]

O investigador procurou saber também que tipos de visita Stoiano fez na URSS – ele explicita a visita a fábricas, fazendas coletivas e orientações sobre a arte russa – e para onde se dirigiu após a viagem. Ele respondeu que sua delegação viajou para Praga, onde permaneceu 12 dias, tendo sido as despesas pagas pelo governo da Checoslováquia. Após retornarem para a Itália, Stoiano conta que tomou o navio para o Brasil, chegando em terras brasileiras em junho de 1952. O investigador pergunta para quem e onde Stoiano fez seu relatório de viagem, ao que ele responde que fez um relatório de sua visita a Ramiro Lichesi, responsável pelo jornal comunista *A Gazeta Sindical*. Posteriormente, Stoiano comenta que foi editado um "livreto" de título Operário Paulista na União Soviética.[550] Questionado a respeito do lucro das vendas, ele ainda informou que nada recebeu de direitos autorais, uma

[548] A Lei de Segurança Nacional foi promulgada em abril de 1935 e definia crimes contra a ordem política e social. Sua finalidade era transferir para uma legislação especial os crimes contra a segurança do Estado, submetendo-os a um regime mais rigoroso, com o abandono das garantias processuais. A LSN foi aprovada, após tramitar por longo período no Congresso e ser objeto de acirrados debates, num contexto de crescente radicalização política, pouco depois de os setores de esquerda terem fundado a Aliança Nacional Libertadora. Após a queda da ditadura do Estado Novo em 1945, a LSN foi mantida nas Constituições brasileiras que se sucederam. In: CPDOC, Lei de Segurança Nacional (LSN).

[549] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 95003 (Constantino Stoiano), Auto de qualificação e Interrogatório, 06/02/1970. DEOPS/SP.

[550] É interessante observar que o nome dos outros autores do livro não são citados por Stoiano – pode ser que Stoiano tenha omitido o nome dos outros autores, uma vez que o título é citado no singular.

vez que o dinheiro obtido com a venda foi revertido em benefício do próprio Partido Comunista.

Nesse mesmo auto, Stoiano ainda relata sua prisão em agosto de 1961, durante a renúncia do presidente Jânio Quadros, e que, após cessar suas atividades sindicais por receio da prisão em 1964, retomou-as apenas em 1967, quando foi convidado por Rolando Frate a reiniciar suas atividades dentro do PCB. Ao final do questionamento, é ainda indagado: "Está arrependido pela prática do crime porque responde agora, ou acha que a sua atitude foi premeditada e o fim alcançado estava na sua vontade?"[551] Ele respondeu que sim, estava arrependido. Stoiano sofreu torturas durante sua prisão em 1970. Ele foi, em dezembro de 2004, um dos indenizados pela Lei 10559/2002, que trata das condições de anistiado político.

Antônio Chamorro teve uma trajetória semelhante. Ele foi considerado pelo DOPS em 1954 como grande líder comunista, representante do sindicato dos Tecelões. De fato, Chamorro havia ganhado destaque como líder sindical na greve dos 300 mil de 1953.[552] Antes disso, já havia sido recolhido à delegacia em 22/11/1947, por agitação contra a cassação dos mandatos dos políticos comunistas e em 17/02/1948 como agitador de greve. Foi também preso em 30/03/48 e em 13/10/49 por agitações de cunho comunista em porta de fábrica. Nesta última, Chamorro declarou que, após ter sido mandado embora da tecelagem Mirtes, não conseguia encontrar emprego em nenhuma indústria, possivelmente por ter sido fichado pela polícia como comunista, passando a vender revistas para uma agência.[553]

Em 18 de setembro de 1954, o Serviço Secreto arquivou um relatório sobre Chamorro de 16 páginas, detalhando sua participação como líder operário de greves, tumultuador de assembleias, frequentador de livraria comunista, participante de conferências sindicais, etc. Nesse mesmo relatório, há um pedido da Polícia Federal em 19/11/53 para que o departamento passasse a observar rigorosamente os passos de Chamorro, após o seu regresso da Europa, onde teria participado de "conclaves comunistas internacionais." Há

[551] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 95003 (Constantino Stoiano), Auto de qualificação e Interrogatório, 06/02/1970. DEOPS/SP.

[552] A greve dos 300 mil foi considerada um marco no movimento operário brasileiro: uma paralisação que durou 27 dias durante os meses de março e abril de 1953. Antônio Chamorro participou também da Greve dos 400 mil e da Greve dos 700 mil, foi colaborador do jornal *O Trabalhador Têxtil* e editor da revista *Unitextil*, atuando como líder da Federação dos Trabalhadores Têxteis durante o final da década de 1950 até 1964. Ver: Corrêa, 2007, p.154.

[553] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 97084 (Antônio Chamorro), Têrmo de Declarações de 13/10/1949. DEOPS/SP.

ainda a informação de que a "Edições Fundamentos, de caráter comunista nítido, estava fazendo propaganda na saída do prelo, do livro intitulado 'Operários Paulistas na União Soviética', e dos quais constava o nome de Antônio Chamorro [...]".[554] Ainda na folha 13 desse mesmo relatório, encontramos com detalhes os nomes de todos os autores do relato de viagem: José Pedro Pinto, João Sanches, Lázaro Moreira e Constantino Stoiano, dizendo que após eles terem voltado das comemorações do 1º de maio de 1953 em Moscou, haviam escrito um livro sobre suas impressões anotadas na Rússia, editada pelas Edições Fundamentos.

Em 8 de abril de 1964, dias após a proclamação do golpe civil-militar, Chamorro foi indiciado em um Inquérito Policial por infringência à Lei de Segurança Nacional, juntamente com outros ex-diretores da Federação do Sindicato dos Trabalhadores de Fiação e Tecelagem de São Paulo. Foi acusado de ser um desagregador, de insuflar greves ilegais, de incitar as classes sociais à luta pela violência,e de tentar por em funcionamento um partido dissolvido pela força da lei. Em um documento de 22/10/71, Chamorro foi considerado como réu foragido, estando condenado a pagar quatro anos de prisão. Ao que parece, Chamorro conseguiu escapar dos porões da ditadura militar.

Na entrevista que realizei com ela em setembro de 2017, Martha Azevedo Pannunzio relatou retratos da repressão, sentido por ela e sua família, no ano de 1964. Antes disso, Martha conta que, após a publicação do seu livro de só uma edição, no ano de 1959, ela se casou e que, possivelmente por conta da publicação do livro e da maneira como o divulgava (ela o apresentava para seus alunos como o livro que havia escrito), foi demitida do seu cargo de professora de literatura latina no curso de Letras, na Universidade de Mackenzie em São Paulo, onde também havia se formado. Em choque, Martha sofreu um aborto de poucos meses, logo após a sua demissão. Junto com o marido, ela decidiu retornar para próximo da família, em Uberlândia.

Martha relata que, em março de 1964, estava na fazenda, com seus dois filhos de um ano, onze meses e e um filho recém-nascido, de um mês, quando foi avisada por um tio que precisaria fugir, pois os militares, que já haviam prendido três professoras[555] no colégio em

[554] *Ibidem*, Relatório do Serviço Secreto – Informações sobre Antônio Chamorro – 18/09/1954. DEOPS/SP. Na verdade, a viagem havia sido realizada em 1952, como o próprio livro indica.

[555] Martha citou seus nomes: Stela Saraiva (professora declaradamente comunista), Teresinha Magalhães (iria se casar com um comunista que havia ganhado especialização em Leningrado), Helena Uchôa (espanhola, que dava aula de espanhol e também se proclamava comunista).

que trabalhava, estavam indo buscá-la, por ser filha do comunista Afrânio Azevedo e por ser uma professora de português politizada. Segundo ela, o diretor da escola, seu primo, delatou o local da fazenda. Martha então, juntamente com seu marido e seus três filhos, precisou fugir e viver em uma kombi durante quatro meses por estradas da zona rural de Minas Gerais e de Goiás. Ao chegar na fazenda, sem encontrá-los, o exército soltou o gado da fazenda, e, por terem uma informação de que o pai de Martha havia recebido um caminhão de arma e munição de Moscou, que deveriam estar no porão de uma das casas da fazenda, o exército queimou a casa.

Ao ter que retornar para a cidade de Uberlândia, por conta de seu filho bebê estar com febre e com falência respiratória (estava com pneumonia), Martha descobriu que sua casa na cidade havia sido invadida pelos militares, e que sua biblioteca, onde também estavam diversas cópias de *Cartas de dois mundos,* foram queimadas na rua de frente à casa.[556] Meses depois, Martha recebeu uma intimação em sua fazenda, com dez vias de um mesmo documento que dizia, nas palavras dela:

> "Eu, Martha, me comprometo a não exercer o magistério por um prazo mínimo de 10 anos, sujeito a benevolência do Governo Federal. Esse compromisso se estende às escolas da rede pública, particular, e do meu domicílio. Esse documento eu reconheço e assino como prova da minha intenção de me afastar do magistério por eu ser uma pessoa prejudicial à formação da criança brasileira...."[557]

Inicialmente, ela relata que se negou a assinar, porém, sofreu ameaças de ser enviada para a 4ª Região do DOPS de Juiz de Fora, de onde, segundo ela, muitos não voltavam. Martha, assim, decide assinar o documento, que seria uma concessão especial do alto comando do exército do 36º Batalhão. Dois de seus irmãos, também autores do relato, não tiveram a mesma sorte: Seu irmão gêmeo, Mario Augusto, foi preso oito vezes, e seu outro irmão, Afrânio Azevedo, cirurgião responsável pela operação da face de Carlos Lamarca, permaneceu preso em um lugar incomunicável por 90 dias e foi torturado, tendo os seus dedos amassados, e sendo obrigado a assistir a torturas e a estupros de freiras e estudantes universitárias. Os pais deles permaneceram como refugiados políticos, a convite do governo do Peru. Apenas o

[556] Antes da entrevista, e a pedido de Martha, adquiri um exemplar do livro *Carta de Dois Mundos* para ela, pois ela já não o tinha mais.
[557] Entrevista com Martha Pannunzio, 05/09/2017.

irmão mais velho, José Olympio, cujo sogro era Toninho Resende, do PSD, foi poupado, por conta de seu sogro ter contatos com o alto escalão militar.

Simpatizantes à URSS também foram investigados pelo DOPS de São Paulo, como os médicos Milton Lobato e Reinaldo Machado, o médico Raul Ribeiro da Silva (possui em seu prontuário uma informação de que participou de um Congresso Médico Mundial de inspiração vermelha),[558] o jornalista Edmar Morel, o político Josué Guimarães, e as entrevistadas Virgínia Modesto de Sousa e Branca Fialho. Por ter sido presidente da Federação das Mulheres do Brasil, entidade classificada pelo DOPS como de ideologia comunista, Branca Fialho tem em seu prontuário diversas descrições de suas participações em congressos da paz e da própria federação, embora ela própria não seja taxada como comunista. Mesmo assim, foi investigada durante a década de 1950.

Por meio dos relatórios do prontuário de Fialho, é possível perceber que em uma das reuniões a respeito da manutenção da paz também estava presente o juiz Osny Duarte Pereira, viajante não definido, que, segundo o relatório, possuía uma opinião pessimista em relação a uma possível desenfreada corrida armamentista provocada pelos Estados Unidos. O prontuário dele também se encontra no DOPS-SP, sem ter, contudo, qualquer acusação, apenas uma investigação de uma conferência proferida em uma Biblioteca Municipal, com a presença de políticos e diversos líderes sindicais, onde tratou de assuntos a respeito da indústria brasileira, em especial a fabricação de borracha sintética e participação no mercado exterior, como sua submissão ao *trust* norte-americano.[559]

Outros viajantes não definidos também foram fichados: José Campos, Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Goiás, foi classificado em maio de 1952 como "um elemento vermelho".[560] Já no prontuário de José de Freitas Nobre, há as informações sobre a sua participação como 1º Secretário da diretoria do sindicato dos jornalistas profissionais do Estado de São Paulo e informações sobre sua contribuição para a campanha da Paz e contra o uso da bomba atômica em 1952.[561]

---

[558]Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 121412 (Dr. Raul Ribeiro da Silva), Informação nº177/73. DEOPS/SP.

[559] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 132650 (Osny Pereira), "Conferência do Sr. Osny Duarte Pereira na Biblioteca Municipal", Relatório da sub-chefia de Ordem Social. DEOPS/SP.

[560] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 116194 (José Campos), Observações feitas no Triângulo Mineiro e em Goiandira e Catalão do Estado de Goiás. DEOPS/SP

[561] Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuário nº 81145 (José de Freitas Nobre), Informação nº 950/70, 8/10/1970, DEOPS/SP.

É nítido concluir que o anticomunismo no Brasil, especialmente após a ilegalidade do PCB, ditava as regras de investigação e coerção não só aos possíveis comunistas e simpatizantes, mas também àqueles que se aproximassem de organizações ou eventos de esquerda. Além disso, possibilitava ligações da polícia política e do próprio Itamaraty com a imprensa do país. Um clima de insegurança e medo imperava sobre qualquer viajante de ideologia comunista ou simpatizante da causa. A censura e perseguição que vivenciavam no Brasil certamente contribuiu para moldar a maneira como observaram a URSS, um país constrastante que, ao mesmo tempo em que cerceava liberdades individuais, vendia a imagem de ser protetor dos direitos de uma maioria da população, que há menos de cinquenta anos ainda estava subjulgada a uma monarquia também considerada repressora.

O Problema da liberdade: um assunto caro aos brasileiros

Não é de se admirar que os viajantes analisados abordem constantemente a questão da liberdade do indivíduo em seus relatos de viagem, haja vista que a falta dela era bastante ocorrente em suas próprias trajetórias, marcadas por prisões, investigações, censuras e cassações de mandatos. Além disso, questão da falta da liberdade na União Soviética era algo bastante explorado não só pela imprensa brasileira como também por toda a imprensa ocidental, especialmente aquela ligada à falta de liberdade de expressão, seja na realização de cultos religiosos ou na falta de autonomia para críticas ao regime pela imprensa.

Alguns autores separaram um capítulo inteiro para tratar dessas questões. Dois deles, Rubens do Amaral e Caio Prado Junior, um anticomunista e um comunista, chegaram a dar o mesmo nome para o capítulo onde abordam o tema: “O Problema da Liberdade.” É interessante comparar os conceitos que ambos traçaram para essa questão.

Embora seja o único que se declare abertamente anticomunista, Amaral expressa uma ideia de liberdade possivelmente diferente do restante de seus companheiros anticomunistas. Para ele, a existência de uma liberdade completa em sociedade deve estar vinculada às liberdades políticas, isto é, as de pensamento, reunião, associação e voto; e às liberdades civis, isto é, as individuais, ligadas ao domicílio, ao trabalho e à propriedade. A partir disso, Amaral assegura que não havia liberdades políticas na URSS, uma vez que não se admitia oposição de outro partido, nem mesmo oposição dentro do próprio Partido Comunista, impossibilitando

qualquer discussão a respeito do bolchevismo estar certo em sua estrutura e em sua execução.[562]

Já em relação às liberdades civis, Amaral surpreende como anticomunista ao revelar que o povo soviético possuía tipos de liberdades que deveriam ser desejadas para o Brasil, o que até o aproxima das ideias apresentadas por Caio Prado Junior:

> Mais liberdades do povo soviético que devemos querer para o povo brasileiro: a liberdade de acesso à escola, pois que há escolas suficientes, gratuitas ou muito baratas; a liberdade de acesso à assistência médica, hospitalar e farmacêutica, para que ninguém enferme ou morra à míngua de recursos; a liberdade de acesso às creches da infância e à segurança na velhice; e até a liberdade de comer porque, após os períodos de fome, em que houve devastações, hoje não há lá racionamentos de gêneros alimentícios [...][563]

Ao contrário da inexistência das liberdades políticas, Amaral defende que o acesso da população aos serviços públicos seriam exemplos de liberdades civis, dispostas pelo governo soviético, algo que não ocorria de maneira satisfatória no Brasil. Já para Caio Prado, a comparação entre as liberdades no mundo socialista e no mundo capitalista não seria algo tão simples, uma vez que tais sociedades possuíam definições diferentes do próprio conceito de liberdade em si. Para os ocidentais, a liberdade seria o direito do indivíduo em relação à ação do Estado e do Governo. Porém, Caio Prado afirma que quem de fato limitava a ação e coagia o indivíduo nas sociedades modernas eram as próprias restrições que o direito de alguns indivíduos trazia para a liberdade de outros.[564] Ele acusa a forma político jurídica do sistema capitalista de transpor para as relações humanas as normas econômicas características de seu sistema.

Enquanto que a liberdade na democracia burguesa consiste no livre arbítrio, isto é, no livre estabelecimento e aceitação de acordos entre os indivíduos, sendo, por conseguinte, conivente com a desigualdade real entre eles, a liberdade do indivíduo no sistema socialista deve estar subordinada ao interesse coletivo. Caio Prado, porém, faz a ressalva de que esse interesse não se opõe aos interesses individuais, afirmando que "[...] É sempre possível enquadrar os interesses de todos os indivíduos em particular, dentro do interesse geral,"

[562] Amaral, 1952, pp.61 a 63.
[563] *Ibidem*, p.64.
[564] Prado Junior, 1962, pp.31,32.

sendo que, com o passar do tempo, tais interesses poderiam se confundir, uma vez que "[...] a vida coletiva é função, ou deve ser função do indivíduo, e não o inverso".[565]

Amaral não distingue o conceito de liberdade entre os dois sistemas, capitalista e socialista, mantendo apenas um conceito universal para ela, inspirado na teoria do georgismo. Ele sustenta que, para haver liberdade, seria necessário seguir dois princípios: o primeiro seria que todo homem deve ter direito igual ao uso e gozo dos elementos naturais. Nesse primeiro ponto, Amaral explica que o comunismo coincidia com a teoria georgista, já que na URSS os bens, como a terra, pertenciam ao Estado, isto é, à nação, ao povo. Assim, o povo soviético tinha liberdades fundamentais, como a posse de quedas d'água, jazidas de petróleo, minas de carvão, de ferro e de outros minerais. Isso permitia, por exemplo, a construção de grandes centrais elétricas que se colocavam à serviço da população, sem privilégios de nenhum capitalista que poderiam explorá-las em benefício próprio.[566]

Até esse ponto, seu ponto possivelmente coincide com o de Caio Prado. Contudo, o segundo princípio apresentado por Amaral, também do georgismo, traz a divergência entre as teorias e entre ambos, pois sustenta que cada homem deve ter o direito exclusivo ao uso e gozo do produto do seu trabalho, o que se chocaria frontalmente com o regime socialista, onde a produção do indivíduo deve pertencer ao Estado que estaria cada vez mais em marcha para a coletivização, isto é, impedindo que cada indivíduo tivesse acesso ao fruto do seu próprio trabalho. Amaral, portanto, seria um exemplo para Caio Prado do conceito da liberdade individualista e ocidental.

Ao contrário de Amaral, Caio Prado deixa claro que a preocupação com o interesse coletivo seria a única maneira de atender a esses interesses individuais. Para atingi-lo, seria necessário chegar a um consenso geral, o qual não se efetuaria sem debates e divergências, porém, uma vez estabelecido, não haveria mais lugares para antagonismos e conflitos.[567] Seu discurso apresenta-se de uma maneira mais sutil do que demonstrava em 1934, em que afirmou:

> Quanto à violência, ela é a lei das transformações sociaes [sic], nenhuma operou sem o seu concurso. Uma sociedade de classes, fundada em conflitos

[565] *Ibidem*, p.40.
[566] Amaral, 1952, p.64. Amaral justifica essas liberdades dizendo que não há donos dos bens criados por deus, não devendo eles serem propriedades privadas ou monopólios de que não os produziu.
[567] Prado Junior, 1962, p.41.

> permanentes, só pelo aguçamento destes conflitos, levados ao extremo da violência, é capaz de se transformar, de evoluir.[568]

A ideia de violência não é citada no segundo relato de Caio Prado, ela dá espaço para a ideia da luta propagandística e persuasória do Estado socialista, demonstrada pela afirmação de Caio Prado de que o consentimento e a cooperação dos cidadãos soviéticos é estimulado e impulsionado pelos comunistas numa ação "... persuasiva, pertinaz e ininterrupta que se coroa de êxito graças principalmente às suas reconhecidas e indisputadas qualidades morais, dedicação à causa do socialismo e alto nível de preparo cultural e ideológico que é o dêles [*dos comunistas*]."[569]

A comparação de ambos os relatos de Caio Prado serve como um exemplo da transição de um mundo em guerra e de lutas, como a própria Revolução Russa de 1917 e a guerra civil nos anos seguintes, seguida pelas bruscas mudanças implantadas por Stalin ao final da década de 1920, para o mundo da Guerra Fria das décadas de 1950 e 1960, onde o regime soviético já bem instalado e fundamentado travava embates indiretos com os regimes capitalistas por meio de ideais transpostos especialmente nos meios de comunicação. Isto é, teoricamente, eliminou-se a ideia de violência utilizada inicialmente para a implantação do socialismo, e enfatizou-se o discurso da propaganda e persuasão, para mantê-lo vivo, como vemos nas palavras de Caio Prado na década de 1960:

> [...] amplia-se cada vez mais o papel de processos educativos e suasórios no encaminhamento das determinações políticas e administrativas, **reduzindo a compulsão e imposição de medidas autoritárias.** É aliás graças a isso, como logo veremos, que se torna possível mobilizar em escala crescente grandes massas de cidadãos estranhos aos órgãos estatais que voluntariamente e sem retribuição alguma participam não sòmente da supervisão e fiscalização do cumprimento das leis e normas administrativas, mas se incumbem de assegurar a ordem pública, prevenindo e reprimindo as atividades e práticas nocivas à coletividade.[570]

Caio Prado enaltece as medidas educativas e persuasórias em detrimento da imposição de medidas autoritárias. Isto é, a educação ideológica teria o seu valor para que não fosse necessário a utilização do uso da força. Dessa maneira, os próprios cidadãos

[568] Idem, 1934, p.24.
[569] Idem, 1962, pp.122, 123.
[570] *Ibidem*, pp.154,155. Grifos meus.

educados pelo conhecimento socialista poderiam fiscalizar o cumprimento de leis e normas administrativas, possibilitando o início do desaparecimento do Estado.

Fica claro que a liberdade do indivíduo para Caio Prado deve se subordinar aos interesses gerais. Ele justifica afirmando que, diferentemente do que ocorria no capitalismo, tais interesses não deveriam ser estranhos aos indivíduos, pois os próprios interesses individuais, considerados em uma perspectiva ampla e a longo termo, poderiam ser alcançados por meio da cooperação de todos, o que o permite afirmar que a liberdade no socialismo seria maior do que no capitalismo, já que não seria subordinada a interesses particulares.

Amaral não concordaria com os argumentos de Caio Prado por defender os princípios dos direitos individuais do georgismo, mas é interessante perceber que, mesmo declarando-se anticomunista, ele não fecha os olhos para o cerceamento de diversas liberdades civis presentes na realidade brasileira:

> Têm liberdade de domicílio os que povoam os porões, cortiços e as favelas, como se livremente escolhessem, para si e os seus, esses ergástulos, onde enferma o corpo e se corrompe a alma, em trevas úmidas e em promiscuidade de gado? Têm liberdade de trabalho os que, porque não podem trabalhar para si, trabalham para outrem, sob condições que não definirei dado que por si se definem em amarguras individuais e em ressentimentos de classes? Têm liberdade de propriedade os que, sem poder adquirir um pedaço de chão, ainda pagam caro o direito de produzir, de trocar e de consumir, sob a chusma dos tributos que oneram até o direito de trabalhar, sob a forma de contribuições de previdência? [...]
>
> Se os homens fossem realmente livres, nenhum elegeria para si o direito de ser analfabeto, de passar fome, de andar semi-nu, de morar em porões nas cidades e em choças na roça. Nem o direito de morar a quilómetros do local do trabalho, em ruas privadas de calçamento, iluminação, água e esgoto. Nem o direito de molhar-se à chuva e de torrar-se ao sol nas filas de ónibus e nos pontos de bondes para depois viajar tão confortavelmente como os bois que vêm de Mato Grosso para o matadouro de Carapicuíba. Admiti-lo seria admitir que a humanidade não passa de uma imensa manada de irracionais conformados, por serem irracionais, com semelhante condição.[571]

Caio Prado certamente concordaria com os questionamentos de Amaral. Uma conversa entre ambos teria sido proveitosa. A questão da liberdade, porém, para Caio Prado, não seria o fim do socialismo, como o é no capitalismo, mas sim o meio para se atingir a realização da personalidade do indivíduo:

[571] Amaral, 1952, p.63.

> No socialismo, o indivíduo quando parte para sua jornada pela vida social, não se acha formalmente revestido de uma liberdade do tipo burguês e em princípio ilimitada, mas que não passa para a maioria dos indivíduos de um direito abstrato e irrealizável. Êle encontra prefixado o seu comportamento. Mas sabe que esse comportamento o libertará de quaisquer contingências, e lhe permitirá alcançar a plena realização de sua personalidade. Isso porque as normas a que se submete se enquadram num conjunto que é estruturado para atender aos interêsses da coletividade a que pertence, não objetiva em última instância senão o seu próprio interesse individual.[572]

Submeter-se às normas do socialismo, aos interesses coletivos, e lutar pela eliminação de classes e a igualização e equiparação de todos os indivíduos, seria para Caio Prado a chave para se conquistar o verdadeiro conceito de liberdade. O restante dos comunistas não chegaram a abordar o assunto de forma tão conceitual como Caio Prado, no entanto, procuravam, em diversos momentos de suas narrativas, ressaltar a liberdade e a responsabilidade do indivíduo na sociedade soviética, em contraste com a repressão e o individualismo da sociedade capitalista.

Constantino Stoiano, ao reparar nas saudações realizadas à Stalin no dia 1º de maio, comenta que aquela imensa massa havia conquistado a liberdade e construía pacificamente uma vida de progresso e felicidade.[573] Logo em sua chegada a Moscou, uma das primeiras impressões de Jorge Amado é sobre a disciplina dos soldados e a consciência da responsabilidade dos cidadãos soviéticos:

> Não vi, em minha vida, soldados mais disciplinados, porém essa disciplina **nada tem que ver com a submissão amedrontada**, base das relações entre oficiais e soldados no mundo capitalista, que estabelece um espírito de casta e de servilismo. O fato novo, importante, é que cada cidadão soviético, por mais humilde que seja o posto que ocupe, **está consciente de sua responsabilidade**, sabe que seu trabalho é útil a todos, qualquer que seja a tarefa que realize e o posto que ocupe. É essa consciência de uma responsabilidade coletiva que cria tal espírito de fraternal cordialidade. [574]

Percebe-se que os comunistas não descreviam possíveis repressões a que soldados ou mesmo a massa poderiam estar submetidos. A disciplina e obediência rigída se deveria ao fato de que eles estavam conscientes de suas funções, procurando alcançar os objetivos do

[572]Prado Junior, 1962, p. 78.
[573] Stoiano *et alii*, 1952, p.21.
[574] Amado,1951, p.35. Grifos meus.

socialismo. Isto é, há uma justificativa quando algum tipo de falta de liberdade ou excesso de autoritarismo são notados. Ao mesmo tempo, impressões contrárias ao que os jornais anticomunistas publicavam no Brasil são ressaltadas, como as possibilidades de liberdades individuais no país soviético. Graciliano Ramos, ao visitar o jardim de infância da fábrica de meias de Tblissi e assistir a uma aula de dança onde não havia regras estabelecidas para as crianças, comenta sobre esta falta de normas como se fosse algo natural e recorrente na URSS: "Não lhe impunham regras, **é claro**: moviam-se em uma coreografia original."[575] Logo em seguida, uma das crianças diz para a professora que quer dançar com uma boneca. Isso já é o bastante para Graciliano comentar sobre o "direito de querer" existente na URSS: "Então neste país onde se arrasou o individualismo, as ninharias de cinco anos têm o direito de *querer*? Têm. A menina pegou a boneca e deu-nos uma pantomima cheia de lágrimas e risos."[576]

Os autores buscam exaltar essa liberdade do indivíduo na sociedade soviética nos mais variados aspectos. Ao notar pelas feições diversas nacionalidades presentes nas ruas soviéticas, como eslavos, mongóis e armênios, Amado conclui afirmando ser o desaparecimento da opressão racial, liquidada, segundo ele, pela "admirável política nacional de Stálin", aproveitando a anedota para concluir: "São homens de u'a mesma família, qualquer que seja a côr dos seus olhos, as nuances de pigmentação, as diferentes formas de rosto, **são todos livres** e iguais cidadãos da sociedade soviética".[577]

Semelhantes aos comunistas, simpatizantes também buscam notar as possíveis liberdades existentes ao povo soviético. Branca Fialho relata que o povo soviético era continuamente posto a par dos planos e projetos, das realizações e das dificuldades ou soluções encontradas, todos colaborando conscientemente para a obra comum. Ela defende que os soviéticos tinham liberdade para apresentar ideias para a melhoria ou aumento da produção, ou da organização do trabalho, sendo ainda recompensados caso a ideia fosse boa.[578]

Ao comentar que assistiu a três julgamentos na URSS, Filhao também afirma que os juízes soviéticos tinham mais liberdades para julgar, não sendo obrigados a intepretações

[575] Ramos, 1954, p.110. Grifos meus.
[576] *Ibidem*, p.110.
[577] Amado, 1951, p.69. Grifos meus.
[578] Fialho, 1951, p. 30.

restritas da lei, assumindo atitude paternal e aconselhando as partes, procurando resolver os conflitos de maneira amena.[579] Tal impressão é contrária à do engenheiro anticomunista John Cotrim, que, embora não comente sobre os juízes, descreve em seu relato uma possível extinção da profissão de advogado na sociedade soviética, por não ter utilidade em um regime sem liberdades individuais, sem propriedades nem atividades industriais ou comerciais privadas. Cotrim aproveita ainda para ironizar comentando que as faculdades de Direito brasileiras seriam os maiores centros de "agitação comunista estudantil, num inconsciente autofagia da profissão a qual pretendem dedicar-se."[580] No mesmo sentido, José Campos, juiz do Estado de Goiás e um dos viajantes de ideologia não definida, afirma que não existia na URSS o direito ao *habeas-corpus* e à defesa ampla, nem a possibilidade de nomear testemunhas para rebater as acusações, no caso de crimes políticos. Além disso, ele afirma que os processos de auto-acusação feriam todos os princípios de liberdade e de dignidade humanas, havendo penas muito severas contra todo ato de indisciplina, insistência no erro ou afrouxamento no trabalhar por parte do operário.[581]

Um dos momentos em que a questão da liberdade é mais colocada em xeque pelos viajantes é quando investigam a liberdade religiosa na União Soviética. Existia a ideia no Brasil de que a liberdade de culto havia sido extinta, uma vez que a teoria socialista se posicionava contra a religião. José Campos chega a citar um discurso de Lênin de 1909 de seu livro *Marx, Engels e o Marxismo* onde ele afirma que os comunistas deveriam lutar contra a religião. A partir disso, as igrejas deveriam ser transformadas em teatros, estábulos, depósitos de cereais, etc.[582]

Como exemplo dessa impressão que pairava no Brasil, o político Josué Guimarães relata que muitos jornalistas brasileiros assinaram artigos afirmando que cristãos russos rezavam suas missas nas catacumbas, como nos tempos de Diocleciano, sempre expostos à chibata dos soldados comunistas.[583] Já Nestor de Holanda comprou um guia na cidade de Moscou para turistas e tomou um táxi para visitar a igreja, sem a presença de cicerones.

[579] *Ibidem*, p.28.
[580] Cotrim, 1962, p.67.
[581] Campos, 1953, p.267.
[582] *Ibidem*, p.280.
[583] Guimarães, 2001, p.57.

Procurou manter segredo pois, pelo que lhe diziam da Rússia, o pessoal do Kremlin, para lhe iludir, seria capaz de inventar, do dia para a noite, padre, missa, igreja e crentes.[584]

Por conta dessa polêmica, dificilmente um viajante deixou de se posicionar sobre o assunto. Comunistas como Jorge Amado e Caio Prado procuraram explicitar que a liberdade religiosa era garantida pela Constituição da URSS, assim como o direito de não possuir religião, este sim, negado pelos países capitalistas.[585] Graciliano Ramos também afirma brevemente que as crenças eram respeitadas na URSS.[586] Caio Prado ressalta que o funcionamento das igrejas realizava-se sem nenhuma oposição ou objeção do governo ou particulares, e que o culto religioso de diferentes crenças era praticado nos países socialistas sem obstáculo ou constrangimento algum. A única diferença é que o socialismo excluía a religião das preocupações do Estado, mas continuava respeitando sua existência.[587]

Comunistas e simpatizantes permeiam seus relatos com exemplos para comprovar a liberdade religiosa. Zélia Gattai descreve a sua surpresa ao passar o Natal em Moscou e ter visto árvores enfeitadas, músicas natalinas e inclusive a presença de papai noel. Ao encontrar um padre no teatro, foi informada por ele de que a igualdade e a fraternidade era o que se praticava no regime soviético.[588] Também Olympio Fernandes Mello, sindicalista, relata que ao conhecer o padre local de um mosteiro na Armênia, este fez questão de frisar que o regime soviético jamais tomara qualquer atitude contra o lugar, e que nunca tinham sido impedidos de pregar livremente a religião.[589] Ao assistir a uma missa no dia 2 de novembro, Finados, na Catedral de São Vladimir em Kiev, Victorio Martorelli, também comunista, descreve:

> Nenhuma diferença das missas que vemos no Brasil, exceto o fato de que lá o ritual é ortodoxo, o que sempre foi maioria mesmo antes da revolução. Estava ali, à nossa vista, a prática da liberdade de culto que os inimigos do socialismo dizem não existir na União Soviética.[590]

É nítido notar que a visita a alguma igreja era passagem obrigatória no itinerário dos viajantes, justamente para possibilitar a observação da liberdade de culto. Muitos deles são

[584] Holanda, 1962, p.30.
[585] Amado, 1951, p.209.
[586] Ramos, 1954, p.130.
[587] Prado Junior, 1962, p.73.
[588] Federação das Mulheres do Brasil, 1954, p.164.
[589] Mello, 1954, p.133.
[590] Martorelli, 1958, p.88.

justamente encaminhados a igrejas católicas, o que faz com que esbanjem reações de surpresa, como demonstrou Josué Guimarães, ainda em Praga, já considerando estar no mundo por trás da Cortina de Ferro:

> Ora, encontrar católicos apostólicos romanos, atrás da "Cortina de Ferro", representa praticamente receber um balde de água fria no rosto. Eles ali estão, enchendo as naves das igrejas e catedrais, tomando comunhão, confessando seus pecados, ouvindo os sermões dos vigários. Em qualquer lugar público, as tendas oferecem aos passantes santinhos coloridos, como em qualquer festa de igreja no Brasil.[591]

Ao comentar sobre a liberdade de culto na URSS, após assistir a uma missa dominical na Igreja de São Luís dos Fransceses, Paschoal Lemme relata que uma senhora se dirigiu até sua delegação, e disse-lhes que chorava de emoção por verificar que professores estrangeiros ficaram sabendo que o povo russo gozava de completa liberdade religiosa.[592] Lemme também descreve comparações com a Rússia czarista, onde a igreja ortodoxa ocupava situação preponderante, gozando de certos privilégios. Já na URSS, segundo ele, não haveria religião privilegiada, pois todas as igrejas e religiões seriam iguais perante a lei.[593]

Por conta disso, haveria uma diversidade de religiões a serem observadas no país soviético. Martha Azevedo relata que havia tantas religiões que não conseguiria saber o nome nem da metade: "Há templos e seitas para todo gôsto. São, na maioria, ortodoxos os templos e riquíssimos, conservados com o requinte czarista. As sinagogas e mesquitas numerosas também estão abertas e vazias, conservadas como joia."[594] Ela observa que alguns templos haviam sido transformados em salas de estudo, cinema, recreio, mas não por heresia, e sim por necessidade, suprimindo-se apenas o supérfluo, justamente por haver "muita igreja sobrando."[595]

Alguns dos viajantes simpatizantes, no entanto, procuram apresentar ideias mais afrontivas. O jornalista José Morel, ao visitar uma igreja em Moscou, segue a ordem dos demais comunistas e afirma que qualquer templo funcionava livremente. Contudo, ele nota a ausência de jovens nas igrejas. Os próprios sacristãos, ele descreve, eram homens já de

[591] Guimarães, 2001, p.57.
[592] Lemme, 1955, p., 178.
[593] *Ibidem*, p.174.
[594] Azevedo, 1959, p.108.
[595] *Ibidem*, p.112.

idade. Ao indagar um jovem universitário, recebeu a resposta de que a sua religião era o trabalho, e que a religião tradicional estava morrendo de velhice. Morel então conclui que o problema de um possível desaparecimento da religião na URSS não seria por conta de uma perseguição do socialismo à religião, mas sim devido aos diferenciados interesses dos jovens soviéticos, que consideravam as religiões desatualizadas com sua atualidade:

> Todas as religiões desaparecerão, na Rússia, à proporção que os velhos deixarem de existir. Os jovens manifestam o mais profundo descaso pelo culto e acham graça quando um jornalista, no meu caso, procura entrevistar o Patriarca Alexis, que conheci no Brasil, em casa do editor Calvino Filho, numa recepção em homenagem ao Bispo de Maura, D. Carlos Duarte. [596]

Assim como defende Morel, simpatizante, Osny Pereira, viajante não definido, conclui que o povo soviético caminhava para uma indiferença religiosa, algo que, para ele, poderia ser observado em todo o mundo, e teria como justificativa uma possível inoperância da Igreja nos problemas sociais, por insistirem em soluções obsoletas e humilhantes, como a esmola.[597]

A opinião de viajantes não definidos é semelhante à dos simpatizantes, pois eles observam a liberdade de culto na URSS, embora afirmem que o socialismo era ateu. Em relação à religião ortodoxa, Osny Pereira relata que seu patriarca em Moscou dirigia a igreja em perfeita harmonia com o Estado, estando presente em vários atos oficiais. Contudo, Pereira deixa claro que nem sempre havia sido assim: no período anterior à Revolução, a Igreja Ortodoxa estava intimamente ligada aos czares, que lhe concediam privilégios excepcionais, de modo que logo após a revolução russa perdeu suas regalias, teve represálias, resultando em lutas implacáveis e ”excessos sanguinários”.[598] No mesmo sentido, Campos declara que no início os cultos religiosos desapareceram, e, como por um encanto, a erva daninha cresceu nas portas e nos muros de todos os templos.”[599]

O jornalista e anticomunista Rubens do Amaral apresenta uma retrospectiva semelhante, porém mais completa, explicando que no começo da revolução o ateísmo era uma imposição do regime, declarando-se guerra à religião até 1923. Houve então um período de concessões (que coincide com o período da NEP), até o início da coletivização forçada, já

[596] *Ibidem*, p.130.
[597] Pereira, 1952, p.292.
[598] *Ibidem*, p.291.
[599] Campos, 1953, p.280.

entre os anos de 1931 e 1933, quando clero e fiéis foram acusados de cúmplices na resistência camponesa. Após um certo amortecimento da guerra antirreligiosa, a ação política teria se estendido ao terreno religioso, renovando-se os rigores contra as igrejas com os expurgos de 1937. Somente a partir de 1940 a situação melhorou:

> De 1940 em diante, uma fase de crescente tolerância. Diz-se que Stálin atendeu a um apêlo nesse sentido a êle enviado por Franklin Roosevelt, que visava melhor aceitação, pelo cristianismo ocidental, da aliança militar dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da França com a União Soviética. Depois, a Igreja, perante o inimigo nazifascista, deu convincentes provas de fidelidade à pátria soviética. Por fim, integraram-se na órbita de Moscou países de predomínio católico, como principalmente a Polónia e a Checoslováquia, cujos sentimentos religiosos não deviam ser chocados pela conduta do Cremlin para com os cristãos no império de Stálin. E assim passo a passo, vem-se restaurando a liberdade de religião na URSS, de modo a parecer que, pelo menos por enquanto, seria inexato falar em intolerâncias e perseguições.[600]

Amaral, Campos e Pereira, fazem observações semelhantes. Eles sustentam que a religião voltava a crescer na União Soviética, e que igrejas e antigos seminários encontravam-se abertos. Concordando com os comunistas, Pereira e Campos também afirmam que o artigo 124 da Constituição, aplicada por Stalin, inseriu o princípio democrático da liberdade religiosa, em limites justos. Campos conclui dizendo que a liberdade de religião havia sido permitida por dois fundamentos: um de natureza externa, que seria por conta dos benefícios da propaganda aos países profundamente cristãos, como uma demonstração de que a URSS estava dando passos largos para o regime democrático, e outro de natureza interna, sustentado na ideia de que a prática religiosa já não constituía empecilho para o regime, pois não se intrometia nos assuntos políticos.[601]

Nesse mesmo sentido, já na década de 1960, Nestor de Holanda, após assistir a uma missa na Igreja São Ludovico em Moscou que o fez relembrar memórias de sua infância, relata ter perguntado ao padre se era comunista, ao que este respondeu dizendo ser apenas padre. A partir disso, Holanda conclui que todas as religiões na URSS tinham inteira liberdade, mas eram afastadas do poder público. Para ele, embora houvesse religiosos em postos de

[600] Amaral, 1952, pp.51,52. Em outro momento de seu relato, Amaral deixa subentendido que não considerava a religião como algo libertário. Ele afirma que o ser humano, embora tivesse se libertado de seguir a natureza, ainda era dominado por contingências materiais e superstições espirituais, uma vez que para que houvesse "pagés" era preciso que houvesse rebanhos de crentes submissos pela ignorância à sua autoridade. *Ibidem*, p.61.
[601] Campos, 1953, p.282.

comando, como no governo, judiciário, sovietes, ministérios e repartições, os religiosos não confundiam suas crenças com o dever de cumprir. Assim também, segundo ele, havia professores crentes, mas que não ensinavam suas doutrinas nas escolas.[602]

Comparar as opiniões de comunistas, simpatizantes e não definidos com as dos demais anticomunistas (Cotrim, Loureiro, Nascimento Brito e Silveira Bueno) sobre a questão da liberdade religiosa na União Soviética nos dá a impressão de que estes últimos estavam em outro país, de tão diferenciadas que são suas observações, a partir do que suas ideologias discordantes permitem opinar sobre os mesmos fenômenos que observam, como é perceptível nas impressões do engenheiro John Cotrim:

> Poderia ainda relatar, por exemplo, o que nos foi dado observar em relação à questão religiosa: igrejas transformadas em casas-de-cômodos e o aspecto patético de uma missa, frequentada somente por gente idosa, uma vez que as novas gerações já sofreram completa lavagem cerebral, que lhe extirpou qualquer vestígio de espírito religioso; o ar semi-clandestino dessa mesma cerimônia de culto, numa das raras igrejas ainda em funcionamento à guisa de propaganda da "tolerância religiosa" do regime [...] [603]

Enquanto que para alguns simpatizantes e viajantes não definidos a ausência de jovens era justificada pela obsolescência das igrejas, para Cotrim isso acontecia pela "lavagem cerebral" da ideologia comunista. Ao visitar as igrejas da Armênia soviética e encontrar o retrato de Stalin na casa patriarcal, Orlando Loureiro declara que as igrejas continuavam a sobreviver precariamente, mas por conta da própria instituição religiosa ter se submetido ao poder despótico do Estado, que acabou transformando-a em um instrumento de opressão contra os resistentes que vieram do regime anterior.[604] Assim como ele, Silveira Bueno também nota a inferioridade da igreja ortodoxa perante os líderes comunistas, que a tratavam com desprezo. Ao visitar uma Igreja Ortodoxa em Minsk, relata:

> Procuramos falar com o padre que respondia às perguntas do guia mas se esquivou a tôda e qualquer conversa, olhando sempre para êste, temeroso de incorrer no crime de falar a estrangeiros, possìvelmente americanos, o espantalho dos russos. A igreja ortodoxa está em plena "cooperação" com o comunismo, não oferecendo nenhuma dificuldade ideológica, tratada, entretanto, com altivez e desprêzo pelas autoridades. É um mal tolerado, explicava-nos Ígor, o estudante que

[602] Holanda, 1962, p.31.
[603] Cotrim, 1962, p.67.
[604] Loureiro, 1954, p.79.

> nos acompanhou, guia e intérprete, durante dezoito dias de excursão, responsável pelo nosso comportamento. Aí encontramos muito pobres, mendigos, que esperavam as sobras da mesa dos padres. À nossa chegada, foram todos afastados para que não nos dessem má impressão.[605]

Silveira Bueno, que antes de ser aprovado para a cátedra de Filologia Portuguesa da Universidade de São Paulo, chegou a iniciar a carreira eclesiástica como padre, matriculado no Seminário Menor de Pirapora, e cinco anos depois, no Seminário Provincial de São Paulo,[606] narra também distinções de tratamento entre os católicos e ortodoxos na URSS. Ele declara que, ao contrário dos católicos, que mantinham suas igrejas católicas abertas, embora vazias, a situação dos ortodoxos era "miserabilíssima", pois sem força moral para resistir e sofrer as consequências como faziam bispos e cardeais que morriam no cárcere mas que não renegavam a sua fé, os ortodoxos eram atrasados, ignorantes e muitos de seus padres haviam desertado de suas igrejas, experimentando os horrores da pobreza quase obrigados a esmolar para comer.[607]

Já Nascimento Brito, jornalista, se mostra discordante de Silveira Bueno e Loureiro, ao acreditar que a Igreja continuava existindo com liberdade não porque o Estado soviético permitia, mas sim pelo próprio espírito religioso do povo. Por conta disso, o culto religioso denunciava a tristeza de uma população que estava submetida a um processo impiedoso de opressão, pois o governo soviético negava ao povo a existência de valores espirituais e a fé em Deus. Ao elogiar a beleza de igrejas e capelas do tempo bizantino, Brito afirma que nem mesmo a propaganda comunista e a brutalidade do regime serviram para sufocar o espírito religioso do povo soviético.[608]

Para a maioria dos anticomunistas, a religião na URSS havia sido substituída pelo culto a seus líderes, sendo Lênin o deus de uma Rússia sem liberdade, como aquela que havia destruído. Ainda segundo Nascimento Brito, o governo soviético negava ao povo a existência de valores espirituais e a fé em deus, substituindo a necessidade espiritual de uma fé divina por um misticismo político não eterno, pois se afundaria em valores perecíveis e materiais.[609]

---

[605] Silveira Bueno, 1961, pp.72, 73.
[606] Freitas, Anamaria G.B, 2014, p.214.
[607] *Ibidem*, p.120.
[608] Brito, *Depoimento sôbre a União Soviética*, 1963, p.10.
[609] *Ibidem*, p.8.

Nesse mesmo sentido, Silveira Bueno, que visita a URSS quando ambos os corpos de Lênin e Stalin estão no mausoleu, observa:

> Não querendo o comunismo reverenciar a Cristo, criou para si a nova religião, que tem o seu templo máximo, a sua "Kaaba", no mausoléu onde repousam os corpos desses dois homens responsáveis por monstruosidades que seus próprios devotos não podem negar. Em lugar da Cruz, a Foice e o Martelo: foice para cortar, martelo para esmagar todo aquêle que ousar erguer-se contra os dogmas da nova religião, que se vai espalhando pelo mundo. Cortam e esmagam para depois envolver suas vítimas no sudário rubro da sua bandeira côr de sangue.[610]

A maneira como expõem suas impressões sobre a religião na URSS, inclusive conectando-a ao viés político do culto às personalidades de Lênin e de Stalin, serve para reforçar e denunciar a influência da ideologia anticomunista em tais viajantes, mesmo eles não se afirmando como tal. O fato de encontrarem igrejas abertas na URSS não foi o suficiente para que afirmassem a liberdade de culto no país. O que seus olhos e suas mentes permitiram observar no cotidiano soviético foi um contraste absoluto com o que estavam acostumados a vivenciar no cotidiano cristão brasileiro, onde as igrejas possuíam forte influência, inclusive nas pautas políticas.

Os anticomunistas também são taxativos em relação à liberdade de expressão e de imprensa: estas não existiam na União Soviética. Cotrim chama a atenção para a impossibilidade de o povo soviético fazer qualquer contato com o mundo exterior, seja por meio de viagens, seja por meio da imprensa, sendo esta característica, o isolamento em relação ao resto do mundo, o que mais feria a sensibilidade do homem do mundo livre:

> Habituados que estamos a ter diariamente, pelos jornais, revistas, rádio e televisão, notícias pormenorizadas de tudo o que acontece no país e no mundo [...]; é impossível compreender que se possa manter um sistema pelo qual um imenso país com mais de duzentos milhões de habitantes, com razoável nível de instrução, fique completamente bloqueado, não só desconhecendo os fatos mais elementares da nossa vida como tendo dela uma visão deformada por insidiosa propaganda.[611]

[610] Silveira Bueno, 1961, p.122.
[611] Cotrim, 1962, p.61.

Cotrim relata que os jornais *Pravda* e *Izvetia*, possuindo de quatro a seis páginas apenas, nada informavam, "a não ser pílulas tendenciosas e azedas exclusivamente sobre os aspectos negativos da vida do Ocidente."[612] Assim, não sabendo de nada sobre os outros países, habituados a comparar tudo com o que havia no tempo dos czares, e enaltecidos pela glória dos seus astronautas ao início da década de 1960, Cotrim afirma que os soviéticos estavam convencidos de viverem no melhor dos mundos, vivendo em uma ilusão em busca da glória do partido e do socialismo.[613] Contudo, ele enaltece a existência de um público jovem *underground*, consciente da falsidade da propaganda sobre o mundo exterior, e que não se conformava com o isolamento, estando disposto a obter informações diversas, mesmo colocando em risco sua própria segurança.

Em relação aos jornais soviéticos, Loureiro explica que todos os jornais, direta ou indiretamente, estavam nas mãos do governo. Segundo ele, oficialmente, o *Pravda* seria o jornal do Partido Comunista e o *Izvestia* seria órgão do governo russo, sendo os demais jornais soviéticos subordinados a esses dois diários-líderes da imprensa comunista, refletindo a mesma opinião oficial de maneira uniforme.[614] Também afirmando que esses dois jornais eram os centralizadores das informações, Nascimento Brito ainda observa que toda a matéria era manipulada, dirigida e controlada pelas duas organizações.[615]

Assim, a função da imprensa soviética, na visão dos anticomunistas, seria servir de porta-voz do governo junto às massas populares, não existindo opiniões divergentes a respeito de um mesmo fato ou acontecimento, uma vez que o direito de opinar seria uma prerrogativa apenas das elites dirigentes:

> As rotativas dessa poderosa usina geradora do pensamento comunista rodam ininterruptamente, dia e noite, para alimentar uma das mais fantásticas organizações de propaganda mundial de que se tem notícia. Essa verdadeira enxurrada de literatura marxista inunda os pontos mais remotos da terra e representa a persistente contribuição de Moscou aos seus fiéis, para as tarefas da catequese e proselitismo do proletariado universal. São milhares de toneladas de papel e tinta despejadas mensalmente na garganta anônima das grandes capitais do mundo, numa batalha obsedante pela arregimentação dos rebanhos humanos extraviados na voragem dos conflitos sociais e econômicos do nosso tempo.[616]

[612] *Ibidem*, p.59.
[613] *Ibidem*, p.65.
[614] Loureiro, 1954, p.94.
[615] Brito, *Depoimento sôbre a União Soviética*, 1963, p.7.
[616] Loureiro, 1954, pp.93, 94.

Percebe-se que a preocupação de Loureiro estende-se para os países fora da URSS, ao afirmar que a imprensa soviética servia também para uma propaganda mundial do comunismo com o fim de servir ao proletariado universal. Ao realizar uma visita ao *Pravda,* foi recepcionado por Korionov, diretor da Divisão Americana do jornal, um homem, segundo Loureiro, com fisionomia dura, olhar frio e penetrante e com cara de poucos amigos, dando a impressão de ser um comissário-chefe da NKVD momentaneamente travestido de jornalista.[617] Korionov explicou que seu departamento tinha a função mais importante de todas: desmentir a política *yankee*, constestando as agressões dos empresários de guerra e dando ao povo soviético um retrato da situação dos trabalhadores nos países capitalistas.

O diretor ainda assegurou para Loureiro que havia liberdade de crítica no conselho de redação do jornal. Loureiro questiona se essa liberdade incluiria críticas ao governo, ao que Korionov afirmou que criticá-lo seria trair a causa do proletariado e fazer o jogo do imperialismo estrangeiro.[618] Ao final da visita, Loureiro comenta que os jornalistas do *Pravda* os bombardearam de perguntas capciosas em relação ao Brasil, questionando sobre o "capital estrangeiro colonizador" e suas relações com o governo e as classes dominantes, sobre o domínio dos *trustes* americanos em relação à indústria brasileira, se os bancos eram controlados pelo capital imperialista dos Estados Unidos, etc. Loureiro deixa claro a existência de uma briga de ideologias entre jornalistas, e conclui, aliviado, que a sabatina não correspondeu à expectativa de seus "impertinentes interlocutores."

Assim como Loureiro, Rubens do Amaral enfatiza que a propaganda soviética, organizada tão bem como a norte-americana, tinha uma vantagem sobre esta por conta dos dados, informes e conclusões serem fornecidas pelo Estado e não poderem sofrer análises, críticas ou contestações.[619] Afirma ainda que a URSS desenvolvia uma encarniçada campanha contra os Estados Unidos, acusados da preparação da guerra mundial contra a União Soviética. Segundo ele, quem lia e ouvia o que se diz em Moscou seria capaz de crer que Truman, o então presidente dos Estados Unidos, empregava as vinte e quatro horas do dia para armar

[617] *Ibidem*, p.95.
[618] *Ibidem*, p.96.
[619] Amaral, 1952, p.23.

os norte-americanos e subornar os ingleses, franceses, italianos e outros europeus, para que também se armassem contra a União Soviética.[620]

No aspecto da liberdade de expressão e da imprensa, ao contrário do que foi observado em relação à questão religiosa, os viajantes não definidos tendem a concordar com as impressões dos anticomunistas — o que mostra a dificuldade de se classificar a ideologia desse grupo. Freitas Nobre, ao dizer que foi muito recomendado pelos amigos a observar se o povo soviético poderia criticar livremente o governo na Rússia, respondeu enfaticamente: "Crítica contra o governo, contra o regime – vou respondendo de início, e com muita clareza – não existe."[621] Ele explica: as críticas feitas eram dirigidas ao *Pravda* e, em sua generalidade, atingiam aos chefes de fábricas e usinas, administradores ou determinados serviços públicos, mas nunca eram direcionadas ao Estado soviético.

Da mesma maneira, José Campos relata que qualquer crítica feita pela imprensa, ainda que por zombaria ou brincadeira, ao regime instituído ou às suas falhas econômicas, se fosse dirigida aos dirigentes e ao partido, poderia dar lugar a graves consequências, na maioria dos casos, sujeita a penas capitais. Ele ressalta que o direito de manifestação deveria ser utilizado apenas na forma de auto-crítica, e nunca como livre crítica, isto é, os cidadãos seriam instigados a confessar seus erros, mas não a apontar os equívocos do governo, citando o exemplo de um jornal interno, *Moscou Vespertino*, que trazia, diariamente, críticas ao procedimento dos diretores de loja, gastrônomos, de cooperativas, etc.[622] Segundo ele e Osny Pereira, somente essas espécies de críticas internas seriam permitidas.

Pereira dá o exemplo da agência de imprensa norte americana *United Press*, que havia divulgado um telegrama de Moscou em que o jornal *Isvestia* acusava existir uma burocracia intolerável no Ministério da Segurança Social, censurando o Ministro Sukhov por não prestar a devida atenção ao eficiente funcionamento de sua repartição, o que teria sido permitido, segundo ele, por ser uma "crítica construtiva", termo utilizado pelos guias para explicar as possibilidades e maneiras de crítica no regime soviético, pois aparece em outros relatos. Porém, Pereira questiona até onde o conceito de "crítica construtiva" autorizada poderia ir, e o risco de o governo qualificá-la como uma sabotagem com propósitos subversivos. Em vez

[620] *Ibidem*, p.76.
[621] Nobre, 1957, p.167.
[622] Campos, 1962, p 265.

de o julgamento sobre esses casos estar no voto popular, que, deveria ser o soberano sobre a questão, o julgamento estaria no "puro arbítrio da autoridade em exercício no poder."[623]

Embora elogie o fato de os jornais não possuírem anúncios comerciais de nenhuma espécie, nem reportagens de crimes sensacionalistas ou manchetes escandalosas, Pereira critica o controle oficial sobre as notícias, ressaltando que a imprensa por trás da Cortina de Ferro carecia da liberdade que seria desejável para a própria eficiência das instituições, e ainda reclama que os redatores seriam funcionários sem qualquer estabilidade, passíveis de substituição, a qualquer instante.

Pereira, porém, faz uma ressalva: ele assimila o autoritarismo do governo soviético sobre a imprensa com os diretores de jornais e empresas detentoras dos órgãos de publicidade do mundo ocidental, que, segundo ele, também exerciam um controle ditatorial das notícias, seguindo seus interesses pessoais e levando o público para esse ou aquele lado, muitas vezes conduzindo-o para os seus próprios objetivos. Desta maneira, Pereira procura manter um equilíbrio ideológico em seu relato, estabelecendo críticas à falta de liberdade no mundo socialista e no mundo capitalista: "Lá é o govêrno que faz a censura. Aqui, são os diretores das emprêsas subordinados, por sua vez, ao lucro e pensamento dos acionistas."[624]

Em relação às notícias do estrangeiro, José Campos assegura que só havia publicações sobre revoluções, desordens, fomes, greves, desempregos e exploração do operário. [625] Ele conclui:

> Há, assim, impossibilidade radical por parte de todo o cidadão soviético de manifestar opinião desfavorável ao regime. Não existe, portanto, no sentido amplo, liberdade de palavra, de imprensa, nem de assembleia; a liberdade mesma de movimento é muito restrita, dentro do próprio país, nem dele ninguém poderá retirar-se sem ordem expressa do Govêrno. Sómente os elementos oficiais é que podem sair da U.R.S.S.[626]

Por conta de não existir oposição no país, uma vez que os parlamentares ou eram filiados ao Partido ou eram "sem partido", a ausência de crítica seria tão grande, que Freitas Nobre interpreta a preocupação dos guias sobre as críticas dos viajantes como uma

[623] Pereira, 1952, p.274.
[624] *Ibidem*, p.274.
[625] Campos, 1953, p.231.
[626] *Ibidem*, p.266.

necessidade, pois o governo soviético instigava os visitantes para que, em suas observações, apontassem as falhas que observassem. Segundo ele, a ausência de críticas criou problemas que estavam levando os dirigentes a estimulá-las em determinados setores. Embora as críticas não atingissem os altos dirigentes da URSS e o regime, constituíam uma informação relevante de que se processava uma modificação nos hábitos do povo soviético.[627]

As opiniões dos viajantes simpatizantes à URSS e de comunistas em relação à imprensa são bem divergentes dos demais grupos, pois são omissas. Nota-se em ambos os grupos um silenciamento sobre a questão da imprensa. No caso dos comunistas, Graciliano Ramos, Zuleika Alambert, Eneida de Morais, os operários do relato de Constantino Stoiano, os sindicalistas Humberto Campelo e Olympio Melo, nada comentam sobre o tema. Victorio Martorelli, mesmo sendo jornalista, descreve sua visita ao jornal *Pravda* e se limita a narrar os dados que lhe foram passados, como a quantidade diária de tiragem (segundo seu relato, 9 milhões de exemplares por dia), de impressoras e dados sobre os salários dos jornalistas. Não faz qualquer comentário sobre censura ou liberdade nesse caso.

Jorge Amado é o único comunista que afirma e defende mais consistentemente a liberdade de imprensa na URSS, declarando que seria possível encontrar na imprensa soviética mais informações sobre os acontecimentos mundiais do que em quaisquer outros jornais da Europa.[628] Ao relatar que havia sido questionado por um deputado brasileiro, em uma sessão da câmara sobre como ele poderia admirar e amar um lugar onde não existia liberdade nem de crítica, nem de imprensa, Amado afirma:

> Levando em conta o extraordinário grau de ignorância de meu interlocutor, muitas vezes revelado em suas intervenções parlamentares, tentei lhe explicar que eu amava a URSS exatamente porque lá não só existe a liberdade de crítica e de imprensa, como o exercício do direito de crítica é mesmo um dos princípios em que se funda a sociedade soviética. O exercício da crítica e da auto-crítica.[629]

É interessante acompanhar a continuação desse trecho no relato de Amado. Em vez de partir para exemplos de liberdade na imprensa soviética, ele parte para a acusação. Não uma acusação aos anticomunistas, mas ao que ele chama de "esquerdistas", declarando que as calúnias contra a URSS serviam de máscara ao antisovietismo "de muita gente que ama se

[627] Nobre, 1957, p. 168.
[628] Amado, 1951, p.131.
[629] *Ibidem*, p.218.

dizer de 'esquerda' e possuir tendências 'socialistas.'"[630] Amado os acusa de criticarem as restrições à liberdade de crítica e imprensa na URSS, mas nada fazerem pelos jornais que eram fechados ou censurados no Brasil, ou em qualquer outro país capitalista:

> Diante das restrições ou da liquidação total da liberdade de crítica e de imprensa no mundo capitalista, eles não reagem. Seus sentimentos só se sentem atingidos pelo fato de que na URSS não existem "jornais de oposição" ao govêrno. Pensando bem, creio que é um sentimento legítimo que os anima (legítimo mas não honesto). O que eles lastimam não é uma inexistente falta de liberdade de crítica e de imprensa na URSS, e, sim, a falta de uma imprensa capitalista, de uma imprensa burguesa, inimiga do regime soviético.[631]

Amado nos chama a atenção para o fato da existência de dissonâncias entre os grupos de esquerda a respeito da liberdade na União Soviética. O silenciamento de vários comunistas e simpatizantes sobre o tema possivelmente assinala uma cautela ou uma desaprovação em relação ao que observaram em suas viagens. Apontar as restrições e censuras impostas pelo regime soviético, afinal, poderia ser visto como uma forma de fortalecer os argumentos da propaganda burguesa. Semelhante a Osny Pereira, Amado acusa os jornais dos países capitalistas de estarem ligados às grandes empresas e aos monopólios, vivendo de subvenções dos governos ou dos *trustes*. Haveria, segundo ele, alguns poucos jornais livres no mundo ocidental, mas estes eram pequenos e sustentados pelo povo, vivendo constantemente perseguidos, suspensos e tendo suas redações e oficinas atacadas pelas polícias.[632]

Somente após tais acusações, ele ressalta a liberdade de crítica e de imprensa nos jornais soviéticos, fazendo menções aos "grandes" espaços dedicados às cartas de leitores, com suas críticas e sugestões aos jornais moscovitas, *Pravda* e *Izvestia*, e aos jornais murais de fábricas e clubes, enfatizando que muitas sugestões nesses jornais eram responsáveis por um grande número de realizações do regime.

Mais do que os jornais de grande porte, os jornais murais recebem a ênfase nos relatos de alguns simpatizantes e comunistas, com a assertiva de que os trabalhadores possuíam liberdade de crítica para realizar sugestões em seus locais de trabalho. João Sanches, operário paulista, enaltece os jornais murais por exaltarem a capacidade dos operários que melhor

[630] *Ibidem*, p.218.
[631] *Ibidem*, pp.218,219.
[632] *Ibidem*, p.219.

trabalhavam e produziam, a sua função preventiva para que se evitassem acidentes, e a sua estimulação à educação, mas nada comenta sobre as possíveis críticas.[633] Caio Prado afirma existir mais de 30 mil jornais murais pela URSS, com edições semanas ou de dez a quinze dias. Segundo ele, os jornais murais possuíam comentários políticos, anedotas, desenhos, caricaturas e poesias, o que constatava uma livre expressão de pensamento na URSS, sem constrangimentos.[634]

Em relação aos jornais murais, é possível perceber que não houve muitas alterações das opiniões da década de 1930 para as décadas de 1950 e 1960. Os primeiros brasileiros a relatarem suas viagens para a URSS também os notaram, como exemplifica o médico Osório Cesar:

> O jornal mural é a manifestação mais curiosa e original da crítica popular da Rússia nova. Ele existe em toda parte, na escola, na caserna, na usina, nos museus, nos teatros. Cada um escreve o que pensa contra ou a favor de uma organização, um plano, um método, uma lição, sugerindo por sua vez ideias de aperfeiçoamento. O jornal mural é composto de maneira muito simples: numa grande folha de papel cada individuo prega a sua critica datilografada ou escrita a mão, faz desenhos e caricaturas. Esse jornal é renovado mais ou menos a cada 10 [dias]. Além das críticas tem por fim incentivar o trabalho nas usinas e nas fábricas, combater o alcoolismo. Nos campos, faz a guerra ao kulak, ao analfabetismo, estimula a coletivização agrária, faz propaganda pela higiene, etc.[635]

Ainda na década de 1930, mesmo tendo também elogiado a existência dos jornais-murais, o também médico Maurício de Medeiros, em sua conclusão, mostrou-se ciente do poder do autoritarismo imposto pelo partido que cerceava qualquer discordância (e, ainda assim, Medeiros seria preso posteriormente no Brasil):

> Dir-se-á que os jornais murais, os correspondentes livres, os métodos de organização dos soviets locais são válvulas pelas quais essa critica se pode exercer. Critica de detalhe apenas. As linhas gerais da organização são as ditadas pelos temas doutrinários do partido, que domina. Contra estas, nenhuma veleidade de ataque ou da mais leve discordância.[636]

[633] Stoiano *et alii*, 1952, p.51
[634] Prado Junior, 1962,p.63.
[635] Cesar, 1932, p.84.
[636] Medeiros, 1931, p.305.

As censuras e faltas de liberdade de expressão chegam a ser admitidas de maneira sutil por alguns viajantes simpatizantes. Ao relatar um questionamento com um jornalista tcheco, Josué Guimarães, simpatizante, procura justificar a censura encontrada ainda na Tchecoslováquia: o jornalista teria questionado se no Brasil haveria liberdade de imprensa que não estivesse condicionada aos interesses do jornal, do diretor ou do grupo capitalista que o dirige, e justifica a pergunta dizendo que na Tchecoslováquia não havia censura prévia, mas que todos eram responsáveis pelos conceitos emitidos, precisando, assim, considerar os objetivos do governo que deveriam ser respeitados. Se os jornais combatessem tais objetivos ou os criticassem, seria uma contra-revolução, e uma manobra contrária aos interesses do povo.[637]

Edmar Morel, também simpatizante, descreve a liberdade de imprensa na URSS tal qual lhe haviam dito, dizendo que um soviético fez referência à Constituição de 1936, onde seria garantida a liberdade de palavra, de imprensa, reuniões e *meetings*, desfile e manifestações nas ruas. Esse mesmo soviético explica que não seria possível encontrar polêmicas nem ataques ao regime, uma vez que as críticas eram feitas nos locais de trabalho e nos órgãos representativos. A imprensa soviética teria como base fundamental a função de doutrinar e de noticiar os fatos sem sensacionalismo. Morel se limita a comentar de maneira sucinta que não compreendia a restrição à crítica e a falta de qualquer oposição ao regime.[638] Ele não deixa, contudo, de provocar a imprensa brasileira. Ao comentar que teve total liberdade para tirar fotografias, inclusive um flagrante de soldados do Exército, com seus filhos pequenos no colo, envoltos em grossos cobertores de lã, enquanto lhes davam banho de sol em um jardim, conta que a foto foi utilizada em um jornal brasileiro que modificou a legenda, publicando: "— Na Rússia é assim! As mulheres dão duro nas fábricas e os pais bancam a ama sêca, trabalho bem agradável para os marmanjos."[639] Ele classifica o episódio como uma chantagem jornalística, procurando denunciar também o sensacionalismo e a persuasão da imprensa ocidental.

Uma questão bastante polêmica e que aparece de maneira vaga nos relatos de viagem aqui analisados, é o tema das prisões e dos campos de trabalho forçados. São poucos os autores que expressam suas opiniões sobre os lugares específicos para a ausência de liberdade

[637] Guimarães, 2001, p.61.
[638] Morel, 1952, p.116.
[639] *Ibidem*, p.136.

na URSS. Uma justificativa para o fato é que os viajantes não eram convidados a visitar sistemas prisionais, campos de trabalho ou de reabilitação. Osny Pereira procura deixar claro que solicitou reiteradas vezes que lhes fosse dado a visitar uma penitenciária, a fim de observar o sistema "tão evoluído de recuperação do delinquente de que falam", mas infelizmente, afirma que, talvez devido aos dias estarem cheios com outras coisas interessantes, sua delegação ficou sem essa "preciosa verificação".[640]

O único anticomunista a tocar no tema de maneira mais direta é Nascimento Brito, ao comentar que avistou o prédio conhecido como "prisão de Lubianka" em Moscou, que no momento era a sede da KGB,[641] Nascimento Brito afirmou que, caso houvesse qualquer pergunta sobre o edifício, o guia mudaria de assunto, sem jamais pronunciar o nome Lubianka.[642] Em trecho anterior, Brito já havia ressaltado que as vítimas da polícia secreta russa da época de Stalin já estariam estimadas em cerca de 10 milhões de russos e estrangeiros, fazendo menção aos expurgos de Moscou, da década de 1930.[643] João Pinheiro Neto, autor de ideologia não definida que viaja, assim como Brito, no início da década de 1960, afirma que com a morte de Stalin as prisões políticas haviam cessado, e os exilados teriam retornado às suas atividades normais, sem qualquer manifestação e com uma "acomodada passividade marcada pelos sofrimentos do passado".[644] Ressalta ainda ouvir dos russos com quem conversava que já não havia presos políticos no país sem processo legal. Vale lembrar que Pinheiro Neto tinha interesse em reconstruir as relações diplomáticas entre URSS e Brasil.

José Campos é um dos autores que mais se aprofunda sobre o tema. Ele também relata que embora sua delegação tenha insistido em visitar a Lubianka e outras prisões, não conseguiu concretizar seu propósito. A razão seria por conta de suas péssimas condições, uma vez que, segundo ele, a URSS não se dispunha a construir penitenciárias modelos, já que as prisões tinham o caráter de serem temporárias, destinando-se apenas a expiações e correções, e não a processos de regeneração do preso.[645]

[640] Pereira, 1952, p.334.
[641] Após a Revolução Bolchevique, o prédio passou a ser a sede da polícia secreta da URSS. Funcionava também como prisão.
[642] Brito, *Depoimento sôbre a União Soviética*, 1963, p.8.
[643] *Ibidem*, p.6.
[644] Pinheiro Neto, 1961, pp. 36,37.
[645] Campos, 1953, pp.271, 272.

De acordo com Campos, os espaços de regeneração seriam os campos de trabalho, pois os soviéticos não admitiam que pessoas úteis vegetassem em prisões, sendo obrigados a pagar suas sentenças com um trabalho produtivo. Apesar de não visitá-los, ele recebe diversas informações de que os campos não eram de repressão, e sim de reeducação, mediante os quais o indivíduo pudesse ser readaptado para reingressar na sociedade. Além disso, as pessoas internadas estariam ali em virtude de condenações legais, em cujo processo tinha havido ampla defesa.[646] Parecendo responder ao senso comum, Campos elucida que em momento algum os soviéticos lhes negaram a existência dos campos de trabalho, sempre lhes afirmando que neles os condenados por crimes políticos e comuns eram humanamente tratados, recebendo até salários e instrução.[647]

Campos considera que seria possível que a URSS tivesse, de fato, tomado e investido novas orientações para o tratamento dos prisioneiros, contudo, não deixa de ressaltar o que já conhecia sobre o tema:

> Mas a verdade é que, antes, jamais, foram êles objetos de atenção. Constituiam-lhes as prisões verdadeiros suplícios. Era nelas que estava o inferno. Trabalhando os prisioneiros em todas as grandes e portentosas obras soviéticas, **seria de muita justiça que, ao pé delas, se levantassem, não a Stálin, mas, sim, a esses prisioneiros, principalmente os políticos, monumentos em homenagem de gratidão.** É que a U.R.S.S. muito lhes deve. Foi com o seu árduo trabalho, com o seu sofrimento, com o seu suor, com as suas lágrimas, com a sua morte que se conseguiu construir e erigir aquelas.[648]

Campos observa que diversas obras como o metrô, as grandes centrais elétricas, os canais, as minas de carvão e de petróleo, situadas em lugares frios e insalubres, eram construídas por prisioneiros. Os canais de Moscou, segundo ele, empregaram cerca de um milhão de presos políticos, nos serviços de pás e picaretas, durante mais de dois anos. Em suas

[646] *Ibidem*, p.274.

[647] Campos ressalta ainda que havia, no momento, cerca de 1500 campos de trabalho na URSS, a maioria localizada no norte. *Ibidem*, p.273.

[648] *Ibidem*, p.273. Grifos meus. Em 2015, o primeiro-ministro da Rússia assinou um programa no qual foi determinado que o país não poderia adotar um papel de liderança na comunidade internacional sem imortalizar a memória dos milhões de cidadãos que foram vítimas de repressão política. Um dos feitos do programa está sendo realizado com a construção do Muro do Pesar, em Moscou, o primeiro memorial nacional realizado para as milhões de pessoas que foram deportadas, presas e executadas durante o regime soviético. O Muro do Pesar se localiza ao longo do principal rodoanel de Moscou, tem 30 metros de extensão, e se constitui em uma estrutura de bronze gigante de formas humanas irregulares e sem rosto. Seu criador, Frangulyan, afirma que a obra é uma lembrança física de uma máquina repressiva que massacrava vítimas inocentes. Não foi uma obra de gratidão, como imaginou Campos, mas, ao menos, ela agora existe. Rainsford, BBC News Brasil, 2017.

cadernetas, colocavam um sinal ou letra, em seguida de um número, para que quando saíssem, não pudessem ocupar nenhum emprego chave.[649]

Embora demonstre conhecer os horrores dos campos de trabalho soviéticos, Campos procura acreditar na ideia de que a população dos campos de trabalho na URSS havia diminuído com o passar dos anos. Assim, com um número reduzido, seria possível que os dirigentes soviéticos tivessem tomado medidas no sentido de humanização do trabalho, e no sentido de reeducação do prisioneiro, dispondo-lhes os meios necessários para tal fim. Antes, porém, ele observa que isso não acontecia, sendo os campos verdadeiros infernos.[650]

Ao contrário de Campos e do silenciamento de outros viajantes, Jorge Amado destaca-se por sustentar impressões positivas em relação à recuperação dos criminosos na URSS, mesmo não tendo os visto. Comparando a condenação soviética com a brasileira, a qual, vale lembrar, ele próprio esteve submetido, Amado afirma que na URSS a condenação não tinha caráter de castigo, de vingança, como nos países capitalistas, onde o prisioneiro era separado da sociedade e jogado ao abandono na cela de uma prisão:

> Êle é objeto de um cuidado permanente, de uma ajuda quotidiana por parte da sociedade, através do Estado. O Estado busca reeducá-lo, redimi-lo da condição de miserável de criminoso, refazer sua personalidade humana, torná-lo um ser digno e útil, reintegrá-lo finalmente na sociedade. Essa é a tarefa admirável dos campos de trabalho soviéticos. É através do trabalho, coletivo e útil, que o condenado toma consciência da sua utilidade social. Trabalho que é acompanhado de assistência diária dada por especialistas de reeducação. [651]

Para se respaldar, Amado se sustenta nas impressões do jurista e advogado francês Marcel Willard, que diz em seu relato ter visitado campos de trabalho de recuperação de criminosos. Willard, segundo Amado, defendia que o aparelho repressivo soviético não era um instrumento de vingança pública, e que o encarceramento não era um castigo normal, e sim a exceção.[652]

Amado não informa esse detalhe em seu relato, mas Willard era um advogado do Partido Comunista Francês (PCF), vindo de uma família burguesa parisiense, conhecido por defender muitos militantes comunistas presos na França. Ele realizou duas viagens à URSS,

[649] Campos, 1953, p.276.
[650] *Ibidem*, p.278, 279.
[651] Amado, 1951, pp.213,214.
[652] *Ibidem*, p.214.

durante os verões de 1933 e 1934. Rachel Mazuy teve acesso aos cadernos de viagem e às cartas que ele escreveu na época de suas viagens. Segundo ela, os defeitos anotados nos cadernos foram omitidos de sua cartas, onde Willard demonstra completo entusiasmo com a URSS. Willard teve acesso a visitas que lhe permitiram conhecer o sistema judicial — como tribunais, prisões, campos de trabalho em Magnitogorsk, etc.[653]

Sobre este último local, Amado chega a transcrever um trecho das palavras de Willard em que afirmaria que, ao conversar com trabalhadores de Magnitogorsk, condenados a 10 anos de trabalho, estes informam que foram libertados ao fim de dois anos e meio, por existir a possibilidade de libertações antecipadas.[654] Ao visitar Magnitogorsk, as falhas para Willard se resumiam apenas à falta de varandas para os trabalhadores, sendo que, na realidade, as condições de moradia eram bem ruins em 1934, como informa Mazuy. A maioria de seus habitantes vivia em tendas, vagões ou quartéis de madeiras superlotados. Willard os vê, mas ele aceita sem críticas à explicação proposta: os habitantes não queriam deixá-las em troca de casas modernas porque elas eram quentes e gratuitas. Willard, então, admite a seguinte proposta sobre os prisioneiros de Magnitogorsk: "Vivem melhor do que os trabalhadores livres!"[655]

Mazuy caracteriza Willard como um viajante profundamente convencido pela ideia de sucesso do processo de reabilitação social não só dos presos da URSS, como também das crianças abandonadas, que ele chama de delinquentes.[656] Para Mazuy, a análise das viagens de Willard permite entender melhor como a representação da URSS nas palavras deste intelectual comunista era forjada.

A representação da URSS, tanto para Amado quanto para Willard, é sacralizada por suas enraizadas convicções políticas. Ambos aceitam a ideia de uma possível "sabotagem" dentro e fora da URSS que poderia ameaçar ou atrasar a construção do socialismo. Qualquer crítica realidada ao país era vista por Amado também como uma forma de encobrir os horrores dos países ocidentais capitalistas, inclusive aquelas realizadas também por grupos de intelectuais de esquerda:

[653] Mazuy, 2014, pp.256,257.
[654] Amado, 1951, p.215.
[655] Mazuy, 2014, p.263.
[656] *Ibidem*.

> É necessário caluniar, mentir descaradamente, para, por um lado encobrir os linchamentos de negros, o assassinato de operários, a torva brutalidade das prisões capitalistas, o sentido de classe de sua justiça, e por outro lado, criar uma legenda de terror e de maldade em torno da União Soviética. A imprensa francesa dos últimos meses dedicou colunas e colunas aos campos soviéticos de trabalho para rehabilitação dos criminosos. **Campanha dirigida por intelectuais trotskistas a serviço do imperialismo**. **Cortina de fumaça para encobrir a situação dos mineiros franceses atirados às dezenas nas prisões imundas após as últimas greves,** para esconder aos olhos do povo a indescritível situação dos patriotas africanos condenados pelos colonialistas franceses, para desviar os olhos da população dos horrores da guerra injusta contra a República do Viet-Nam. Para evitar os protestos populares contra o fuzilamento de operários e camponeses na Itália, o massacre de negros nos Estados Unidos.[657]

Willard é comunista antes de ser advogado, possuindo uma adesão incondicional às teses de Stalin. Ele deixa a URSS com o que Mazuy chama de "uma ideia clássica para um viajante comunista", a de que o país ainda não era um verdadeiro paraíso socialista. Ele, contudo, atribui os defeitos que percebe na URSS à sua origem pequeno-burguesa e utópica, a qual deveria reprimir em favor de um comportamento verdadeiramente "leninista." Até a sua morte em 1956, Willard permanecerá totalmente comprometido com o PCF e ao lado da URSS. O mesmo não aconteceria com Amado, que ao acompanhar as transformações no ano de 1956, decidirá se afastar do PCB, amargurado.

De qualquer forma, assim como comunistas e simpatizantes se silenciam sobre a censura aos jornais, há também uma omissão sobre os encarceramentos soviéticos nos demais relatos de todos os grupos ideológicos, inclusive naqueles de autores que já haviam sofrido prisões políticas. Notícias denunciando os campos de trabalho forçados já existiam, como Campos deixa claro em suas informações. A ausência do tema na maioria dos relatos denuncia uma forma de os viajantes, inclusive os demais anticomunistas, não se comprometerem com ele, haja vista que não podiam visitar os campos de aprisionamento e de trabalhos forçados. Considerando que a questão da liberdade, como foi observado, era um tema especialmente caro para simpatizantes e comunistas brasileiros, o vazio deixado a respeito de qualquer questionamento ou implicação sobre esse tema é algo que se sobressai na leitura dos relatos. Resta-nos imaginar que a maioria deles optou, consciente ou inconscientemente, por permanecer na dúvida, ou na ignorância.

[657] Amado,1951, p.217.

A URSS dos brasileiros: representações do cotidiano soviético e comparações com o Brasil

Trabalhar com a ideia de que as narrativas presentes nos relatos de viagem devem ser analisadas como representações de uma sociedade observada é desafiador. Como já apresentamos no capítulo 1, os conteúdos trazidos pelos relatos não mais são encarados como realidades inquestionáveis, exposições da absoluta "verdade soviética", como muitos de seus autores desejavam e se esmeravam para assim serem lidos. Para que, então, serviria-nos analisar como os viajantes brasileiros descrevem e interpretam diversas nuances do cotidiano soviético, se nada mais são do que uma diversidade de olhares, influenciados seja por suas ideologias, pelas hospitalidades e controles dos órgãos soviéticos, ou pelo conhecimento prévio que possuíam sobre a União Soviética?

Essa pergunta faria algum sentido, se a nossa preocupação primordial fosse retratar o cotidiano soviético como ele de fato era. Esse questionamento, no entanto, não faz parte dessa pesquisa. Nosso intuito é analisar o porquê e como determinados temas do cotidiano soviético são explorados e retratados pelos brasileiros, com a preocupação de selecionar temas que são recorrentes nos relatos e que apresentam as maiores divergências (ou convergências) ideológicas entre os autores e seus grupos.

É importante ressaltar, porém, o peso de uma análise realizada com um montante de trinta e dois relatos de viagem, escritos por mais de cinquenta autores. Esse montante permite uma variedade de comparações, assimilações e diferenciações, além de um aprofundamento maior em determinados temas explorados pelos viajantes, inclusive sobre o próprio cotidiano soviético. Se mais de quinze viajantes, de todos os grupos, comentam sobre a questão da limpeza das ruas de Moscou, sobre o fato de não observarem bitucas de cigarros sendo jogadas pelo chão nas vias públicas, isso não possibilitaria afirmar que as ruas de Moscou não só foram consideradas como eram mais limpas do que as ruas dos centros urbanos brasileiros?

Um ótimo exemplo de ponto convergente entre quase todos os relatos aqui estudados é o choque ao se conhecer o metrô de Moscou. Quase todos os viajantes comentam sobre sua suntuosidade e luxo. Inaugurado em 1935, o metrô foi um marco do governo de Stalin como forma de indicar o "futuro radiante" do comunismo soviético, e de valorizar os trabalhadores, seus principais usuários. Abaixo, seguem descrições do metrô de um

anticomunista (Rubens do Amaral), um simpatizante (Josué Guimarães) e um viajante não definido (Flávio Costa), respectivamente:

> O metrô merece referências especiais. Visitei seis ou oito estações. Uma recente, de dias; outras de várias idades; algumas anteriores à guerra. Todas maravilhosas no seu luxo e suntuosidade. Vastos salões de quinze ou vinte metros de largura por setenta ou oitenta de comprimento, ladeados de colunatas que os separam das plataformas de embarque e desembarque. Todos de mármore, cada qual num estilo, com bronzes, dourados, lustres magníficos, estátuas e painéis, em maravilhosa riqueza. Todos podendo ser o salão de festas dos mais ricos palácios de reis, presidentes ou milionários do Ocidente ou do Oriente.[658]

> O metrô é visita obrigatória em Moscou. Não há estrangeiro, ou mesmo russo de alguma república soviética, que não mergulhe naqueles subterrâneos, ansioso por ver com os próprios olhos aquilo que, hoje, é comentado em quase todo o mundo. A preocupação dos dirigentes soviéticos não foi apenas possibilitar ao povo um meio rápido e barato de transporte, aliviando e descongestionando o tráfego nas suas avenidas e ruas. Muito mais, nota-se, desde logo, mesmo antes de entrar numa das estações, o manifesto desejo de marcar uma época, de assinalar uma fase especial do povo.[659]

> [...] é êle uma antevisão das construções do Comunismo, como dizem os russos, quando tudo será grandioso, farto, abundante. Com esta explicação, visam rebater àqueles que criticam o excessivo luxo das instalações, pois realmente parece desconcertante que se tenha gasto tanto numa simples linha subterrânea, quando muitos dos grandes problemas do país ainda não foram inteiramente resolvidos.[660]

É nítido o deslumbramento entre os viajantes brasileiros ao conhecerem o metrô de Moscou. Muitos deles trazem fotos das estações em seus relatos. Há, contudo, divergências em relação ao requinte e ao aspecto monumental, ora recriminado pela ostentação e luxo excessivo, ora defendido pelo conforto disposto aos trabalhadores mais simples, mas todos demonstram que o metrô era uma das principais obras construída durante o período stalinista. Isto é, como não afirmar que os relatos de viagem também podem servir como forma de se analisar o impacto de uma obra como o metrô soviético tanto para os estrangeiros quanto para a população soviética? Tais versões do cotidiano soviético, construídas pelos viajantes brasileiros, também não serviriam para se analisar os feitos e as intenções do governo stalinista na construção de determinadas obras? Acreditamos que sim.

[658] Amaral, 1952, p.21.
[659] Guimarães, 2001, p.69.
[660] Costa, 1958, pp.192,193.

A delegação brasileira percorrendo um trecho do "Metro" de Moscou, o mais perfeito e o mais luxuoso do mundo, verdadeira galeria de arte através de dezenas de quilometros por baixo da terra.

Figura 5: Delegação brasileira de operários paulistas no metrô de Moscou (Stoiano et alii, 1952, p.14)

A opção por se trabalhar com uma vasta gama de relatos de viagem, considerando que os autores são das mais diversificadas ideologias, permite maior fidedignidade e precisão para se analisar temas do cotidiano (tanto brasileiro quanto soviético) observados pelos viajantes. Ou seja, ao mesmo tempo que a diversidade e quantidade de narrativas dificulta o aprofundamento historiográfico em cada um dos autores e suas especificidades, elas, quando analisadas em conjunto, contribuem para um melhor entendimento dos significados dessa peregrinação e do aumento considerável da publicação de relatos de viajantes brasileiros para a União Soviética nas décadas de 1950 e 1960.

Assim, o fato de as narrativas serem analisadas como representações do cotidiano não significa que devem ser encaradas apenas no plano subjetivo, mais próximas da ficcionalidade, como bem analisa Franco.[661] Afinal, as representações construídas pelos viajantes também tinham funções em suas práticas e realidades sociais: os autores procuravam influenciar não só a visão que a sociedade brasileira construia sobre a União Soviética, como também questionar as realidades que enxergavam no cotidiano brasileiro.

Denunciar ou elogiar práticas sociais do próprio cotidiano que conheciam e viviam é uma parte importante na construção dos relatos, e talvez fosse essa uma das principais consequências inerentes às viagens realizadas para a União Soviética: observar um lugar

[661] Franco, 2018, pp.45, 46.

estranho, não só diferenciado da cultura ocidental e capitalista mas também considerado seu oposto, servia para melhor analisar ou compreender o lugar de origem, isto é, as falhas ou os acertos presentes no cotidiano brasileiro.

A partir disso, optamos por analisar três temas que aparecem de maneira recorrente nos relatos e que são acompanhados por observações mais profundas em relação às divergências com a sociedade brasileira e com as ideologias dos autores: a questão da educação soviética observada pelos brasileiros, a representação da mulher soviética por viajantes masculinos e femininos e as condições de vida dos soviéticos referentes sobretudo ao trabalho e à moradia. Vale destacar que, mesmo que os viajantes não se remetam a problemas e características da sociedade brasileira sobre os assuntos escolhidos, a ênfase em tais temas durante a viagem significa a preocupação dos autores em explaná-los e permitiem que os leitores brasileiros fizessem comparações com seus próprios cotidianos.

As conquistas da educação soviética sob o olhar brasileiro

A questão da educação soviética é um dos assuntos mais recorrentes nos relatos de viagem de brasileiros, independente do grupo analisado. Uma das grandes propagandas e feitos do governo soviético se pautava no combate ao analfabetismo, o aumento do número de escolas, creches, universidades e bibliotecas, além de defenderem uma educação fundamentada nos ideais socialistas e da paz. Portanto, visitas às creches, escolas primárias e secundárias, às bibliotecas e às universidades, especialmente a Universidade de Lomonossov, em Moscou, eram paradas obrigatórias nos itinerários dos viajantes.

A então propaganda da erradicação do analfabetismo na URSS de Stalin e o ensino gratuito para todos os cidadãos soviéticos são os aspectos mais comentados pelos brasileiros. A comparação com a alta porcentagem de analfabetos na Rússia antes da revolução é também muito citada. Segundo trazem alguns relatos, a porcentagem de analfabetos na época do czarismo girava em torno de 60% a 70% da população.[662] De acordo com as narrativas, tal situação já estaria muito melhor na década de 1950, como podemos observar nas palavras de Victorio Martorelli e Branca Fialho:

[662] Mello, 1954, p.75; Martorelli, 1958, p.36.

> O analfabetismo, tal como a miséria e a desorganização generalizada do país, foi uma das prebendas que o czarismo deixou para o poder soviético resolver. E êste, resolveu-o integralmente, eis que hoje, não existe um único cidadão ou criança de mais de sete anos de idade, naquele país, que não saiba ler ou escrever. Em dois decênios a praga do analfabetismo foi liquidada de fato na União Soviética.[663]

> A educação não é um privilégio – há, realmente, iguais oportunidades para todos. Escolas gratuitas, livros e material escolar, tudo gratuito. O ensino obrigatório era de sete anos e foi, agora, prolongado para dez anos. [...] nas fábricas e nas fazendas coletivas (kolkhoz) funcionam escolas noturnas, de maneira que os operários e camponeses completam, sem dificuldade, os dez anos de escolaridade.[664]

Mesmo alguns dos viajantes anticomunistas se declararam surpresos com os dados a respeito do sistema educacional soviético. Cotrim pontua sucintamente que o ensino era totalmente gratuito, bem como a assistência médica, dados que representavam uma relevante compensação para os níveis muito baixos de salário dos soviéticos.[665] Já Loureiro é mais enfático: ele assevera que um dos maiores feitos do Estado soviético foi a "sua extraordinária epopeia da cartilha contra o mundo de ignorância e analfabetismo que provinha do desconcertante espólio de miséria e desorganização deixado pela Rússia czarista".[666]

Rubens do Amaral chega a apresentar desconfianças sobre a informação da erradicação do analfabetismo na URSS, dizendo que possivelmente ele havia sido erradicado apenas na porção europeia do país, assim também como nas parcelas mais densamente povoadas na Sibéria, dos Urais ao Pacífico. Nas regiões mais inacessíveis possivelmente haveria índices de analfabetismo, como nas fronteiras da Pérsia, Afeganistão e China. Mesmo assim, Amaral admite:

> De qualquer forma, houve um imenso esfôrço e um imenso êxito na difusão do alfabeto levado às massas brutas dos mujiques, e às massas selváticas da periferia, com tôdas as gamas de raças, línguas, costumes e religiões. A nova geração post-revolucionária, que agora está ao redor dos 30 anos, tem um nível educacional infinitamente superior ao dos tempos dos czares, não há quem possa negar.[667]

[663] Martorelli, 1958, p.36.
[664] Fialho, 1952,p.32.
[665] Cotrim, 1962, p.32.
[666] Loureiro, 1954, p.80.
[667] Amaral, 1952, p.24.

Também Osny Pereira é mais cauteloso em aceitar a afirmação de que o analfabetismo havia sido erradicado, embora deixe transparecer que nada observou na URSS que pudesse contradizer as informações a respeito dos dados educacionais:

> O visitante que passa poucas semanas, em um país, não pode seguramente informar se há analfabetos, se o nível geral de cultura é elevado. Tudo o que disser há de resultar de informes oficiais ou de conversas com adversários do govêrno, se quiser duvidar daqueles esclarecimentos. Ora, as informações oficiais afirmam que não há analfabetos na União Soviética e não encontramos, em tôda a viagem, nenhum indício de que sejam falsas, pois, além de tudo, não palestramos nunca com pessoas descontentes, que certamente deverão existir neste, como em qualquer regime.[668]

Ao relacionar a tecnologia alcançada pelos soviéticos com a educação, Pereira conclui:

> Nenhum país com instrução deficiente conseguiu até hoje revelar uma técnica adiantada. Esta foi sempre e invariavelmente reflexo de boas escolas, fartos centros de pesquisas, enfim, de abundância de conhecimentos. Seria pois, injusto e contrário à verdade, duvidar da existência de um nível intelectual, no povo soviético.[669]

A concordância dos viajantes em relação à qualidade e expansão da educação soviética não deve ser subestimada. O investimento realizado na educação da população russa era uma das pautas iniciais do governo bolchevique para a implantação do socialismo. Afinal, o desenvolvimento econômico e a possibilidade de uma revolução cultural estariam indissoluvelmente ligados e dependentes do nível educacional da população. Segundo um relatório da UNESCO de 1968 a respeito do planejamento educacional da URSS, três quartos da população acima de nove anos eram analfabetos na Rússia pré-revolucionária. Algumas regiões da Ásia central ou áreas de fronteira tinham a maioria da população iletrada.[670]

O governo soviético considerou a campanha para a alfabetização como um primeiro passo essencial para aumentar o nível educacional dos trabalhadores. A busca pela eliminação

---

[668] Pereira, 1952, p.339.

[669] *Ibidem*, p.340.

[670] Nozhko *et alii*, 1968, p. 19.O relatório foi proposto pelo Instituto Internacional de Educação e Planejamento (IIEP), uma agência da UNESCO de estudo, pesquisa e formação, com sede estabelecida em Paris. O estudo sobre a URSS foi preparado sob a direção de Raymond Poignant, e executado por quatro pesquisadores soviéticos: K. Nozhko, E. Monoszon; V. Severtsev e V. Zhamin. O trabalho dos soviéticos foi complementado por observações de uma missão de especialistas internacionais vindos de quatro continentes, organizada pelo IIEP e liderada por Poignant, que visitou a URSS em setembro-outubro de 1965.

do analfabetismo e a ampla construção de creches e escolas criaram os pré-requisitos necessários para o desenvolvimento de uma educação mais qualificada. Segundo o relatório, o sucesso econômico nos anos Stalin e imediatamente posteriores teriam sido alcançados, em grande parte, devido ao sensível aumento no nível educacional e cultural da população. Os dados expostos apontam diferenças gritantes entre os períodos pré- e pós-revolucionários. Enquanto que nos últimos anos da Rússia czarista o número de pessoas que ultrapassaram o ensino primário havia sido de 1,4 milhões, no censo demográfico de 1959 esse número foi para 71,2 milhões. Durante os anos do governo soviético, as instituições soviéticas teriam formado 6,1 milhões de especialistas com ensino superior e 9,7 milhões com qualificações secundárias.[671]

Além dos enormes investimentos no campo educacional, a Constituição soviética confirmou o direito de todos os cidadãos terem acesso à educação. Na década de 1950, era obrigatório o ensino gratuito de no mínimo 7 anos, e, após isso, abria-se a possibilidade de entrada em um ensino secundário especializado, politécnico ou ensino superior. Cursos noturnos e por correspondência para adultos também foram adotados.

As impressões gerais dos viajantes brasileiros a respeito da evolução na educação soviética trazem observações coerentes com as informações obtidas pelo relatório da UNESCO, inclusive em relação à obrigatoriedade da educação. Jurema Finamour relata o caso de uma intérprete da VOKS, que, por ter adiado a entrada de sua filha de sete anos na escola primária, recebeu em sua casa um fiscal do ensino do governo instruindo-a a matricular a filha imediatamente na escola.[672] Olympio Mello faz um resumo antes de iniciar a sexta carta em seu relato, relacionada ao ensino:

> O ensino — curso de 7 anos e estudo obrigatório, gratuito e assegurado a todos. — 57.000.000 de pessoas estudam atualmente na União Soviética. — 1416000 de pessoas cursam escolas superiores e recebem mesada que varia de 200 a 500 rublos. — Creches e jardins de infância nos bairros e nas fábricas. Escolas técnicas. — A nova Universidade de Moscou, com capacidade para 9.000 estudantes e 6.000 apartamentos para moradia dos mesmos. — 40.000 salas e 150 quilômetros de corredores, nas 40 alas do edifício. Foram impressos 850 milhões de livros na URSS em 1952.[673]

[671] *Ibidem*, p.20. O relatório chama a atenção para o fato de que, em 1964, em um total de 11,2 milhões de especialistas, haveria 6,6 milhões de mulheres, correspondente a 58% do total.No relatório esse dado é apresentado como uma prova de que, no Estado soviético, as mulheres haviam alcançado liberdade e igualdade.
[672] Finamour, 1954, p.93.
[673] Mello, 1954, p.72.

Os aspectos relacionados aos maciços investimentos na educação, a erradicação do analfabetismo e a possibilidade de uma educação gratuita e geral para toda a população eram assuntos recorrentes e atuais aos viajantes, uma vez que os projetos educacionais no território brasileiro se encontravam em um momento de ampliação e de disputas de cunho ideológico.

De acordo com os censos demográficos no Brasil realizados pelo IBGE, o analfabetismo em todo o país, da população nas idades de 15 anos ou mais, em 1900, era de 65,34%. Em 1940, é possível observar uma queda para 56,22%, e para 50,69% em 1950.[674] Em 1960, esse número caiu para 39,48%, o que permite observar um considerado avanço no combate ao analfabetismo brasileiro na mesma década em que os viajantes estão apontando as taxas observadas na URSS.

A ideia da educação no Brasil como um direito de todos já existia desde a Constituição de 1934, que prescreveu a gratuidade do ensino primário. O ensino secundário também foi aos poucos se expandindo. Contudo, com o golpe de Estado de Vargas e o surgimento de um estado ditatorial, a nova Constituição de 1937 excluiu a regra básica da "educação como direito de todos" e tornou-a um "dever e direito natural dos pais."[675] A partir daí, os alunos da escola pública que não comprovassem escassez de recursos deveriam realizar uma contribuição módica e mensal para a caixa escolar.

Entre os anos de 1942 a 1946, reformas parciais foram realizadas com o novo ministro da Educação, Gustavo Capanema, mas mantendo-se uma forte influência de grupos conservadores, como da Igreja Católica. Tais grupos entraram em conflito com o movimento da Escola Nova, que se pautava nos ideais de uma democracia liberal, em um movimento educacional inserido em um processo para estimular a industrialização e o desenvolvimento, com o intuito de cobrir as necessidades de mão de obra produtiva nas fábricas, defendendo, para tanto, a expansão de uma educação pública, obrigatória, gratuita e leiga.[676]

Com o fim do Estado Novo e a nova constituição promulgada em 1946, o ensino primário foi considerado obrigatório e o oficial (ofertado pelo Estado) passou a ser novamente gratuito para todos. Já o ensino oficial posterior ao primário só seria gratuito para aqueles que comprovassem falta ou insuficiência de recursos, o que, segundo Marcílio, gerou uma fábrica

[674] Lourenço Filho, 1965, p. 252.
[675] Marcílio, 2005, p.146.
[676] Santos *et alii*, 2006, p. 137.

de atestados de pobreza.[677] O ensino religioso, embora de matrícula facultativa, continuou sendo considerado disciplina das escolas oficiais, devendo ser ministrado de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele ou por seus responsáveis. De acordo com Romanelli, a Constituição de 1946 se assemelhou à de 1937 por conta das concessões realizadas à escola privada.[678] As discussões iniciadas na formação da constituição dariam origem à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada pelo Presidente João Goulart em 1961.

Muitos viajantes não são alheios às discussões a respeito da situação da educação no Brasil, e, ao terem contato com as escolas, metodologias educacionais e estatísticas soviéticas, denunciam os dados brasileiros. Marques Rebêlo expõe que o estado brasileiro possuía poucos estabelecimentos próprios, sendo a maioria dos ginásios de propriedade privada, com taxas que eram "exageradamente fortes para o bolso do povo."[679] Ao ser questionado por um professor de Praga a respeito dos programas de educação brasileira, ele ironiza dizendo que muitos ginásios eram particulares e propriedades de ordens religiosas, mantendo uma programação de estudos caracterizada por um "bizantinismo acadêmico de matérias que raia pela estupidez e pelo ridículo."[680]

Rebêlo informa ainda que para o ingresso numa escola superior, a necessidade de seleção e provas seletivas reprovava um mínimo de oitenta por cento dos candidatos. Ressalta que a rede de estabelecimentos dispostos pelo poder público não conseguia atender às reais necessidades, uma vez que o número de crianças sem escolas era "desgraçadamente virtuoso no Brasil."[681] Já Eneida de Morais enaltece o fato de que na URSS a escola era separada da Igreja, explicitando que para aqueles que quisessem fazer estudos teológicos poderiam se dirigir a estabelecimentos particulares.[682]

Para os comunistas, as melhorias no campo educacional soviético correspondiam aos ideais socialistas. Ao sair da escola que visitou na Geórgia e lembrar de uma expressão utilizada pelos "ocidentais poderosos", sendo ela "o vírus do socialismo", Graciliano Ramos informa que a quantidade de lugares que havia para as alunas na escola visitada, de acordo

[677] Marcílio, 2005, p.149.
[678] Romanelli *apud* Santos *et alii*, 2006, p.139.
[679] Rebêlo, 1956, p.103.
[680] *Ibidem*, p.104.
[681] *Ibidem*, p.105.
[682] Moraes, 1959, p.49.

com o número de salas, encerraria com folga o dobro da população infantil da cidade. Ao confessar que o cálculo havia sido feito pelas meninas do primeiro ano, Ramos ironiza: "E está aí porque o vírus do socialismo faz estragos medonhos nessas almas em formação. As do Brasil até agora estão imunes, livres de aritmética."[683]

Como uma maneira sutil de criticar as diferenciações presentes nas diversas instituições educacionais capitalistas, Caio Prado enaltece a homogeneidade que a educação pública permitiu à população soviética:

> Não existem tipos diferentes de educação e instrução. A escola primária, pela qual passam hoje, sem exceção, todas as crianças dos países socialistas, é a mesma e uma só para todo o mundo. Quanto à instrução secundária, ela já alcança, na União Soviética, uma grande parte da população adulta, e brevemente terá passado pelos cursos secundários, exatamente iguais para todos, a totalidade da população adulta. Não haverá mais assim diferença na instrução fundamental dos soviéticos. Todos terão uma base intelectual e cultural idêntica.[684]

Paschoal Lemme, educador brasileiro, defensor da escola pública e da democratização do ensino, narra seu relato, *A Educação na U.R.S.S.*, centrado nesse tema. Ao ser convidado pelo Sindicato dos Professores da Federação Russa teve a oportunidade de conhecer boa parte do sistema educacional soviético. Em um dos itinerários, a delegação de educadores de vários países conhece o ministro da instrução pública da Federação Russa — Ivan Kirov — que lhes passa diversas informações sobre a educação e a escola soviética. Lemme faz um resumo das respostas que Kirov dirige aos questionamentos dos educadores:

> a – as escolas são todas mantidas pelo Estado, **não havendo, como se sabe, nenhuma espécie de ensino 'particular' ou confessional.**
>
> b – as escola soviéticas formam um "sistema único", no sentido de que nelas estudam todas as crianças, **sem diferença de origem social**.
>
> c – atualmente é obrigatória e gratuita a escola fundamental de sete anos. Mas, em 120 cidades, já se passou à educação obrigatória de 10 anos. No próximo quinquênio, a escola de 10 anos será obrigatória e gratuita para todos.
>
> d – **a escola é leiga no sentido de que não se ensina religião, não se influi de qualquer forma, sobre a consciência do aluno, e ainda mais, não se indaga quais sejam suas crenças de caráter religioso**.
>
> e – a escola é perfeitamente igual para ambos os sexos. Em algumas escolas há coeducação e outra não. Somente nas grandes cidades há escolas separadas para os dois sexos, mas, em geral, para o país, 98% das escolas são mistas, incluindo

[683] Ramos, 1954, p.104.
[684] Prado Junior, 1962, p.70.

as rurais. Nas escolas separadas, os programas, os métodos, a quantidade de conhecimentos ministrados e os direitos conferidos pelos cursos, são absolutamente iguais para ambos os sexos.[685]

Fig. 5 — *Uma sala de aula da escola do kolkhós "Lênin", em Gorki*

Figura 6: Sala de aula do Kolkhoz Lênin, em Gorki (Lemme, 1955, p.80)

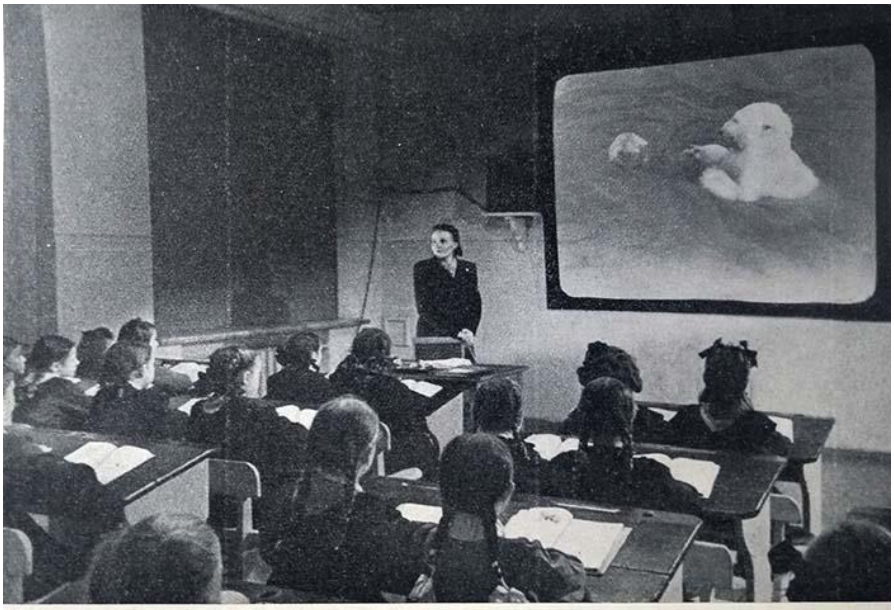


Fig. 7 — *As projeções cinematográficas são largamente utilizadas nas escolas soviéticas*

Figura 7: Projeções cinematográficas em uma sala de aula soviética (Lemme, 1955, p.112)

[685] Lemme, 1955, pp. 131-132. Grifos meus.

Percebe-se que muitos dos pontos abordados por Lemme — ausência do ensino particular e confessional, sistema único de ensino sem distinções sociais, escola leiga em que não se ensina religião — são aqueles em pauta nas discussões a respeito da educação no Brasil. Embora não explane muito a situação em que se encontrava seu próprio país, a ênfase em tais temas denuncia a importância que Lemme lhes depositava. Ele ainda cita um exemplo que Kirov havia mencionado a respeito de uma delegação de educadores ingleses que haviam questionado a uniformidade do ensino fundamental soviético, julgando que os professores não tinham a possibilidade de trabalhar de maneira criadora pois estariam condenados a executar os programas uniformes e a utilizar os livros de texto iguais. Segundo Lemme, Kirov lhes respondeu dizendo que a uniformização garantia que filhos de todas as categorias sociais recebessem a mesma instrução básica e equivalente, sendo esta a democracia verdadeira. Lemme conclui:

> E' que na Inglaterra, como em outros países, não existe uma escola única a que todos tenham acesso. Os filhos das classes privilegiadas pagam colégios caros que ministram uma educação de nível alto, inacessível aos filhos das classes desprovidas dos mesmos recursos, e que são evidentemente a maioria.[686]

A qualidade das escolas soviéticas também são apreciadas pelos viajantes. As narrativas detalham a presença nas escolas de salões para recreio e ginástica, salas especiais para estudo de desenho e pintura, salas de botânica, aeromodelismo e até rádio e eletricidade.[687] Muitos brasileiros também se espantam com o questionamento e a cultura dos alunos com os quais travaram diálogos, como aponta Zuleika Alambert:

> Por diversas vezes, em nossas visitas aos museus, bibliotecas, cinemas e teatros, encontramos grupos enormes de garotos entre 7 e 14 anos que nos rodeavam e, sem cerimônias, nos dirigiam as mais curiosas perguntas. Queriam saber de tudo. "Qual o romancista mais lido de seu país? As crianças brasileiras gostam das crianças soviéticas? Quantas assinaturas o povo brasileiro colheu para o apelo de Estocolmo?"[688]

[686] *Ibidem*, p.129, 130.
[687] Guimarães, 2001, p.107.
[688] Alambert, 1953, p.14.

Comunistas e simpatizantes normalmente descrevem a surpresa em encontrar alunos que demonstram saber dados específicos sobre o Brasil, que procuram perguntar temas a respeito de como era a educação e as crianças brasileiras, se elas saberiam detalhes da URSS ou não. Os diálogos com os jovens russos geram reflexões aos viajantes. Ao chamar uma aluna do sétimo ano ao mapa da aula de geografia, Ramos relata que ela lhe indicou onde era o Brasil, inclusive sobre sua produção de batatas e mencionando cidades brasileiras: "A garôta, sem se alterar, perguntou-me se os meninos brasileiros conheciam as cidades principais da União Soviética. Essa impertinência fêz-me sorrir."[689]

Outro detalhe que surpreende os viajantes em relação à educação da população soviética é o apreço à leitura. De acordo com as narrativas, era possível encontrar pessoas lendo por todos os lugares da União Soviética. Como relata José Mendes:

> Os livros são vendidos não apenas em amplas e bem instaladas livrarias, como em balcões de hotéis, estações ferroviárias e do metrô, entradas de edifícios públicos — por tôda a parte. Em grande maioria, são obras de Lênin, Stálin, Marx e Engels. Há, porém, edições baratas (1,20 rublos) e caras (10 rublos) de obras de ficção de autores russos, soviéticos e estrangeiros.[690]

O aumento da leitura na URSS era encarado como uma consequência do programa de combate ao analfabetismo. Olympio Mello declara como espantoso o dado de que cada habitante comprava 4 livros por ano, em média.[691] Flávio Costa ressalta que o russo era um dos povos que mais lia em todo o globo, e, para confirmar sua certeza, descreve as cifras que teria publicado em março de 1957 o *Corrier* da Unesco, periódico, segundo ele, acima de qualquer suspeita: "dos 5 bilhões de livros que se editam, anualmente, em todo o mundo, a União Soviética contribui com 20%, ou seja, um bilhão de livros editados a cada ano."[692] Costa também indica o número de bibliotecas na URSS: 368 mil bibliotecas espalhadas pelo país, sendo que em Moscou haveria cerca de mil bibliotecas.

O gosto pela leitura era também justificado pelo número de bibliotecas, existentes não só nas cidades, como também dentro das fábricas e escolas. Eneida de Moraes destaca que

[689] Ramos, 1954, pp.102, 103.
[690] Mendes, 1956, p.25.
[691] Mello, 1954, p.87.
[692] Costa, 1958, p.217.

só em Moscou havia 941 bibliotecas públicas, das quais a biblioteca Lênin seria a maior.[693] A Biblioteca Lênin, hoje conhecida como Biblioteca Estatal Russa, foi um dos pontos mais visitados e descritos pelos viajantes brasileiros, que indicavam dados como a quantidade de livros (entre 15 milhões[694] a 19 milhões de volumes[695]), o comprimento das estantes (200 quilômetros[696]), e espantavam-se com a diversidade de tipos documentais (Costa indica que os livros de Jorge Amado tinham tanta procura que lá se encontravam microfilmados)[697], a distribuição mecanizada de livros, a quantidade de salas de leitura, a quantidade de leitores, etc. Martha Azevedo descreve a biblioteca como se estivesse em sua própria utopia:

> Imagine o máximo de eficiência, tamanho, confôrto, asseio, e em tudo mais que quiser. Ela [a biblioteca] vai além. Entre manuscritos, arquivos, pergaminhos, livros modernos, jornais, revistas, mapas, quantas unidades você calcula existir? Muito mais. Fiquei abismada com o número; uma funcionária riu do meu espanto. São mais de dezenove milhões de volumes, **dezenove milhões**. Atende quase duas mil de pessoas de uma vez. Não é dado estatístico, não, os moscovitas estão lá, entrando e saindo, estudando para quem quiser ver, das 9 às 23 horas.[698]

Edmar Morel, ao relatar uma atividade de distribuição de livros de uma empresa tcheca chamada "*kniha*", em que auto-ônibus se transformavam em bibliotecas para percorrer o interior da Tchecoslováquia (em Praga, o autor já considerava estar dentro do mundo socialista), aproveita o assunto para fazer comparações com o Brasil. Segundo ele, as edições brasileiras não ultrapassavam 3000 exemplares, sobre as quais o autor teria 10% sobre o preço de venda. O Instituto Nacional do Livro do Brasil [699] não conseguiria suprir as "modestas bibliotecas do interior do país, em número inferior a 5000, para 51000000 de habitantes..."[700]

É perceptível notar que o interesse dos brasileiros na educação e no hábito de leitura dos soviéticos é acompanhado de espanto e admiração, muito devido às diferenças gritantes com o contexto brasileiro da época. Os elogios e as detalhadas descrições podem ser

[693] Moraes, 1959, p.15.
[694] Costa, 1958, p.218.
[695] Martorelli, 1958, p.68.
[696] Costa, 1958, p.218.
[697] *Ibidem*.
[698] Azevedo, 1959, p.90.
[699] O Instituto Nacional do Livro foi criado em dezembro de 1937 por iniciativa do ministro Gustavo Campanema. Após sua criação, o número de bibliotecas públicas, especialmente nos estados menos prósperos, cresceu, uma vez que o INL auxiliava na constituição do acervo e capacitação técnica. (Barroso, 1973)
[700] Morel, 1952, p.62.

encarados como uma forma de os autores denunciarem o que era ausente no Brasil, ou em que o governo precisava investir.

Em relação ao que era ensinado, há controvérsias mais perceptíveis entre os viajantes, especialmente entre anticomunistas, comunistas e simpatizantes. Embora enalteça o combate ao analfabetismo, Orlando Loureiro assevera que o ensino soviético estava organizado em função dos princípios de consolidação e evolução do sistema político socialista, sendo a escola uma "usina geradora" de uma juventude espiritualmente ajustada e modelada nos padrões daquilo que se convencionou ser uma sociedade comunista. Na escola, segundo Loureiro, o Estado estaria "plasmando o perfil psicológico dos comunistas de amanhã":

> O ensino soviético deve ser sobretudo o meio mais prático e eficiente para fazer bons comunistas. É de pequenino que se torce o pepino, e o Estado concentra nas suas mãos despóticas a argila dócil de milhões de crianças, a infância das creches e a juventude das escolas. Estas gerações, já desde o primeiro despontar para a vida, são educadas compulsoriamente no estudo das coisas, fatos e homens da revolução comunista.

Em seguida, Loureiro descreve as crianças participantes da Juventude Pioneira:

> As crianças que melhor se distingam no aprendizado dessa cartilha revolucionária passam a constituir uma espécie de elite estudantil denominada "Juventude Pioneira", cujos pequenos legionários são oficialmente considerados como "construtores do comunismo" e recebem o título honorífico de membros de honra do PC. Seu emblema é um lenço vermelho no pescoço, distintivo que as crianças sempre ostentam com indisfarçado orgulho nas festas e solenidades.[701]

A juventude pioneira (jovens de 9 a 14 anos de idade) e a juventude do Komsomol (jovens acima de 14 anos) são também descritas por alguns comunistas e simpatizantes, que não omitem a sua função política em relação à educação. Como colocou Zuleika Alambert:

> Os pioneiros não são apenas estudantes das escolas primárias, mas pertencem a uma organização que os ensina a serem os melhores estudantes, os mais dedicados auxiliares dos mestres na aplicação do sistema soviético de ensino, os mais eficientes artistas ou esportistas entre todas as crianças da URSS. E, sobretudo, ensina-os a serem aqueles que mais esforços desenvolvem, dentro de suas possibilidades, para o engrandecimento da pátria socialista.[702]

[701] Loureiro, 1954, pp. 80,81.
[702] Alambert, 1953, p.14.

Ao conhecer o Palácio dos Pioneiros de Leningrado, Paschoal Lemme observa que tais organizações tinham filiação voluntária, mediante determinadas condições, constituindo verdadeiras escolas de preparação de líderes. Segundo ele, os pioneiros teriam não só a função de colaborar com professores e colegas, cuidando, por exemplo, da conservação do mobiliário, do material e das instalações das escolas, como também agir junto aos colegas no sentido de obter os melhores padrões de conduta, sempre devendo conduzir-se de forma correta e distinguindo-se como melhores estudantes, exemplos para os outros. No Palácio dos Pioneiros, o Estado lhes proporcionava uma educação de caráter extraescolar, cuidando também do seu desenvolvimento e de sua formação política.[703]

Enquanto a maioria dos viajantes não definidos silencia-se sobre essas questões, nota-se que não há uma tentativa entre os comunistas e simpatizantes de omitir o viés político da educação socialista, uma vez que concordam com ele. A diferença em relação aos anticomunistas é a maneira como descrevem o que observam, pois enaltecem as diversas qualidades em se ter uma juventude pioneira colaborativa para toda a sociedade. Já Loureiro considera a educação dirigida e policiada da União Soviética como a única alternativa para os sistemas totalitários:

> É claro que ninguém poderia esperar encontrar uma escola livre na União Soviética. Num país sèriamente empenhado nas tarefas da experimentação prática dos planos teóricos duma sociedade comunista, parece evidente que a escola e todo o sistema de instrução e educação pública só poderiam servir como forjas modeladoras das novas gerações, rigorosamente de acôrdo com os moldes filosóficos e políticos traçados pelos hermeneutas da doutrina marxista.
>
> [...] Mas o que surpreende, desconcerta e constrange o visitante é o espírito violentamente coercitivo dessa presença fatal e o requintado despotismo com que o Estado domina as coletividades estudantis da U.R.S.S., a ponto de ser muito difícil distinguir-se o professor do comissário.[704]

O viés político sobre a educação não é, no entanto, observado pelos viajantes quando eles se referem aos ensinos universitários, embora a qualidade das universidades sirva como uma forte propaganda do regime nos relatos de comunistas e simpatizantes. Uma universidade em específico é a mais visitada e comentada entre os brasileiros: a Universidade Estatal de Lomonosov em Moscou. Fundada em 1755, o prédio principal da Universidade é um dos sete "arranha-céus de Stalin", também conhecidos como "sete irmãs", prédios

[703] Lemme, 1955, pp.200, 201.
[704] Loureiro, 1954, pp.82,83.

construídos durante o governo Stalin como forma de modernizar a cidade de Moscou e torná-la reconhecida por seus altos edifícios. Sua construção iniciou-se em 1949, e foi finalizada e inaugurada em 1953. Como era um dos edifícios propagandísticos do regime soviético, boa parte dos viajantes o conheceu, mesmo ainda na fase final da construção, a partir das viagens realizadas em 1952. Constantino Stoiano relatou:

> A nova Universidade de Moscou será a maior construção urbana constante do plano de passagem ao comunismo. Terá 2.200.000 metros quadrados, em 35 andares, com 18.000 janelas, 6.000 salas de diversos tamanhos, 280 apartamentos para residência de professores, 250 salas para clubes estudantis, numa área total de 147 hectares. Trabalham na obra 1500 caminhões, 300 vagões são empregados diariamente no transporte de materiais produzidos em todo o país por 500 fábricas. [...] A parte principal do edifício já foi inaugurada em julho. A restante deve ter sido inaugurada em novembro de 1952.[705]

Zuleika Alambert também aponta que

> Por decreto do governo os jovens construtores [da universidade] serão os primeiros a ocupar os bancos da Universidade. Nós os vimos felizes, cantando as mais belas canções em honra ao trabalho, ao mesmo tempo em que de suas mãos hábeis ia brotando uma das mais belas e grandiosas obras do comunismo. [...] O país inteiro vibra com a construção da Universidade. Comboios carregados de materiais, de móveis e ferramentas chegam todos os dias às Montanhas de Lênin.[706]

Nota-se pelas palavras de Alambert que a Universidade era descrita como o símbolo do progresso e visão de um futuro comunista. Nos anos finais da década de 1950, a admiração e a repercussão da Universidade nos relatos pela construção já finalizada permanecem nos relatos brasileiros. Em 1959, Nestor de Holanda observou que quem chegasse pelo aeroporto internacional de Bykovo, a 32 quilômetros da capital, avistaria logo a Universidade sobre as Montanhas Lênin, sendo uma das primeiras impressões da capital. Depois do Kremlin, Nestor de Holanda considerou a universidade como a mais importante construção de Moscou:

> Claro que nenhuma instituição é mais importante do que a Universidade de Lamonossov [sic], nas Montanhas Lenin, a parte sudeste da cidade – por sinal a de maiores altitudes. O edifício é gigantesco. Foi construído em cinco anos (1948-1953). São 37 blocos enormes. O principal tem 32 andares e vai a 240 metros de altura. A entrada principal, oito colunas de granito, de 14 metros cada. Tem 5754 habitações para estudantes e 184 apartamentos para professores, tudo isso no bloco principal. Ali também funcionam as faculdades de Geografia, Geologia,

[705] Stoiano *et alii*, 1952, p. 13.
[706] Alambert, 1953, p.9.

> Mecânica e Matemática, um auditório para 1500 pessoas e dois museus. Ao centro, a biblioteca, que ocupa onze andares e possui mais de um milhão de livros, além de 33 salas de leitura. Nos andares inferiores, o clube universitário e departamentos esportivos. Tudo isso num só bloco...[707]

Diversos viajantes descrevem a imponência da Universidade, dando destaque à sua estrutura, aos laboratórios de pesquisa, à biblioteca, à enorme quantidade de alunos, à valorização dos professores que também recebiam moradia e bons salários, etc. Mesmo anticomunistas, como Nascimento Brito, reconhecem sua importância:

> É claro que [o visitante] será levado a conhecer a Universidade de Moscou. É justo que se renda uma homenagem à preocupação do Govêrno em assegurar um nível de ensino condizente com as ambições nacionais (e internacionais) soviéticas. Reconhecer-se á a qualidade de um ensino universitário que inegavelmente é bom, onde a frequência é obrigatória, onde a reprovação significa automática exclusão, onde aos estudantes não se permite o exercício de política, e onde também se obriga aos estudantes a trabalharem nas especialidades que estão cursando.[708]

Brito elogia a seriedade no comando universitário, enaltecendo a personalidade do vice-reitor que recebeu sua delegação, considerando-o como um autêntico representante da elite intelectual, que lhe garantiu que na universidade não só os estudantes tinham que estudar, como também os professores tinham que ensinar, ressaltando que os professores eram permanentemente controlados e tendo sua eficiência verificada. Caso os professores exercessem outra atividade, teriam seus salários cortados pela metade. Nesse sentido, Brito compara a universidade soviética com a "frágil e infeliz Universidade do Brasil,"[709] julgando-a como fora da realidade brasileira por ter responsáveis (os professores) apenas atentos às suas posições e à satisfação de suas vaidades pessoais. Percebe-se, portanto, que Brito ressalta o controle sobre os professores soviéticos como uma forma de criticar um possível *status quo* ostentado por professores universitários brasileiros.

Brito, contudo, considera que o brasileiro viajante à União Soviética apenas teria uma percepção mais completa da educação universitária soviética se tivesse também conhecido outros campi universitários como os da Inglaterra, fundados sobre valores como a liberdade e a democracia. Segundo ele, somente conhecendo outros centros universitários ocidentais o

[707] Holanda, 1962, p.50.
[708] Brito, *Depoimento sôbre a União Soviética* ,1963, p.8.
[709] *Ibidem*.

visitante não se enganaria pensando que apenas no comunismo a universidade era uma prática válida:

> Por isso é que na URSS o brasileiro é inevitavelmente assaltado por um sentimento que não tem nome, lembrando-se de que o ensino universitário no Brasil é o produto desastrado de uma burocracia inepta, de incompetência, de professores em grande parte relapsos e desinteressados e, por que não o dizer, até de gente de honestidade duvidosa.[710]

Assim, na visão de Brito, os brasileiros saíriam encantados com a universidade soviética por terem como parâmetro de comparação o desastroso ensino universitário do Brasil. Já Silveira Bueno, também anticomunista, destoa de Nascimento Brito e dos demais viajantes ao descrever a Universidade. Primeiramente, ele levanta o paradoxo de um estado proletário possuir tanta "pompa e suntuosidade" em construções como esta, em contraste com os edifícios velhos em ruínas e com as moradias coletivas onde os moradores, segundo ele, se amontoavam e se comprimiam em promiscuidade. Em diversos momentos da descrição, percebemos uma certa tentativa de depreciação da Universidade: "Mais trinta e tantos edifícios constituem a cidade universitária colocada na colina Lênine (tudo na Rússia leva o nome de Lênine), no meio de jardins, em local apropriado para estudos e pesquisas."[711]

Bueno descreve a universidade com desprezo pelo que observa. Ao realizar uma visita aos apartamentos dos estudantes, ele os considera pequenos, estreitos, apertados, mal iluminados e sem ventilação. Em relação aos laboratórios como os de mineralogia e botânica, comenta não ter tido uma grande impressão, considerando-os acanhados e em desordem. Sobre a estrutura, ele conclui observando que a maior preocupação dos engenheiros havia sido a fachada do prédio central, e não a comodidade necessária de suas instalações técnicas. Além disso, Bueno ressalta que as atenções da universidade se voltavam para as ciências físicas, matemática, química, biologia, etc., enquanto que filosofia, letras, filologia e direito ficavam em segundo plano, uma vez que tais faculdades permaneceram em prédios antigos da cidade. Por conta disso, ele considera que as pesquisas científicas não possuíam liberdade espontânea para acontecerem, pois, os professores não poderiam dedicar-se a elas segundo suas vontades, devendo seguir os planos do partido.[712]

---

[710] *Ibidem*, p.9.
[711] Silveira Bueno, 1961, p.94.
[712] *Ibidem*, pp.94, 95.

Importante lembrar que Silveira Bueno era professor catedrático de Filologia Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, além de ter também estudado filosofia, teologia e direito canônico. Ao fazer comparações a respeito dos salários de professores universitários, embora considere que os professores russos recebiam quantias fabulosas se comparadas com os salários de professores brasileiros — os quais, segundo ele, ainda eram cortados e diminuídos pela miserável incompreensão do governo brasileiro —, Bueno despreza os ricos vencimentos por conta de eles não poderem ser usados para apartamentos individuais, uma vez que os professores russos viviam em apartamentos coletivos, com duas famílias em cada um. Assim, percebe-se em sua narrativa um forte viés anticomunista, ao retrucar e apontar os defeitos de tudo o que lhe é informado:

> Isto quer dizer que os professores não podem morar onde quiserem, nem ter casa própria, apesar do fabuloso ordenado que recebem. [...] Comparando a nossa situação com a dos colegas de Moscou, todo nosso primeiro movimento de inveja e admiração se desvaneceu: ganhando muitíssimo menos, sem assistência alguma do govêrno, vivemos mais folgadamente, pois, mesmo os trajes dos dois professores não eram lá essas coisas, padronizados, escuros de má qualidade. Então, de que lhes valiam os milhões que recebiam?[713]

A partir de conversas com estudantes, porém, Bueno declara sua surpresa ao perceber que o interesse pelo Ocidente era bem presente. Citando o exemplo de que os jovens soviéticos se interessavam cada vez mais por automóveis, modas e casas norte-americanas, Bueno conclui que os jovens possuíam atitudes e opiniões muito diferentes daquelas que o rádio emitia durante dia e noite na cidade de Moscou:

> Oxalá a Universidade, as escolas tão numerosas, tão dignas de louvor, preparem uma juventude, ciosa, sim, da sua pátria, não, porém, inimiga do resto do mundo. Só pela formação do espírito, pela educação, pela instrução, poder-se-á chegar ao ideal pregado pelo próprio Kruchev, mais de palavras do que de atos, a pacífica e tranquila coexistência da humanidade.[714]

A ideia apresentada por Bueno é coerente com um estudo realizado por pesquisadores da Universidade de Houston do início da década de 1990 a respeito da presença de possíveis valores democráticos na cultura política soviética. Segundo o estudo, apesar de na época ainda existir uma forte argumentação de que a cultura tradicional russa abrigava tensões de

[713] *Ibidem*, p.96.
[714] *Ibidem*, p.98.

autoritarismo e que sete décadas de domínio comunista reforçariam essa tendência, algumas tendências seculares poderiam ter contribuído para uma preferência da população por maiores liberdades democráticas, tais como a disseminação dos meios de comunicação e o rápido aumento dos níveis de educação.[715] De acordo com Lucian Pye, cientista político norte-americano, o surgimento de uma classe média e o crescimento de uma população tecnicamente educada poderiam ter ajudado a criar novos centros de poder, levando a atitudes diferenciadas em relação à natureza do governo autoritário.[716]

O estudo defende que uma possível cultura política democrática teria evoluído nas últimas décadas do regime soviético. Uma das causas apontadas seria a qualidade da educação, que poderia ter contribuído para apoiar valores democráticos, independentemente das normas formais do sistema soviético: "Mais educação [na URSS] aumenta a probabilidade de que um indivíduo consuma mais informação da mídia, seja crítico da mídia, e procurará buscar mais informações compensatórias de contatos sociais informais".[717]

Desta forma, os contatos proporcionados entre os estudantes e os viajantes dos mais variados países que eram levados a conhecer as universidades (vale lembrar que muitos dos guias/intérpretes dos viajantes eram também estudantes e demonstravam interesse por conhecer a cultura dos visitantes), escolas e outros centros de estudo, assim como os Festivais da Juventude proporcionados pelo governo soviético, possibilitavam um maior intercâmbio de ideias e comparações entre a cultura soviética e as culturas ocidentais. Vindos de um contexto em que a construção do acesso à educação estava em pauta e em disputa, os brasileiros não só se surpreenderam com as conquistas educacionais alcançadas pelo governo soviético, como também foram capazes de perceber o que essas conquistas e evoluções no campo educacional poderiam proporcionar às novas gerações soviéticas.

[715] Gibson *et alii*, 1992, p.334.
[716] Pye *Apud* Gibson *et alii*, 1992, p.334.
[717] Remington *Apud* Gibson *et alii*, 1992, p.354.

As representações da mulher e da família soviética nos relatos de brasileiros e brasileiras

Há um consenso nos relatos de brasileiros e brasileiras das décadas de 1950 e 1960 de que a mulher soviética alcançara, no regime soviético, a igualdade perante o homem em relação ao acesso a qualquer tipo de trabalho. O consenso, porém, não significa que as opiniões sobre o assunto sejam semelhantes. Chama a atenção o número de viajantes que se mostram surpresos ao observar mulheres realizando trabalhos pesados, como pedreiras, operárias, ou limpadoras de ruas, mesmo no rigoroso inverno. As impressões possibilitam não só análises de cunho ideológico, como também análises em relação ao gênero dos viajantes, correspondentes à cultura patriarcal da sociedade brasileira nas décadas estudadas. Mesmo vivendo um período otimista e de expansão industrial nos anos de 1950, os chamados anos dourados, em que se ampliou as possibilidades educacionais e profissionais para as mulheres, havia no Brasil uma forte distinção entre os papeis femininos e masculinos, onde a mulher ideal seria aquela que cumprisse os papeis considerados tradicionais, isto é, cuidando dos filhos, do marido e das ocupações domésticas.[718]

A presença da mulher soviética nos mais diversos trabalhos é alvo de observação de quase todos os viajantes brasileiros. Os viajantes anticomunistas são os que se mostram mais críticos em relação ao que observam. Silveira Bueno considera que, por conta de a mulher ter sido igualada ao homem, tendo que encarar os trabalhos pesados das fábricas, calçamento de ruas, construção de prédios, direção dos veículos, quer nas cidades, nas fazendas coletivas, ou mesmo no exército, ela havia perdido seus traços específicos. Seguindo a mesma linha de pensamento, Orlando Loureiro destaca-se dos demais, ao classificar um grupo de mulheres trabalhadoras nas linhas férreas em sua viagem de trem pela Rússia a caminho de Briansk como “ex-mulheres”:

> Reparo bem numa equipe que transportava um grande trilho suspenso por tenazes e procuro instintivamente os guardas que deviam policiar aquelas infelizes mulheres condenadas a um regime de trabalho forçado. Mas não vi sentinela alguma e me pareceu até que as **ex-mulheres** executavam suas pesadas tarefas com certa naturalidade, como pessoas habituadas ao gênero de trabalho. Fico pensando a que exageros pode ser levada a igualdade de direitos e deveres entre o homem e a mulher, e me pergunto se é verdade que a Rússia ainda se encontra em regime de mobilização geral. Porém, com a atenção despertada pelo fato, verifiquei que quase todos os serviços de conservação e contrôle nas estradas de

[718] Bassanezi, 2004, p.608.

> ferro são executados por mulheres de compleição física avantajada, para não dizer deformada pelo trabalho rude e brutal.[719]

Nota-se a surpresa de Loureiro em observar a naturalidade com que as mulheres trabalhavam, sem sequer precisarem ser vigiadas. O autor não deixa de se posicionar quando aponta os exageros da igualdade de direito e deveres da mulher, justificando seu comentário com a observação sobre as deformidades encontradas nos corpos femininos observados. Mais à frente em sua narrativa, Loureiro reafirma sua opinião frisando que trabalhos estafantes e pesados eram incompatíveis com a natureza da mulher, tendo-as visto trabalhar também no transporte de cargas de caminhões e no serviço de remoção da neve em Moscou.[720]

Observando o uso da mão-de-obra feminina nos trabalhos pesados de construção, que iam desde serviços de pedreiro, serventes de concreto e "**até** os de operadores de guindastes", John Cotrim, engenheiro de ideologia anticomunista, apresenta outra justificativa para seu repúdio em relação ao trabalho feminino:

> Em algumas obras hidrelétricas o efetivo feminino tem atingido a trinta por cento do total da mão-de-obra; e nas construções civis urbanas a porcentagem pode ser ainda maior. A baixa produtividade e o consequente número exagerado de operários parecem resultar da combinação de vários fatores: o equipamento de construção inadequado, **má qualidade da mão-de-obra, agravada pelo emprego de mulheres em serviço pesado** e, sobretudo, falta de élan e de incentivo de pessoal, típica dos países socialistas onde todo mundo é funcionário público.[721]

Cotrim considera que o emprego de mão de obra feminina em serviços pesados resultava em baixa produtividade para um número exagerado de operários, concordado com Loureiro e Bueno em relação à ideia de que tais tipos de trabalho seriam incompatíveis com a natureza feminina. Essa ideia não se limita aos anticomunistas, aparecendo de maneira mais sutil no discurso de outros viajantes. Olympio Mello, comunista, informa que a mecanização e automatização das indústrias estavam contribuindo para eliminar as diferenças entre as profissões masculinas e femininas, pois aliviavam o esforço do trabalhador. Ele é o único dos viajantes em afirmar que o Estado proibia o emprego de mão de obra feminina em trabalhos que requeriam grande esforço físico ou que fossem prejudiciais ao organismo da mulher.[722]

[719] Loureiro, 1954, p.58. Grifos meus.
[720] *Ibidem*, p.108.
[721] Cotrim, 1962, p.16. Grifos meus.
[722] Mello, 1954, p.122.

O TRABALHO na construção civil, em Moscou, prova que a mulher não é sexo tão fraco quanto se imagina...

Figura 8: Mulheres soviéticas na construção civil (Nobre, 1957, p.48)

A MULHER transporta material de construção para o caminhão. E, depois, o dirige com a mesma segurança de um homem.

Figura 9: Mulheres soviéticas transportando materiais (Nobre, 1957, p.49)

Muitos viajantes de ideologia não definida também comentam o estranhamento em observar as mulheres realizando trabalhos pesados nas ruas. Flávio Costa, ao observar mulheres de idade avançada, vestidas de maneira simplória, varrendo as calçadas de Moscou, pensa em questionar seu guia o porquê desse "espetáculo de gritante injustiça".[723] Ele se conteve, pois imaginou que o guia tentaria oferecer uma explicação qualquer para algo que ele considerava absurdo. Ao relatar um diálogo a respeito do que observa em seus primeiros momentos de chegada em Moscou para participação da Conferência Econômica Internacional, José Campos faz uma descrição detalhada das mulheres que trabalhavam na neve:

> Nessa observação do vai e vem da multidão pelas calçadas, uma coisa logo nos chamou a atenção: Era numerosas mulheres, de meia idade, baixas, gordas, tipo mongólicas, mal vestidas, com a cabeça envolta em grandes laços, luvas escuras e surradas, edredão ensebado, que lhes protegia o tronco contra o frio, sáia de chita e botas de feltro, a limpar, algumas, a neve das ruas e, outras, munidas de pás, a ajuntá-la e, com ela, enchendo caminhões. Muitos dêstes eram dirigidos **até por mulheres.**
>
> — Mulheres em serviços tão brutais e num frio tão intenso?! Dissemos, admirados, condoídos delas.
>
> — As mulheres aqui, interveio D.ªAlexandra, têm os mesmos direitos e obrigações que os homens. Daí porque estão sujeitas também a fazer toda espécie de trabalho, seja êle qual fôr.
>
> — Mas êste devia ter sido reservado aos homens, que têm mais robustez física, não acha?"
>
> — Da. Alexandra meneou apenas a cabeça para um lado, e, arqueando as sobrancelhas, sorriu, sem, entretanto, nos dar resposta.[724]

Nota-se que a operação de guindastes ou de veículos por mulheres era algo bem chocante para os viajantes do sexo masculino. Ao contrário das impressões de negação expostas até aqui, nenhuma mulher viajante fez qualquer observação contrária sobre a presença feminina nos trabalhos observados, inclusive os pesados, realizados pelas mulheres soviéticas. O tema é um dos mais comentados nas entrevistas realizadas pela Federação das Mulheres do Brasil. Estando presente também na delegação de José Campos e apresentada como esposa de um dos membros da Conferência internacional, Olga Rechulski, ao questionar seu estranhamento na mesma cena exposta por Campos, isto é, observando varredoras de neve, salientou que sua pergunta havia sido estranhada pelos guias presentes, ao

[723] Costa, 1958, p.209.
[724] Campos, 1953, p.35. Grifos meus.

responderem que varrer neve era também um trabalho: “E razão tinham êles para estranhar, pois, como disseram, todos trabalham para ganhar a vida, e todo tipo de trabalho é dignificado e valorizado, havendo em todos a tranquila certeza de que nas escolas e universidades está garantido o lugar de seus filhos”.[725] Já Zélia Amado respondeu ao diálogo exposto por José Campos (único viajante da Conferência Econômica Internacional a se mostrar horrorizado com o trabalho das mulheres no inverno):

> — Um visitante, que compareceu à Conferência Econômica realizada em Moscou, em vez de olhar essa obra grandiosa — disse Zélia — apenas mostrou-se horrorizado ao ver algumas trabalhadoras limpando neve das ruas. Ora, o trabalho é um motivo de honra, seja êle qual for. Essas trabalhadoras alimentam-se bem, estão agasalhadas, seus filhos têm creches, escolas, palácios de pioneiros, e universidades.[726]

As viajantes brasileiras (simpatizantes e comunistas) mostravam-se muito surpresas e positivas em relação ao que observavam. Em sua visita à URSS em novembro de 1949, Fanny Tabak se impressionou como a “generala” Troitskaia, diretora do metrô de Moscou, e além de se surpreender muito com a magnitude da arquitetura do metrô, ressaltou:

> — Pela primeira vez víamos mulheres que realizavam serviços aqui entregues exclusivamente aos homens. E o mais estupendo: quem dirigia aquela complicadíssima engrenagem de trens que se sucediam, minuto após minuto, era uma mulher que tinha sido uma simples maquinista, e durante a grande guerra, por seus méritos, merecera o título de general.[727]

Também Edi Duarte Pereira, ao observar a presença de mulheres no aeroporto, notou que elas trabalhavam ombro a ombro com os homens, dando a impressão de uma verdadeira igualdade, não apenas realizando trabalhos considerados inferiores.[728] Ofélia do Amaral considerou que, pela primeira vez, na história da humanidade, a mulher se sentia uma “verdadeira cidadã”, conhecendo sua personalidade e sua força criadora, tendo a possibilidade de descobrir suas riquezas, forças espirituais e talento, fazendo-se sentir a personalidade da mulher em todos os aspectos da economia e da cultura soviética.[729] É

[725] Federação das Mulheres do Brasil, 1954, p.28.
[726] *Ibidem*, p.161.
[727] *Ibidem*, p.48.
[728] *Ibidem*, p.42.
[729] *Ibidem*, p.60.

perceptível observar pelos exemplos acima que as viajantes do sexo feminino, especialmente as entrevistadas pela Federação das Mulheres do Brasil, descrevem com mais emoção o acesso das mulheres aos mais variados campos profissionais.

Embora não relatem com semelhante empolgação, a maioria dos homens comunistas, simpatizantes e não definidos também não deixam de expor as conquistas das mulheres soviéticas em seus relatos. Alguns, inclusive, trazem justificativas para o trabalho das mulheres nas ruas. Ao comentar com seu guia o seu estranhamento ao ver apenas trabalhadores do sexo feminino limpando as ruas, e não homens, Marques Rebêlo, de ideologia não definida, relata que seu guia, Capetovich, teria lhe respondido:

> — Bem, qual é a diferença que o senhor acha entre homem e mulher? Por acaso considera êsse trabalho de limpeza urbana demasiado pesado para um organismo feminino? Talvez o fôsse, não o nego, para uma dama franzina, diáfana, subalimentada, mas não é o caso, está entrando pelos olhos — e apontava para o bando de varredoras. Estas mulheres são mulheres robustas, saudáveis, bem alimentadas, e acostumadas a trabalhos pesados no campo. E' comum os ocidentais serem muito delicados a respeito do trabalho das mulheres, tenho observado. No entanto, mantêm uma situação social tão desnivelada, que obrigam as suas damas a terem, em imensa quantidade, o pesadíssimo trabalho de prostitutas. E eis, amigo, uma profissão que aqui foi abolida.[730]

A dúvida em relação a uma possível exploração na quantidade de mulheres nos trabalhos de limpeza das ruas parece estar presente no pensamento de Freitas Nobre, também de ideologia não definida, que questiona a porcentagem de mulheres que varriam e lavavam as ruas, obtendo a resposta de que, com referência à limpeza mecanizada da cidade de Moscou, seria apenas 15%. Seu relato é repleto de fotografias de mulheres soviéticas trabalhando em serviços nas ruas, como na construção civil. Em um capítulo denominado: "Não prevalece a designação 'sexo fraco' para as russas!", Nobre assegura que não havia restrições de trabalho ou de atividades para a mulher na URSS, pois ela se equiparava ao homem para o exercício de qualquer função.[731] Embora critique a ausência de não existir uma mulher no Conselho de Ministros, ele atesta a participação de mulheres como conselheiras municipais, jornalistas, intérpretes, repórteres de rádio, médicas, engenheiras, professoras, e fica surpreso ao ver uma apresentação de caças a jato pilotados por mulheres. Ao entrar em

[730] Rebêlo, 1956, p.246.
[731] Nobre, 1957, p.47.

uma barbearia e ver que todos “os barbeiros” eram mulheres, Nobre assegurou que a experiência não havia sido ruim, garantindo que as mulheres faziam melhor a barba e o cabelo que os homens, embora não correspondessem aos seus ideais de beleza:[732]

SE BEM QUE para o nosso gôsto a mulher soviética não seja tipo de beleza, não deixa de ser mais agradável fazer a barba ou o cabelo com as atenções femininas. Numa barbearia de sete cadeiras, sòmente um homem trabalhava, com uma escôva, à porta. E não recusou a gorjeta que lhe foi dada.

Figura 10: Mulher soviética fazendo a barba, com comentários de Freitas Nobre (Nobre, 1957, p.53)

Alguns viajantes como Paschoal Lemme e Olympio Mello citam o mesmo trecho do Artigo 122 da Constituição Soviética de 1936, que assegurava a plena igualdade de direitos às mulheres em relação aos homens quanto ao trabalho, salário, repouso, seguro social e à instrução.[733] A enorme presença de mulheres médicas em hospitais e institutos de pesquisa

[732] *Ibidem*, p.53.
[733] Lemme, 1955, p.98. Mello, 1954, p.121.

também é notada: Milton Lobato e Reinaldo Machado chamam a atenção para o fato de que 80% dos médicos soviéticos eram do sexo feminino.[734] A questão da igualdade salarial e da possibilidade da mulher estar independente de qualquer tipo de opressão é ponto de destaque para alguns viajantes, como apresenta Jorge Amado:

> Em nenhuma parte a mulher recebe menos pelo seu trabalho que o homem que ocupe cargo igual ao seu. A mais absoluta igualdade de salário para o homem e a mulher foi estabelecida pela Revolução. [...] A mulher deixou de ser o "sexo débil", a "parte fraca", a "inferior" do homem, olhada sempre com certa superioridade, para ser a igual do homem, com os mesmos direitos e deveres que êle. Na URSS, as mulheres não dependem economicamente do homem, elas têm seu trabalho, são independentes de qualquer opressão familiar e social.[735]

Possivelmente considerando a situação de parte das mulheres brasileiras que não trabalhavam, especialmente aquelas de famílias tradicionais de classe média e alta, Jorge Amado busca agradar todos os possíveis tipos de leitores e leitoras: faz questão de assinalar que essa realidade não significava que as mulheres eram obrigadas a trabalhar, como afirmava alguns anticomunistas. Segundo ele, existiam mulheres que, por possuírem os maridos um salário mais elevado, preferiam ficar em casa, cuidando do lar, não estando impedidas de fazê-lo. A certeza, porém, de que a mulher poderia voltar a trabalhar e ganhar o necessário para seu sustento, bastava para que o marido não a mirasse com um olhar superior, como geralmente faziam os maridos na sociedade capitalista. Amado frisa, contudo, que numa sociedade onde todos trabalhavam, ninguém, tirando casos especiais, gostava de ficar à margem de trabalho.[736] Anticomunista, o viajante Orlando Loureiro comenta sobre a mesma questão de uma maneira um pouco mais sarcástica, procurando denunciar uma possível distinção de classes entre os soviéticos:

> É claro que isso [a presença das mulheres em trabalhos] não acontece com a mulher das classes privilegiadas (a esposa do alto comissário do Partido, do escritor, do burocrata e do militar), as quais ficam no confôrto tranquilo dos seus lares, comendo chocolate e lendo revistas, podendo até se darem ao supremo luxo de possuir serventes domésticas oficiais.[737]

[734] Lobato e Machado, 1955, p.28.
[735] Amado, 1951, p.116.
[736] *Ibidem*, pp.116,117.
[737] Loureiro, 1954, p.108.

Algo que também é muito questionado e observado pelos viajantes brasileiros é a feminilidade da mulher soviética e sua maneira de se vestir. É comum encontrarmos nos relatos julgamentos de beleza da mulher soviética, realizados de maneira mais enfática pelos viajantes homens. José Campos, por exemplo, afirma que era difícil encontrar, em Moscou, "moças ou mulheres impecavelmente bonitas."[738] Ao chegar em Moscou, Francisco Peixoto comenta que as mulheres eram "sólidas e desgraciosas."[739] De acordo com Bassanezi, um dos perigos alegados pelo imaginário social patriarcal brasileiro da década de 1950 era de que o trabalho poderia levar à perda da feminilidade da mulher. As revistas femininas da época aconselhavam e apelavam para que as mulheres que exercessem atividade fora do lar não descuidassem da aparência ou da reputação pessoal, mantendo-se femininas.[740] Nesse sentido, surgiam questionamentos sobre a mulher soviética, como expõe Jorge Amado:

> Muitas pessoas, à minha volta da URSS, têm-me perguntado se a mulher soviética, ao conquistar direitos iguais aos homens, ao dedicar-se aos mais diversos trabalhos, alguns dêsses bastante rudes e pesados, **se ela não perdeu sua elegância e sua feminilidade, se ela não se masculinizou.**
>
> Não, evidentemente ela não se masculinizou, não perdeu a feminilidade, não deixou de ser o "belo sexo" ao deixar de ser o "sexo frágil." Uma constante campanha contra qualquer tendência à masculinização acompanhou a liberação da mulher. Ela ficou feminina como tôdas as mulheres do mundo.[741]

Eneida de Morais também enaltece a vaidade da mulher soviética, chamando a atenção para a quantidade de mulheres presentes em salões de beleza.[742] Contudo, a falta de variedades de tipos de roupas e cortes antiquados eram notados em todos os grupos de viajantes. Guilherme Mendes narra em seu relato que as mulheres estavam vestidas com, no mínimo, 25 anos de atraso, utilizando fitas e chapéus extraordinários, e com um corte de roupas que poderia se chamar de "uma linha de pós guerra."[743] Freitas Nobre declara que a mulher soviética vestia-se sem elegância, com indiferença para o vestuário, sem qualquer preocupação estética.[744] Maria Della Costa também considera os vestidos antiquados.[745]

[738] Campos, 1953, p.85.
[739] Peixoto, 1960, p.41.
[740] Bassanezi, 2004, p,612.
[741] Amado, 1951, p.117. Grifos meus.
[742] Moraes, 1959, p. 26.
[743] Mendes, 1956, p. 19.
[744] Nobre, 1957, p.83.
[745] Federação de Mulheres do Brasil, 1955, p.37.

Muitos comunistas e simpatizantes aproveitavam a deixa para chamar a atenção para a simplicidade da mulher soviética, que não se preocupava com luxos, por ter outras responsabilidades e interesses, como ressalta Jurema Finamour:

> Mas a mulher soviética tem outra finalidade que não seja a elegância como a entendemos. Impossível atender às exigências da moda ocidental – o tempo está completo com o trabalho, o estudo, a cultura do espírito. A mulher é Ser com direitos à vida: tôdas as fontes de estudos e cultura; tôda a segurança lhe é proporcionada em relação a seus filhos. A ociosidade não existe. — Por que existiria se a vida é tão vária, se as possibilidades são todas, se a participação no trabalho da Nação a faz independente e segura de si mesma? Ela sabe que é útil à família e à pátria e sabe também que é retribuida plenamente nessa colaboração. Seu objetivo é outro: é construir, é ajudar a construir....
>
> É porque para nós — pobres mulheres do ocidente — a vida não tem cem portas, como Thebas, abertas às nossas aspirações mais altas, que gastamos tantas horas contemplativas, diante do espelho, medindo nossa inútil elegância..[746]

As más impressões do mundo ocidental sobre a moda soviética possivelmente afetaram o governo soviético nos anos posteriores. Nos relatos da segunda metade da década de 1950, é comum encontrar autores relatando a preocupação do governo soviético em melhorar "o padrão dos modelos femininos", como ressalta Marques Rebêlo. Segundo seu guia, após a superação das perturbações da guerra, os soviéticos estavam começando a pensar nos aspectos da vida mais "pequeninos", e, por conta de receberem diversas críticas de uma delegação francesa às indumentárias femininas, havia sido criado um relatório para ser enviado ás fábricas com o intuito de serem criadas roupas mais apropriadas às mulheres, como modelos mais femininos.[747]

Da mesma maneira, Freitas Nobre comenta sobre desfiles de moda realizados por mulheres inglesas várias vezes por semana, num pavilhão do Parque Gorki, com o intuito de influenciar as mulheres russas. Segundo ele, a moda tornava-se assunto político, uma vez que os russos compreenderam que o retrato da rua era um dos mais importantes. "A mulher deve vestir-se bem, porque o povo que não se veste bem dá ao visitante uma impressão de falta de confôrto e de desmazêlo, de pobreza ou de desintêresse pelo futuro."[748] Nobre afirma que o desfile havia sido organizado sob orientação da Câmara de Comércio da URSS, e que sabia-se

[746] Finamour, 1954, p.66.
[747] Rebêlo, 1956, pp. 260, 261.
[748] Nobre, 1957, p.86.

que em cada república havia a fundação de uma Casa de Modelos, como forma de preparar as mulheres soviéticas para não chocar o gosto e a elegância estética das estrangeiras.

Em contradição à enorme preocupação dos brasileiros sobre a estética das mulheres soviéticas, a presença da mulher nos conflitos da 2ª Guerra Mundial é também bastante louvada pelos viajantes. Muitos deles se remetem à heroína de guerra Zoia Kosmodemyanskaya, jovem camponesa soviética percebida em diversas estátuas por onde passavam, ou mesmo visitando a escola onde ela havia estudado, como é o caso de Fanny Tabak, que descreve Zoia como uma jovem de apenas 19 anos que havia sido morta pelos nazistas por sua recusa em trair os guerrilheiros.[749] Já Nobre a descreve como uma das grandes mulheres vanguardeiras da guerra, que incendiara depósitos de combustíveis dos alemães.[750] Em relação ao papel das mulheres na guerra, Rebêlo ressalta que seu guia fez questão de o lembrar de que as mulheres viveram sob bombas, e pegaram em armas muito mais pesadas do que uma vassoura, trabalhando de dezoito a vinte horas por dia, sem alimentação suficiente, por conta do racionamento.[751] Também Amado enaltece a presença da mulher na guerra como soldados, aviadoras, marinheiras, comandantes, enfermeiras, médicas e correspondentes de guerra, tendo colaborado para a vitória da mesma maneira que o homem, e provando merecer a liberdade que a Revolução havia lhe dado.[752]

Apesar dos avanços do sexo feminino no campo profissional e na participação da sociedade com a conquista de direitos e deveres civis, a descrição da mulher soviética nos relatos de viagem está intrinsicamente ligada aos papeis atribuídos a ela nesse contexto, tanto brasileiro, quanto soviético: sua função como mãe, responsável pela criação dos filhos, e como esposa, responsável pelo ambiente doméstico. Em relação a eles, os viajantes coincidem na percepção de que o Estado procurava assumir os principais encargos domésticos, desde assistências à maternidade, até o atendimento das crianças em creches para possibilitar o trabalho das mães (não dos pais, entretanto). Tudo referente à casa e aos filhos era atribuído à figura da mulher, como resume bem o marítimo Humberto Campelo:

> A assistência às mães e filhos é perfeita. Já antes do casamento é um costume a usina presentear a noiva com os móveis para o quarto do casal. Quando

[749] Federação de Mulheres do Brasil, 1955, p. 48.
[750] Nobre, 1957, pp.50,51.
[751] Rebêlo, 1956, p. 246.
[752] Amado, 1951, p.120.

> nascem os filhos – a mãe tem 77 dias de férias, sendo 35 dias antes e 42 dias depois do parto (neste período recebe salário integral). Ao voltar ao trabalho, tem meia hora de folga de 3 em 3 horas para poder amamentar. Se o filho adoece ela é dispensada do serviço por quantos dias for necessário, sem perda de salário. Na ocasião do nascimento de cada criança a mãe recebe uma ajuda de 300 rublos para o enxoval.[753]

Os dados referidos por Campelo repetem-se em diversos relatos. As mulheres viajantes também dão enorme atenção ao tema. Jurema Finamour ressalta a gratuidade de consultórios femininos do Estado e de maternidades.[754] Eneida de Moraes relata que as fábricas que empregavam muitas operárias eram obrigadas a manter creches, salas de amamentação e salas que os soviéticos chamavam de "higiene feminina." Também chama a atenção para casas de assistência para mães e filhos, para onde iam as mães que se encontravam em situações difíceis. Essas casas dariam, gratuitamente, alimentação, roupa, remédios, e tratamento para ambos. Cita também as casas para crianças, onde ficavam filhos de mães solteiras e órfãos, sendo o Estado responsável pela educação delas.[755]

As viajantes brasileiras procuravam associar o que observavam na URSS com seus ideais de vida e de seu cotidiano. Ao realizar um estudo sobre revistas femininas da década de 1950, Carla Bassanezi afirma que, na ideologia dos anos dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina, e sem possibilidades para contestação.[756] Por isso, muitas vezes o trabalho feminino fora de casa era percebido como incompatível às prioridades das mulheres no imaginário social. Afinal, a mulher deixaria de fazer seus afazeres domésticos e suas atenções com a família para se dedicar a uma vida profissional, e isso poderia colocar a vida familiar e a estabilidade do matrimônio em risco. Assim, o ideal para as viajantes era a possibilidade da conciliação do trabalho com as funções de mãe e esposa do lar, sem, contudo, interferir nas funções do homem:

> — No que se refere à mulher — diz D.ª Branca — posso afirmar que ela tem o mesmo direito que o homem. Todas as carreiras lhe são abertas. Pode realizar plenamente uma vida interessante de trabalho construtivo, **sem prejuízo de seu papel de mãe e de esposa**, porque a organização é tal, que o trabalho com filhos é muito reduzido. As creches não têm horário rígido, facilitando assim o trabalho da

[753] Campelo, 1953, pp.20,21.
[754] Finamour, 1954, p. 105.
[755] Moraes, 1959, p. 49.
[756] Bassanezi, 2004, p. 608.

> mãe. No entanto, caso precise viajar, descansar, etc, o filho poderá ficar até mesmo alguns dias na creche. Mas não permanentemente.
>
> Dessa forma a mulher é livre para seguir sua carreira. A instrução, hospitais, colônias-de-férias, remédios gratuitos, liquidam inteiramente o problema das preocupações econômicas em relação ao futuro da criança. A família numerosa é motivo de alegria e orgulho e não de preocupação angustiosa. A mulher soviética vive plenamente, de acordo com sua capacidade, quer seja médica, ministro, engenheira, tratorista, etc.[757]

Na visão das brasileiras, portanto, era importante frisar que o acesso das mulheres a qualquer tipo de trabalho não prejudicaria as também ocupações e obrigações da mulher no seio familiar, justamente por conta da assistência governamental. A narração presente nas entrevistas realizadas pela Federação de Mulheres do Brasil constrói fortemente esse discurso. Ao ser questionada sobre o que mais a havia impressionado durante a viagem, Heloísa Ramos cita a participação das mulheres em diversos setores de atividades, como motoristas, maquinistas, juízas, prefeitas e ministras. Ela ainda considera que o Estado dispensava à mulher cuidados e carinhos especiais, afirmando (ou "pilheriando" como a narração descreve), que o século XX seria o século das mulheres, pois os homens já tinham tido tempo de sobra, sendo então o momento de as mulheres tomarem a direção do mundo, construindo um mundo só de paz. Logo em seguida ao seu comentário, a narrativa faz o seguinte apontamento:

> **Longe de ser uma feminista, Heloísa foi uma grande e compreensiva companheira e amiga de Graciliano Ramos**, em tôda a sua vida tão cheia de lutas. Foi o próprio Graça quem lhe incutiu confiança, pois vivia repetindo: "—Você consegue, Ló!" (Era assim que êle a chamava, carinhosamente). "—Você realiza Ló, você é capaz de tudo!"[758]

Assim, no primeiro momento em que nas entrevistas aparece uma possível opinião mais "radical" em relação ao papel da mulher no século XX, ela é tomado como piada, deixando claro que a autora não se considerava, de forma alguma, feminista. O conservadorismo em relação ao papel principal da mulher na sociedade brasileira como companheira e amiga de seu marido toma espaço na narrativa, afinal, foi o marido que lhe incutiu (ou permitiu) toda essa confiança.

[757] Federação de Mulheres do Brasil, 1954, p.116. Grifos meus.
[758] *Ibidem*, p.99. Grifos meus.

A diferença ideológica sobre esse tema encontra-se na maneira como os viajantes interpretam o motivo pelo qual o Estado teria decidido investir em tais assistências. Ao contrário de comunistas, simpatizantes e não definidos, que consideram que a assistência governamental tinha como motivo promover a libertação e a independência da mulher, os anticomunistas consideravam que toda a assistência seria apenas uma maneira de manter a produção das fábricas e dos serviços em alta. Loureiro defende que o Estado procurava assumir os encargos domésticos como forma de aproveitar o máximo rendimento do trabalho da mulher operária nas fábricas, nos campos e nas ruas. Ao visitar uma fábrica de tecelagem em Leningrado, ele repara que, concluída a jornada de trabalho, os pais poderiam retirar as crianças da creche, mas isso só acontecia em pequena escala, pois os operários não tinham tempo para a vida doméstica, já que precisavam comparecer também às casas de cultura. Ao visitar a creche da fábrica, Loureiro considera o ambiente saudável e higiênico, mas não deixa de notar os grandes retratos de Stalin no alto das paredes, que serviam para "espionar o sono dos inocentes pimpolhos".[759] Já Nascimento Brito acusa o governo soviético a obrigar as "mães" (ele utiliza como sinônimo de mulheres) a trabalharem para proverem sustento do lar, deixando seus filhos durante o dia nas creches onde seriam preparados pelo Estado para serem "o homem harmônico da sociedade comunista".[760] Silveira Bueno apresenta ideias bem semelhantes:

> Os filhos, considerados obstáculos à produção dos pais, são retirados da família, entregues ao Estado. Através de uma série de estabelecimentos assistenciais, desde a creche até a Universidade, não regressam à casa, deixando, portanto, de constituir a família, o lar. A função da mulher limita-se a reproduzir, não a educar, não a formar o caráter dos filhos. [...] A infância é amparada como se amparam as plantações para que não dêem prejuízo e produzam materialmente.[761]

Mesmo sendo anticomunista, Rubens do Amaral novamente distingue-se dos demais ao contextualizar a relação entre Estado e família. Ele argumenta que, após a Revolução, houve a tentativa de implantar a ideia de que as crianças pertenciam ao Estado, e não aos pais, sendo que o Estado se encarregaria de sua educação, o que, segundo ele, colocou a família em uma situação periclitante. Amaral considera que o "tempo encarregou-se, porém,

[759] Loureiro, 1954, pp.108, 109.
[760] Brito, *Depoimento sôbre a União Soviética* ,1963, p.5.
[761] Silveira Bueno, 1961, pp.166, 167.

de curar o desvario. Em lenta evolução, o regime foi retornando aos princípios tradicionais e hoje há um esforço deliberado e constante pela reconstituição da família."[762] Ele cita então o exemplo de que estava mais difícil para se conseguir o divórcio, especialmente se houvesse filhos, e que o aborto havia voltado a ser proibido, a não ser em casos de abortos terapêuticos com comprovação médica.

Amaral apresenta uma boa visão do desenrolar das questões entre o governo soviético e sua influência na situação das mulheres e da família no decorrer do tempo. De fato, o direito familiar na União Soviética passou por uma inversão, desde seu início, em 1918, até o ano de 1944, com o Édito da Família que repudiava qualquer traço remanescente da legislação dos anos 20 a respeito. Por conta de tais transformações, é interessante notar que os relatos de viagem da década de 1930 apresentam ideias bem diferentes em relação à família quando comparados aos das décadas de 1950. Analisando os relatos da década de 1930 de forma comparativa, é possível perceber que muitos brasileiros que escrevem seus relatos nos anos de 1950 e 1960 ainda se remetem a aspectos polêmicos sobre as questões familiares da União Soviética, como amor livre, legalização do aborto e a facilidade em se obter divórcios, que haviam sido estabelecidos na década de 1920. As transformações e inversões ocorridas na década de 1940 contribuíram para que os brasileiros tivessem opiniões mais positivas em relação a diversas situações a respeito da família soviética nas décadas de 1950 e 1960.

Desde a Revolução Russa, o movimento bolchevique tinha como um de seus pontos fundamentais a supressão da opressão das mulheres na sociedade, especialmente na família e no trabalho. O Código de Casamento, da Família e da Tutela de 1918, serviu para estabelecer novos tipos de relações sociais, sustentado na igualdade dos sexos, e estabelecendo uma nova organização familiar, com direitos propostos às mulheres, crianças e aos jovens. Muitos socialistas da época acreditavam que as mudanças também levariam a relacionamentos mais livres, conhecidos como "amor livre". Wendy Goldman sintetiza bem as aspirações do momento:

> Sob o socialismo, o trabalho doméstico seria transferido para a esfera pública: as tarefas realizadas individualmente por milhões de mulheres não pagas em suas casas seriam assumidas por trabalhadores assalariados em refeitórios, lavanderias e creches comunitários. Só assim as mulheres se veriam livres para ingressar na esfera pública em condições de igualdade com os homens,

[762] Amaral, 1952, p.44.

> desvencilhadas de tarefas de casa. As mulheres seriam educadas e pagas igualitariamente, e seriam capazes de buscar seu próprio desenvolvimento e seus objetivos pessoais. Sob tais circunstâncias, o casamento se tornaria supérfluo. Homens e mulheres se uniriam e se separariam como quisessem desassociados das pressões deformadoras da dependência econômica e da necessidade. A união livre substituiria gradualmente o casamento à medida que o Estado deixasse de interferir na união entre os sexos. [763]

Em 1934, em seu relato de viagem *U.R.S.S.: Um Novo Mundo*, Caio Prado Junior considerou que a necessidade das mulheres e de crianças no mercado de trabalho havia dado início à dissolução da família, afirmando que o regime soviético nada mais fazia do que resolver uma contradição que há muito já minava os alicerces da família burguesa, sendo esta mantida apenas pela persistência das leis, costumes e moral obsoletos.[764] O direito soviético, segundo ele, não procurava proteger a família — como acontecia na sociedade burguesa — consagrando-a apenas como um meio de garantir os interesses e direitos daí derivados, de cônjuges e filhos, subordinando a organização da família aos próprios interesses dos membros.[765] No mesmo sentido, Maurício de Medeiros, que viajou para a URSS em 1928, afirma que a noção de família, em uma sociedade comunista, deveria ser subordinada ao sentimento de coletividade. Segundo ele, para que a sociedade coletiva admitisse e amparasse a família, seria necessário que ela se transformasse num agrupamento humano de colaboração à sociedade em que se encontrasse. Segundo ele:

> Não há tampouco, numa sociedade collectivista, logar para os inactivos. A mulher, para se tornar um elemento útil ao progresso collectivo, recebe direitos de livre acção social. Cumpre, pois, desobrigal-a de funções que lhe absorveriam integralmente a atividade, prendendo-a ao lar.[766]

As mudanças não se realizaram, apenas, no âmbito profissional para as mulheres. Com o intuito de retirar do domínio da Igreja a regulamentação dos casamentos e também de desburocratizar tais processos, o Código da Família de 1918 estabeleceu na URSS o casamento civil como a única forma de matrimônio legalmente válida e facilitou o acesso ao divórcio: um casamento poderia ser dissolvido com o pedido de qualquer uma das partes, enquanto que

[763] Goldman,2014, p.21.
[764] Prado Junior, 1934, pp.154-155.
[765] *Ibidem*, p.160.
[766] Medeiros, 1931, p.83.

desacordos em relação à separação, pensão alimentícia, custódia e amparo aos filhos deveriam ser encaminhados aos tribunais.[767] Apesar de o direito ao divórcio ser importante para as mulheres, ele carregava um problema de classe: as mulheres bolcheviques que apoiavam a lei, como Aleksandra Kollontai,[768] normalmente vinham de classes alta ou média, e buscavam sua independência e direito de escolha. Contudo, boa parte das mulheres trabalhadoras nas fábricas e nos campos soviéticos eram mães que encaravam o casamento como uma forma de segurança e sobrevivência, sendo ainda dependentes social e economicamente do homem assalariado.[769]

Em visita a um ofício de registro de casamentos e divórcios em 1928, Medeiros ficou encantado com a rapidez nos processos conjugais. O divórcio poderia ser declarado por vontade unilateral de qualquer um dos cônjuges, sendo o outro cônjuge avisado por um ofício via correio. Se este fizesse restrições ao entendimento, poderia entrar então com um processo.[770] No caso de separação, o marido deveria uma pensão de sustento à mulher, quando houvesse filhos ou quando a mulher não trabalhasse. Se o marido, porém, fosse inválido ou desempregado, seria a mulher que deveria ser a responsável pela pensão, sendo mais um exemplo de igualdade de direitos e deveres a ambos os sexos, enaltecida por todos os relatos.

A questão da aparente eficiência dos processos conjugais não era tão simples. Devido à facilidade da lei e às dificuldades sociais, tornou-se comum o abandono de famílias pelos maridos. Em uma charge publicada no jornal humorístico *Krokodil*, um homem, ao ser perguntado se havia deixado sua esposa completamente sozinha, responde: "O que você quer dizer? Eu a deixei com a criança".[771] Tais situações ocasionaram diversos pedidos e processos de mulheres que recorriam à intervenção do Estado para que as autoridades encontrassem seus maridos e os forçassem a pagar a devida pensão.[772] Devido a isso, muitas mulheres sustentavam suas crianças sozinhas. Houve a busca pela igualdade dos sexos no campo

[767] Goldman, 2014, pp. 142, 143.
[768] Aleksandra Kollontai (1872-1952) nasceu em São Petersburgo, em uma família aristocrática. Foi escritora, jornalista, revolucionária e política. Atuou no Comissariado do Povo para a Assistência Pública e em 1917 foi a primeira mulher a ocupar um cargo no novo governo. Em 1919, criou, com Inessa Armand, o Jenotdiél, Departamento das Mulheres. Para mais informações, ver Schneider, 2017, pp.149 a 221.
[769] *Ibidem*, p. 142.
[770] Medeiros, 1931, p.100.
[771] Fitzpatrick, 1999, p.136.
[772] *Ibidem*, pp.143, 144.

profissional, mas a mulher não deixou de ser a principal mantenedora e responsável pela educação e desenvolvimento de seus filhos. A maioria das reclamações em relação às questões de carência e dificuldades para sustentar os filhos vinham delas. Muitas vezes, a única solução encontrada era o abandono.

A irresponsabilidade paternal contribuiu para o aumento de crianças desamparadas e, consequentemente, para o aumento de crime juvenis. Ao final da década de 1920 e início dos anos 30, oficiais do Partido defendiam penas mais duras ao não pagamento da pensão alimentícia, e juízes expunham a quantidade de processos tribunais como burocráticos, formalistas e prejudiciais aos interesses das mulheres e das crianças.[773] Após um movimento de propagandas pró-família, uma nova lei de junho de 1936 aumentou as penalidades pelo não pagamento de pensão-alimentícia, dificultou o divórcio, proibiu o aborto, a não ser em casos de risco para a saúde da mãe e expandiu o número de clínicas maternidade, de creches e de cozinhas de leite. Em relação às leis trabalhistas, garantiu 4 meses de licença-maternidade para camponesas e operárias, estabeleceu penalidades criminais para empregadores que se recusassem a contratar mulheres grávidas ou que diminuíam seus pagamentos e autorizou que as mulheres grávidas executassem trabalhos menos árduos que o de seu nível salarial anterior. Mulheres que tivessem seis filhos ou mais, recebiam a garantia de 2 mil rublos por cinco anos por cada criança nascida depois. A nova legislação prometeu "lutar contra uma atitude frívola sobre a família e a irresponsabilidade familiar".[774]

As transformações podem ser sentidas nas impressões dos viajantes da década de 1950, que apresentam versões bastante diferentes daquelas de Maurício de Medeiros e Caio Prado Júnior. Presentes na mesma delegação, Branca Fialho, Jurema Finamour e Osny Pereira, relataram um mesmo processo litigioso de divórcio que assistiram em um Tribunal Regional de Moscou, em sua viagem de novembro de 1951. Fialho e Pereira chamam a atenção para o fato de que em processos envolvendo Direito de Família, como divórcio ou pensões alimentícias, um dos juízes deveria ser obrigatoriamente do sexo feminino.[775] No julgamento em questão, Finamour informa que havia duas juízas e um juiz, e que a função dos juízes nos julgamentos de 1ª Instância seria a de procurar a conciliação a fim de resguardar a estabilidade

[773] Goldman, 2014, p.378.
[774] *Ibidem*, pp.382, 383.
[775] Federação das Mulheres do Brasil, 1954, p. 116; Pereira, 1952, p.335.

da família e da sociedade.[776] Fialho e Pereira também indicaram que em processos de divórcio litigioso, a sentença final se dava apenas em Segunda Instância, de forma a demonstrar que ele não era assim tão simples de ser obtido.

Segundo Pereira, a declaração da sentença não era feita por conta de haver cônjuge culpado ou não, mas sim de existir conveniência (ou não) na manutenção do vínculo, especialmente se houvesse filhos, responsáveis por determinar, em primeiro lugar, a permanência do laço conjugal. Ele aponta que as informações obtidas eram muito diferentes do "propalado 'amor livre' que sempre ouvia a respeito do casamento na União Soviética!",[777] possivelmente por conta de informações que repercutiram a partir do choque que o novo Código da Família de 1918 foi para as sociedades ocidentais, mas que já havia sido modificado na década de 1950.

É interessante observar as diferentes maneiras com que o mesmo processo de divórcio é exposto. Fialho descreve-o de maneira mais sucinta, explicando que o marido era quem pedia o divórcio, sob a alegação de que gostava muito de crianças e que a mulher não tinha filhos. Ela, contudo, chama a atenção para o fato de que estavam casados há apenas nove meses, e ele tinha filhos de um primeiro matrimônio, estando prestes a ser avô. Após todos esses esclarecimentos, o tribunal negou o divórcio, salientando ser a família a base da sociedade, não podendo ser dissolvido o vínculo conjugal por motivo fútil.[778]

Já Finamour expõe informações mais detalhadas sobre o caso:

> O pedido fôra feito por um homem, de aproximadamente 55 anos, empregado em um restaurante e casado com uma operária de 39 anos.
>
> Alegou o mesmo, por não ignorar que as leis soviéticas são magnânimas em relação aos filhos, o seu desejo frustrado de ter filhos, já que a companheira revelára-se estéril. Não possuía advogado. Êle próprio expunha seu caso.
>
> A mulher, que se opunha ao divórcio, apresentara atestado médico de que essa esterilidade alegada não existia...
>
> A alegação da impossibilidade de ter filhos como motivo de separação não foi convincente nesse caso, visto ter o queixoso se divorciado da primeira mulher, apesar dos filhos...[779]

[776] Finamour, 1954, pp. 107, 108.
[777] Pereira, 1952, p.335.
[778] Fialho, 1952, p.27.
[779] Finamour, 1954, p.107.

Finamour chama a atenção para os argumentos do advogado da mulher, que alegava que o marido deveria estar em tempo de preocupar-se em ter netos, em vez de novos filhos. Após o marido contestar dizendo haver outras incompatibilidades entre ambos, e que há longos meses estavam afastados um do outro, mesmo vivendo na mesma casa, o advogado teria ironizado: "Como deseja o amigo ter filhos quando acaba de confessar que vivem separados? A causa seria mesmo a esterilidade da espôsa?"[780] A então operária, que desejava tentar mais algum tempo a vida em comum, insinuou a existência de outra mulher na vida do marido, algo que não foi contestado com eficiência. Após algo que mais parecia "uma conversa de família", segundo Finamour, o divórcio foi negado, principalmente porque o requerente caminhava para seu segundo divórcio. Finamour então pondera com a advogada que lhes acompanhava, Mariam Ponavian, funcionária da VOKS, como seria possível a vida comum entre ambos, ao que a intérprete explica que dentro de seis meses o homem poderia reiterar o pedido de divórcio, e que então o caráter de conciliação teria desaparecido do espírito dos que julgariam o processo.

Pereira é o que ganha no detalhamento das descrições, chegando inclusive a descrever as roupas dos homens e as formas físicas das mulheres, não só do casal, como também dos juízes do caso:

> O homem está em mangas de camisa e a mulher, a seu lado, **apresenta fisionomia muito envelhecida**, para 39 anos de idade que tem. Olham-se, de vez em quando, de cenho contraído, acompanhado de gesto de desdém, nos lábios, enquanto a juiz-presidente lê o relatório. O juiz que se encontra à sua direita também é uma senhora. **Ambas de meia idade e bastante gordas.** À esquerda, **o magistrado é um ex-capitão do exército e que compareceu de farda**.[781]

Seu relato ainda informa que o homem já tinha filhos adultos de um casamento anterior e exercia funções de subgerente de um restaurante, pedindo o divórcio por conta de sua esposa, operária, ser estéril, algo que ele alegava não saber. A esposa se opunha ao pedido porque se casara com a finalidade de ter um apoio na velhice que se aproximava, pretendendo deixar de trabalhar. A esterilidade seria curável, segundo afirmação do médico que lhe tratava, e já era de conhecimento do marido, antes do enlace, este que queria contrair núpcias de qualquer modo, não obstante as muitas ponderações que a mulher lhe havia feito, nas palavras de Pereira, "especialmente por não ser pessoa saudável nem ter cultura suficiente

[780] *Ibidem*, p.108.
[781] Pereira, 1952, p.337. Grifos meus.

para acompanhá-lo em seus prazeres intelectuais".[782] No diálogo travado, a esposa ainda informa que o verdadeiro motivo do marido seria um romance com outra mulher. O marido negou, mas declarou ter amizade com outra moça, sem intenção de casar, e sem existir relações íntimas. Pereira ainda relata que o advogado da mulher invocou o princípio da estabilidade da família, como base da segurança do Estado, não podendo o casamento ser transformado em um instituto para experimentar mulheres. Ao final, a sentença negou o divórcio requerido, e uma das juízas ainda fez advertências ao marido contra o "perigo dos rabos de saia".[783]

Observa-se que mesmo estando presentes no mesmo espaço, com a mesma intérprete, os autores apresentam conclusões muito diferentes do que vivenciaram. Para Branca Fialho (simpatizante), o caso havia se resolvido por conta do motivo apresentado pelo homem (de alegar não ter tido filhos com a mulher, mesmo em pouco tempo de casados) ser considerado fútil pelo Tribunal, que salientava a importância da família como base da sociedade soviética. Já Jurema Finamour (simpatizante), apresenta a ideia de que o pedido não fora aceito especialmente por conta de o requerente caminhar para seu segundo divórcio, e, assim como Fialho, chama a atenção em sua narrativa para o fato de que o regime, que era caluniado como "um regime de dissolução social", procurava dificultar divórcios sem sérios fundamentos, como o apresentado.[784] Aqui, percebe-se respostas claras das simpatizantes aos que criticavam a União Soviética pelas transformações no direito da família sofridas na década de 1920. As viajantes procuravam mostrar, pelo contrário, que a URSS da década de 1950 prezava pela união familiar.

Ao contrário de ambas, Osny Pereira (ideologia não definida) não aproveita o caso para propagandear diretamente a favor dos ideais familiares presentes na sociedade soviética, relatando indiretamente as observações do advogado da mulher (informadas pela intérprete) a respeito de como o Estado tentava proteger a união conjugal. Analisando pelo viés dos gêneros, como homem, Pereira apresenta opiniões que hoje seriam consideradas de cunho machista, como a descrição física apenas dos corpos femininos presentes, inclusive das juízas (ao juiz, descreve suas roupas) , ou a ênfase em colocar o homem como vítima do "perigo dos rabos de saia".

[782] *Ibidem*, p.338.
[783] *Ibidem*, 1952, p.339.
[784] Finamour, 1954, p.109.

Além disso, é interessante notar que, ao contrário do que as viajantes relatam, Pereira expressa detalhes negativos em relação à esposa: nas palavras dele, ela, mesmo sendo 16 anos mais nova do que o homem, é quem tinha a aparência envelhecida; ela é de fato apresentada como estéril, e teria que passar por tratamento médico para se curar; ela, mesmo recebendo um salário melhor do que o marido (Pereira informa que era uma operária especializada e ganhava 1000 rublos por mês, mais do que o marido como subgerente) é quem procurou se casar com a finalidade de deixar de trabalhar; ela é quem teria alegado não ser saudável e nem mesmo culta o suficiente para o marido, antes de se casarem. Os detalhes são tão negativos que, segundo Pereira, o próprio "elemento feminino" da delegação brasileira teria achado errada a decisão do tribunal, sendo injusto manter o casamento contra a vontade, especialmente por conta de a mulher ter se casado por interesses econômicos (a delegação era composta por mais de uma mulher, e, portanto, deveria haver opiniões divergentes entre as mulheres). No entanto, na visão de Pereira, os homens é que teriam concordado com a justiça soviética. Nas palavras dele: "**Nós**, **os maridos**, curiosamente achamos justa a decisão, porque a esterilidade, dada como causa, era conhecida pelo marido, e, nessas condições, o erro essencial alegado não existia. Como é difícil julgar...".[785] Mesmo estando junto a elas, Pereira provavelmente não teve a oportunidade de ouvir (ou ler) as impressões de Fialho e de Finamour sobre o mesmo caso.

Embora sejam poucos os viajantes que detalham os processos de divórcio na União Soviética, as impressões que aparecem sobre a lei são positivas, especialmente por perceberem que o divórcio não era tão fácil de ser obtido, como afirmava o imaginário anticomunista da época. No Brasil, apesar de já existissem tentativas de aprovação de leis de divórcio desde 1893, a lei do divórcio só passou a existir em 1977. Ao contrário das transformações vivenciadas na URSS, a Constituição brasileira de 1934 incluiu um artigo que declarava indissolúvel o casamento, fruto da influência do poder da Igreja Católica sobre muitos parlamentares. Nas constituições seguintes (1937, 1946, 1967) e na emenda constitucional de 1969, manteve-se o dispositivo da indissolubilidade.[786] Contudo, mantinha-se a possibilidade de anulação do casamento descrita no Código Civil brasileiro de 1916, caso

[785] Pereira, 1952, p.339.
[786] Fáveri, 2007, pp. 339, 340.

o recém-casado percebesse que a noiva não era virgem, e se declarasse enganado, poderia acionar o Código Penal que garantiria punições legais pelo "induzimento ao erro essencial."[787]

Por conta disso, a observação da igualdade entre os gêneros nesses temas era encarada com espanto pelos viajantes. Escrevendo uma de suas cartas para uma amiga, e ao relatar que o divórcio poderia ser conseguido por motivos de doença, incompatibilidade de gênios ou por adultérios, Martha Azevedo chamou a atenção para o caso de uma professora de balé que havia visto o marido com outra, imaginando a situação no Brasil:

> A espôsa exigiu divórcio imediato, foi concedido. Era um adúltero! Moema, quando percebi eu já tinha dado uma risada. Imagine só, um marido adúltero! Vou levar essa para o Brasil; acho que, do jeito que os maridos brasileiros andam malandros, não vai sobrar ninguém casado.[788]

Na época em que Azevedo escreve, o desquite era a única possibilidade de separação dos casais, e eram as desquitadas que sofriam preconceito da sociedade, tendo suas condutas sob constante vigilância. Para as mulheres casadas, a situação melhorou um pouco em 1962, com a aprovação do Estatuto da Mulher Casada (Lei 4121/1962), onde a mulher passou de auxiliar para "colaboradora" do marido na sociedade conjugal. O texto manteve, entretanto, a afirmação de que o marido era o chefe da sociedade conjugal.

Mesmo com todos os avanços na legislação soviética em favor das mulheres, pesquisas recentes têm apontado para as contrariedades então existentes com a legislação no real cotidiano das mulheres soviéticas. Em 1920, a URSS foi o primeiro país do mundo a apresentar uma legislação com a possibilidade legal e gratuita para as mulheres interromperem uma gravidez. A medida foi aplaudida pelos médicos brasileiros Maurício de Medeiros e Osório César em seus relatos de viagem da década de 1930. Eles se assemelham ao explicarem que o aborto só poderia ser praticado nos primeiros três meses de gravidez, e que havia todo um cuidado de exames e de levantamento das razões para tal, a fim de determinar se ele seria plausível ou não. Ambos também se remetem aos perigos dos abortos clandestinos existentes nos países capitalistas como forma de defender a medida. Osório Cesar chega a apresentar estatísticas para demonstrar que a adoção da lei não causara baixa no aumento normal da população soviética, uma vez que o número de abortos era muito menor do que o número de

[787] Bassanezi, 2004, p.610.
[788] Azevedo, 1959, p. 99.

nascimentos.[789] Os argumentos de Medeiros chamam a atenção pela sensibilidade com o tema:

> Quanto mais rigorosa fôr a legislação nesse sentido, tanto maior o risco corrido pelas que se fazem abortar. A legislação que pune as tentativas de aborto, não consegue modificar a estrutura da sociedade a que se destina. As causas que levam as mulheres a esse recurso continuam a agir da mesma forma. O resultado é que essas tentativas são feitas em condições hygienicas péssimas, no acto e depois dele. Para evitar o vexame, não de confessar um aborto, mas de ter concebido um filho. Só quando os phenomenos mórbidos consequentes ao traumatismo do aborto se tornam alarmantes é que a mulher procura um médico ou um hospital.[790]

Wendy Goldman, contudo, aponta diversos entraves na aplicação da legalização do aborto. Políticas de métodos contraceptivos não foram adotadas na URSS, o que fez com que em muitos lugares o aborto se tornasse o principal método para evitar uma gravidez. Em regiões mais afastadas dos grandes centros, não havia estrutura em hospitais para a implantação da lei, colaborando para que o aborto clandestino continuasse existindo.[791] No final da década de 1920, taxas de natalidade decrescentes na URSS eram creditadas à dependência das mulheres em relação ao aborto, o que começou a ser visto como uma ameaça ao crescimento regular da população. Por conta disso, a legislação soviética voltou atrás em 1936, ao limitar o aborto legal apenas para casos de perigo extremo para a vida da mulher. Além disso, a lei ofereceu incentivos para a maternidade mediante subsídios para as novas mães, bônus para mulheres com muitos filhos e licenças maternidade mais longas. Segundo Goldman, a proibição do aborto foi uma peça chave para uma campanha a favor de promover a responsabilidade familiar. No entanto, o aborto ilegal, no entanto, não desapareceu, e a repressão demonstrou ser inútil, pois a taxa de natalidade continuou decaindo nos anos seguintes à sua proibição.[792]

A maioria dos viajantes das décadas aqui analisadas são alheios ao tema do aborto, sendo discrepantes quando comparados aos relatos de Maurício de Medeiros e Osorio Cesar, de 1930. São bem poucos os que tecem qualquer comentário sobre a questão, e os que fazem se limitam a observar que o aborto era proibido na URSS, a não ser em questões onde a vida da mulher corria risco de vida. No Brasil, o Código Penal, editado em 1940, criminalizou o

[789] Cesar, 1932, p. 158.
[790] Medeiros, 1931, p. 62. Para mais informações sobre a visão do aborto nos relatos de Medeiros e Cesar, ver Tôrres, 2013.
[791] Goldman, 2014, pp.303 a 313.
[792] *Ibidem*, p.344.

aborto em seus artigos 124 e 128, permitindo-o apenas em duas situações: se o feto fosse concebido em caso de estupro ou se a gravidez acarretasse risco para a mulher. Entretanto, apenas em 1990 foi criado o primeiro atendimento na rede pública para atendimento aos abortos permitidos pela legislação, no Hospital Jabaquara, de São Paulo.[793] Diferentemente da questão do divórcio, percebe-se, portanto, que o tema do aborto nas décadas de 1950 e 1960 era um tabu, e foi silenciado pelos viajantes. De maneira contrária, o que chama a atenção de muitos autores é o incentivo do governo à maternidade e à manutenção dos filhos, como bem observa Edmar Morel:

> A maternidade é oficialmente encorajada por abonos familiares, que principiam com o terceiro rebento. Além disto, tôda mulher, na União Soviética, sabe que, dando luz a 10 filhos, pode conquistar o título de "Mãe Heróica", com um certificado expedido pelo Presidium do Supremo Soviet. A jovem adquire, por intermédio das professoras, plena consciência do papel que lhe é reservado na U.R.S.S.[794]

Propositalmente ou não, as viajantes brasileiras não esboçam em suas narrativas comentários sobre as 'mães heróicas', isto é, aquelas premiadas por conseguirem ter mais de dez filhos. No entanto, é perceptível nos relatos femininos observar a importância que as autoras atribuem à questão da infância soviética, descrevendo de maneira constante o cuidado e a sensibilidade que o governo soviético proporcionava às crianças e aos jovens. A entrevista realizada com Virgínia Modesto de Souza afirma, por exemplo, que "como mulher e como mãe, Virgínia interessou-se pela vida das crianças."[795] Em seguida, é apresentado um depoimento de Sousa sobre o carinho com que as crianças soviéticas eram tratadas.

Em suma, a representação da mulher e da família pelos viajantes brasileiros e brasileiras centra-se nos enormes avanços alcançados pela mulher nos campos profissionais, mas sempre com a ressalva de que seu acesso ao trabalho havia se tornado possível por conta da assistência governamental às crianças e à mulher, pois permitiu lhe conciliar seu trabalho externo com suas funções de mãe e de mantenedora da família soviética. A importância do papel do homem soviético na família ou na criação dos filhos é completamente nula nos relatos de viagem. As autoras brasileiras distinguem-se por seu entusiasmo ao relatar as

[793] Cavalcante; Xavier, 2006, p.90
[794] Morel, 1952, p.142.
[795] Federação das Mulheres do Brasil, 1954, p.16.

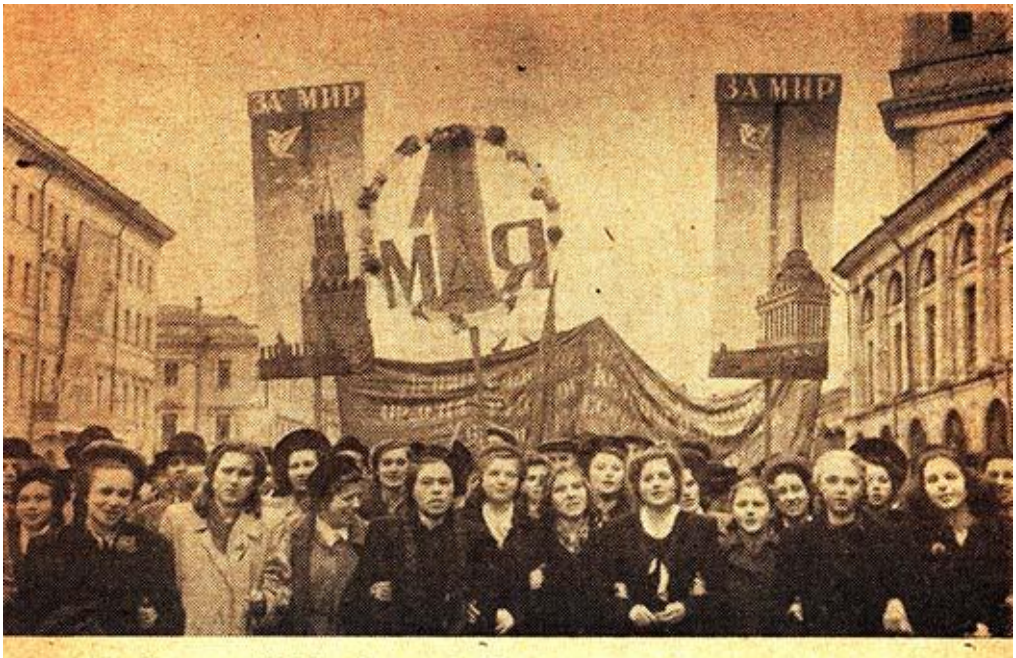
mulheres soviéticas em seus mais variados tipos de trabalho e em suas igualdades conquistadas perante os homens soviéticos, detalhes que não deixam de ser notados também pelos viajantes homens. Contudo, as relações de poder da sociedade brasileira patriarcal e seus preconceitos mais comuns, muito ainda presentes nos dias atuais, são sentidos de maneira predominante nos comentários dos viajantes homens.

Impressões sobre o nível de vida soviético: trabalho, moradia e poder aquisitivo

> *Geralmente os observadores estrangeiros que visitam a U.R.S.S. levam um intêresse em comum: conhecer e travar contato com o setor do trabalho e sua organização na Rússia Soviética. É uma preocupação perfeitamente compreensível esta de saber-se como trabalha o operário soviético e como vive êle na chamada "democracia do proletariado", se é bem ou mal remunerado, se é menos infeliz e mais otimista do que os trabalhadores do resto do mundo.*[796]

Possivelmente, o interesse acima apontado por Orlando Loureiro é o mais comum entre todos os viajantes. A possibilidade de uma viagem pela União Soviética impunha aos brasileiros a busca por respostas de questionamentos significativos que moldavam a construção da imagem do país: afinal, os trabalhadores soviéticos haviam alcançado condições de vida melhores do que os trabalhadores capitalistas? Eram mais felizes do que os trabalhadores do resto do mundo? Fazia jus o país ser considerado como a pátria do proletariado? Para responder a elas, os roteiros soviéticos não deixavam de incluir visitas a diversos tipos de fábricas, fazendas coletivas, e a tudo o que fazia parte de instalações assistenciais aos trabalhadores: restaurantes, creches, bibliotecas, casas de cultura, casas de repouso, etc. A cultura soviética procurava transmitir a ideia de que o cotidiano girava em torno da ideia do trabalho pela construção do mundo socialista, e isso estava diretamente ligado ao aprimoramento das condições de vida para os operários e camponeses.

[796] Loureiro, 1954, p.102.



As jovens partidárias da paz desfilam em Moscou durante os festejos de 1.º de Maio

Figura 11: Jovens partidárias nos desfiles do 1º de Maio, em Moscou (Campelo, 1953, p.54)

Era comum, especialmente entre os viajantes simpatizantes e comunistas, que eles fossem convidados para fazerem parte das comemorações do dia primeiro de maio na União Soviética, dia do trabalho, sendo uma celebração que se estendia aos trabalhadores de todo o mundo. Segundo as descrições dos viajantes, havia bandas de música e orquestras típicas, exibições do aparato militar soviético, com desfiles de exércitos e aviões como demonstração de força do Estado, desfiles das delegações de trabalhadores de diversas partes do mundo, que passavam diante do túmulo de Lênin, com uma extensa multidão nas ruas e a presença de Stalin (notada pelos viajantes no ano de 1952). Nas comemorações do 1º de Maio de 1952, estiveram presentes Graciliano Ramos, os operários paulistas (Constantino Stoiano, Antônio Chamorro, etc.), e o marítimo Humberto Campelo. Já nas comemorações de 1953 esteve presente o sindicalista Olympio Mello e, em1955, foi a vez do escritor Francisco Inácio Peixoto. Constantino Stoiano, um dos operários que teve o privilégio de assistir e de desfilar como participante da delegação latino-americana nas comemorações de 1952, reflete sobre o significado do dia:

> Nós estávamos ali, entre tantas honras, e pensávamos nas selvagerias da violência policial contra a celebração do 1º de Maio no mundo capitalista. Êsse paralelo nos fazia sentir, como em tudo mais, o que significa o poder nas mãos dos trabalhadores. É pôr nas mãos honradas dos trabalhadores das cidades e do campo

> os destinos da humanidade. É garantir para o mundo inteiro uma vida de paz, de trabalho fecundo, de progresso material e cultural.[797]

O significado do trabalho na União Soviética aparece de maneira muito contrastante nas narrativas, especialmente entre os relatos de comunistas e anticomunistas. Caio Prado Junior e Jorge Amado são os que mais constroem argumentações no campo teórico, sempre se utilizando de comparações com o mundo capitalista. Ambos buscam evidenciar que o que regia a importância de um cidadão na sociedade soviética seria sua posição perante o trabalho. Caio Prado já afirmara, em sua primeira narrativa da década de 1930, que na União Soviética tudo girava em torno do trabalho,[798] algo constatado justamente pelos clubes, casas de cultura, campos de esporte e casas de repouso que eram organizadas de acordo com as divisões profissionais.

Essa regência seria, segundo ele, a causa para a completa inversão de valores sociais, que passaram a girar unicamente em torno da questão do trabalho, algo comprovado pela percepção dos "heróis do trabalho", isto é, trabalhadores que recebiam méritos, tanto honrosos quanto materiais, devido a um trabalho maior ou melhor em relação aos outros, conhecidos pelos viajantes das décadas posteriores como os "stakhanovistas".[799] Ao contrário das sociedades capitalistas, onde o excesso de trabalho seria a consequência da exploração do homem sobre o homem, o excesso do trabalho na URSS é considerado por Caio Prado como consequência da própria cultura do proletariado que liderava a sociedade soviética, já que esta se originara justamente por conta das relações de produção capitalistas, como ele próprio sustenta:

> [...] esta valorização maxima do trabalho, elevado a criterio único de classificação social, só se explica pelo caráter do regimen. De fáto, ele traduz um dos traços mais salientes da psicologia proletaria. A vida de um operario gira inteiramente em torno do seu trabalho de que ele faz o centro único das suas preocupações. A isto o educou e educa o capitalismo.[800]

---

[797] Stoiano *et alii*, 1952, p. 21.
[798] Prado Junior, 1934, p.145.
[799] Os stakhanovistas eram os trabalhadores beneficiados por se destacarem em suas funções. O nome surgiu por conta do mineiro Stakhanov, que, na noite de 30 para 31 de agosto de 1935 extraiu 102 toneladas de carvão, uma quantia 14 vezes maior que a quota diária normal para cada mineiro. A partir daí o regime soviético promoveu um movimento para impulsionar os esforços dos trabalhadores, inspirados na proeza de Stakhanov. Embora o modelo de trabalho stakhanovista tenha surgido na indústria pesada, ele se espalhou para outras instâncias, como a indústria leve, a agricultura e até mesmo para o mercado varejista. Ver: Randall, 2000.
[800] *Ibidem*, p.147.

Na década de 1930, Caio Prado buscou justificar o dever do trabalho excessivo realizado pelos soviéticos remetendo-se ao sistema anterior, o capitalista. Para ele, os trabalhadores soviéticos não eram impelidos a trabalhar freneticamente, eles faziam isso justamente por ser algo que já era inerente à sua própria cultura original, a cultura capitalista. Também na década de 1960, Caio Prado reafirma a ideia de que a obrigação ao trabalho na URSS seria um sistema provisório imposto pelas contingências da fase de transição do capitalismo para o socialismo integral, isto é, o comunismo.[801] Contudo, ele sustenta que as relações de trabalho seriam ditadas não por interesses e conveniências particulares, como na sociedade capitalista, mas sim por interesses gerais e coletivos do país, tomado em conjunto.[802]

Da mesma maneira, Jorge Amado considera que, em vez de perceber o trabalho como algo degradante e humilhante, como ocorre nas sociedades capitalistas, onde os frutos do trabalho não são devidamente entregues aos seus responsáveis, a nova cultura de trabalho na URSSS dava espaço a "um novo humanismo nascido do amor ao trabalho", pois os trabalhadores sabiam que o fruto do seu trabalho revertia em seu próprio benefício e no de toda a sociedade.[803] Assim, o dever do trabalho na sociedade soviética é considerado não apenas como algo consciente, mas também como positivo, pois

> [...] cada cidadão soviético, por mais humilde que seja o posto que ocupe, está consciente de sua responsabilidade, sabe que seu trabalho é útil a todos, qualquer que seja a tarefa que realize e o posto que ocupe. É essa consciência de responsabilidade coletiva que cria tal espírito de fraternal cordialidade.[804]

Essa consciência de responsabilidade coletiva presente no trabalhador soviético é exaltada por Caio Prado em 1960, especialmente ao salientar que diversas organizações populares passavam a assumir funções estatais, citando, por exemplo, a liga das associações esportivas que assumiu a gestão e direção de todas as atividades relacionadas ao Estado, a administração de residências coletivas em comissões populares sobre as quais o estado exercia apenas uma supervisão geral, e ainda a liga da Juventude Comunista, um sistema de policiamento confiado a cidadãos soviéticos que se dispuseram a "emprestar sua colaboração

[801] Idem, 1962, p.50.
[802] *Ibidem*, p.45.
[803] Amado, 1951, p.37.
[804] *Ibidem*, p.36.

voluntária" para a formação de uma milícia que cuidava da ordem e policiamento de vias públicas e do esclarecimento e educação do público em geral.[805] Caio Prado procurou ressaltar uma nova tendência na URSS de formação de estabelecimentos de autogestão e de administração da sociedade pelos próprios cidadãos soviéticos, sem a interferência e tutela do Estado, organismo que deveria desaparecer na sociedade comunista.[806] Tanto ele como Amado passam a ideia de que o trabalho não era algo atribuído de cima, pelo Estado, e sim, realizado de forma consciente pelo próprio cidadão soviético, que recebia de maneira justa os frutos de seu trabalho.

Tal pensamento é oposto daquele apresentado pelos anticomunistas. A maioria deles ressalta a representação do Estado soviético como centralizador de todas as decisões sobre o trabalhador. Orlando Loureiro, por exemplo, considera que nos setores da indústria e agricultura existiam características coercitivas impostas por um Estado (dono de tudo) a um indivíduo que seria um mero instrumento destinado a produzir riquezas sem ter acesso a elas.[807] No mesmo sentido, Rubens do Amaral argumenta que a terra que deveria ser de todos, passara a ser apenas do Estado e os comitês das fábricas teriam sido substituídos pela burocracia estatal.[808]

As críticas também se voltam para a teoria comunista e o aparato estatal. John Cotrim defende que a abolição do direito de propriedade, de qualquer iniciativa privada, industrial ou comercial (salvo, segundo ele, em pequenas atividades inexpressivas), e do conceito do lucro, matou qualquer incentivo e suprimiu a ambição pessoal — a não ser a de poder e mando — reduzindo a nação a uma vasta repartição pública, onde todos eram meros funcionários sobre o controle despótico dos "pelegos" do partido comunista. A grande maioria dos funcionários se limitava a cumprir suas obrigações, com a exceção de técnicos e cientistas que tinham entusiasmo intelectual pelo seu trabalho.[809] Há uma passagem, contudo, em que Cotrim afirma encontrar trabalhadores estimulados é quando visita a barragem de Bratsk, na Sibéria, a maior hidrelétrica do mundo em construção na época. Elogiando a qualidade técnica da obra e a sua imponência, ele diz ter sentido um ar de entusiasmo, pioneirismo e mocidade que não viu em nenhum outro lugar da Rússia. Cotrim atribui o que observa ao estímulo que

[805] Prado Junior, 1962, pp. 158 a 160.
[806] *Ibidem*, p.167.
[807] Loureiro, 1954, p.115.
[808] Amaral, 1952, pp.49.50.
[809] Cotrim, 1962, p.37

o governo proporcionava à migração para lugares distantes, concedendo vantagens como escala especial de salários, "dobradinhas" à moda da construção de Brasília, permitindo ainda que o pessoal construísse suas próprias casas e que tivesse a propriedade delas:

> É digno de se ver como êste simples incentivo — que fere frontalmente um dos dogmas do comunismo — se reflete na estética e na qualidade das habitações que contrastam flagrantemente com o que se vê em outras partes do país onde o Estado é dono de tudo.[810]

Ao contrário do que comunistas e simpatizantes apresentam, Cotrim afirma que na maior parte da URSS os salários eram muito baixos, os bens de consumo escassos e caros, e a melhoria do padrão de vida não poderia ser facilmente conseguida, pois não havia competição ou incentivo:

> Para compensar tudo isso só há uma solução – aquela magistralmente descrita por Orwell no "1984": o estímulo ao trabalho, baseado no fervor cívico alimentado pelo ódio ao inimigo. Tem que haver sempre um inimigo iminente, e os meios de divulgação e propaganda, inteiramente nas mãos do Estado e regidos pelo "Big Brother", encarregam-se de martelar o cérebro dos cidadãos, dia e noite, até levá-los ao fanatismo.[811]

Comparando a URSS com a sociedade distópica criada pelo escritor George Orwell em *1984*, Cotrim defende que boa parte dos trabalhadores se encontrava alienada pela propaganda comunista e unidas pelo ódio ao capitalismo e ao mundo ocidental. De maneira semelhante, ao tentar responder a questão que aparece como título de um dos capítulos de seu relato de viagem, "É feliz o povo soviético?", Amaral também considera que a população era manipulada a acreditar que o Kremlin sempre tinha razão, uma vez que as divergências ou o acesso às notícias exteriores não existiam. Sendo de tal maneira manipulada, Amaral afirma que o povo soviético era sim feliz, por não possuir parâmetros de comparação com o mundo exterior. As restrições, que poderiam mutilar sua felicidade, seriam culpa da velha mentalidade burguesa, que ainda sobrevivia, da resistência dos inimigos do regime que muitas vezes se disfarçavam de comunistas para lhes golpeá-los pelas costas; ou das maquinações capitalistas.[812] O que tornava a ideia de que o povo soviético era feliz era a comparação com o passado czarista:

[810] *Ibidem*, p. 23.
[811] *Ibidem*, p.38.
[812] Amaral, 1952, p.56.

> Cotejos, fazem-se entre os dias de hoje e os dias do Czarismo. Põe-se numa balança o estágio de então e noutra o progresso atual. A concha pende pesadamente do lado soviético, como não o negará o mais intransigente adversário do novo regime, que não ousaria desconhecer a evidente realidade. E isso enche de satisfação, de orgulho e de fé o cidadão comunista, como todo o cidadão da URSS.
>
> [...] É a fé que move o povo comunista. Aquela gente acredita no comunismo, acredita em Stálin, acredita na União Soviética, e à causa se consagra com ardor e sacrifício, como não vemos nos povos democráticos em relação à democracia e nos homens cristãos em relação ao Cristianismo.[813]

Os anticomunistas não deixam de reconhecer o progresso industrial da Rússia desde a Revolução de 1917. Cotrim, entretanto, procura lembrar que o país não saiu da estaca zero como os propagandistas do regime procuravam fazer crer, uma vez que possuíam um nível industrial razoável ao final do czarismo. Para ele, a URSS apenas acompanhou os progressos que ocorreram de forma acelerada no mundo inteiro na primeira metade do século XX.[814] Já para Loureiro, a posição da URSS como potência industrial de primeira grandeza era um fato incontestável, mas às custas de milhões de pessoas que morreram no período pós-revolução, uma vez que as primeiras tentativas de construção do socialismo haviam fracassado. Somente a partir de 1929 é que a Rússia teria entrado em um programa de planejamento industrial intensivo e extensivo, conseguindo fazer, em uma década apenas, o que nenhum outro povo poderia realizar em menos de um século de desenvolvimento de sua economia nacional. Assim, os russos saltaram de um regime de economia tipo feudal para um regime de economia socialista, sem nenhum estágio depurador ou preparatório para essa experiência.[815]

Loureiro, entretanto, considera que o progresso alcançado pela URSS não foi aproveitado pelos seus verdadeiros realizadores, os trabalhadores. Estes teriam ficado à margem dos requisitos da vida moderna, suportando, sozinhos, todo o peso da mobilização socialista:

> As classes trabalhadoras da chamada pátria do socialismo, paradoxalmente, estavam relegadas a uma vida cruel e difícil, absorvidas pela vertigem dos planos da "emulação socialista", entorpecidas por um regime de trabalho draconiano e sem alternativas, confinadas, enfim, ao seu mundo de desconfôrto e limitações. Nas fábricas, os alto-falantes despejavam as músicas intercaladas com exortações patéticas sôbre o paraíso prometido da felicidade comunista...[816]

[813] *Ibidem*, p.57.
[814] Cotrim, 1962, p. 53.
[815] Loureiro, 1954, p. 100.
[816] *Ibidem*, pp.100, 101.

Ao visitar uma fábrica de tecelagem em Leningrado chamada "Robochy", Loureiro elogia as técnicas da fábrica e seus bons equipamentos – sobre as seções de grupos de trabalho, reconhece que tamanha organização só encontraria similar nos mais avançados parques da indústria têxtil do mundo ocidental. No entanto, ele ressalta os significados das palavras russas *rabota* e *rabotchii* (respectivamente, "trabalho" e "trabalhador" em português, mas transliterados erradamente por Loureiro como *robota* e *robochy*), apontando-os como tendo a mesma origem etimológica da palavra inglesa *robot*, que, serviria para denominar um autômato, incapaz de ação própria. A partir daí, Loureiro estabelece uma analogia trágica com o significado inglês:

> "Os operários da fábrica *Robochy* produziram-me a ideia mais acabada do monstro de aço que os ingleses chamam de *robot*, com a diferença a favor dos dirigentes soviéticos de terem êles conseguido criar um *Frankenstein* de carne e osso, dotado de nervos, vísceras e estômago, como qualquer mortal. Porém, para as gigantescas bigornas da "emolução socialista", êste homem é apenas de ferro maleável e deve conformar-se com a triste condição de *robot* do estado todo-poderoso. Seu destino está entrelaçado com as engrenagens de ferro que êle aciona todos os dias: girar ininterruptamente, até arrebentar pelo desgaste e ficar reduzido ao silêncio e à imobilidade da morte.[817]

A visão pessimista de Loureiro, de que os operários seriam meros robôs conformados, diferencia-se por completo das observações apresentadas por Antônio Chamorro, tecelão, líder sindical e um dos operários paulistas a visitar a URSS, que também teve a oportunidade de visitar com sua delegação a mesma fábrica em Leningrado.

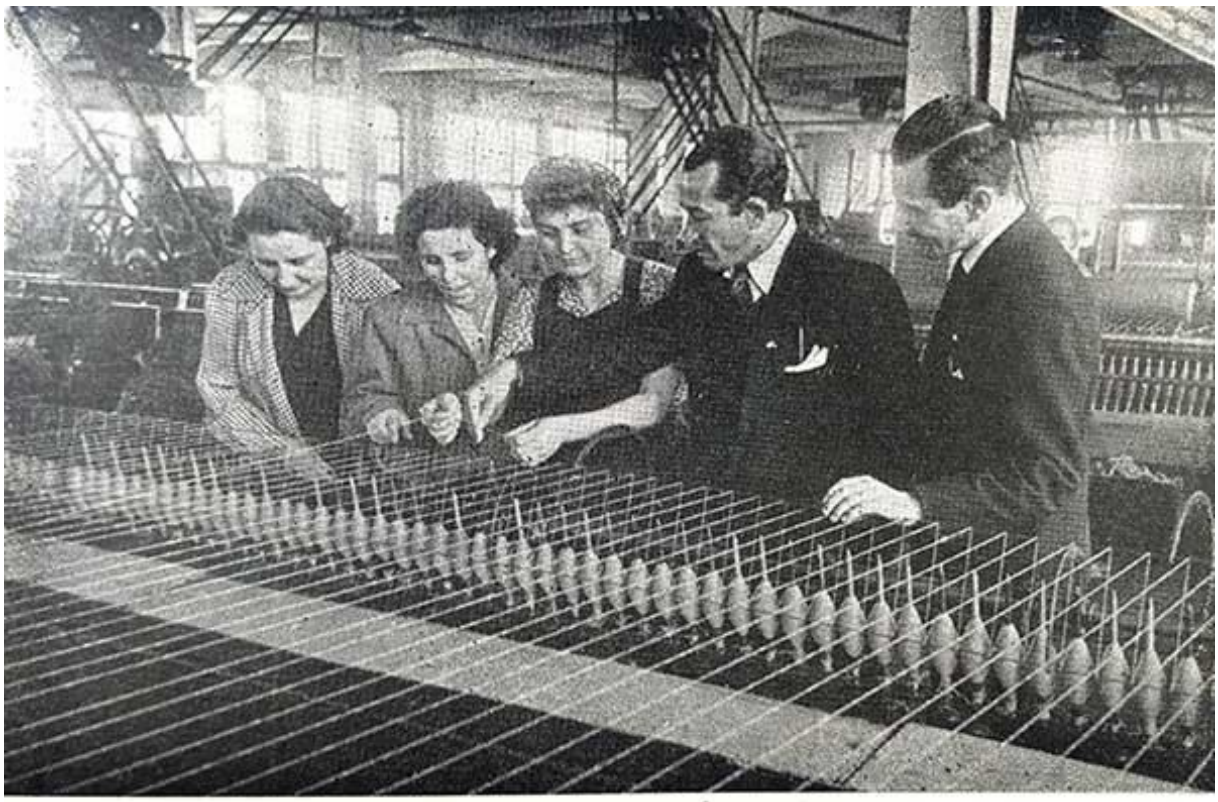
Chamorro chama a atenção para o fato de que a fábrica de tecidos havia conquistado o primeiro lugar no plano de emulação nacional, como detentora do recorde de produção. Também destaca a porcentagem de trabalhadoras na fábrica: as mulheres representavam 85% dos funcionários, e informa que mais da metade dos trabalhadores da fábrica estudavam, fazendo cursos de aperfeiçoamento técnico, político e cultural. Como tecelão, ele descreve com detalhes o trabalho das tecelãs, chamando a atenção para a eficiência dos teares automáticos. Chamorro nota que havia uma preocupação em dotar as máquinas de aparelhos que evitassem acidentes: "Os teares e demais máquinas da fábrica Rabotchi dispõem de aparelhos foto-celulares: quando a mão do operário passa de um determinado limite,

[817] *Ibidem*, p.103.

aproximando-se de uma correia ou de uma engrenagem, a máquina para intantâneamente."[818]

Ao contrário do que relata Loureiro, a imagem que Chamorro constrói das condições dos trabalhadores é humanizada: O Comitê sindical era eleito em assembleia e os diretores da fábrica eram trabalhadores escolhidos, o que contribuía para aumentar o interesse de todos, não só pelas suas garantias e direitos, mas também pela quantidade e pela qualidade da produção. De três em três meses se realizavam assembleias em que os diretores da fábrica e os membros do Conselho Sindical prestavam contas de seus atos aos operários. Chamorro conclui:

> Pode-se imaginar o carinho e o entusiasmo com que homens e mulheres trabalham, sabendo que não estão sendo mais explorados por um patrão e sim, que estão produzindo para melhorar cada vez mais seu nível de vida e assegurar a educação, a saúde, um futuro cada vez melhor para si e para seus filhos.[819]



Os tecelões que integravam a Delegação Sindical brasileira conversam com uma operária soviética sôbre o funcionamento das máquinas de fiação

Figura 12: Tecelões da delegação sindical de Olympio Mello com operárias soviéticas (Mello, 1954, p.52)

[818] Stoiano *et alii*, 1952, p.24.
[819] *Ibidem*, p.24.

Uma diferenciação nas representações que os viajantes brasileiros fazem a respeito dos locais de trabalho é bastante nítida, e está ligada a uma questão de classe: são os viajantes trabalhadores de chão de fábrica, ou os ligados à militância, como os operários paulistas, o marítimo Humberto Campelo e o sindicalista Olympio Mello, que procuram descrever de maneira mais completa e com maior acuidade as condições de trabalho, os direitos trabalhistas e os sindicatos soviéticos. Certamente, uma representação mais ligada aos próprios interesses de tais viajantes e ao público leitor ao qual era destinado seus relatos. Todos eles apresentam uma imagem de que na URSS os meios de produção, as fábricas, e própria produção eram de todos, e que por conta disso os trabalhadores já não se encontravam mais oprimidos:

> [...] a forma de trabalhar no regime socialista é o que mais encanta a um trabalhador. Desapareceram completamente os sinais de opressão e exploração que no mundo capitalista marcam o local de trabalho, dando-lhe o aspecto de soturnas penitenciárias. Na U.R.S.S. o operário se sente em sua casa, como dono que na realidade é, também, da própria empresa, de todas as coisas que o cercam.[820]

A respeito da fábrica Rabotchi, Chamorro descreve detalhadamente as proteções físicas aos trabalhadores devido ao trabalho insalubre, as diferenciações salariais de acordo com o cargo, a aposentadoria que poderia ser por idade (60 anos para homens e 55 para mulheres) ou por tempo de trabalho (20 anos de serviço), o local de férias e o tempo (que poderia ser de 15, 24 ou 28 dias, dependendo da profissão), os benefícios para as mulheres grávidas, a assistência médica e hospitalar disposta ao operário e seus direitos em caso de afastamento por doença (50% do salário se o trabalhador tiver até 3 anos de serviço, 80% de 5 a 8 anos de serviço e salário integral depois dos 8 anos). Chamorro ainda destaca outros institutos que serviam à fábrica, como um parque infantil e uma creche para mais de mil crianças, a casa de Cultura Rabotchii que possuía sala de cinema, restaurante e enfermaria, e o incentivo para que os jovens operários se inscrevessem em cursos universitários, com a possibilidade de serem dispensados do trabalho na época dos exames, continuando a receber o salário integral.[821]

[820] Stoiano *et alii*, 1952, p.51.
[821] *Ibidem*, pp. 24 a 27.

Os trabalhadores ligados às fábricas ou a sindicatos recebiam também um tratamento diferenciado em seus roteiros turísticos, pois eram levados a conhecer comitês sindicais. Olympio Mello descreve:

> Em tôdas as fábricas que visitamos, fomos recebidos pelo administrador e pelo presidente do Comitê Sindical da Fábrica. Em tôdas elas visitamos seus Clubes de Cultura, organizados pelo Comitê Sindical, com campos de esporte (futebol, vólei, basquete, ginástica), teatro e cinema e – pasme amigo Pedro – biblioteca e salão de leitura!!! Tôdas as fábricas com instalações médicas, Raios X, diatermia, etc., gabinetes dentários, tudo sob o contrôle do Comitê Sindical.[822]

Mello separa uma das cartas que compõem o seu relato para explicar por completo a organização sindical da URSS. Segundo ele, o sindicato na URSS era um organismo vivo que atuava desde a oficina de cada fábrica ou empresa, administrando a previdência social e participando do planejamento e da regulamentação dos salários, atingindo a quase totalidade dos trabalhadores na URSS. Mello se diz também impressionado pelos métodos democráticos, pelo controle dos organismos de cima pra baixo e de baixo pra cima, e deixa claro que os sindicatos soviéticos eram organizações sem partido, da massa, agrupando de maneira voluntária trabalhadores e empregados de todas as profissões, sem distinções de raça, nacionalidade, sexo ou religião.[823] Os sindicatos teriam diversas funções, tais como: fiscalizar a aplicação correta das formas de pagamento, ajudar os trabalhadores a elevar sua qualificação profissional, controlar sistemas de proteção ao trabalho e técnicas de segurança nas empresas, dirigir o seguro social do Estado, estipulando e proporcionando assistência econômica aos trabalhadores em caso de perda temporária da capacidade de trabalho, e também esforçando-se para incorporar a mulher na produção, na vida social além de ter participação na vida do Estado.[824]

Também o marítimo Humberto Campelo diz ter comparecido à Conferência Sindical em Moscou, à Conferência de Seguros Sociais na cidade de Sotchi e à Conferência Cultural dos Sindicatos em Tbilisi (Geórgia). Campelo dirige suas informações diretamente aos companheiros de sua associação de classe, para que eles enxergassem o papel do sindicato soviético no progresso e no aumento do bem-estar dos trabalhadores. Por ser marítimo,

[822] Mello, 1954, p. 58.
[823] *Ibidem*, pp.48 a 50.
[824] *Ibidem*, pp.52, 53.

Campelo centra-se mais na descrição dos sindicatos dos trabalhadores do mar, dos portos, da pesca e de serviços anexos. Ele também constrói a imagem dos sindicatos com um perfil democrático e explicita que na URSS os sindicatos não eram uma organização de luta contra os capitalistas, pela simples razão de que no país todas as indústrias, empresas, meios de transporte, minas, etc, pertenciam a todo o povo. [825]

Importante ressaltar que no início da década de 1950 os sindicatos brasileiros passavam por transformações acompanhando as mudanças democratizantes ocorridas no pós-segunda guerra mundial. Em 1953, iniciou-se um período de greves no Brasil. A maior delas foi a greve dos 300 mil, realizada em São Paulo nos meses de março e abril de 1953, e é considerada um marco no movimento operário. Um de seus principais líderes foi Antônio Chamorro. Segundo Corrêa, a greve finalizou com um saldo positivo para os trabalhadores: embora reinvidicassem um aumento de 60% no salário, conquistaram 32%. Além disso, um grande número de trabalhadores se associou aos sindicatos após a greve. Essa nova conjuntura política estava mudando as características do sindicalismo brasileiro, o que explica o interesse dos viajantes em entender as formas associativas dos trabalhadores soviéticos.[826]

Embora não descrevam com tantos detalhes as condições de trabalho e suas relações sindicais, os demais viajantes comunistas, simpatizantes e não definidos também ficavam surpreendidos com a quantidade de serviços dispostos para os trabalhadores dentro de uma fábrica. Em um Combinado Têxtil de Tbilisi, Graciliano Ramos fica admirado ao perceber que na fábrica havia sanatório, hospital, lavanderia, estádio, casa de cultura, sala de esportes, escolas de aprendizagem, biblioteca e teatro. Ao visitar a fábrica Calibre, uma usina metalúrgica que produzia instrumentos de precisão, em Moscou, Jorge Amado descreve a situação dos trabalhadores como se estivesse respondendo os anseios dos operários brasileiros:

> Aluguel de casa pesado? Mas não saberia eu por acaso que o aluguel de casa, na União Soviética, é proporcional ao salário do inquilino [...]? Salário suficiente? Mas eu não sabia, por acaso, que o restaurante da fábrica fornecia almoços cujo custo não ia além de 3 rublos [...]? Que a fábrica possuía sua casa de repouso, completamente equipada de todo o necessário para qualquer tratamento, que os operários tinham médico, dentista, remédios, raios X, raios infra-vermelhos e raios-ultravioleta, sem pagar nada? Um restaurante especial para

[825] Campelo, 1953, pp.44,45.
[826] Corrêa, 2007, pp.9,10.

> os operários necessitados de dieta? Uma créche onde ficavam durante o dia as crianças pequenas enquanto as mães trabalhavam? Um jardim de infância magnífico?[827]

Também Josué Guimarães descreve tudo o que os operários dispunham na Fábrica Stálin, uma fábrica de carros em Moscou:

> Os operários dispõem, ainda, de sanatórios e casas de repouso, uma policlínica própria, dezenas de creches, jardins de infância, restaurantes, escolas primárias, além de um Palácio de Cultura que compreende salões de baile, salas de concerto, de conferências, bibliotecas, cursos de bailado, de canto, de piano, de rádio-amadorismo, de pintura, de aeromodelismo, de Botânica, de História Natural, de Geografia, de escultura. Também há salas de repouso, leitura, cinema e teatro. Para se ter uma idéia do tamanho do Palácio de Cultura da Fábrica Stalin, basta dizer que só de cabides para sobretudos ele dispõe de 4.416.[828]

A quantidade de palestras e informações as quais eram submetidos eram tamanhas que Graciliano Ramos chega a falar em monotomia, como observa em sua visita à uma casa de repouso de trabalhadores de uma indústria de chá:

> Receiam talvez que não lhes demos crédito, e as informações chegam a monotonia. Não achamos incongruência, temos de admiti-las, embora realmente nos pareçam estranhas. Originários de outro mundo, habituámo-nos à insuficiência dos hospitais, das escolas, das maternidades, conservamos no espírito a mesquinharia burguesa, não nos podemos livrar dela, e achamos quási impossível existirem cômodos para tôdas as pessoas forçadas à vilegiatura anual.[829]

Graciliano procura justificar as suas desconfianças justamente devido às diferenças extremas observadas entre a sociedade soviética e a sua terra natal, cheia de problemas sociais. Muitas vezes, para fazer notar essas diferenças entre a realidade soviética e a brasileira, ou para destacar a ignorância ou a presunção de alguns viajantes de que as condições de trabalho fossem autoritárias na URSS, os viajantes descrevem como os soviéticos ficavam surpresos com determinados questionamentos. Josué Guimarães relata que alguém de sua delegação questionou a intérprete se o operário poderia livremente pedir demissão e mudar de fábrica, ao que ela teria se irritada, dizendo que não imaginava que as pessoas

[827] Amado, 1951, pp.72,73.
[828] Guimarães, 2001, pp.88, 89.
[829] Ramos, 1954, p.127.

ignorassem isso sobre a URSS, pois que não via o porquê de se proibir alguém de fazer o que quisesse, imaginando que no Brasil fosse também dessa maneira.[830]

Também o metalúrgico Lázaro Moreira descreve que um dos delegados brasileiros questionou quanto seria o seguro por uma mão e por um braço mutilados. Os diretores de serviços e operários que lhes atendiam não compreenderam de imediato a pergunta, sendo necessário que o intérprete a repetisse, acrescentando explicações sobre o que acontecia nas empresas "do mundo capitalista". Moreira descreve a reação:

> No rosto dos nossos interlocutores soviéticos se estampou o justo horror de homens que já se educaram sob um regime onde o trabalhador deixou de ser o objeto de lucro do patrão, a peça menos valiosa de sua maquinária:
>
> — Mas isso é impossível aqui! Nossas máquinas não podem mutilar assim um trabalhador! Para que aconteça uma desgraça dessas será preciso que ocorra um desastre excepcional. Isso já não acontece em nossa indústria há muitos anos.[831]

Nem todos, contudo, interpretavam os desentendimentos dos russos da mesma forma. Loureiro, ao perceber que o diretor da tecelagem não entendia algumas questões apresentadas pelos viajantes, imaginou que ele possivelmente fazia-se de desentendido por considerar ser mesquinhos os problemas de interesses pessoais e particulares dos operários:

> É que tudo no seu mundo restrito [o mundo do diretor] estava condicionado aos imperativos cada vez mais absorventes da "construção do socialismo", em nome de cujo *slogan* as classes trabalhadoras da U.R.S.S. vêm sendo tiranizadas e espoliadas, para que uma g*ang* de oportunistas e embusteiros possa viver parasitariamente por trás dos bastidores.[832]

Loureiro não deixa de comentar sobre as organizações assistenciais, culturais e recreativas da fábrica de tecelagem, mas, a respeito do restaurante da fábrica, ele deixa claro que a refeição econômica apresentada tinha um teor calórico bem defectivo, sendo os restaurantes populares uma válvula de escape na solução do problema alimentar das massas operárias da URSS. Assim como Cotrim, Loureiro também considerou que os artigos de

[830] Guimarães, 2001, pp.83, 84.
[831] Stoiano *et alii*, 1952, p.65.
[832] Loureiro, 1954, pp.106,107.

primeira necessidade e produtos agrícolas em geral eram caríssimos na URSS, inclusive nos mercados kholkosianos.[833]

Diferentemente de outros anticomunistas, Silveira Bueno apresenta uma maneira interessante de abordar as condições de vida dos trabalhadores soviéticos. Em um capítulo intitulado "O nível de vida", ele inicia seu discurso apontando o objetivo essencial do comunismo, de elevar a classe trabalhadora, libertando-a da exploração capitalista e deixando-a viver de maneira excelente. Teria havido, na URSS, o "milagre da reversão de classes", onde os que eram oprimidos e mandados passaram a mandar, e os que sempre mandaram passaram a obedecer. O nivelamento teria sido de baixo para cima, a começar pela abolição da propriedade latifundiária, dando como resultado de que a riqueza passou a pertencer a todos, distribuída de maneira proporcional. Tudo era de todos e todos viviam igualmente bem. O desemprego cessou, e os trabalhadores se dedicavam ao trabalho onde a harmonia reportava a felicidade coletiva.[834]

Bueno inicia essa descrição como se estivesse relatando uma utopia, apontando todos os pontos positivos e a propaganda que a URSS procurava vender aos viajantes ao levá-los para visitar creches, escolas, casas de repouso, moradias atraentes, etc. De forma irônica, ele assevera que os salários de um operário na Rússia eram muito bons e tentadores, e que eles poderiam ter casa própria, casa de campo e automóvel: "Verdadeiramente, a Rússia era o paraíso vermelho, o paraíso terreal com o qual nem a Bíblia havia sonhado, povoado de Evas e Adões sem nenhum perigo de serpente tentadora ou anjo exterminador."[835]

Em seguida, Silveira Bueno passa a descrever cidades como Praga, Belgrado e Bucareste, cidades que adotaram o comunismo e que empobreceram, tendo níveis de produção baixos, população assalariada precisando de 2 a 3 empregos para conseguir sobreviver. Produtos de necessidade básica caros e aluguel das casas tão altos que as pessoas preferiam entregar as casas para o governo. Bueno, porém, não esperava encontrar essa mesma experiência em Moscou e Leningrado, já que havia praticamente quarenta anos de "experiência comunista", isto é, tempo o suficiente para melhorar as condições de vida da população. Ao relatar suas impressões sobre Moscou, ele então revela a sua ironia:

[833] *Ibidem*, p.108.
[834] Silveira Bueno, 1961, p.125.
[835] *Ibidem*, p.126.

> Aqui como em Belgrado, querem comprar a minha roupa, trocar com êles o paletó, a gravata, os sapatos. Por várias vezes pedem-me uma camisa branca. Mas o operário não ganha 25.000 cruzeiros? Não ganha até 75.000 cruzeiros? Ganha. Mas um quilo de manteiga custa 2.000 cruzeiros; uma família consome, na Rússia, no mínimo, dez quilos por mês e são já 20.000 cruzeiros. Um quilo de açúcar custa 450 cruzeiros; um maço de cigarro ordinário 400 cruzeiros, sete rublos e meio; um par de sapatos bem ordinários 10.000 cruzeiros; [...]
>
> Somem-se os custos das mercadorias indispensáveis e deduza-se tal quantia do salário do operário, sem contar o aluguel da moradia, da alimentação comum, e veja-se o que sobra... Nada! Pode ter casa, automóvel? Sòmente em sonhos. Por isto, em Novgorod, me afirmou um operário que, há cinco anos, não pode comprar um par de sapatos, vivendo a remendar e a remendar o que tem. Vivem num canto da sala, cozinham em latas e dormem no chão porque não há espaço para camas. Os dirigentes, a aristocracia comunista, claro, esta vive bem enquanto não cai em desgraça.[836]

Bueno conclui dizendo que mesmo após quarenta anos do regime comunista, o "mais adiantado Estado Soviético" não havia conseguido reconstruir as cidades, dar moradia e alimento ao seu povo, vesti-lo ou calçá-lo decentemente. A maneira que ele encontra para construir essa crítica não é desmentindo o que os soviéticos lhes mostravam nas fábricas, mas denunciando, assim como também concordam os demais anticomunistas, o alto custo de vida para poder se viver na URSS.

Mesmo não existindo uma paridade cambial oficial entre rublo e cruzeiro, o que dificultava o estabelecimento de um critério de conversão da moeda único, diversos viajantes apresentam dados comparativos de salários e dos preços de mercadorias e serviços, em rublos e em cruzeiros. Para os cálculos, Rubens do Amaral e José Campos utilizam a base de 5 cruzeiros por rublo, por ser o câmbio realizado em suas trocas em Moscou em 1952. A partir daí, Amaral converteu para o cruzeiro uma tabela apresentada pelo jornalista francês Michel Gordey, em seu livro *Visa pour Moscou*, em que há a comparação dos valores de diversas mercadorias em rublos, francos e dólares, além de calcular as horas e os minutos de trabalho necessários para se comprar cada produto.[837] Apesar de afirmar que o câmbio monetário era artificial e que não permitia avaliações exatas, Amaral conclui que os preços eram tão altos após a conversão que não se admitiria a sobrevivência da população, que, no entanto, mantinha uma aparência de fartura.[838]

[836] Silveira Bueno, 1961, pp.128, 129. Silveira Bueno apresenta uma taxa cambial de 50 cruzeiros por rublo.
[837] Amaral, 1952, p.47.
[838] *Ibidem*, p.46.

José Campos viajante não definido, expõe quadros de salários do operariado com horas de trabalho, remuneração por hora, e os valores dos salários em rublos e cruzeiros de diversos tipos de trabalhadores soviéticos. Além disso, também apresenta uma lista dos preços soviéticos em rublos e cruzeiros de diversas mercadorias e serviços. Para completar, calcula o orçamento de uma família soviética, de 4 membros (casal de 2 filhos, acima de 9 anos), levando em conta apenas a alimentação, durante um mês, e com salários de 800 rublos mensais, que seria, segundo ele, a média dos salários do operariado na URSS. Com os dados do orçamento, Campos conclui que não seria possível pagar todas as contas, pois restaria um *déficit* de 207 rublos. Faz a comparação com o orçamento de uma família brasileira, com o mesmo número de integrantes, vivendo em Goiânia com um salário mensal de 1200 cruzeiros, salário médio de um operário não qualificado. Campos finaliza dizendo que o operário em Goiânia teria um padrão de vida melhor ou mais elevado que o de Moscou, desde que possuísse casa própria.[839] Mesmo assim, ele afirma que o nível de vida soviético estava melhorando, embora estivesse muito aquém daquele que deveria atingir.

Dez anos depois, para realizar suas comparações em 1962, Cotrim utiliza-se do valor do dólar no câmbio negro na URSS como forma de escapar da taxa imposta aos turistas (a taxa, segundo ele, seria de 0,90 rublos por dólar). A partir daí, chega a um valor de 250 cruzeiros por rublo. Traçando comparações entre os salários de trabalhadores soviéticos e brasileiros (o menor salário em obras civis e no comércio seria da ordem de 50 rublos mensais, isto é, 12 mil cruzeiros, sendo inferior ao salário mínimo de Rio e São Paulo), e apresentando valores de roupas, alimentos e aparelhos domésticos, Cotrim corrobora com a ideia de Silveira Bueno ao chegar à conclusão de que o custo de vida na URSS era alto, de modo que para as categorias mais modestas os salários mal davam para as necessidades básicas de alimentação e vestuário.[840]

Embora tais viajantes relatassem o alto custo de vida, alguns deles não ignoram os serviços assistenciais gratuitos dispostos à população. Tanto Cotrim quanto Amaral consideram que uma relevante compensação para os níveis de salário ruins e para o os altos preços de serviços e alimentos seria o baixo preço nos alugueis das habitações e o acesso gratuito ao ensino e à assistência médica.[841] Para o comunista Antônio Chamorro e o

[839] Campos, 1953, pp.201,202.
[840] Cotrim, 1962, p.30.
[841] Amaral, 1952, p.46; Cotrim, 1962, p.32.

simpatizante Edmar Morel, tais fatores seriam também a causa de não ser possíveis as comparações entre os valores russos e brasileiros e de não se poder ter uma ideia do poder aquisitivo pela simples operação cambial. Segundo Chamorro, seria preciso considerar os benefícios que o Estado socialista já lhes proporcionava gratuitamente em relação ao custo de vida, como educação, lazeres, casas de repouso, assistências médica, dentária e hospitalar, aposentadoria, e o fato de o aluguel de casa ser pago na base máxima de 6% do salário.[842] No mesmo sentido, Morel até considera que no Brasil os produtos de gênero alimentícios eram mais baratos do que os valores fixados na URSS, mas em contraposição o aluguel no Brasil era extensivamente caro. Ele aproveita para dar o exemplo de Satva Brandão, filha de Octavio Brandão, um dos fundadores do PCB, que trabalhava como redatora de uma estação de rádio, e, recebendo 2000 rublos, gastava com o aluguel de sua casa apenas 3% do seu salário.[843]

As percepções a respeito da qualidade de vida dos soviéticos poderiam ser tão influenciadas pelo pensamento ideológico dos viajantes que até as filas diante de lojas e armazéns apresentam dúbias interpretações. Para os viajantes mais favoráveis à URSS, o alto poder aquisitivo dos soviéticos era comprovado na descrição do movimento nas lojas (armazéns e magazines) e das filas enormes que se formavam nas ruas até as suas entradas. Embora ressalte a falta de variedade, Josué Guimarães é um dos que se mostra surpreso com a quantidade de produtos nas prateleiras e com o movimento continuado dos fregueses:

> Na verdade não há o luxo e a variedade de uma loja de Paris ou Praga, mas em nenhum outro país na Europa ou na América encontrei aquele movimento continuado de fregueses, aquela ânsia de comprar e escolher. Por aí se sente, como também nas livrarias e outras casas especializadas, o poder aquisitivo do povo soviético dos nossos dias. Não há mercadoria que atenda a procura, cada vez maior.[844]

Também Jorge Amado faz uma completa descrição da amplitude, beleza e fartura dos armazéns de Moscou, dando destaque para a questão de que nenhum produto era racionado, podendo-se comprar de tudo na quantidade que se desejasse.[845] Amado usa a deixa para observar que países europeus possuíam uma enorme variedade de produtos, mas, ao mesmo tempo, cidadãos não tinham poder aquisitivo à altura como na URSS para poder adquiri-los.

[842] Stoiano *et alii*, 1952, p.25.
[843] Morel, 1952, p.147.
[844] Guimarães, 2001, pp.71, 72.
[845] Amado, 1951, pp.83, 84.

No Brasil, ele denuncia a mesma situação: embora tivesse um enorme rebanho pastoril, a maior produção de café do mundo, operários não tinham acesso à carne e pobres não podiam beber café. Amado destaca ainda o aumento dos salários e a baixa de preços nos produtos soviéticos (no ano de 1948, houve, segundo ele, duas vezes a redução nos preços), ao contrário do que acontecia em países como França e Itália:

> O poder aquisitivo da população aumenta sem parar. O espetáculo dos armazéns soviéticos não é apenas belo pela variedade de produtos expostos, por essa sensação de fartura, mas, antes de tudo, pela constante multidão de fregueses, de gente que compra, que tem dinheiro para gastar nos armazéns.[846]

Viajantes não definidos, como Osny Pereira, Marques Rebêlo e Francisco Peixoto também assimilam um alto poder aquisitivo dos soviéticos com as multidões que se aglomeravam nas lojas. Rebêlo considera que todos compravam muito na Rússia porque não havia falta de trabalho para ninguém, ressaltando que havia sido informado por seu guia que os armazéns viviam lotados, pois o poder aquisitivo era alto e crescia todos os dias.[847] Peixoto relata que por qualquer cidade que andasse, os preços eram iguais, e o mesmo mundo de gente aparecia, comprando ou aguardando para comprar:

> Justificaria isso o excesso de procura sobre a oferta? O elevado poder aquisitivo do homem soviético? Nenhum elemento estatístico para responder a tais perguntas. Conjecturamos, todavia, que, na URSS, com uma produção de índice elevadíssimo, em todos os setores; sem racionamentos, na época atual, sem câmbio negro; com as sucessivas rebaixas de preços, de modo especial que nos dos gêneros alimentícios, esse poder aquisitivo só poderia ter crescido e continuar crescendo.[848]

Tudo indica que guias eram treinados a esboçar comentários sobre o poder aquisitivo dos soviéticos enquanto os viajantes observavam ou entravam nos armazéns. José Mendes ressalta que ao visitar um dos movimentados magazines do Estado seu intérprete chamou a atenção de sua delegação, afirmando que a lotação nas lojas era a melhor prova do poder aquisitivo do povo, pois se havia muita gente comprando, é porque havia dinheiro. Mendes concorda até certo ponto, frisando que era necessário lembrar que Moscou era o centro de

[846] *Ibidem*, p.84.
[847] Rebêlo, 1956, p.223.
[848] Peixoto, 1960, p.45.

confluência de todo o país, e que observou filas nas portas dos armazéns e de açougues já de manhã – mulheres, na maioria – esperando para comprar maças secas, numa esquina de rua, algo que servia para mostrar que não havia uma fartura geral, ou talvez, uma distribuição equilibrada de artigos de consumo.[849]

O simpatizante Edmar Morel, contudo, repara e se posiciona nas contradições do assunto:

> Um ponto de controvérsia: o movimento das lojas.
>
> — Vejam o extraordinário poder aquisitivo do povo! As tendas vivem sempre cheias!, - exclamam os comunistas.
>
> — Elas estão superlotadas, todos os dias, porque são raras – dizem certos observadores.
>
> Penso como os últimos. E acrescento:
>
> — São poucos, pobres e de mau gôsto. Não conheci um só estabelecimento com instalações de um magazin de segunda classe do Rio e de São Paulo. Alguns preços são proibitivos. Por exemplo: um vestido de seda, 550 rublos. Um manteau modesto, 850. Uma loja é um formigueiro de gente. As filas são organizadas antes da abertura da casa, cujas portas são levantadas às 11 horas, ao som de uma campainha elétrica.[850]

No caso apontado, Morel apresenta uma posição mais semelhante aos anticomunistas, como John Cotrim. Cotrim chama a atenção para a frequência com que é abordado na rua por pessoas que lhe propunham comprar suas roupas, pois a qualidade dos artigos estrangeiros seria tão superior, que corroborava para o aumento de um significativo mercado negro. Para ele, as lojas eram desprovidas de artigos de qualidade, e, como constatou que não havia racionamento (nenhum viajante relata ter observado racionamentos), argumenta que a causa das filas era a lentidão do atendimento realizado por funcionários públicos:

> O espetáculo das lojas comerciais de Moscou, por exemplo, é curiosíssimo. Invariavelmente, filas enormes diante de todos os balcões, causando à primeira vista a impressão de que há racionamento. Mas não se trata disso: é apenas morosidade no servir. Todo mundo na loja é funcionário público e às vendedoras, frequentemente pessoas de idade e bastante atadas, pouco lhes interessa vender muito ou pouco, pois nenhum benefício tiram daí, de maneira que a coisa se arrasta lentamente na medida do desembaraço ou boa vontade de cada uma.[851]

[849] Mendes, 1956, p, 24, 25.
[850] Morel, 1952, pp. 150, 151.
[851] Cotrim, 1962, p.35.

Subentende-se, a partir daí, uma crítica à estagnação do funcionalismo público no socialismo e à sua falta de ambição. De maneira semelhante, José Campos, que culpabiliza a falta de magazines pela formação das grandes filas, considera que não havia a ampliação do número de lojas por conta da oneração que iria causar a contratação de mais funcionários aos cofres estatais. John Cotrim, José Campos e Freitas Nobre procuram também apontar um dos atrasos da sociedade soviética: as lojas não possuíam caixa registradora, sendo as somas realizadas em ábacos chineses que se encontravam sobre o balcão, e o dinheiro guardado em latinhas, que devia ser contado níquel por níquel quando a funcionária fosse substituída por outra.[852] Campos ironiza: "Por que gastar dinheiro à toa em tais coisas si as gavetas as suprem a si [sic] as contas podem ser realizadas por aquêle processo antiquado e tipicamente oriental, de bolinhas, como as da tabela de bilhar?[853] Nobre, embora defina os ábacos como "aparelhos primitivos de esferas de madeira prêsas em arames", apresenta um possível discurso de mudança: no XX Congresso Comunista teria havido a decisão de ampliar o uso de aparelhos automáticos. Também crítico à pequena quantidade de lojas nas cidades de Moscou, Nobre considera que o comércio estava passando por uma reforma, e que os russos pretendiam ampliar a rede de magazines em 40%.[854]

Contudo, o maior problema para os viajantes brasileiros em relação às condições de vida básica dos soviéticos não era o alto custo de mercadorias ou a falta de lojas, mas sim, a ausência de moradias para a população soviética. Na década de 1930 essa questão já era apontada pelos primeiros relatos de viagem publicados no Brasil. A construção de moradias residenciais não acompanhou o crescimento da população urbana soviética, e a política das habitações coletivas, dos apartamentos comunais, surgida na década de 1920, estendeu-se pelas décadas. Apenas no período Khrushchev é que houve indícios de políticas voltadas para aliviar a superlotação que caracterizava a vida urbana soviética.

A maioria dos edifícios residenciais urbanos se tornaram propriedade do Estado depois da revolução, e os sovietes municipais eram responsáveis pelas moradias. Autoridades municipais determinavam o espaço que moradores ganhavam, além das normas para se viver

[852] *Ibidem*.
[853] Campos, 1953, p.179, 180.
[854] Nobre, 1957, p.103.

em conjunto. Tinham também o direito de desalojar residências, como ocorreu no caso de várias casas pertencentes às classes privilegiadas.[855]

Os viajantes da década de 1930 apontaram que a causa do problema da habitação seria o enorme êxodo rural de habitantes que procuram melhores condições nas cidades. A falta de moradias, porém, era vista como temporária, uma vez que as cidades principais se encontravam com diversas partes em construção. Ao visitar uma habitação coletiva para encomendar uma blusa ucraniana de uma costureira da região, Maurício de Medeiros relata uma conversa com sua intérprete, que lhe afirma que o governo municipal havia se encarregado de delimitar dentro de cada habitação o espaço que cada qual poderia ocupar. Ela, o marido e os filhos estavam pessimamente instalados, mas no momento não havia alojamento melhores.[856]

A situação das moradias não parece ter melhorado muito na década de 1950. Alguns comunistas e simpatizantes chegam a citar o problema, de maneira sutil, mas a maioria deles prioriza a informação do aluguel barato, proporcional ao salário, ou apontam alguma justificativa para a inferioridade das moradias. Um lugar muito citado é a vizinhança do aeroporto em que desembarcam, quando notam velhas casas de madeira. Graciliano Ramos chega a supor que seria conveniente destruí-las:

> O prejuízo não seria grande: os habitantes das minguadas velharias, pouco numerosos, achariam sem esfôrço asilo noutros lugares, e os estrangeiros de maus instintos, resolvidos a torcer o nariz ao socialismo, perderiam num instante aparências de razões badaladas com rigor lá fora: os indivíduos aqui não têm onde morar: na cidade enorme, sete milhões de criaturas se alojam a custo, várias famílias arrumando-se num quarto miúdo. Estupidez, é claro. Mas porque não suprimir a causa da estupidez?[857]

A imagem das casas aparece para Graciliano como um problema de ordem visual. Ela poderia causar erradas impressões aos estrangeiros. Ao questionar o porquê das casas não serem derrubadas, sua guia, a sra. Nikolskaya, exclama que ali estavam as belezas do individualismo, dando a entender que os homens que ali habitavam poderiam, se quisessem,

[855] Fitzpatrick, 1999, p.46.
[856] Medeiros, 1931, p.57. Sheila Fitzpatrick e Orlando Figes indicam que os apartamentos comunais foram a norma para a maioria das pessoas durante o governo Stalin, mas estavam longe de encorajar atitudes e práticas comunais entre os residentes, como esperavam os bolcheviques. Sobre o assunto, ver Fitzpatrick, 1999 e Figes, 2007.
[857] Ramos, 1954, p.185.

viver em condições melhores, mas não o faziam. Graciliano então, conclui: "Inútil arrasar as casas. Melhor deixa-las arriar pouco a pouco, bambas, trêmulas, caducas. O essencial era transformar o que havia nelas, vagarosamente."[858] Ali estava, para ele, resíduos do capitalismo, que logo desapareceriam.

Em 1955, três anos após a viagem de Graciliano Ramos, ao passar por zonas operárias e reparar em casas com coberturas de zinco, improvisadas de madeira e lata, Francisco Peixoto questiona se ali a sra. Nikolskaya do livro de Graciliano também poderia exclamar que estavam as belezas do individualismo. Ao questionar seu guia sobre a exclamação que tranquilizara o cronista, ou seja, se a ideia de manter os casebres era manter um exemplo dos males do individualismo, seu guia contesta:

> — Nada disso! O que há é falta de casas.
>
> — Mas, como? E tudo aquilo que acabamos de ver: edifícios construídos em poucos dias, britadoras picando 350 mil metros de pedras diariamente, fábricas produzindo milhões de metros quadrados de blocos?...
>
> — Você se esquece, porém, do que tem sido o trabalho de reconstrução de cidades inteiras, em nosso país, depois da guerra. E se esquece, principalmente, do caso particular de Moscou. Já temos, aqui, 200.000 metros quadrados de área construída de acôrdo com o novo plano, aprovado em 1953. A cidade ocupava, então, uma superfície de 30.000 hectares; Hôje, mesmo com o hiato ocasionado pela guerra, aumentou ela em dobro, estendendo-se, de maneira mais acentuada, para o sudeste, conforme pôde ver no mapa que lhe foi mostrado na exposição.[859]

A maioria dos viajantes se satisfazem com a justificativa da destruição causada pela Segunda Guerra. O médico Milton Lobato explana que tanto em Moscou como em Stalingrado havia "habitações provisórias", surgidas em virtude da destruição da guerra ou do crescimento extraordinário de Moscou, também fruto da guerra. Também Pinheiro Neto aponta por conta da destruição da guerra muitas famílias eram obrigadas a dividir o mesmo chão, e que a preocupação excessiva com a indústria não havia permitido que se desviassem recursos para o problema da habitação.[860] Ao que parece, os viajantes brasileiros não recebiam informações de que a falta de moradias e o uso de habitações coletivas já era algo em voga na URSS desde o seu início, na década de 1920.

[858] *Ibidem*, p.186.
[859] Peixoto, 1955, p.64.
[860] Pinheiro Neto, 1961, p.55.

O sistema de habitações coletivas, como no mínimo 2 a 3 famílias por apartamento, não é algo visto com bons olhos pelos viajantes brasileiros. Morel observa que, apesar do aluguel de casa ser irrisório, o brasileiro não estava educado a viver coletivamente, especialmente o carioca, que preferiria morar em um barracão, à vontade, podendo ouvir sua novela, em vez de dividir sua casa com outras famílias.[861] Osny Pereira relata que não houve empenho de seus guias em mostrar um lar doméstico soviético, embora tenha sido solicitado muitas vezes por sua delegação.[862] Também Rubens do Amaral declara que não pôde averiguar as habitações coletivas, mas considerou-as numerosas, semelhantes a um cortiço, cada qual com um dormitório, talvez uma sala, mas todos com cozinhas comuns, em que donas de casa se revezavam no preparo das refeições. No entanto, Amaral aponta que o problema estava sendo atacado em larga escala, pois havia construções de diversos blocos em Moscou de edifícios simples, mas higiênicos, que aliviariam a situação.[863]

Na década de 1960, também John Cotrim fica estarrecido ao visitar uma família de um engenheiro que morava em uma habitação coletiva em Leningrado, em um apartamento de três quartos pequenos com mais duas famílias, uma em cada quarto, sendo a cozinha e o toalete de uso coletivo.[864] Cotrim ressalta que o problema de habitações constituía uma das principais preocupações do governo soviético, e que por isso estava empenhado em construir moradias, sendo só em Moscou um programa de obras para atender 500 mil pessoas. Por todo o país viam-se obras análogas a Moscou, "constituindo a sua exibição ao turista um tema obrigatório das visitas a qualquer cidade".[865] Em outro momento do seu relato, contudo, ressalta que a propaganda oficial do governo em relação a esse assunto poderia ser enganosa, afirmando que ela

> [...] atingia às raias do ridículo a sem cerimônia com que nos afirmavam, enfaticamente, que o problema de habitações na Rússia — o problema social mais grave com que se defronta hoje aquêle país, e um dos que estabelecem o contraste mais gritante com o mundo democrático — já está virtualmente resolvido, só porque o Partido aprovou um plano vintenal de construções, que ficará concluído em 1980.[866]

[861] Morel, 1952, p.147.
[862] Pereira, 1952, p.232.
[863] Amaral, 1952, p.20.
[864] Cotrim, 1962, p.33.
[865] *Ibidem*.
[866] *Ibidem*, p.27.

O autor observa que em várias ocasiões tornava-se difícil distinguir o que já havia sido feito, o que estava sendo executado e o que ainda era apenas plano remoto. Mesmo sendo anticomunista, Cotrim considera justo frisar que sua delegação não viu pela URSS nada que se comparasse aos "mocambos" e às favelas do Brasil, embora conclua dizendo que ficou surpreso ao verificar que, "após meio século de tirânico socialismo", o padrão de vida médio da União Soviética, com toda a sua qualidade e quantidade de bens e serviços à disposição dos cidadãos (moradia, alimentação, vestuário, transporte, educação, saúde pública, divertimentos, etc.), talvez estivesse aquém das condições da região meridional do Brasil, isto é, de Minas para baixo.[867]

Ao contrário de Cotrim, o simpatizante e médico Milton Lobato chega a outra conclusão, ao se remeter às habitações brasileiras:

> De modo que há uma diferença essencial entre os habitantes destas habitações [soviéticas] provisórias e os nossos "favelados": uns esperam habitações decentes, que estão sendo construídas; os outros estão sob a ameaça do desabrigo, com a destruição dos seus barracos, são vítimas de um regime que se baseia na exploração. Os mal-acomodados soviéticos são casos temporários e os "favelados" brasileiros são permanentes e só acabarão quando nossa estrutura econômica for modificada, favoràvelmente ao povo que produz e é miseravelmente explorado.[868]

No geral, em relação às condições básicas de vida dos soviéticos, o que se nota é que as ideologias definem a opinião final dos viajantes. Por mais que haja interferências dos guias, os anticomunistas se mantêm resolutos em afirmar que o regime soviético é inferior a qualquer sociedade ocidental, enquanto que comunistas e simpatizantes deleitam-se no uso de comentários, dados e informações, para a construção de uma imagem de uma população especialmente assistida nos principais pontos em que os brasileiros não eram. O grupo de viajantes não definidos tem impressões mais inconstantes, ora acatam a imagem passada pelos guias, ora relatam os problemas observados, com críticas pessoais a eles.

As comparações entre URSS e Brasil estão presentes em praticamente todos os temas, e em todos os grupos ideológicos, seja na questão das condições de vida, na questão de gênero ou da educação, assim como em tantos outros temas que aqui não foram abordados, como nas questões culturais, no acesso à saúde, na vida no campo, etc . Pensar sobre a

[867] Cotrim, 1962, p.36.
[868] Lobato e Machado, 1955, p.50.

realidade brasileira é algo inevitável para os autores. Quais seriam as impressões de um hóspede oficial do governo brasileiro no país? É o que reflete Edi Pereira, ao considerar que, mesmo que ele fosse hospedado em um hotel de luxo, não poderia deixar de ver os mendigos, as crianças subalimentadas, as favelas, etc.[869] Também Edmar Morel, ao escrever contrastes entre diversas nações que pôde visitar, faz conclusões sobre seu povo:

> E o brasileiro? É um tipo diferente. Gosa de pequena assistência social, porém, desperdiça o dinheiro de maneira criminosa. A culpa, aliás, não é sua. Faltam-lhe uma educação social e meios de instrução. Pouquíssimos são os que compram um livro e frequentam as raríssimas bibliotecas. Nasceu e criou-se no Brasil do Futebol, no Brasil carnavalesco e no Brasil novéla-de-rádio. Quem é responsável? O govêrno, a partir de Washington Luís, quando gritou que a questão social era um simples caso de polícia. Não é possível educar uma massa de milhões e milhões de criaturas em dez anos. São necessários vários decênios. E isto, os russos, ingleses, suíços, alemães, franceses, conseguiram. O índice de analfabetismo nos seus países, é irrisório. Esclareço que estou falando do operário de indústria.[870]

Assim, as diversas representações do cotidiano soviético têm um propósito: seriam exemplos, ou contraexemplos para os leitores, seriam inspirações ou denúncias daquilo que o povo brasileiro deveria seguir ou não seguir. A repetição e a percepção de alguns temas que são mais explorados nas narrativas não acontece como consequência apenas dos roteiros padronizados, mas também como uma resposta ao que os viajantes observavam e vivenciavam no Brasil.

[869] Federação das Mulheres do Brasil, 1954, p.44.
[870] Morel, 1952, p.177.

Considerações finais

O estudo de relatos de viagem de caráter político do século XX se encontra em seus primeiros passos na historiografia brasileira. Um dos intuitos desse trabalho foi de apresentar as possibilidades do uso das narrativas como fontes e objetos de pesquisa historiográfica, considerando suas particularidades e também suas permanências com os relatos e análises referentes aos séculos anteriores. As continuidades que se apresentam, como o seu caráter textual híbrido, seus aspectos autobiográficos e também ficcionais devem ser objetos de preocupação constante do historiador, ao encarar as narrativas como representações de duas sociedades distintas: aquela referente ao lugar de saída do viajante (seu lar), e aquela a que ele se propôs a observar.

Ao estudar os relatos de viagem políticos de franceses no período entre guerras, Kershaw, Hurcombe e Cornick concluíram que, mesmo não possuindo um caráter de exploração científica do *habitat* observado, as viagens políticas do século XX herdaram um certo empirismo de viagens de séculos anteriores, na medida em que os escritores valorizam o fato de construírem suas observações *in loco.* Afinal, o olhar ao vivo é o que garante a precisão e a veracidade da narrativa. Ainda, a enorme quantidade de informações e dados dispostos sobre a sociedade analisada, que normalmente acompanham as perspectivas do viajante, são formas de tornar as observações mais verídicas e palpáveis, heranças também de um objetivismo científico do século XIX.[871]

As continuidades devem ser consideradas, mas se faz também necessário o enaltecimento das singularidades. A convenção observada nas narrativas de viagem em relação ao cruzamento de fronteiras, por exemplo, é algo que ressoa de maneira mais forte nos relatos da época da Guerra Fria, por conta da existência de uma barreira que, ao mesmo tempo que é simbólica, traz a ideia de impenetrável: a "Cortina de Ferro". Mais do que um cruzamento, os viajantes das décadas de 1950 e 1960 trazem em suas descrições a ideia de uma transposição de fronteira entre dois mundos, que, antes de geográfica, é política e ideológica. Assim, muitos deles constroem a representação da entrada na URSS como um momento simbólico de deixar as próprias ideologias e informações preconcebidas para trás, de forma a possibilitar a observação da sociedade

[871] Kershaw; Hurcombe e Cornick, 2017, p.294.

soviética sem filtros. As seguidas e detalhadas descrições do momento da alfândega ou das recepções calorosas, contudo, já demonstram que os filtros permaneciam lá, acompanhando-os por toda a viagem.

Reiniciadas poucos anos após o término da 2ª Guerra Mundial, momento em que houve uma ampliação do poder soviético sobre os países do leste europeu e uma nova delimitação de zonas de influências, as viagens do final da década de 1940 e do início da década de 1950 somente se realizaram por conta de investimentos maciços do governo soviético como forma de permeabilizar suas fronteiras ao mundo ocidental, especialmente para aqueles que estivessem mais abertos a construir uma imagem mais positiva da URSS. Além de se constituírem como uma forte propaganda das mensagens de paz do governo soviético, os congressos e conferências realizados na Breslávia (*Wroclaw*, em polonês, como os autores descrevem), Berlim, Viena e Estocolmo serviram também como um momento de identificação dos viajantes, que se tornavam convidados das diversas instituições soviéticas. A presença de Jorge Amado como um ponto em comum nas descrições dos viajantes, denuncia a importância do autor como um meio para se ter acesso aos bastidores daquele novo mundo do Leste Europeu.

Nos bastidores das viagens encontravam-se os centros de comando que planejavam, gerenciavam e evidenciavam as melhores luzes sobre os aspectos da sociedade e do cotidiano soviéticos, isto é, as organizações estatais, VOKS e Intourist. Por conta de sua origem conectada às relações de trocas culturais com os países ocidentais, a VOKS procurou construir as viagens em uma arena que permanecia aberta às influências externas, às quais os viajantes estavam acostumados. As excelentes acomodações, os carros de luxo, as refeições requintadas e os atendimentos individualizados, devem ser observados como uma forma de tornar o mundo soviético não só atrativo, como também palpável aos olhares dos viajantes da cultura ocidental.

Mesmo tendo a organização chegado ao fim em 1957, as características da VOKS se perpetuaram nos anos pós-1956, quando a ampliação da Intourist e das possibilidades de turismo soviético se tornavam mais abertos às diferentes correntes ideológicas e às possibilidades de lucro. O maior número de viajantes de correntes ideológicas contrárias no início da década de 1960 e o aparecimento de viagens que já não eram custeadas pelo governo soviético (como a de Silveira Bueno), confirmam as transformações.

Se os relatos de viagem são analisados aqui como representações, e se estas representações foram, em certa medida, construídas a partir de "espetáculos" que a União Soviética estava disposta a proporcionar aos seus hóspedes, devemos ter muito cuidado para não confundir os papeis entre espectadores, produtores, personagens auxiliares e personagens centrais em tais narrativas. Ao serem convidados não só a atravessarem as cortinas, como também a adentrarem pelos bastidores (isto é, entrar em fábricas, escolas, hospitais, etc), os viajantes passavam de meros espectadores a personagens centrais. Seus guias e intérpretes se constituíam como personagens auxiliares, mas essencialmente importantes na arte de fazer com que os enredos (roteiros) fossem devidamente cumpridos e observados. A comparação das diversas narrativas nos possibilitou observar até mesmo algumas das possíveis falas constantes de seus guias durante os roteiros. Os personagens auxiliares, no entanto, estavam sob constante observação da direção e produção do espetáculo, que, no plano material das viagens, permaneciam sendo os organismos ligados ao governo soviético.[872]

Uma reviravolta, porém, acontece. No momento em que os personagens centrais tomam para si a função de escreverem as suas próprias impressões, construídas não só no ato de observar como também no ato de dialogar e encenar com os demais personagens a partir do cenário disposto, os viajantes se tornam os protagonistas e os principais produtores da construção de seus próprios espetáculos, isto é, seus relatos. Os protagonistas, no entanto, continuam sendo pessoas comuns, antes mero espectadores, que saíram de uma plateia, e não dos bastidores. Em sua passagem para o palco eles decidem deixar as cortinas abertas para os espectadores que, intencionalmente ou não, permanecerão iluminados durante todo o espetáculo. Assim, a plateia, os espectadores, representam os vínculos que atrelam os protagonistas às suas próprias sociedades, isto é, seus vínculos políticos, sociais e as correntes ideológicas nas quais se constituem. Durante toda a narrativa, o autor/protagonista estabelecerá uma relação conflituosa com a plateia: quando achar necessário, fará críticas a ela, mas tentará atender às expectativas dela, e será lembrado constantemente de que também está sendo observado por ela.

[872] Um estudo comparativo nos arquivos estatais da Rússia em relação à maneira como os guias observaram e classificaram os viajantes brasileiros em suas visitas à URSS, ainda se faz necessário.

Desta maneira, embora os relatos de viagem à URSS tragam consigo estruturas narrativas semelhantes, que muitas vezes se pautam pelas descrições e significações dos mesmos lugares visitados, e pelo seu caráter político de acordo com a época vivenciada, eles continuam se constituindo em versões particulares da União Soviética, sendo também resultado das singularidades presentes no olhar de cada um de seus autores.

Como forma de entender, aproximar ou distanciar essas singularidades nas narrativas de viagem, a tipologia proposta e construída ao logo da tese, isto é, agrupando os autores e seus relatos de acordo com suas diferenças de cunho ideológico (comunistas, simpatizantes à URSS, anticomunistas e não definidos) ressaltadas pelas análises de seus discursos e pelo estudo (quando possível) das trajetórias de seus autores, foi essencial para o melhor entendimento das possibilidades do uso de relatos do século XX em pesquisas historiográficas.

Vale a pena observar que a construção da tipologia se manteve flexível e em constante transformação durante a pesquisa. A formação do grupo dos viajantes não definidos, por exemplo, se tornou cada vez mais clara conforme as análises eram realizadas, ao notar-se que as impressões de seus autores oscilavam entre as representações construídas pelos demais grupos, como vimos, por exemplo, na questão das liberdades. Nitidamente, as maiores divergências de impressões se estabeleceram entre comunistas/simpatizantes *versus* anticomunistas.

Como pode ser constatado por todo o trabalho, não nos preocupamos em fazer distinções entre as narrativas de viagem de intelectuais e de não intelectuais. Embora seja perceptível o tratamento diferenciado na recepção organizada pela VOKS para alguns viajantes, por conta de sua maior influência social (basta lembrar que Graciliano Ramos foi separado da delegação de operários em abril de 1952), não notamos essenciais diferenças entre os tratamentos posteriores no decorrer da viagem, ou mesmo entre as narrativas, que pudessem distingui-las por questões intelectuais.

Nesse sentido, é importante observar que as viagens de delegações operárias para a URSS, desde o final da década de 1920, fortaleceram a conexão entre os movimentos operários, o sentimento de unicidade, e a exposição de suas próprias ideias no mundo ocidental. Certamente, ainda é necessário que se façam estudos da presença das narrativas de viagem em periódicos ligados às classes operárias no Brasil.

A diversidade de representações e as possibilidades de comparações entre os relatos de viagem e seus autores aqui analisados é ampla. Longe de abordar todos os temas que as narrativas nos possibilitam, esse trabalho procurou seguir uma linha em que os assuntos selecionados pudessem dialogar entre si, tendo como plano de fundo as influências das correntes ideológicas presentes em cada um dos grupos. Apesar da dificuldade em se trabalhar de maneira contínua e comparativa com um montante de 33 livros, optamos por manter todas as narrativas como fontes e objetos de estudo centrais.

Nas análises comparativas, foi possível observar que não só os roteiros e os lugares se repetiam, como também reflexões um tanto quanto padronizadas das correntes ideológicas se fizeram presentes, o que contribuiu tanto para um melhor entendimento dos nichos ideológicos consolidados na sociedade brasileira das décadas de 1950 e 1960, quanto para a verificação das disputas entre eles a respeito das representações e imaginários que formavam sobre a União Soviética.

Ao visitar a URSS, os viajantes buscam verificar a realidade, isto é, a verdade sobre o país, que seria tão difícil de ser constatada em meio aos campos ideológicos contrários e propagandísticos. Porém, partindo da concepção de ideologia de Ricoeur, seus olhares já trazem consigo maneiras distintas de interpretar o mundo, estando presos, na verdade, ao que se poderá configurar como real dentro e de acordo com suas próprias ideologias. A ideologia opera por trás dos viajantes, e é por isso que encontramos tantas diferenciações de impressões sobre os mesmos lugares, pessoas, tratamentos ou experiências. A descrição de uma mesma cena poderia servir, inclusive, de evidência para ideologias opostas. Por exemplo, ao visitarem igrejas ortodoxas e católicas, que se encontravam abertas e com poucos frequentadores, os comunistas e simpatizantes realçam o fato de elas se encontrarem abertas, o que servia para denunciar a falsidade de notícias anticomunistas que diziam que não havia liberdade religiosa na URSS; já os anticomunistas aproveitavam para denunciar o esvaziamento de fieis, a submissão da igreja ao Estado, como forma de demonstrar as consequências da perseguição religiosa promovida pelo governo soviético.

Um dos traços também presentes na ideologia, segundo Ricoeur, é o seu caráter inerte, isto é, a ideia de que algo novo só pode ser recebido a partir do que já é típico e tradicional da ideologia, o que faz com que todo grupo ideológico apresente traços de

ortodoxia, de intolerância ao que lhe aparece como novo ou marginal. Para Ricoeur, é esse traço o responsável pelas dissimulações, isto é, o momento em que as realidades efetivamente vividas pelo grupo, ou pela pessoa, são inassimiláveis pelo esquema diretriz.[873] Seria possível pensar nas possibilidade de dissimulações quando, por exemplo, o escritor Silveira Bueno se esforça para denunciar cada detalhe negativo nas descrições das Universidade de Lomonossov, um dos lugares mais elogiados pelos viajantes de todos os grupos. A característica da dissimulação também é bastante presente nas considerações de Jorge Amado, especialmente quando ele defende, com unhas e dentes, o discurso de que havia total liberdade de imprensa na sociedade soviética.

É preciso considerar ainda o peso da vinculação dos relatos de viagem aos projetos políticos, especialmente àqueles ligados ao PCB e à editora Vitória. Em uma das partes mais interessantes da entrevista realizada com Martha Pannunzio, ela nos revela que a publicação do relato *Cartas de dois mundos* foi um compromisso dela e dos irmãos firmado com o pai, antes da viagem. Assim que voltaram, antes que Martha pudesse se casar, o pai exigiu dela que o livro fosse publicado. Martha observa que, como seu pai era muito solene aos compromissos dele (possivelmente, compromissos firmados com o Partido), ela sabia que teriam que publicar o livro. Com os irmãos atarefados com o curso de medicina, Martha iniciou então, uma busca pelas cartas enviadas aos amigos e parentes de Minas Gerais e de Goiás. Contudo, ao perceber que as cartas "não tinham muito nível" (ela diz que suas próprias cartas eram fuleragens, bobagens de menina), os irmãos decidiram fazer uma reunião com o pai:

> Nós fizemos uma reunião, todos os irmãos vieram, reunimos, meu pai fez uma sabatina... Ele ficou tão desapontado que ele falou: "Mas escuta, eu mandei quatro pra Europa, cada um foi em uma viagem diferente, cada um viu uma coisa diferente, vocês não chegam em acordo! Que que isso? Gente, cadê o fio dessa meada?"
>
> Não tinha fio da meada... É Claro, né? Porque cada um é um. [...] Mas é que as nossas impressões eram muito superficiais, a gente não se aprofundou. [...]
>
> Mas... Nós não... Sabe... O que eu não vi... Não vi. E o que o José Olympio viu, ele não gostou, mas ele falava: "**Pai, eu não posso demolir dentro da UJC aquilo que é preciso acreditar, pai. Não me cobra, não. Porque eu não queria entrar nisso, pai. O momento não é dessa crítica**

[873] Ricoeur, 2013, p.81.

> **interna. É imperialismo e marxismo. Não é hora da gente fazer crítica interna em casa**. Vai escrever esse livro, vai ser uma bobagem, às vezes eu ainda vou me arrepender depois, vou rever conceito, eu não quero pai, não quero."
>
> Mas meu pai falava... "Palavra de homem não volta atrás! Escreve!"[874]

De acordo com as memórias de Martha, seu irmão, José Olympio, havia voltado com uma imagem completamente negativa da União Soviética. O pai, mesmo desapontado "por ter perdido aquele aliado", insistiu para que o livro fosse publicado, dizendo que José Olympio "estava vendo as coisas sob uma ótica errada", isto é, fugindo da lógica ideológica e tradicional que o Partido lhes impunha. Martha ainda afirma na entrevista que as palavras pejorativas de seu irmão eram inconvenientes (importante lembrar que eles fizeram a viagem um ano após as denúncias de Khrushchev). Interessante observar que, pelas memórias de Martha, o irmão não fazia questão de publicar as "suas verdades," pois isso poderia atrapalhar aquilo que dentro da UJC "era preciso acreditar."[875]

Silenciamentos e omissões fazem parte da construção das narrativas políticas. Analisar os relatos de maneira comparativa possibilitou que os silêncios ganhassem voz. A ausência de referências a Stalin em relatos nos anos pós-1956, ou o silenciamento da maioria dos comunistas e simpatizantes nas questões relativas à liberdade de imprensa e aos encarceramentos soviéticos, podem demonstrar uma fuga do caminho das dissimulações. Como suas ideologias restringiam o campo de possíveis interpretações, o silêncio seria uma forma de não se comprometer com aquilo que possivelmente desconfiavam ou discordavam.

A quantidade de vezes que os autores destoam dentro de seus próprios grupos ideológicos, como no caso das questões de gênero, onde foi possível notar diferenciações entre viajantes homens e mulheres, ou algumas singularidades presentes nas narrativas, como as desconfianças do comunista Graciliano Ramos a respeito de seus

[874] Entrevista com Martha Pannunzio, 5/09/2017.

[875] Martha informou que José Olympio, pelo resto da vida, numa mais se proclamou comunista, nem simpatizante, nem militante. Ao observarmos o relato com mais atenção, foi perceptível reparar que as cartas de José Olympio são mais sucintas, e com algumas críticas veladas, como quando reclama das casas de madeira espalhadas por toda a cidade de Moscou. O relato é composto por 27 cartas escritas por Martha, 12 cartas por José Olympio e também por Afrânio, e 5 cartas de Mário Augusto.

privilégios como hóspede, ou o apreço do anticomunista Rubens do Amaral pelas liberdades civis encontradas na União Soviética (acesso livre à educação e saúde pública, por exemplo), nos impediu de cair na armadilha das generalizações. Os viajantes e suas narrativas não devem ser encaradas apenas como resultados de suas ideologias políticas: refletem também projetos profissionais e pessoais, interesses de classes sociais, de suas religiões, de seus gêneros e do contexto político/social vivido, a cada ano. Em suma, os relatos de viagem devem ser analisados em sua complexidade não homogênea e plural, onde, ao mesmo tempo em que carregam compromissos ideológicos, trazem também as singularidades de cada autor e possibilidades de outros agrupamentos sociais.

O estudo comparativo das narrativas também contribui para avistarmos um pouco da complexidade da estrutura da sociedade soviética. Não há dúvidas de que a URSS se constituiu em um regime autoritário, de forte censura e de repressão aos que se opunham ao seu governo. Ao mesmo tempo, acompanhar as visões dos viajantes também nos permite entrar em contato com um cotidiano soviético variado (especialmente aquele vinculado aos grandes centros urbanos), exemplificados nas descrições dos avanços e iniciativas educacionais, como o fim do analfabetismo e o incentivo à leitura, ou na luta, entre ganhos e perdas, das mulheres soviéticas ao buscarem uma sociedade mais igualitária entre os gêneros e na busca dos trabalhadores por condições de trabalho e de vida mais dignas. Ao pensarmos em julgar os viajantes como alienados ou influenciáveis pelos mecanismos de persuasão dos soviéticos, devemos, antes, analisar também com cuidado o cotidiano brasileiro da mesma época, como forma de entender suas surpresas, encantamentos e desencantamentos.

Em suma, os relatos de viagem de brasileiros à URSS se formam a partir de representações que estão entrelaçadas com as realidades que às moldam e que são moldadas por elas, seja a da sociedade observada, ou a sociedade de onde parte o observador. Por serem políticos, e por apresentarem ideologias distintas, correspondem às complexidades do contexto da Guerra Fria, mas, quando analisados de maneira conjunta e comparativa, possibilitam o entendimento de representações e realidades múltiplas, impossíveis de serem classificadas em apenas dois campos, ou através de conceitos binários como verdadeiro/falso, bom/mau e assim por diante.

Fontes e Bibliografia

Arquivos e Bibliotecas consultadas:

Arquivo do Estado de São Paulo – Arquivos DEOPS

Biblioteca Nacional da Espanha

Biblioteca Nacional da França

Biblioteca Britânica

Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional:

http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

Entrevistas realizadas:

Entrevista com Martha Pannunzio, 5/09/2017. Uberlândia, Minas Gerais.

Entrevista com Martin Cornyck, 25/01/2018, Birmingham, Universidade de Birmingham.

Entrevista com Sophie Coeuré, 16/01/2018, Paris: Universidade Paris VII- Denis Diderot.

Entrevista com Tobias Rupprecht, 26/01/2018, Exeter: Universidade de Exeter.

Referências Bibliográficas

ABREU, Alzira Alves. Verbete: Partido Comunista Brasileiro (PCB).Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Link: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb

ALAMBERT, Zuleika. *Uma jovem brasileira na União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.

ALMEIDA. Alfredo Wagner Berno. *Jorge Amado: Política e Literatura*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

AMADO, Jorge. *O Mundo da Paz: União Soviética e democracias populares*. Rio de Janeiro: Vitória, 1951.

AMARAL, Rubens do. *União Soviética- Inferno ou Paraíso?* São Paulo: Martins Editora, 1952.

ARBEX, Luciana Marta. "Intelectualidade brasileira em tempos de Guerra Fria." Dissertação de Mestrado. USP, 2012. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13122012-095555/publico/2012_LucianaBuenoMartaArbex.pdf Acessado em: 02/08/2018.

AZEVEDO, Irmãos Freitas. *Cartas de dois mundos*. Rio de Janeiro: Vitória, 1959.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA, "ABI celebra centenário de Osny Duarte Pereira", Rio de Janeiro, 06/12/2012. Disponível em: http://www.abi.org.br/abi-celebra-centenario-de-osny-duarte-pereira/ Acessado em 03/09/2018.

BAGGIO, Kátia Gerab, "Dos trópicos ao prata: viajantes brasileiros pela argentina nas primeiras décadas do século XX". *História Revista (UFG)*, v.13, n.2, p425-45, 2008.

BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis e ANDRADE, A.T. *O Ano Vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil.* São Paulo: Brasiliense, 1980.

BAPTISTA JUNIOR, Roberto. "Anti-sovietismo: reflexos e práticas compartilhadas de repressão no sistema interamericano (1945-64)." Dissertação de Doutorado - Unicamp. Campinas, São Paulo, 2005.

BARROSO, Maria Alice. "Instituto Nacional do Livro". *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 1, n. 1/3, 1973. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/803/630 Acessado em 23/05/2018.

BASSANEZI, Carla**.** "Mulheres dos Anos Dourados." In: DEL PRIORE, Mary (org.) *História das. Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, pp. 608 a 639.

BENDIXEN, Alfred; HAMERA, Judith (Orgs). *The Cambridge Companion to American Travel Writing*. Nova York: Universidade de Cambridge, 2009.

BERGER, Paulo. *Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e estrangeiros, 1531-1900*. Rio de Janeiro:1980.

BOMENY, Helena. "O Brasil de JK > Educação e desenvolvimento: o debate nos anos 1950." São Paulo: CPDOC, 2017. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/Anos1950. Acessado em 28/04/2018.

BOOBBYER, Philip. *The Stalin Era*. London: Routledge, 2000.

BORM, Jam. "Defining Travel: On the travel Book, Travel Writing and Terminology". In: HOOPER, Glenn e YOUNGS, Tim. (orgs). *Perspectives on travel writing*. Ashgate, 2004.

BOSSERDET, Louise. *Une Française en URSS*. Alger: Editions de Mauretanie, 1937.

BOTTOMORE, Tom. "Comunismo." In: *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983, pp.71 a 73.

BRAGA, Zora Seljan. *Eu vi as democracias Populares*. São Paulo: Brasiliense, 1951.

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Marcia. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010.

BRANDO, Piers. *Thomas Cook: 150 Years of Popular Tourism*. Reino Unido: Secker and Warburg, 1991.

BRITO, M. F. do Nacimento. *Depoimento sobre a União Soviética*. Rio de Janeiro: Ipanema, 1963.

_____. *Um jornalista brasileiro na Rússia*. Rio de Janeiro: Record, 1963.

CAMPELO, Humberto Alves. *Um marítimo brasileiro na União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.

CAMPOS, José. *Um brasileiro na União Soviética*. São Paulo: Martins, 1953.

CANCELLI, Elizabeth. *O Brasil na Guerra Fria Cultural: o pós-guerra em releitura*. São Paulo: Intermeios: USP – Programa de Pós-Graduação em História Social, 2017.

CARR, E.H. *A Revolução Russa de Lênin a Stálin (1917-1929)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

CARR, Helen. "Modernism and travel (1880-1940). In: HULME, Peter. YOUNGS, Tim. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: University Press, 2002.

CASTRO, Celso. "E ele voltou... o segundo governo de Vargas: Os militates e o segundo governo Vargas." CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2017. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/EleVoltou/Militares Acessado em: 08/01/2016.

CASTRO DELGADO, Henrique. *Mi fe se perdió en Moscú*. México: La Prensa, 1957.

CAUTE, David. *The Fellow-Travellers: Intellectual Friends of Communism*. London: Yale University Press, 1988.

CESAR, Osório Thaumaturgo. *Onde o proletariado dirige: visão panorâmica da URSS*..São Paulo: [s.n.], 1932.

_____. *Que é o Estado Proletário?* São Paulo: Edição Udar, 1933.

CHAMBOLLE, Monique. *Les Voyageurs français au Brésil au XIXe siècle*. Paris: 1969.

CHESSIN, Sérgio de. *A Noite que vem do Oriente*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1932.

COEURÉ, Sophie; MAZUY, Rachel. *Cousu de fil rouge: Voyages des intellectuels français en Union Soviétique*. Paris : CNRS Éditions, 2012.

CORNICK, Martyn; HURCOMBE, Martin; KERSHAW, Angela. *French Political Travel Writing in the Interwar Years: Radical Departures*. London: Routledge, 2017.

CORRÊA, Larissa Rosa. "Trabalhadores têxteis e metalúrgicos a caminho da Justiça do Trabalho: leis e direitos na cidade de São Paulo, 1953 a 1964". Campinas: Unicamp, 2007. Dissertação de Mestrado.

COSTA, Flávio. *Além das torres do Kremlim: do Brasil à China*. Salvador: Livraria Progresso, 1958.

COTRIM, John R. *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. RJ: Letras e Artes, 1962.

CRISTÓVÃO, Fernando. *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e Bibliografias*. Coimbra: Almedina, 2002.

CUNHA, Paula Cristina R. da Rocha de Morais. "Apontamentos teóricos sobre Literatura de Viagens." *CARACOL 3/Dossiê*. São Paulo: USP, 2012. Disponível online em: http://www.revistas.usp.br/caracol/article/viewFile/57686/60741.

CURIE, Eve. *Journey Among Warriors*. London: Heineman, 1943.

DAVID-FOX, Michael. "From Illusory 'Society' to Intellectual 'Public': VOKS, International Travel and Party-Intelligentsia Relations in the Interwar Period." *Contemporany European History*, II, I (2002), pp.7-32. United Kingdom: Cambridge University Press, 2002.

_____. *Showcasing the Great Experiment: Cultural Diplomacy & Western Visitors to the Soviet Union (1921-1941).* New York: Oxford University Press, 2012.

_____. "The Fellow Travellers Revisited: The 'Cultured West' through Soviet Eyes." *The Journal of Modern History* 75, University of Chicago: June 2003.

DAVIES, Sarah. *Popular Opinion in Stalin's Russia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. “The Leader Cult: Propaganda and its Reception in Stalin’s Russia.” CHANNON, John. *Politics, society and Stalinism in the USSR*. Great Britain: Macmillan Press, 1998.

DICIONÁRIO Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb Acessado em: 23/07/2018.

EVANGELHO, Carmen Lúcia. “Depoimento de Newton Candido”. Centro de *Memória Sindical*. São Paulo, 19/09/2017. Disponível em: http://memoriasindical.com.br/formacao-e-debate/depoimento-de-newton-candido-do-sindicato-dos-metalurgicos-de-sao-paulo/ Acessado em: 02/09/2018.

FÁVERI, Marlene de. “Desquite e divórcio: a polêmica e as repercussões na imprensa.” *Revista Caderno Espaço Feminino*. Uberlândia: UFU, v.17, n. 01, Jan/Jul. 2007. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/445 Acesso em 02/06/2018.

FEDERAÇÃO DAS MULHERES DO BRASIL. *Atravessando as fronteiras da URSS: entrevistas*. Rio de Janeiro, Vitória, 1954.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930 – 1956).* Niterói: EdUFF, 2002.

FIALHO, Branca. *Viagem à União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1952.

FINAMOUR, Jurema Yari. *4 semanas na União Soviética*. Rio de Janeiro, Ed. Contemporâneas, 1954.

FIGES, Orlando. *Sussurros*: *A Vida Privada na Rússia de Stalin*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FITZPATRICK, Sheila. *Education and Social Mobility in the Soviet Union, 1921-1934*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

_____. *Everyday Stalinism. Ordinary Life in Extraordinary Times: Soviet Russia in the 1930s*. Nova York: Oxford University Press, 1999.

_____. “Signals from Below: Soviet Letters of Denunciation of the 1930s’, *Journal of Modern History*, vol68, no.4, pp.831-66, 1996.

_____. “Stalin and the Making of a New Elite*”, Slavic Review*, vol.38, no.3, pp. 377-402, 1979.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: Viajantes Latino-Americanas no século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.

_____. "Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental." In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M.Scatena. (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Vol. II. SãoPaulo: Humanitas, 2011. Disponível online em: www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/CSP2.pdf

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. "Lições de Patriotismo na obra "Páginas Literárias" de Francisco Silveira Bueno: formando meninos na década de 1940." São Paulo: *Cadernos Ceru*, série 2, v.21, n.2, dezembro de 2010. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ceru/article/download/11925/13702. Acessado em: 12/04/2018.

FORTE, Graziela Naclério. "CAM e SPAM: Arte, Política e Sociabilidade na São Paulo Moderna, do início dos anos 1930." São Paulo: USP, 2008. Dissertação de Mestrado.

FUSSEL, Paul. *Abroad: British Literary Travelling Between the Wars*. New York & Oxford: Oxford University Press, 1980.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. "O mundo da paz". *Notícias*. Disponível em: http://www.jorgeamado.org.br/?ja_obras=o-mundo-da-paz Acessado em: 03/09/2018.

GALVÃO, Cristina Carrijo, "A escravidão compartilhada: os relatos de viajantes e os intérpretes da sociedade brasileira." Dissertação em história social do trabalho. Campinas, IFCH-UNICAMP, 2001.

GENÓFRE, Edmundo M. *Passaporte para Moscou*. Rio de Janeiro: SEDEGRA, 1959.

GETTY, J.A. and MANNING, R.T., *Stalinist Terror*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

GIBSON, James L. ; DUCH, Raymond M. ; TEDIN, Kent L. "Democratic Values and the Transformation of the Soviet Union." *The Journal of Politics*. Chicago: The University of Chicago Press, no.2 (May,1992), pp.329-371. Acessível em: http://www.jstor.org/stable/2132030 - Acessado em 14/05/2018.

GIDE, André. *Retour de l'U.R.S.S*. Paris: Gallimard, 1936.

_____. *Retouches à mon Retour de l'U.R.S.S*. Paris : Gallimard, 1937.

GLENOW-HECH, Jessica. “Reviewed Work – Iron Curtain: From Stage to Cold War by Patrick Wright.” *The Journal of American History*. Vol. 95, no.3, 2008, pp.904-905. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/27694500 Acessado em: 24/07/2018.

GOLDMAN, Wendy, *Mulher, Estado e Revolução: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936.* Boitempo: Iskra Edições, 2014.

GOODMAN, Edward J. *The exploration of South America: an Annotated Bibliography*. New York, 1983.

GORDEY, Michel. *Visa pour Moscou*. Paris: Gallimard, 1952.

GORSUCH, Anne E. *“*“There’s no place like Home’: Soviet Tourism in Late Stalinism”. *Slavic Review 62*, no.4, 2003.

HAKLUYT Society, 1998-2018. Disponível em: https://www.hakluyt.com/ Acessado em: 09/08/2018.

HALDANE, Charlotte. *Russian Newsreel*. London: Secker & Warburg, 1942.

HALL, Michael. “Some Considerations on accounts of travel to Brazil in the Nineteenth and Twentieth Centuries.” Colloque International “Voyageurs et Images du Brésil, Paris: Maison des Sciences de l’Homme, 2003.

HISTÓRIA, Editora Globo, 2010. Disponível em: http://editoraglobo.globo.com/historia.htm Acessado em: 28/07/2018.

HOBSBAWM, Eric. J. *Revolucionários: Ensaios Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

HOLANDA, Nestor de. *O mundo vermelho e notas de um repórter na URSS*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Pongetti, 1962.

_____. *Diálogo Brasil – URSS*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

HOLLAND, Patrick; HUGGAN, Graham*. Tourists with Typewriters: Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*. Michigan: University of Michigan Press, 2000.

HOLLANDER, Paul. *Political Pilgrims: Western Intellectuals in Search of the Good Society*. Estados Unidos: Transaction Publishers, 1998.

HONES, Tom B. *A Bibliography on South American Economic Affairs: Articles in Nineteenth-Century Periodicals*. Minneapolis: 1955.

HOTEL SAVOY: History. Disponível em: http://eng.savoy.ru/about/history/ . Acessado em: 05/03/2017.

HULMES, Peter e YOUNGS, Tim. "Introduction". *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: University Press, 2002.

INTOURIST: "History." [s/ano]. Disponível em: http://www.intourist.com/about.aspx?id=9804958&currency=USD . Acessado em: 03/11/2016.

ISTRATI, Panait. *16 meses na U.R.S.S. Rumo a outra flama*. Rio de Janeiro: Alerta, 1946.

JUNQUEIRA, Mary Anne. "Charles Wilkes, a U.S. Exploring expedition e a busca dos Estados Unidos da América por um lugar no mundo." *Tempo*. Departamento de história da UFF, v.13, p.120-38, 2008.

_____. "Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem para o historiador." In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M.Scatena. *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Vol. II. São Paulo: Humanitas, 2011. Disponível online em: www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/CSP2.pdf.

KERSHAW, Angela. "French and British Female Intellectuals and the Soviet Union. The Journey to the USSR, 1929–1942." EREA 4.2, 2006, pp.62-72. Disponível online em: www.e-rea.org/250.

KORNIS, Mônica. "João Pinheiro Neto". *Verbete*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-pinheiro-neto-2 Acessado em: 03/09/18.

KOZLOV,V.A. "Denunciation and its Functions in Soviet Governance." Journal of Modern History, vol.68, no.4, pp.867-98.

KRAVITZ. Samantha. "The Business of Selling the Soviet Union: Intourist and the Wooing of American Travelers, 1929-1939". Montreal, Canadá: Concordia University, 2006. Dissertação de Mestrado em História da Arte.

KRIST, Gary. "Ironic Journeys: Travel Writing in the age of Tourism." *The Hudson Review*. Vol. 45, No. 4, 1993. Disponível online em: http://www.jstor.org/stable/3852481.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KUSHNIR, Beatriz. “Manuel Francisco do Nascimento Brito”. *Verbete*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível online em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/manuel-francisco-do-nascimento-brito Acessado em: 03/09/18.

LAURET, Magdeleine. *Une femme en URSS*. Paris: Editions de la Revue mondiale, 1933.

LE FEVRE, Georges. *Un bourgeois au pays des Soviets*. Paris: Ed. Jules Tallandier, 1929.

LEGENDARY Hotel “Sovietsky”. Disponível em: http://www.sovietsky.ru/en/about/ Acessado em: 05/03/2017.

LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia de viagem. Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900).* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LEMME, Paschoal. *A Educação na U.R.S.S. – 1953*. Rio de Janeiro: Vitória, 1955.

LENIN, Vladimir. *O Estado e a Revolução.* São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. *Que fazer?: as questões palpitantes do nosso movimento.* São Paulo: Hucitec, 1978.

LEVINE, Irving R. *Travel Guide to Russia*. Nova York: Doubleday & Company, 1960.

LIMA FILHO, Renato Costa. “As peculiaridades dos bancários cariocas.” Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006. (Dissertação de Mestrado)

LISBOA, Karen Macknow*. A nova Atlântida ou o gabinete naturalista dos doutores Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.

LITVIN, Alter e KEEP, John. *Stalinism: Russian and Western views at the turn of the millennium*. New York: Routledge, 2005.

LOBATO, Milton e MACHADO, Reinaldo. *Médicos brasileiros na URSS: impressões de viagem e aspectos da Medicina Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1955.

LOUREIRO, Orlando. *A sombra do Kremlin*. Porto Alegre: Globo, 1954.

LOURENÇO FILHO, M. B. “Redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre 1900 e 1960: descrição e análise.” Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 1965, nº100, pps. 250-272. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/documents/186968/489316/Revista+Brasileira+de+Es

tudos+Pedag%C3%B3gicos+(RBEP)+-+Num+100/45aac00f-647f-4c64-aa30-508ea32204e6?version=1.1 Acessado em: 12/05/2018.

MAMIAC, Louise & WURMSER, André. *L' U.R.S.S. a Coeur Ouvert*. Paris : Les Éditeurs Français Réunis, 1960.

MANZIONE, Angelino. "Raul Ribeiro da Silva: O Mestre (respingos à história da proctologia brasileira)". *Rev bras Colo-proct*, 1989, vol. 9, n.4, pp.153-155. Disponível em: http://www.jcol.org.br/pdfs/09_4/07.pdf Acessado em: 03/09/2018.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a Imprensa: Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

MARTORELLI, Victorio. *No país dos sputniks: reportagens*. São Paulo: Brasiliense, 1958.

MARX, Karl. *A Ideologia Alemã (I – Feuerbach)*. São Paulo, Editora Hucitec, 1999.

_____. *Crítica do programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MAZUY, Rachel. *Croire Plutôt que Voir?: Voyages en Russie Soviétique (1919-1939*). Paris : Odile Jacob. 2002.'

_____. "Marcel Willard, um avocat communiste en Union Soviétique."Editions de l' Académie des sciences de Russie. Les Français dans la vie intellectuelle et scientifique en Russie et en Union Soviétique au XXe siècle, Sep 2012, Moscou, France. pp.251-266, 2014.

MEDEIROS, Maurício de. *Rússia: notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regime soviético*. Rio de Janeiro: Calvino, 1931.

MELLO, Olympio Fernandes. *25 dias na URSS*. Rio de Janeiro: Vitória, 1954.

MENDES, José Guilherme. *Moscou, Varsóvia, Berlim*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

MERGEN, Bernard, "The Cambridge Companion to Travel Writing, Book Review", *American Studies International*, 41, no.3, 2003.

MOFFAT, Rachel. "Perspectives on Africa in travel writing: representations of Ethiopia, Kenya, Republic of Congo and South Africa, 1930–2000." Tese de Doutorado, Universidade de Glasgow, 2010. Disponível online em: http://theses.gla.ac.uk/1639/

MONTEZ, Luiz Barros. “Relatos de Viagens como Objetos de Reflexão Historiográfica e da Prática Tradutória”. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis. Nº especial, jul./dez. 2014. Disponível online em: http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v3nespp277

MORAES, Denis. *O Velho Graça: Uma Biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MORAES, Eneida Costa de. *Caminhos da terra: URSS, Tchecoslováquia, China*. Rio de Janeiro: Antunes, 1959.

MOREL, José Edmar de Oliveira. *Moscou, ida e volta*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964).* São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. “O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS”**.** Locus: *Revista de História*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2007. p. 227. in: http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/131.pdf.

NAYLOR, Bernard. *Accounts of Nineteenth-Century South America: An Annotated Checklist of Works by British and United States Observers*. London: 1969.

NOBRE, José de Freitas. *Visão atual da Rússia: observações de um jornalista brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1957.

NOZHKO, K; MONOSZON, E; ZHAMIN, V; SEVERTSEV, V. *Educational planning in the USSR*. Paris: United Nations Educational (Unesco), 1968. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0007/000767/076768eo.pdf Acessado em: 10/05/2018.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. “Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948).” Dissertação de doutorado apresentada ao IFCH, Unicamp, 2003.

PEIXOTO, Francisco Inácio. *Passaporte Proibido*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1960.

PEREIRA, Orny Duarte. *Juízes brasileiros atrás da cortina de ferro*. Rio de Janeiro: José Konfino, 1952.

PERICÁS, Luís Bernardo. *Caio Prado Junior: uma biografia política*. São Paulo: Boitempo, 2016.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão: A Revolução Mundial e o Brasil (1922-1935)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PINHEIRO NETO, João. *URSS: a grande advertência*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1961.

PRADO Junior, Caio. *URSS: um novo mundo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

PRADO Junior, Caio. *O Mundo do Socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1962.

PRATT, Mary Louise*. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

RADISSON Royal Hotel Moscow: History. Disponível em: http://www.ukraina-hotel.ru/about/ . Acessado em: 05/03/2017.

RAINSFORD, Sarah. "'Fui presa por contar uma piada': os milhões enviados a campos de concentração soviéticos." *BBC News*, Brasil, 21/08/2017. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40982426 Acessado em: 04/08/2018.

RAMOS, Graciliano. *Viagem: Checoslováquia, URSS*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

RAMOS FILHO, Ricardo. "O Centenário de Heloísa Ramos". *Ensaios, SP Review,* São Paulo, 2018. Disponível em: http://saopauloreview.com.br/o-centenario-de-heloisa-ramos/ Acessado em: 02/09/2018.

RANDALL, Amy E. "'Revolutionary Bolshevik Work': Stakhanovism in Retail Trade." *The Russian Review*, vol. 59, no. 3, 2000, pp. 425–441. Disponível em: www.jstor.org/stable/2679464 . Acessado em 03/04/2017.

REBÊLO, Marques. *Cortina de Ferro*. São Paulo: Ed. Martins, 1956.

REES, E. A. "Stalinism: The Primacy of Politics", in J. Channon. Politics, Society and Stalinism in the USSR. Basingstoke: Macmillian, 1998.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma Revolução Perdida: A História do socialismo soviético*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *O Socialismo Real (1921-1964).* Rio de Janeiro: Braziliense, 1983.

RICHARDSON, William. "To the World of the Future: Mexican Visitors to the USSR, 1920-1940." *The Carl Beck Papers in Russian & East European Studies*. N. 1002.Pittsburgh: REES, Janeiro de 1993.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e Ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2013.

RODRIGUES, Leôncio Martins. "O PCB: os dirigentes e a organização". IN: FAUSTO, Boris (dir.) *História geral da civilização brasileira. O Brasil republicano*. Vol.3, Tomo III, São Paulo: Difel, 1983.

RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa. Escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ROMANO, Luís Antônio Cantori. "Viagem e Viajantes: uma literatura de viagens contemporâneas." *Estação Literária*, Volume 10B. Londrina, janeiro de 2013. Disponível online em: http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL10B-Art3.pdf

RUPPRECHT, Tobias. "Socialist high modernity and global stagnation: a shared history of Brazil and the Soviet Union during the Cold War." *Journal of Global History*, vol.6. November 2011, pp.505-528. Disponível online em: http://journals.cambridge.org/abstract_S174002281100043X Acessado em: 28/11/2017.

SAÍTTA, Sylvia. *Hacia la revolución: Viajeros argentinos de izquierda*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2007.

SALMON, Shawn. "Marketing Socialism: Inturist in the Late 1950s and Early 1960s." *Turizm: The Russian and East European Tourist under Capitalism and Socialism.* Londres: Cornell University Press, 2006. pp. 186 a 204.

SANTOS, Claudia. *Narrativas de Viagem e Escrita da História: os franceses no processo abolicionista brasileiro (1850-1899).* Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

SANTOS, Irene *et alii*. "Brasil, 1930-1961: Escola Nova, LDB, Disputa entre Escola Pública e Escola Privada." *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.22, junho de 2006. pp. 131-149. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22/art10_22.pdf Acessado em: 07/05/2018.

SCHMIDT, Afonso. *Zamir: uma viagem ao mundo da paz*. São Paulo: Brasiliense. 1956.

SCHUMAHER, Schumer; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário das mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SEGRILLO, Angelo. As Relações Brasil-Rússia: aspectos históricos e perspectivas atuais. In: FREIXO, Adriano de *et al*. (eds.) *A Política Externa Brasileira na Era Lula: um balanço*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

_____. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012.

SELA, Eneida Maria Mercadante. *Modos de ser, modos de ver*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

SILVA, Carla Luciana. *Onda Vermelha: Imaginários Anticomunistas Brasileiros (1931-1934*). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SILVA, Raul Ribeiro da. *A Rússia vista por um médico brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: [1953?].

SILVEIRA BUENO. *Visões da Rússia e do mundo comunista*. São Paulo: Saraiva, 1961.

SOTANA, Edvaldo Correa. *Relatos de viagens à URSS em tempos de Guerra Fria: uma prática de militantes comunistas brasileiros.* Curitiba: 2006.

_____. "A Paz sob Suspeita: representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial (1945-1953)." Tese de doutorado defendida em Assis, UNESP, SP, 2010.

SPERB, Paula. "Documentos da CIA revelam investigações sobre Jorge Amado". *Folha de São Paulo*, São Paulo: fevereiro de 2017. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/02/1857598-documentos-da-cia-revelam-investigacoes-sobre-jorge-amado.shtml Acessado em: 08/06/2018.

STADEN, Hans.*Viagem ao Brasil*. Salvador, Bahia: Progresso, 1955.

STERN, Ludmila. "The All-Union for Cultural Relations with Foreign Countries and French Intellectuals, 1925-29." *Australian Journal of Politics and History*: Volume 45, Number 1, 1999.

STITES, R. *Culture and Entertainment in Wartime Russia*. Bloomington: Indiana University Press, 1995.

STOIANO, Constantino *et alii*. *Operários paulistas na União Soviética: notas e impressões de viagem de membros da delegação de 15 trabalhadores brasileiros convidados pelo Conselho Central Sindical da URSS para participar das celebrações do 1º de maio de 1952 em Moscou*. São Paulo: Fundamentos, 1952.

STUDER, Brigitte. "Le voyage en U.R.S.S et son "retour". *Le Mouvemente Social* 4/2003. n.205. pp.3-8. Disponível online em: http://www.cairn.info/revue-le-mouvement-social-2003-4-page-3.htm.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O Narrador: a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SZACKI, Jerzy. *As Utopias ou A Felicidade Imaginada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

TARCUS, Horácio (ed). *Primeros viajeros al País de los Soviets: Crônicas Porteñas (1920-1934).* Buenos Aires: Bibliotecas Buenos Aires, 2017.

TASS, Russian News Agency, [s/ano]. Disponível em: http://www.tass-online.ru/?page=pages&pageID=24&langID=2 Acessado em: 22/06/2017.

THOMAS COOK, "Thomas Cook History", [s/ano], disponível em: https://www.thomascook.com/thomas-cook-history/ Acessado em: 27/06/2017.

TJAKS, Alicia V. "Brazil: Travel and Description, 1800-1899: a Selected Bibliography" Revista de Historia da América, 83, 1977.

TODOROV, Tzvetan. "A Viagem e seu relato." *Revista de Letras*, Vol. 39. São Paulo: UNESP, 1999. Disponível online em: http://www.jstor.org/stable/27666708.

_____. *Nosotros y Los Otros: Reflexión sobre la diversidad humana*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2013.

TORRÃO FILHO, Amilcar. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845).* São Paulo: 2010.

TÔRRES, Raquel Mundim. "O Inferno e o Paraíso se confundem: viagens de brasileiros à URSS (1928-1933)." São Paulo: Campinas, 2013. (dissertação de mestrado)

TUCKER, R. "Stalinism as Revolution from Above", in R. Tucker (ed) *Stalinism*. New York: W.W. Norton and Co, 1977.

VASCONCELLOS, Bruna Mendes; LIMA, Márcia Maria Tait. "Fanny Tabak e os primeiros passos dos estudos sobre ciência, tecnologia e gênero no Brasil." *Redes*, Bernal, vol. 22, n.45, pp.13-32, dezembro de 2016. Disponível em: http://www.unq.edu.ar/advf/documentos/58e4ec1c6b673.pdf Acessado em: 02/09/2018.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. *Viajantes franceses no Brasil*. Recife, 1994.

VIOLA, L. *Peasant Rebels under Stalin*. New York: Oxford University Press, 1996.

WELCH, Thomas L. FIGUERAS, Myriam. "Travel Accounts and Descriptions of Latin America and the Caribbean, 1800-1920. Washington, 1982.

WILLIAMSON, Andrew. *The Golden Age of Travel: The Romantic Years of Tourism in Images from the Thomas Cook Archives*. Inglaterra: Thomas Cook Publishing, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1: Lista de relatos de viagem de brasileiros à URSS (1951 a 1963)

ALAMBERT, Zuleika. *Uma jovem brasileira na União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.

AMADO, Jorge. *O Mundo da Paz: União Soviética e democracias populares*. Rio de Janeiro: Vitória, 1951.

AMARAL, Rubens do. *União Soviética- Inferno ou Paraíso?* São Paulo: Martins Editora, 1952.

AZEVEDO, Irmãos Freitas. *Cartas de dois mundos*. Rio de Janeiro: Vitória, 1959.

BRITO, Manuel F. do Nascimento. *Depoimento sobre a União Soviética*. Rio de Janeiro: Ipanema, 1963.

BRITO, Manuel F. do Nascimento*. Um jornalista brasileiro na Rússia*. Rio de Janeiro: Record, 1963.

CAMPELO, Humberto Alves. *Um marítimo brasileiro na União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.

CAMPOS, José. *Um brasileiro na União Soviética*. São Paulo: Martins, 1953.

COSTA, Flávio. *Além das torres do Kremlim: do Brasil à China*. Salvador: Livraria Progresso, 1958.

COTRIM, John R. *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1962.

FEDERAÇÃO DAS MULHERES DO BRASIL. *Atravessando as fronteiras da URSS: entrevistas*. Rio de Janeiro: Vitória, 1954.

FIALHO, Branca. *Viagem à União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1952.

FINAMOUR, Jurema Yari. *4 semanas na União Soviética*. Rio, Ed. Contemporâneas, 1954.

GUIMARÃES, Josué. *As Muralhas de Jericó: Memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

HOLANDA, Nestor de. *O mundo vermelho e notas de um repórter na URSS*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Pongetti, 1962.

LEMME, Paschoal. *A Educação na U.R.S.S. – 1953*. Rio de Janeiro: Vitória, 1955.

LOBATO, Milton e MACHADO, Reinaldo. *Médicos brasileiros na URSS: impressões de viagem ao lendário país que muda dia a dia desde 1949*. Rio de Janeiro: Vitória, 1955.

LOUREIRO, Orlando. *A sombra do Kremlin* (2ªed). Porto Alegre: Globo, 1954.

MARTORELLI, Victorio. *No país dos sputniks: reportagens*. São Paulo: Brasiliense, 1958.

MELLO, Olympio Fernandes. *25 dias na URSS*. Rio de Janeiro: Vitória, 1954.

MENDES, José Guilherme. *Moscou, Varsóvia, Berlim*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

MORAES, Eneida Costa de. *Caminhos da terra: URSS, Tchecoslováquia, China*. Rio de Janeiro: Antunes, 1959.

MOREL, José Edmar de Oliveira. *Moscou, ida e volta*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.

NOBRE, José de Freitas. *Visão atual da Rússia: observações de um jornalista brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1957.

PEIXOTO, Francisco Inácio. *Passaporte Proibido*. Rio de Janeiro: Organizações Simões Editôra, 1960.

PEREIRA, Osny Duarte. *Juízes brasileiros atrás da cortina de ferro*. Rio de Janeiro: José Konfino, 1952.

PINHEIRO NETO, João. *URSS: a grande advertência*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1961.

PRADO Junior, Caio. *O Mundo do Socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1962.

RAMOS. Graciliano. *Viagem: Checoslováquia, URSS*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

REBÊLO, Marques. *Cortina de Ferro*. São Paulo: Ed. Martins, 1956.

SCHMIDT, Afonso. *Zamir (Viagem ao mundo da Paz).* São Paulo: Editora Braziliense, 1956.

SILVA, Raul Ribeiro da. *A Rússia vista por um médico brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: [1953?].

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Visões da Rússia e do mundo comunista*. São Paulo: Saraiva, 1961.

STOIANO, Constantino *et alii*. *Operários paulistas na União Soviética: notas e impressões de viagem de membros da delegação de 15 trabalhadores brasileiros convidados pelo Conselho Central Sindical da URSS para participar das celebrações do 1º de maio de 1952 em Moscou*. São Paulo: Fundamentos, 1952.

ANEXO 2: Tabela 1 – Dados das viagens

A disposição está de acordo com a ordem cronológica dos anos das viagens.

Comunistas **Simpatizantes** **Anticomunistas** **Não definidos**

AUTOR E RELATO	ANO DA VIAGEM	MEIO DE CHEGADA A URSS	PAÍSES VISITADOS	CIDADE ONDE CONSEGUIU O VISTO	DURAÇÃO DA VIAGEM NA URSS	DELEGAÇÃO E/OU INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL	EVENTOS QUE PARTICIPOU
AMADO, Jorge. *O Mundo da Paz: União Soviética e democracias populares.* Rio de Janeiro: Vitória, 1951.	1948-1950	Avião via Berlim - Moscou	URSS, Tchecoslováquia, Polônia, Hungria, Romênia e Bulgária	Praga, Tchecoslováquia (onde se encontrava hospedado)	De dois a três meses	Convidado pela União de Escritores Soviéticos	Congresso de Wroclaw (Polônia) e Reunião Plenária dos Escritores Soviéticos (Moscou)
FIALHO, Branca. Viagem à União Soviética. Rio de Janeiro: Vitória, 1952.	Outubro de 1951	Avião via Praga - Moscou	Alemanha, Tchecoslováquia, URSS	Praga, Tchecoslováquia	25 dias	Membro da delegação convidada pelo governo soviético	Congresso Internacional do Direito ao serviço da paz (Berlim oriental)
FINAMOUR, Jurema Yari. *4 semanas na União Soviética.* Rio de Janeiro: Ed. Contemporâneas, 1954.	Outubro de 1951	Avião via Praga - Moscou	Alemanha, Tchecoslováquia, URSS	Praga, Tchecoslováquia	4 semanas: mais ou menos 28 dias	Membro da delegação convidada pelo governo soviético	V Congresso Internacional dos Juristas Democratas (Berlim oriental)

PEREIRA, Osny Duarte. *Juízes brasileiros atrás da cortina de ferro.* Rio de Janeiro: José Konfino, 1952.	**Outubro de 1951**	**Avião via Praga - Moscou**	**França, Alemanha, Tchecoslováquia, URSS**	**Praga, Tchecoslováquia**	**25 dias**	**Membro da delegação convidada pelo governo soviético**	**V Congresso Internacional dos Juristas Democratas (Berlim)**
AMARAL, Rubens do. *União Soviética- Inferno ou Paraíso?* São Paulo: Martins Editora, 1952.	**Março/Abril de 1952**	**Avião via Praga - Minsk - Moscou**	**Tchecoslováquia, URSS**	**Praga, Tchecoslováquia**	**8 dias (Moscou)**	**Membro da delegação convidada pelo governo**	**Conferência Econômica Internacional (Moscou)**
CAMPOS, José. *Um brasileiro na União Soviética*. São Paulo: Martins Editora, 1953.	**Março/Abril de 1952**	**Avião via Praga - Minsk - Moscou**	**Tchecoslováquia, URSS**	**Praga, Tchecoslováquia**	**30 dias**	**Membro da delegação convidada pelo governo soviético**	**Conferência Econômica Internacional (Moscou)**
MOREL, José Edmar de Oliveira. *Moscou, ida e volta*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.	**Abril de 1952**	**Avião via Praga - Varsóvia -Minsk - Moscou**	**Portugal, Itália, Bélgica, Suíça, França, Tchecoslováquia, URSS**	**Praga, Tchecoslováquia**	**Sem informação**	**Membro da delegação convidada pelo governo soviético**	**Conferência Econômica Internacional (Moscou)**
GUIMARÃES, Josué. *As Muralhas de Jericó: Memórias de viagem: URSS e China nos anos 50*. Porto Alegre: L&PM, 2001.	**Março/Abril de 1952**	**Avião via Londres - Praga - Moscou**	**Inglaterra, Tchecoslováquia, URSS**	**Praga, Tchecoslováquia**	**20 dias**	**Membro da delegação convidada pelo governo soviético**	**Conferência Econômica Internacional (Moscou)**
STOIANO, Constantino *et alii*. *Operários paulistas na União Soviética*. São Paulo: Fundamentos, 1952.	**Abril/maio de 1952**	**Avião via Praga - Minsk - Moscou**	**Tchecoslováquia, URSS**	**Praga, Tchecoslováquia**	**Sem informação**	**Membros da delegação de operários convidada pelo Conselho Sindical da URSS**	**Comemorações do 1º de maio de 1952**

RAMOS. Graciliano. *Viagem: Checoslováquia, URSS*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.	Abril de 1952	Avião via Praga - Minsk - Moscou	França, Tchecoslováquia, URSS	Praga, Tchecoslováquia	Pouco mais do que 30 dias	Membro da delegação convidada pelo governo soviético	Comemorações do 1º de maio de 1952
CAMPELO, Humberto Alves. *Um marítimo brasileiro na União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.	1952	Avião via Praga - Minsk - Moscou	Tchecoslováquia, URSS	Praga, Tchecoslováquia	Sem informação	Membro da delegação de operários convidada pelo Conselho Sindical da URSS	Comemorações do 1º de maio de 1952
LOUREIRO, Orlando. *A sombra do Kremlin.* Porto Alegre: Glovo, 1954. (2ªed)	Dezembro de 1952	Trem, de Viena a Moscou	Portugal, França, Áustria, Hungria e URSS	Viena , Áustria	Quase 60 dias	Hóspede a convite do governo soviético	Congresso da Paz em Viena
ALAMBERT, Zuleika. Uma jovem brasileira na União Soviética. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.	1952 ou 1953	Trem, de Varsóvia a Brest-Litovsk	Polônia, URSS	Sem informação	35 dias	Convidada pelo Comitê Antifascista da Juventude Soviética	Sem informação
MELLO, Olympio Fernandes. *25 dias na URSS*. Rio de Janeiro: Vitória, 1954.	Maio de 1953	Avião, via Praga - Minsk - Moscou	Itália, Áustria, Tchecoslováquia e URSS	Sem informação	25 dias	Convidado pelo Conselho Central dos Sindicatos da URSS	Comemorações do 1º de maio de 1953
LOBATO, Milton e MACHADO, Reinaldo. Médicos brasileiros na URSS. Rio de Janeiro: Vitória, 1955.	Maio/Junho de 1953	Trem , de Viena à URSS	Áustria e URSS	Viena , Áustria	Menos de 30 dias	Membro da delegação de médicos a convite do Ministério da Saúde Pública da URSS	Congresso Internacional de Medicina (Viena)

SILVA, Raul Ribeiro da. A Rússia vista por um médico brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1953?]	**Maio/Junho de 1953**	**Trem , de Viena à URSS**	**Áustria e URSS**	**Viena, Áustria**	**Pouco mais do que 30 dias**	**Membro da delegação de médicos a convite do Ministério da Saúde Pública da URSS**	**Congresso Internacional de Medicina (Viena)**
LEMME, Paschoal. *A Educação na U.R.S.S. – 1953*. Rio de Janeiro, Vitória, 1955.	**Julho/agosto de 1953**	**Avião via Viena - Lvow - Kiev e Moscou**	**França, Áustria, URSS e China**	**Viena, Áustria**	**20 dias**	**Membro de uma delegação de professores a convite do Sindicato de professores da URSS**	**Conferência Mundial de Educadores (Viena)**
REBÊLO, Marques. *Cortina de Ferro*. São Paulo: Martins Editora, 1956.	**Novembro e dezembro de 1954**	**Avião via Praga - Varsóvia - Moscou**	**Suécia, Alemanha Oriental, Tchecoslováquia e URSS**	**Praga, Tchecoslováquia**	**Mais ou menos 15 dias**	**Hóspede pela União dos Escritores Soviéticos**	**Reunião do Conselho Mundial da Paz, (Estocolmo) e Segundo Congresso de Escritores Soviéticos, (Moscou)**
SCHMIDT, Afonso. *Zamir (Viagem ao mundo da Paz).* São Paulo: Editora Braziliense, 1956.	**Novembro e dezembro de 1954**	**Avião via Praga – Varsóvia - Moscou**	**Suécia, Tchecoslováquia, URSS**	**Praga, Tchecoslováquia**	**Mais ou menos 15 dias**	**Hóspede pela União dos Escritores Soviéticos**	**Reunião do Conselho Mundial da Paz, (Estocolmo) e Segundo Congresso de Escritores Soviéticos, (Moscou)**

PEIXOTO, Francisco Inácio. *Passaporte Proibido.* Rio de Janeiro: Organizações Simões Editora, 1960.	**Abril/Maio de 1955**	**Avião via Praga – Varsóvia - Moscou**	**Tchecoslováquia e URSS**	**Praga, Tchecoslováquia**	**Sem Informação**	**Sem informação**	**Comemorações do 1º de Maio na URSS e a uma União dos Jornalistas em Praga, Tchecoslováquia.**
MENDES, José Guilherme. *Moscou, Varsóvia, Berlim.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.	**Agosto de 1955**	**Avião via Varsóvia - Moscou**	**Polônia, URSS e Alemanha Oriental**	**Sem informação**	**25 dias**	**Membro de uma delegação de arquitetos a convite do governo soviético**	**XXIV Feira Internacional de Comércio de Poznan, na Polônia**
COSTA, Flávio. *Além das torres do Kremlim: do Brasil à China.* Salvador: Livraria Progresso, 1958.	**Agosto de 1955**	**Trem de Paris a Varsóvia e depois Varsóvia -MOSCOU**	**França, Polônia, Alemanha Oriental, Tchecoslováquia, URSS e China**	**Varsóvia, Polônia**	**30 dias**	**Membro de uma delegação de jovens a convite do governo soviético**	**Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes (Varsóvia)**
NOBRE, José de Freitas. *Visão atual da Rússia: observações de um jornalista brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1957.	**Junho de 1956**	**Trem de Helsinque a Moscou**	**Finlândia, URSS**	**Sem informação**	**16 dias**	**Membro de uma delegação de jornalistas a convite do governo soviético**	**Encontro Internacional de Jornalistas, em Hélsinqui, Finlândia**

AZEVEDO, Irmãos Freitas. *Cartas de dois mundos*. Rio de Janeiro: Vitória, 1959.	Julho de 1957	Trem de Praga a Moscou	Tchecoslováquia, URSS, China e tour por vários países europeus como Suécia, Holanda, França, Inglaterra, Itália, Espanha e Portugal.	Praga, Tchecoslováquia	25 dias	Membros de uma delegação de mais de 300 brasileiros a convite do governo soviético	VI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes pela Paz e Amizade (Moscou, 1957)
MARTORELLI, Victorio. *No país dos sputniks: reportagens*. São Paulo: Brasiliense, 1958.	Outubro/Novembro de 1957	Trem de Berlim a Moscou, passando por Varsóvia	Alemanha Oriental, Polônia, URSS	Sem informação	35 dias	Membro de uma delegação de sindicalistas convidado pelo Conselho Central Sindical da URSS	IV Congresso Sindical Mundial (Leipizig) e Comemorações do 40º Aniversário da Revolução Russa em Outubro
MORAES, Eneida Costa de. *Caminhos da terra: URSS, Tchecoslováquia, China*. Rio de Janeiro: Antunes, 1959.	Maio de 1959	Avião via Praga - Moscou	Tchecoslováquia, URSS e China	Praga, Tchecoslováquia	24 dias	A convite da União dos Escritores Soviéticos	III Congresso dos Escritores da URSS (Moscou)
HOLANDA, Nestor de. *O mundo vermelho e notas de um repórter na URSS*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1962. (2ªed.)	1959	Avião via Praga - Moscou	Tchecoslováquia, URSS	Praga, Tchecoslováquia	Sem informação	Sem informação	Congresso de Cultura Socialista (Praga)
PINHEIRO NETO, João. *URSS: a grande advertência.*Rio de Janeiro: Pongetti, 1961.	1960	Avião, de Paris a Moscou	França e URSS	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Sem informação
PRADO Junior, Caio. *O Mundo do Socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1962.	1960	Sem informação	URSS e China	Sem informação	Em torno de um mês	Sem informação	Sem informação

SILVEIRA BUENO. *Visões da Rússia e do mundo comunista*. São Paulo: Saraiva, 1961.	**1960***	**Trem de Bruxelas a Moscou, passando pela Alemanha e Polônia**	**Bélgica, Alemanha Oriental, Polônia, URSS, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Hungria, Romênia e China.**	**Berlim Oriental**	**18 dias**	**Não foi a convite da URSS, e sim por conta própria em uma excursão da General Car.**	**Não participa.**
COTRIM, John R. *Um engenheiro brasileiro na Rússia.* Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1962.	**Junho de 1962**	**Avião de Paris a Moscou**	**URSS**	**Sem informação**	**21 dias**	**Delegação de engenheiros que viajou em excursão a convite do governo soviético.**	**Comissão Internacional de Grandes Barragens (Moscou)**
BRITO, M. F. do Nascimento. *Depoimento sobre a União Soviética*. Rio de Janeiro: Ipanema, 1963.	**1963 ***	**Avião, provavelmente de Paris a Moscou**	**URSS**	**Sem informação**	**18 dias**	**Sem informação**	**Sem informação**

***Anos prováveis de suas viagens, de acordo com dados presentes em seus relatos e com o ano da publicação.**

- **O livro *Atravessando as fronteiras da URSS (Entrevistas)* não foi incluído por ser formado por entrevistas com dezesseis mulheres que não abragem detalhes específicos de cada uma das viagens realizadas. Contudo, podemos dizer que as viagens foram realizadas entre o período de 1949 e 1954, uma vez que o livro foi publicado em 1954.**

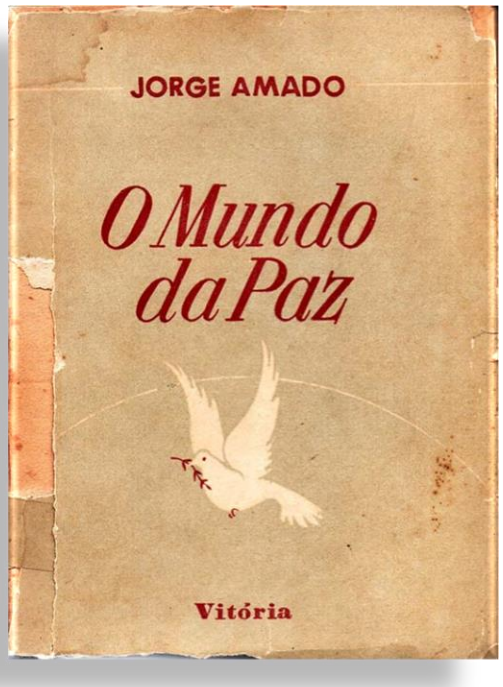
ANEXO 3: Sinopses dos relatos de viagem

ALAMBERT, Zuleika. *Uma jovem brasileira na União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.

Zuleika Alambert (1922-2012) foi uma escritora e política brasileira, sendo uma das primeiras mulheres a ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa de São Paulo, eleita Deputada Estadual pela cidade de Santos em 1947, pelo PCB. Foi secretária geral da Juventude Comunista e convidada pelo Comitê Antifascista da Juventude Soviética a conhecer a URSS, provavelmente em 1952 ou 1953 – seu relato não explicita o ano da viagem -, o que resultou no livro *Uma Jovem Brasileira na União Soviética*, publicado em 1953.

Seu relato não se atenta muito para os detalhes da viagem em si, como quem eram suas companhias ou em qual hotel se hospedou. Ao invés disso, Alambert descreve os locais visitados nas cidades de Moscou, Stalingrado e Kiev. Ela concede maior importância à descrição da situação das crianças e dos jovens soviéticos, enaltecendo sempre o papel do Estado Soviético em lhes proporcionar uma vida de qualidade, voltada para a educação, o trabalho e a cultura. Também destaca a história e o papel do Komsomol na URSS, a organização juvenil do Partido Comunista Soviética. Permanecendo 35 dias na URSS, Alambert termina a viagem encantada, enaltecendo o compromisso da URSS e de seus jovens com a preservação e consolidação da paz mundial.

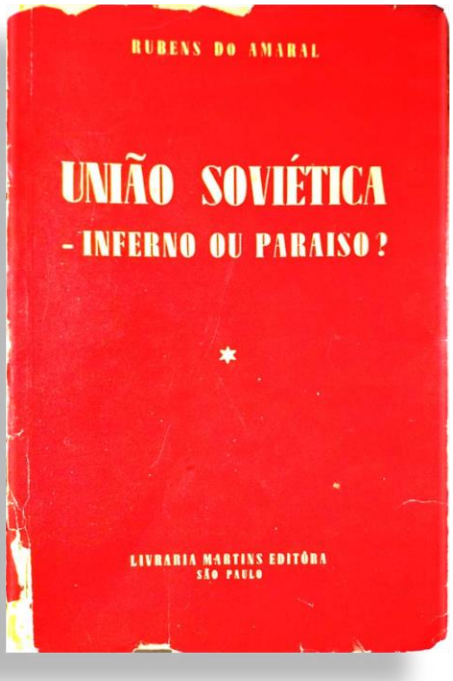
AMADO, Jorge. *O Mundo da Paz: União Soviética e democracias populares*. Rio de Janeiro: Vitória, 1951.



Membro do PCB desde o início da década de 1930, Jorge Amado – eleito Deputado Federal pelo PCB em 1945 - construiu sua ideologia em consonância com o marxismo e as lutas do proletariado brasileiro. Após a cassação do registro do PCB em 1948, Jorge Amado expatriou-se, permanecendo na Europa durante quatro anos, regressando ao Brasil apenas em 1952. Nesse período, viajou pela URSS no inverno dos anos de 1948 e 1949, e pelas democracias populares (Tchecoslováquia, Polônia, Hungria, Romênia e Bulgária). Amado escreveu seu relato, *O Mundo da Paz*, estando hospedado no Castelo da União dos escritores Tchecoslovacos, em Dobris, de dezembro de 1949 a fevereiro de 1950. A obra é considerada uma ode ao ao socialismo, à URSS, e à Stalin.

De caráter panfletário, sua narrativa expõe seu comprometimento com o projeto político do partido comunista e com o realismo socialista, entrelaçando as descrições da viagem com explicações sobre o socialismo, aspectos degradantes dos países capitalistas, inclusive do Brasil, a luta pela literatura engajada com o socialismo e histórias de momentos importantes da Revolução Russa. Segundo a Fundação Casa de Jorge Amado, após o retorno de Jorge Amado ao Brasil, foi reativado o processo contra a publicação do livro, quando o autor foi defendido pelos advogados João Mangabeira e Alfredo Frajan. O juiz arquivou o processo, alegando ser o livro sectário, e não subversivo. O livro foi traduzido para o tcheco e o capítulo Albânia é uma festa veio a ser lançado em livro separadamente e editado em albanês, francês, polonês e tcheco. Seu relato chegou até a 5ª edição, contudo, ao tomar conhecimento das denúncias à Stalin em 1956, no Relatório Khrushchev, Jorge Amado renegou a obra, que não foi mais editada.

AMARAL, Rubens do. *União Soviética- Inferno ou Paraíso?* São Paulo: Martins Editora, 1952.

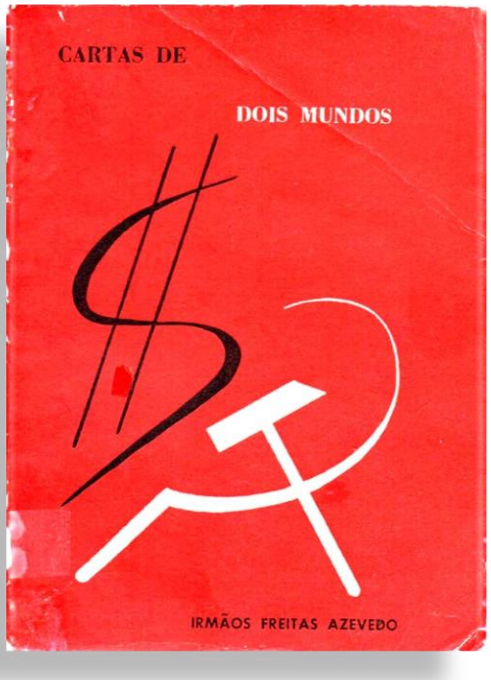


O livro *União Soviética – Inferno ou Paraíso?* divide-se em duas partes: a primeira apresenta as impressões e descrições de Rubens do Amaral (1890-1964), jornalista e escritor brasileiro, em sua viagem de apenas oito dias a Moscou, com o intuito de participar da Conferência Econômica Internacional de Moscou, reunida de 3 a 12 de abril de 1952. Na segunda parte, o autor esboça uma descrição completa da Conferência, relatando sua organização, seus participantes e debates.

Sendo um dos fundadores do jornal *Folha da Manhã*, redator chefe do *Diário da Noite*, além de deputado estadual de São Paulo em 1947, Amaral classifica-se em sua narrativa como um anticomunista e seguidor do georgismo (filosofia econômica desenvolvida por Henry George, economista norte-americano).

Em suas impressões, levanta críticas a respeito da burocracia estatal soviética, imprensa silenciosa, falta de liberdade política e à criação de um comunismo nacionalista e exclusivista. Contudo, Amaral surpreende por relatar também aspectos positivos, como, dentre outros aspectos, o acesso gratuito à educação e à saúde, além de detalhes sobre o tráfego soviético ser melhor do que o encontrado no Brasil.

AZEVEDO, Irmãos Freitas. *Cartas de dois mundos*. Rio de Janeiro: Vitória, 1959.[876]



Como o próprio título indica, *Cartas de Dois Mundos* é um relato formado por uma compilação de cartas dos irmãos Freitas Azevedo, enviadas aos seus familiares e a amigos, durante a viagem que fizeram para a União Soviética para participar do VI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes pela Paz e Amizade.

Os quatro jovens faziam parte de uma delegação de mais de 300 brasileiros, que, juntamente com delegações de outros países, apresentaram os costumes e a cultura de seus povos em um desfile no Estádio Lênin, realizado no dia 28 de julho de 1957. O pai, Afrânio Freitas Azevedo, político e latifundiário de Minas Gerais e admirador do socialismo, foi o responsável pelo financiamento da viagem dos filhos até a fronteira com a Tchecoslováquia. A partir de lá, as despesas de viagem ficaram a cargo do governo soviético. Os filhos viajantes, na época com idades entre 18 a 21 anos, são:

- **José Olympio de Freitas Azevedo (1936-)**: irmão mais velho, era estudante de medicina no Rio de Janeiro e membro da UJC quando viajou para a URSS. Primeiro médico legista da cidade de Uberlândia, o cirurgião plástico presidiu a Comissão de Estudos de Criação da Faculdade de Medicina em Uberlândia, no fim da década de 1960. Trabalhou como professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia e foi cirurgião no hospital Santa Clara. Hoje em dia José Olympio também vive em uma das fazendas herdadas de seu pai.
- **Martha de Freitas Azevedo (1938-):** educadora, professora, escritora de livros infantis e contadora de histórias, Martha Azevedo tinha 19 anos e era estudante de letras ao viajar para a URSS. Formou-se pela Universidade de Mackenzie, e, em sua

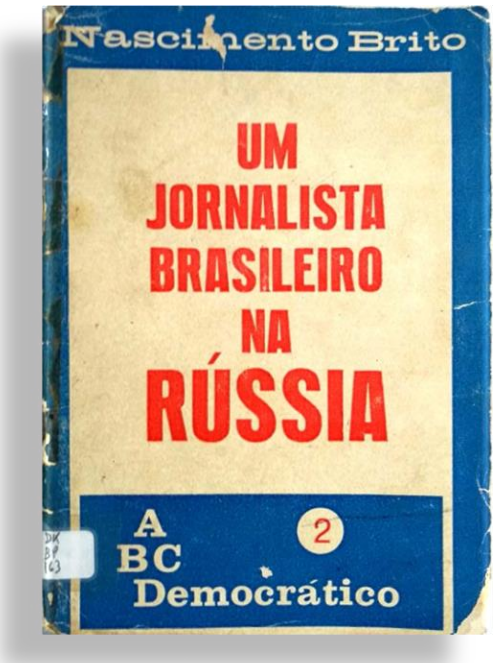
[876] O livro não traz o ano de publicação, mas de acordo com a última parte do livro, "Explicação necessária", as cartas foram publicadas dois anos após a viagem, isto é, em 1959. Martha Pannunzio também assegurou que o livro foi publicado em 1959.

vida política, foi eleita vereadora de Uberlândia por duas vezes. Hoje, Martha de Freitas Azevedo Pannunzio, viúva, mora na fazenda herdada pelos pais, leva uma vida simples e conta com a ajuda de um dos filhos para administrar a propriedade.

- **Mário Augusto de Freitas Azevedo (1938-?):** irmão gêmeo de Martha, formou-se em medicina no Rio de Janeiro, especializou-se em angiologia e foi presidente da Associação dos Docentes da Unirio entre os anos de 1979 a 1981.
- **Afrânio Marciliano de Freitas Azevedo (1940-2015):** graduou-se na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (hoje UFRJ) como os irmãos. Militou na União Metropolitana de Estudantes (UME). Foi preso seis vezes durante a ditadura militar. Foi cirurgião plástico e ex-secretário municipal de Educação em três gestões na cidade de Uberlândia. Ficou conhecido por ser o homem que operou e mudou o rosto do guerrilheiro Carlos Lamarca em 1969.

O relato é composto por 27 cartas escritas por Martha, 12 cartas por José Olympio 12 cartas de Afrânio, e 5 cartas de Mário Augusto. Ele segue a ordem cronológica das datas de envio das cartas, embora muitas delas apareçam sem datas – todas, porém, são assinadas. As cartas indicam o caminho percorrido pelos irmãos desde a saída do Brasil, no dia 14 de julho de 1957, passando por uma rápida estadia em Praga, até chegarem a Moscou, em 27 de julho de 1957, onde permaneceram até meados de agosto. Depois, seguiram para Leningrado, de onde enviaram a última carta da URSS no dia 20 de agosto, para então partirem por um *tour* pela Europa, passando por diversas cidades, dentre as quais, Estocolmo, Hamburgo, Amsterdã, Paris, Londres, Glasgow, Gênova, Roma, Veneza, Madrid e Lisboa.

BRITO, Manuel Francisco do Nascimento. *Depoimento sobre a União Soviética*. Rio de Janeiro: Ipanema, 1963.



Manuel Francisco do Nascimento Brito (1922-2003), jornalista e empresário brasileiro, formado em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (1946), foi procurador do Banco do Brasil (1949), acionista e integrante da empresa Cruzeiro do Sul, e, a convite do Conde Pereira Carneiro, tornou-se consultor jurídico do Jornal do Brasil e da Rádio Jornal do Brasil (1949). Em 1952, ingressou na Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), como membro do Comitê pela Liberdade de Imprensa.

Em 1956, Nascimento Brito assumiu o cargo de diretor executivo do Jornal do Brasil, e foi eleito membro do conselho executivo da SIP e diretor-secretário da União dos Proprietários de Jornais e Revistas.

M.F. do Nascimento Brito, como era conhecido, viajou à União Soviética, provavelmente no início da década de 1960, uma vez que seu relato, publicado por duas editoras em 1963 – Record e Ipanema – não traz as datas de viagem. Nos oito meses que precederam a viagem, Brito sistematizou o conhecimento de diversos livros que analisavam a sociedade soviética em seus estudos econômicos de organização social socialista.

Na URSS, Brito foi a Moscou e a Leningrado, visitando seus principais pontos turísticos: metrô, monumentos, museus, teatros. Seu relato é sucinto e provavelmente um dos mais críticos à URSS e ao comunismo: considera que a população vivia mal, oprimida e censurada pela polícia, e que os guias os levavam apenas para aquilo que se podia observar, escondendo a realidade do regime socialista.

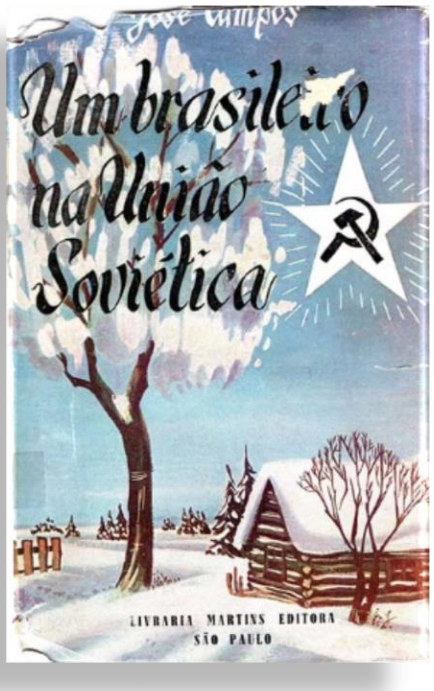
CAMPELO, Humberto Alves. *Um marítimo brasileiro na União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.

Humberto Alves Campelo foi um trabalhador marítimo convidado pelo Conselho Central dos Sindicatos da URSS a conhecer o país soviético e a participar da festa nacional do 1º de maio, em 1952. Viajou por algumas cidades da URSS, tais como Moscou, Dnipropetrovsk (Ucrânia), Sotchi e Tíblissi (Geórgia), na mesma delegação dos operários paulistas (Stoiano, Chamorro, *et alii*), o que faz com que esses relatos descrevam muitos lugares em comum, como fábricas e kolkhozes.

O livro chama a atenção por conter diversas fotos, tanto dos viajantes, como de imagens propagandísticas do governo soviético. O foco de suas observações é voltado para a ótima qualidade da situação dos trabalhadores, em especial a dos marítimos e portuários soviéticos. Campelo não escreve de acordo com a cronologia de viagem, tampouco indica o ano em que viajou**.** Em geral, ele separa os capítulos, tais como "Alimentação, kolkhozes e sovkhozes", "Marítimos", "Um povo que se diverte" e "Igrejas, Museus e Monumentos" de acordo com os tipos dos locais visitados.

Ao final, Campelo conclui que na URSS encontra-se um mundo novo, uma civilização diferente, onde se acabou a exploração do homem pelo homem e onde os trabalhadores têm um nível de vida que não existe em nenhuma outra parte do mundo, o que faz com que seu relato servisse como uma propaganda do regime socialista para os trabalhadores brasileiros que, porventura, viessem a lê-lo.

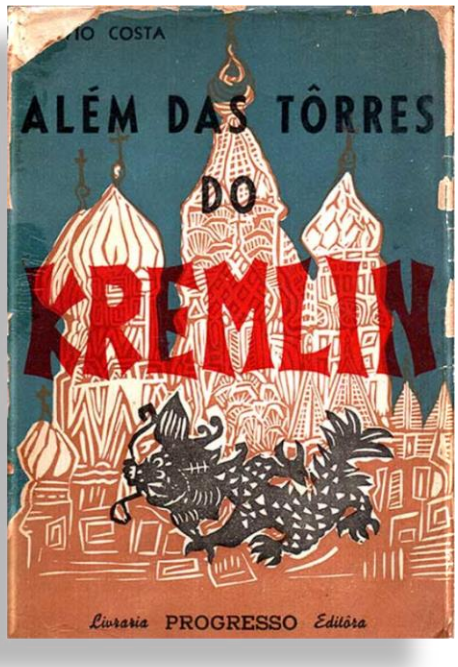
CAMPOS, José. *Um brasileiro na União Soviética*. São Paulo: Martins, 1953.



José Campos, professor na Faculdade de Direito e de Ciências econômicas de Goiânia e Vice-Presidente do Tribunal de Justiça de Goiás, foi para a URSS para participar da Conferência Internacional Econômica, em abril de 1952. De sua estadia de mais ou menos um mês, resulta um dos relatos mais informativos, que aborda uma enorme variedade de temas – políticos, culturais, econômicos, sociais, etc.

Por diversas vezes, Campos escreve como se estivesse tentando adivinhar quais seriam as perguntas de seus leitores, tornando a leitura bastante dinâmica. Uma de suas maiores preocupações apresentadas foi investigar a desigualdade de salários existentes na URSS, mas não sem antes oferecer um panorama teórico sobre as diferenças entre os regimes socialista e comunista. Seu relato chama a atenção pelas suas 223 notas de rodapé. Embora tenha tido boas impressões da hospitalidade da VOKS, admitindo que tudo foi lhes mostrado sem falseamentos, Campos não esconde sua insatisfação com a falta de liberdade do regime soviético e com a constante vigilância de suas autoridades, ao mesmo tempo, finaliza admitindo que foram para a URSS com a ideia de cogitar se Stalin de fato queria a paz, chegando à conclusão de que a URSS não pretendia envolver-se em qualquer conflito.

COSTA, Flávio. *Além das Torres do Kremlin: do Brasil à China*. Salvador: Progresso, 1958.

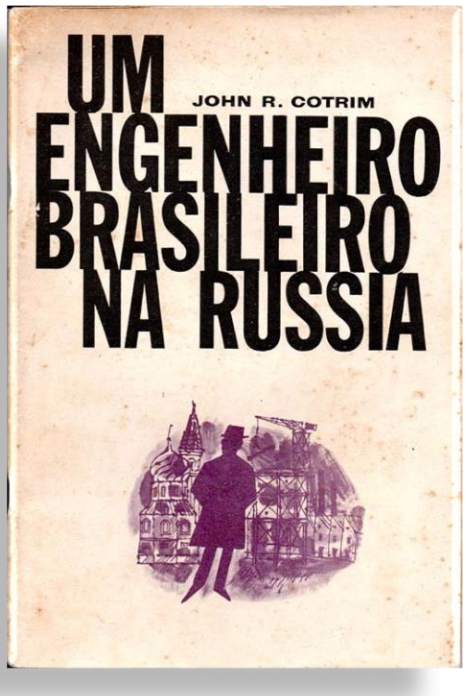


O livro *Além das Tôrres do Kremlin (Do Brasil a China)* relata a viagem de Flávio Costa, jornalista de Salvador, responsável pela sucursal baiana da revista *Manchete.* Sua viagem inicia-se em julho de 1957, para participar do Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, realizado em Varsóvia, na Polônia. Estes festivais eram realizados a cada dois anos, organizados por duas entidades internacionais: a União Internacional dos Estudantes (UIE) e a Federação Mundial da Juventude Democrática (FMJD). A viagem se distingue das outras por ser realizada de navio – do Rio de Janeiro a Havre, na França, a bordo do *Lois Lumière*, juntamente com uma delegação de 75 pessoas – e de trem, de Paris até Varsóvia.

Após participar do festival, Flávio Costa continua sua viagem de trem para Moscou, a fim de conhecer a capital soviética. Depois de diversos passeios por Moscou, segue novamente em viagem de trem por nove dias, atravessando e conhecendo diversas cidades da Sibéria, para então chegar em Pequim, capital da China socialista.

Na sua volta, ao final de setembro, Flávio Costa retorna de avião, permanecendo ainda mais dois dias em Moscou, antes de partir para Praga e, só então, retornar ao Brasil. Apesar dos diversos países visitados, seu relato é dividido em cinco partes, sendo elas: “Primeira Parte: Uma Longa Viagem”, “Parte Segunda: A Polônia em Festa”, “Parte Terceira: A URSS de Ponta a Ponta”, “Parte Quarta: China: Um País em Construção” e “Parte Quinta: “Uma Longa Viagem de Volta”. Desta maneira, Costa concentra as observações nos países em que mais permaneceu: Polônia, URSS e China.

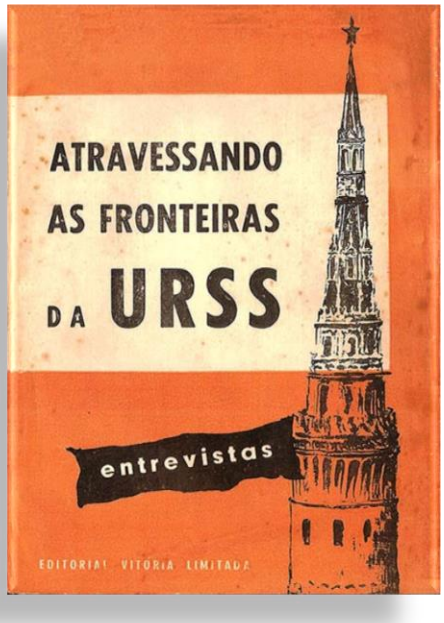
COTRIM. John R. *Um engenheiro brasileiro na Rússia*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1962.



O livro *Um engenheiro brasileiro na Rússia* foi escrito por John Reginald Cotrim, engenheiro nascido em Manchester, na Inglaterra, mas nacionalizado brasileiro. Foi um dos fundadores e presidente de Furnas por 17 anos, além de ter sido também Diretor Técnico da Itaipu Binacional. Ele relata a viagem de uma delegação de engenheiros brasileiros pela Rússia para participar do encontro anual da Comissão Internacional de Grandes Barragens em Moscou, em 1962.

Na narrativa, o autor apresenta o contraste da vida da população russa com o que as propagandas oficiais, favoráveis à URSS, mostravam. Após visitas às principais usinas na Rússia, tais como a Usina de Krementchug, de Kiev e de Irkutsk, e contatos com outros engenheiros russos, de outras nações e também com a população local, Cotrim faz duras críticas à censura e a falta de conhecimento da população russa com o exterior. O autor divide sua obra em capítulos temáticos, onde descreve suas impressões sobre as hidrelétricas, o ambiente de trabalho, as propagandas, condições de vida, hotéis, intérpretes, entre outros fatores da vida cotidiana dos russos. Após diversas críticas sobre o modo de vida socialista, Cotrim volta convencido de que a democracia é o melhor serviço que se poderia prestar a uma nação.

FEDERAÇÃO DAS MULHERES DO BRASIL. *Atravessando as fronteiras da URSS: entrevistas*. Rio de Janeiro: Vitória, 1954.



O livro *Atravessando as Fronteiras da U.R.S.S. (Entrevistas)*, é uma coletânea de entrevistas realizada com dezesseis mulheres que viajaram à URSS entre os anos de 1949 e 1953, sendo uma iniciativa do Departamento de Propaganda da Federação das Mulheres do Brasil. A Federação foi criada em 1949, e teve como primeira presidente Alice Tibiriçá, que, após seu falecimento, foi substituída por Branca Fialho. Nesse mesmo ano, a FMB participou da reunião da Federação Democrática Internacional de Mulheres, realizada em Moscou. A entidade foi representada por Fanny Tabak, uma das entrevistadas. A maioria das entrevistadas (Branca Fialho, Elisa Batista, Jovina Pessoa, Maria Della Costa, Virgínia Modesto de Souza e Zélia Amado) esteve presente no Congresso dos Povos pela Paz, em 1952, em Viena.

A partir dos detalhes expostos nas narrativas, apresentamos as dezesseis mulheres entrevistadas, com as principais informações encontradas sobre elas:

- **Heloísa Helena Duarte Pereira:** filha do juiz Osny Duarte Pereira e de Edi Duarte Pereira. Possuía apenas 13 anos quando viajou para a URSS. Foi entrevistada dois anos após a viagem. Há muitos comentários sobre ela no relato de viagem de seu pai.

- **Virgínia Modesto de Souza:** esposa do sr. João Modesto de Souza, prefeito de Alegrete (Rio Grande do Sil), era católica praticante, e mãe de família.

- **Olga Rechulski:** esposa de um dos integrantes da Conferência Econômica de Moscou de 1952 (o nome do marido não é exposto). Paulista, filha de judeus, tinha 27 anos quando viajou. Se diz não comunista.

- **Maria Della Costa (1926-2015):** foi uma consagrada atriz brasileira, pertencente ao grupo *Os Comediantes*. Casada com Sandro Polloni, em 1954 inaugurou sua própria casa de espetáculos, o Teatro Maria Della Costa em São Paulo, projetado por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa.

- **Edi Duarte Pereira:** foi vice-presidente da Federação das Mulheres do Brasil e era esposa do Juiz Osny Duarte Pereira e mãe de Heloísa Helena. Ex-professora, dona de casa, mãe de 3 filhos e tinha 38 anos ao viajar para a URSS.

- **Fanni Tabak (1924-):** socióloga pela Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro (atual UFRJ), formada em 1945, foi considerada uma das pioneiras entre as mulheres brasileiras que visitaram a URSS. Por participar de sua fundação, foi convidada para representar a Federação das Mulheres do Brasil em uma reunião do Conselho de Representantes da Federação Democrática internacional de Mulheres em Moscou, em novembro de 1949. Na década de 1960, exilada pelo governo militar, Tabak fez seu doutorado em Moscou. Foi ainda pesquisadora da UNESCO e responsável pela fundação, nos finais da década de 1980, do primeiro Núcleo de estudos da Mulher, na PUC-Rio.

- **Ofélia do Amaral Botelho:** foi delegada da Federação das Mulheres do Brasil na reunião do Conselho da Federação Democrática Internacional de Mulheres, realizada em Berlim em 1951. Natural de São Paulo, tinha 37 anos quando viajou à URSS.

- **Cristine Rose Marie**: nasceu em Paris, veio para o Brasil e aqui naturalizou-se. Esposa do Juiz de Direito Geraldo Irineu Joffily. Tinha apenas 21 anos quando viajou para a URSS. Estudou no Conservatório Brasileiro de Música, onde tocava piano.

- **Santina Peloia Serrano**: foi operária têxtil antes de seu casamento com o cirurgião dentista Marcelino Serrano. Tinha 33 anos quando viajou para a URSS. A viagem foi por meios privados, tendo que vender as organizações dentárias do marido para adquirir as passagens.

- **Elisa Branco Batista (1912-2001):** trabalhou como costureira e foi militante do PCB e fez parte da Federação das Mulheres de São Paulo e do Movimento Brasileiro dos

Partidários da Paz. Esteve em Viena como delegada do Congresso dos Povos pela Paz e foi a Moscou receber o "Prêmio Internacional Stálin da Paz", em 1952. Recebeu o prêmio por estender diante de soldados e oficiais brasileiros nas festividades da Independência no Vale do Anhangabaú uma faixa com os seguintes dizeres: "Os soldados – nossos filhos – não irão para a Coreia".

- **Heloísa Ramos (1910-1999)**: nasceu em Maceió e aos dezoito anos casou-se com o viúvo Graciliano Ramos. De sua união com o escritor, teve quatro filhos. Viúva em março de 1953, dedicou o resto de sua vida à administração da obra de Graciliano Ramos. Mais tarde, doou ao IEB – Instituto de Estudos Brasileiros – um acervo importante sobre Graciliano Ramos.

- **Branca Fialho (1896-1965):** Presidente da Federação de Mulheres do Brasil, é quem assina o prefácio do livro. É reconhecida também como Membro fundador da Associação Brasileira de Educação, e Membro Fundador do Instituto Brasileiro Brasil-Estados Unidos. Esposa do desembargador Henrique Fialho, participou do Congresso Internacional de Juristas Democratas, na República Democrática da Alemanha, em 1951, e, como membro do Conselho Mundial da Paz, foi convidada a visitar a União Soviética. (Ver próxima sinopse)

- **Jovina Pessoa**: viajou junto com seu marido, o cientista Samuel Barnsley Pessoa, comunista e catedrático de parasitologia médica da Faculdade de Medicina da USP. Seu marido foi convidado para ser membro da Comissão Internacional de cientistas para investigar a guerra bacteriológica desencadeada na Coreia do Norte, por isso, ficaram pouco tempo na URSS, apenas de passagem para a China e Coreia. Jovina tinha 54 anos, nasceu em São Paulo onde cursou a Escola Normal e a Escola de Farmácia.

- **Nair Baptista:** jornalista**,** seus dados biográficos não foram encontrados. Sua entrevista é feita a partir de trechos de capítulos de seu livro sobre a URSS, na época ainda não lançado. Viajou para a URSS em 1º de maio de 1952.

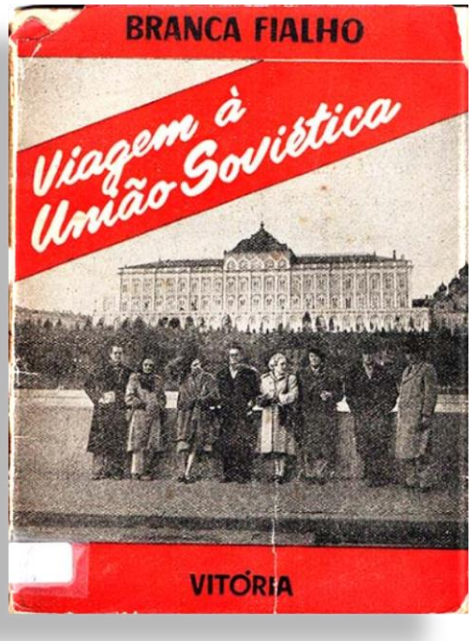
- **Helena Boaventura Netto (1917-?):** também membro da Federação de Mulheres do Brasil, eleita pela primeira Assembleia Nacional de mulheres realizada no Rio de Janeiro em novembro de 1952 para representar a Federação no Congresso dos

Povos pela Paz, realizado em Viena. Após participar do Conselho da Federação Democrática Internacional de Mulheres, também em Viena, foi convidada a conhecer a URSS.

- **Zélia Amado (1916-2008)**: foi escritora, fotógrafa e memorialista, além de militante pelo PCB. Foi casada com Jorge Amado por 56 anos e tinha 36 anos quando foi entrevistada, natural de São Paulo e filha de imigrantes italianos, pertencentes ao movimento político-operário anarquista. Zélia informou que visitou a URSS quatro vezes: em 1947, 1950 e duas vezes em 1952. Sua entrevista foi feita após as quatro viagens.

Branca Fialho, segunda mulher a assumir a presidência da Federação, justifica a coletânea como uma maneira de ajudar a causa da paz, divulgando depoimentos que poderiam ajudar os brasileiros a destruir preconceitos construídos pelas propagandas caluniosas sobre a URSS. Todas as entrevistas denotam uma opinião positiva acerca da sociedade soviética, e, ao final de todas elas, provavelmente por conta de uma pergunta comum, todas as entrevistadas comentam que o povo soviético deseja e luta pela paz.

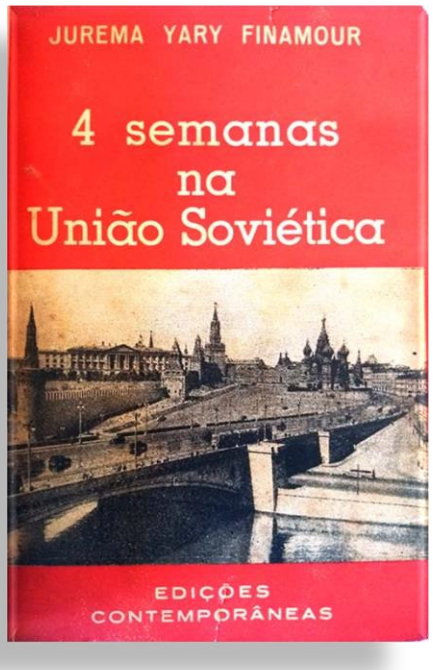
FIALHO, Branca. *Viagem à União Soviética*. Rio de Janeiro: Vitória, 1952.



Branca Fialho (1896-1965), membro fundadora da Associação Brasileira de Educação e do Instituto Brasil - Estados Unidos e sucessora de Alice Tibiriçá como presidente da Federação das Mulheres do Brasil, teve forte participação na luta em prol da ampliação dos direitos femininos no Brasil. Participou do V Congresso Internacional do Direito ao Serviço da Paz em Berlim (1951) com seu esposo, o desembargador Henrique Fialho, e, em seguida, foram convidados a visitar a URSS, juntamente com uma delegação (a mesma delegação em que se encontravam Jurema Finamour e o juiz Osny Duarte Pereira e sua família), na qual o seu esposo era o presidente. Sua viagem contou com toda a ajuda e programação da VOKS. Além dos passeios tradicionais por Moscou, fizeram uma visita à República do Cazaquistão, conhecendo a capital da época, "Almá-Atá" (atualmente, a cidade de Almaty), onde visitaram uma fábrica de biscoitos, um instituto de agricultura e um kolkhoz chamado "Raio do Oriente".

Dividido em dez capítulos, seu relato é formado por temas com tom propagandístico, tais como "O passado não foi destruído", onde, dentre outras coisas, comenta sobre a restauração e a conservação de igrejas e de palácios, como o Kremlin. Em "Culto aos fundadores do Regime", Fialho aborda a veneração feita pelos soviéticos à vida de Lênin e ao seu túmulo, na Praça Vermelha, em Moscou. Ressalta ainda a veneração à Stálin, enaltecendo a admiração afetuosa e humana do povo soviético em relação a ele, uma representação de apoio e esperança. Fialho conclui seu relato fazendo um apelo à coexistência de regimes diferentes. Apesar de enaltecer e respeitar as conquistas socialistas, ela não faz comparações ou difamações aos regimes capitalistas, apelando continuamente para a ideia de paz entre os povos.

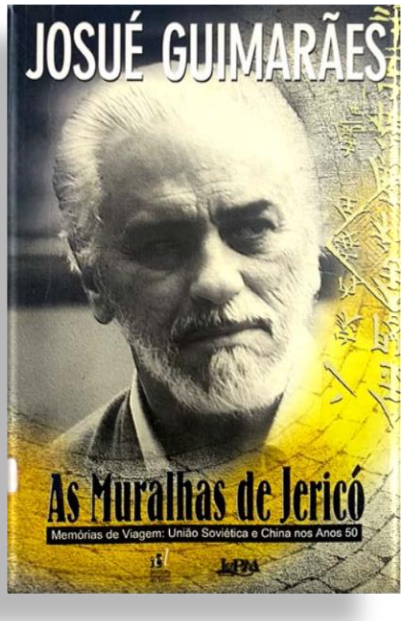
FINAMOUR, Jurema Yari. *4 semanas na União Soviética*. Rio de Janeiro: Ed. Contemporâneas, 1954.



Romancista e jornalista, Jurema Finamour viajou para a URSS em 1951, após participar como repórter do V Congresso da Associação Internacional dos Juristas Democratas, em Berlim. Finamour pertenceu à mesma delegação de Branca Fialho e do Juiz Osny Duarte Pereira, contudo, parece separar-se deles logo ao chegar em Moscou, pois relata uma viagem de trem feita para Leningrado apenas na companhia de seu intérprete e guia da VOKS, Volodia Kusmichief, e do advogado Letelba Rodrigues de Britto. Além de Leningrado e Moscou, Finamour visita, juntamente com a família Fialho e Pereira, a cidade de "Alma-Ata", no Cazaquistão, onde conhece o kolkhoz Raio do Oriente.

Finamour realça real importância às questões culturais, destacando as Casas de Cultura que visita e o nível cultural elevado dos operários soviéticos, a visita ao Museu Hermitage em Leningrado e a visita à vários teatros também. Além disso, ela apresenta um interesse em relação à moda das mulheres soviéticas, descrevendo suas roupas e visitando lojas em Moscou, chamando também a atenção para o fato da igualdade feminina em direitos na URSS e sua despreocupação com detalhes luxuosos. Outro fator interessante de seu relato é que por vezes faz comparações com o cotidiano e as questões sociais nos Estados Unidos, levantando problemas de moradia e de altos preços de produtos no país norte-americano.

GUIMARÃES, Josué. *As Muralhas de Jericó: Memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50*. Porto Alegre: L&PM, 2001.



Escritor e jornalista renomado do Rio Grande do Sul, Josué Guimarães (1921-1986) foi chefe de gabinete de João Goulart na Secretaria de Justiça do Rio Grande, e vereador em Porto Alegre pela bancada do PTB, sendo eleito vice-presidente da Câmara. Viajou para a URSS e para a China em março de 1952, como correspondente especial do jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, para participar da Conferência Econômica Internacional de Moscou. Josué escreveu o relato em junho do mesmo ano, mas não chegou a publicá-lo em vida. O relato só foi publicado no ano de 2001, pelo trabalho dos pesquisadores do ALJOG - Acervo Literário Josué Guimarães -, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da PUC do Rio Grande do Sul. Os originais estavam sob a guarda do editor e amigo do autor Ivan Pinheiro Machado, que os entregou para a ALJOG em 2000. Segundo Maria Luíza Ritzel Remédios, sabe-se, por informações colhidas por familiares, amigos e contemporâneos do autor, que ele pretendia publicá-lo, mas era integrante do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), pelo qual fora eleito vereador em Porto Alegre em 1951, o mesmo partido que elegeu o presidente Getúlio Vargas, sendo amigo pessoal do vice-presidente João Goulart e do próprio Getúlio Vargas. “Este último, convidando-o para um jantar no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, “aconselhara-o” a não publicar o livro para não perturbar a ordem estabelecida no país.”

As informações têm fundamento, uma vez que o relato de Guimarães apresenta uma imagem positiva em relação à URSS. Além disso, por diversas vezes, Guimarães denuncia as mazelas da sociedade brasileira por meio de comparações com as conquistas da sociedade soviética. O título “As muralhas de Jericó”, faz uma alusão ao Antigo Testamento, ao Livro de Jericó, que relata a conquista da cidade murada, Jericó, pelos israelitas, sob o comando do juiz Josué. A pretensão, segundo o autor, é diminuir a indiferença entre os povos, separados pelas muralhas simbólicas da “Cortina de Ferro”.

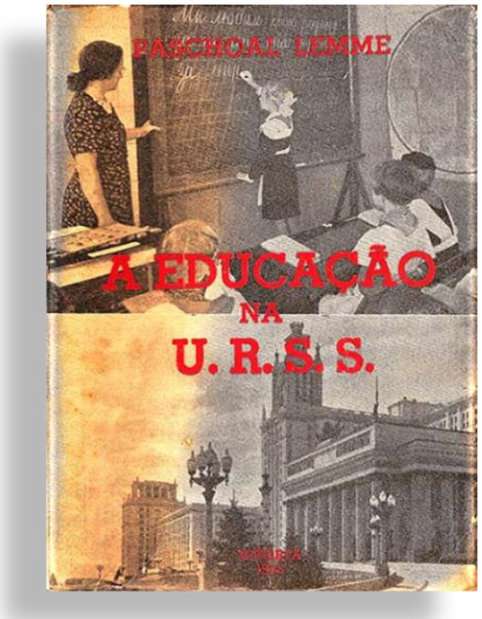
HOLANDA, Nestor de. *O mundo vermelho e notas de um repórter na URSS*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Pongetti, 1962.

Nestor de Holanda (1921-1970), nasceu em Pernambuco, e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1941. Foi redator de *A Cena Muda, Revista da Semana, Brasilidade, Vida, Deca*, e das rádios Vera Cruz, Transmissora e Educadora. Trabalhou como jornalista e escritor na *Gazeta do Recife*, Jornal Pequeno, Jornal do Comércio e Diário da Manhã. Durante a 2ª Guerra Mundial, foi convocado e esteve em operações de guerra, chegando a sargento. Ganhou então o apelido de "Sargento Iolando" – devido à marca de cigarros mais conhecida na época, cigarros "Yolanda" -, que passou a ser usado por toda a sua vida, inclusive por ele próprio.

Ao narrar sua viagem à URSS, que realiza após participar do Congresso da Cultura Socialista em Praga, no ano de 1959, Holanda utiliza seu apelido para nomear seu companheiro de viagem, o Sargento Iolando, uma personagem criada para que ele próprio pudesse expor seus pensamentos contraditórios e diálogos internos durante a viagem. Seu relato é dividido em quinze capítulos mais um apêndice, mas não há uma divisão explicitamente cronológica ou temática. Holanda demonstra conhecer a Constituição Soviética, e por diversas vezes recorre a ela para explicar o que observa na sociedade russa. Em sua viagem pela URSS percorre diversas regiões além das cidades de Moscou e Leningrado, como Uzbequistão, Ucrânia e Geórgia.

Seu relato é descritivo, cheio de diálogos e impressões, tanto positivas quanto negativas, e muitas vezes irônicas. No início do livro, sendo este uma mostra da 2ª Edição, Holanda ressalta que fez um trabalho de atualização da obra, uma vez que em um ano a URSS passou por diversas transformações: lançou homem ao espaço sideral, retirou Stalin da praça vermelha, realizou o XXII Congresso do Partido Comunista, recebeu a visita de João Goulart e, sobretudo, reatou relações diplomáticas e comerciais com o Brasil. Esse relato, portanto, possui alterações de acordo com o que se passou nos anos de 1961-1962, após a publicação de sua 1ª edição, de 1961.

LEMME, Paschoal. *A Educação na U.R.S.S. – 1953*. Rio de Janeiro: Vitória, 1955.

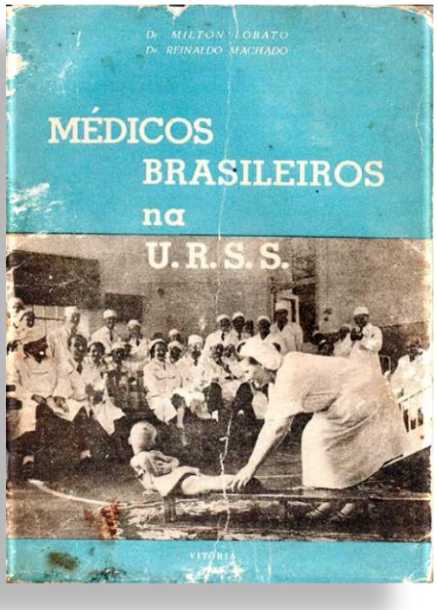


Paschoal Lemme (1904-1997), educador brasileiro, atuou como professor e administrador na rede pública de educação e participou da reforma da instrução pública brasileira, sendo um defensor da escola pública e da democratização do ensino. Em 1955, ano de publicação do seu relato, era Técnico de Educação do Ministério da Educação e Cultura e Professor de História e Filosofia da Educação do Instituto e Educação de Niterói.

Em julho de 1953, Lemme participou da Conferência Mundial de Educadores, organizada pela Federação Internacional Sindical do Ensino (F.I.S.E). Na Conferência, juntamente com educadores de outros países, recebeu o convite para conhecer o sistema educacional na URSS, sendo convidado do Sindicato dos Professores da Federação Russa. Embarcou para a União Soviética no dia 9 de agosto de 1953. Na viagem, pôde conhecer as cidades de Moscou, Leningrado e Stalingrado. Visitou jardins de infância e creches, escolas primárias, secundárias e técnicas, casas de pioneiros, de cultura e de técnica; casas de repouso para professores, bibliotecas e universidades. Conheceu ainda o Ministro da Instrução Pública da Federação Russa, Ian Kairov.

O relato de Lemme, *A Educação na U.R.S.S.*, portanto, centra-se na questão da educação soviética, descrevendo todos esses passeios e concluindo que, na URSS, as contradições entre a educação e a vida foram eliminadas, pois o sonho dos educadores, "educação pela vida e para a vida", encontrava-se totalmente realizado.

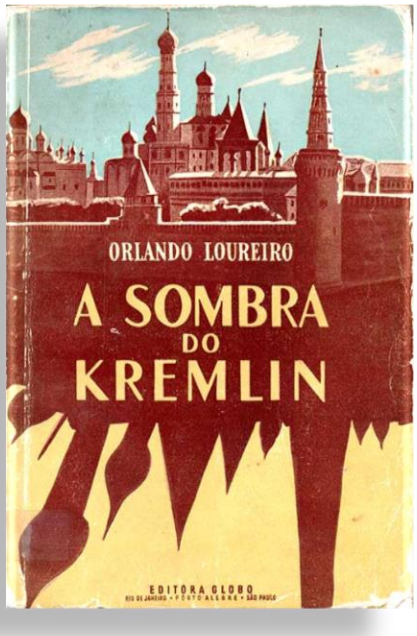
LOBATO, Milton; MACHADO, Reinaldo. *Médicos brasileiros na U.R.S.S.* Rio de Janeiro: Vitória, 1955.



Médicos Brasileiros na U.R.S.S. relata a viagem de uma delegação de médicos brasileiros e argentinos pela União Soviética, após participarem do Congresso Internacional de Medicina, em Viena, de 23 a 25 de maio de 1953. Segundo o médico Milton Lobato, principal autor do relato, a viagem à URSS despertara mais interesse do que o próprio congresso, sendo a capital austríaca considerada apenas como uma escala da viagem. O relato divide-se em duas partes, a primeira escrita por Milton Lobato, que descreve os lugares visitados nas cidades de Moscou, Stalingrado e Kalínin; e a segunda escrita por Reinaldo Machado, que descreve os dias finais da viagem na cidade de Leningrado.

A viagem chama a atenção pelo fato de os viajantes serem convidados do Ministério da Saúde Pública da URSS e por concentrarem suas visitas em locais relacionados à medicina e à saúde, como por exemplo, o próprio Ministério da Saúde Pública de Moscou, a Academia de Ciências Médicas, o Instituto de Educação Sanitária de Moscou, o Instituto de Tuberculose, a Maternidade de Stalingrado, o Instituto de Pediatria em Leningrado, o Instituto de Proteção aos Sindicatos Soviéticos, o Instituto Pavlov, também em Leningrado, dentre outros. Ao final, denota-se dos autores brasileiros a admiração pelos avanços soviéticos na medicina e no trabalho de prevenção feito com a população, e a esperança de que algum dia os laços entre Brasil e URSS possam ser restabelecidos.

LOUREIRO, Orlando. *A sombra do Kremlin*. Porto Alegre: Globo, 1954.



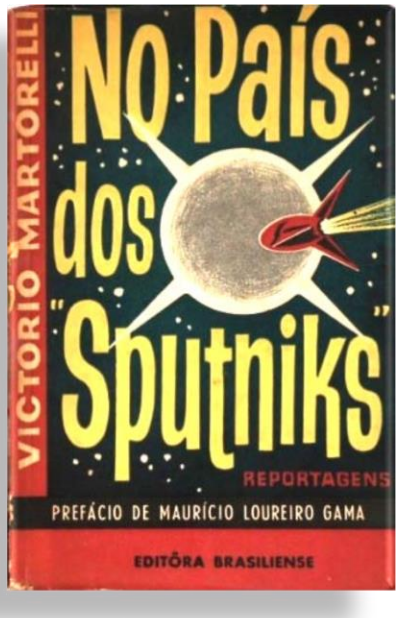
Em seu próprio título *A Sombra do Kremlin*, a obra de Orlando Loureiro se denuncia: sua narrativa é composta por diversos aspectos sombrios e negativos da sociedade e do Estado soviético, acusado por Loureiro de implantar um regime socialista totalitário na URSS.

Jornalista, Orlando Loureiro (1918-2004) cresceu em Porto Alegre, onde ingressou na Companhia Jornalística Caldas Jr., no vespertino *Folha da Tarde*, sob a direção de Arlindo Pasqualini. Em 1952, foi convidado pelo Dr. José Antônio Aranha, irmão de Osvaldo Aranha, a participar do Congresso Internacional pela Paz em Viena. Lá, o autor foi surpreendido ao ser chamado para uma delegação de brasileiros escolhidos para continuar viagem e conhecer a pátria socialista, ao lado de viajantes já reconhecidos pelos soviéticos, como Elisa Branco e Jorge Amado.

Após narrar os contratempos de sua viagem de avião até Viena, a rápida passagem em algumas cidades da Europa Ocidental e alguns acontecimentos no Congresso pela Paz, Loureiro narra em mais da metade de seu relato a viagem para "o desconhecido", para a "fronteira de dois mundos", isto é, para a União Soviética.

Suas observações procuram detalhar a hospitalidade soviética, o tratamento recebido por seus intérpretes da VOKS, as visitações feitas a instituições, fábricas, fazendas e centros de lazer soviéticos, porém, sempre mantendo uma postura de desconfiança e, segundo ele próprio, decepcionante, perante o que enxerga como a construção de um "imperialismo" socialista.

MARTORELLI, Victorio. *No país dos sputniks: reportagens*. São Paulo: Brasiliense, 1958.

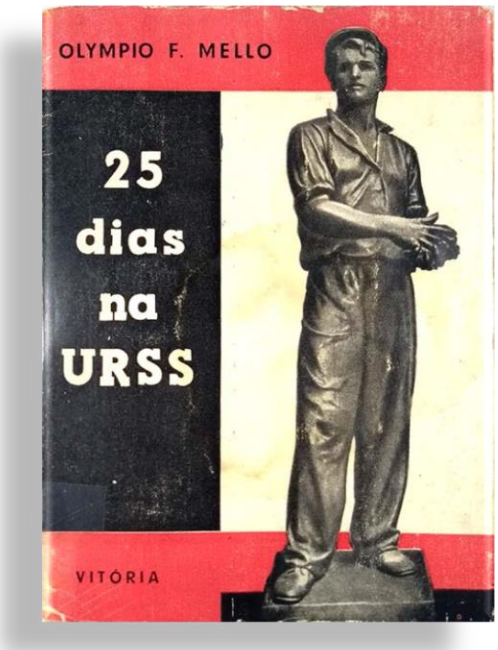


Delegado brasileiro do IV Congresso Sindical Mundial, realizado em Leipzig, na Alemanha Oriental, o comunista e repórter Victorio Martorelli, juntamente com outros jornalistas e líderes sindicais, viajou para a URSS em outubro de 1957 a convite do Conselho Central dos Sindicatos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Em Leipzig, também presenciou o lançamento do primeiro satélite artificial da Terra, o "Sputnik" no dia quatro de outubro.

Já na URSS, participaram das comemorações pelo lançamento do "Sputnik II", que enviou a cachorra "Laika", primeiro ser vivo a ser lançado para o espaço. Nos 35 dias que permaneceu na URSS, pôde conhecer as cidades de Moscou, Leningrado e Kiev, além de presenciar as comemorações do 40º Aniversário da Revolução Socialista de Outubro, realizado nos dias 7,8 e 9 de novembro de 1957. Martorelli, juntamente com Tito Fleury, também jornalista, tiveram a oportunidade de entrevistar Nikita Khrushchev, Secretário Geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e, na época, Primeiro Ministro da URSS. A entrevista é incluída na íntegra no Capítulo XX do livro, que também apresenta uma fotografia do encontro.

Seu relato é subdividido em trinta e dois capítulos, sendo, segundo ele, uma compilação de uma série de reportagens que escreveu sobre a viagem. Embora deixe claro aos leitores de que é um jornalista comunista, Martorelli afirma que suas observações foram feitas com imparcialidade, por escrever como um profissional de imprensa. Apesar do aviso, suas impressões denunciam seu entusiasmo e admiração ao socialismo e à sociedade soviética.

MELLO, Olympio Fernandes. *25 dias na URSS*. Rio de Janeiro: Vitória, 1954.



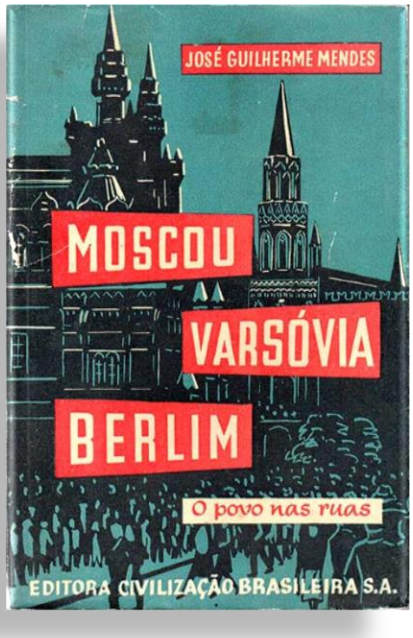
Funcionário do Banco do Brasil e secretário-geral (1945/46) do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, Olympio Mello foi ativo militante do Partido Comunista. Se destacou como um dos líderes da greve dos Bancários de 1946. Após a greve, foi cassado, destituído e transferido para Penedo (AL) e Blumenau (SC), onde organizou a primeira olimpíada bancária do Estado.

Olympio Mello recebeu o convite para visitar a URSS pelo Conselho Central dos Sindicatos da URSS, por meio da Confederação dos Trabalhadores do Brasil, para que fizesse parte de uma delegação de militantes sindicais brasileiros convidados a visitarem o país e a assistirem às festas do 1º de maio em Moscou, provavelmente no ano de 1953.

Seu relato é composto por dezesseis cartas enviadas pelo autor a um amigo do Brasil, de nome Pedro. As cartas, contudo, foram escritas após o seu retorno, a partir de um pedido de seu amigo para que relatasse alguns aspectos mais interessantes daquilo que ele havia visto atrás da "cortina de ferro." Dessa maneira, cada carta possui um tema diverso, tal como "O Metrô", "Leningrado. Liberdade religiosa", "Organização Sindical", "O ensino. A nova Universidade de Moscou", etc.

Mello teve a oportunidade de visitar as cidades de Moscou, Leningrado e Erevan, na República Socialista da Armênia, visitou diversas escolas e a Casa dos Sindicatos. Seu relato é bastante informativo, contendo diversos dados sobre as instituições, lugares e obras visitadas, priorizando, contudo, a descrição dos benefícios sindicalistas dos soviéticos. O objetivo de seu relato, segundo ele, é contribuir para contrabalancear as "calúnias que levantaram contra o grande povo do país de Lênin e Stálin, numa inglória tentativa de ocultar a verdade." Olympio Mello foi, na década de 1960, indicado por confederações de trabalhadores para a função de ministro classista do Tribunal Superior do Trabalho, mas em 1964 foi destituído do cargo. Organizou uma militância de solidariedade aos cassados e perseguidos políticos até a sua morte em 1979.

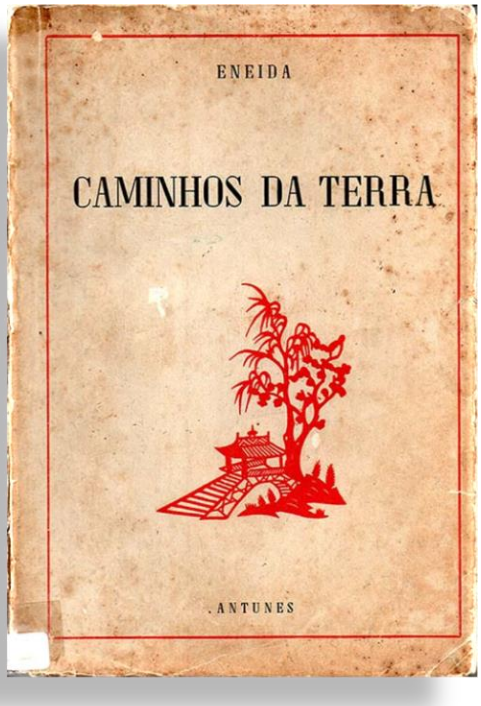
MENDES, José Guilherme. *Moscou, Varsóvia, Berlim*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.



José Guilherme Mendes, jornalista, trabalhou para, dentre outros *O Correio da Manhã*, *Manchete* e *O Globo*, foi convidado a participar da Feira Internacional de Poznan, na Polônia, em meados de 1955. Depois de quatro semanas neste país, o jornalista foi convidado a visitar a União Soviética, como secretário da revista *Módulo*, revista de arquitetura brasileira, fazendo parte de uma delegação brasileira de arquitetos. Durante o mês de agosto, Mendes permaneceu 25 dias na URSS, para depois partir para a Alemanha Oriental, onde ficou por mais 18 dias.

Seu relato é dividido em duas partes: "Reportagem", contendo entrevistas e crônicas realizadas nos três países e publicadas pelo jornal *Correio da Manhã*, pelo semanário *Jornal de Letras* – ambos do Rio de Janeiro – e pelo *A Tarde*, da Bahia. A segunda parte, "A Viagem", é um diário de viagem contendo informações de sua estadia em diversos lugares, como Dakar, Copenhague, Berlim, Praga, Varsóvia, Poznan, Moscou, Leningrado, Stalingrado, Erevã (Capital da Armênia) e Sotchi. A narrativa distingue-se por conter diversas entrevistas com pessoas comuns, uma vez que o autor é privilegiado por conhecer a língua russa. Suas impressões são mistas: elenca críticas e elogios ao regime soviético. Termina por concluir que a União Soviética não é nem paraíso, nem inferno, e sim, humana.

MORAES, Eneida Costa de. *Caminhos da terra: URSS, Tchecoslováquia, China*. Rio de Janeiro: Antunes, 1959.

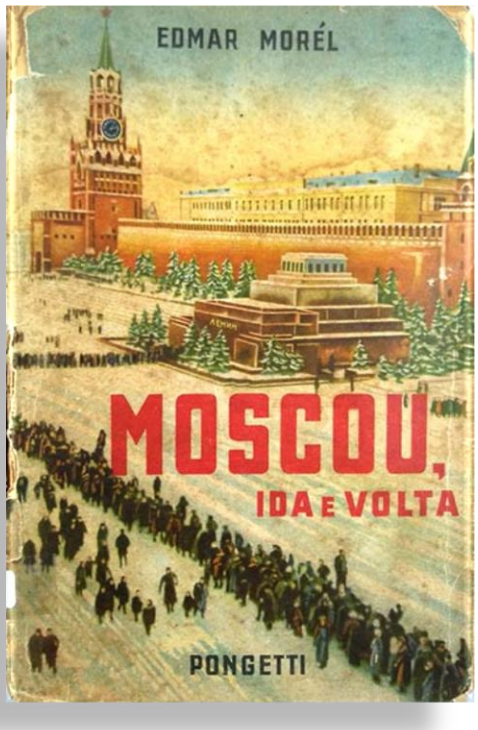


Jornalista e escritora paraense, redatora do *Diário de Notícias*, Eneida Costa de Moraes (1903-1971), também militante comunista, viajou para a URSS como representante da União Brasileira dos Escritores, convidada a participar do III Congresso dos Escritores da URSS, realizado em maio de 1959, mesmo ano da publicação de seu relato. Permaneceu por três semanas na URSS: 21 dias em Moscou e três dias em Leningrado. Conheceu, principalmente, diversos museus de arte e de teatro, conservatório de música e bibliotecas, além de realizar visitas a dois grandes escritores: Ilya Ehremburg e Nazim Kismet, por intermédio de cartas enviadas por Jorge Amado.

Após a URSS, Eneida voltou para Praga, a convite dos jornalistas da Tchecoslováquia, para assistir a uma reunião de cronistas internacionais. De lá, seguiu para Pequim, a convite da União de Escritores Chineses. Ela relata que conseguiu o convite por meio de Mao Ten, Presidente da União dos Escritores Chineses e chefe da delegação chinesa ao Congresso de Escritores da URSS, para o qual se apresentou também por meio de uma carta de Jorge Amado.

Seu relato não é dividido em partes, nem capítulos. O que divide suas impressões da URSS, Tchecoslováquia e China são pequenos desenhos, antes dos fatos descritos, muito provavelmente em ordem cronológica, embora quase não apresentem datas. O relato distingue-se por ser escrito como um possível guia para seus leitores e leitoras, pois a leitora fornece dicas de onde se hospedar e o que visitar, utilizando um discurso de fala direta com o leitor.

MOREL, José Edmar de Oliveira. *Moscou, ida e volta*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.

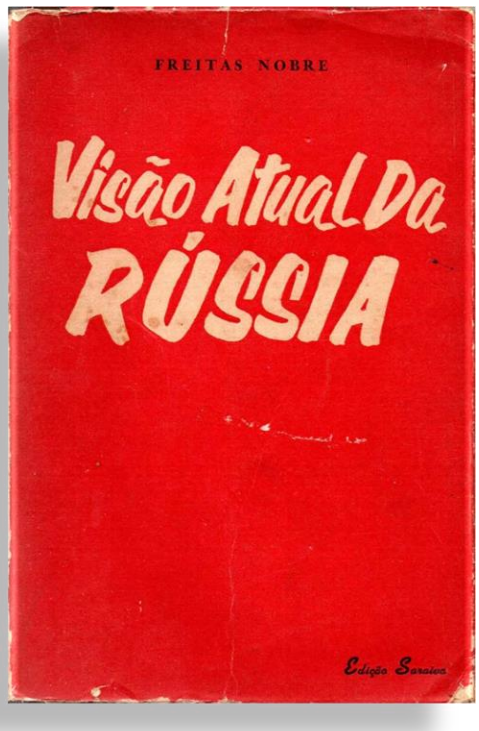


José Edmar Morel (1912-1988), reconhecido jornalista cearense por diversas coberturas e missões internacionais, trabalhou no *Jornal do Brasil*, *Diários Associados*, *O Globo*, nas revistas *O Cruzeiro*, *A Cigarra* e *Revista do Brasi*l. Fundou e dirigiu o jornal *O Semanário*, fechado em 1964.

Tendo suas reportagens publicadas em vários jornais e revistas do Brasil, foi chamado para visitar a URSS e acompanhar a Delegação Brasileira ao Encontro Econômico de Moscou, em abril de 1952. No entanto, Morel abre mão de relatar o Encontro Econômico para se aprofundar nas questões do cotidiano soviético. Como ele próprio diz, seu "campo de ação era a rua, os restaurantes, as fábricas, cinemas, o teatro. Queria sentir o povo, em tôdas as suas manifestações e viver com o homem do campo, o intelectual, a bailarina." Morel dedica seu livro a seu pai, um barbeiro, que morreu ser ver realizado o desejo de ver o filho na União Soviética. Morel, contudo, assevera que o pai não era comunista, mas fazia parte da Irmandade do Bom Pastor de Fortaleza, e acreditava na força do operariado.

Seu relato apresenta também considerações sobre os países europeus que visitou, como França, Itália e Bélgica, e sobre aspectos sociais da cidade de Praga, onde já considera que estava levantando a "Cortina de Ferro" e onde consegue seu visto para a URSS. Ao final, há ainda como anexo uma entrevista denominada "Como Matei Mussolini", narrativa de Coronel Valério (responsável pela morte de Benito Mussolini) a Edmar Morel, e uma conversa com Eda Ciano, filha de Benito Mussolini e viúva do Conde Galeazzo Ciano, ambas as conversas colhidas em Roma, após sua viagem à URSS. O relato termina com resenhas de escritores brasileiros a respeito de seus outros livros publicados, tais como *E Fawcett não voltou* e *O Dragão do Mar*.

NOBRE, Freitas. *Visão Atual da Rússia – Observações de um jornalista brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1957.

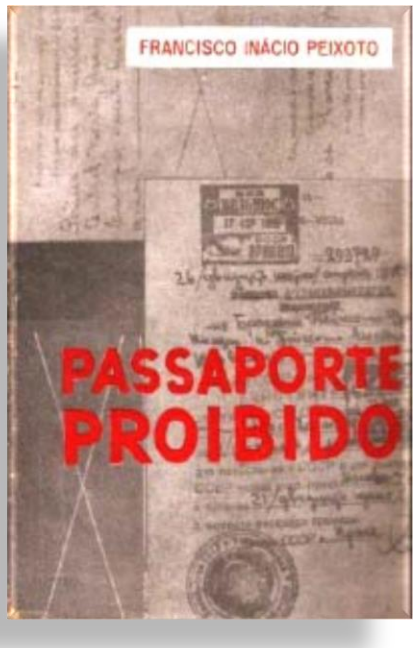


José de Freitas Nobre (1921-1990) nasceu em Fortaleza, formou-se em Direito na Faculdade de Direito da USP em 1948, foi presidente do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, professor titular da Escola de Comunicação e Artes da USP, vereador em São Paulo (1958) e vice-prefeito da cidade, na última gestão de Prestes Maia (1961-1965). Viajou para a URSS em junho de 1956, após participar de um Encontro Internacional de Jornalistas, em Helsinque, na Finlândia. De lá, viajou 25 horas de trem para chegar a Moscou, onde permaneceu por 16 dias.

Seu relato de viagem é dividido em catorze capítulos temáticos, dos mais variados assuntos, sem seguir a ordem cronológica da viagem. Chama a atenção pela enorme quantidade de fotografias, informando que, da viagem, trouxera mais de 500 fotografias, deixando claro que pôde tirar todas as fotos que desejou. Participando de uma delegação de jornalistas, pôde visitar a Central Atômica da URSS, próximo a Moscou e também assistiu a um jogo de futebol entre a Portuguêsa de Desportos, do Rio de Janeiro, e Dínamo, time de Moscou.

Seu relato distingue-se por apresentar diversos pronunciamentos dos líderes soviéticos vigentes na época, como Nikita Khrushchev e Georgiy Malenkov. É um dos poucos autores que comenta as denúncias de Khrushchev a Stalin divulgadas no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética em fevereiro de 1956, elencando as falhas que observa como consequências do período stalinista.

PEIXOTO, Francisco Inácio. *Passaporte Proibido*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1960.



Francisco Inácio Peixoto (1909-1986) foi um industrial, fazendeiro e escritor, responsável por financiar uma das mais importantes manifestações culturais de Cataguases (sua cidade natal), dentro do movimento modernista brasileiro. Em 1956, escreveu seu relato de viagem, denominado *Passaporte Proibido*, em que conta detalhes de suas passagens pela Tchecoslováquia e URSS. A obra possui uma divisão simples em três partes: "Tcheco-Eslováquia", "URSS" e "Retôrno à Tcheco-Eslováquia", e segue a ordem cronológica da viagem.

Diferentemente de muitos autores, Peixoto não comenta sobre seus objetivos ou expectativas de visitar a URSS, contudo, demonstra estar ciente dos livros de viagem já publicados, pois se refere ao relato de Graciliano Ramos e ainda leva lembranças de Marques Rebêlo para os responsáveis pelo Museu de Antropologia e Etnografia de Leningrado.

Em determinados momentos, Peixoto demonstra-se admirado pela liberdade que possui para caminhar livre pelas ruas de Moscou, e faz duras críticas às informações "inexatas" espalhadas pela imprensa anticomunista. Porém, suas críticas também se voltam à URSS, sendo um dos poucos autores, senão o único, a reclamar da falta de informações precisas sobre dados do país, como por exemplo, a respeito da população de Moscou. Ele também reclama da ausência de guias escritos e de planta da cidade, mas admira a organização prestada pela VOKS para a formulação do roteiro de viagem. As falhas percebidas no cotidiano soviético são, para ele, resquícios do período ditatorial do governo de Stalin. Apesar disso, ao final percebe-se que Peixoto traz boas lembranças de diversos momentos da viagem, muito devido aos laços de amizade que faz com seus guias e intérpretes.

PEREIRA, Osny Duarte. *Juízes brasileiros atrás da Cortina de Ferro*. Rio de Janeiro: José Konfino, 1952.

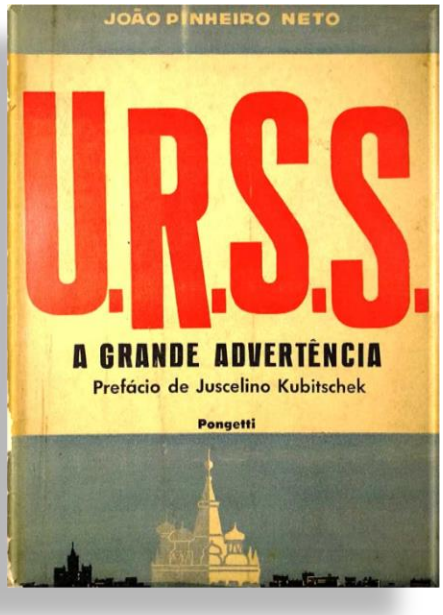
Osny Duarte Pereira (1912-2000), estudou direito na Universidade Federal do Paraná, e em 1934 fundou o primeiro sindicato dos operários do Vale do Rio do Peixe, no oeste de Santa Catarina. Ingressou na magistratura de carreira do Distrito Federal em 1946, e, na década de 1950, integrou a Associação Brasileira de Juristas Democratas, da qual foi secretário e, depois, presidente.

Na época de sua viagem, era Juiz de Direito no Rio de Janeiro, foi convidado pela Associação Internacional de Juristas Democratas (Paris) para fazer parte do V Congresso Jurídico Internacional, em Berlim, na Alemanha Oriental, em setembro de 1951. Acompanhava o Desembargador Henrique Fialho, presidente da delegação brasileira, esposo de Branca Fialho.

Osny Pereira viajou com sua esposa Edi Duarte Pereira e sua filha Heloísa Helena Duarte Pereira, que concedem também entrevistas sobre a viagem para a Federação de mulheres do Brasil, relatadas no livro *Atravessando as Fronteiras da URSS*. O relato de Osny Pereira é cronológico e bastante detalhista, descrevendo, inclusive, o tempo de viagem e as escalas realizadas em cada voo tomado.

O livro se divide em quatro capítulos, sendo eles: “A Caminho da “Cortina de Ferro”, “A República Democrática Popular da Alemanha” – onde faz descrições do Congresso de Juristas – “República Democrática Popular da Tchecoslováquia”, “República Socialista Soviética da Rússia”, “República Socialista Soviética do Kazakstan” e “República Democrática da Polônia”. Cada capítulo é dividido em diversos subcapítulos, em que Pereira descreve, com detalhes, cada local visitado e suas impressões. Suas opiniões têm um tom equilibrado, dirigindo críticas tanto aos de direita quanto aos de esquerda, demonstrando uma preocupação, inclusive, com a deturpação de suas impressões.

PINHEIRO NETO, João. *U.R.S.S., a grande advertência*. Rio de Janeiro: Pongetti. 1961.

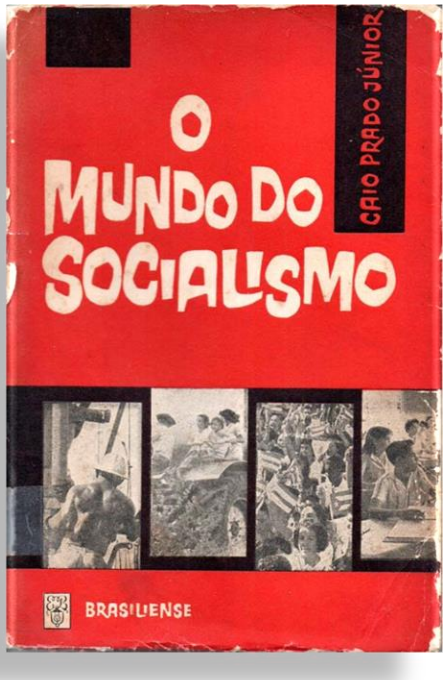


Formado em Direito em 1951, técnico em Administração Pública e Procurador da Justiça do Trabalho, João Pinheiro da Silva Neto (1928-2006), oriundo de uma família de grande peso político (seu avô, João Pinheiro da Silva, foi presidente de Minas Gerais em 1890 e de 1906 até 1908) iniciou sua carreira política integrando-se ao gabinete de Juscelino Kubitscheck, no mesmo ano em que se formou. Com a posse de Kubitscheck como presidente em 1956, Pinheiro Neto foi nomeado oficial do gabinete civil do novo governo. Mais tarde, se tornou procurador da Justiça do Trabalho.

O relato que traz as suas impressões da viagem à URSS, realizada em 1960, possui o prefácio assinado pelo ex-presidente Kubitscheck, em 24 de julho de 1961. Ele é dividido em dezesseis capítulos, onde Pinheiro Neto expõe seus pensamentos e reflexões sobre as transformações pelas quais o socialismo estava passando na União Soviética. Mais do que descrições da viagem e dos lugares visitados, Pinheiro Neto narra suas impressões a respeito dos possíveis avanços libertários e humanitários da sociedade soviética pós-1956, sob o comando mais descentralizado de Nikita Khrushchev e do Comitê Central. Para Pinheiro Neto, o passado autoritário e opressor de Stalin estava ficando para trás, dando espaço a uma sociedade mais aberta e livre.

Denota-se, em seu livro, uma grande preocupação no restabelecimento dos vínculos diplomáticos entre URSS e Brasil. Interessante ressaltar que em 1961, ano em que as relações diplomáticas são restabelecidas, João Pinheiro Neto trabalhava para o jornal carioca Última Hora, principal órgão de imprensa de apoio ao governo João Goulart. Em 1962, Pinheiro Neto se tornou subsecretariado do Trabalho e Previdência Social, sob o comando do ministro do trabalho Hermes Lima. Ao final de 1962, quando Goulart nomeia Hermes Lima para o cargo de primeiro-ministro, João Pinheiro Neto assume como ministro do trabalho, estabelecendo fortes vínculos com as lideranças sindicais.

PRADO Junior, Caio. *O Mundo do Socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1962.



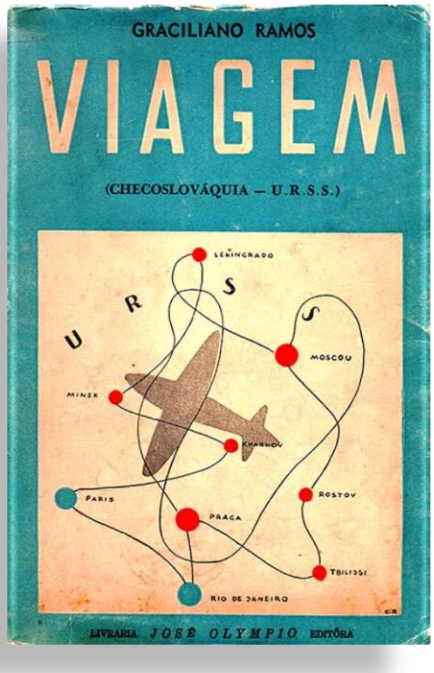
Caio Prado Junior (1907-1990), historiador e político brasileiro, membro do PCB, publicou *O Mundo do Socialismo*, em 1962, com o intuito de refletir impressões e conclusões de sua viagem realizada em 1960 para a União Soviética e para a China Popular. Também em 1960, juntamente com outros intelectuais, participou da criação da União Cultural Brasil-União Soviética, sendo o seu primeiro presidente.

Caio Prado procura explicitar já no primeiro capítulo que viaja com a concepção já formada de que o socialismo é a evolução natural do capitalismo. Desta maneira, em seu relato não há quase nenhuma descrição de como ocorreu a viagem, e sim, reflexões, considerações e conclusões a respeito das vantagens do socialismo em relação ao capitalismo. Assim, o relato é formado por diversas teorizações comparativas entre socialismo e capitalismo, elencando diversas críticas a este último.

Há também explicações a respeito do papel do Partido Comunista, do conceito de liberdade na sociedade socialista, da formação de uma sociedade sem classes – porém, não totalmente igualitária - , e da marcha natural para o comunismo.

Caio Prado Junior já havia publicado um relato a respeito da União Soviética em 1934: *U.R.S.S: Um Novo Mundo* - trata de sua primeira viagem para o país do socialismo em 1933. O livro possui características ensaísticas, enfatizando explicações teóricas da organização política econômica e social da URSS, em detrimento de possíveis experiências vividas na viagem.

RAMOS. Graciliano. *Viagem: Checoslováquia, URSS*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

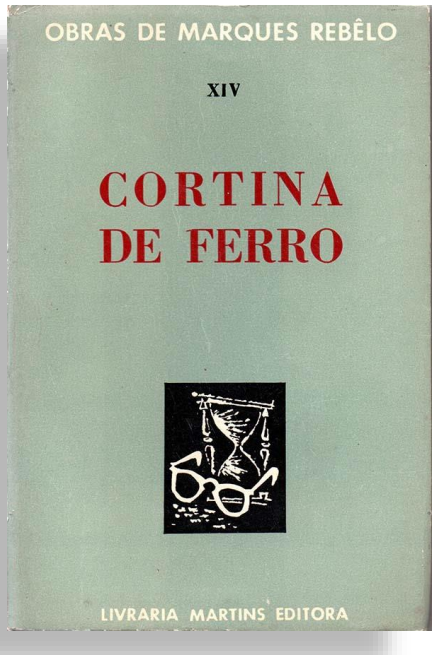


Escritor de grande reconhecimento no Brasil, Graciliano Ramos (1892-1953) ingressou no PCB em 1945. Convidado a visitar a URSS, descreve em seu relato sua viagem para o país socialista realizada em 1952, com breve passagem por Praga, capital da antiga Tchecoslováquia. Graciliano e sua esposa, Heloísa Ramos, chegaram em Moscou ao final de abril, em uma enorme delegação brasileira, mas seu grupo foi separado dos operários brasileiros (dentre estes, estavam os operários paulistas do relato de Constantino Stoiano *et alii*).

Durante toda a sua viagem de 30 dias por Moscou, Leningrado e cidades da Geórgia, tais como Kharkov, Rostov, Tbilisi, Gori e Sukhumi, é acompanhado por intérpretes e guias da VOKS. Graciliano Ramos é um dos autores que mais esboça comentários a respeito da hospitalidade soviética. Ele não se ausenta em demonstrar desconfianças, não só em relação à excessiva hospitalidade, como também em relação às suas próprias reflexões. Seu relato possui um tom expressivo de diário pessoal. Apesar disso, deixa evidente sua crítica em relação ao capitalismo e ao individualismo ocidental e suas esperanças depositadas no regime soviético e na figura de Stalin.

Por conta das críticas e desconfianças alavancadas ao que observa durante sua passagem no mundo soviético, o PCB vetou a publicação de seu relato. Contudo, após sua morte, em 1953, a família de Graciliano Ramos assumiu a iniciativa de publicá-lo.

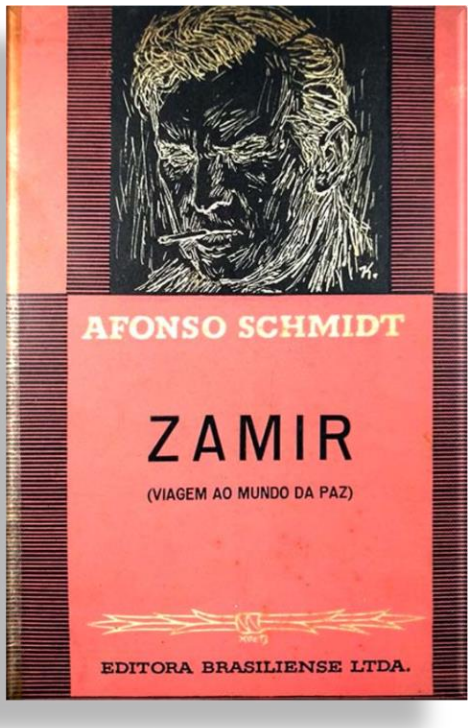
REBÊLO, Marques. *Cortina de Ferro*. São Paulo: Martins, 1956.



Marques Rebêlo, pseudônimo literário de Eddy dias da Cruz (1907-1973), jornalista, contista, cronista, novelista e romancista do Rio de Janeiro, foi convidado, em 1954, a participar da Reunião do Conselho Mundial da Paz, em Estocolmo. Juntamente com Afonso Schmidt, visitou a Tchecoslováquia e participou do Segundo Congresso de Escritores Soviéticos, em Moscou. Rebêlo explica que seu relato, composto por 47 capítulos, é uma compilação de seus textos publicados na coluna diária do jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro.

Os capítulos não são apenas descrições cronológicas das experiências que vivenciou, são também crônicas, respaldadas, em muitos momentos, por elementos fictícios que, no contexto, ajudam a compreender as impressões, ironias e sarcasmos do autor. Um exemplo disso são os nomes dos guias e intérpretes de Rebêlo em Moscou: Demon Satanov, Belzebuv Capetovich e Lucifer Ilitch Diabonov, este último diretor geral dos serviços da SIGVI: Serviço de Intérpretes e Guias de Visitantes Ilustres. A viagem de Rebêlo distingue-se também pelo autor ter conhecido diversas regiões da Tchecoslováquia: Boêmia, Morávia e Eslováquia, conhecendo diversas cidades nessas regiões. Já na URSS, ele visita apenas Moscou e Leningrado.

SCHMIDT, Afonso. *Zamir (Viagem ao mundo da Paz).* São Paulo: Editora Braziliense, 1956.

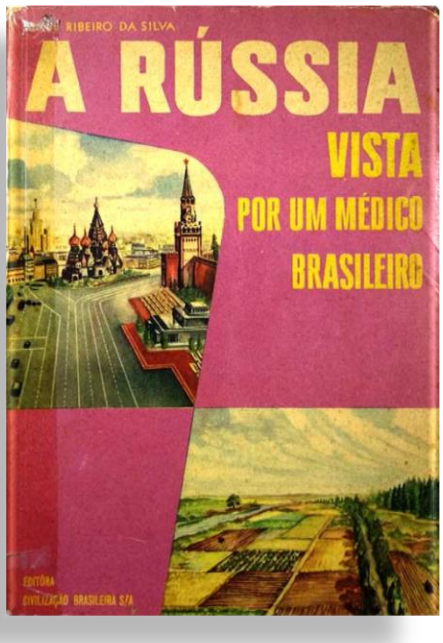


Afonso Schmidt (1890-1964) foi jornalista, cronista e dramaturgo, conhecido pelo sentido social, popular e humano que percorre toda sua obra. Foi responsável pela fundação do jornal *Vésper* em Cubatão, fez parte da redação de periódicos operários, como *A Plebe* e *A Lanterna*, ao lado de Edgard Leuenroth e Oreste Ristori. Na cidade do Rio de Janeiro, foi também diretor do jornal *Voz do Povo*, órgão da Federação Operária. Também associou-se a uma cooperativa anarquista fundada por João da Costa Pimenta, "A Cooperativa Gráfica". Em 1922, o autor participou, ao lado de Astrogildo Pereira, da fundação da seção paulista do Partido Comunista do Brasil. A partir dos anos de 1930, o autor militou ativamente na imprensa comunista como fundador, chefe de redação ou simples colaborador.

Entre os meses de novembro e dezembro de 1954, já com 60 anos, Schmidt viajou para a Europa como convidado a participar do Conselho Mundial da Paz, em Estocolmo. No Conselho, por intermédio de Jorge Amado, ele e Marques Rebêlo aceitaram o convite para percorrer a Boêmia, Morávia e Eslováquia, regiões da Tchecoslováquia. Depois, foram também convidados a participar da União dos Escritores Soviéticos, em Moscou, por meio do Ministério da Cultura do país.

Seu relato aborda especialmente as passagens pelas regiões da Tchecoslováquia, abordando a viagem para Moscou apenas nos capítulos finais. Na URSS, o autor explora especialmente as primeiras impressões da cidade de Moscou, a alegria das crianças soviéticas e a importância dada para a literatura infantil, além de fazer comentários também sobre o Congresso dos Escritores Soviéticos. O escritor tem como intuito passar a mensagem de um apelo à cordialidade entre os seres humanos, à paz entre as nações, explicando que o nome do livro, *Zamir* (do russo *za mir*, pela paz) foi colhido na alma generosa do povo soviético.

SILVA, Raul Ribeiro da. *A Rússia vista por um médico brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1953?].

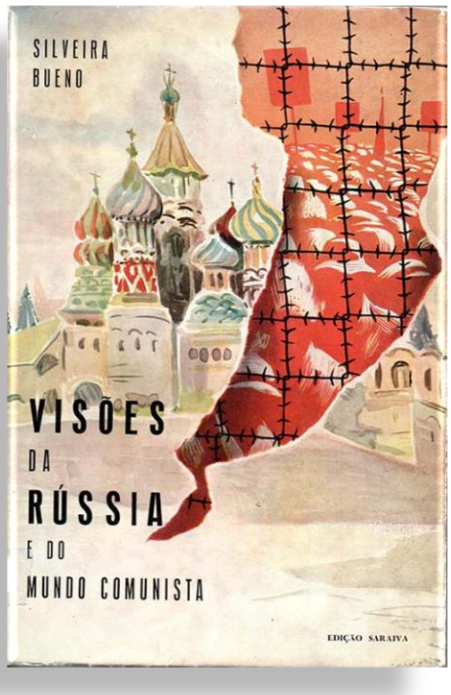


Médico participante do Congresso Internacional de Medicina em Viena, realizado em maio de 1953, Raul Ribeiro da Silva (1898-1989), se diplomou pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro em 1923 e foi diretor clínico da Santa Casa de Barretos. Em 1936, passou a dedicar-se aos estudos da proctologia em São Paulo, onde instalou seu consultório. Deixou a profissão em 1963, devido a problemas visuais. Continuou, no entanto, ligado aos avanços da medicina em geral.

Silva fez parte da mesma delegação de Milton Lobato e Reinaldo Machado, autores do relato *Médicos Brasileiros na U.R.S.S.* Assim como Milton Lobato, ele conheceu Moscou e Stalingrado durante dez dias de permanência na URSS, tendo que retornar para Viena mais cedo do que o resto da delegação, devido a outros compromissos.

Seu relato é bastante descritivo e rico em detalhes, especialmente durante as viagens de avião e de trem - a delegação segue pela linha férrea de Viena a Moscou -, indicando os horários exatos do vôo, os quilômetros percorridos e o tempo de cada viagem. Silva se detém principalmente na questão da medicina e da saúde da sociedade soviética, relatando as finalidades do Ministério da Saúde, seus avanços e as diversas instituições visitadas. Já no início do relato, ele deixa claro que questões de natureza político-social, ou sobre a vida pública do cidadão soviético, não entraram em suas preocupações, uma vez que isso exigiria um maior tempo de contato com o povo. Contudo, ao final do relato, não deixa de fazer considerações a respeito do povo soviético e de seus costumes.

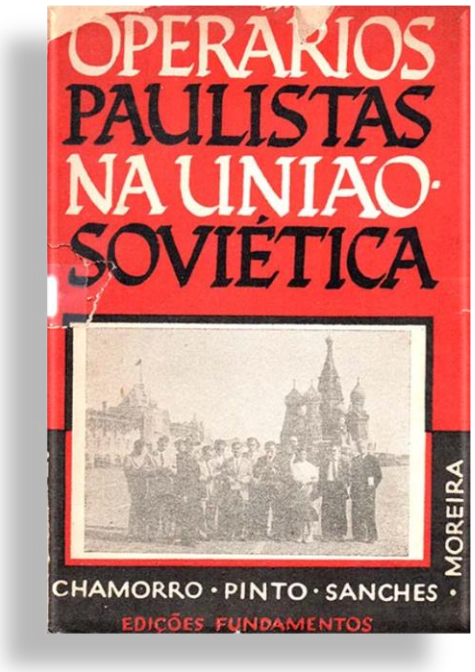
SILVEIRA BUENO. *Visões da Rússia e do mundo comunista*. São Paulo: Saraiva, 1961.



Visões da Rússia e do Mundo Comunista é o relato de Francisco da Silveira Bueno (1898-1989), escritor, jornalista, filólogo e tradutor brasileiro. Foi também professor catedrático da Universidade de São Paulo e colaborador de órgãos de imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo. Seu relato é uma compilação de seus artigos publicados no jornal *A Gazeta* de São Paulo. Ele está dividido em duas partes: "Visões da Rússia", em que descreve suas impressões sobre Berlim Ocidental, Berlim Oriental, Alemanha Oriental e Polônia, para então relatar sua viagem à União Soviética, a que ele próprio chama, ironicamente, de "paraíso vermelho". Lá, tem a possibilidade de, durante 18 dias, visitar e descrever as cidades: Minsk, Smolensk, Moscou, Novgorod e Leningrado. A segunda parte, "O Mundo Comunista", descreve suas passagens por Praga, Belgrado, Budapeste, Bucareste e pela China.

Silveira informa que visitou em 1959 a Tchecoslováquia, Iugoslávia, Romênia e Budapeste, mas não declara em que ano exatamente viajou à URSS. Podemos denotar que foi entre final de 1959 e 1960, uma vez que seu relato é publicado em 1961. Católico "dos pés à cabeça", como ele próprio se denomina, Silveira aponta em seu relato diversas falhas, críticas e problemas ao mundo soviético, que, segundo ele, estava longe de refletir a propaganda ilusória que produzia.

STOIANO, Constantino *et alii*. *Operários paulistas na União Soviética: notas e impressões de viagem de membros da delegação de 15 trabalhadores brasileiros convidados pelo Conselho Central Sindical da URSS para participar das celebrações do 1º de maio de 1952 em Moscou*. São Paulo: Fundamentos, 1952.



Membros de uma delegação de quinze trabalhadores brasileiros, cinco operários paulistas relatam como foi a viagem à pátria dos trabalhadores a convite do Conselho Central Sindical da URSS, para participar das celebrações do 1º de maio de 1952 em Moscou e para conhecer o paraíso do proletariado. O relato é dividido em cinco depoimentos, sendo seus autores:

- **Constantino Stoiano** (1930-?): natural de São Paulo, residente em Santo André na época da viagem, metalúrgico e militante do PCB, também viajou para a China em 1960 às expensas do governo chinês, segundo consta em seu prontuário do DOPS. Foi preso diversas vezes entre as décadas de 1950 e 1970, ano em que sofreu torturas. Foi casado com Elza Batista Stoiano, irmã do marido de Elisa Branco Batista, e, em 2004, foi um dos indenizados pela lei 10559/2002.
- **Antônio Chamorro** (1920-?): natural de Batista Botelho (SP), tecelão, foi preso diversas vezes como agitador de greve e como militante comunista. Foi considerado o principal líder da Greve dos 300 mil (1953) e também teve papel atuante na Greve contra a Carestia em São Paulo (1954), na Greve dos 400 mil (1957) e na Greve dos 700 mil (1963). Atuou como líder da Federação dos Trabalhadores Têxteis durante o final da década de 1950 até 1964.
- **José Pedro Pinto**: metalúrgico, foi secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano, de acordo com o depoimento de Newton Candido para o Centro de Memória Sindical).
- **João Sanches** (1924-?): natural de São Paulo, metalúrgico.
- **Lázaro Moreira**: portuário de Santos.

Cada autor é responsável por escrever sobre um tema diferente: Constantino Stoiano descreve as comemorações do 1º de maio e detalhes dos lugares visitados nos primeiros dias em Moscou; Antônio Chamorro descreve as condições de trabalho da Fábrica de tecidos “Rabotchi”; José Pedro Pinto descreve as fazendas coletivas e estatais a partir de visitações realizadas na Geórgia; João Sanches narra os passeios realizados na Ucrânia, como a uma de suas maiores fábricas metalúrgicas, e Lázaro Ramos detalha o nível cultural, o papel dos sindicatos e a visita a três museus.

Embora os depoimentos tratem de assuntos diferentes, nota-se em todos eles uma preocupação em apontar as qualidades das condições de trabalho para os operários soviéticos, ao contrário das precárias condições de trabalho encontradas no Brasil. Os operários visitaram as cidades de Moscou, Leningrado e alguns lugares da Geórgia e da Ucrânia.

ANEXO 4: Fotografias das delegações

"Alma Ata – Um velho "kolkhosiano" cossaco, na porta da casa de administração do "Kolkose Raio do Oriente", rodeado de alguns dos membros da Delegação Brasileira." Pereira, 1952, p.432. Encontram-se presentes na imagem: Edi Pereira, Heloísa Pereira, Jurema Finamour (de óculos), Osny Pereira, Desembargador Fialho e Branca Fialho.

"Desembargador Fialho e Heloisa (filha do Autor), junto de um produto dos estábulos do 'Kolkose Raio do Oriente', em Alma Ata." Pereira, 1952, p. 440

A delegação brasileira chega a Moscou

Campelo, 1953, p.4.

A delegação brasileira assiste, num dos palanques oficiais da Praça Vermelha, o desfile do 1.º de Maio em Moscou. Vêm-se assinalados, na ordem da numeração, Constantino Stoiano, José Pedro Pinto, Antonio Chamorro, João Sanches, Lazaro Moreira, autores deste depoimento e Ramiro Luchesi, presidente da Confederação dos Trabalhadores do Brasil.

Stoiano *et alii*, 1952, p.09. (A mesma imagem também se encontra no relato de Humberto Campelo, com a legenda: "Adeus, Moscou!"

Visitantes brasileiros — entre êles Graciliano Ramos, o juiz Geraldo Irineu Joffily, o pianista Arnaldo Estrêla e o advogado Sinval Palmeira — diante de um balneário, em Sukhumi, Geórgia.

Chegada a Moscou de parte da delegação brasileira aos festejos de 1.º de Maio.

Imagens presentes no livro de Ramos, 1954, p. 108, p.27.

A Delegação Sindical Brasileira, quando atravessava a Praça Vermelha, em Moscou

As delegações brasileiras depositam coroas de flôres no túmulo de Stálin, na Praça Vermelha

Imagens presentes no livro de Mello, 1954, p. 60 e p.14.

O Kremlin — Médicos brasileiros e argentinos (assinalado, o autor)

Canal Volga-Don — Médicos visitantes — A Vice-Prefeito de Stalingrado (assinalado, o autor)

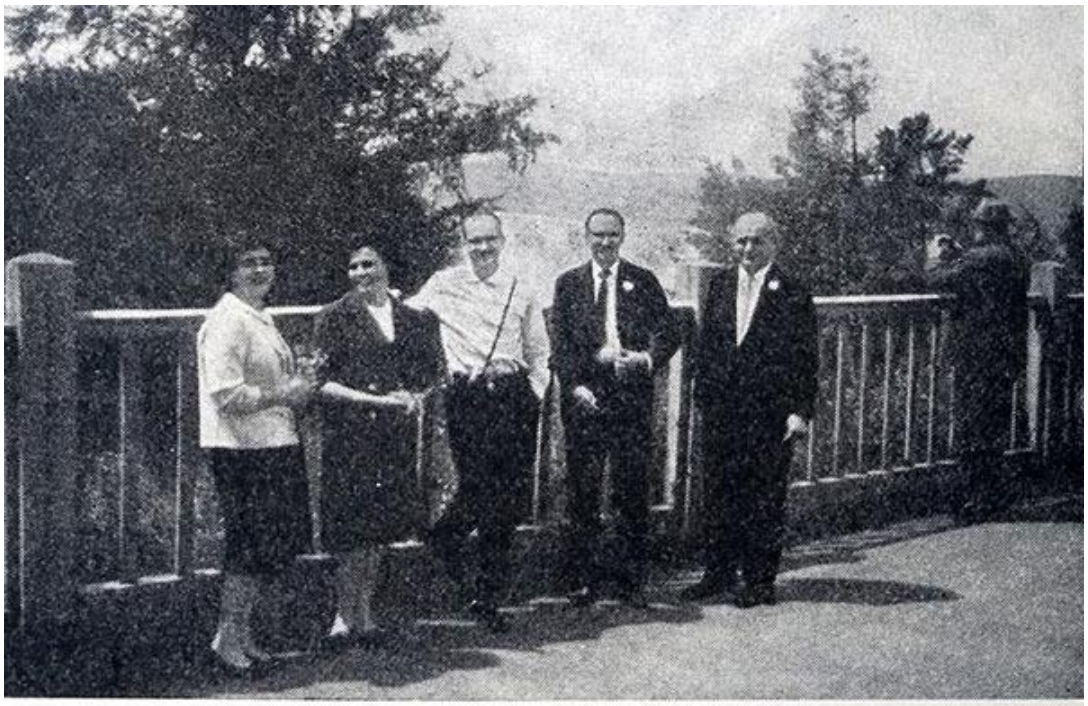
Imagens presentes no livro de Silva, [1953?], p. 96, e p.116.

Fig. 14 — *A delegação de professôres estrangeiros em frente aos edifícios principais da nova Universidade de Moscou*

Lemme, 1955, p.223.

A delegação brasileira em Leningrado.

Federação das Mulheres do Brasil, 1955, p. 26. [Olga Rechulski]



Membros da delegação brasileira, às màrgens do lago Baikal, na Sibéria. Aparecem na foto os engenheiros Cotrim, Munarski e Lyra.

Cotrim, 1962, p.7.

A delegação brasileira com seus acompanhantes soviéticos no aeroporto de Tiflis, capital da Geórgia, a terra natal de Stalin e de Malenkov.

Loureiro, 1954, p.7.

Durante a permanência da delegação brasileira em Moscou, teve lugar na imponente Sala Sverdlov, do Kremlin, a cerimônia oficial de entrega da medalha Prêmio Stalin da Paz, 1952, à Sra. Elisa Branco, de São Paulo. O ato foi presidido pelo presidente da Academia de Ciências de Moscou e contou com a presença de elementos de projeção no mundo oficial da URSS. Na foto, da direita para a esquerda: Sandro Poloni e Maria Della Costa; João Modesto de Souza; general Edgar Buxbaum; Srta. Natacha, intérprete russa; boxeur Romeu Barbosa; o operário Etelvino Zorzi, de Caxias do Sul; o jornalista soviético Jorge Kaluguin.

Loureiro, 1954, p.45.

Afável, sorridente, simples e capaz, um perfeito estadista, Nikita Kruchiov despede-se dos jornalistas brasileiros. Da esquerda para a direita: Vadin Cotcherguin, intérprete, Victório Martorelli, Tito Fleury e o dirigente do P.C.U.S. e da União Soviética. Isto a 21 de novembro de 1957.

Martorelli, 1958. [rasuras já presentes no livro]